



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM TURISMO
PPGTUR-UFF**

BRUNO MAGALHÃES BARCELLOS DE SOUZA

**A EXPERIÊNCIA TURÍSTICA NO ESPAÇO RURAL: ANALISANDO AS
TRANSFORMAÇÕES E MUDANÇAS DE HÁBITOS DOS TURISTAS
APÓS A PARTICIPAÇÃO NA ROTINA DA AGRICULTURA FAMILIAR**

NITERÓI

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM TURISMO

BRUNO MAGALHÃES BARCELLOS DE SOUZA

**A EXPERIÊNCIA TURÍSTICA NO ESPAÇO RURAL: ANALISANDO AS
TRANSFORMAÇÕES E MUDANÇAS DE HÁBITOS DOS TURISTAS APÓS A
PARTICIPAÇÃO NA ROTINA DA AGRICULTURA FAMILIAR**

NITERÓI

2019

BRUNO MAGALHÃES BARCELLOS DE SOUZA

A EXPERIÊNCIA TURÍSTICA NO ESPAÇO RURAL: ANALISANDO AS
TRANSFORMAÇÕES E MUDANÇAS DE HÁBITOS DOS TURISTAS APÓS A
PARTICIPAÇÃO NA ROTINA DA AGRICULTURA FAMILIAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Turismo como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: Turismo e Sociedade. Linha de pesquisa: Turismo, cultura e ambiente.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Lazary Cheibub

Coorientador: Prof. Dr. Aguinaldo Cesar Fratucci

NITERÓI

2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S719e Souza, Bruno Magalhães Barcellos de
A EXPERIÊNCIA TURÍSTICA NO ESPAÇO RURAL: : ANALISANDO AS
TRANSFORMAÇÕES E MUDANÇAS DE HÁBITOS DOS TURISTAS APÓS A
PARTICIPAÇÃO NA ROTINA DA AGRICULTURA FAMILIAR / Bruno
Magalhães Barcellos de Souza ; Bernardo Lazary Cheibub,
orientador ; Aguinaldo Cesar Fratucci, coorientador. Niterói,
2019.
338 p. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Niterói, 2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGTUR.2019.m.05816740733>

1. Turismo rural. 2. Agricultura familiar. 3. Manejo agrícola. 4. Hábito. 5. Produção intelectual. I. Lazary Cheibub, Bernardo, orientador. II. Cesar Fratucci, Aguinaldo, coorientador. III. Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Turismo e Hotelaria. IV. Título.

CDD -

Bibliotecária responsável: Thiago Santos de Assis - CRB7/6164

BRUNO MAGALHÃES BARCELLOS DE SOUZA

A EXPERIÊNCIA TURÍSTICA NO ESPAÇO RURAL: ANALISANDO AS
TRANSFORMAÇÕES E MUDANÇAS DE HÁBITOS DOS TURISTAS APÓS A
PARTICIPAÇÃO NA ROTINA DA AGRICULTURA FAMILIAR.

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação *Stricto Sensu* em
Turismo como requisito parcial para
obtenção do Grau de Mestre. Área de
concentração: Turismo e Sociedade.
Linha de pesquisa: Turismo, cultura e
ambiente.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bernardo Lazary Cheibub – Orientador
PPGTUR - Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dr.^a Maria Amália Silva Alves de Oliveira
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Prof. Dr. Marcello de Barros Tomé Machado
PPGTUR - Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Aguinaldo Cesar Fratucci - Coorientador
PPGTUR - Universidade Federal Fluminense

Niterói, 28 de Fevereiro de 2019

Dedico este trabalho à minha filha Stela Ferreira Barcellos, à minha esposa Joyce Marinho Ferreira, à minha mãe Wania Magalhães Barcellos, ao meu Pai (em memória) Isaias Gomes de Souza, ao meu tio William Barcellos, aos meus orientadores Bernardo Cheibub e Aquinaldo Fratucci e aos meus avós Arany Gomes Canellas e Evando Pereira Canellas. Sempre me deram muita força e ânimo para continuar.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente por me permitir chegar até aqui.

À minha esposa Joyce e minha filha Stela que são minhas companheiras incondicionais.

À banca pelas generosas contribuições e críticas construtivas que fortaleceram ainda mais esta pesquisa.

Aos meus orientadores Bernardo Cheibub e Aguinaldo Fratucci pela incomparável e admirável paciência.

Aos meus pais e meus avós que sempre me impulsionaram a continuar

Ao meu tio William que simplesmente sempre acreditou em mim, mesmo nas minhas fraquezas.

Aos meus amigos e colegas de classe pelas horas de descontração e de muitas conquistas durante o curso de mestrado na UFF.

Aos meus alunos na faculdade que me fazem desconstruir paradigmas e me mostram que sempre posso melhorar mais.

Ao amigos B. Teixeira e Luciana Leão pelos conselhos e puxões de orelha.

RESUMO

A proposta que existe dentro do segmento intitulado de turismo rural carece de análises, visto que os seus operadores e idealizadores ainda buscam formas de se transmitir ao visitante, em menor ou maior escala, um sentido ou uma experimentação das vivências do espaço rural. Por isso, este estudo objetiva-se a analisar se a exposição do turista à rotina do campo é capaz de proporcionar mudanças em seus hábitos e a importância da participação do visitante aos manejos rurais neste processo. Para atingir a este objetivo foram realizadas entrevistas com uso de um roteiro semiestruturado, tomando como procedimento metodológico a história oral. As conversas foram analisadas e organizadas em categorias temáticas, dando condições de obter um maior vislumbre das ofertas as quais os turistas entrevistados se expuseram e as quais eles atribuem mudanças, ressignificações ou abandonos de hábitos e mentalidades no retorno ao cotidiano. Os resultados apontaram para algumas convergências e pontos em comum entre alguns contextos de história de vida dos entrevistados e também nas rotinas rurais em que participaram; das quais diferentes entrevistados atribuíram respectivas influências que culminaram em adoção ou abandonos de hábitos e mentalidades. Acredito que estudiosos do campo de estudos turísticos devem realizar mais pesquisas sobre este tema, pois ainda não me parece possível distinguir se as mudanças relatadas pelos turistas foram frutos apenas da participação dos manejos. Contudo, este trabalho também contribui para uma reflexão quanto a concepção da oferta turística no espaço rural com vistas a propostas de vivências de ruralidades contidas no que se entende por turismo rural.

Palavras-chave: Turismo no espaço rural. Agricultura familiar. Manejos rurais. Mudança de hábitos.

ABSTRACT

The proposal that exists within the segment called rural tourism needs analysis, whereas its operators and creators still seek ways of transmitting to the visitor, on a smaller or larger scale, a meaning or experimentation of rural experiences. Therefore, this study aims to analyze if the exposure of the tourist to the routine of the countryside is able to provide changes in their habits and the importance of the participation of the visitor to rural management in this process. To reach this goal, interviews were conducted using a semi-structured script and taking oral history as a methodological procedure. The answers obtained were analyzed in thematic categories and that enabled us to get a better glimpse of the offers that the tourists interviewed exposed and which they attributed changes, resignifications or abandonment of habits and mentalities. The results pointed to some convergences and points in common between some contexts of life history of the interviewees and also in the rural routines in which they participated; of which some of them attributed their respective influences that culminated in adoption or abandonment of habits and mentalities. However, I believe that researchers of this field of study should continue their research in this aim, for it does not seem possible to me to distinguish if the changes reported by the tourists were fruit only of the participation of the rural handlings. Although, this work also contributes to a reflection on the conception of tourism in the rural environment with a view to the proposals of experiences of rural culture contained in what is understood by rural tourism.

Keywords: Tourism in rural areas. Family farming. Rural handlings. Changes of habits.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1	Inter-relação do aproveitamento turístico no espaço rural.	32
Figura 2	Definições dos segmentos do turismo rural.	35
Figura 3	Características da propriedade patronal e da propriedade familiar.	37
Figura 4	Mapa das localidades citadas pelos turistas entrevistados.	70
Figura 5	Formas comuns de execução de leiras.	73
Figura 6	Grupo das propriedades que compreendem as formas de produção no espaço rural.	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 O RURAL DO TURISMO	18
1.1 O IMAGINÁRIO DO ESPAÇO RURAL	18
1.2 A ATIVIDADE TURÍSTICA NO ESPAÇO RURAL.....	25
1.3 A ORDENAÇÃO DO TURISMO NO ESPAÇO RURAL E O CONTEXTO DA AGRICULTURA FAMILIAR.....	30
1.3.1 A rotina rural e a agricultura familiar enquanto ofertas e espaços turísticos.	33
1.4 O TURISMO RURAL NA AGRICULTURA FAMILIAR	35
2 RURALIDADES TRANSFORMADAS EM OFERTAS A SEREM CONSUMIDAS NAS EXPERIÊNCIAS TURÍSTICO-RURALS	42
2.1 INFLUÊNCIA DAS HISTÓRIAS DE VIDA NO IMAGINÁRIO/EXPECTATIVA E NO ESTRANHAMENTO DA EXPERIÊNCIA TURÍSTICO-RURAL.....	49
2.2 PROCESSO DE ESCOLHA E MOTIVAÇÃO DOS VIAJANTES.....	58
2.3 ROTINA “GOURMET” X ROTINA “RAIZ”	63
2.4 FORMAS DE PRODUÇÃO: TEMÁTICAS, DIDÁTICO- PEDAGÓGICAS, PARTICIPAÇÃO ESPONTÂNEA.....	70
2.5 MUDANÇAS DE HÁBITOS E/OU MENTALIDADES.	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICES	93

INTRODUÇÃO

Tanto a busca quanto a oferta das atividades turísticas no espaço rural ganharam um sentido mercadológico ativo nos últimos anos. Muitos empreendimentos no espaço rural e em áreas não urbanas foram instalados ultimamente como oferta turística de variadas formas que envolvem diversão, descanso, conhecimento, dentre outros fins.

A autora Adyr Rodrigues (2006) afirma que, a fim de competir de forma mais eficaz no mercado, esses empreendimentos formatam-se como novos produtos que vão de encontro ao carácter maciço e ao ritmo dos tempos velozes, oferecendo 'cultura' e 'tradição'. A estes pode-se incluir a 'comida da avó', pães artesanais, cerveja e vinhos caseiros. Adyr (2006) afirma que essas características são fortemente usadas para a comercialização do turismo rural e do ecoturismo, modalidades estas que, segundo ela, têm apresentado uma ascensão no mercado de maneira considerável nas últimas décadas, sob o rótulo de segmentos alternativos ao modelo dominante conhecido como turismo de sol e praia¹.

A autora usa essa comparação analógica de alguns fluxos para o espaço rural com a prática do turismo de massa nos destinos de Sol e Praia, devido à intensa carga turística que estes recebem (RODRIGUES, 2006). É bem verdade que em várias situações há uma banalização do meio visitado e de suas comunidades, devido ao reducionismo da atividade ao meio técnico e outras questões mercadológicas (ANJOS, 2013).

Contudo, percebe-se um pensamento romântico e purista por parte dos visitantes quanto às práticas rurais, o qual está relacionado ao próprio espaço rural. A busca de um rural imaginado dá à luz a uma compreensão equivocada das relações culturais e sociais existentes no espaço rural, bem como a formação de empreendimentos que se preocupam mais em atender a expectativa do visitante com promessas de relaxamento e contemplação de paisagens. Considerando que a atividade turística se apresenta como uma intensa forma de lazer de alguns

¹ O turismo de sol e praia é compreendido como uma modalidade ou segmento de turismo que se utiliza dos recursos naturais das formações de costa e litoral para seus empreendimentos. São construídos desde complexos hoteleiros até variadas opções de lazer e divertimento que tem por objetivo atrair um grande número de turistas, principalmente nos períodos de férias e feriados prolongados. A autora faz a comparação para estabelecer um contraste entre esta modalidade e a proposta do que se entende por turismo no espaço rural, em sua visão.

indivíduos, a possibilidade de banalização do meio visitado apontado por Anjos (2013) não seria diferente com o espaço rural. Resta saber se a busca do hedonismo presente nas práticas de lazer seria responsável por essa banalização ou se é apenas fruto do próprio purismo ou romantismo do rural.

A partir desta visão, Camargo (2001) afirma que nem tudo o que é turismo se “reduz” ao lazer e vice-versa, mas não tenho como dissociá-los. Desde o período conhecido como Revolução Industrial, ocorrido entre os séculos XIII e XIX em quase todo o mundo ocidental, principalmente após as consolidações das leis trabalhistas no início do século XX, o turismo e outras formas de lazer parecem cada vez mais interligados. E essas relações de interferência industrial no turismo não poderiam ser diferentes com o que acontece no espaço rural.

Em meio a tecnicidade (quase que predominantemente) imposta pelo próprio mercado presente nas atividades turísticas nos espaços em que são praticadas, as diversas experiências turísticas no espaço rural apresentam suas diversidades e diferentes dinâmicas na relação entre visitantes e visitados. Dentre estas, o que o mercado e parte da academia têm chamado de agroturismo tenta se vender como genuíno, puro ou original, mais voltado para a agricultura familiar e as bases comunitárias do campo (TULIK, 2003).

Segundo Dias (2006), vejo nos empreendimentos rurais que ofertam atividades relacionadas ao agroturismo a existência do morador como anfitrião e suas práticas e rotinas tradicionais do campo. Estes atributos acabam por apresentar ao turista um ambiente desconhecido, apresentando-lhe um universo vendido como algo “novo”. Todavia, essas rotinas conhecidas no espaço rural também como manejo animal ou vegetal são apresentadas aos turistas como forma de encenação, com maior ou menor intensidade. Isto pode acontecer por diversos fatores, desde uma naturalização das famílias na sua lida com a terra e com os animais - ao passo que as rotinas vão se mecanizando com a repetição dos grupos de visitantes - até uma ‘imposição técnica’ do mercado.

A partir do exposto, pode-se perceber uma autenticidade encenada (MACCANNEL, 1999), já que o cenário apresentado é pensado e modificado (mais cedo ou mais tarde) para a experiência dos turistas, de maneira mais próxima aos padrões de mercado. Um exemplo são os hotéis concebidos com tematizações que remetam à paisagem ou aspectos próximos de fazendas, mantendo uma concepção

que parte da academia julga como superficial (ZIMMERMANN, 1996; BARBOSA & LANÇA, 2015; OLIVEIRA, 2002).

Quando as comunidades se organizam (FERREIRA; TOMÉ, 2013), apresentam todas as suas relações e produções antrópicas e permitem aos turistas a interação com esse meio, fazendo deste o “protagonista” da atividade e não apenas coadjuvante. Esta interação pode ser observada pelo compartilhamento dos manejos com animais e com multiculturas da terra (RUSCHMANN, 2010), aliada às próprias produções culturais locais. Uma das possíveis consequências deste contato do visitante proveniente do meio urbano com o homem rural² observa-se na oportunidade de uma troca de experiências e a formação de novos olhares deste visitante quanto a sua relação com o meio ambiente, podendo causar mudanças de mentalidade e de hábitos. Estas mudanças podem ser entendidas como um efeito reverso do ambiente alienador existente no contexto urbano, principalmente se estes turistas estiverem imersos num trabalho sem um sentido pessoal e um significado social³ (MARX *apud* NASSETTI, 2006).

A proposta que existe dentro do segmento intitulado de turismo rural ainda carece de análise, visto que os seus operadores e idealizadores ainda buscam formas de se transmitir ao visitante, em menor ou maior escala, um sentido ou experimentação de ruralidade⁴. Por esse motivo, a pesquisa objetiva analisar se a exposição do turista à rotina do campo é capaz de proporcionar mudanças em seus hábitos e a importância da participação e exposição dos visitantes aos manejos rurais neste processo.

Para o alcance do objetivo supracitado foram adotadas algumas ações específicas. Primeiramente realizei uma revisão bibliográfica sistemática do turismo

² O indivíduo morador do meio rural pode tanto ser um autóctone quanto um neorrural (pessoas que saem do meio urbano para instalarem-se no espaço rural) que passa a explorar o interior economicamente.

³ As relações sociais são passíveis de alienações, popularmente conhecidas como “bolhas sociais”, independente dos espaços que os indivíduos residam ou construam suas relações. Tanto no espaço rural quanto no urbano é possível observar processos de alienações. O que quero expor no referido parágrafo é a capacidade de que fatores alienadores podem ser rompidos quando o indivíduo se expõe a ambientes que lhe são estranhos. O mesmo aconteceria se alguém do campo visitasse espaços urbanos. A contribuição de Nasseti a partir da afirmação de Marx é que se determinado indivíduo estiver imerso em uma prática profissional sem um sentido pessoal ou social essa alienação pode ser maior. Consequentemente, o estranhamento também pode ser maior.

⁴ Ruralidade: n.f. 1. Característica, condição ou circunstância de rural (LEXICO, 2019). Ou ainda um “valor que a sociedade contemporânea concebe ao rural e que contempla as características mais gerais do meio rural: a produção territorializada de qualidade, a paisagem, a biodiversidade, a cultura e certo modo de vida, identificados pela atividade agrícola, a lógica familiar, a cultura comunitária, a identificação com os ciclos da natureza” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p.17).

no espaço rural, comunidades e agricultura familiar. Em seguida, busquei obter um retrato mais próximo da realidade da oferta e da procura do meio estudado por meio de visitas de campo empregando o método da história oral (temática), a partir de um roteiro de entrevistas semiestruturado. Logo após, estabeleci categorias e analisei as possíveis similaridades e convergências das informações coletadas em cada entrevista para melhor visualização dos argumentos; e, finalmente, refleti sobre a relação dos manejos rurais ofertados para a participação do turista na labuta rural da família agrícola ou do empreendimento de turismo no espaço rural e as mudanças de hábitos que os turistas atribuíam a essas experiências, contidas nos relatos dos turistas que entrevistei.

A motivação para a realização deste trabalho surgiu durante uma conversa com um amigo de trabalho e professor, a partir de uma indagação sobre como algumas práticas turísticas poderiam internalizar no turista “pedaços” ou elementos do local visitado, permitindo que o visitante leve “uma parte abstrata” da localidade visitada. A conversa se estendeu para as práticas turísticas no espaço rural e se elas poderiam “inserir um pouco do campo nos visitantes” e se, porventura, essa internalização poderia gerar algum tipo de mudança neste visitante. A questão, então, tornou-se “pessoal” e tomou corpo de forma mais amadurecida, resultando no seguinte questionamento: dentre as propostas de experiências ofertadas para os turistas no espaço rural, de que forma as práticas em ambientes como a agricultura familiar ou em propriedades que permitam a vivência da rotina rural podem ser desencadeadoras de possíveis mudanças de hábitos desses visitantes?

Após o questionamento feito e que norteou a pesquisa, percebi sua pertinência, visto a multiplicidade de atividades que podem ser ofertadas aos visitantes no espaço rural e que são identificadas pelas suas características relacionadas, objetiva ou subjetivamente, com aquilo que se compreende ou se percebe como rotinas rurais de manejos animal e vegetal e como tais práticas são convertidas em produtos do lazer turístico no espaço rural.

Por isso, a pesquisa também contribui para uma reflexão de como as formas e as ofertas de turismo no espaço rural podem ser desenvolvidas, visto que muitos espaços rurais sofreram transformações através de interferências da globalização, como no caso das mecanizações e práticas tecnicistas das atuais atividades do turismo rural. Além disso, deparei-me com diversos estudos voltados para a ordenação e planejamento do turismo no espaço rural, que em sua grande parte,

lamentam a inexistência de estudos sobre turismo rural nas localidades estudadas ou que envolvam a fenomenologia, enquanto referencial teórico-epistemológico, da prática do turismo no espaço rural, de maneira que permita uma investigação mais aprofundada. Contudo, apesar de ser um dado pertinente, estes textos não foram usados por não se tratarem do objetivo geral deste trabalho.

Vale ressaltar, neste sentido, que a atividade turística na agricultura familiar pode representar uma forma de fortalecimento da identidade cultural e sua utilidade para as comunidades pode ser maximizada quando esta torna-se uma forma de se promover uma mudança de concepção e percepção ao visitante. Esta atividade turística é resultante ainda da dicotomia entre a exigência da produção de diversidade e, ao mesmo tempo, da promoção do fortalecimento de suas identidades culturais, devido aos processos da globalização que também interferem no espaço rural e em suas práticas, além de diversas questões locais.

Portanto, para atender aos objetivos deste estudo, foi desenvolvida uma pesquisa de abordagem qualitativa e exploratória. Também foram utilizados o estudo bibliográfico, uma pesquisa de campo de base etnográfica com a ajuda de um roteiro de entrevistas semiestruturado e o emprego do método da história oral temática. A história oral temática, também conhecida como história de vida do tipo tópica, é um procedimento metodológico de pesquisa que permite que o informante “retome sua vivência de forma retrospectiva” com a “liberação de pensamentos reprimidos” que são confidenciais ao entrevistador. Os relatos coletados conformam um material extremamente rico para análise (BONI; QUARESMA, 2005, p. 73).

A escolha da bibliografia se deu por critérios relacionados às palavras-chaves centrais da investigação, como: turismo nos espaços rurais (focado em compreender o turismo como fenômeno e literaturas que nos auxiliassem a compreender o conceito de espaço rural); agricultura familiar (com ênfase em pluriatividades, em especial envolvendo o turismo);, manejo rural; e mudanças de hábitos (após a experiência turística).

A partir da história oral dos visitantes, os dados foram coletados e distribuídos em quatro categorias, a saber:

- O imaginário do visitante e sua expectativa antes da oportunidade de participar da rotina rural e a relação com a sua história de vida;
- A escolha do que consumir (denominamos de “gourmet” as propriedades mais tematizadas e preparadas para o visitante e/ou que o turismo fosse a atividade

principal; “raiz” as propriedades que tinham o turismo como atividade secundária, e que toda a rotina não era previamente programada): rotinas vivenciadas;

- Formas de produção: ofertas turísticas mais informais (espontâneas) ou ofertas turísticas formais (contemplativas, as quais exigiram menos interação do visitante). Estas foram agrupadas em grupos de experiências em propriedades tematizadas, didático-pedagógicas ou de participação espontânea;
- Mudança de hábito/mentalidade do visitante após a experiência.

Esta categorização foi pensada com o objetivo de auxiliar na organização e no processo de análise e de observação. As categorias foram esquematizadas a partir da compreensão de que estas bases poderiam me ajudar na interpretação das possíveis mudanças de hábitos/mentalidades atribuídas às experiências vividas pelos entrevistados e os contextos e circunstâncias em que elas se deram. As categorias de análise são amplas e foram pensadas desta forma diante de um campo de investigação complexo e dinâmico, evitando assim uma visão cartesiana, polarizada e maniqueísta.

Neste sentido, valeu-se de lançar mão de recursos que me auxiliassem a não gerar superficializações, generalizações, análises puristas e/ou ingênuas, mas que de forma organizada, me ajudasse na atenção aos detalhes e às dinâmicas intrínsecas ao objeto de estudo.

Escolhi para serem entrevistados indivíduos que vivenciaram as experiências de manejo animal ou vegetal, compreendidos enquanto rotinas de um empreendimento rural, de agricultura familiar ou de equipamentos turísticos, tais como hotéis-fazenda ou pousadas rurais. Os entrevistados selecionados poderiam ter pernoitado ou não no empreendimento; todos escolheram a experiência enquanto opção de lazer. A última experiência de cada entrevistado deveria ter um espaço temporal de mais de 6 meses da data da entrevista.⁵

Os critérios mencionados foram assim estabelecidos para que somente turistas fossem entrevistados, ou seja, pessoas que visitaram localidades diferentes de seu domicílio ou realizassem atividades distintas de suas rotinas, permitindo que se

⁵ Este critério foi estabelecido por entender que hábitos somente podem ser compreendidos com base em uma frequência regular de determinada ação dentro de um espaço de tempo razoável. O mesmo vale para as mudanças de mentalidade.

encontrassem depoimentos que contivessem estranhamentos. Os entrevistados também deveriam ter participado ou presenciado (mesmo que minimamente) de rotinas ou lidas rurais, que fossem capazes de se perceber a importância destas no possível processo de mudança de hábitos e mentalidades. Por isso, não poderiam ser escolhidos indivíduos que tivessem os manejos rurais como parte de sua rotina laboral ou fossem proprietárias das propriedades citadas nos depoimentos.

Já para a circunscrição espacial, a pesquisa foi realizada primeiramente com base na realidade dos empreendimentos rurais que se destinam ao agroturismo do município de Casimiro de Abreu, preferencialmente os que estão ligados ao projeto conhecido como Acolhida na Colônia, em fase de implementação na região. Para isso selecionamos também uma propriedade especificamente para que eu pudesse compreender a forma como a prática agrícola e pecuária é pensada enquanto oferta turística, desenvolvida e realizada. A propriedade escolhida em questão foi o Sítio Santa Isolina, localizada no município de Casimiro de Abreu e também por se tratar da propriedade do administrador da Associação de Produtores Agroecológicos SerraMar – APASMAR e que é responsável pelo desenvolvimento do projeto na região, Sr. L. Costa. O entrevistado é produtor, proprietário do Sítio Santa Isolina, onde visitantes tem a oportunidade de vivenciar a rotina da família agrícola, e presidente da APASMAR.

A intenção de se visitar uma propriedade rural, que se propusesse a abrir as portas enquanto recurso turístico e compartilhando aos visitantes sua rotina, era compreender e visualizar de perto os interstícios existentes no relacionamento com o visitante bem como a prática do turismo como uma pluriatividade na propriedade. Também busquei entender a lógica do lado de quem pensa o empreendimento e ter uma noção mais empírica com relação às trocas culturais e às intenções do anfitrião: como são pensadas as atividades e a prática do turismo no espaço rural (e como compreendia o espaço rural em si) a partir do olhar de quem está no campo.

Foram utilizadas perguntas relacionadas tanto à administração e ao andamento do projeto em Casimiro de Abreu, quanto sobre a atividade turística que ele desenvolve em sua propriedade. A coleta de dados a partir desta entrevista me ajudou a compreender melhor o meu campo de estudo e a atualizar algumas informações que obtive em outras idas à cidade.

Em seguida, foram coletados depoimentos de turistas, inicialmente, que visitaram o Sítio Santa Isolina e, posteriormente, turistas que visitaram outras

localidades dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, cujas atividades propostas continham a participação, ativa ou passiva, com manejos rurais. Neste segundo grupo de turistas, permitiu-se obter depoimentos de pessoas que visitaram empreendimentos hoteleiros em meios rurais, conhecidos como hotéis-fazenda, e que obtinham também práticas esporádicas de labutas rurais para que se pudesse realizar uma observação a partir dos depoimentos relacionados às diferentes formas de produtos turísticos.

A pesquisa aconteceu entre novembro de 2017 e janeiro de 2019, considerando desde as organizações bibliográficas, desenvolvimento da metodologia, entrevistas e análise de dados.

Em um primeiro momento, tive uma dificuldade muito grande para agendar as entrevistas com os turistas que visitaram propriedades ou espaços rurais. As primeiras entrevistas se deram aos que visitaram o Sítio Isolina, em Rio Dourado, 3º distrito do município de Casimiro de Abreu. Na mudança administrativa que ocorreu na prefeitura e na secretaria municipal de turismo de Casimiro de Abreu em 2017, os materiais de trabalho do Sr. L. Costa foram removidos. Além disso, a época da entrevista, a fazenda passava por reformulação para um novo ciclo de recepção de turistas e, por esse motivo, o Sr. L. Costa não tinha naquele momento atualizada a sua lista de contatos de visitantes.

Da propriedade Santa Isolina, duas visitantes aceitaram fazer a entrevista: Sra. Z. Santos, moradora de Rio das Ostras, mas que visita a região de Casimiro de Abreu esporadicamente, e Sra. Z. Moreira, moradora também de Rio das Ostras, mas que costuma realizar movimentos de veraneio em Cachoeiras de Macacu, por estar auxiliando a mãe idosa. Ambas na faixa dos 60 anos e aposentadas. Z. Santos é dona de casa e Z. Moreira, professora de história.

Dos turistas que participaram de experiências rurais em empreendimentos rurais diferenciados, como já mencionado, foram ouvidas pessoas que passaram por experiências em diferentes tipos de equipamentos turísticos⁶. Empreendimentos cujas ofertas estivessem relacionadas a atividades previamente programadas, planejadas, tematizadas ao espaço rural, atividades didático-pedagógicas no intuito de se transmitir conhecimento ou o simples saber originado do campo, e atividades

⁶ Equipamentos turísticos é um termo usado para instalações e empresas que prestam serviços de apoio e de funcionalização da atividade turística nas cidades receptoras de fluxo. Compreendem também pelo que se entende de oferta derivada (BENI, 2007).

espontâneas, onde o visitante é o total (ou próximo disso) protagonista de sua experiência.⁷ Todavia, compreendo também que alguns aspectos são intermediáveis e transitórios entre os diferentes tipos de ofertas turístico-rurais, as quais serão apresentados mais à frente.

Um roteiro semiestruturado com aproximadamente 18 perguntas foi utilizado com o total de 15 turistas, que concordaram em participar da pesquisa. Todavia, algumas entrevistas tiveram ênfases diferentes de outras, adição de perguntas ou exclusão de outras, conforme o decorrer das entrevistas. Nenhum dos turistas se conheciam.

* * *

No capítulo 1 da dissertação, propus a reflexão sobre os conceitos de espaço rural a partir da discussão dos paradigmas estabelecidos e sua dicotomia com o espaço urbano. Logo após, analisei, com base nos referenciais teóricos, o espaço rural e o fenômeno turístico que resulta no fomento de novas formas de utilização. Essas reflexões têm como pano de fundo as informações coletadas durante a pesquisa de campo. Por fim, o capítulo primeiro é finalizado com a contextualização da agricultura familiar, as dinâmicas desta modalidade no Município de Casimiro de Abreu e adjacências e os desdobramentos do projeto francês de turismo rural na agricultura familiar conhecido como Acolhida da Colônia.

No capítulo 2 estabeleceu-se uma organização dos dados coletados dos turistas e visitantes que consomem agroturismo e o turismo rural. Os dados foram reunidos e analisados nas cinco categorias já mencionadas. Ainda no mesmo capítulo, buscou-se a interpretação das experiências obtidas na execução dos manejos agrícolas ou animais ofertados aos turistas e suas relações com as mudanças de hábitos relatadas. Essas informações deram base para a construção de uma visão crítica no rumo em que o projeto Acolhida da Colônia em Casimiro de Abreu e alguns estabelecimentos rurais inseridos no setor turístico estão tomando e a maneira como o acesso do turista/visitante à rotina da família rural está sendo conduzido.

Nas considerações finais, apresentarei os pontos de contato, similaridades, convergências e divergências dos dados coletados, a fim de ser possível a

⁷ Diz-se prática de lazer total aquela em que o praticante possui menos limitações para as suas práticas de lazer e lazer parcial quando possui mais limitações nessas práticas, tais como tempo ou poder aquisitivo. Da mesma forma há condições que permitem um lazer mais ativo, quando o indivíduo é mais protagonista da sua prática de lazer, ou passivo, quando ele é menos protagonista, ou seja, a atividade é pensada, elaborada e controlada por outra pessoa ou instituição (BACAL, 2003).

compreensão de quais contextos favoreceram, ou não, às possíveis mudanças de hábitos e mentalidades que os turistas atribuíram às experiências rurais.

1 O RURAL DO TURISMO

Os espaços rural e urbano sempre estiveram em dualidade e apareceram como forças contrastantes e opostas no imaginário popular. Para a compreensão dos processos e dinâmicas que serão relatados nesta pesquisa, me parece necessário desconstruir e relativizar determinadas visões no que se refere aos espaços rurais e urbanos, com ênfase em suas formações e relações socioespaciais. Dessa forma, será possível uma reflexão mais aprofundada dos reais efeitos e fenômenos existentes na relação de troca entre visitantes e visitados, tendo como ênfase a participação dos visitantes nas rotinas do visitado. Relacionar esses fatores do espaço rural apenas por uma mera diferenciação do que não é urbano nos dificultaria a verificar as reais dinâmicas dos processos e questionar certos paradigmas.

1.1 O IMAGINÁRIO DO ESPAÇO RURAL

O filósofo Henri Léfèbvre afirma que o “urbano é a simultaneidade, a reunião, é uma forma social que se afirma” (1986, p. 159), e cidade é para ele “um objeto espacial que ocupa um lugar e uma situação” (1972, p. 65) ou “a projeção da sociedade sobre um local” (2001, p. 56). Logicamente, há muitas outras complexidades percebidas entre as afirmações e compreensões do rural, do urbano e das cidades.

Considerando as afirmações populares e do senso comum, Maria Gonçalo (2011) aponta que “o campo era caracterizado por relações pessoais onde as pessoas viviam em sintonia umas com as outras, e a cidade era marcada pela alienação e abstração em um viver mais individualista” (2011, p.13). A autora ainda concorda com a crença popular do rural como algo rudimentar e afirma que “isso vem do pensamento tradicional onde o urbano soa como moderno e o rural como algo antigo” (GONÇALO, 2011, p.13). Para Alentejano (2003, p.9):

[...] a primeira tarefa no sentido de utilizar o par rural-urbano como elemento de interpretação da realidade é a de desmistificar as associações tradicionalmente feitas entre o rural, como algo agrícola, natural e atrasado e o urbano como sinônimo de moderno, industrial e artificial.

Tenho então apresentada a necessidade de “desmistificar”, como diz Alentejano, para compreendermos os contrapontos entre rural e urbano. Se considerar aportes geográficos e de ordenação de cidades, será possível perceber

que, para alguns países, há uma relação entre rural-urbano e número de habitantes (aglomerados populacionais) para identificação dos espaços politicamente estabelecidos.

Na dimensão municipal no Brasil faz-se o uso do Plano Diretor Municipal⁸, com o fim de se implementar o planejamento urbano que, por sua vez, definirá o ordenamento da cidade. Este documento estipula as regras de construção, distribuição das infraestruturas, sistemas (transportes, esgoto, telefonia, etc.), serviços (polícia, comércio, etc.), legislações e até mesmo estimativa de crescimento (e como a cidade deve crescer). Não só no Brasil, mas em outros países este estudo é utilizado de maneira muito similar. Na maioria deles a discussão fica na ordenação do espaço urbano e rural e a quantidade de habitantes e aglomerações.

Segundo Oxinalde (1994; *apud* TULIK, 2003, p.17), na Grã-Bretanha “o rural se define por oposição ao urbano. Aglomerações de casas e de pessoas, são consideradas urbanas”. Lá, então, “só é considerado rural o território habitado de forma dispersa ou difusa” (2003, p.17). Na Espanha, Grécia e Portugal, espaços rurais são aqueles onde existe “a agricultura e criação”. Entretanto, as aglomerações podem chegar a mais de dez mil habitantes, “o que para os Estados Unidos já é o suficiente para serem urbanos” (2003, p.17).

Ainda segundo o autor, para a Índia e o Japão, as definições estão apontadas politicamente pelos índices das repartições do PEA (População Economicamente Ativa), em detrimento das atividades econômicas locais. Outro indicador é a densidade demográfica, pela qual se consideram rurais com menos de 150 habitantes/km² (CUNHA 2001, *apud* TULIK, 2003) ou, como na Alemanha, com menos de 100 habitantes/ km² (SILVA, 2002, *apud* TULIK, 2003).

Silva (2001) afirma que na França a população que reside nas áreas rurais inclui todos os habitantes de pequenos povoados, independentemente de qual seja a atividade, inclusive a agricultura. Tulik ainda alerta que, no Brasil (2003), é urbano quem habita a sede urbana dos municípios, independentemente do tamanho da

⁸ Documento estabelecido pelo estatuto das cidades desde a constituição de 1988 e reiterado na lei 10.257 de 2001, que estabelece a obrigatoriedade do PDM em casos de ocorrência de mais de 20 mil habitantes, de grande interesse tecnológico que possam gerar impactos ambientais, ou se o município estiver situado em zona metropolitana ou for sede de grandes eventos ou obtiver interesse turístico. No Plano fica ordenado infraestruturas, serviços básicos e de apoio e o ordenamento do uso do espaço (JUSBRASIL, 2009).

ocupação. Todavia, no país, os critérios são definidos segundo a legislação do município a cada censo demográfico.

Todavia, encontramos prefeituras que demarcam seus perímetros urbanos por própria conveniência para arrecadação do poder público desses municípios. Para Tulik (2003), a razão do interesse de ampliar o perímetro urbano da cidade para torná-la menos rural está no intuito de valorizar a arrecadação vinda do Estado. Além de que cobrar IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) é mais rentável que cobrar apenas o ITR (Imposto Territorial Rural). Daí o resultado: áreas "urbanas" com atividades genuinamente rurais.

É bem verdade que o Plano Diretor Municipal é realizado independentemente se é rural ou urbano; contudo, o número de habitantes ainda interfere no estudo. Nos Estados Unidos, por exemplo, o Plano Diretor Municipal é realizado quando o município possui mais de 2 mil habitantes, fazendo com que a cidade seja considerada urbana.

Por outro lado, se esta fosse a realidade no Brasil, Veiga (2002) salienta que este critério poderia acabar classificando como área urbana municipalidades pequenas, algumas com menos de 2.000 habitantes. Isso seria ainda pior para as sedes distritais. Para a autora, esta classificação distorceria a realidade de alguns povoados, vilas e aldeias, que ao serem denominadas de cidade, superestimariam nosso grau nacional de urbanização. Essas abordagens dificultam bastante a compreensão dos parâmetros limítrofes entre os dois extremos no nosso país.

A impressão que tenho é de que no Brasil, se olharmos o Plano Diretor Municipal como instrumento para o critério de análise, os espaços identificados como rurais acabam sendo considerados urbanos nas cidades que o possuem. E daí volta o ciclo da troca da arrecadação de ITR para IPTU.

O IBGE (TULIK, 2003), órgão encarregado pelo levantamento de dados estatísticos, considera que:

- Zona urbana é a área interna ao perímetro urbano de uma cidade; inclui área isolada ou vila dotada de serviços públicos;
- Zona rural é a área externa ao perímetro urbano e inclui aglomerados rurais.

Todavia, Moreira (1994) discute a noção de continuidade entre o urbano e o rural, que pode ser enganadora por esconder a existência de descontinuidade que, de fato, existe no espaço rural. Em contrapartida, o IBGE (2019) define áreas urbanizadas todas aquelas, seja por vila ou cidade, que sejam legalmente definidas

como urbanas e caracterizadas por construções, arruamentos e intensa ocupação humana; áreas afetadas por transformações decorrentes do desenvolvimento urbano e aquelas reservadas à expansão urbana.

No entanto, Marques (2002, p.97) acredita que, por causa desta classificação, pode-se notar que o espaço rural “corresponde a aquilo que não é urbano”. Para ela, o espaço rural pode ser entendido “a partir de carências e não de suas próprias características” (2002, p.97), ou seja, por exclusão do que há no espaço urbano e que não haveria no rural. A autora ainda lembra que “o rural, assim como o urbano, é definido pelo arbítrio dos poderes municipais, o que, muitas vezes, é influenciado por seus interesses fiscais” (2002, p.97).

Ao considerarmos a fala de Marques, é possível notar que muito de sua ideia corrobora com os pensamentos de Tulik, quanto à crítica ao estabelecimento do perímetro urbano causado pelo interesse de maior arrecadação de impostos por parte do poder público. Entretanto, não é em todos os espaços ditos rurais que se vê essas ‘carências’, se comparado ao contexto urbano. Esta constatação se sustenta por duas principais razões. A primeira pelo fato de que no campo há intervenções tecnológicas ditas como modernas que, em alguns lugares, equiparam-se com a modernidade urbana. Segundo Cavaco (2003), alguns autores que estudam o espaço rural estão atentos ao setor primário e as suas associações de produtores, que

Insistem na sua modernização, no avolumar das garantias de sustentação de mercados e preços, ou apenas dos rendimentos, na viabilização econômica das unidades produtivas, no desenvolvimento da competitividade ou, quando esta parece impossível, na defesa dos mercados nacionais, regionais ou locais, em face das concorrências tidas como desleais (p.31).

E a outra razão está pelo fato de haver espaços peri-urbanos e peri-rurais, ou também conhecidas como semirurais/semiurbanos. Cavaco (2003) ainda ressalta que essas áreas sofrem “intensas mudanças demográficas e econômicas e diversas procuras de lazer nas quais, aliás, a própria agricultura mantém algumas potencialidades” (p.32) e que estão ligadas às “proximidades de mercados significativos; produtos frescos” (p.32) sofrendo ainda alguns constrangimentos como “pressões de outros usos dos solos e de outros mercados de trabalho” (2003, p.32). Essas potencialidades, conforme citadas pela autora, ao serem exploradas nos espaços intermediários ou híbridos entre o espaço rural e o meio urbano tendem a

representar formas “variadas e significativas de oportunidades de trabalho não agrícola, e com elas as situações de pluriatividade e pluri-rendimento individuais e familiares” (CAVACO, 2003, p.32).

A partir das menções acima, interpreta-se que a relação entre os espaços urbano e rural é extremamente dinâmica, mutável, e por isso, complexa. Com base no que considera Koselleck (1992)⁹, pode-se afirmar que não é em todo lugar que pode-se definir ou separar rural de urbano exclusivamente por uma falta de definições ou características, as quais Marques (2002) denomina como carência. Embora a autora tenha razão quanto aos interesses políticos em determinações dos espaços. Contudo, existem muito mais elementos que os conectam do que os separam.

Não quero dizer que o rural e o urbano são iguais, mas me permito à discussão quanto a delimitação dos dois espaços, visto que a maneira que se entende sua separação (principalmente pelo senso comum) permeia um reducionismo generalizador. Será que o espaço rural é tão diferente do imaginário popular e da opinião pública? A crença do sertão e dos espaços rústicos e puramente agrícolas não deve ser aplicada a toda e qualquer área ou zona dita como rural.

Para Graziano da Silva *et al.* (2000, *apud* CARVALHO, 2008, p.4):

De maneira geral, existe uma separação cidade/campo que, de certa maneira traduz uma forma de desenvolvimento diferente para a agricultura. Historicamente falando, parte do desencadeamento de dois processos: a destruição de uma economia natural, baseada na retirada progressiva dos componentes que asseguravam a harmonia da produção – relação direta homem/natureza –, e o controle da natureza que busca, exatamente, recompor essa destruição através de uma reprodução artificial das condições naturais de produção. Esse processo implica na transformação das bases técnicas e vai culminar com a própria industrialização, sendo, por isso, denominada industrialização da agricultura. Isso representa uma subordinação da natureza ao capital, que liberta a produção agrícola das condições naturais, criando novas formas de se produzir, como é o caso da irrigação. Ao mesmo tempo, a agricultura deixa de ser uma esperança, transformando-se em uma certeza comandada pelo capital. Numa visão mais ampla, a agricultura passa a representar um ramo da aplicação do capital em geral e, em especial, do capital industrial que, tanto pode ser representativo da produção de insumos e de implementos agrícolas, como também do investimento direto com o próprio produto agrícola.

Para o autor, o espaço rural encontra-se agora diante de uma nova ótica: a da multifuncionalidade da agricultura (SILVA *apud* CARVALHO, 2008). A partir desta

⁹ Koselleck (1992), em sua obra “Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos”, afirma que é necessário o estudo da linguística, bem como o uso da hermenêutica e o cuidado ao estudo da sincronia e diacronia dos fenômenos para poder compreender os diversos conceitos e definições usadas pelos homens. Ou seja, um estudo muito mais profundo deve ser feito no intuito de entender os espaços rurais e urbanos do que através de uma mera tentativa de exclusão, como quem faz um ‘jogo de sete erros’.

visão, um cenário desafiador é construído na tentativa de se tecer uma base teórica. Algumas questões, portanto, nos parecem válidas a este respeito: como consideraremos a atividade turística no espaço rural com tantas complexidades nas definições e conceituações, em detrimento às multifaces quanto ao que é rural? Como identificar o espaço onde a atividade acontece?

Um exemplo dessa dicotomia entre rural e urbano é a fala do viajante B. Teixeira. Ao ser questionado se via diferenças entre os espaços rurais e urbanos, respondeu que as nota baseado no aglomerado de construções e de pessoas e quanto ao uso do tempo às “demarcações de tempo livre” (termo usado por ele na resposta):

Eu acho é que o espaço urbano é um espaço de vizinhanças super próximas, aglomerações humanas e que, curiosamente, gera uma busca pela impessoalidade nas ações que você tem o tempo inteiro e, de certo modo, a cidade acaba nessa busca, dessas coisas, a busca do cidadão urbano é a capacidade de fazer o que ele quer fazer com um grau de anonimato grande. Tem essa condição de você fazer, de você agir anonimamente no que você quiser, porque você está misturado em uma multidão, não importa quão próxima as pessoas estejam. A chance de ter outra pessoa que te conhece no meio dessa multidão é pequena então você vive de um modo anônimo. O que é impossível no campo, que é um espaço sem vizinhanças, na maioria das vezes né. É uma casa aqui e outra casa lá, outra casa lá, e quando... enfim... porque a questão é quando você tem uma casa e tem outra casa de frente pra essa, esse espaço que tem entre essas duas casas é um espaço de urbanidade, certo? E é isso que é a cidade, é uma casa do lado da outra, é um prédio do lado do outro, uma rua do lado outro, é o ônibus, a padaria e esses espaços que a gente tem são espaços de uso comunitário super densamente utilizados pelas pessoas. O que não existe, em uma concepção utópica um pouco, de repente, no espaço rural, que é um campo, uma casa e uma atividade econômica com base na terra, né. [...] Eu acho que eu entendo é isso ou uma grande floresta e algumas casas ali, certo. Então a diferença que eu acho é uma diferença de escala de proximidade, se tiver que diferenciar

E quanto às rotinas que ele percebe entre os espaços urbano e rural, o fator tempo lhe representa um elemento significativo de diferenciação. Muito embora o tempo seja o mesmo para os dois espaços, o entrevistado exalta a relação social e econômica deste tempo:

Porque a cidade é mais marcada pela diferenciação entre o tempo livre e o tempo ocupado pelo trabalho do que na ruralidade. Na ruralidade... eu acho que ainda existe uma possibilidade, uma confusão maior entre a função social da pessoa, o trabalho dela e o modo de vida, que é tudo uma coisa só. E não tem escolha né. Você tem que alimentar o boi, você tem que alimentar o porco. E não tem dia santo, não tem feriado...

Outros dois entrevistados citaram sobre o fator tempo, ambos estudantes. Um afirmou também que no campo parece que o dia tem 48 horas, o que gera a impressão

de que o tempo passa mais devagar. Acredita que as coisas lá são mais bem programadas em função das complicações de infraestrutura e acesso. Já o outro disse que percebeu muitas diferenças entre campo e cidade, como a separação do tempo para trabalho, para o lazer e para o ócio, muito próximo das compreensões do entrevistado B. Teixeira.

Todos os outros 12 entrevistados abordaram como diferenças aspectos ligados à rusticidade, vida simples, gentileza, humildade e outros. A turista entrevistada C. Dantas, gerente administrativa de um hotel-fazenda, apesar de citar o tempo, completa dizendo que percebe que as pessoas do campo são mais relaxadas em relação às preocupações do cotidiano, os enxergando muito mais conectadas ao meio em que vivem; como exemplos, conseguem ‘ler’ o clima e o tempo sem precisar de serviço de meteorologia ou aplicativos de celular, entendem as características das suas plantações e suas necessidades e conhecem a vida animal que os cerca.

Por outro lado, a entrevistada T. Lopes, agente de viagens, reparou quanto à diferença de infraestrutura, seja em serviços públicos, seja em desenvolvimento social. Já N. Silva, analista de projetos, afirmou que percebe os espaços rural e urbano como “100% diferentes”. De acordo com ela, as pessoas no espaço rural são mais educadas e amorosas, têm mais carinho com as coisas que desenvolvem, enquanto que as pessoas na cidade são mais automatizadas, mais “frias”; ela diz que percebe a diferença do pouco desenvolvimento e da falta de recursos em comparação com o meio urbano.

Outro turista entrevistado, J. Silva, fotógrafo e ator, percebe que as pessoas socializam mais no espaço rural, por conta da falta ou carência de entretenimento e dificuldade de locomoção. Ele afirma que a qualidade de vida na roça é melhor por conta do sossego e da menor densidade populacional. Salienta que as pessoas na roça vivem com mais satisfação, enquanto as pessoas na cidade são e vivem estressadas.

Em suas atribuições para a construção da atividade turística no espaço rural, o Ministério do Turismo (2003, p.12) define o espaço rural da seguinte maneira:

A concepção de espaço rural aqui adotada baseia-se na noção de território, com ênfase no critério da destinação da terra e na valorização da ruralidade. Assim, considera-se território um espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, compreendendo cidades e campos, caracterizados por critérios multidimensionais, como ambiente, economia, sociedade, cultura, política e instituições, e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos

específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade e coesão social, cultural e territorial. [...] Nos territórios rurais, tais elementos manifestam-se, predominantemente, pela destinação da terra, notadamente focada nas práticas agrícolas e na noção de ruralidade, ou seja, no valor que a sociedade contemporânea concebe ao rural. Tal valor contempla as características mais gerais do espaço rural: a produção territorializada de qualidade, a paisagem, a biodiversidade, a cultura e certo modo de vida, identificados pela atividade agrícola, a lógica familiar, a cultura comunitária, a identificação com os ciclos da natureza (2003, p.12).

Apesar das delimitações da maior autarquia brasileira no assunto do turismo, ou seja, seu próprio Ministério, as compreensões e conclusões quanto ao que é o turismo rural não são tão simples quanto se parece. Em outras palavras, o fato de o Ministério do Turismo delimitar o que ele entende por 'espaço rural', a compreensão da atividade neste meio me parece mais complexa ainda, assunto que abordarei mais à frente.

Antes, me parece sensato analisar sincronicamente e diacronicamente, como propôs Koselleck (1992), as atividades do turismo no espaço rural. Apresento, então, uma análise quanto às delimitações no tempo e no espaço e como se apresentam as atividades e experiências como fruto do fenômeno turístico nessas áreas ditas rurais.

1.2 A ATIVIDADE TURÍSTICA NO ESPAÇO RURAL.

A atividade turística, proveniente do fenômeno, pode ocorrer em diversos espaços, de diferentes formas, configurando o movimento turístico a partir do deslocamento voluntário das pessoas. Dentre esses vários espaços também são contemplados os espaços rurais. Este movimento turístico para o espaço rural, por sua vez, acaba recebendo diversas nomenclaturas, tais como turismo rural, turismo no espaço rural, agroturismo, turismo de campo, turismo de habitação, turismo sertanejo, turismo de montanha (em parte da Europa Ocidental), dentre outros. Tulik (2003, p.21) adverte que:

Qualquer conceito relacionado ao turismo rural, mesmo em seu mais amplo sentido, deve estar apoiado no entendimento do que é rural, o que varia muito entre os países, mesmo entre aqueles que têm política e programas conjuntos, como é o caso da União Europeia (p.21).

Analisando o turismo rural em Portugal, Graça (2003, p.36) alerta que:

As noções de espaço rural divergem bastante entre países, o que explica a profusão das nomenclaturas e a divergência intranomenclaturas no contexto da União Europeia. Assim, na Alemanha, Holanda, Bélgica, Luxemburgo e

França, não estão incluídos, no turismo rural o turismo nas montanhas e o turismo no litoral. A Itália, ao contrário, inclui o turismo nas montanhas no Turismo Rural. Na Irlanda e na Grã-Bretanha, a expressão 'turismo rural' aplica-se, apenas, às zonas de povoamento disperso. Em Portugal, Espanha e Grécia o Turismo Rural abrange todo o território, exceção feita às cidades, predominando uma concepção de rural por oposição ao urbano.

Retomando o exposto anteriormente, dentre os visitantes e turistas entrevistados e que consomem o turismo rural e/ou agroturismo, quando questionados sobre as características entre espaço rural e o espaço urbano, percebeu-se, em sua maioria, compreensões polarizadas ou contrastantes nas respostas; exceto por alguns que já obtinham alguma vivência desde a infância nos espaços rurais. Os demais diferenciavam o rural do urbano realçando os problemas do espaço urbano, relacionados a aspectos físicos e culturais. Porém, todos eles, em doses diferentes, demonstravam uma visão romantizada no conteúdo de suas respostas.

Vale também lembrar a dificuldade de se estabelecer algumas distinções entre rural e urbano. Para a realidade brasileira, Rodrigues (2003) aponta que a separação entre o espaço rural e o urbano para o uso turístico é, quase que de forma indiscriminada, marcada pelo “forte conteúdo de ciência, técnica e informação” (p.101), muito interligado ainda às ideias da modernidade, a partir do mercantilismo; entretanto para a autora essas classificações já “não servem em razão das tênues diferenças entre os espaços, exceto em espaços diametralmente opostos, caracterizados por excessiva urbanidade ou excessiva ruralidade” (p.101). A autora ainda continua citando que outro elemento para essa diferenciação, na opinião geral, seria o tamanho do país. Por conter dimensões continentais, as explorações ao longo dos anos e os denominados ciclos econômicos deixaram marcas nos espaços e nas localidades, o que forma um diversificado patrimônio histórico-cultural (RODRIGUES, 2003).

Não tenho condições de afirmar contundentemente, mas estas contribuições de Rodrigues, Graça e Tulik, formam indícios que apontam para um entendimento de que a demanda consumidora desta modalidade de turismo é impactada diretamente por, pelo menos, dois principais atributos quanto ao uso turístico do espaço rural no processo de construção do seu imaginário turístico: o espaço & a atividade/recreação desenvolvida. Portanto, assumir o segmento do turismo rural apenas pelo espaço onde ele ocorre ou somente pela atividade exercida me parece um problema.

Adyr Rodrigues (2003, p. 103) aponta que o “elemento geográfico de localização da atividade turística deve ser interpretado não simplesmente como o rural em oposição ao urbano”. A razão desta percepção pode ser em relação ao olhar da demanda ao espaço ou, antes, em relação ao imaginário turístico que permeia a impressão do turista.

Para o Mtur (2008),

O consumidor de Turismo Rural busca a possibilidade de reaproximação com a natureza em relação às ‘coisas da terra’, mesmo que por um curto espaço de tempo. Está interessado em vivenciar e experimentar os valores da natureza e do modo de vida local caracterizado por elementos singulares da cultura, pela gastronomia típica, pela tradição e pelo modo como se dá a relação homem e natureza (p.33).

Denominar o turismo rural apenas pela sua atividade pode confundir mais ainda o termo, pelo fato de que nem todas as práticas turísticas feitas no espaço rural são originalmente rurais. Para Rodrigues (2003), ainda se verifica que há equipamentos e atividades puramente urbanas no espaço rural, como também práticas que seriam caracterizadas como rurais em meio ao espaço urbano. A estes, cito diversos empreendimentos tais como os bailes *country*, a valorização do tradicional através da moda de viola, o movimento dado como *retrô* e as temáticas que remetem ao campo que ocorrem em casas noturnas, em espaços urbanos. A Vila Country, que mantém seu funcionamento em plena Barra Funda, na cidade de São Paulo, serve como exemplo.

Quanto as atividades que podem ocorrer no espaço rural que são similares às que ocorrem no espaço urbano, existem empreendimentos rurais que alugam seus espaços para congressos e feiras de negócios, casamentos, exposições tecnológicas e grandes espetáculos. Além destes, há a influência destas atividades que estabelecem novas significações e uso aos eventos, que são tematizados nas tradições folclóricas e algumas manifestações populares. Um exemplo é a Festa do Peão de Boiadeiros de Barretos.¹⁰

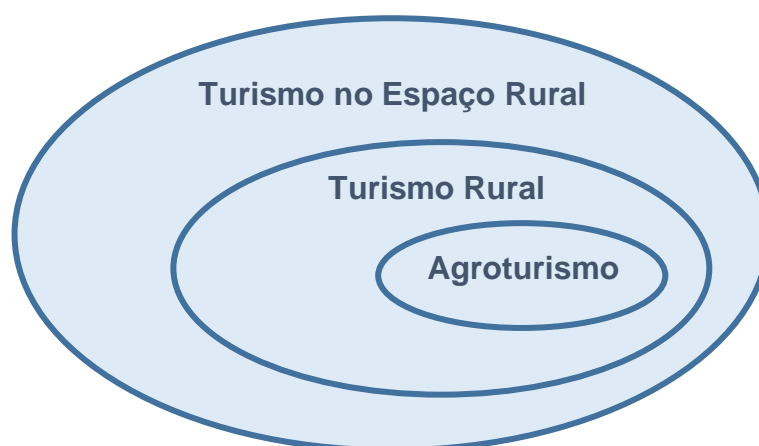
¹⁰ A Festa de Peão de Boiadeiro de Barretos, SP, promovida pela companhia de rodeios *Os Independentes* é um evento tecnicamente concebido dentro de padrões internacionais de competições esportivas envolvendo animais de grande porte. Dentre as modalidades há montarias de bovinos e equinos em diversas formas de competição, com diferentes níveis de dificuldade. Nos últimos anos a Festa de Barretos, como é conhecida, vem ganhando espaço internacional e ultrapassa qualidade técnica e esportiva de demais marcas respeitadas como a Professional Bull Riding (PBR), dos EUA. Fiz menção à Festa de Barretos, pelo surgimento de maior incremento técnico do que o folclórico. Visto que os esportes e a exaltação do interior está muito mais ligado ao vaqueiro americano cinematográfico,

A isso Rodrigues (2003) chama de lazer periurbano, onde atividades de lazer ou de turismo com características urbanas são oferecidas no ambiente rural ou de características rurais no ambiente urbano. Nas suas indagações uma pergunta surge como pertinente ao assunto para a classificação da atividade: qual é a relação do proprietário ou do empreendimento com o entorno onde a atividade se realiza?

Estes dois cenários acabam por gerar influências diretas e indiretas nas ofertas turísticas no contexto rural. É difícil identificar o segmento rural olhando apenas a atividade desanexa ao espaço. Propõe-se aqui, então, que se olhe a atividade, o espaço e o contexto sociocultural e histórico que o formou.

Toda esta desconstrução me ajuda a perceber que não é porque um *spa* ou grande hotel esteja no espaço rural que a atividade turística em questão seja necessariamente classificada como turismo rural. Tulik (2003) lembra que pode haver múltiplos aproveitamentos e diversas refuncionalizações através do turismo no espaço rural. Por isso, é muito difícil encerrar o segmento do turismo rural apenas por um elemento ou outro, visto que as atividades e eventos que aparecem neste âmbito permeiam diversas modalidades de turismo e/ou segmentos de mercado como: rural, cultural, de eventos, de compras.

Figura 1 Inter-relação do aproveitamento turístico no espaço rural



Fonte: Elaborado pelo autor, baseado em Tulik (2003).

São diversas as atividades que podem existir no contexto rural. O turismo rural é apenas uma delas, com suas inúmeras variações e subsegmentos. Dentre todas as

inserido numa figura de bravura, heroísmo e superação. Muito distinto das construções das memórias plurais dos vaqueiros brasileiros em diversas partes do país.

possibilidades de uso turístico do espaço rural, inclusive o próprio turismo rural, há o agroturismo, cujo intuito é promover uma maior interação do visitante com as lidas nos manejos e rotinas laborais do campo. O agroturismo teve seu surgimento na Europa, por volta da década de 1960, devido a um processo inverso do êxodo rural. Isto é, com a superpopulação que se desenvolveu nas grandes metrópoles, deu-se origem a um grupo imenso de consumidores que desejavam voltar às suas raízes. Seus objetivos eram tentar ressignificar o passado, ter um maior contato com o cotidiano rural e seus processos de produção, alimentar-se de comidas naturais sem a presença de agrotóxicos ou até mesmo comprar diretamente do produtor artigos tais como doces, compotas, queijos, iogurtes, coalhada, ricotas, requeijão, vinho, licores e cachaça caseira, pães, biscoitos e, massas domésticas, ou ainda carnes bovina, suína, caprina e ovina (MELO, 1999, *apud* COLOMBO, 2002).

A partir deste cenário, o agroturismo transformou-se em uma modalidade de turismo que ocorre obrigatoriamente no meio agrícola e pecuarista. De preferência na agricultura familiar e na multicultura. Era pouco praticado no Brasil, mas vem ganhando força em diversos pontos do país. Pioneiramente, destacou-se nos Estados do Espírito Santo, Distrito Federal, São Paulo e Santa Catarina. Segundo o modelo Europeu, pelo qual o Brasil também se espelha muito, o visitante participa das rotinas de lida da terra, plantando ou colhendo produtos agrícolas, ou participa de manejos animais como ordenha das vacas, cuidado com porcos, aves, enfim, vivencia momentos como parte da propriedade, ofertando seu “serviço”, que não é remunerado (COLOMBO, 2002).

A identificação do segmento em questão exige a análise para além da atividade mercadológica e comercial. Faz mais sentido haver um olhar “mais clínico”, mais aprofundado até as camadas da compreensão do fenômeno, considerando sua historicidade e todos os elementos que o compõe.

Após estas iluminações, me parece que as definições de turismo rural que buscam explicá-lo com base em argumentos como “atividades rurais nos espaços rurais”, deverão ser questionadas em relação a: “Que atividade?”, “Como foram concebidas?”, e ainda “quem as desenvolve?”. Nem todo produto turístico vendido como pertencente ao segmento do turismo rural é de fato rural ou de fato turístico. Nem todos os produtos turísticos do turismo rural são disponíveis ainda no espaço rural.

Daí então há 4 possibilidades que se cruzam:

- a) Atividades do turismo rural no espaço rural.
- b) Atividades do turismo rural no espaço urbano.
- c) Atividades no espaço rural que não pertencem ao turismo rural.
- d) Atividades no espaço urbano que não pertencem ao turismo rural.

Esta observação “exige” que se verifique a complexidade de se conceituar um fenômeno. Não há meios de se definir o fenômeno ou conceituá-lo de maneira única e acabada. Muitos o tentam fazer, ao que parece, fitando seus olhares para um parâmetro técnico, ligado à atividade em si. O entendimento do conceito do turismo rural deve ser feito a partir de diversos cuidados, não só epistemológicos, mas também empíricos.

1.3 A ORDENAÇÃO DO TURISMO NO ESPAÇO RURAL E O CONTEXTO DA AGRICULTURA FAMILIAR

Desde 1992 a agricultura familiar é um assunto mundialmente relevante devido, principalmente, à retórica do desenvolvimento sustentável que foi disseminado pela ONU (Organizações das Nações Unidas), FAO (Organização das Nações Unidas para a agricultura e Alimentação), OMC (Organização Mundial do Comércio) e movimentos sociais no Brasil. Em 1996 essa discussão ganhou ainda mais corpo com as políticas públicas desencadeadas pelo PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar).

A agricultura familiar no Brasil é mais considerável do que se imagina. Sua importância é notada principalmente pelo comportamento produtivo, se considerarmos sua diversidade e multiculturalidade. No país, 84,4% dos estabelecimentos agropecuários são da agricultura familiar, correspondentes a 80,25 milhões de hectares, o que representa 24,3% de toda área produtiva rural brasileira (IBGE, 2006). A conta parece não fechar: como uma pequena faixa de terra, se comparada com as extensões latifundiárias, pode produzir de maneira tão significativa? Para se ter uma ideia do problema de distribuição de terra, segundo o engenheiro agrônomo Cristiano Palavro (2017), consultor da FAEG (Federação da Agricultura, Pecuária e Abastecimento), o Brasil possui cerca de 329 milhões de hectares rurais. A agricultura familiar ocupa uma faixa de terra de apenas de 80,25 milhões de hectares, o que representa apenas 24,3% de toda área produtiva rural brasileira (IBGE, 2006).

Com base nestes dados é possível perceber que a relevância da agricultura familiar para abastecer a mesa do brasileiro é muito maior do que a agricultura convencional. Não obstante, o prestígio legal da agricultura Familiar não é o mesmo que outras atividades e empreendimentos rurais. As políticas e os fundos de investimentos não acompanham esta lógica. Ou seja, há um abismo enorme entre o minifúndio e o latifúndio.

De acordo com Lacerda (2005, p.7), a agricultura familiar pode ser entendida como:

Uma forma social de trabalho e de produção, que contém o âmbito da agricultura (como atividade de produção de bens agrícolas visando o mercado) e o âmbito da família (entendido como um grupo social, ligado por relações de parentesco e pela tradição). De outra forma, a agricultura familiar é caracterizada por ter sua reprodução social dependente do mercado, apresentando, contudo, especificidades em relação a outras unidades produtivas, no que se refere tanto à existência de uma racionalidade familiar e uma certa campesinidade na tomada de decisões, como quanto à natureza da força de trabalho.

O ambiente da agricultura familiar faz parte dos espaços rurais hoje muito utilizados para pluriatividades, sendo o turismo uma delas. Com o advento de novas tecnologias e novas formas de uso do espaço rural, vê-se o aparecimento de outras práticas que não as de exploração do solo, agricultura e pecuária. É comum a diversidade dos setores da economia no espaço rural, como é o caso da industrialização, fabricação e transformação (segundo setor da economia), bem como as cadeias de serviços (segundo setor da economia). É neste contexto de refuncionalização do espaço rural que aparecem as práticas de turismo no espaço rural.

Para Tulik (2003), o lugar pioneiro do turismo no espaço rural é o município de Lages, em Santa Catarina. As definições de turismo rural e turismo no espaço rural se confundem demasiadamente, já que outras atividades de turismo podem acontecer no espaço rural sem serem aquelas relacionadas diretamente ao meio e aos saberes específicos do campo. Além disso, a atividade turística no espaço rural representa um incentivo do mercado para fatiar a oferta em consonância com os benefícios a serem disponíveis à demanda interessada (BRASIL, 2010).

Além da Figura 1, outra forma de organizar as definições das tipologias conhecidas é por meio da Figura 2, proposta por Maia (2015). Para o autor, as diferenças entre as nomenclaturas estão na função e na forma de uso das atividades turísticas no espaço dado como rural.

Considerando as demarcações dadas pelo Ministério do Turismo quanto ao agroturismo e turismo rural na agricultura familiar, percebe-se que estas estão ligadas a heterogeneidade e especificidade regional e/ou local; estas, por sua vez, são tão diversificadas que se torna quase impossível se dar uma demarcação técnica e exata.

Figura 2 – Definições dos segmentos do turismo rural

<p style="text-align: center;">TURISMO NO ESPAÇO RURAL</p> <p>São todas as atividades praticadas no meio não urbano; que consiste de atividades de lazer no espaço rural em várias modalidades definidas com base na oferta: Turismo Rural, Turismo Ecológico ou Ecoturismo, Turismo de Aventura, Turismo de Negócios, Turismo de Saúde, Turismo Cultural, Turismo Esportivo, atividades estas que se complementam ou não.</p>	<p style="text-align: center;">TURISMO RURAL</p> <p>É o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no espaço rural, comprometidas com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade.</p>
<p style="text-align: center;">AGROTURISMO</p> <p>São atividades internas à propriedade que geram ocupações complementares às atividades agrícolas, as quais continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade, em menor ou maior intensidade.</p>	<p style="text-align: center;">TURISMO RURAL NA AGRICULTURA FAMILIAR.</p> <p>É a atividade turística que ocorre no âmbito da unidade de produção dos agricultores familiares que mantêm as atividades econômicas típicas da agricultura familiar, dispostos a valorizar, respeitar e compartilhar seu modo de vida, o patrimônio cultural e natural, ofertando produtos e serviços de qualidade e proporcionando bem-estar aos envolvidos.</p>

Fonte: Maia, E., 2015.

Diante do exposto, pode-se compreender que o turismo no espaço rural é um fenômeno socioespacial com suas complexidades e diversificações, devido a sua dinâmica em cada contexto em que está inserido. Visto como atividade construída sobre uma relação dialética com a sociedade sob a ótica financeira, se mantém dependente da estrutura social do país em que será desenvolvida (BARRETTO, 1995, p.71). Enquanto modalidade, o turismo rural pode ser uma atividade econômica de base local e que gera riqueza, valoriza elementos culturais, naturais e históricos, principalmente de cidades pequenas (SANTANA, 2016).

1.3.1 A rotina rural e a agricultura familiar enquanto ofertas e espaços turísticos.

Para compreender empiricamente como a participação aos manejos rurais são ofertados como produtos turísticos e atividades de lazer no espaço rural, foi necessário que eu conhecesse como estes são pensados e concebidos. Por esse motivo, iniciei a pesquisa de campo com uma entrevista a um agricultor familiar que recebe visitantes e lhes permite a participação nas labutas rurais do seu empreendimento. O proprietário que me cedeu a entrevista e permitiu-me conhecer sua propriedade foi o Sr. L. Costa, do Sítio Isolina, localizado no distrito de Rio Dourado, município de Casimiro de Abreu. Na chegada ao sítio, percebi que se tratava de uma propriedade produtiva, em pleno funcionamento. Seus filhos estavam na parte da lida no momento da minha chegada e o Sr. Alberto me aguardava na porta da Sede.

A porteira era rudimentar, simples e rústica, sem muitos enfeites ou inscrições, exceto por uma placa do Projeto Acolhida da colônia¹¹ com os atrativos contidos no sítio. Portanto, com aparências de um sítio, de uma família e de atividades comuns. A propriedade em questão havia diversas características de estar em plena utilização e com diversos melhoramentos em andamento: grama, podas, ajustes na porteira, dente outros. Como tudo é feito por eles e o Sr. L. Costa não tem empregados fixos na propriedade, é natural que sempre haja pendências. Estas características de um sítio 'normal', em plena operação, servem de palco para que as atividades turísticas no espaço rural sejam realizadas. São propriedades que não foram inicialmente pensadas para o turismo, mas que o recebem como pluriatividade, como atividade econômica secundária. Se por um lado há a produção do espaço turístico no campo, do outro há a demanda que consome estes espaços, atraídas pela gama de serviços inter-relacionados que compõe a oferta turística.

Para os turistas que saem dos grandes centros e estão ligados ao stress urbano, à poluição, à violência e alimentação de pouca qualidade, estar em um lugar com atrativos típicos de uma específica região como os propostos pelo turismo rural é uma experiência única. Além dos produtos de qualidade, os turistas podem usufruir do clima da região, da tranquilidade do ambiente e se

¹¹ Como explicado na Introdução, o Projeto Acolhida da Colônia, com origem na França (sob o nome de Accueil Paysan) e sede em Santa Rosa de Lima (SC), fomenta roteiros turísticos a partir de agricultores familiares, que sejam produtores de orgânicos ou agroecológicos. O Projeto tem por premissa a base comunitária e estimula a criação de uma associação de agroturismo. No município de Casimiro de Abreu, o projeto está em fase de implantação.

integrar ao mundo do agricultor familiar e em seu ritmo de vida (SOUZA, et al. 2014, p. 993).

Materdal e Tomio (2015) contribuem com o entendimento de que o turismo nas áreas rurais compreende

todas as manifestações turísticas que acontecem no espaço rural, independentemente de estarem ligadas ou não à produção agrícola; o turismo rural está diretamente ligado às manifestações turísticas que tem a ver com a rotina, os hábitos e costumes da roça; e o agroturismo, por sua vez, é aquele que se desenvolve em propriedades rurais ativas e de gestão familiar, na qual o turista compartilha das atividades e rotinas da propriedade, e interage com o agricultor e sua família (MARTENDAL; TOMIO, 2015, p. 907).

Como o exemplo da propriedade do Sr. L. Costa, em termos de produção da oferta a qual o turista pode consumir no espaço rural, Veiga (2001, *apud* MARTENDAL, 2015) aborda aspectos característicos destas propriedades, identificando-os em propriedade patronal e propriedade familiar, com suas respectivas diferenças.

Figura 3 – Características da propriedade patronal e da propriedade familiar.

Propriedade Patronal	Propriedade Familiar
<ul style="list-style-type: none"> - Completa separação entre gestão e trabalho; - Organização centralizada; - Ênfase na especialização; - Ênfase nas práticas padronizáveis; - Predomínio do trabalho assalariado; - Tecnologias dirigidas à eliminação das decisões de terreno e de momento. 	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalho e gestão intimamente ligados; - Direção do processo produtivo diretamente assegurada pelos proprietários ou arrendatários; - Ênfase na diversificação; - Ênfase na durabilidade dos recursos e na qualidade de vida; - Trabalho assalariado complementar; - Decisões imediatas, adequadas ao alto grau de imprevisibilidade do processo produtivo.

Fonte: VEIGA, 2001; *apud* MARTENDAL, 2015, p.908.

Para Hall, Roberts e Mitchell (2003 *apud* SANTOS; VIANNA; GULLO, 2011), o turismo rural apresenta alguns aportes positivos para o desenvolvimento no campo, tais como:

- a revitalização e reestruturação das economias locais, com chances para um conseqüente aumento da qualidade de vida por meio de participação direta, indireta e estimulada na receita advinda do fluxo turístico;
- expansão da renda a ser revertida, parcialmente, na agricultura, fabricação e serviços, que, no entanto, gera uma pequena contribuição para o aumento salarial médio de empresas rurais;

- possibilidade de integração social, especialmente em áreas isoladas ou remotas (grupos sociais), que torna possível a reavaliação do patrimônio cultural e seus símbolos, bem como a recuperação e conservação dos recursos naturais e da paisagem. O que, também, acaba por criar condições para o reforço da identidade das comunidades rurais;
- colaboração no desenvolvimento de políticas para a sustentabilidade ambiental, econômica e social;
- agregação de valor aos produtos agrícolas e a produção de mais qualidade, e contribuição para a utilização de edifícios vazios e abandonados. Estes, por sua vez, podem ser considerados como ambientes com fortes atrativos históricos e culturais.¹²

Tanto na concepção do projeto da Acolhida na Colônia, como de igual modo em diversas propriedades que investem no turismo rural como renda alternativa, é possível perceber a existências de um ou mais pontos acima, salvando, logicamente, as devidas proporções relacionadas a tempo e espaço. Os aportes positivos que os autores trazem para a discussão não são interdependentes e não se manifestam sincronicamente. Alguns deles dependem inclusive de participação de entidades públicas ou de terceiros.

Neste sentido, é lamentável de que seus idealizadores acreditam que as atividades atreladas ao turismo rural possam desencadear apenas os impactos positivos e de maneira automática; parecem não considerar um esforço de planejamento necessário e precedente às instalações de estruturas e serviços turísticos no espaço rural.

1.4 O TURISMO RURAL NA AGRICULTURA FAMILIAR

A prática do turismo rural na agricultura familiar é baseada na experiência proposta ao turista em vivenciar parte da vida nos espaços rurais e nas obrigações diárias e rotineiras da família e trabalhadores de determinada propriedade. Para essa prática, foi convencionado o termo agroturismo. Apesar de parecido inclusive no nome, o agroturismo possui características que o difere do turismo rural, mesmo estando aquele inserido neste.

¹² Tradução livre feita pelo autor. Texto original em espanhol.

Uma das diferenças é a conhecida denominação TRAF (Turismo Rural na Agricultura Familiar), que, no entanto, é mais recente. Foi criada pela Rede de Turismo Rural na Agricultura Familiar (Rede TRAF) e, posteriormente, efetivada e aplicada paralelamente às políticas públicas do extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), mais especificamente ao Programa Nacional de Turismo Rural na Agricultura Familiar (PNTRAF). Já o Ministério do Turismo objetiva-se ao desenvolvimento desta atividade enquanto uma submodalidade contida no segmento de Turismo Rural (ARAÚJO; BAHIA & FERREIRA, 2011). O conceito oficial, elaborado durante a Oficina Regional de Turismo Rural na Agricultura Familiar, em Belo Horizonte – MG, no ano de 2003, pela Rede TRAF e adotado pelo MDA define TRAF como:

A atividade turística que ocorre no âmbito da unidade de produção dos agricultores familiares que mantêm as atividades econômicas típicas da agricultura familiar, dispostos a valorizar, respeitar e compartilhar seu modo de vida, o patrimônio cultural e natural, ofertando produtos e serviços de qualidade e proporcionando bem-estar aos envolvidos (GRAZIANO DA SILVA, 2001, p.14; MDA, 2004, p. 8, MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 21).

Em depoimento, Sr. L. Costa relata como iniciou as práticas de turismo rural em sua propriedade e que convergem com a base conceitual do TRAF citadas acima. Ele conta que, na década de 1990, se mudou para a fazenda e implementou algumas alterações como cultura de feijões, verduras, leguminosas, frango, patos além do gado leiteiro e de corte já existente na propriedade. Entretanto, a principal mudança que o Sr. L. Costa trouxe à propriedade foi o intuito financeiro na produção, pois até então a propriedade produzia para a própria subsistência da família.

Em 2004, após alguns acontecimentos familiares e mais a mudança da família inteira para a “cidade grande”, eles retornam com o intuito de abrir a propriedade para visitas, estimulados por uma matéria sobre turismo rural e agroturismo em uma das edições da revista Globo Rural. O objetivo era mostrar para os visitantes, estudantes principalmente, a origem das “coisas”.

A priori, receber visitantes em propriedades de agricultura familiar não era um costume dos agricultores do município de Casimiro de Abreu. Foi nesse momento que o prefeito da época, voltando de uma viagem, teve conhecimento do projeto da acolhida da colônia através de uma publicidade em um avião. Após isso, o prefeito então foi a Santa Catarina para conhecer o projeto e buscar sua implantação no município de Casimiro de Abreu. Esses foram os fatores que corroboraram para a propriedade começar a receber turistas.

O projeto, então, foi iniciado pela secretaria municipal de turismo e com a parceria da APASMAR no ano de 2012. O Sr. L. Costa valorizou a capacitação e qualificação dos atores, bem como o conhecimento técnico para que a atividade fosse realizada de maneira satisfatória e sustentável para a localidade. Desde então, os atores se moveram para aprender desde a agricultura orgânica até as dinâmicas da própria atividade turística na busca desta qualificação. O grupo de agricultores interessados em aderir ao projeto cresceu, somado a outros agricultores que se acharam aptos a aderirem ao projeto, mas que não puderam ser adicionados ao circuito por falta de qualificação.

Para o Sr. L. Costa, o significado de receber visitantes e turistas na propriedade se explica pela existência de dois ganhos principais que a atividade turística proporciona. A primeira está relacionada à questão financeira e ao aumento de receita da propriedade e a outra à valorização do campo, com a educação agrícola, a conscientização do consumo e a valorização dos manejos rurais, animais e vegetais.

O entrevistado supramencionado acredita que o fluxo do turismo rural depende da formalização de uma espécie de rede, que se interesse pela atividade a fim de formar o espaço turístico de maneira satisfatória e responsável. Ele citou inclusive alguns atritos que sofre em relação a essa conscientização. Não obstante, mercadologicamente, a existência de uma oferta não garante que haverá demanda proporcional (FERNANDES & COELHO, 2011). No próprio discurso do interlocutor percebe-se uma terceirização da responsabilidade e de ações meramente políticas e administrativas, enquanto que ações como divulgações e formação de uma cadeia produtiva de distribuição não foram mencionadas.

Eu acredito que esse fluxo de turistas na propriedade só vai aumentar de verdade a partir do momento que a gente conseguir formalizar um grupo de produtores ou de proprietários que tenham o real interesse de trabalhar no segmento. Infelizmente os atores encontrados pela prefeitura na gestão passada não se mostraram com interesse suficiente pra fazer o projeto Acolhida na Colônia deslanchar. Estão ainda inseridos no projeto, mas não estão atuando através da Acolhida na Colônia.

O entrevistado disse que não existe uma programação prévia, e que as atividades no sítio são pensadas da seguinte forma: o turista é inserido na rotina em curso; independentemente da lida que esteja em pendência a ser realizada, o turista é sempre convidado a ajudar na roça; as atividades respeitam as condições físicas e psicológicas de cada visitante, desde crianças até idosos, porém todos têm alguma

atribuição; as atividades vão desde a manutenção dos equipamentos rurais como cerca, curral, comedouro, manejos na área de plantio e colheita, até manejos de alimentação e demais lidas com os animais; os proprietários, que coordenam a atividade diretamente, sempre aproveitam para educar e ensinar os visitantes sobre manejo, alimentação e consumo através do plantio e colheita das culturas de época.

Em caso de um grupo de turistas/visitantes possuir crianças, costuma-se trabalhar com o trato da horta e das aves do sítio; adolescentes, jovens e adultos lidam com as aves também, mexem na cerca, podendo ajudar na horta e/ou ir para a área de labuta rural, também conhecida como “roça”. Turistas na fase adulta chegam a manusear ferramentas como enxadas, enxadecos, escavadeira, roçadeiras, dentre outras, e fazem cuidados e manutenção em cerca, gramado, colheita, roça, manutenção de flores, capina, plantio e poda, sempre respeitando o ciclo da natureza das flores e frutas da época. O Sr. L. Costa e sua família não se empenham no cultivo de culturas fora de época, sendo assim o turista nem sempre verá a mesma produção.

Quanto aos trabalhos com animais, todos os visitantes e turistas costumam participar juntos também. Entretanto as atividades não se repetem pelo fato de que cada grupo realiza a labuta que está pendente por fazer. Deste modo, um grupo de visitantes quase nunca tem a mesma experiência que outro grupo que visita a fazenda dias depois. A fazenda também faz uso de dois cavalos de lida, que também são disponibilizados aos turistas, exceto para a monta, pois não foram amadrinhados¹³ para isso. Tudo é a critério do visitante, que escolhe o que e quando fazer.

Para Silva, Vilarinho e Dale (2000), as atividades do agroturismo são internas à propriedade que recebe o fluxo turístico. Estas geram ocupações que se complementam às rotinas da agricultura e pecuária, em maior ou menor intensidade. A atividade turística, desta forma, é entendida como parte do processo de agregação de serviços aos produtos agrícolas e pecuários e de bens não-materiais existentes nas propriedades rurais, como paisagem, ar puro, água mineral abundante, contato com animais, etc. O agroturismo, então, pode ser praticado a partir do tempo disponível fora das rotinas da família, ou, de alguma forma, atrelada a elas. Para que a atividade aconteça, contratações de mão-de-obra externa podem acontecer.

No Caso do Sítio Santa Isolina, eles contratam esporadicamente trabalhadores rurais no regime de empreitadas e paga-se a diária ou o serviço especificamente. Não

¹³ Amadrinhado é o termo usado para animais que se condicionaram ou acostumaram com a interação humana ou de outros animais.

há regularidade para contratos de trabalhadores rurais na região; não pela falta de trabalho, que, segundo o Sr. L. Costa, “tem de sobra”, mas pela ausência de profissionais. Por esse motivo, a manutenção da fazenda fica toda a cargo da família.

Na recepção do hóspede/visitante na casa da família anfitriã há o encontro de interesses que são trocados. De um lado, a família que se abre para o hóspede através da troca pelo interesse comercial/financeiro e, do outro, o visitante que troca uma certa quantia de dinheiro pela oportunidade de ser recebido e participar das atividades propostas como forma de entretenimento, independentemente se essas atividades são parte da rotina da família ou não.

Agenciadas ou não, as propriedades abrem suas porteiras para a recepção dos turistas, aceitos mediante o pagamento de diária(s), seja para acomodação ou apenas para as práticas de atividades recreativas. Absolutamente, numa propriedade rural, todos os espaços podem ser aproveitados e estão suscetíveis à prática da atividade agroturística, desde que apresentem relevâncias para a tal reutilização.

Rodrigues (2000; *apud* MARINHO & BRUHNS 2003) atribui um descrédito imenso na maioria dos produtos de turismo rural e ecoturismo quando são comercializados. Para ela, não passam de um estereótipo, pois estão baseadas em afirmações “falaciosas” (2003, p.137), tais como ‘a vida urbana é estressante’, ou ‘lazer é necessidade básica’, ‘a natureza é regeneradora’ e ‘o tradicional de ser resgatado para contrabalançar o isolamento da vida urbana’. A autora ainda ressalta que cada uma dessas afirmações possui uma contradição, devido ao fato de que na maioria dos espaços em que os empreendimentos estão instalados, as suas práticas já são ressignificadas e estão envernizadas para o entretenimento do turista (2000, *apud* MARINHO & BRUHNS, 2003). MacCannel (1973) chama esse fenômeno de autenticidade encenada.

Este último autor explica que é comum que o turista esteja à procura de destinos que possuam aspectos que gerem uma ideia de “originalidade” ou de “autenticidade”. Isso ocorre por entendê-los enquanto extroversão espontânea e natural das comunidades de acolhimento. Tais aspectos performam, em muitos casos, nada mais do que uma encenação e reprodução de traços culturais e de práticas ritualizadas que criam no turista a ilusão de ter presenciado, participado e vivido experiências únicas (MACCANNEL, 1973).

Ainda para MacCannel (1973), o autêntico real e espontâneo é substituído por encenações artificiais de reprodução da vida cotidiana. Assim, o turista torna-se

incapaz de destrinchar de forma simples e clara as cenas reais e espontâneas das encenadas e artificiais. De uma forma geral, a observação de MacCannel se aplica a outras dinâmicas cotidianas da vida. É possível que se crie e recrie, encene e se finja em diversas situações do dia-a-dia. Observo nas relações que se estabelecem durante a experiência turística, no espaço rural ou não, apenas mais uma das evidências deste hábito meramente humano.

Para o autor mencionado acima (1973), existem as situações de regiões de bastidores (o que ele chama de *backstage*) e de regiões de fachada (chamada de *frontstage*). As regiões de bastidores são as que possuem ideias de realidade, natureza, pureza e espontaneidade. E as de fachada são as de reprodução, imitação, recriação encenada e marcada pelo apelo artificial. O autor acredita em um ambiente transitório ou intermediário entre essas duas regiões, e é nesse espaço ou ambiente que pode haver, então, a autenticidade encenada. Fenômeno este, que segundo MacCannel (1973), recria por mimetismo as situações características e as vivências das regiões de bastidores, por motivos de marketing comercial, buscando tornar os destinos mais aliciantes a determinados setores da procura internacional.

Este mesmo processo também acomete as práticas de lidas do campo, seja por meio da romantização dos turistas, seja por meio das práticas esportivas dos rodeios¹⁴, onde manejos rotineiros executados nas fazendas (alguns não mais praticados devido a modernização do campo) formam um imaginário na mente do turista, corroborando com a ideia de estereótipo de Rodrigues (2003) e Bruhns (2003). Dentre essas práticas, encontra-se desde os manejos de coberturas vegetais, como colheita, pegue e colhe, pague e colhe, plantios, até o laço, alimentação, medicação, ordenha ou demais manejos animais. Deste modo, algumas das práticas buscadas pelo turista são configuradas como se pudessem resumir tudo o que se refere a rotina do campo. Ou ainda, que por meio da participação mediada destas atividades, o visitante possa ter uma total imersão a cultura, quando estas são apenas práticas superficiais.

¹⁴ As modalidades esportivas dos rodeios são baseadas a manejos dos vaqueiros, principalmente americanos, e que no seu tempo livre eram adaptados em atividades recreativas. Os vaqueiros usavam as próprias ferramentas e lugares de trabalho para realizar suas recreações, tais como o laço, o sedem, a Bezerreira, redondel dentre outros.

Na fala do nosso interlocutor, percebe-se uma superioridade dada as atividades turísticas propostas sob o entendimento do que se chama por agroturismo, adotado pela configuração do projeto Acolhida da Colônia em Casimiro de Abreu:

Quem conhece o Projeto Acolhida na Colônia, ele sabe que a proposta é exatamente diferente até mesmo do turismo rural. Que muitas vezes a gente vê práticas de uma forma, como é o turismo urbano em que você vai a um hotel, ou onde tem uma piscina, onde tem uma sauna, onde você tem uma quadra de esporte e a gente vê pousadas, hotéis, hotéis-fazenda, que incorporam esses instrumentos da propriedade para trazer o turista. A Acolhida na Colônia não faz isso. Ele quer trazer o turista para a vida do homem do campo. E essa é a diferença de lazer turístico. É um lazer onde o camarada vai ver a propriedade, ele vai ver a hora que o sujeito levanta, ele vai ver a lida do homem na roça, seja na criação do animal ou no plantio de uma cultura... Então é uma linha que é diferente do turismo urbano e muito diferente de muito turismo rural, que a gente sabe que tem, lógico, fazendas que fazem atividades rurais dentro da área rural. Ele pega o camarada para fazer uma trilha a cavalo [...] outras que fazem a trilha dentro do morro grande [Morro São João]. Então ainda é, apesar de lá você ter a piscina, você ter de repente um campo de futebol, não é essa a proposta do turismo rural. A nossa proposta do turismo na Acolhida da Colônia é agroturismo. Agroturismo é o turismo praticado dentro da propriedade rural que atua realmente dentro da agricultura e da pecuária, ainda no sentido verdadeiro da coisa. Com plantio e produção, tanto da área da agricultura quanto na área da pecuária.

O entrevistado mencionado parece desqualificar outras práticas turísticas no espaço rural que tenham elementos que ele atribui de “urbanos”, em nome de um turismo que tenha mais elementos rudimentares. Essa fala, tanto pela negação quanto pela comparação, me pareceu com um tom de purismo e romantização, a partir de uma ideia de atividade com mais “autenticidade”, principalmente quando ele afirma que no agroturismo está o “sentido verdadeiro da coisa”.

Contudo, todas as atividades supracitadas e que são participadas aos visitantes estão sujeitas às mesmas encenações. Independentemente se estas ocorrem em uma propriedade de agricultura familiar (com práticas mais ou menos voltadas à rotina da família receptora) ou num hotel luxuoso no espaço rural. Com menos ou mais intensidade, configura-se, desse modo, um certo controle ou “cortina” para que o hóspede chegue perto, mas não tanto. Sempre haverá um espaço que o turista não pode chegar ou alguma atividade que ele não poderá fazer. Seja por indisponibilidade da terra, dos animais, ou por questões técnicas, por precaução ao perigo, dentre outras razões.

2 RURALIDADES TRANSFORMADAS EM OFERTAS A SEREM CONSUMIDAS NAS EXPERIÊNCIAS TURÍSTICO-RURAI

Conforme já aludido na introdução deste trabalho, foi a fim de compreender como é configurada a oferta do turismo no espaço rural, especificamente o que se entende por agroturismo, que se fez necessária a entrevista com o proprietário do Sítio Isolina, Sr. L. Costa. Antes de compreender as dinâmicas existentes nas relações de consumo entre a demanda e as propriedades de agricultura familiar, foi necessário entender como se fomenta a oferta do agroturismo.

Enquanto formação de vida, fui criado até meus 14 anos numa propriedade de agricultura de subsistência dos meus avós. Família de origem capixaba, da Serra do Caparaó, sempre fui muito influenciado pelo que se conhece de “cultura do campo”. A partir de 2006, quando ainda era estudante de graduação no curso de turismo na cidade do Rio de Janeiro, comecei a me relacionar acadêmica e profissionalmente com o turismo rural. Em 2009, 2010 e 2011 realizei alguns roteiros rurais com alunos de turismo, ex-colegas de classe e alguns colegas de classe de minha esposa. No ano de 2010 iniciei algumas atividades ligadas a projetos e planejamentos no setor com associações locais que realizavam atividades turísticas em propriedades rurais. Já em 2017 dei início a agência Porteiras Turismo Rural, que comercializa passeios para fazendas e propriedades rurais, preferencialmente agricultura familiar. Em 2018, assumi a coordenação do inventário e diagnóstico turístico do município de Casimiro de Abreu e da Diretoria de Turismo do Serra e Mar Convention & Visitors Bureau.

Essa trajetória me permitiu construir impressões e concepções quanto aos contextos existentes no espaço rural. Por outro lado, durante este trabalho, busquei realizar um exercício interno de desconstrução das minhas concepções para que minhas percepções do campo não fossem estabelecidas sobre um alicerce de familiarizações. Precisei olhar com estranhamento elementos que me eram familiares, para não ser simplista ou reducionista.

Foi nesse intuito que a entrevista com o Sr. L. Costa me permitiu um olhar mais próximo e mais empírico às práticas de turismo onde o manejo animal, vegetal e demais rotinas rurais são os principais elementos de troca pelos turistas que lá visitam. Além disso, me auxiliou a enxergar mais de perto as dinâmicas e complexidades que estão imbricadas nas relações de produção e consumo do turismo rural na agricultura familiar.

Ao ser questionado sobre o andamento do projeto e como tem sido o desenrolar das atividades de supra e infraestrutura¹⁵, o entrevistado inicia sua resposta com a palavra ‘estacionado’. Ele explica que tanto por parte do poder público e da entidade Acolhida da Colônia quanto pela comunidade local há entraves para o desenrolar do projeto, somados aos problemas de arrecadação do Estado do Rio de Janeiro e a consequente diminuição de distribuição de verbas aos municípios. Ele conta que no início houve uma parceria com o poder público municipal, por intermédio de um suporte (relacionado, principalmente, à supraestrutura, comentado por ele posteriormente), todavia não encontrou ‘eco’ por parte do setor privado. Entendo que o setor privado a que ele se refere possa ser entendido aqui como a comunidade ou os atores locais envolvidos ou pretendentes a se envolver com o projeto da Acolhida da Colônia, já que em Casimiro não há nenhuma empresa que atue na estrutura turística que não seja local. O Sr. L. Costa explica que o eco que ele ou o poder público esperavam não se deu pelo fato de que os atores locais esperavam mais ‘alguma coisa’ por vir do poder público. Entende-se aqui um sentimento de assistencialismo por parte destes atores.

A gente teve no início do projeto uma parceria com o poder público municipal em que foi dado um suporte bastante satisfatório por parte do poder público., mas infelizmente não encontrou eco no setor privado. Na questão dos proprietários. Então a gente encontrou alguns proprietários que ainda hoje encontram-se aguardando alguma coisa pra vir do poder público.

Para o Sr. L. Costa, a falta de um sentimento de empreendedorismo e de autonomia por parte da iniciativa privada e comunidade local envolvida com o projeto foi o principal problema enfrentado para o estacionamento do projeto. Ele conta que no início do projeto haviam 15 proprietários rurais e que entre 2015 e 2016 este número foi reduzido para 10 agricultores. No início de 2017 restavam apenas sete famílias e no momento da entrevista haviam, segundo ele, apenas duas famílias que ainda atuavam com o projeto.

Entretanto, entendo que assim como as propriedades buscam pluriatividades para incrementar a arrecadação de receitas – sendo o turismo uma delas – está em seu poder de decisão optar por uma ou outra atividade econômica, trocar ou parar

¹⁵ Supraestruturas são compreendidas como instituições que servem de alicerce para infraestruturas básicas, de apoio, turísticas, serviços de apoio e demais ações para o estabelecimento de condições favoráveis a uma atividade ordenada. São leis, entidades de classe e órgãos executivos ou legais-normativos. As infraestruturas são instalações físicas, artificiais ou serviços de apoio que contribuem com um melhor uso e mais sustentável dos recursos apropriados pelo turismo (BENI, 2007).

quando assim desejarem. Isso pode acontecer quando determinada atividade lhes parece não tão lucrativa ou ameaçadora ao objetivo de buscar o aumento de receita familiar. Vejo tanto a primeira adesão dos 15, como também a pausa e desistência de alguns deles como reflexo da tentativa de sobrevivência dos seus negócios no espaço rural, inseridos no sistema econômico capitalista.

Não nego nem reforço aqui a existência deste sentimento de assistencialismo, paternalismo ou, no mínimo de espera por alguma iniciativa do poder público, conforme pregado pelo entrevistado. Muitas outras variáveis podem ser consideradas para entender o comportamento destes atores ao entrarem ou saírem do projeto. Creio que o diagnóstico não seja tão simples assim.

Para o entrevistado, há uma diminuição da arrecadação da prefeitura como resultado da perda dos royalties do petróleo do Estado do Rio de Janeiro, salientando também outros problemas políticos e administrativos sofridos pela gestão a época da pesquisa. A esfera pública acabou realizando remanejamentos e aglutinações de secretarias que resultaram na estagnação do projeto, que depende do órgão público¹⁶. Com isso, houve um desencadeamento de desânimos e descontentamentos por parte também de alguns proprietários, o que resultou na diminuição drástica dos envolvidos no projeto. A maioria não está recebendo mais visitantes.

Em meados de 2017, uma nova administração municipal assumiu a pasta do turismo na secretaria de meio ambiente, esporte e turismo e procurou a associação dos agricultores familiares, mostrando interesse em retomar a parceria com o projeto da Acolhida da Colônia. Nesse tempo foi realizado um *famtour*¹⁷ com a prefeitura e a secretaria para consolidar os atores envolvidos e agregar novos agricultores para aderirem ao projeto; três novas propriedades aderiram ao projeto, totalizando 10 propriedades. O Entrevistado conta que a visita foi constrangedora, pois das 10 propriedades auditadas na época, nenhuma delas apresentava características dentro

¹⁶ Diferentemente de como ocorre nas Serras Gerais em SC ou na França (como o nome de *Accueil Paysan*), onde o projeto da Acolhida na Colônia independe do poder público, em Casimiro de Abreu a força motriz para o projeto, pelo menos em seu início, foi a Secretaria Municipal de Turismo do Município de Casimiro de Abreu. Normalmente os agrônomos e turismólogos que implantam o agroturismo nas propriedades de agricultura familiar estimulam a formação de uma associação de agroturismo na localidade para que assim eles sejam independentes do poder público, apenas parceiros. A associação foi criada no município, porém não conseguiu-se desenvolver, pelo menos no início, com suas próprias condições.

¹⁷ FamTour é um nome dado a uma visita técnica de familiarização para comercialização posterior do destino visitado.

dos critérios de agricultura orgânica, por exemplo, para iniciar a implantação do roteiro.

Para ser considerado agricultura orgânica, os proprietários e produtores devem cumprir uma série de requisitos, desde a preparação do solo, plantio, cultivo, colheita e até na parte de criação de animais para poder receber um selo emitido pelo Ministério da Agricultura. Para os idealizadores do projeto em Casimiro de Abreu que vieram das Serras Gerais, em Santa Catarina, à época, as fazendas precisam ser, no mínimo, propriedades de produções agroecológicas, que é entendido como um estágio anterior ao selo de agricultura orgânica.

Destas 10 propriedades, sete estavam conformes para os consultores catarinenses da implantação do projeto. Dentre estas sete propriedades, 5 foram selecionadas para iniciar a atividade, porém para a prefeitura, por motivos político-administrativos, apenas três famílias estariam aptas para iniciar as atividades turísticas. Todavia, a única propriedade de todas estas envolvidas que converteu a agricultura convencional para a orgânica foi o sítio Santa Isolina. Compreendi aqui que existe uma influência externa às propriedades que autoritariamente rege critérios para a alteração dos hábitos e costumes das agriculturas.

Um exemplo disso pode ser percebido por meio de uma das dificuldades que foram citadas pelo entrevistado e que está no reconhecimento legal de agricultura familiar emitido para determinada propriedade. Para obter esse título, o proprietário precisa emitir um documento chamado DAP (Declaração de Aptidão ao PRONAF – Programa Nacional de Agricultura Familiar, criado no primeiro mandato do governo do ex-presidente Lula) e que é providenciado pelo Emater e pelo sindicato rural do município. Se o proprietário não é associado ao sindicato, não consegue a emissão da DAP e, se não for do ‘interesse’ (termo usado pelo entrevistado) do Emater em cadastrar propriedades onde não haja seu escritório, a propriedade, mesmo sendo de agricultura familiar, fica excluída do programa federal.

A gente teve agora uma visita nesse mês que passou de novembro (novembro de 2017), da secretária, da delegada da Secretaria de Agricultura e Desenvolvimento Agrário – que é a SEAD, do Governo Federal – e ela ficou realmente um pouco abismada com a situação que os produtores rurais se encontram em Casimiro de Abreu. Saber dessa dificuldade que a gente tem de acesso a EMATER que é um órgão que foi criado para dar assistência. Inclusive ele é um órgão de assistência, como tem o sindicato. Só que o sindicato é de outra forma, é mais patronal, mais pro proprietário realmente se associar, acho que não entra na área..., mas existe, só pra ser claro, hoje você tenta ser reconhecido e pra ser considerado agricultor familiar você tem que ter

a DAP. E para você ter a DAP, é a EMATER e o Sindicato Rural que fazem a emissão da DAP. Se você não é associado ao Sindicato, dificilmente ele vai te atender. E a EMATER por outro lado, se não tiver um interesse em que você seja reconhecido [som e sinal de desprezo com as mãos. Tapas nas costas das mãos], você simplesmente não vai ter a DAP.

A respeito deste ponto, vale citar que o purismo às vezes encontrado no discurso, tanto de atores da oferta quanto da demanda, pode ser questionado por esse ponto de vista, já que muito do que é apresentado ou encontrado nas propriedades são construídas de maneira espontânea, sem preocupação qualquer com a arquitetura específica ou baseada em consultorias que lhes dizem como implementar suas edificações. Contudo, o que se vê na prática é que, além de fatores econômicos e mercadológicos, a produção sofre impactos de fatores políticos, através de órgãos legais-normativos que resultam numa alteração na forma de produção e da rotina.

O Sr. L. Costa mencionou a certificação que é exigida para ser considerado produtor de agricultura orgânica e que, caso não consiga, o produtor é tipificado como produtor agroecológico. Os produtores, tal qual o Sr. L. Costa, estão buscando certificar os produtores para tentar aumentar o número de propriedades com agricultura orgânica e assim incrementar o projeto novamente.

As demandas da administração do projeto da Acolhida da Colônia em Casimiro de Abreu e a associação que chancela o direito de uso da marca da Acolhida da Colônia (em francês, *Accueil Paysan*) ficam sob a responsabilidade da APASMAR. O Sr. L. Costa, além de presidente da APASMAR, tem também o reconhecimento enquanto coordenador do projeto Acolhida da Colônia, que até 2016 era o único fora do Estado de Santa Catarina.

Sr. L. Costa acredita que o projeto e a atividade turística são agregadores de possibilidades ao agricultor e ao produtor rural e que a vida do homem do campo e as dificuldades relacionadas às políticas públicas são tão difíceis quanto há 50 ou 60 anos atrás. Para ele, o agricultor consegue voz com entidades de classe e representantes ligados ao produtor rural através de insistências. A ideia dele é que o projeto, por meio do turismo, pode trazer benefícios para o próprio funcionamento da propriedade rural. Exatamente como atribuíram Silva, Vilarinho e Dale (2000).

É um projeto¹⁸ que eu entendo que é muito agregador de possibilidades... Você imaginar a vida do campo de hoje, do homem agricultor, pequeno agricultor, ele é tão sofrido hoje como era há 30, 40, 50, 60, 70, 80... 100 anos atrás. E

¹⁸ O entrevistado se refere ao projeto da Acolhida na Colônia em Casimiro de Abreu.

tem um respaldo de governo mínimo. Você realmente tem que se virar sozinho. Exatamente até por causa da contextualização que vem de cima pra baixo, Governo Federal só entende você como produtor rural, agricultor familiar, se você estiver ali dentro de alguns critérios ali que eles criam. E pra você ser inserido a esses critérios é uma burocracia absurda, inimaginável. Mas a gente vem conseguindo através da insistência minha... lógico que vou falar do Sítio Santa Isolina. Insistência minha, a gente acaba conseguindo por exemplo ajuda, parceria com a prefeitura hoje em Casimiro de Abreu. A prefeitura ajuda a gente por causa do projeto Acolhida na Colônia. Sem dúvida nenhuma. Se fosse um produtor rural que não estivesse inserido num projeto desse, lógico que acredito que ele iria ter a parceria da prefeitura sim, mas não de ordem tão imediata que a gente consegue aqui.

Atualmente as entidades e órgãos que representam as políticas públicas e a consequente supraestrutura¹⁹ do projeto são a Associação (APASMAR) e a prefeitura. A Acolhida da Colônia de Santa Catarina, assim como a *Accueil Paysan*²⁰ da França, apenas chancelam o direito de uso da marca e fiscalizam a questão da identidade agroecológica do projeto. Todo o restante do esforço fica para a iniciativa privada e comunidade local, que em Casimiro são praticamente os mesmos. Além disso a cidade possui problemas administrativos para emitir licenças a fim de se alcançar crédito rural.

Apesar das dificuldades enfrentadas na própria agricultura, o Sr. L. Costa acredita que o projeto tem por premissa a instalação do turismo como fonte de renda e que a formação de uma cooperativa facilitaria a instalação do projeto e da atividade turística. Ele faz uma comparação rápida do caso Serra Geral, em Santa Catarina, onde as propriedades são muito menores, porém possuem mais comunicação entre si.

Quanto aos fracassos, ele trouxe à tona em sua resposta mais um pouco do discurso purista, a partir da negação do turismo rural como um todo, em contraste ao agroturismo ou turismo rural agroecológico, conforme já mencionado e exposto anteriormente. Ele construiu o seu argumento fazendo oposição aos espaços urbanos que possuem ruralidades e espaços rurais que também receberam urbanidades. O fenômeno compreendido academicamente como espaços periurbanos de Adyr Rodrigues (2003) é compreendido exatamente por essas características, dificultando essa separação entre espaço rural e espaço urbano.

¹⁹ No caso de Casimiro de Abreu, as supraestruturas existentes a época eram a APASMAR enquanto entidade de classe e a secretaria enquanto órgão público executivo.

²⁰ *Accueil Paysan* – nome original de Acolhida na Colônia, em francês.

Essa dicotomia é presente no pensamento do entrevistado e parece necessária para reafirmar a utilidade da iniciativa, como forma de promover o agroturismo a partir de uma alegação de uma “ruralidade fajuta” do turismo rural dado como convencional. Entretanto, percebo que o agroturismo não está imune às mesmas influências mercadológicas e externas, como as que acometem empreendimentos diversos do turismo rural como mencionado por ele, no esforço de atração do turista, por meras questões econômicas.

A contradição acontece quando ele diz que a filosofia do *Accueil Paysan* e, por consequência da Acolhida da Colônia em Casimiro de Abreu, é mostrar ao turista a ‘rotina e a vida do homem do campo’, o que sinceramente creio ser difícil. Mostrar “a vida” é algo que o projeto não pode garantir, e nem se pode saber o quanto de sua realidade é compartilhada com o visitante. Quanto à rotina, o dono da propriedade naturalmente poderá alterar drasticamente seu comportamento e sua rotina apenas por causa da presença do hóspede. Parece-me mais admissível refletir que o visitante poderá experimentar algumas lidas no campo que, por ventura, não conhecia.

Nessa hora ele diz que a proposta da acolhida é diferente do “lazer turístico” (coloco aqui em aspas, porque foi o mesmo gesto feito com as mãos pelo entrevistado), o que achei ainda mais curioso. A ida a uma propriedade rural, seja ela qual for, não deixa de ser turismo e, por si só, uma forma de lazer. Percebi que para o entrevistado a prática do lazer é banal e que o agroturismo estaria numa escala superior, como numa espécie de moralismo, pela razão de ser da atividade que ele propõe em sua propriedade.

No momento da entrevista, o sítio não estava recebendo visitantes havia 5 meses (a entrevista se deu em novembro de 2017), por conta de algumas reformas estruturais e algumas implementações na propriedade. O Sr. L. Costa pretende aumentar a capacidade de recepção e instalar acomodações do tipo camping. O sítio Isolina passou mais tempo servindo refeições e abrindo para almoço e alguns *day-uses* esporádicos. Ele disse que no outono e no inverno (aproximadamente de abril a setembro) a busca pela atividade é muito maior. A promoção de pequenos eventos, poderia atrair turistas em momentos diferentes e, conseqüentemente, estenderiam essa sazonalidade. Foi dito também que os turistas não retornaram para outra visita por duas razões principais: devido à algumas reformas que brevemente iriam acontecer, limitando o uso do espaço total do sítio; e ao recente início da propriedade enquanto atrativo turístico, com apenas dois anos de operação e pouca divulgação.

O Sr. L. Costa apontou o comportamento do turista como um dos pontos negativos da implantação do turismo rural para a propriedade. Citou que às vezes o turista mexe em algo sem autorização ou que entra no pomar e coleta do pé qualquer tipo de fruta, sem perguntar antes. Há árvores frutíferas que estão em manutenção e há outras que não podem ser colhidas por questões naturais ou até mesmo, financeiras. Por essa razão, eles não fazem grupos com mais de 15 pessoas.

2.1 INFLUÊNCIA DAS HISTÓRIAS DE VIDA NO IMAGINÁRIO/EXPECTATIVA E NO ESTRANHAMENTO DA EXPERIÊNCIA TURÍSTICO-RURAL

Nenhum ser humano está livre da construção de imaginários para qualquer atividade que vá exercer. O imaginário funciona como uma espécie de projeção mental daquilo que o indivíduo espera deparar-se em determinada atividade a ser realizada. Está baseado a um subproduto de expectativas e emoções como a ansiedade daquilo que possa vir a acontecer. Outro aspecto é que o imaginário também está relacionado com o meio em que o indivíduo está inserido. A construção do rural imaginado dependerá de quão exposto a determinado meio social esteja este indivíduo, com mais ou menos influência. No turismo não é diferente. Desde comunicações mercadológicas até depoimentos de entes próximos direcionados a este indivíduo influenciarão em seu imaginário, somados a outros elementos psicossomáticos de interesses e desejos pessoais.

Os dados coletados nos apontaram para a uma relação entre a história de vida dos sujeitos e o imaginário e a respectiva expectativa gerada com as atividades turísticas no espaço rural em que foram expostos. Como já mencionado anteriormente, estou trabalhando com categorias de análise mais amplas, fruto de uma investigação de base etnográfica.

Como citado no capítulo anterior, segundo as interpretações de Rodrigues (2003), Graça (2003) e Tulik (2003), o espaço e a atividade/recreação desenvolvida influenciam na construção do turista que busca o turismo rural. Ainda assim, há alguns outros aspectos que também se evidenciam quando relacionados com a história de vida dos indivíduos entrevistados.

Encontrei algumas similaridades nos argumentos dos entrevistados e tive depoimentos de pessoas que desde pequenos tiveram influências em sua criação no espaço rural até aqueles que nunca tiveram qualquer contato com o “interior” na infância ou adolescência. No entanto, é possível crer que mesmo estes que cresceram

predominantemente nos espaços urbanos tenham tido contato com, pelo menos, simbolismos ou práticas que remetessem a culturas provenientes do campo presentes nos contextos urbanos.

Dentre os entrevistados que relataram que tiveram influência ou parte de sua infância no interior, vê-se na fala do entrevistado B. Teixeira esta relação entre a história de vida, a construção de um imaginário e o estranhamento com o espaço rural. Ele disse que a experiência do interior é muito indissociável de sua história de vida porque desde pequeno “*sempre voltava cheio de bicho de pé pra casa porque gostava de brincar dentro do chiqueiro lá, entrar no chiqueiro pra brincar com os porcos*”. Aqui a lembrança do entrevistado está ligada às atividades lúdicas e recreativas no espaço rural, no mesmo ambiente de lida com os animais.

Z. Moreira é outra turista que teve sua história de vida construída no espaço rural. Ela disse que morou em sítio até a adolescência e que viveu todo este período consumindo alimentos livre de agrotóxicos. Ela possui os avós vivos com 98 anos e com muita saúde e ela atribui este fato aos alimentos. Z. Moreira afirmou também que a ciência apontou que a razão de muitos problemas de saúde na sociedade vem de elementos químicos adicionados na indústria. Para a professora de história, os hábitos de cultivos são simples - até para quem mora em apartamento e em espaços pequenos - para tentarem se esquivar do consumo de alimentos industrializados.

O próximo exemplo é o da turista M. Pires. A dona de casa nos relatou que foi criada até uns 13 anos de idade em uma pequena chácara que tinha galinha, porco, se identificando como “*roceira*” - usando esse rótulo para demonstrar sua identificação com o espaço rural. Ela conta que sua visita foi realizada em duas propriedades na região do Norte Fluminense e no oeste do Estado do Espírito Santo e que, em ambas as propriedades, foi exposta a rotinas moderadas de manejos animais e agrícolas.

V. Mororó, estudante, também pode ser incluída neste grupo. Ela relatou que os pais são do “interior” e disse ter um “pezinho” no espaço rural apenas por intermédio do seu pai.

Ainda neste grupo de turistas, outra entrevistada, F. Gonçalves, teve uma influência de sua criação na região de Bananeiras em Silva Jardim, que é onde parte de seus parentes mora. Disse que frequentava com certa regularidade na juventude. Da visita a Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Bom Retiro, localizada em Aldeia Velha, em Silva Jardim, ela relata que a única coisa que “*não tinha feito era*

acampar". Ela disse estar muito afastada de Silva Jardim e a RPPN a fez "*regressar a isso*", se referindo as atividades no espaço rural.

F. Gonçalves conta que a sua criação foi o principal fator de motivação que a estimulou a visitar a propriedade e realizar as atividades lá propostas a ela.

Eu acho que é por conta disso, por conta de família, é uma coisa que lembra muito a minha avó, ao meu avô quando eu conheci e isso me remete muito a ele. Uma questão familiar. Não sei, não sei explicar...

Por outro lado, tive o depoimento de turistas que foram criados em centros urbanos, porém com contato há alguns manejos rurais presentes no cotidiano rural. A exemplo, Z. Santos foi criada no ambiente urbano, mas o pai dela fazia enxertos de frutas em casa e tinha um terreno. Porém, ela só tinha esse tipo de contato, o que ela chamou de 'mini sítio' e disse que percebia poucas coisas que o pai fazia. Mesmo assim ela disse que o turismo rural foi o que a fez relembrar e repaginar suas memórias de infância com o pai e retomar um hábito mais saudável para a alimentação.

E por fim, dos turistas que nunca saíram do contexto urbano, a Sra. G. Borges, aposentada, se diz uma "carioca da gema", mas que gosta do silêncio. Ela se considerar uma pessoa "*bem urbana*", mas que não gosta de barulho; costuma visitar hotéis-fazenda e pousadas em áreas rurais, o que mais para frente classificarei como "gourmetizadas". Ela conta que a memória de relatos feitos pelos seus pais e avós cujas respectivas histórias de vida foram construídas no espaço rural, é tudo que ela tem do interior. Ela atribui inclusive seu imaginário a estas histórias, conforme está em suas palavras:

[...] É, aí eu não fico muito ruim não, em termos disso, [...] minha mãe foi criada no interior, nascida e criada. Meu pai também, meus avós tinham fazenda, quer dizer, pai e mãe sempre contam coisas de fazenda, as coisas boas e as coisas ruins. Quer dizer, isso aí cria, né, pelo menos eu desenho logo na minha mente alguma coisa, quer dizer, ver, que eu não vi... o ideal era eu ver, pra mim poder dizer: 'Não, mas a minha mãe não falava assim, minha mãe disse isso...'

Já a turista V. Mororó, pesquisadora de turismo, afirmou que não havia construído expectativas por conta de um trabalho acadêmico que estava realizando na ocasião. Segundo seu relato, a escolha do lugar era exatamente algo diferente do seu convívio pessoal e que, como parte de sua metodologia, ela não tinha se prendido a imaginários:

Na verdade, eu não imaginava muita coisa, assim, eu... eu já queria essa coisa de agricultura familiar, turismo e agricultura familiar, mas eu não tinha muita expectativa de como que as pessoas viviam, porque eu nunca tinha ido em um lugar em que tivesse um grupo de pessoas vivendo mesmo na agricultura familiar. Então, eu fiquei bem surpresa, assim, porque cheguei lá e era uma realidade muito diferente da minha. Coisas do tipo: não pegar internet, não pegar telefone [...] zero. Eu fui ao encontro do... do não familiar para mim, né?

Logicamente que o caso da turista V. Mororó é distinto dos demais, pelo fato de que ela estava realizando uma pesquisa universitária e por isso o processo de imaginário havia sido afetado por intervenção da atividade acadêmica em questão. Entretanto ela atribui essa falta de expectativa para as primeiras experiências com a rotina em agriculturas familiares ao fato dos seus pais serem do interior. O curioso é que alguns estranhamentos que ela relata (a serem apresentados mais a frente) estão relacionados a romantismos que ela mesmo assume ter construído. Esse fato me leva a crer que, no caso da V. Mororó, a falta de expectativa pode ser mais por causa do trabalho de pesquisa do que por influência da história de vida dos seus pais.

Ela conta que quando chegou na região de Lumiar, em Nova Friburgo, se deparou com diversos elementos distintos de seu cotidiano: “[...] *uma realidade bem diferente. Isso foi o que mais me marcou [...] a forma de convívio das pessoas, né? Eles têm os modos de vida bem, assim, ainda... não é tradicional, né, mas porque eles circulam pela cidade e tal, mas é um... uma forma diferente de viver*”. A entrevistada continua dizendo que desde as relações familiares, o jeito de tratar os que chegavam era “diferente”.

Os romantismos que ela disse ter criado estão relacionados às dinâmicas de convivência e trabalho, além de uma “*natureza romantizada*”. V. Mororó escolheu um “*lugar de turismo rural*” por questões acadêmicas relacionadas a sua pesquisa, mas, nos primeiros dias, ela foi com um “*olhar de turista*” intencional, buscando entrar em contato com esta romantização do rural e da natureza adaptada.

Eu tive que romper essa visão, perceber que tem outras coisas, né? Porque quando eu cheguei lá foi "Aí que lindo esse lugar, essas pessoas e essa forma de viver. Que delícia estar aqui". É uma delícia, como turista uma delícia. Você se sente acolhida, você... é muito diferente, entendeu? Porém, como pesquisadora, eu tive que ir além disso para ter acesso a outras... a entender aquela dinâmica de vida ali.”

Já para B. Teixeira, a ida ao “interior” e a vivência com o manejo de uma certa forma não geraram nele grandes expectativas por conta do seu contato direto com o espaço rural desde sua primeira infância.

Pra mim é impossível falar o que eu espero da... eu espero ver os bichos, aquele astral da... a simplicidade. A completude que a simplicidade do modo de vida tem pra mim é impressionante. Eu fico impressionado como que as pessoas conseguem achar paz com tempo disponível. Porque parece que ... essa coisa de mente vazia... eu acho que a galera lá tem muito tempo pra ter mente vazia e em geral é muito sereno e... isso é interessante.

Retomando a interpretação de Rodrigues (2003) e Graça (2003) quanto a ideia de imaginário construído pela atividade ou recreação a ser desenvolvida, Z. Santos disse que esperava algo mais contemplativo e que quando chegou lá teve uma experimentação desde plantio, colheita, preparo e, por fim, a alimentação. A interlocutora disse que sempre gostou das lidas no campo, mas nunca tinha tido a oportunidade de participar dessas atividades, que somente foram oportunizadas em sua visita ao Sítio Santa Isolina. Mesmo sendo conhecidos de maneira remota via televisão, os manejos que ela via no aparelho televisor e no sítio eram diferentes.

Quanto ao pensamento relacionado ao rústico e/ou atrasado, há o depoimento da guia de turismo, L. Dias. Sua história de vida trouxe indícios importantes. Ela é nascida e criada no município de Queimados, que pertence à região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Ela contou que Queimados atualmente não pode se considerar um município rural devido a algumas transformações urbanas sofridas nos últimos anos. Como já dito, esta conclusão empírica se dá pela percepção de aglomerações de casas, população e avanços tecnológicos que as cidades sofrem.

Ela diz que sua mãe é de Búzios e que chegou a ir na cidade quando ainda “*era roça mesmo, hoje em dia não*”, concluindo que teve alguma associação à espaços rurais na infância em Queimados e em Búzios, mas apenas na infância. “[...], mas de qualquer forma, eu sou mais cidade mesmo”. Ela disse que se casou, se mudou para o Rio de Janeiro e nunca mais teve contato com as rotinas de uma cidade de interior e que mesmo em Queimados nunca trabalhou no campo.

Na ocasião ela contou que esteve na região do Brejal, complexo de propriedades de agricultura familiar que tem o turismo como atividade secundária às de agropecuária. A experiência aconteceu em várias propriedades, porém, ela se debruça em algumas mais marcantes. L. Dias conta sobre uma propriedade antiga que foi restaurada e que é administrada pela terceira ou quarta geração. A visita ao Brejal já tinha acontecido havia alguns anos, quando não tinha energia elétrica e que hoje em dia pode-se ter “*um outro olhar da coisa*”.

Ela me relatou que, apesar de haver uma produção diferente de antigamente, essa fazenda especificamente deixa o local sem energia, por uma questão turística, para o visitante poder fazer uma “*comparação*” do antes e depois e perceber o rural, conforme na fala da interlocutora:

[...] pra pessoa ver lá a casa de sapê, tudo assim, o fogão de lenha [...] Eu achei isso legal, [...] nós almoçamos até nesse sítio, nós fomos almoçar no local onde é a energia, tudo né... Mas trazendo hortaliças de lá daquele local de onde era antigamente com fogão de lenha, lá perto com os animais tudo... então, quer dizer, eles deixaram o antes e o depois. É gostoso você ver essas duas realidades, né.

Este fenômeno da autenticidade encenada é muito semelhante ao que ocorreu na chamada Lei da Montanha na Áustria e na Suíça, onde os agricultores recebiam incentivos no governo local para não modernizarem sua mão de obra a fim de se manter a “tradicionalidade” encenada ao turista (RUSCHMANN, 2010).

Há também aqueles turistas que atribuem a mídia como um elemento de construção de seus imaginários. Elemento este que também não descarto para aqueles que disseram terem sido influenciados pela criação, “origem” familiar, dentre outros. O Ministério do Turismo (2007) estabelece que o turismo e os recursos audiovisuais possuem uma sinergia proveniente da exportação de cenários, valores culturais e históricos de vários lugares do mundo, através das telas de cinema, televisão, computadores, internet e mídias sociais. Estes dispositivos tendem a atrair turistas em curto, médio e longo prazo.

A exemplo deste fenômeno de influência midiática, há o relato da Sra. G. Borges. Ela contou que toda a informação de como era o “*ambiente rural*” foi fruto das histórias de seus pais e avós que “*desenharam*”, como ela diz, o seu imaginário. Ao ter a oportunidade de conhecer o espaço rural, foram lhe oportunizadas as viagens a hotéis-fazenda. Porém, a entrevistada conta que havia a parte do hotel, mas não havia a parte da fazenda e que, por isso, não foi possível “*fazer essa comparação*” do que ela assistira em um programa de televisão. Sua expectativa era o encontro com um rural imaginado a partir do que a emissora lhe apresentara: “*Aí fica aquela coisa, a minha realidade de uma fazenda, de uma vida rural, fica ligada na televisão, do que ela me mostra. O que me mostra no Globo Rural.*”

Assim como G. Borges, Z. Santos também recordou na entrevista que boa parte do rural que ela teve informação veio da televisão, além dos enxertos que seu pai fazia quando ela era criança, mas que nunca tinha feito qualquer trabalho relacionado

a agricultura ou algo do gênero. Ela diz que no Sítio Santa Isolina, todas as atividades propostas configuraram algo completamente novo. Por outro lado, mesmo algumas rotinas rurais sendo já conhecidas de maneira, ainda que remota via televisão, para ela os manejos que ela via no aparelho e no sítio eram diferentes. Pode-se perceber que ambas citaram uma certa comparação entre a programação televisiva e experiência vivenciada no espaço rural. Ainda que em sentidos opostos.

G. Borges diz que o rural “presenciado” pelo programa televisivo Globo Rural expõe a ela uma certa ruralidade que ela não pode presenciar no espaço rural visitado.

[...] Agora, sou apaixonada pelo Globo Rural. Agora não vejo mais porque eu “tô” aqui na Igreja nesse horário, mas antes, eu cheguei a ter assinatura. [...] Eu era fã, ‘nossa mãe’, apaixonada! Mas... (pausa) tem gente que: “Ah, eu não gosto do cheiro de vaca!”, eu gosto do cheiro, do cheirinho da vaca, cheirinho de bosta de vaca assim, não de ficar todo dia, mas quando você chega logo, gente, aquilo ali é delicioso!

Percebi que a televisão causou mais estranhamentos e associações ao imaginário da visitante do que as viagens que ela fez aos hotéis fazenda.

Gastal e Moesch (2007) afirmam que o estranhamento ocorre com o visitante, ao se “defrontar com o novo e com o inesperado” (2007, p.11), experimentando processos de uma “mobilização subjetiva” (2007, p.11) que o levaria a ressignificar e reavaliar “não só a situação, o ambiente, as práticas vivenciadas naquele momento e naquele lugar, mas muitas das suas experiências passadas” (2007, p.11).

Finalmente, sobre os estranhamentos relatados, foi possível perceber algumas similaridades entre os turistas entrevistados. Desde estranhamentos muito distantes de um rural conhecido até outros que não atribuíram nenhum tipo de estranhamento na experiência.

Do grupo dos que dizem ter tido um estranhamento significativo, destaca-se o relato de V. Mororó. Ela disse que este se deu mais pelo convívio interpessoal entre os locais e entre os visitantes. Logo após essa fala, fiz um comentário²¹ de que se remete muito a gentileza dos moradores do interior e ela me respondeu “*Sim, e aí isso me surpreendeu*”. Além do exposto, a entrevistada ressalta elementos relacionados a técnicas e dispositivos ligados à produção rural, como está em seu relato a seguir:

²¹ O comentário feito por mim em entrevista foi este: “A palavra que o pessoal fala muito é gentileza, né. Que gentileza vem do interior...”

Mas uma questão que sobressaiu e que sobressai, né, não só em mim, mas eu percebi isso nas pessoas que estavam comigo e um outro momento que eu fui com um grupão, assim, que foi passear no parque, é a questão do... do agrotóxico, né? Porque a galera usa o agroquímico. Não é... lá só tem um menino que produz orgânico. Então, para um lado tem aquela coisa assim: o produto fresquinho e tal. Mas por outro lado, tá muito perto ali da produção e aí a gente sabe que... a gente fica se questionando. A gente vê as pessoas fazendo uso, né, do... do... cuidando, né, da lavoura e isso implica [...] Eles passam os defensivos. [...] Lá eles plantam muitas hortaliças: brócolis, tomate...

Outra turista deste grupo que relata estranhamentos significativos é M. Pires. A experiência em que ela mais fez menção foi a do Espírito Santo, no município de Venda Nova do Imigrante, onde visitou uma região de propriedades cafeeiras. Apesar de ter sido criada na cidade de Mendes, dita como pertencente a região do café, todas as experiências geraram novidade para ela. Nesta propriedade, ela foi convidada a manusear a horta e visitar o cafezal, mas ficou “com medo de entrar no cafezal”, porque tinha “muita cobra”. Um trabalhador rural²² precisa estar preparado com as possibilidades de defrontar-se com animais silvestres, como cobras por exemplo, enquanto realiza seus afazeres ou quando exposto a atividades de rotinas rurais.

Lopes Ferras e Theodoro (2009) afirmam que a lavoura cafeeira abriga diversas espécies florísticas nativas que contribuem para o aumento do equilíbrio do sistema. Essa diversidade florística, por sua vez, possibilita o aumento da biodiversidade de animais e são verificados empiricamente pelos agricultores locais. Os autores listam as espécies de animais existentes em abundância, dentre elas répteis como cobras e lagartos. Por esse motivo interpreto este termo “roceira”, usado em sua fala na entrevista, quando mencionou sua história de vida, como um rótulo, já que ela diz ter medo de situações comuns e típicas no dia-a-dia de uma trabalhadora rural. Entendo que para ela o termo “roceira” está mais para um rótulo do que para uma trabalhadora rural.

Marcia detalhou sobre seu estranhamento relatando algumas outras experiências novas, voltadas ao manejo animal com aves de grande porte, como avestruzes e de pequeno porte, como galinhas. Ela dá detalhes da experiência e exalta a surpresa que sentiu baseado em alguns detalhes com relação a alimentação dos animais:

O avestruz comeu na minha mão. Eu não sabia que avestruz comia pedra, né, eu dei foi pedra pra ele comer, na verdade. Igual galinha, ele estava me explicando, que a galinha fica beliscando no chão pra ela pegar areia [...] que até o manejo da galinha na granja, eles botam areia junto pra elas ficarem beliscando. Grãos, que é pra ajudar na digestão. Aí ele estava me explicando

²² popularmente conhecido como “roceiro”

que aquela é uma pedra, claro que eles compram aquela pedra, bem pequenininha. [...] Parece uma britinha... é uma britinha, né, pequenininha, bem pequenininha e o avestruz veio – doidinho né – aí ele comeu na minha mão, o avestruz. E tinha ovos de avestruz, até pra vender e tal

Z. Santos chama de “*surpreendente*” as experiências vividas no Sítio Santa Isolina. Ela disse que se impressionou “*com a maneira que foi apresentada à terra*”, e que não tinha o costume de realizar plantios e colheitas. Em seu depoimento, destacou a aquisição de conhecimento sobre plantio de hortaliças para aplicar em sua casa. Seu estranhamento está pautado numa mentalidade de que uma horta pode ser feita em outros espaços que não o rural.

Eu sou completamente crua nessa questão [manejo rural] ..., mas eu vi a maneira, uma parte de hortaliça, como plantar, como você faz aquele... é, coloca numa caixinha, né, para poder fazer uma mudinha antes de plantar. Até porque, pra mim foi bastante útil porque na minha casa onde eu moro tem um terreno amplo. Mas eu vi também que eu posso ter hortaliça em pequenos blocos, né. Tipo aqueles verticais. Muito interessante, porque você passa a ter um certo conhecimento [...] você ver as pessoas mexendo na terra é uma coisa, você mexer é outra [...] é um prazer.

Já dentre os turistas que disseram que não houve estranhamento, destaca-se o discurso de Z. Moreira. A entrevistada ficou impressionada com a seriedade com os donos da propriedade quanto aos cuidados com a produção, criação de animais e consciência ambiental. Também disse que já desde criança foi educada quanto aos cuidados com a alimentação e que há muitos anos ela vinha evitando ao máximo o consumo de alimentos industrializados. Todavia, apesar de ter afirmado que não houve estranhamento em nenhuma das visitas ao sítio, ela lembra que a forma de como eles se utilizavam do manejo e alimentos orgânicos do Sítio Isolina a impressionou. Seu imaginário e expectativa estavam muito próximas do que ela iria encontrar.

Esse contato com a agricultura sem agrotóxico que eu tive foi na infância. Na infância e boa parte da adolescência. Que eu morei num sítio até os 10 anos e depois continuei tendo contato com meus avós que continuaram no interior e eu vi que eles não precisavam fazer nenhum uso de agrotóxicos. E que eles vivem bem. A qualidade de vida era boa, os alimentos eram bons.

Com certa similaridade ao caso relatado a cima, a entrevistada F. Gonçalves não aponta nenhum estranhamento com a localidade ou espaço rural em si. O que lhe causou estranheza foi o manejo rural feito com o intuito de se realizar agricultura em harmonia com a natureza e o estímulo do reflorestamento de áreas antes degradadas por lavouras de café e cana-de-açúcar do passado.

Nada de diferente! Mas [...] minha experiência no Luiz Nelson foi até um pouco maior. Porque apesar de não ter feito muita coisa lá, o local, a questão de fazer o reflorestamento, do que ele tava mostrando pra gente na trilha, isso tudo abriu um pouquinho a minha mente em relação até a como lidar com isso na família.

A relação do manejo rural na RPPN Bom Retiro está ligada ao reflorestamento e ao plantio de hortaliças e sementes para consumo próprio dos proprietários da fazenda. A execução das práticas rurais nesta propriedade se desconecta de uma agricultura convencional, estando mais relacionada ao uso da terra em harmonia com a conservação do meio ambiente e a restauração de parte da mata atlântica que compreende a localidade onde a fazenda está situada.

Ela relata o contraste com as práticas de caças predatórias e ilegais dos seus primos de Silva Jardim. Ela percebeu a importância da RPPN para a conservação do meio ambiente da localidade:

Porque eu tenho primos que moram em Silva Jardim que até semana passada a gente conversando, aí uma prima falou assim: 'Não, mas eles vão pra caçar'. Aí eu: 'Opa! Espera aí, mas... A questão de reflorestamento, de guardar tudo aquilo ali', sabe? Como uma propriedade particular, a preservação daquilo. Essa ida ao Luiz Nelson me ajudou muito nisso, a abrir meus olhos pra essas coisas bobas que a gente faz lá na roça, né? E que a gente acaba ajudando e contribuindo pra destruir aquilo.

Percebi que o fator em consonância nos depoimentos dos turistas que não afirmam ter grandes estranhamentos, como no caso de B. Teixeira, Sra. Z. Moreira e F. Gonçalves, é o fato de terem histórias de vida mais construídas no espaço rural. Quanto mais relacionados com o espaço rural diziam ser os entrevistados, menos estranhamentos foram apontados por eles.

O caso da entrevistada G. Borges é diferente de todos os demais. Como já mencionado sobre sua relação com o rural através da televisão, percebi uma certa decepção no que se refere à expectativa. Ocasionalmente algo como um estranhamento inverso, se for possível. A entrevistada não encontra o interior que ela vê nos programas de televisão nos empreendimentos hoteleiros rurais visitados, devido a quantidade de aspectos de urbanidade ali existentes. Este fato corrobora com o conceito de espaços periurbanos de Rodrigues (2003), citado anteriormente.

2.2 PROCESSO DE ESCOLHA E MOTIVAÇÃO DOS VIAJANTES

Além das complexidades de se compreender as relações intrínsecas entre o indivíduo e seu consumo, diversos autores apontam a existência de fatores externos

que funcionam como motivadores ou influenciadores nas formas de consumo. Os processos pelos quais os indivíduos passam na escolha de produtos e serviços são imprevisíveis, irracionais, na maioria das vezes realizadas por impulso (KOTLER E BARROS, 1995; KOTLER E ARMSTRONG, 1998; KOTLER, 2005; KAHNEMANN, 2012; BENI, 2007; LEÃO, 2015; HIRATA E BRAGA, 2017). Esses fatores acabam por tornar ainda mais complexa esta área de estudo.

Não é nosso foco levantar uma discussão quanto a hábitos e comportamentos de consumo. Qualquer afirmação contundente sobre causa e efeito quanto aos imaginários e escolhas a serem expostas seriam levianas e superficiais. Contudo, é necessária a observação quanto às escolhas e como elas foram construídas para se entender o contexto em que a experiência turística no espaço rural acontece e a relação disso com a possibilidade de mudança de hábitos, no retorno ao cotidiano urbano.

No caso do turismo rural, diversos autores apontam que a busca do turismo em ambiente rural se dá por uma tentativa de buscar ‘origens’ ou elementos que lembrem o passado, como cheiros, gostos, aromas. Além do romantismo que é típico do ambiente rural e de quem o consome (RODRIGUES, 2006; SALLES, 2006; EMBRATUR, 2010, ALMEIDA, 2000).

Nos depoimentos colhidos, foi possível notar que havia aqueles que saíram de seus locais de “origem” com a intenção de participar das atividades inerentes a rotina rural. Outros apenas tiveram a oportunidade de fazê-lo no destino final sem que houvesse uma programação prévia. Estes podem ser divididos em dois subgrupos: os que participaram das labutas rurais na propriedade que compreendia o destino final de seus roteiros e aqueles que escolheram participar de manejos em outras propriedades por indicação de terceiros.

A entrevistada M. Pires, por exemplo, não atribuiu sua escolha às suas “origens”. A oportunidade de participar do manejo se deu pela indicação de funcionários da pousada. O critério de escolha, segundo ela, tem a ver com a busca de contato com a natureza.

Não, não... a minha escolha, a nossa escolha mesmo foi o Pico da Bandeira que é um lugar, assim, conhecido, né, e um lugar rural que tem cachoeiras, né, e um lugar calmo e sossegado pra gente poder descansar e visitar e conhecer, né, a região. A gente gosta de conhecer a região, de conhecer a história da região, né, e lá nós conhecemos o cafezal Ninho das Águias, foi uma indicação do local pra gente conhecer e visitar, né. Foi indicação do pessoal da pousada, né [...] a escolha do Ninho das águias foi por um acaso.

E completa:

a gente viaja muito, assim, pra lugares que tem cachoeira. Mas não... nós viajamos muito, muito, pra lugares que, pra ruralidade, a gente até vai pra ruralidade, mas não com o foco... de repente sem querer a gente vai pra um foco da ruralidade, mas, é... a gente gosta de lugares assim, rústico, de lugares que... estrada de chão mesmo, entendeu? [...] A gente gosta de viajar, mas não tinha esse foco de ficar vendo bicho, de ficar manejando horta

Como pode-se notar, o elemento de escolha da turista M. Pires não era especificamente a experiência do manejo.

Muito parecido com o que ocorreu à turista C. Dantas. Ela conta que normalmente tem mais interesse em desfrutar o entorno, mas que esporadicamente surgem as oportunidades para as práticas de manejos animal e vegetal. Segundo ela, a escolha se deu por gosto, por inclinação. Essa resposta foi encontrada em todas as entrevistas. Quando questionada sobre o porquê de se realizar e repetir as visitas a propriedades rurais, ela respondeu:

Porque eu gosto. Gosto mesmo. Eu gosto do ambiente de fazenda. E assim, no meu trabalho eu estou trabalhando, então eu não consigo vivenciar o que o hóspede vivencia como turista, então quando eu saio, que eu vou pra um lugar desses eu vou primeiro porque eu gosto e segundo porque eu quero de fato ser turista e desfrutar daquilo. E aí no caso eu não estou nem falando de desfrutar, por exemplo, dos animais. Porque isso eu posso desfrutar no local que eu trabalho. Eu quero desfrutar o ambiente, desfrutar de estar no lugar que eu possa ficar na rede, ou de um lugar que eu possa ir na cachoeira, ou de um lugar que tenha pessoas que vão fazer, por exemplo, e aí eu vou, "ah, a gente vai fazer a caminhada pra conhecer o sítio do Zé Fulaninho que tem o bichinho tal" e aí eu vou porque eu gosto. Claro que, assim, meu olhar acaba sendo um pouco diferenciado do olhar de um hóspede comum, mas eu tento, normalmente, quando eu estou nesses lugares me desligar do meu trabalho e tentar ficar como turista mesmo, relaxar como hóspede

A palavra “relaxar” aqui parece imprimir a maneira como ela enxerga a ida a lazer para a fazenda. A busca por lazer, em seu discurso, parece não está claramente associada à participação no manejo rural e que, de certa forma, faz parte de determinada rotina de onde ela trabalha.

Entre os entrevistados, houve também aqueles que tiveram a oportunidade de participar da rotina rural no nas propriedades localizadas no destino final. Um deles foi o turista J. Silva, fotógrafo, que estava em seus planos acompanhar manejos relacionados ao plantio, desenvolvimento e colheita de bananas, conforme relata a seguir:

É, na verdade eu queria conhecer. Porque assim, meu interesse é na fotografia, por assim, quando mais você fotografa... quer dizer, eu posso hoje, se eu quiser, fazer uma exposição só de plantação de banana. [...] Porque eu sou apaixonado por visitar área rural, visitar a natureza, entrar em contato com a natureza, tá me entendendo? Então, assim, pra mim, conhecer qualquer coisa nova na natureza pra mim é maravilhoso. [...] Por exemplo, se eu vou em uma cachoeira e vejo uma aranha, eu fotografo. Você tá entendendo o que eu estou querendo dizer? É um interesse nesse sentido. [...] Olha, eu imaginava... que eu ia fotografar, mas que eu não ia andar tanto. Porque você anda à beça,

porque a produção é muito grande. Aí você vê onde está a banana, a banana pequenininha, e um espaço sem nada, sendo preparado pro plantio da banana e tem outros que a banana já está um pouquinho maior e tem outros que a banana já está enorme.

Outro caso neste aspecto é o do entrevistado V. Vargas. Ele diz que a razão pela qual escolheu o agroturismo enquanto atividade de lazer estava relacionada ao contato com a natureza, pois queria aliviar a “adrenalina” do dia-a-dia, somado também a uma vivência de infância: atrás de paz, “em contato com a comunidade” e longe da zona urbana. Disse que não esperava fazer tanta coisa e que começou a gostar de tudo que estava fazendo, por ser tudo “in natura”. Ali mesmo se planta, colhe e consome.

Na verdade, eu queria ter basicamente um maior contato com a natureza. Pra eu ter esse momento de reflexão e eu precisava mesmo tirar a adrenalina dessa vida urbana – pra lá e pra cá. Eu fui gostando mais de paz, que tivesse mais contato com comunidades e um pouco longe da zona urbana. Mas eu não contava também que ia fazer tanta coisa. Porque eu começava a gostar do que eu tava fazendo, de participar daquela vida ‘in natura’. Você planta ali, colhe ali e ali mesmo você consome.

A percepção de alívio de estresse está presente realmente entre os visitantes do campo, algo corroborado por autores como Rodrigues (2003), Ruschmann (2010), Marques (2002), Marinho e Bruhns (2003), dentre outros. Por outro lado, a visão do visitante, principalmente proveniente dos grandes centros urbanos, de que não há rotina e sempre há algo diferente a fazer e aprender no espaço rural se configura em uma evidência de que os paradigmas foram quebrados. O desejo de fuga talvez seja o principal estopim para a construção de uma mesmice imaginada pelos que vivem na cidade.

E quanto àqueles que foram com a clara intenção de participar das atividades inerentes a rotina rural, tem-se o caso da N. Silva. Ela já tinha visitado vários hotéis-fazenda, porém desta vez seu irmão a tinha convidado para uma ‘experiência diferente’. A entrevistada não teve participação na escolha da atividade; a viagem foi pensada em sua participação no manejo rural, conforme está em suas palavras.

O meu foi um convite do meu irmão, que ele todo ano ele procura coisas desse tipo para fazer e eu nunca tinha ido. Ele sempre que me convidava e eu não tinha data. E fui para conhecer mesmo. Foi a convite dele. [...] assim, eu nunca tive... como é que eu posso falar? Não é vontade, mas prioridade de colocar isso, talvez por... porque eu não vejo não... não... não me tem nada que me chame a atenção de lembrar quando eu entro de férias. Essa não é a primeira coisa que vem na minha cabeça. Mas, depois desse convite dele, me deu vontade de fazer mais. Aí eu comecei a pesquisar. [...] Em Lumiar a gente ficou... não era chalé, eram quartos simples e quando a gente chegou lá a dona da casa que recebeu a gente. Mostrou que ali tinha horta, que ali tinha os

animais, falou que tudo que eles comiam, eles... eles consumiam ali, eram coisas que eles mesmos cuidavam.... Tinha gente que morava próximo que ia lá comprar uma coisa deles também. Mas, assim, é tudo de pequena escala. Nada grande escala não. É bem pequenininho mesmo. É uma graça, assim. Tinha cavalo, tinha vaca, galinha, porco, eu acho que tinha pato, mas eu lembro mais de muita galinha.

Já o caso da Sra. Z. Moreira está mais próximo às afirmações de Rodrigues (2006), Salles (2006), e Almeida (2000). Sua motivação pelo agroturismo veio pelo fato de sair de casa e sair do seu ambiente para visitar o campo. Não só pelo trabalho na agricultura, mas por estar de novo com as origens, com a terra, o marco da infância, com a floresta. Ela disse que renova e que é terapêutico. Aqui percebe-se que mesmo com o convívio na infância, que permeia sua identidade social e cultural, a busca por esses lugares fortalece e reafirma a identidade dela enquanto indivíduo que se enxerga neste meio e que desenvolve uma necessidade de se expor frequentemente a estes ambientes.

A entrevistada aponta que o agroturismo pode fazer com que tanto as pessoas do campo como as pessoas da cidade podem questionar e mudar a maneira de como se alimentam e melhoram o processo de escolha pelos alimentos. De acordo com suas palavras, a modalidade do turismo na agricultura familiar pode inclusive melhorar o acesso a informação de uma alimentação adequada e com qualidade, que muitas pessoas do campo não têm:

Acho que é uma questão de hábito mesmo, de disciplina. De não ser disciplinada..., mas quem sabe, né? Bom seria se Sítios como o Santa Isolina pipocassem por esse país, porque é tudo que a gente precisa. Esse país é gigante! O que tem de terras por aí... terras devolutas, terras que são mal aproveitadas. É lamentável que a gente ainda ouça falar de fome num país gigante desse [...]

Ao se referir a possibilidade de como o agroturismo pode auxiliar nessas questões relacionadas à alimentação em Rio das Ostras e Cachoeira de Macacu, onde possui residências, Z. Moreira completa:

E lá a gente tem dificuldade de comprar verduras a não ser que seja comprada aqui e os caminhões façam a entrega lá. Então eu acredito que as pessoas até tenham os quintais. Conheço poucos quintais e eu percebo que eles não investem muito nisso. Eles ficam sem alimento, eles tentam comprar quando vão na cidade, eles levam ou não, porque cada um tem seus hábitos. Mas assim de incentivar, ir em escola, para cada um ter sua própria produção e ter isso como parte da merenda. Incentivar isso, fazer rede de troca. Sabe? Ou de vender mais baratinho pro turista e investir no próprio local. Existem algumas demandas, entendeu? De... é... pracinha né? Que não investem...

Para a entrevistada, a grande oferta e o alto consumo das pessoas de produtos transformados são atribuídos à busca de lucro das empresas que os fabricam e ao capitalismo desenfreado; além disso, as pessoas não compram somente por praticidade nem muito menos pela busca de alimentação saudável. Em sua visão, o sucesso desses produtos industrializados está relacionado exclusivamente às questões de publicidade e *marketing*.

2.3 ROTINA “GOURMET” X ROTINA “RAIZ”

Existem diversas possibilidades e potencialidades de atividades e negócios voltados ao turismo que podem ser ofertados no espaço rural. Pires (2003) afirma que além dos elementos naturais, o espaço rural estimula uma atração por causa da sua paisagem ser mais humanizada do que a natureza intocada. Esta humanização da natureza no espaço rural se dá por práticas como atividades agropastoris e de outros aspectos de ocupação do espaço que estampam uma herança cultural de seus protagonistas.

Para Pires (2003), a paisagem rural pode ser dividida em duas subtipologias básicas: a paisagem campestre e a paisagem cultivada. A paisagem campestre é identificada pelo autor como aquela aberta com topografia predominantemente plana e extensa (campos) e que são ocupadas por vegetação gramínea e normalmente utilizadas como pastagem natural. Há também agrupamentos de vegetações, chamados capões, ou harmonizados a mata natural dispersos ao longo da hidrografia da propriedade. As modificações feitas pelo ser humano ficam distribuídas de maneira espaçada no terreno, que na paisagem campestre, normalmente é pouco acidentado, sem barreiras visuais, com visualização ampla e um com um monótono uso do solo.

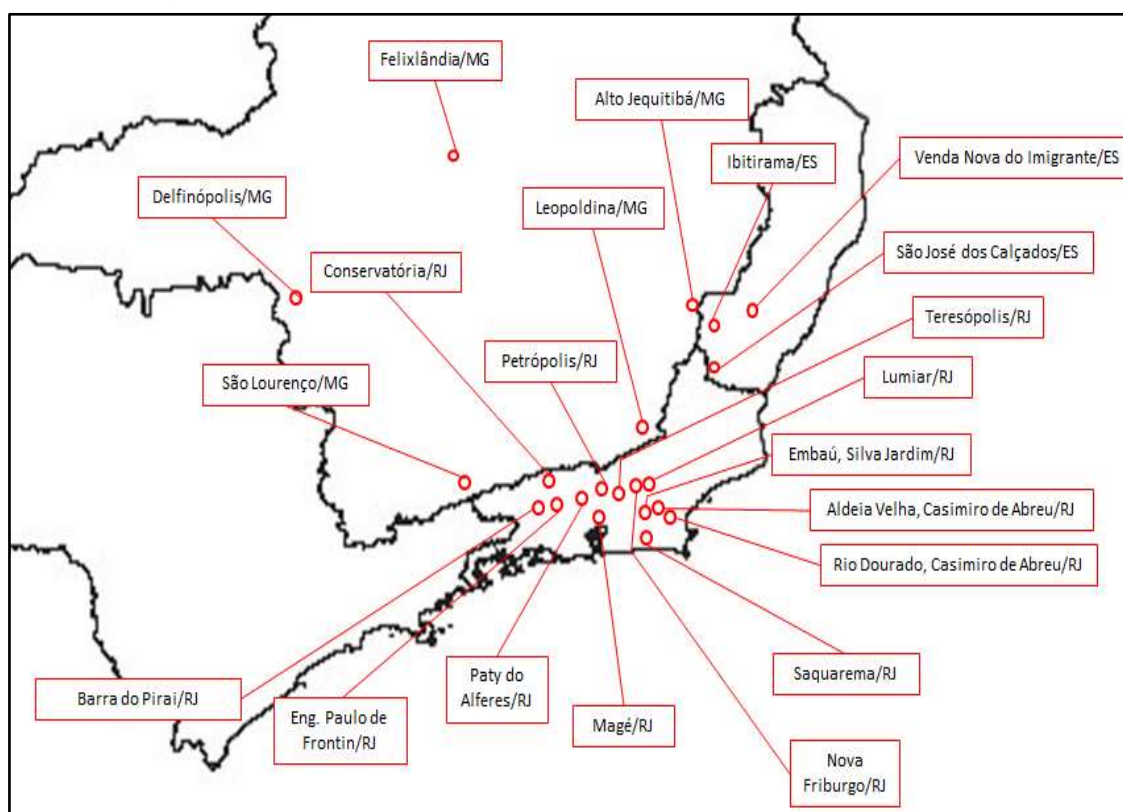
Já a paisagem cultivada pode ser identificada tanto em espaços abertos e de topografia plana como em terrenos acidentados e irregulares como vales e encostas, que possuem extensões e formações variadas. Além disso, a atividade agrícola do solo é típica nesta paisagem, tanto na forma tradicional diversificada como a de agricultura moderna intensiva, geralmente de monocultura (PIRES, 2003).

A partir destas paisagens é que são estabelecidos os diferentes tipos de empreendimentos que dão forma e conteúdo às atividades turísticas nesses espaços. Nelas são dispostas pousadas rurais, estâncias, hotéis-fazenda, fazendas-hotéis, *eco resorts*, serviços de gastronomia típica, espaços de eventos, espaços culturais e

operadores de passeios e visitas, dentre outros. Em cada um dos empreendimentos tem-se um ou mais tipos de propostas de experiências, desde aquelas mais preparadas e planejadas até aquelas que se dispõem a envolver o hóspede em algo mais próximo do seu dia-a-dia, cuja concepção é baseada em uma tentativa de apresentar ao visitante uma agricultura que pareça menos tocada ou menos alterada. Esta diversidade de propriedades também foi percebida na coleta dos dados por meio das entrevistas aos turistas.

Os turistas relataram experiências em diferentes localidades, e como não é o objetivo deste trabalho, não me aterei a separá-las em um ou outro tipo de paisagem.

Figura 4 – Mapa das localidades citadas pelos entrevistados.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Num primeiro momento separei, pelos depoimentos dos turistas, as experiências descritas em dois grupos. O grupo das experiências construídas a partir de um contato mais próximo a uma rotina de labuta rural, quando a atividade primária das propriedades rurais é a própria agricultura e pecuária, e o manejo rural, tanto animal quanto vegetal, já faz parte da propriedade desde muito antes do início da atividade turística. Nestes casos, é possível que o manejo ofertado não tenha sido

pensado, pelo menos prioritariamente, no visitante. E o grupo das experiências construídas a partir de tarefas programadas e pensadas previamente, quando a rotina de labuta rural não é a atividade primária da propriedade visitada. Neste grupo as atividades de manejos animal e vegetal são pensadas e planejadas prioritariamente ou exclusivamente para o visitante.

Nos dias atuais, popularmente, é dado ao nome de “raiz” aos elementos que sofreram menos alterações daquilo que permeia o imaginário e a ideia de ‘tradição’ ou de ‘originalidade’; já a palavra ‘gourmet’²³ tem sido compreendida como algo que passou por um processo de sofisticação e de exclusividade, intencionalmente com o intuito de diferenciar o que é preparado de modo tradicional- quando um produto ou serviço é concebido com a ideia de requinte (PALMIERI JUNIOR, 2017). Ao primeiro grupo chamamos de ‘rotina raiz’ e ao segundo de ‘rotina gourmet’. Dos 15 entrevistados, 9 citaram experiências mais voltadas à rotina raiz e 6 citaram vivências mais voltadas à rotina ‘gourmetizada’.

M. Pires descreve a viagem que fez para o Alto Jequitibá, numa sub-região municipal conhecida como Cachoeira das Andorinhas, no Estado de Minas Gerais, e para o município de Venda Nova do Imigrante no Alto Caparaó, região serrana do Estado do Espírito Santo. Na ocasião ela detalhou as localidades visitadas. Na cachoeira das Andorinhas ela cita o consumo maior da natureza em si. No Ninho das Águias, na serra capixaba, ela comenta sobre o consumo e participação da cultura agrícola do café:

E no Ninho das Águias, foi legal por você conhecer realmente como é feito o manejo do café. Porque você pensa outras coisas, né. Que nem ele estava falando que o café que a gente toma, que a gente compra no mercado, não desfazendo, né, mas é... são cafés que, a maioria deles são, o manejo deles é feito no chão e que antigamente, principalmente antigamente, até galinha passava em cima. Passava carro, passava boi, passava cachorro. [...] No terreiro, é. No terreiro, né. E café era seco de qualquer forma e muito café ele é torrado com milho, pra poder render, né. [...], mas lá todo mundo que tem um pedacinho de terra planta café, né. É o manejo do café mesmo. [...] a cidade ela vive uma rotina em função do café.

No depoimento de V. Mororó percebe-se que o turista é convidado inclusive a ter contato com as rotinas diárias da família que os recebe. Ela também salienta o

²³ A palavra gourmet no dicionário francês significa “pessoa que aprecia o refinamento em matéria de comida e bebida, gastrônomo”.

consumo da paisagem natural, em paralelo à paisagem rural. Além disso ela deixa claro o conflito de refuncionalização do espaço rural em favor do turismo:

É uma região que não é só atrativa pela agricultura familiar, ou pelo turismo rural. Uma região de montanha, né, então não só o turismo rural é atraente lá, a paisagem também. [...] Eles estão tentando de alguma forma fazer coisas para o turismo. [...] Ele leva o pessoal que dorme na pousada para ir conhecer a propriedade da família dele. Então a gente foi, por exemplo, é... um dia acordamos cinco horas da manhã para ir lá ver como que era tirar o leite da vaca lá na... no sítio do Zezé, que é o tio dele. Então a gente foi lá. Aí um outro dia a gente foi, o Zezé estava debulhando feijão. Mostrando para a gente como é debulhar o feijão. é... mostrou, também, para a gente... enfim a lavoura, o que é que ele planta, é..., mas não só por isso que a gente foi lá. É que esse... essa casa, onde tem a agricultura e tudo, tem um poço de rio.

Quanto ao turista V. Vargas, ele nos relatou que as atividades que ele participou não foram programadas dentro de um roteiro meramente turístico, mas dentro das necessidades do dia, ou da roça propriamente. Conta também que na região ainda se estabelece uma relação comunitária de escambo entre os moradores. Entretanto, tudo que é produzido na roça é para uso da família, para abastecimento das festas locais que são realizadas e, vez ou outra, para ser comercializado na feira local.

Das diversas produções ele listou as raízes, como batata, mandioca e inhame, trabalhando também com hortas, pomares e pequenas lavouras com leguminosas e grãos. Quanto as criações, ele manejou galinhas variadas e os principais animais da propriedade, os porcos. Segundo V. Vargas, não tem como acordar ‘mal-humorado’, porque as coisas para fazer no sítio são muitas.

Logo de início os grupos foram divididos e cada um foi fazer uma atividade. Ele conta que neste momento foi convidado a fazer leiras, que são formadas por compostagens e palhas juntamente com a atividade de “rasgar” a terra, no intuito de irrigá-la com água da chuva e prepará-la para receber sementes. É considerada também a elevação de terra formada entre dois sulcos (PRIBERAM, 2018).

E a gente começou a dividir o que as meninas iam fazer e o que os meninos iam fazer. E daí veio o Luiz ‘V. eu vou lá na roça pra pegar aipim, que ir comigo? Pode ir?’ e eu disse ‘posso’. E aí fomos pra roça com o Luiz. Quando eu cheguei na roça, que fica a uns 200 metros, aí o Luiz começou a tirar o que ele achou de aipim e começou a fazer as leiras e comecei a ter ciência de como se faziam as leiras. Porque faz uns montes assim, jogando a água pra que a água possa irrigar mesmo, ou até com a água natural da chuva”.

Figura 5 – Formas comuns de execução de leiras

Leira com máquina



Fonte: Imagem Google

Leira manual



Fonte: Imagem Google

É uma atividade que exige o uso de ferramentas como enxadas, enxadecos, capineiras, escavadeiras e pás, podendo ser considerada um manejo pesado. O entrevistado usou todas essas ferramentas, exceto a escavadeira manual. Ele aprendeu como foi feito o açude e como o proprietário do sítio realizou o aproveitamento da água de maneira corrente. Inclusive como que um açude alimentava os açudes de outras propriedades vizinhas sem comprometer o abastecimento da comunidade local.

O entrevistado também ajudou na parte de recolhimento de restos das folhas de aipim e de outras plantas para fazer as compostagens e colheita de alimentos para os porcos. Na volta dele da roça ele percebeu que o outro grupo estava aprendendo como eram realizados desde a criação, o amadurecimento e o abate de galinhas e o preparo das comidas.

Vitor relata que um dos dias ele chegou a participar do abate de galinha e aprendeu novas formas do abate de frango. Além do abate, participou junto com o grupo do preparo do frango. Além de tudo isso, auxiliou no abate e no preparo de um porco, que posteriormente foi servido na festividade e nas refeições que se seguiram. Percebeu que todo o porco foi aproveitado.

O entrevistado disse que usou como ferramentas a foice, a enxada, o enxadão, o ancinho e a adaga de abate. Das ferramentas, a adaga de abate foi a novidade e dentre os manejos com a terra, as colheitas, a leira e alguns plantios também foram novidade. Além destas lidas, suinocultura também não era conhecida.

A turista N. Silva também contou que teve uma experiência com algo que ela não atribui como ‘comercial’, termo usado por ela. E pelo seu depoimento me dá a crer que era uma agricultura familiar em Lumiar (RJ) que recebe turistas para a prática do agroturismo.

Lá não... acho que não era nada tão comercial. [...] Lumiar a gente ficou... não era chalé, eram quartos simples e quando a gente chegou lá a dona da casa que recebeu a gente. Mostrou que ali tinha horta, que ali tinha os animais, falou que tudo que eles comiam, eles... eles consumiam ali, eram coisas que eles mesmos cuidavam.... Tinha gente que morava próximo que ia lá comprar uma coisa deles também. Mas, assim, é tudo de pequena escala. Nada grande escala não. É bem pequenininho mesmo. É uma graça, assim. [...] eu vi... tinha cavalo, tinha vaca, galinha, porco, tinha... Eu acho que tinha pato, mas eu não... Eu lembro mais de muita galinha.

O professor B. Teixeira apresentou a maneira como teve seu contato com o espaço rural através de um discurso de imersão, bem próximo ao depoimento do turista V. Vargas. Ele relata a visita a agricultores familiares, como, por exemplo, nos arredores do município de Alegre (ES). Ele começa por uma diferenciação dos tipos de viagens que já fez, construindo uma divisão entre as ‘convencionais’ (termo adotado por ele) e as rurais:

Eu acho que essas viagens do turismo convencional que você estava falando aí... são... muito artificiais, cara. Muito artificiais. É tudo baseado em um... uma encenação de uma realidade, né. [...] No campo é outra coisa. Eles não estão te esperando, não estão esperando ninguém. Ninguém entende como é... é curioso porque as pessoas acham que não tem nada pra ser visto lá, né. [...] parece que a pessoa se sente agradecida por estar sendo visitada e valorizada assim, porque ela não estava esperando de jeito nenhum que alguém se interessasse por aquilo que ela vive lá no dia a dia né.

Quanto ao que B. Teixeira diz sobre o agricultor local não entender o interesse do turista no que se busca, ou que para o local parece que ‘não tem nada para ser visto’, Urry (1996) explica que o olhar do visitante é construído em relação ao oposto de quem o recebe. Ele atribui inclusive formas “não-turísticas de experiência e de consciência social” (p.16), ou seja, o olhar do turista depende do oposto, do estranho e isto o local, mediante o argumento de B. Teixeira, não consegue enxergar a priori.

Esse olhar pressupõe, portanto, um sistema de atividades e signos sociais que localizam determinadas práticas turísticas, não em termos de algumas características intrínsecas, mas através dos contrastes implicados com práticas sociais não-turísticas, sobretudo naquelas baseadas no lar e no trabalho remunerado (URRY, 1996, p.16).

A. Silva também foi outro turista que experimentou de manejos rurais direto com agricultura familiar e que tem o costume de repetir essa atividade uma vez por ano, nos últimos 4 anos, como já relatado. Ele conta, inclusive, que utilizou

ferramentas e teve contato com o manejo de animais, além de acompanhar o manejo do eucalipto e a fabricação de carvão vegetal a partir da árvore:

Lá na região tem bastante, e dessas obviamente eu nunca botei a mão, mas eu já vi a forma como eles colhem, a forma como eles lidam com o solo, então, eles plantam, não plantam todo solo de uma vez ele deixam o solo descansar que é o recomendável e tal. [...] Alimentação, visualização do status geral do animal, se tem alguma ferida se não tem. [...] Bom, tesoura pra colheita de fruto, pode ser considerado sim. É, por exemplo, jabuticaba que tem bastante lá plantação, a gente usa, às vezes, um alicate ou uma tesoura pra colher alguns frutos mais altos, esse tipo de coisa.

Dos turistas que tiveram experiências com manejos mais planejados e preparados para a atividade turística, as quais chamamos de rotinas ‘gourmetizadas’, posso citar o caso da Sra. L. Dias. A visita se deu em um polo de turismo rural chamado Brejal, próximo a Petrópolis, na Serra Fluminense. Na ocasião ela foi a um sítio, de uma das famílias agrícolas, mas que tudo tinha sido “mantido” para a visita turística. Inclusive a rusticidade dos manejos.

Olha, é uma coisa assim que principalmente numa dessas que eu fui, que é nessa do sítio, ali é uma propriedade antiga que eles resgataram, né. Já é a terceira ou quarta geração que já estão lá na frente do processo. É, mas assim, é eu já fui antes de ter, né, uma energia elétrica. Hoje em dia você já vai, já tem um outro olhar da coisa. A produção deles já são diferentes, mas nesse sítio eles conseguem deixar aquele local sem energia pra poder a pessoa, até a pra questão turística, pra pessoa ver lá a casa de sapê, tudo assim, o fogão de lenha.

Outro caso foi o de G. Borges. Como já relatado, ela sempre viaja em grupos programados com uma agência, com o grupo dos Correios e com sua irmã. As viagens sempre são feitas para hotéis-fazenda e pousadas rurais. As experiências sempre são baseadas em recreações e atividades como forma de lazer que são menos ativas e mais contemplativas.

É um Hotel Fazenda! [...] O que tinha... tem uma atividade para os hóspedes, você tem um... inclusive eles fazem até um quadro de atividades, principalmente pra quem leva criança, né, e adolescente, tem muita coisa, passear de cavalinho, depois tem um trenzinho, coisa assim [...] E não vi plantando nada! [...] Eu não vejo isso nas fazendas que eu fui... não vejo. Lá teve o pesque e pague, né, numa outra que nós fomos, que também pertence a mim, a mesma coisa, tu podia pescar e comer aquele peixinho...

A turista C. Dantas também somente visitou hotéis-fazenda, embora sempre tente sair do roteiro programado pelas propriedades que visita. A entrevistada conta que em Araras participou da trilha ao parque natural e à cachoeira. Em Conservatória, ela visitou um hotel fazenda, onde teve acesso a horta local, aos animais de fazenda, entretanto de forma reduzida, porque na propriedade essas atividades são planejadas

para crianças. C. Dantas conta que as brincadeiras propostas no hotel-fazenda em Conservatória a fizeram lembrar do tempo em que brincava na fazenda de sua avó. Dentre as rotinas rurais ofertadas estavam a lida com os animais, ordenha e manejos de horta.

Por último, apresento a turista T. Lopes que coleciona experiências em quatro hotéis-fazenda no interior do Estado do Rio de Janeiro. Todas muito parecidas com os casos relatados acima relacionados às rotinas “gourmetizadas”, conforme seu relato:

[...] Le Canton eu lembro, assim, porque ele é um... a fazenda deles é menor. Então, na fazendinha tinha coelho, cabrito... tinha... tem lagos, então, conseqüentemente, tem bastante patinho passeando. é... cavalo, normal. Engraçado na... quando... eu não vi boi, vaca, usualmente sempre tem, mas eu não vi. E porco. Só. Le Canton. Barra do Piraí eu vi mais animais de bastante galinha, vi peru, pato, coelho, boi, cavalo, cabritinho. Foram esses que eu me lembro. E o Vilarejo e o Acalanto também as mesmas... mesmos animais, mas em maior quantidade por eles serem. Maior. Bastante boi, vaca, né? Tinha cabrito... todos esses animais iguaizinhos, porém em uma... uma quantidade maior. [...] essa questão de horta, plantio, eles têm essa programação, sim, eles têm, mas, normalmente está incluso na recreação das crianças, normal... os adultos eles fazem uma outra...

Estas atividades mais lúdicas, focadas no público infantil, acontecem em muitas propriedades que não fazem uso da agropecuária como atividade econômica primária, mas estão no espaço rural, principalmente pelo fato de que os adultos ganham tempo sem as responsabilidades sobre suas crianças, ao mesmo tempo em que estas recebem alguma educação rural e, por vezes, ambiental. Com isso, os responsáveis pelas crianças resolvem dois problemas: prover a carência de aspectos de ruralidades carentes nos centros urbanos e conseguir desfrutar de momentos de lazer e diversão com seus respectivos cônjuges e amigos que na rotina cotidiana talvez não seria possível. Esta concepção de recreação está bem próxima da ideia dos resorts urbanos e/ou em faixas litorâneas.

2.4 FORMAS DE PRODUÇÃO: TEMÁTICAS, DIDÁTICO- PEDAGÓGICAS, PARTICIPAÇÃO ESPONTÂNEA.

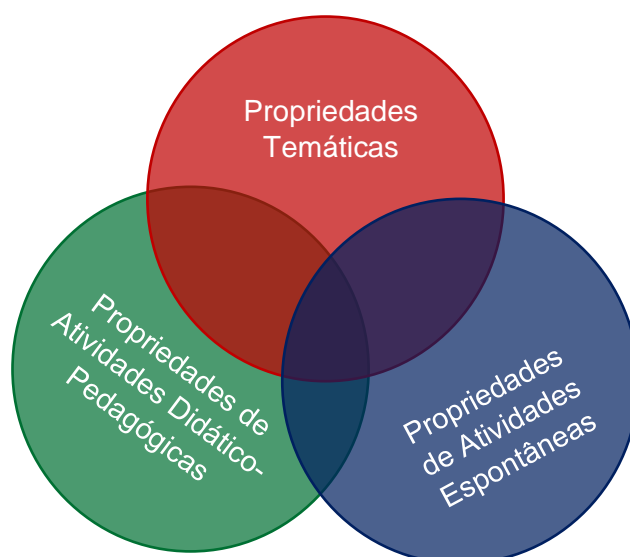
A partir das experiências, verifiquei também alguns aspectos quanto as formas de produção das ofertas turísticas. E identifiquei algumas características comuns dessas produções de acordo com os depoimentos, de tal forma que foi possível agrupá-las em três grupos, os quais possuem pontos de convergências entre si. Os grupos formados foram os das propriedades temáticas, das propriedades didático-

pedagógicas e das propriedades de participação espontânea, conceituados da seguinte maneira:

- a) Propriedades temáticas: são as propriedades no espaço rural onde as atividades são construídas a partir do tema da propriedade, que no caso é concebido, por sua vez, a partir das ideias de ruralidade. São propriedades prioritariamente turísticas e os manejos rurais, tanto animal quanto vegetal, não são a fonte de receita direta do empreendimento. Eles apenas fazem parte do espetáculo.
- b) Propriedades didático-pedagógicas: também são propriedades que tem a concepção das suas atividades pensadas no turista. Entretanto, a propriedade não sofre nenhum tipo de tematização e suas receitas também estão ligadas a atividade agropecuária. Os manejos ofertados ao turista fazem parte de um programa de educação rural. Possui um corpo técnico e a maneira como são demonstrados é pensada a partir de uma visita técnica ou a continuação da sala de aula, por exemplo. O público-alvo é quase sempre infanto-juvenil, adolescentes e/ou jovens adultos universitários.
- c) Propriedades de participação espontânea: são em sua maioria propriedades de agricultura familiar e produtoras de multiculturas. Essa modalidade de atividade ficaria comprometida em propriedades de monocultura. Por esse motivo, latifúndios não são os melhores tipos de propriedades para esta atividade. As atividades aqui não são tecnicamente programadas ou planejadas pensando em um nicho ou público-alvo. Elas fazem meramente parte da rotina das famílias produtoras e são a principal fonte de receita das propriedades receptoras.

A fim de se demonstrar com mais clareza, estabeleceu-se um gráfico, conforme abaixo:

Figura 6. Grupo das propriedades que compreendem as formas de produção no espaço rural.



Fonte: Elaborado pelo autor

As possibilidades de atividades envolvendo os manejos rurais e experiências no espaço rural não se limitam aos três grupos criados; por esse motivo, as áreas de intercessão dos círculos divididos por cores representam os pontos de contato ou de transposição entre as dimensões. O gráfico foi criado desta forma para refletir, de maneira visual, o que se encontrou na pesquisa de campo. Dos 15 turistas, 6 visitaram propriedades de atividades espontâneas; 2 visitaram propriedades que estão entre o didático-pedagógico e a participação espontânea; outros 2 visitaram propriedades de atividades didático-pedagógicas; 1 turista teve sua experiência em propriedades entre a atividade didático-pedagógica e a tematizada; e 4 turistas visitaram propriedades tematizadas.

Dos turistas que foram às propriedades de atividades espontâneas, N. Silva detalha as experiências feitas com ênfase nas rotinas da família que recebeu o grupo que ela fazia parte. Ela exalta fatores de imprevisibilidade e espontaneidade do grupo na participação dos manejos:

É assim, ela gostava de reunir as pessoas e, quem quisesse pegar as coisas para montar o café da manhã junto com ela e eu ia junto com ela. [...] Aí a gente pegou as frutas. Cada um teria a sua, né? [...] ela perguntou se a gente queria mexer nos porcos, porque tinha um... eu não sei o nome, né? Um negócio assim... como é que se chama? [...] Aí tinha comidas, tinha negócio de porco... Não sei o nome. Onde coloca comidinha para eles, né? [...] Aí eles misturavam, aí a gente podia pegar, misturar. [...] É o que eles misturavam e faziam as novas plantações com aquela terra. Ah, eu senti um máximo, né? [...] E no outro é inusitado, porque você não sabe se o bicho vai

sair... Acontece, flui naturalmente. Então é sempre uma surpresa. No dia você vai saber que você vai colher a fruta, que você vai ver um animal, mas na hora tudo pode mudar e acontecer coisas diferente’.

Ailton conta que participou do cultivo do eucalipto, cuidado das aves, principalmente, galinhas. Já para o turista V. Vargas a programação e existiram apenas “na cabeça dos proprietários”. Para ele nada foi programado, segundo suas palavras:

A lida na roça, para eles, era tudo programado. Mas não foi programado para mim. Fazia parte da rotina deles. Na verdade, todos que chegaram ele tratava da mesma forma. Na cabeça deles era programado para mim. Eu é que não tinha essa ideia de programação. [...] E foi por conta própria.

Para ele a experiência com o porco foi marcante. Principalmente pelo fato de que todo o preparo dos alimentos era comunitário. Viram que haviam visitantes na propriedade e os vizinhos, que não tinham as visitas como atividade econômica, se envolviam com os turistas e visitantes do sítio do Luiz Porco. Ele se impressionou com a técnica sobretudo, de todos os envolvidos no abate e o cuidado e respeito à vida do animal, já que todo o animal foi aproveitado. Nada do porco foi jogado fora.

Ele aprendeu como foi feito o açude e como ele realiza o aproveitamento da água de maneira corrente. Inclusive um açude alimenta os açudes de outras propriedades vizinhas. O entrevistado também ajudou na parte de recolhimento de restos das folhas de aipim e de outras plantas para fazer as compostagens e colher alimentos para os porcos.

Na volta dele da roça ele percebeu que o outro grupo estava aprendendo como eram feitos desde a criação, o amadurecimento e o abate de galinhas e aprendendo sobre o preparo das comidas. Vitor relata que logo em seguida, seu grupo também foi convidado a fazer o preparo das galinhas para as refeições e, na oportunidade, aprendeu novas formas do abate de frango. Além do abate participou junto com o grupo do preparo do frango.

A exemplo dos que visitaram propriedades que estão entre o didático-pedagógico e a participação espontânea está Z. Santos. Ela cita o Sítio Isolina como um lugar que na região é conhecido como lugar que as pessoas vão para aprender como produzir os produtos agrícolas. Para ela as pessoas saem com outra motivação quanto ao consumo dos alimentos.

Z. Santos detalha as formas de preparo da terra e da jardinagem que aprendeu no sítio que, segundo ela, puderam ser aplicadas em sua casa. Por diversas vezes ela

usou a palavra ‘aprendizagem’ e ‘aprendizado’ na entrevista para descrever as atividades do Sítio Isolina.

Já dos que foram exclusivamente para propriedades de atividades didático-pedagógicas, o caso da guia de turismo E. Christino é bem expositivo. Ela visitou propriedades de duas localidades diferentes. Uma no distrito de Embaú, no município de Silva Jardim e outra no município de Teresópolis. Ambos municípios do Estado do Rio de Janeiro. Na ocasião ela relata:

No rancho G que é do Gilson eu já tenho outro foco. Ele trabalha a terra, a terra porque ele fornece as hortaliças e frutas orgânicas, aliás hoje ele ainda não faz tudo orgânico ele tem uma tentativa dentre então ele trabalha o solo aí quando ele sim já tem 100% de condição de ser cultivado o que planta lá ser cultivado de orgânico aí sim que ele diz que é orgânico inclusive ele tem a certificação do orgânico [...] Eu visitei, tem uma que eu não consigo me lembrar o nome, mas é também de um casal [...] e ali eles tem inclusive o cultivo de orquídeas eles fazem o trabalho também de vivencia aí tem toda a explicação da orquídea e o turista ne na verdade fica participativo e carrega consigo uma lembrancinha chamada uma orquídea, isso é bem legal né?

J. Silva foi o turista que teve sua experiência em propriedades entre atividade didático-pedagógicas e tematizadas. Ele conta que as propriedades recebem as pessoas para aprenderem sobre a plantação da banana. Tanto para visitantes que se motivam a visitar a localidade porque desejam produzir bananas e investir na colheita, quanto para o visitante que esteja a passeio. Principalmente, quando tem a típica Feira da Banana na cidade de Delfinópolis, localizada na Serra da Canastra, Estado de Minas Gerais.

[...] Geralmente quando ocorre a feira, aí eu posso chegar lá, vamos supor, quero investir em banana, aí eu posso chegar lá, trocar uma ideia, vou comprar umas terras lá, quero plantar banana. Eu serei levado até lá pra plantar, entendeu?

E, finalmente, dos turistas que visitaram propriedades tematizadas há o depoimento da guia de turismo L. Dias. Ela conta que era tudo programado, entretanto ela não sabia precisar se era porque ela estava em um grupo de guias de turismo ou se já era assim inclusive para “turistas regulares”. Muito provavelmente sim, já que a localidade estava se exibindo para guias de turismo, cuja utilidade, além de outras, é de funcionarem como distribuidores dos serviços prestados pelas propriedades. Nesse sentido, ela conta:

[...] Acho que é até porque essa coisa de fazer famtour, a gente fez a coisa toda programada porque era, tipo assim, a gente tinha que estar vendo todos os detalhes porque isso aí a gente vai estar levando o nosso. [...] A produção

deles já são diferentes, mas nesse sítio eles conseguem deixar aquele local sem energia pra poder a pessoa, até a pra questão turística, pra pessoa ver lá a casa de sapê, tudo assim, o fogão de lenha...

Igualmente, T. Lopes também conta sobre sua experiência numa propriedade onde as atividades eram programadas com baixo protagonismo do visitante em relação as decisões das atividades a serem desenvolvidas. Ela cita sobre a concepção pré-montada do manejo animal, baseado a uma tecnicidade com o único fim de entretenimento dentro das propriedades. Em suas palavras, as formas de manejo foram apenas visualizadas, sem que fossem dadas as oportunidades de participar:

[...] essa questão de horta, plantio, eles têm essa programação, sim, eles têm, mas, normalmente está incluso na pro... na recreação das crianças, normal... os adultos eles fazem uma outra. [...] Manejo, não tive... a única... manejo que aconteceu dessas... desses quatro lugares que eu fui, foi mesmo tirar foto com coelhinho e não fiz nenhuma coleta de agro, assim, de fruta, nada. [...], mas acho que ele estava mesmo arrumando, só mesmo porque sempre tem passeio de charrete, essas coisas, então, pelo que eu vi, ele estava tratando dele, estava dando comida. Como eu falei, passei rápido e não vi realmente nenhuma experiência, assim, maior nessa questão de manejo. [...] Todos eles tinham programação, mas você não precisa seguir à risca.

2.5 MUDANÇAS DE HÁBITOS E/OU MENTALIDADES.

As culturas não são estáticas e nem exclusivas ao local onde foram construídas. Existe uma troca entre costumes, mentalidades e hábitos entre visitantes e visitados. Canclini (1990) afirma que todas as culturas são de fronteiras. As artes, por exemplo, são desenvolvidas a partir de pontos de contato com outras artes e dessa forma elas migram de um ponto a outro, de país para país, de cidade para cidade, do interior para a cidade e vice-versa.

Para o autor, a cultura perde a relação de exclusividade com o seu território, mas ganha comunicação e conhecimento. Canclini (1990) afirma que essa troca é possível a partir de processos de hibridação e que está atribuída a todas as culturas. O turista, ao se relacionar com o meio visitado e, conseqüentemente, com as pessoas deste meio, se expõe a esta troca cultural. O visitante é tão ou mais vulnerável a esta troca quanto o visitado. Canclini (1990) ainda complementa que estas práticas culturais são, mais que ações, atuações. Eles representam, simulam ações sociais, mas só às vezes funcionam como tais. Isso acontece não só nas atividades culturais expressamente organizadas e reconhecidas como tal, mas também nos comportamentos “comuns”, sejam eles agrupados a instituições, nos casos descritos

as fazendas e propriedades no espaço rural, ou não. Todas elas usam, de forma mais ou menos intensa, ação simulada, ação simbólica (CANCLINI, 1990).

Em outras palavras, qualquer mudança ou mentalidade que os turistas atribuem, conforme exposto a seguir, são na verdade fruto de uma troca de símbolos e simulações. Compreendo que, apesar de seus argumentos, as mudanças que os entrevistados atribuem às participações nas rotinas rurais são constantemente vulneráveis a novas transformações. Tal como eram no momento em que foram construídas. Os seres humanos e seus hábitos são mutáveis, móveis e imprevisíveis.

Yolanda Flores e Silva (2007) investigaram as dinâmicas de costumes alimentares entre agricultores e os visitantes no projeto Acolhida da Colônia de Santa Rosa de Lima, município da região das Serras Gerais, Estado de Santa Catarina. Ela acredita que para o turista viver esta realidade, por mais que signifique que de alguma forma a cultura local foi modificada, parece estar não apenas transformando ou ressignificando a alimentação dos agricultores da região, mas também representa um atrativo para que a localidade seja visitada por aquelas pessoas que também desejam mudanças em suas próprias vidas. Para a autora, existe um desejo de mudança que será relativizado pelo meio, pela forma e pela predisposição por essas mudanças pelo lado do turista.

Yolanda (2007, p.101) afirma que a prática do agroturismo em Santa Rosa de Lima, por exemplo, possui uma utilidade para o turista e sua família.

Para os agricultores de SRL, ao cuidar do que plantam, eles cuidam da terra, da água e dos alimentos vendidos para as pessoas que estão no meio urbano. Ao apresentar este modelo de vida aos seus filhos, eles plantam perspectivas mais sustentáveis para o futuro destes. E ao receber turistas para que os conheçam, inclusive através dos alimentos plantados e servidos em suas propriedades eles apresentam-se a estes grupos e mostram através das falas e das práticas vividas que é possível mudar, que é possível estabelecer novos modelos de vida mais saudáveis. Neste sentido, os processos e mudanças ligados à alimentação limpa, saudável, solidária e socializada é uma oferta deste povo a toda a sociedade, mostrando que pode ser exemplo de um novo mundo que seja mais ético e socialmente mais justo.

Na presente pesquisa, houve respostas negativas e afirmativas quanto à mudanças após a experiência rural. Entre as afirmativas, localizei, por meio dos depoimentos, mudanças, ressignificações e abandono de hábitos e/ou mentalidades atribuídos à experiência que tiveram com o manejo rural. Nas análises de cada mudança, tentarei retomar os contextos descritos por cada um dos turistas, respeitando os agrupamentos citados anteriormente. Na maioria das respostas,

independente de afirmativas ou negativas, os turistas comentaram sobre hábitos alimentares, consciência de consumo, lixo, preferência por produtos produzidos por cooperativas ou associações de produtores e outros aspectos ligados à sustentabilidade.

Dentre os turistas que não atribuíram mudanças, porém apenas ressignificações de hábitos ou de mentalidades às práticas rurais, encontra-se o caso de Z. Moreira, que justifica essa ressignificação sem mudanças significativas à sua construção de vida e influência de criação em espaços rurais na infância. Ela afirmou que não obtinha hábitos configurados socialmente como comuns e quando dei ênfase aos hábitos ou mentalidades que ela abandonara após as visitas, completou dizendo que já tinha ido à fazenda Santa Isolina ‘com muitos hábitos já construídos’. A entrevistada Z. Moreira disse que as visitas “confirmaram” os hábitos de vida mais saudável defendidos por ela.

Com o entrevistado B. Teixeira foi bem semelhante. Ele conta que não houve nenhuma alteração ou mudança de hábitos ou mentalidade por causa das experiências com o manejo e a labuta rural. Disse também que fortaleceu os seus hábitos que também julga corretos.

Eu não desperdiço carne, cara. A carne que eu boto no meu prato eu como toda, mesmo se eu não estiver mais com fome. Eu não desperdiço carne, eu acho um absurdo você matar um bicho e não comer, sacou? Porque eu já vi matar bicho, eu já tive que matar bicho. Eu acho que tem que ter um pouco disso [...]

As turistas E. Christino, T. Lopes e G. Borges também não atribuíram mudanças significativas por causa do manejo. E. Christino disse que não atribui nenhuma mudança devido aos hábitos que ela acredita já serem saudáveis e responsáveis. T. Lopes apresentou um argumento baseado em valores morais relacionados com conceitos de hábitos ecologicamente conscientes: ‘*nunca agredi o meio ambiente*’. Provavelmente, para a entrevistada, seus hábitos já são aceitáveis e se tivesse que adotar novos hábitos, talvez não seriam tão diferentes dos que pratica hoje em dia. Todavia, ela teve pouca participação ou envolvimento ativo com manejos rurais. Disse também que nunca foi a agricultura familiar; e termina dizendo que: “*talvez se eu tiver uma experiência cem por cento pode ser que mude alguma coisa*”. Será que se após a visita a uma propriedade produtora de agricultura familiar e que lhe permita um envolvimento mais imerso ela adotará outros hábitos?

Pude perceber alguns pontos de contato entre as experiências. As entrevistadas justificaram a não mudança de mentalidade ou de hábitos por terem sido criadas em um contexto rural, ou por se considerarem adeptas de hábitos e mentalidades que foram estimulados por outros meios, como os meios de comunicação, ou por convívio social. Outro elemento também apresentado está relacionado à quando a localidade visitada não permite uma imersão nos manejos rurais ou tinham muitos elementos de tecnicidades, exemplificado pelo depoimento da entrevistada G. Borges:

‘Aí também é mais- ver e mexer com a terra, não. Eu não... ou porque as pessoas tão começando, e mesmo no roteiro, depois vou te mostrar do que vai ter agora, um em setembro, vai pra uma fazenda! Mas em nenhum momento envolve ver as atividades, que você chama de manejo, né. Nenhum momento: “Ah, ‘vamo’ na cidade, tem a feirinha de artesanato e vamos passear no bondinho, e vamos ver a arquitetura colonial antiga”, mas o manejo... não tem. Quer dizer, isso aí cria, né, pelo menos eu desenho logo na minha mente alguma coisa, quer dizer, ver, que eu não vi... o ideal era eu ver, pra mim poder dizer: “Não, mas a minha mãe não falava assim, minha mãe disse isso’.

Dentre os turistas que atribuíram mudanças e abandonos de hábitos ou mentalidades, a entrevistada L. Dias talvez tenha sido a pessoa que menos atribuiu mudanças significativas. Suas mudanças também estão relacionadas a alimentação e formas de consumo:

‘só mudei isso, as minhas plantações, que eu trouxe! É, realizar uma ação que eu já vinha já pensando em pegar a minha hortelãzinha, como eu já fiz, peguei minha folhinha de hortelã pra botar no meu chazinho. Então, o que mudou do brejal pra cá foi isso, que eu pude ter a minha plantação de hortelã pra fazer meu chá. A forma de estar aproveitando os meus alimentos, na couve, o bater dos talos, como eu vou fazer os meus orgânicos, entendeu? De fazer meu suco, como que eu posso estar aproveitando mais minha couve, como que eu posso estar aproveitando mais os meus alimentos, as frutas com minhas cascas, meu abacaxi...’

As turistas F. Gonçalves e N. Silva também disseram que suas mudanças foram pequenas. F. Gonçalves lembra que agora tem outra visão em relação a vida comunitária. Principalmente quanto à cozinha comunitária ‘porque eu era bem enjoada com isso [...] e eu tenho tentado parar de utilizar coisas de plástico, isso depois de lá, eu passei a ver um pouquinho diferente’. As mudanças que ela teve estão muito mais relacionadas ao convívio social do que a manejos rurais propriamente. N. Silva por sua vez comenta sua mudança no hábito de compra e na escolha do varejo de compra:

Depois disso eu procurei ver mais frutas, procedência de ovo. Tem gente que cria galinha que a gente conhece e eu nem sabia. Amigo do meu irmão. Às vezes, assim... é... pode ser uma coisa até ridícula, mas eu nunca tinha pensado nisso. Porque eu vi como que é, até a cor do ovo. Quando eu vou

comprar eu dou preferência comprar por essas pessoas. A cor do ovo é diferente. Eu lembro que o que me marcou mais foi esse do ovo.

M. Pires, quando questionada sobre mudanças de hábitos que ela atribui à experiência turística no espaço rural, relatou a adoção de novas formas de consumo do café e na escolha dos destinos turísticos, que antes era apenas pelo critério de ser próximo a natureza.

Minha mudança de hábito? Eu estou agora procurando um café melhorzinho pra beber. Eu fiquei impressionada com aquele de milho. [...] geralmente muda sim. Porque você quer mais, né. Você quer conhecer outros lugares. Nós vamos viajar agora novamente em setembro e já estamos buscando, já estamos pesquisando na internet lugares, mas não lugares assim convencionais, nós estamos buscando lugares assim, é... a gente está até vendo lugar por lá pelo Alto Caparaó mesmo, mas pela região do Espírito Santo que tem uma comunidade lá alternativa, louca, mas que tem plantação orgânica, esqueci agora o nome do lugar. Se quiser depois eu te passo. Pra visitar esse lugar né.

Ela não admite que suas mudanças tenham sido consideráveis e a isso ela justifica que '*[...] talvez não tenha mudado muito porque eu venho do interior, né?*'. Este argumento corrobora com uma compreensão possível no decorrer deste trabalho: as mudanças de hábitos e mentalidades são produtos de uma equação construída a partir da relação entre variáveis, como a história de vida com as rotinas rurais, a construção de imaginários e expectativas e o surgimento de estranhamentos com as vivências propostas com o espaço rural.

Os próximos depoimentos foram dos entrevistados que mais adotaram ou abandonaram mentalidades ou hábitos em decorrência da experiência que tiveram. Esses entrevistados apresentaram experiências com alguns aspectos em comum: As vivências com os manejos se deram em localidades mais rudimentares, menos gentrificadas, cujas propriedades pertenciam a uma família agrícola e as atividades possuíam um aspecto maior de espontaneidade enquanto eram desenvolvidas e compartilhadas.

V. Mororó disse que romantizava o interior e que via a carência de alguns serviços básicos como de comunicação, internet e transporte como algo que estava ligado a uma qualidade de vida. Quanto à mentalidade ela comentou o seguinte:

Ah, tem uma coisa que, assim, eu passei a perceber muito mais que... como que é a vida na roça. Porque, assim, quando fui da primeira vez eu dei uma romantizada [...] comecei a perceber que não ter internet não é uma coisa assim, sabe, cool, de tipo: Aí, vou vir aqui para esse lugar para ficar na natureza. Não, as pessoas precisam do acesso. Elas têm dificuldade. Elas estão pedindo a política pública, sabe, "Por favor, precisamos de sinal de telefone, de internet." [...] São pessoas que tem demandas e precisam melhorar

de vida e que o turismo seja uma forma ou não, mas eu meio que parei um pouco de... que é um trabalho na lavoura muito pesada, eu comecei a ver isso.

Em relação à refuncionalização e conflitos quanto ao uso da terra, ora para agropecuária, ora para turismo, Moreira (2004, p. 2) salienta quanto a esses exercícios de poder nos territórios; o autor esclarece que as disputas realizadas pelos indivíduos se expressam na dinâmica do espaço fluminense, possuindo interesses rurais, urbanos, locais, nacionais e globais, agrícolas e industriais, e aqueles ligados à questões culturais e turísticas. Já para Léfèbvre (1986, p.53 *apud* RUA, 2010) os espaços são representados com suas devidas influências na sua própria produção. Ainda mais considerando que os espaços e territórios correspondem a um sistema de “signos, símbolos e códigos” de representação dominantes na sociedade. Estes se relacionam também com a prática do sentido de poder e com a delimitação ou formação do espaço intangível.

E quanto aos hábitos ela disse que agora dá mais valor aos orgânicos, cultivados sem agrotóxicos. Ela disse que acompanhou de perto a dificuldade de se conseguir uma produção considerável. *‘[...] de meio familiar dá muito trabalho mesmo, por exemplo o doce de leite que agora eles estão fazendo com leite fresco, é simplesmente leite e açúcar, mas muito trabalho horas mexendo no tacho de cobre com fogão de lenha, trabalho muito grande pra ser simplesmente um potinho desse tamanho.’*

A turista C. Dantas conta que também teve alteração na forma de consumir produtos originados no campo e que se preocupa com a quantidade de lixo que ela produz diariamente.

‘Sim. Eu hoje em dia, por exemplo, dou muito mais prioridade a alimentos orgânicos e de pequenos produtores, embora eu nunca tenha visitado de fato é... um lugar de agricultura familiar, por exemplo. Então toda vez que eu vou comprar eu tento comprar de cooperativas de pequenos produtores e eu conheço vários que entregam aqui em casa, por exemplo. É... isso é algo que eu faço com muita frequência, por questões de... mais de sustentabilidade. Eu tento não usar plástico, quase nada, eu tento produzir o mínimo de lixo possível. [...] Hoje aqui em casa se eu tiver, em uma semana, se eu tirar 1 saco de lixo é muito. [...] Eu adorava rodeio mesmo, assim, adorava ir a rodeio, hoje em dia eu não curto mais [...] eu acabo achando que acaba maltratando o animal e eu sei que mesmo que rapidinho, é só naquele momento ali, eu fico com pena’.

A turista Z. Santos disse que tem hábitos diferentes após as visitas e lista-os com detalhes. Agora ela evita molhos fabricados. Antes ela fazia, massas com molhos industrializados e agora ela as faz com molhos que ela mesmo aprendeu a fazer no

sítio ou com urucum. Os tomates que ela começou a usar foram colhidos de lá e que até hoje ela tenta buscar de lá ou de outros lugares que não adicionam agrotóxicos na agricultura.

Observo que há um modismo na busca por alimentos chamados de orgânicos e um senso comum negativo quanto a alguns aditivos agrícolas e agrotóxicos, que permitiram produções agrícolas em larga escala, ainda que quimicamente modificados. Apesar da entrevistada Z. Santos atribuir esta preocupação na alimentação às experiências com o agroturismo, não se pode medir o quanto de influência do comportamento social há nessa mudança de hábito que ela relata.

Ela continua dizendo que os temperos todos são colhidos da casa dela. Que antes ela comprava e que agora ela planta porque aprendeu no sítio Isolina, na tentativa de ter temperos com baixo sódio e sem processos industriais. Ela atribui à experiência do manejo, uma nova educação alimentar.

Quanto aos hábitos adquiridos, a resposta foi imediata: “suco natural”. Ela faz os sucos todos direto das frutas e disse que interrompeu o consumo de soluções para o preparo de refrescos em pó, refrigerantes. Ao invés disso, adotou apenas o consumo de frutas orgânicas e os sucos naturais preparados a partir delas. Outra mudança foi o consumo do ovo, que antes não fazia parte de seu cardápio, mas agora consome. Sua preferência é os ovos caipiras ou chamados ovos de roça, pela questão da produção também orgânica e de lugares que fazem de maneira responsável com respeito aos animais. A entrevistada conta também que em sua casa não há muito espaço para plantio e aprendeu, na visita à agricultura familiar, como criar e otimizar espaços de plantio para realizar uma pequena horta orgânica a fim de melhorar sua alimentação.

No caso do turista J. Silva ele disse que a mudança de mentalidade é que *‘depois que você vai pro interior, vê aquela qualidade de vida, vê principalmente aquela natureza maravilhosa, você vê que não compensa pra mim a vida na cidade. O único problema é não ter emprego nesses lugares do interior, porque se tivesse eu já estava lá’*. E quanto á mudança de hábito, ele salienta que houve mais *‘independência pra fazer as coisas, fazer uma comida dentro de casa’*.

[...] Não era muito de cozinhar, hoje eu gosto de fazer as coisas dentro de casa, porque você pega um tino pra independência. Porque assim, se você faz um turismo rural e, por exemplo, "ah hoje a gente vai fazer uma lida, vai mexer

com boi, vai fazer com...", isso faz aquela pessoa ou criança adquirir um sentimento de independência pra poder executar as próprias tarefas de casa. Eu já olho, já vou lá olhar pra banana ver se ela tá com água. [...] Eu nem ligava, não estava nem aí. Hoje eu já sei reconhecer, tem um pé de mamão, "mãe, já colocou água naquele pé de mamão ali?".'

De todos os entrevistados, percebi que V. Vargas foi o que mais se mobilizou para abandonar hábitos velhos e adquirir novos. "Água" foi a palavra usada para iniciar a resposta quanto a mudança de seus hábitos pós experiência rural. Algumas preocupações com o uso e desperdício de água foram adotadas, relatando que trocou todas as torneiras de sua casa e mudou a maneira como usava a água. V. Vargas afirmou que após a vivência começou a "dar outro sentido à vida".

Outro ponto levantado por ele está relacionado a visão sistêmica das coisas. V. Vargas conta que conseguiu perceber de maneira clara toda a cadeia dos grãos virarem comida do porco, o porco virar comida de gente e os restos reaproveitados para virarem mais adubo para mais alimento e ciclo contínuo.

Quanto aos hábitos adquiridos, ele disse que agora se preocupa com o lixo e possui um hábito de alimentação mais consciente. Comprar ou retirar da natureza apenas o que vai consumir. Ele percebeu o impacto que há apenas pelo simples fato de comer e que nos próximos passeios já mudou a maneira de aproveitar a viagem, racionalizando consumos e repensando os impactos que um turista pode causar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As concepções das diversas formas de uso turístico no espaço rural ocorrem das mais diversas maneiras. Algumas são pensadas e elaboradas desde a sua fundação, dando formas a infraestruturas distintas de usos agrícolas no espaço rural. Outras são ofertadas em formas de tarefas rurais, contos de “causos”, rotinas da lida com animais, cozimento e preparação de refeições, dentre uma diversidade de possibilidades. O uso turístico no espaço rural é cada vez mais dinâmico e multifacetado, tanto como fruto, quanto como origem de diversos processos e fenômenos ligados à mobilidade temporária humana entre os espaços urbanos, rurais e peri urbanos.

As formas de turismo no espaço rural, desde o turismo rural até o agroturismo e o turismo na agricultura familiar (TRAF), têm como premissa ofertar ao visitante os sabores, saberes e experiências do interior. Mas será que são todos os tipos de oferta turística que conseguem cumprir este objetivo? Não acredito que este trabalho consiga responder completamente a esta questão; me debrucei em tentar compreender quais e como as atividades no espaço rural conseguiriam mudar hábitos e mentalidades após a participação do visitante nas rotinas rurais compartilhadas pela família rural e/ou empreendimento rural em questão. Não é o intuito da investigação, e não deveria ser de nenhum trabalho desta natureza, construir certezas, mas levantar debates e reflexões baseados em empirismo por meio da leitura criteriosa de depoimentos de turistas que visitaram ou mantêm uma prática de visitas a empreendimentos rurais.

O caminho que tomamos até aqui foi de grande utilidade para que fosse possível a observação dos ambientes e contextos onde essas mudanças ocorreram. Os depoimentos aqui descritos são apenas uma parcela muito pequena de um estudo amplo que retrata mudanças e transformações que ainda estão em andamento, o que significa dizer que muitos processos e mudanças socioculturais ainda estão por ocorrer, sendo esta discussão apenas uma pequena circunscrição de uma realidade em construção.

Com as categorias de análise e classificações elaboradas, foi possível observar diversos pontos de contato e similaridades através das falas desenvolvidas pelos entrevistados. Não espero aqui encerrar esta investigação em “conclusões”, mas em bases que me auxiliem a caracterizar o processo ou forma pela qual determinadas

atividades no espaço rural podem culminar em alterações de hábitos e de mentalidades de quem as pratica. A partir destes pontos de contato ou similaridades, haverá condições de refletir sobre a forma como o espaço rural tem sido usado para fins turísticos, considerando o objetivo que muitos buscam em seus empreendimentos. A fim de se responder ao questionamento proposto no início desta pesquisa, apresento os pontos de contato possíveis após as reflexões obtidas no decorrer deste trabalho, a partir das entrevistas realizadas.

Pôde-se observar que as histórias de vida influenciam diretamente na expectativa, no imaginário e conseqüentemente no estranhamento dos turistas. Os principais pontos de contato que se notam é quanto ao fator de exposição ao espaço rural e da fase de vida em que estes contatos se deram. Os turistas que tiveram mais contatos com as rotinas de uma vivência do espaço rural desde a infância foram aqueles que disseram ter tido um estranhamento considerado mínimo a moderado. Já aqueles que tiveram esporadicamente ao longo da vida ou que em algum momento foram ao espaço rural ou somente tinham alguma ideia por meios de comunicação (como internet e televisão), foram os que relataram maior estranhamento após a experiência rural.

Outro ponto de contato está relacionado com a forma com que a escolha do ambiente rural se deu. A grande maioria dos entrevistados escolheu o agroturismo na expectativa de busca de tranquilidade, novas experiências e o escape da rotina urbana. Uma boa parte deles atribuíram a motivação por esta modalidade de turismo à alimentação saudável. Poucos foram os que tomaram livre decisão ou encontraram a oportunidade de fazer atividades relacionadas ao agroturismo enquanto se deslocavam para o destino final de suas viagens, talvez por falta de conhecimento da existência das atividades no meio do percurso ou de comunicação dos que operavam a atividade no espaço rural.

Todos os turistas atribuíram diferenças entre o meio urbano e o espaço rural, dos mais diversos aspectos e nuances. Na grande maioria das falas, percebe-se um romantismo ou um purismo quanto ao espaço rural. Para todos os entrevistados, visitar o espaço rural e participar do convívio dos autóctones que lá vivem significa algo como renovação, paz de espírito ou suprimento de uma escassez existente no meio em que vivem.

Foi possível perceber que a participação dos manejos e as idas ao espaço rural, em agriculturas familiares, geraram algum tipo de efeito nos entrevistados. Todos

também citaram mudanças nas formas de se fazer turismo e na escolha dos destinos. Houve ressignificações de hábitos e mentalidades já construídos por alguns turistas. Outros informaram que não mudaram hábitos, porém mudaram mentalidades. Houve também os que relataram mudanças tanto de hábitos quanto de mentalidades.

Os turistas que somente tiveram algum contato com manejo por intermédio de hotéis-fazenda foram exatamente aqueles que não conferem nenhuma mudança, aquisição ou abandono de hábitos ou de mentalidades atribuídos à experiência que tiveram. Um entrevistado demonstrou a maior quantidade de abandonos e mudanças - tanto de hábitos como de mentalidades - inclusive com gastos financeiros, como a obra que realizou em seu apartamento com o intuito de desperdiçar menos água, a mudança na alimentação, na forma de consumo dos alimentos e o cuidado com a quantidade de lixo produzida diariamente, bem como a mudança no consumo turístico:

Numa viagem normal, você já vai sabendo mais ou menos onde você vai. Que vai na peça tal, teatro tal, fazer tal coisa... lá não. Lá você só sabe onde fica o núcleo, mas você não sabe como são as ramificações. Você tendo que se envolver mais com as pessoas diferente do que você faz num pacote fechado. [...]. Água! Totalmente. Consumo de água. Desperdício de água, consumo de água. Totalmente. Eu voltei encantado, que era tanta água e assim que depois que eu sai e passei 10km depois da propriedade e vi que a má distribuição de água afeta o centro da comunidade. Então eu já voltei trocando as torneiras. Pra que eu não desperdiçasse tanta água. Já voltei com outra filosofia de vida. E Ana Cláudia também. Ela começou a reutilizar a água por isso. Ela viu que estávamos usando muita água. Voltei mesmo Bruno, de boa! Que você começa a dar outro tipo de sentido a isso. Porque eram pessoas muito simples, água brota, eu vi a preocupação deles. E como aproveitar mais as coisas também. O cuidado com os alimentos. Porque eu vi a cadeia na minha frente. Eu via folha virar comida do porco, o porco virar comida de gente, as vísceras virarem outra coisa e virando adubo... eu tava vendo algumas coisas, uma mecânica, uma lógica totalmente diferente que eu via. Porque a gente só fica no lixo, lixo, lixo e esquece de perguntar onde que aquilo tudo tá pra ir. Pra algum lixo da vida... Então eu voltei, principalmente, no consumo de água... outro. Renovado!

Dentre os turistas que atribuíram alguma mudança de hábitos ou mentalidades, percebi que, segundo seus argumentos, as mudanças pareceram mais radicais quando as propriedades permitiam uma atividade mais espontânea e com menos interferências de tecnicidades por influência do desenvolvimento do turismo. Em relação às mudanças relatadas pelos entrevistados, são de maior número as que estão ligadas a questões pessoais como alimentação e consumo, se comparadas com as que estão mais associadas a questões sociais ou comunitárias. Todavia, ainda não é possível afirmar que somente a participação nos manejos rurais, com animais ou cobertura vegetal e agrícola, é responsável por essas mudanças. Os turistas citam, categoricamente, a influência de convívios sociais e culturais no espaço rural, como

se o manejo não representasse coisa alguma, ao retirar quem os apresenta ou compartilha.

Como contribuição para a formação do espaço turístico no espaço rural, penso que as ofertas turísticas citadas pelos visitantes que atribuíram mudanças de mentalidade ou hábitos tinham algumas características em comum: estavam inseridas em contextos familiares ou faziam parte de uma rotina que, pelo menos ao turista, parecia menos encenada; colocam o visitante como protagonista das atividades que são desenvolvidas, em que a labuta compartilhada faz parte da receita gerada na propriedade e não somente como pano de fundo da atividade turística. Por outro lado, os turistas que buscaram estes empreendimentos se mostraram mais suscetíveis à troca cultural, aspecto este que contribui para o processo de mudança de hábitos e mentalidades.

Por fim, pude perceber com esta pesquisa que determinadas maneiras de como a oferta turística, envolvendo as rotinas rurais, é realizada (isto é, contendo aspectos que parecem menos intocados e com a participação de uma família agrícola), representam para o visitante um descortinar ou uma ideia do real, uma ilusão de 'clarividência' de um 'rural de verdade' na mentalidade do turista. Por outro lado, o campo de estudos turísticos deve desenvolver mais investigações sobre este tema, pois ainda não me parece possível distinguir se as mudanças relatadas pelos turistas foram frutos apenas da participação dos manejos rurais, já que outras influências midiáticas de rádio, televisão e internet contendo informações de toda ordem de consumo, tais como a ideia de uma vida mais "saudável" e sustentabilidade, estão presentes no dia-a-dia das pessoas. Além do fato de que algumas pessoas são mais suscetíveis a mudanças do que outras, independentemente do ambiente onde são expostos. Vejo aqui uma necessidade de maior contribuição de outras áreas de conhecimento, bem como de uma revisitação a este tema sob outros pontos de vista.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Joaquim Anécio, RIEDL, Mário. (Orgs). **Turismo Rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru: Edus, 2000.
- ALENTEJANO, Paulo Roberto Raposo. **As relações campo-cidade no Brasil do século XXI**, 2003. Disponível em: <<http://www2.fct.unesp.br/grupos/nera/usorestrito/ALENTEJANO.pdf>> Acessado em: 20/01/2019.
- ARAÚJO, André Luís Martins de; BAHIA, Eduardo Trindade; FERREIRA, Wanyr Romero. Turismo rural na agricultura familiar: um estudo sobre as possibilidades e limitações no município de Alfredo Vasconcelos, MG. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p.370-383, dez. 2011. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/598>. Acesso em: 20/01/2019.
- BACAL, Sarah. **Lazer e o universo dos possíveis**. São Paulo: Aleph, 2003.
- BARBOSA, Carla Emanuelle de Oliveira; LANÇA, V. Mororó Soares. **Turismo Rural: um olhar sobre o Hotel Fazenda Santa Bárbara - Engenheiro Paulo de Frontin/RJ. FSJ e UFRRJ**, 2015. Disponível em: http://epea.tmp.br/epea2015_anais/pdfs/plenary/85.pdf. Acesso em 15/01/2019.
- BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papyrus, 1995.
- BENI, Mario Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. 12ª ed. SP: Senac, 2007.
- BERGMANN, Romina S. Garcia. **Relevamiento y descripción de los hábitos de consumo turístico de la sociedad de mar del plata facultad de humanidades**. Mar del Plata: Universidad Atlántida Argentina, 2014: Disponível em: <<http://repotur.yvera.gob.ar/bitstream/handle/123456789/4098/Relevamiento%20y%20descripci%C3%B3n%20de%20los%20h%C3%A1bitos%20de%20consumo%20tur%C3%ADstico%20de%20la%20sociedad%20de%20Mar%20del%20Plata%20-%20Garc%C3%ADa%20Bergmann%20Romina%20S..pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 10/01/2019.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. In: **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC** Vol. 2 nº 1 (3), p. 68-80, 2005.
- BOULLON, Roberto C. **Planificación del espacio turístico**. 4 ed. Ciudad del México: Trillas, 2006.
- BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona. Traduzido por: João Wanderley Geraldi, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 28/01/2018.
- CAMARGO, Luis Otávio de Lima. Sociologia do Lazer. In: ANSARAH, M. G. R. (Org.). **Turismo: como aprender, como ensinar**. 2 ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.
- CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. Ciudad del Mexico: Grijalbo, 1990.

CARVALHO, Maysa. **Turismo e a questão de gênero**: o papel da mulher no desenvolvimento do turismo rural no Brasil. Brasília: UnB. Centro de Excelência em Turismo, 2008. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/160/1/2008_MaysaSenaCarvalho.pdf>. Acesso em: 26/01/2018.

CAVACO, Carminda. O mundo rural português: desafios e futuros?. In: **Turismo rural**. SP: Editora Contexto. 2003.

COLOMBO, Daniela Burigo. **Turismo rural**: os hotéis-fazenda em Lages (SC). Universidade Federal de Santa Catarina, Monografia de Graduação em Ciências Econômicas, Florianópolis, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/108533/CNM0172-M.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20/01/2019.

FERNANDES, Ivan pereira; COELHO, Marcio Fernandes. **Economia do turismo**: teoria e prática. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus Elsevier, 2011.

GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka. **Turismo, Políticas Públicas e Cidadania**. Coleção ABC do Turismo. São Paulo: Aleph, 2007.

GONÇALO, Cássia Maria de Souza. **A relação campo-cidade do Município de Pilõezinhos-PB**. Guarabira: UEPB, 2011. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/983/2/PDF%20-%20C%3%A1ssia%20Maria%20de%20Souza%20Gon%C3%A7alo%20parte%20.pdf>. Acesso em: 26/03/2018.

GRAÇA, Joaquim. Turismo e mundo rural: que sustentabilidade? In: RODRIGUES, Ayr Balestreri (Org.). **Turismo rural**: práticas e perspectivas. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

GRAZIANO DA SILVA, José et al. Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. In: **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. (Org.) ALMEIDA, J.A. et al. 2 ed. Santa Maria: Centro Gráfico, 2001.

HIRATA, F. Gonçalves Akemi; BRAGA, Debora Cordeiro. **Demanda turística e o estudo sobre motivação**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2017, 113 p. Coleção: Comunicação e Políticas Públicas, v. 22, 2017.

IBGE. **Censo agropecuário**. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/50/agro_2006_agricultura_familiar.pdf. Acesso em: 15/03/2018.

IBGE. Glossário. In: **Guia do censo**, 2019. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/materiais/guia-do-censo/glossario.html>>. Acesso em: 20/01/2019.

JUSBRASIL. **O que se entende por Plano Diretor Municipal?**. Disponível em: <https://lfg.jusbrasil.com.br/noticias/166948/o-que-se-entende-por-plano-diretor-luciano-vieiralves-schiappacassa>. Acesso em 28/02/2018.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar**: duas formas de pensar. Tradução Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KOSELLECK, R. **Uma história dos conceitos**: problemas teóricos e práticos. Estudos Históricos, Rio de Janeiro vol. 5, n. 10, 1992, p. 134-146. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1945>>.

KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. **Princípios de Marketing**. Rio de Janeiro: LTC Editora S.A., 1998.

KOTLER, Philip. **Marketing Essencial: conceitos, estratégias e casos**. 2. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2005.

KOTLER, Philip; BARROS, H. de. **Marketing**. São Paulo: Atlas, 1995.

LACERDA, Tatiana. **A unidade familiar e as novas funções atribuídas à agricultura: o caso dos agricultores ecológicos do território da Encosta da Serra Geral**. Porto Alegre: UFRS, 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7810/000557409.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15/03/2018.

LEÃO, Luisa Ribeiro Madruga. **O consumo pela ótica da economia comportamental: teoria e aplicação**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/949/1/LRLe%C3%A3o.pdf>. Acesso em 10/01/2019.

LÉFÈBVRE, Henri. **Le retour de la dialectique: 12 mots clef pour le monde moderne**. Tradução Margarida Maria de Andrade. Paris: Messidor/Éditions Sociales, 1986.

LÉFÈBVRE, Henri. **Espacio y política: El derecho a la ciudad, II**. Barcelona: Ediciones península, 1972.

LÉFÈBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEXICO. **Dicionário online da língua portuguesa**. Disponível em: <https://www.lexico.pt/>. Acesso em 20/01/2019.

LOPES, Paulo Rogério.; FERRAZ, José Maria Gusman.; THEODORO, Vanessa Christina de Almeida. et al. Sistema Agroflorestal no Sul de Minas Gerais: Café, Frutíferas e Madeireiras. **VI Congresso Brasileiro de Agroecologia**. Curitiba: UFSCar, 2009. Disponível em: http://orgprints.org/22941/1/Lopes_Sistemas.pdf. Acesso em 26/11/2018.

MACCANNELL, Dean. Staged authenticity: arrangements of social space. In: **Tourist Settings**. American Journal of Sociology. Vol 79, No 3, 1973. Disponível em: <http://www.travel-studies.com/sites/default/files/MacCannel%20Staged%20Authenticity.pdf>. Acesso em 17/03/2018.

MANZI, Joachim, TOUDOIRE-SURLAPIERRE, Frédérique. O estrangeiro: o desconhecido que bate à minha porta. In: MONTANDON, Alain (og.). **O livro da hospitalidade: o acolhimento do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: SENAC, 2011(2004). p. 795-804.

MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini. **Turismo, Lazer e natureza**. 1ed. SP: Manole, 2003.

MARQUES, Maria Inez Medeiros. **O conceito de espaço rural em questão**. SP: USP, 2002. Disponível em: <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/download/160/148>. Acesso em: 26/03/2018.

MARTENDAL, Anandra; TOMIO, Marialva. **Gestão Familiar no Agroturismo em Santa Catarina: a experiência da Acolhida na Colônia**. Blumenau: Revista Turismo em Análise. Vol.26, n.4, 2015.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Programa Nacional de Turismo Rural na Agricultura Familiar** (PNTRAF). Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.institutobrasilrural.org.br/download/20120220101524.pdf>. Acesso em: 20/01/2019.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Diretrizes para o desenvolvimento do Turismo Rural**. Brasil: 2003. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Diretrizes_Desenvolvimento_Turismo_Rural.pdf. Acesso em: 13/12/2018.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Estudo de hábitos de consumo do turismo brasileiro**. Brasília, 2009. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/noticias/todas_noticias/Noticias_download/13.11.09_Pesquisa_Hxbitos_2009.pdf. Acesso em 10/01/2019).

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Segmentação do turismo e mercado**. Marcos conceituais. Articulação e Ordenamento turístico. Brasília: Mtur, 2010. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Segmentaxo_do_Mercado_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf. Acesso em 18/03/2018.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo rural**: orientações básicas. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo rural**: orientações básicas. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. 2ª ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Rural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf. Acesso em: 20/01/2019.

MINISTÉRIO DO TURISMO E INSTITUTO DHARMA. **Estudo de sinergia e desenvolvimento entre as indústrias do turismo e audiovisual brasileiras**. Brasília, 2007. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Estudo_Completo_Cinema.pdf. Acesso em 10/01/2019.

MOREIRA, Roberto José e GAVÍRIA, Margarita Rosa. Territorialidades, Ruralidades e Assimetrias de poder. **Estudos, Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro: CPDA-UFRRJ, n. 18, abril, 2002, pp 47-72. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/Brasil/cpda-ufrrj/20121127012410/moreira.pdf>. Acesso em: 28/03/2018.

MOREIRA, Fernando João. **O turismo em espaço rural**: enquadramento e expressão geográfica em Portugal. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 1994.

OLIVEIRA, Cassio Garkalns de Souza. **Viabilidade e sustentabilidade do turismo rural**. Brasília: SESCOOP, 2002. Disponível em <http://www.turismocooperativo.coop.br>. Acesso em: 15/01/2019.

PALMIERI JÚNIOR, Valter. **A gourmetização em uma sociedade desigual**: um estudo sobre a diferenciação no consumo de alimentos industrializados no Brasil.

- Campinas: [s.n.], 2017. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/325569/1/PalmieriJunior_Valter_D.pdf. Acesso em: 10/01/2019.
- PIRES, Paulo dos Santos. A paisagem rural como recurso turístico. In: **Turismo Rural**. São Paulo: Contexto, 2003.
- PRIBERAM. **Dicionário da língua portuguesa**. Disponível em: <https://www.priberam.pt/>. Acesso em: 25/03/2018.
- RODRIGUES, Adyr. Turismo rural no Brasil: ensaio de uma tipologia. In: **Turismo rural**. SP: Editora Contexto. 2003.
- RUA, João. **A resignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica**. PUC/RJ, 2010. Disponível em: <http://www.anpege.org.br/revista/ojs-2.4.6/index.php/anpege08/article/view/81>. Acesso em: 28/03/2018.
- RUSCHMANN, Doris V. **Turismo e Planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. 16 ed. Campinas: Papirus, 2010.
- SALLES, Mary Mércia G. **Turismo Rural: inventário turístico no espaço rural**. Campinas, SP; Editora Alínea, 2006.
- SANTANA, Elinéia Lima; SANTOS, Jean Carlos Vieira. **Lago de São Simão e o desenvolvimento do turismo rural: uma nova atividade econômica sustentada pelo trabalho familiar**. Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v.9, n.6, nov-2016/jan-2017, pp.668-683.
- SANTOS, Eurico de Oliveira; VIANNA, Silvio Luiz Gonçalves; GULLO, Maria Carolina Rosa. **Evolución de la renta, empleo y sueldos en propiedades rurales que ofrecen Agroturismo y Turismo rural en la Mitad Sur de Rio Grande do Sul, Brasil (1997 – 2011)**. Universidad Autónoma del Estado de Mexico. Ciudad del Mexico: Revista El Periplo Sustentable, 2012, p. 27-47.
- SILVA, Yolanda Flores e. **Turismo responsável: transformações das práticas alimentares cotidianas como estratégia de sobrevivência econômica no espaço rural**. Porto Alegre: Análise Revista de Administração da PUCRS, 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/face/article/viewArticle/2675>. Acesso em 15/01/2019.
- SOUZA, Katiane Ribeiro; Borém, Rosângela Alves Tristão; Alves, Helena Maria Ramos. **Turismo rural: alternativa de melhoria para a agricultura familiar do Sul de Minas Gerais**. Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v.6, n.5, nov-2013/jan-2014, pp.990-1015.
- TULIK, Olga. **Turismo rural**. Coleção ABC do turismo. São Paulo: Aleph. 2003.
- UNIVERSIDADE ON-LINE DE VIÇOSA. **Gestão de empreendimentos de turismo rural**. Viçosa: UFV/MG. Edição Independente, 2008.
- URRY, J. **O olhar do turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. Trad. Carlos E. M. de Moura. São Paulo: Studio Nobel, 1996. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=5wLJ2bbsOcgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 13/01/2019.

VEIGA, José Eli. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores Associados, 2002.

ZIMMERMANN, Adonis. **Turismo Rural**: um modelo brasileiro. Florianópolis: Editora do Autor, 1996.

APÊNDICES

APÊNDICE A (modelo de termo de consentimento para os voluntários)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA VOLUNTÁRIOS

Via para arquivo/ Colegiado do Mestrado em Lazer – PPGTUR-UFF/RJ

O Mestrado em Turismo da Universidade Federal Fluminense está realizando uma pesquisa sobre o tema *A experiência turística no espaço rural: reflexões obre as percepções dos turistas durante e após a participação na rotina da agricultura familiar* com o objetivo de analisar a capacidade de mudança de comportamento do turista quando este participa ativamente da rotina de uma comunidade de agricultura familiar e a importância dos manejos animal e vegetal neste processo. Selecionamos o projeto da Acolhida da Colônia para aprofundar o tema. Para que isso seja possível, gostaríamos de convidá-lo para participar como voluntário da pesquisa, que propõe um repensar sobre a experiência turística no espaço rural e as práticas de lazer através da experiência com a rotina da fazenda ocorridas durante as visitas.

A coleta de dados da pesquisa será desenvolvida nos municípios de Casimiro de Abreu e Silva Jardim (especificamente no distrito de Aldeia Velha) durante os meses dezembro de 2017 a março de 2018, por meio de entrevistas com alguns agricultores, empresários e administradores do projeto e turistas (podendo ser em suas cidades de residência) que concordarem com o termo de consentimento livre e esclarecido. Os dados obtidos serão utilizados especificamente para esta pesquisa, sendo que a identidade dos voluntários não será revelada publicamente.

Esclarecemos que a pesquisa não envolve riscos para os voluntários, que não haverá remuneração financeira e nem benefícios de qualquer natureza para essa participação e que todas as despesas relacionadas a este estudo serão arcadas pelos responsáveis pela investigação no âmbito da UFF.

Qualquer dúvida, favor entrar em contato através do e-mail brunobarcellos.br@gmail.com e telefone (21) 99602-0556/3173-2841 ou através da Coordenação do Curso de Mestrado em Turismo no PPGTUR/UFF, localizado na Rua Prof. Marcos Valdemar de Freitas Reis, s/n, Bloco H, sala 314 - telefone (21) 2629-9888.

Desde já, agradecemos pela compreensão e voluntariedade,

Bruno Magalhães Barcellos de Souza – Mestrando
Professor Dr. Bernardo Lazary Cheibub – Orientador da pesquisa

Eu, _____, voluntário; aceito participar da pesquisa intitulada: A EXPERIÊNCIA TURÍSTICA NO ESPAÇO RURAL: REFLEXÕES OBRE AS PERCEPÇÕES DOS TURISTAS DURANTE E APÓS A PARTICIPAÇÃO NA ROTINA DA AGRICULTURA FAMILIAR, realizada nos municípios de Casimiro de Abreu e Silva Jardim, por pesquisadores do Mestrado em Turismo – Interdisciplinar – do Programa de Pós-graduação em Turismo da universidade Federal Fluminense.

Portanto, concordo com tudo o que foi acima citado e livremente dou o meu consentimento para realização da coleta de dados.

Niterói, ___ de _____ de 2018

Assinatura do voluntário

Assinado em duas vias: uma para o profissional e a outra está em posse dos pesquisadores.

APENDICE B (Roteiro semiestruturado de entrevistas – Agricultor familiar)

Dados dos entrevistados	
Nome:	
Propriedade:	Endereço:
Tipologia (ex.: Sítio, rancho, chácara etc.)	
	Tem acomodação:
Tempo que tem a propriedade:	Quanto tempo recebe turistas:
Atividades recreativas:	

Perguntas:

- 1 – Conte-me um pouco sobre a história da fazenda/sítio.
- 2 – Como surgiu a ideia de receber turistas?
- 3 – O que significa para você abrir as portas para receber turistas?
- 4 – Quais atividades o turista tem acesso na sua propriedade?
- 5 – Como foram pensadas estas atividades?
- 6 – Essas atividades fazem parte da sua rotina diária?
- 7 – A atividade turística é rentável para a propriedade?
- 8 – De que projeto ou iniciativa você participa?
- 9 – Quantas pessoas visitam tua propriedade em média por mês?
- 10 – Quais são os meses de maior movimento? Quais são os meses de menos movimento?
- 11 – Você tem turistas que retornam a fazenda?
- 12 – Que pontos positivos e negativos você consegue levantar quanto à atividade turística na propriedade?
- 13 – Comentários Finais

APENDICE C (Roteiro semiestruturado de entrevistas – Turistas)

Dados dos entrevistados	
Nome:	
Propriedade que visitou:	Cidade:
Tipologia (ex.: Sítio, rancho, chácara etc.):	
	Teve pernoite?
Atividades realizadas na acomodação:	

Perguntas

1. Quando foi sua visita a propriedade rural?
2. Quantas vezes você já fez esse tipo de atividade?
3. Como se deu a escolha para realizar o agroturismo?
4. Como foi esta visita?
5. O que você imaginava antes de ter sua experiência?
6. Fazia parte de uma programação?
7. Na ocasião, a visita se deu por intermédio de algum agente ou foi por conta própria?
8. Fez novamente?
9. Se não, faria novamente?
10. Quais as impressões que você teve ao se relacionar com os manejos ofertados?
11. Quais diferenças você percebe entre a vida cotidiana na cidade e a rotina percebida no sítio que você visitou?
12. Você já conhecia alguma dessas lidas?
13. Fale-me como foi participar da rotina do trabalho rural.
14. Que diferença você percebe entre as atividades realizadas no sítio que você foi as demais viagens que você fez?
15. Você atribuiria alguma mudança de hábito após essa experiência?
16. Há algo que você faz ou deixou de fazer após a experiência com turismo rural?
17. Comentários Finais

APÊNDICE D (Transcrições consolidadas das entrevistas)

Entrevista com o proprietário do Sítio Santa Isolina.

Bruno: Seguinte... Então. É... eu começarei com as perguntas, como eu já falei para o senhor, mais voltadas à parte da Acolhida. Tá?

L. Costa: Pois não.

Bruno: qualquer coisa que o senhor não entender o senhor pede que posso repetir a pergunta. Tô gravando porque é mais fácil, mais dinâmico e daí não precisarei fazer grandes anotações apesar de que lógico posso chegar a anotar alguma coisa [barulho do velcro enquanto mexia na pasta].

L. Costa: Sem problema nenhum.

Bruno: Sr. L. Costa, como está o projeto da Acolhida em Casimiro de Abreu?

L. Costa: O projeto da Acolhida da Colônia em Casimiro de Abreu, hoje, neste exato momento, anda um pouco estacionado. Entendeu? A gente teve no início do projeto uma parceria com o poder público municipal em que foi dado um suporte bastante satisfatório por parte do poder público., mas infelizmente não encontrou eco no setor privado. Na questão dos proprietários. Então a gente encontrou alguns proprietários que ainda hoje encontram-se aguardando alguma coisa pra vir do poder público. Então, começamos com 15 propriedades, tivemos em meados de 2015 para 2016, diminuiu pra 10 e de 2016 para 2017 passou pra 7 e hoje realmente atuando de alguma forma dentro da Acolhida da Colônia somos 2: nós aqui do Sítio Santa Isolina e o Luiz Nelson da RPPN Fazenda Bom Retiro.

Bruno: Eu tive algum contato com a Dona Sonia também...

L. Costa: A Sonia vem fazendo um trabalho na propriedade dela, diferenciado, mas com recebimento e confecção de refeição, ela sai da propriedade e serve a refeição em outras propriedades onde existe um evento acontecendo. Como, por exemplo, ela fazia para o Luiz Nelson. Ela sai de dentro do Visconde e ia até Aldeia Velha e servia a refeição lá. De um tempo pra cá a gente passou a ter, aqui em Rio Dourado, serve como base do Ernest Götsch, que o criador aí do... da agricultura sintrópica, uma base em Rio Dourado então existe sempre um evento ali acontecendo e a Sonia ela está como contratada fixa pra servir a refeição para eles lá. De início até ela atuava dentro do contexto da Acolhida com uma frequência maior por causa que a prefeitura vinha mantendo com a gente. A partir do momento que essa parceria se rompeu com o fim do royalty para todas as prefeituras da região e prefeitura de Casimiro se ressentiu muito com isso, a primeira coisa inclusive que ela fez foi fazer o remanejamento das secretarias... a secretaria de turismo foi agregada a secretaria de esporte e de meio ambiente. Então com isso o projeto da Acolhida na Colônia teve uma descontinuidade por parte da prefeitura, mas proprietários viemos atuando ainda da nossa forma, da nossa maneira, mas sem contar mais com a parceria da prefeitura. 2016 para 2017. Agora, no ano de 2017 assumiu uma nova administração municipal e a gente foi procurado pela municipalidade que demonstrou um interesse em colaborar com o Projeto Acolhida na Colônia. Montamos inclusive um *famtour* que aconteceu, se não me engano, em junho de 2017, maio para junho de 2017, ou julho, agora não me

recordo o mês exato, pra mostrar os novos roteiros da prefeitura o que que a gente tinha de estabelecimento e os estabelecimentos que se encontravam dentro do projeto da Acolhida e como se encontravam essas propriedades em relação à expectativa que o próprio pessoal da Acolhida de Santa Catarina fazia com a gente.

Bruno: Perfeito.

L. Costa: E foi uma surpresa um tanto quanto constrangedora porque na verdade eles não encontraram o que teve de início. As 10 propriedades nem as 7 estavam, acabou fazendo o *famtour* em cinco propriedades e das cinco propriedades eles acham ou achavam que pelo menos só três teriam condição e isso pela concepção deles prefeitura, secretaria de turismo e secretaria de agricultura porque eles acreditam que o Projeto Acolhida da Colônia, como eu acredito também, eles devem seguir a orientação que vem de Santa Catarina: O produtor rural, agricultura familiar, produzindo orgânico, se não orgânico, alguma coisa próximo ao agroecológico. Você tem que ter um cuidado diferenciado. Você tem que ter uma abordagem diferente na forma que você tem que fazer a tua Agricultura. E essas propriedades não deram sequência a alteração de agricultura convencional para agricultura orgânica. Infelizmente do projeto da Acolhida na Colônia, a única propriedade que fez a conversão de convencional para orgânica foi o Sítio Santa Isolina, dentro do projeto da Acolhida. Por que tem outro detalhe também. Você só pode ser considerado dito de fato agricultor orgânico ou produtor orgânico se você tiver uma certificação. Se você não tiver essa certificação você fica tipificado como produtor agroecológico.

Bruno: Ok, E quem emite essa...

L. Costa: Tem várias entidades que fazem a emissão ou tinham várias que emitiam. Nós usamos como critério fazer a emissão de uma forma que pudesse realmente contar até para gente por causa do custo. Então a gente não fez a opção pela contratação de uma empresa para fazer a certificação. A gente fez a través de uma associação que ABIO, se eu não me engano, uma das primeiras do Rio de Janeiro a trabalhar com a questão do agrorgânico e ela é feita através de Sistema Participativo de Garantia, denominado SPG. Então nós montamos um grupo de SPG que é hoje conhecido como o SPG SerraMar II que agrega produtores de Casimiro de Abreu e Rio das Ostras. Nós já agregamos produtores da Serra de Macaé. Ali é Bicuda. Bicuda não, é... Sana. E já tivemos produtores de Silva Jardim, mas não fazem mais parte do grupo. Então hoje nós temos Casimiro de Abreu e Rio das Ostras.

Bruno: Nesse SPG

L. Costa: SPG. Sistema Participativo de Garantia. Dentro da Acolhida da Colônia a única propriedade certificada é o Sítio Santa Isolina que tem na figura do Otávio, meu filho, o ator que faz a comercialização da produção. Faz a comercialização da produção hoje através de um *site*, de uma página, que é 'a minha cesta orgânica', foi que a gente criou também, e ele vem atuando na venda dessa produção desde 2015, desde a entrada da produção orgânica na propriedade.

Bruno: Deixa eu te interromper. Quando à administração, seu papel de administrador na Acolhida. Na Acolhida na Colônia, como que está... como funciona o teu papel como administrador?

L. Costa: Eu como proprietário rural em Casimiro de Abreu e tendo essa propriedade, o direito de uso da chancela da Acolhida na Colônia, nós tivemos, inclusive, anteriormente a isso, para entrarmos, para ter direito de uso da chancela da Acolhida

na Colônia, nós tivemos que fazer a criação de uma associação que pudesse agregar os interessados a participar do projeto. Então criamos a APASMAR, que é a Associação de Produtores Agroecológicos SerraMar, e juntamos então aí, se eu não me engano, a época 12 propriedades e as 12 propriedades então se inseriram no projeto Acolhida na Colônia. Logo de Início dois tiveram dificuldade pela exigências que eram feitas e se afastaram do projeto. Então ficamos de fato 10 propriedades. Então, eu como presidente da APASMAR tenho o reconhecimento da federação da Acolhida na Colônia de Santa Catarina como coordenador da Acolhida na Colônia em Casimiro de Abreu. Que até o ano passado era a única... a única fora do Estado de Santa Catarina. Hoje a gente já sabe que já tem em São Paulo, a gente já sabe que já tem no Paraná também, tem outros estados aí que estão conseguindo formalizar uns grupos bacanas.

Bruno: Eu não sei como estão esses projetos da Acolhida...

L. Costa: Então estão conseguindo dar sequência ao projeto. É um projeto que eu entendo que é muito agregador de possibilidades... Você imaginar a vida do campo de hoje, do homem agricultor, pequeno agricultor, ele é tão sofrido hoje como era há 30, 40, 50, 60, 70, 80... 100 anos atrás. E tem um respaldo de governo mínimo. Você realmente tem que se virar sozinho. Exatamente até por causa da contextualização que vem de cima pra baixo, Governo Federal só entende você como produtor rural, agricultor familiar e ba ba ba se você estiver ali dentro de alguns critérios ali que eles criam. E pra você ser inserido a esses critérios é uma burocracia absurda, inimaginável. Mas a gente vem conseguindo através da insistência minha... lógico que vou falar do Sítio Santa Isolina. Insistência minha, a gente acaba conseguindo por exemplo ajuda, parceria com a prefeitura hoje em Casimiro de Abreu. A prefeitura ajuda a gente por causa do projeto Acolhida na Colônia. Sem dúvida nenhuma. Se fosse um produtor rural que não estivesse inserido num projeto desse, lógico que acredito que ele iria ter a parceria da prefeitura sim, mas não de ordem tão imediata que a gente consegue aqui.

Bruno: Então, eu poderia dizer que as entidades de classe os órgãos que tem mais acesso à Acolhida e às propriedades então seriam: A prefeitura, a APASMAR...

L. Costa: E a APASMAR, que é a associação que acabou assentando o projeto Acolhida na Colônia e a gente tem também por exemplo o Sindicato Rural, a EMATER, são órgãos que a gente tem muita dificuldade de acesso. A gente teve agora uma visita nesse mês que passou de novembro (novembro de 2017), da secretária, da delegada da Secretaria de Agricultura e Desenvolvimento Agrário – que é a SEAD, do Governo Federal – e ela ficou realmente um pouco abismada com a situação que os produtores rurais se encontram em Casimiro de Abreu. Saber dessa dificuldade que a gente tem de acesso a EMATER que é um órgão que foi criado para dar assistência. Inclusive ele é um órgão de assistência, como tem o sindicato. Só que o sindicato é de outra forma, é mais patronal, mais pro proprietário realmente se associar, acho que não entra na área..., mas existe, só pra ser claro, hoje você tenta ser reconhecido e pra ser considerado agricultor familiar você tem que ter a DAP. E para você ter a DAP, é a EMATER e o Sindicato Rural que fazem a emissão da DAP. Se você não é associado ao Sindicato, dificilmente ele vai te atender. E a EMATER por outro lado, se não tiver um interesse em que você seja reconhecido [som e sinal de desprezo com as mãos. Tapas nas costas das mãos], você simplesmente não vai ter a DAP.

Bruno: Que coisa...

L. Costa: O Sítio Santa Isolina não tem DAP. O produtor rural Otávio Toledo Costa não tem DAP ainda. Então são coisas que a gente vai tentar por cima, já foi conversado com ela sobre esta dificuldade, nós vamos tentar diretamente com eles a concessão da DAP. Não se entende [risos]

Bruno: Isso é interessante porque o Governo Federal, por meio do Ministério da Agricultura, o próprio extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário também, colocam o CAR o cadastramento do agricultor rural, que é obrigatório e tal...

L. Costa: O Sítio Santa Isolina foi o primeiro a fazer o CAR no município de Casimiro de Abreu.

Bruno: E não consegue fazer o DAP.

L. Costa: [fez expressão de desprezo e nojo] Então são questões Bruno, que a gente... imagina que por você estar fazendo correto direitinho ba ba ba ... a coisa vai andar mais rápido e quando você vê, você esbarra numa coisa que não tem a ver. Não é com documento, não é com isso, não é com aquilo. Tem nada a ver... É uma outra questão que fica a parte da burocrática. Mas...

Bruno: Bem, quanto ao projeto Acolhida na Colônia e daqui a pouquinho vou passar pra sua propriedade...

L. Costa: Certo.

Bruno: É, olhando o projeto lá da maneira como ele é configurado né... E a maneira como ele tá aqui em Casimiro de Abreu. O Senhor acredita que o projeto, da maneira que ele tá configurado, tanto lá e instalado aqui, ele consegue estimular a participação dos viajantes no manejo das propriedades do jeito que ele tá colocado, sim ou não!? E como o senhor acha que isso funciona? Como funciona isso aqui no Sítio, na sua realidade.

L. Costa: Eu acredito que a proposta inicial inclusive a praticada lá em Santa Catarina que é: produtor rural que é uma gente que vem experimentando dificuldades e dificuldades com o trato da agricultura com o projeto Acolhida na Colônia ele vem somar e traz, agrega a agricultura o turismo. Agroturismo. Então é uma possibilidade de vislumbre de entrada de dinheiro que na agricultura você não tem. Você ainda esbarra em algumas coisas. Por exemplo, você para ser produtor, pra você produzir alguma coisa dentro da propriedade você tem que se virar pra vender o que você vai produzir. Você não tem uma colaboração de uma entidade que tenha sido formalizada, mesmo que sejam através de proprietários e tudo mais. Não existe isso em Casimiro. Não existe uma associação para vender o produto do produtor rural de Casimiro. Não existe uma cooperativa. Não se fez isso até hoje, então a gente tem que agir por conta própria. Então lá em Santa Catarina, até pelo fato das propriedades serem de dimensão menor que a gente tem aqui em Casimiro de Abreu eles tem a facilidade maior para fazer isso. Eles lá estão mais próximos então a possibilidade de se juntar, de se agrupar foi mais fácil. Pra gente aqui é de uma certa dificuldade porque tenho eu que estou aqui na divisa com Rio das Ostras, o mais próximo de mim vai estar a 22km que é o pessoal do assentamento Visconde. Do assentamento visconde vai pra cima da serra mais 20km. De lá, vai pro Ribeirão, que é um outro lado de Casimiro, mais aí uns, descendo a serra, mais uns 10 km e depois Luiz Nelson já na saída de Silva Jardim, mais uns 15km. Então nós estamos, em questão de distância, bem afastados uns dos outros. Lá no Sul se deu de forma mais fácil a união por causa disso. Eles estão muito mais próximos. Muitas vezes são vizinhos de cerca. Mas a

vinda do projeto, a ideia do projeto que é agregar valor com o turismo ela continua muito bem-vinda e aceita e a gente só não conseguiu dar sequência em questão de grupo por causa da dificuldade que os outros atores têm de entendimento de que se você não fizer o mínimo não tem como você querer buscar uma parceria com a prefeitura ou com outra entidade qualquer para a te arrastar. Então você tem que estar disposto ao mínimo para você poder participar do todo. E a gente não teve isso!

Bruno: Então, E quanto a esse nível de influência que o projeto tem em incentivar que o viajante participe da rotina da família?

L. Costa: Vamos lá! Quem conhece o Projeto Acolhida na Colônia, ele sabe que a proposta é exatamente diferente até mesmo do turismo rural. Que muitas vezes a gente vê práticas de uma forma, como é o turismo urbano em que você vai a um hotel, ou onde tem uma piscina, onde tem uma sauna, onde você tem uma quadra de esporte e a gente vê pousadas, hotéis, hotéis-fazenda, que incorporam esses instrumentos à propriedade para trazer o turista. A Acolhida na Colônia não faz isso. Ele [o projeto] quer trazer o turista para a vida do homem do campo. E essa é a diferença de lazer turístico. É um lazer onde o camarada vai ver a propriedade, ele vai ver a hora que o sujeito levanta, ele vai ver a lida do homem na roça, seja na criação do animal ou no plantio de uma cultura... Então é uma linha que é diferente do turismo urbano e diferente de muito turismo rural, que a gente sabe que tem, lógico, fazendas que fazem atividades rurais dentro da área rural. Ele pega o camarada para fazer uma trilha a cavalo [...] outras que fazem a trilha dentro do morro grande [Morro São João] para conhecer a área do vulcão e aquele negócio todo. Então ainda é, apesar de lá, na Fazenda São João, por exemplo, você ter a piscina, você ter de repente um campo de futebol, não é essa a proposta do turismo rural. A nossa proposta do turismo na Acolhida da Colônia é agroturismo. Agroturismo, é o turismo praticado dentro da propriedade rural que atua realmente dentro da agricultura e da pecuária ainda no sentido verdadeiro da coisa. Com plantio e produção, tanto da área da agricultura quanto na área da pecuária.

Bruno: Perfeito. Vamos lá! Falando sobre questões da fazenda. Me conta um pouco da história da sua propriedade.

L. Costa: A propriedade Sítio Santa Isolina foi adquirida, se eu não me engano, em 1983 pelo meu pai Jair Maia Costa, hoje se encontra aposentado, mas produtor rural no Rio de Janeiro ainda na época do Estado da Guanabara, produtor de banana, produtor de aipim, produtor de chuchu, várias culturas a gente produzia nas propriedades que ele tem lá no Rio, são sítios pequenos também como este aqui, de quatro alqueires e meio. Lá todos são dentro desse porte também e a gente teve uma necessidade de mudança lá do Rio pra cá porque a propriedade lá estava sofrendo com o crescimento populacional, ataques em cima da produção, a gente tava perdendo gado... Eles entravam matavam o boi, carregava já nos pedaços... Em produção também! De agricultura também. Você ia vendo aquela roça de aipim, os pés murchando amarelando, quando você ia ver o cara tirava a raiz e enterrava de volta. Eu to passando um pouco disso aqui agora. Então a gente viu a possibilidade de trazer o gado pra uma área que já era mais rural no Estado do Rio de Janeiro. A gente já tinha feito a fusão da Guanabara com o antigo estado do Rio de Janeiro então já tinha se tornado Estado do Rio de Janeiro, e como isso aqui já era uma área rural, chegando aqui a gente não teve nenhum problema com criação de gado. Nunca teve. Nunca teve roubo, nunca teve admoestação de maneira nenhuma. Nunca teve. Então..., mas eu ainda era jovem e atuava em outras áreas profissionalmente lá no

Rio de Janeiro e a propriedade ficou, basicamente, de 83 a o ano de 1998 somente com a produção de leite, na pecuária. E com a minha vinda, no fim de 1998 para 99 pra morar já na propriedade é que eu vim implementando algumas alterações. Então a gente começou a fazer plantios, a gente começou a plantar feijão, a gente começou a plantar algumas verduras e leguminosas pra consumo próprio da casa e a criação de galinha e então a gente com o aumento da produção, foi começando a fazer a venda dessa sobra de produção. A gente vendia para os pais amigos de escola das crianças e foi percebendo que esse era um nicho que poderia ser explorado com um pouco mais de profissionalismo, que até então não se praticava a agricultura e a criação de animal com foco, com interesse financeiro. Mesmo a criação de gado de 83, desde a aquisição da propriedade até minha vinda pra cá em 98, nunca foi o foco principal da propriedade. Aqui era o lugar onde meu pai descansava. Então ele vinha pra cá para... Como ele gostava do gado então tinha o boi ali pra ver e você ter uma propriedade para você custear essa propriedade não é barato, então ela tem que se pagar. Então, criava-se o boi para produzir o leite que era o que pagava a existência da propriedade. E com minha vinda pra cá, eu introduzi a criação de galinha e introduzi também a agricultura. Tudo de forma diminuta, pequena, a princípio para sustento da casa... e com o advento do aumento da produção a gente fazia a venda desse aumento. E a gente foi observando que isso rendia, trazia rendimento. Não se fazia nessa época, não se pensava em agroturismo – na região não se falava nada disso – , mas com o crescimento dos meninos [filhos do Sr. L. Costa] e com a idade, chegada de idade deles, aumento de idade deles, foi aumentando a necessidade de estar mais próximo a cidade junto com eles pra... curso de inglês, é... natação, karatê, judô e eu acabei ficando, me tornei motorista deles. [risos] porque eu levava de manhã; 7 horas tinha que está na escola. Meio dia tinha que buscar. Então, saia 7h, voltava pra casa as oito, saia as 11 para meio dia buscar. Então 9, 10, 11... você tinha 3 horas pra fazer alguma coisa dentro da propriedade. De tarde, chegava pro almoço 12h, pra almoçar com eles; 12h40 ou 1h, quando chegava 2 ou 3 horas tinha que estar com eles lá fora de novo pra curso de inglês, natação, ou pra judô, ou qualquer outra atividade que complementasse o currículo escolar deles. Então eu acabei realmente me tornando motorista deles. Então isso dificultou um pouco a estadia da gente na propriedade. Em 2004 a gente acabou saindo do sítio, indo morar na cidade de Rio das Ostras e voltou à propriedade apenas para a pecuária. Ficou o gado com a produção de leite, para manutenção da propriedade. Em 2010, eu acabei me divorciando, me separando, e voltei para morar no sítio. Voltei para morar no sítio já com a ideia, que eu já conhecia o projeto Acolhida na Colônia, lá do início dele através da revista Globo Rural, e aí já foi um foco maior, a vinda do Rio pra cá já foi realmente com esse propósito: transformar a propriedade num local de recebimento de pessoas que você pudesse difundir a ideia de agricultura familiar...

Bruno: foi aí que nasceu a ideia de receber visitantes!?

L. Costa: De receber os visitantes, pra poder mostrar pra eles de onde vem o leite, de onde é que sai o ovo, você come a verdura, de onde é que ela vem... Que infelizmente foi interrompida por causa do crescimento das crianças, da chegada da idade escolar deles realmente absorvia um tempo maior para eles. Então com o meu retorno em 2011, a gente começou a preparar a propriedade para ideia, ainda não se falava nem no município nem em lugar nenhum do projeto Acolhida na Colônia. Eu conhecia através do Globo Rural como eu já disse e tinha vontade de participar. E na minha ideia, a melhor maneira de fazer isso, era através da prefeitura. E foi realmente uma casualidade, se alguém acredita nisso..., da prefeitura, na figura do prefeito a época,

o Antônio Marcos, está fazendo uma viagem de avião e ver um filmete que se passou dentro do avião, durante o voo, falando sobre a Acolhida na Colônia. E ele se interessou pelo projeto, montou uma equipe pra ir conhecer o projeto lá em Santa Catarina. Nesse meio tempo, eu já tava de volta na propriedade e buscando já preparar a propriedade para esse projeto. Não a Acolhida na Colônia, para fazer o projeto de recebimento do turista para mostrar para ele como é a vida da pessoa no campo. E aí eu num jornal local, se eu não me engano o Debate, que era de propriedade do Oscar, Oscar Pires Junior; na verdade o jornal era do pai dele, Sr. Oscar Pires. Mas o Oscar Pires Junior já vinha labutando há muito tempo lá também, e eu conhecia Oscar da época de Rio das Ostras também e ele atuava também na área do turismo lá em Rio das Ostras...

Bruno: Com a hotelaria, né?

L. Costa: Com a hotelaria... Então, vi a reportagem no jornal e fui buscar a secretaria de turismo em Casimiro pra conversar sobre o projeto que era um projeto em que me interessava e daí a coisa foi fluindo. Então eu junto com a prefeitura e a secretaria de turismo em Casimiro de Abreu, à época, 2012 ou 2013, não me lembro bem o ano de início disso, mas foi logo no segundo mandato do Antônio Marcos. 2012 mesmo, se eu não me engano foi o início do segundo mandato dele, que foi exatamente o início do projeto Acolhida na Colônia aqui em Casimiro de Abreu. Eu ainda acredito Bruno, como a gente já conversou lá atrás no primeiro contato que você teve com a gente quando a gente tava fazendo a capacitação de parcerias com o Sebrae e tudo mais, a gente vem buscando realmente uma capacitação para fazer isso acontecer bem feito, bacana, que eu realmente acredito que não importa o que você queira fazer, mas você tem que ter o mínimo de conhecimento técnico pra que a atividade seja praticada de forma que não seja perigosa pra você e de maneira que ela seja eficiente para que não denigra a própria ação. Se você vai praticar uma agricultura orgânica capenga, você vai daqui a pouco começar a dizer que a agricultura orgânica é chinfrim, é desmerecida, porque você pratica ela sem conhecimento, sem técnica, sem nada. Então a gente começou a se capacitar e buscar cada vez mais a capacitação para que se possa desenvolver a atividade de forma, no mínimo, consciente. Então, a gente vem fazendo essa capacitação. O grupo veio se somando outros atores, outros produtores, é... rurais, ou agrícolas, ou de agricultura convencional inclusive de Casimiro de Abreu, que se acharam no momento entrando para o projeto, entendendo que era viável a mudança deles para uma produção que era mais agroecológica também a participação no agroturismo. Infelizmente o tempo mostrou que não é dessa forma, não se concretizou dessa maneira. Então hoje, no ano de 2017, a gente tem, infelizmente, atuando de verdade ainda dentro da metodologia preconizada pela Acolhida na Colônia em Santa Catarina, o Sítio Santa Isolina e a RPPN Fazenda Bom Retiro.

Bruno: O que significa pro senhor, dono da propriedade, abrir as portas da fazenda para receber visitantes a conhecer a família, conhecer a rotina, conhecer...enfim?

L. Costa: É como eu estou dizendo pra você. É uma forma de você, além de fazer um aumento de fluxo de caixa, financeiro, para a propriedade, que não se tem realmente através da agricultura mesmo a nossa aqui sendo diferenciada por ser orgânica, mas é um nicho ainda que está para ser trabalhado; já se faz, é obvio, Otavio já consegue se manter com a venda do que ele produz e o Lucas, que é o outro filho que a gente tem também, que trabalhava na área petrolífera em Macaé, mas fez o retorno para casa e já se inseriu na produção orgânica também... estamos preparando agora para

criar o frango orgânico, para ter ovo orgânico. É um projeto que ele particularmente, junto com o Otávio estão batalhando, estão correndo atrás para ver implementam em tempo mais curto possível, mas também com recursos próprios, não tem recurso de programa de governo... apesar de existir a gente não tem acesso por causa da falta da DAP, então... é mais demorado, é mais... mais laborioso, mas eles estão insistindo, estão... a prefeitura de Casimiro de Abreu, hoje, através da pessoa do Secretário de Turismo que é o Nilton de Paula, tem se mostrado interessado, tem maneira, dentro das possibilidades dele, tem ajudado com informações, com parcerias, dando contatos para que eles busquem, para que eles se informem para atingir o objetivo deles. Então eu vejo que a abertura da propriedade para o recebimento do turista, pra gente é benéfica a partir do momento de imediato que você já recebe uma ajuda pecuniária que não existia. Você não ia conseguir se não fosse através do recebimento do turista. E por outro lado é bacana porque você informa ao desconhecido uma série de coisas que ele talvez, se não viesse na propriedade, jamais saberia. Você tem através duma aula de ciências a informação coisas simples e básicas dentro da matéria. Então você sabe que você planta um tomate na terra, mas você não sabe se a terra é ácida, se a terra é alcalina, então isso só o produtor rural vai descobrir. Então determinado tipo de coisa não dá num solo ácido, tipo de coisa não dá num solo alcalino, você só vindo dentro de uma propriedade para descobrir isso. De que forma que é feito, se é virado pro Norte se é virado pro Oeste, se é virado pro Sul... então o produtor rural tem condição de te capacitar essas informações. Eu acredito que esse fluxo de turistas na propriedade só vai aumentar de verdade a partir do momento que a gente conseguir formalizar um grupo de produtores ou de proprietários que tenham o real interesse de trabalhar no segmento. Infelizmente os atores encontrados pela prefeitura na gestão passada não se mostraram com interesse suficiente pra fazer o projeto Acolhida na Colônia deslanchar. Eles estão ainda inseridos no projeto, mas não estão atuando através da Acolhida na Colônia.

Bruno: Até porque no site da Acolhida você encontra alguns lá...

L. Costa: Essa é uma conversa que eu tenho direto com o pessoal de Santa Catarina, que infelizmente os companheiros aqui de Casimiro de Abreu, já ouvi dizer que eu quero tirar ou que eu tirei eles da Acolhida na Colônia... de forma nenhuma. Não quero, não quero tirar...Muito pelo contrário, quero... venho buscando a inclusão de novos atores, mas, pra isso preciso do aceite do pessoal da Acolhida de Santa Catarina.

Bruno: Eu sei que a gente já comento sobre isso, mas se não se importar de repetir, mas adicionando uma informação. Como são pensadas as atividades para os visitantes? Quais são elas, você pode lista-las e como elas são pensadas, analisadas... ou não são pensadas. Exemplo, Ah aqui na nossa rotina que a gente faz é isso aqui, é isso que a gente dá ou não é... de que maneira que vocês pensam sobre isso?

L. Costa: É basicamente, exatamente assim mesmo... A gente tem a nossa rotina, e a gente faz quando tem a visita... exemplo, se a gente tem a visita de uma escola, com aluno de faixas de idades diferenciadas a gente tenta adequar parte da nossa rotina para atender aquela determinada idade que demanda uma atividade diferenciada. Criança muito pequena não a condição de entendimento de muita coisa então ela vê, ela faz a visita da propriedade, conhece uma parte da área da propriedade, faz uma participação na alimentação das galinhas, dos patos e dos

gansos que são animais que não vão causar um dano caso aconteça um ataque de uma galinha numa criança... vai dar uma bicadinha, então é uma coisa que vá ocasionar uma ferida grande, um transtorno maior. A gente prepara na área de horta um canteiro onde ele vai fazer o plantio de uma mudinha, de uma verdura, de uma hortaliça ou de uma coisa qualquer. A partir do momento em que a idade vai avançando, a gente vai adequando a nossa lida normal, vai passar um rapazote de 12 ou 13 anos de idade... 18 anos de idade... ele já não precisa, se não quiser, fazer a alimentação do animalzinho. Ele vai lá vai visitar, ver como é criado, vai ver como a gente alimenta, mas não precisa alimentar... 'Ah eu abro mão disso daí, não quero dar comida para galinha'. Tá, não precisa. Então, a gente leva ele até a horta, mostra como é feito o plantio na horta. Se ele tiver o interesse de fazer o plantio na horta, faz o plantio na horta, se não quiser, também não tem problema nenhum a gente vai levando ele em outras áreas de plantio como o plantio da mandioca, que uma área maior, demanda mais espaço, onde se planta abobora, milho, feijão, essas coisas. Então a gente leva até lá, mostra como é feito o plantio. Se ele quiser participar, ele participa... tudo isso fica a critério do visitante. Se ele quiser só visualizar como é feito, não tem problema nenhum. Ele vai só visualizar. Se ele quiser botar a mão na, massa, a gente ensina a forma de fazer e ele participa, os minutos que ele achar que seja interessante, ele vai fazer, vai atuar no plantio, na capina, ou na poda, seja lá qual for o manejo que a gente estiver fazendo.

Bruno: E se você tem adultos, eles já pegam na enxada... como é que fica essa questão do manejo mais rudimentar?

L. Costa: A gente tem na propriedade, se você imaginar, não é assim, simplesmente, acordar de manhã e faz o plantio, a gente tem cerca pra cuidar, pra tratar, pra manutenção, a gente tem por exemplo o gramado tem que ser mantido de forma cuidadosa, até porque visualmente é uma coisa que impacta a pessoa quando vem. Não é só porque você está lidando só com a roça que você vai deixar a outra parte jogada pra lá. Então a gente faz... tira um dia da semana vai cuidar do gramado da entrada onde você fez a tua entrada. Ali onde vai pro galpão onde a gente tem a arezinha de recebimento maior das pessoas inclusive pra refeição. Então aquele gramado ali é cuidado de uma forma diferenciada e tem um tratozinho, a gente faz a produção de plantas com flor de época, de estação, para que fique agradável realmente ao olhar. Não só pra gente, mas pra quem visita também. Então se nesse dia estiver programada uma visita vai ser essa a atividade que a pessoa vai ver de imediato. Mas não só essa, 'ah, mas vocês não fazem o plantio?' fazemos o plantio também. A gente dá uma paradinha naquela atividade e vai lá e mostra como é a outra atividade. Que é o nosso dia-a-dia. Então se a gente tira um dia para fazer um corte de grama, e no dia seguinte a grama está cortada, você dá uma revisada na cerca. Acabou de revisar a cerca, você vai ver lá se a mandioca está precisando jogar uma terrinha nela, se o milho está precisando chegar uma terra. Se tem uma tiririca pra você tirar. Então é cotidiano. Todo dia a mesma atividade sendo que feita de forma diferente. Então ela não cansa também porque acaba sendo cada dia um dia diferente do outro.

Bruno: Legal que um grupo nunca vê a mesma coisa que o outro.

L. Costa: Não! Não faz. Apesar de poder participar das mesmas atividades, mas vindo num dia diferente... por exemplo, vir num dia que tem a máquina preparando a terra, como a gente teve essa semana agora. Não se teve atividade de plantio, não se teve atividade de manutenção esses dias porque já foi feito antes. Então o cara vai vir aqui

e vai ver de repente o Otávio foi deu uma rodadinha, viu se tinha atividade e não tinha porque esta já tinha sido feita. 'Então e hoje?'. 'Ah! Hoje nós vamos deitar na rede e vamos só...' não! Vamos arrumar o galinheiro, poxa tá precisando de um remendo num lado lá... e aí ele vê realmente o que está se fazendo de atividade na propriedade. Sem que a gente deixe de atender a curiosidade do visitante.

Bruno: Se ele quiser participar da troca cerca ele pode?

L. Costa: Participa, participa! Já aconteceu já. 'Queria plantar um negócio tem?'; 'Dá dez minutos que agente prepara aí pra você fazer o plantio.' Sempre tem um canteiro ou outro que fica, que a gente deixa para fazer repouso. Por exemplo, minha mulher faz o plantio de erva medicinal, então são canteiros que ficam quase que perenemente com a produção. Mas ficam áreas espaçadas entre um plantio e outro que a gente faz exatamente para que não fique é... se você observar o ambiente natural, você não tem uma área sequenciada de plantio na natureza de alecrim. Você vai ver um pé de alecrim ali, o outro lá e entre eles alguma outra coisa. E a gente procura fazer dentro da nossa área de plantio da mesma maneira. Então a gente faz, por exemplo, um canteiro com 12 metros de comprimento por 80 centímetros de largura, um metro de largura... a gente não faz também dentro da convencionalidade que a agricultura técnica preconiza. A gente faz de acordo com nosso manejo... Minha mulher tem um metro e cinquenta e dois, eu tenho problema na coluna... então um canteiro de um metro demandaria uma posição que dificultaria pra gente. Então a gente diminuiu a largura do canteiro para que a gente possa fazer o trabalho de forma confortável. Não adianta também você se estropiar em dois dias e depois você não conseguir fazer mais nada. Porque no dia seguinte, requer sua atenção. Então o plantio é feito dessa forma: faz um pé de alecrim, um pé de arruda, um pé de uma outra erva, uma coisa qualquer... sempre entremeadado de uma coisa ou outra. E dentro desses canteiros a gente produz também hortaliça.

Bruno: Quais são os animais que você tem na fazenda, que eu estou vendo cavalo, galinha.

L. Costa: Hoje a gente tem somente cavalos, galinhas, patos e gansos.

Bruno: E o cavalo não é usado para a atividade turística...

L. Costa: Hoje a gente não faz a utilização pra atividade turística porque são cavalos que são nossos de uso comum pra quando a gente tem vontade de dar uma cavalgada. Então são animais de uso frequente. Então eles ficam, como a gente poderia dizer, um pouco é... vagabundos. Então quando você pega na segunda vez que você vai montar é um cavalo que tá meio arisco... necessita de um conhecimento mais aprofundado da técnica de montaria pra você evitar um acidente. Não que não possa acontecer um acidente com alguém acostumado. Acidentes acontecem com qualquer um, então. Mas pra evitar isso a gente não põe os animais para se fazer, por exemplo um passeio. Ainda não. Mas tá previsto o uso constante deles para que possam ser utilizados para uma cavalgada. Dentro da propriedade mesmo, não precisa ser fora da propriedade. Dentro da propriedade mesmo.

Bruno: Qual o tamanho da propriedade?

L. Costa: A propriedade tem quatro alqueires e meio.

Bruno: Alqueirinho ou alqueirão?

L. Costa: Alqueirão. Conhecido como alqueire mineiro. 48 mil e 800 metros quadrados. Então transformando para hectares, dá perto de 25 hectares. Pra metro dá perto de 250 mil metros quadrados.

Bruno: 25 hectares dão pra fazer uma boa trilha de cavalo.

L. Costa. Dá pra fazer... A gente tá fazendo também, Bruno, com o nosso retorno pra cá, inclusive com a regularidade da propriedade junto ao Ministério da Agricultura através do CAR (Cadastro Ambiental Rural), onde fica configurado já, através de lei, se você tem uma propriedade tem que ter, pelo menos, 20% de área de preservação nativa, apesar da gente já ter a área... a gente não mexe nela: não se faz corte de árvore, não se faz nada disso... A gente já tem dentro da propriedade, só que em áreas separadas. Não estão os 20% em uma determinada área junta. Mas a gente vem fazendo plantio de árvores frutíferas e nativas da localidade; que a gente aqui tá a mais ou menos 10 quilômetros da área de mar, então nós temos um entremeio de espécies entre a área litorânea, espécies litorâneas e as espécies de mata, Mata Atlântica. Então a gente vem fazendo o plantio dessas árvores na propriedade. Nós já plantamos até hoje em torno de 350 mudas de árvores para composição de uma área maior de reserva do que é legal, do que é exigido por lei. Eu acredito que mais pra frente a gente vai ter 100% da área... 100% não por que a gente vai ter que deixar uma área de plantio, mas da área que a gente reservou para transformar em área de preservação, que é basicamente mais da metade da propriedade, como a gente não pretende e não tem realmente... por não ter acesso ainda dos benefícios que o governo federal e estadual podem gerar pra gente com ajuda de financiamento para ajuda de compra maquinário e essas coisas todas, a gente acaba tendo que contar com mão-de-obra humana para lida no campo. E hoje em dia é muito difícil de se achar mão-de-obra para trabalho rural. É quase impossível. Na verdade, é quase impossível. Tanto que aqui dentro da propriedade mesmo a gente não tem funcionário fixo. A gente faz o trabalho com os meninos na horta de mais pra orgânico, que o Otavio trabalha, na erva medicinal, minha mulher comigo lá e na área de plantio maior eu eventualmente, quando consegue encontrar, faz o contrato temporário de trabalho para atuar.

Bruno: Seria um meeiro ou safreiro?

L. Costa: Não tem como você ter meeiro nem tem como ter o safreiro. Você não acha um trabalhador com a frequência necessária pra isso. Se trabalha na forma de diária. Empreitada... Eu tenho um rapaz aqui que ele vem pega o serviço, some e depois aparece e vê o que dá pra fazer. Mas tem serviço todo dia... Não tem como você imaginar... por exemplo, hoje você tá vendo. Até por onde você entrou. A grama tá alta, o que que aconteceu? Da outra vez que ele veio me ajudar no corte de grama, ele acabou estragando os dois cortadores de grama. E eu tive que levar pra fazer o conserto das máquinas. Já vai para 30 dias e as máquinas não ficaram prontas. Antes dessa época de chuva não teve problema nenhum, porque a grama se manteve baixinha. Mas a chuva que veio, graças a Deus que veio a chuva, a grama cresceu e já tá precisando inclusive que seja feito o trabalho primeiro com a costal²⁴ para depois você poder entrar com o cortador de grama comum. Então agora nós vamos ter que pegar, nós de casa mesmo, vamos ter que fazer. Pegar o costal e o cortador de grama e vamos ter que fazer até a chegada do material correto para fazer o aprimoramento.

²⁴ Máquina mecânica ou elétrica usada para cortar vegetação arbustiva ou capineiras altas ou grammas depois que formam os capoeirões. Também conhecida como roçadeira.

Bruno: A gente conhece lá na roça de roçadeira

L. Costa: Ah aqui também é roçadeira.

Bruno: Tem uma que é de gasolina, coloca atrás das costas, tipo a da Husqvarna, John Deree.

L. Costa: A nossa não é costal. A gente faz a de uso lateral, que para corte de grama ela é mais eficiente do que a costal. A costal pra você fazer o corte de uma capineira que é uma espécie de capim de uma gramínea mais grossa, mais espeça, mais até a braquiária, colônia, capim elefante, então você necessita de um equipamento que te dê um conforto maior. Então a Costal ela por ficar fixada a suas costas você consegue fazer um corte mais eficiente. Pro corte da grama a lateral faz um bom resultado.

Bruno: Lá no Espírito Santo eu tenho lá os primos e os vizinhos que tem roça e participo porque eu fui criado nesse meio, né? E lá a gente tem essa prática lá. A gente desbastou uma parte lá, um alqueire mais ou menos que a gente desbastou e a galera, um mutirão, foram os amigos todos lá. E o que o pessoal partiu de jararaca no meio lá... As lâminas eram aquelas grossas para tirar aquelas capineiras maiores né. Mas esses nomes técnicos que você fala aí, não sei nada disso, porque eu fui criado usando... a gente faz mocha²⁵ de bezerra ainda no ferro quente. Pessoal diz aí que já tem máquina. Que eu nunca vi essa máquina na vida.

L. Costa: Eu acredito que, até no interior mesmo, é mais difícil o acesso a esse conhecimento e a essa tecnologia. Aqui a gente fazia a criação de gado já mocho por natureza. O girolanda ou o Jersey²⁶ são mocho por natureza. Quando acontecia de nascer, apesar de não estar livre já que ele nasce mocho, às vezes nascia a gente não queimava. Porque a gente tem o conhecimento de uma pastazinha que você bota e com o tempo ela descorna naturalmente. Você não precisa mais botar ferro quente.

Bruno: No mesmo período? 45 dias de nascido?

L. Costa: É por aí.

Bruno: Vamos lá. Quantas pessoas, em média, visitam sua propriedade por mês?

L. Costa: Eu não posso te dizer seguramente até porque a gente deu uma diminuída no atendimento neste ano de 2017, para poder dar uma implementada na propriedade. A gente construiu o galpão, quer dizer, melhorou o galpão e fizemos a construção de mais dois banheiros então um galpão tem dois banheiros e tem mais um para terminar para cadeirante e eu fiz mais dois banheiros para atender a área de camping. Então neste ano de 2017 a gente só recebeu é... a visita da escola no início do ano. De lá pra cá, para não dizer que fechou a porteira, a gente recebeu para almoço na época do inverno ainda.

Bruno: Vocês têm camping ainda?

L. Costa: A gente faz uma parte de camping também.

²⁵ Técnica onde se queima os córneos dos bezerros e bezerras a partir do 45º dia de nascido para que haja uma inibição no crescimento dos chifres. A razão da técnica se dá pela segurança e maior facilidade no manejo dos animais.

²⁶ Girolanda: Raça híbrida entre o boi Gir, zebuino de origem indiana e o boi holandês, proveniente do noroeste europeu e escandinavo. Jersey: Raça bovina proveniente da França, próximo ao canal da Mancha.

Bruno: Porque eu perguntei se não tinha acomodação...

L. Costa: É que o camping eu não considero acomodação porque o sujeito tem que fazer a barraca.

Bruno: Mas é uma acomodação...

L. Costa: Bem, apesar que eu não ceda a barraca... não sei.

Bruno: Então se o visitante quiser dormir na propriedade ele pode ficar no camping...

L. Costa: Ele pode ficar no camping.

Bruno: Pegando o tempo que você estava recebendo, 2016 para cá, 2017 você estava fazendo a melhoria da fazenda, quais foram os meses que você teve mais movimento de 2016 para cá?

L. Costa: É... bem... a gente até que faz opção maior por recepção na época de inverno porque pra gente é melhor. Na época de verão é sofrido demais. Você vê: nossa atividade no campo nessa época de calorção inicia no clarear do dia. Às 5 e meia ou às 6h da manhã então você vai. 10 horas você já está de volta. Sai de lá da roça 10h, 10 e pouquinho da manhã, sobe e procura se acomodar do calor até as 4h... que mais ou menos a hora que o sol começa a arrefecer. Num é baixar não, é arrefecer só. Aí é a hora que já dá pra você aguentar o sol de novo e você vai. Num tem jeito cara... e aí vai... Então a gente faz opção para receber no inverno.

Bruno: Diríamos então que seria de março até meados de setembro que é quando começa a esquentar bem de novo...

L. Costa: Por aí.

Bruno: Se bem que eu tô achando esse ano bem mais fresco que os anos passados.

L. Costa: Foi bem mais fresco, mas foi mais seco também. A gente teve uma estendida de estiagem até agora no início de setembro.

Bruno: Teve algum turista que voltou a sua fazenda?

L. Costa: Mais individual. A gente tem grupo que vem pra... fecha pra almoço...

Bruno: Eu digo para atividade: esse que participa da labuta.

L. Costa: Esses que vem pra almoçar eles acabam indo ver alguma coisa. Alguns acabam não participando da atividade em si porque acabou de almoçar, pancinha cheia não vai pegar no trabalho. Mas ele vai lá ver e depois volta só pra fazer a atividade

Bruno: Sim. E já aconteceu de algum grupo ou casal, um turista, num sei... chegou a ver algum... alguma vez aconteceu de o cara vir e fez uma cerca, uma cama de frango, o cara fez qualquer coisa e ele chegou e depois 'quero ir de novo aí', já aconteceu?

L. Costa: Infelizmente ainda não. Mas a gente recebe sempre telefonema, recebe e-mail e o projeto na verdade ele está andando com nossas pernas...

Bruno: Ainda não estourou né?

L. Costa: Eu faço pouca divulgação. A divulgação é feita através de Facebook. E aí, é óbvio, como que é feita a divulgação? A divulgação é feita a partir do momento que o

grupo vem visitar e a gente faz aquelas filmagens e fotografias e depois a gente vai fazer a divulgação, e outras pessoas vão sabendo. Como não tem aquela coisa de você ter uma agência de turismo capitando o turista... não, não tem.

Bruno: Ok. Você já falou dos pontos positivos da fazenda. A questão da cultura, da troca, da parte financeira... enfim. Tem alguma parte negativa da atividade turística que você queira ressaltar, apesar de ter pouco tempo?

L. Costa: Ter tem e eu acho que é comum que se tenha, que vi em outras propriedades aqui e quando a gente viu... que pra gente participar do projeto da acolhida na colônia nós fomos lá visitar algumas propriedades. E a gente viu que o que acontece aqui aconteceu com alguns participantes do grupo nas propriedades lá. O camarada que chega na propriedade e quer pegar um negócio, quer colher... Então o camarada que vem da cidade ele meio desavisado. Ele acha que tá ali ele pega, bota a mão... ele tenta... É lógico que vai tirar um limão, vai tirar uma amora não vai te fazer falta, mas você tem que saber que aquilo faz parte da composição do que você ganha. É do teu salário. É a venda do que você produz é que vai transformar no teu salário. Então se você tem um visitante que não tem esse bom senso de entendimento, ele vai ter que ser chamado a atenção, isso é desagradável. A gente aqui no sítio busca fazer, no momento do contato seja telefônico ou através do correio eletrônico, já preparar a pessoa para esse tipo de coisa. A gente recebe na propriedade grupos, a gente prefere que sejam grupos pequenos de até 15 pessoas. Pessoas de bom senso, caso vocês identifiquem no grupo que alguma pessoa não tem, você já faz a gentileza de pedir a pessoa que ao chegar que ela pergunte se pode. Se pode mexer, se pode entrar, se pode participar... A ideia nossa é que sim, que seja feita dessa forma. Mas a gente faz o convite a pessoa para a atividade.

Bruno: Entendi! Bem, é... nossa entrevista chegou ao fim! Muito obrigado pela sua paciência e disponibilidade em contribuir pra minha pesquisa.

L. Costa: De nada... disponha!

Entrevista com turistas – Z. Moreira

Entrevista Z. Moreira

Bruno: Primeiro eu queria agradecer tua ajuda. Eu sei como é complicado arrumar um tempinho na agenda nesse corre-corre.

Z. Moreira: Sem problema.

Bruno: Obrigado mesmo. Bem vamos começar. Bem, eu vou te perguntar sobre sua experiência no Sítio Santa Isolina, mas se você contar sobre sua experiência de contato com outros sítios, você pode mencionar, tá? Então, quando foi essa visita que você fez ao Sítio Santa Isolina?

Z. Moreira: Possivelmente foi uns quatro anos atrás. É, você quer que eu diga quando que eu tomei conhecimento?

Bruno: Pode ser.

Z. Moreira: É... Acredito que foi pela internet que me chamou a atenção e como já há muitos anos que eu já tento evitar umas coisas no que diz respeito a alimentação, não-industrializadas, me interessou bastante o fato deles não fazerem o uso do agrotóxico. E... eu fui com meu filho. e na época eles estavam vivendo uma questão que era geral. Dificuldade com água, mas ainda assim estava tudo lá muito bonito... o que eles tinham me agradou bastante. É... se fosse o caso assim de morar mais próximo, com certeza eu ia consumir bastante os alimentos daquele lugar. Porque a gente vê seriedade nos donos e o que eu pude ver agradou tanto a mim quanto ao meu filho... meu filho nem tanto, mas eu consigo me alimentar já de uma forma bem melhor.

Bruno: Qual a idade do seu filho quando vocês foram?

Z. Moreira: Ele tem... ele vai fazer 30 anos. Quando ele conheceu ele tinha 26 anos mais ou menos. Então eu já deixei de comer algumas coisas e de beber algumas coisas que eu sei que não são saudáveis, né? Porque a indústria tá aí e ela quer sufocar a gente a qualquer custo, a qualquer preço. E por trás disso tem o capitalismo que se impõe... E... e são coisas que são fáceis de serem feitas. Esse contato com a agricultura sem agrotóxico que eu tive foi na infância. Na infância, e boa parte da adolescência porque eu morei no sítio até os 10 anos... Depois continuei tendo contato com os meus avós que continuaram no interior e eu via que eles não precisavam fazer uso de nenhum agrotóxico. E a qualidade de vida era boa, os alimentos eram bons. Eu tive esse avô que foi até os 94 anos e com muita saúde. E outros tios que eu ainda tenho até hoje que tem uma saúde bem razoável e eu acredito que eles têm contato com isso até mais do que eu e eu acho que a gente pode atribuir isso a essa questão desses alimentos. E a ciência já provou pra gente que muitas das nossas doenças tem todo uma culpa por conta de tudo que a indústria coloca, mistura desses alimentos. E a gente percebe que não é tão difícil, principalmente para nós que temos espaço... E até para quem tem pouco espaço, que mora em apartamentos pequenos. Mas pra nós que temos casa e temos quintais é uma coisa até mais simples. Coisas podem ser acrescidas na nossa alimentação do dia-a-dia e que vai ter um grande benefício. Conhecer o Santa Isolina foi assim... foi uma grande experiência! Apesar de ter tido um contato só, eu voltaria tranquilamente... é... porque eu reconheci que o trabalho deles é bem sério e conquista as pessoas... me agrada muito saber que lá

em Rio das Ostras nós temos duas feiras que eu conheço diretamente de produtos que vem do interior... não posso garantir, mas ao que tudo indica, são produtos naturais. Uma eu tenho certeza porque eu vi no grupo que planta... esqueci o nome da menina que cuida disso... enfim! É... tenho planos para ir mais ainda e voltar para o interior mesmo e fazer uma baita horta. Já fiz curso de horta orgânica e tô muito animada. E hoje, eu tenho... bem eu posso falar um pouco de mim: eu vou fazer 60 anos ano que vem e eu acredito que é por conta disso; é claro que não é só disso... Uma questão de genética talvez, tudo isso contribui. Mas eu... eu fico muito feliz quando eu vou ao médico... esses médicos que a gente precisa ir todo ano, e ele pergunta: 'a senhora tem pressão alta, tem isso, tem aquilo?' – Não, não, não... 'Toma algum medicamento?' – Não. E eu não tomo um comprimido de nada... então eu não como carne vermelha, como muito pouco carne branca esporadicamente, sem sucos industrializados, sem refrigerante... É... e tudo que eu posso evitar! E no local que tem o alimento sem agrotóxico que eu faço é um pouco difícil porque são poucas, pelo menos em todos os lugares que eu morei. E uma coisa que me encanta é assim: todos os lugares que eu conheço... o primeiro lugar que eu quero conhecer são os mercadões... para ver as cores diferentes, sentir os cheiros diferentes, essas raízes... depois eu vou conhecer as outras coisas, mas primeiro o verde que eu não conheço, os cheiros que eu não conheço, as frutas que eu não conheço... e isso me deixa muito feliz. E é o que você disse, mudar alguns hábitos já cristalizados é muito complicado, né? Eu ainda faço... consumo uma série de coisas que eu não gostaria de consumir. Mas acabo consumindo. Acho que é uma questão de hábito mesmo, de disciplina. De não ser disciplinada..., mas quem sabe, né? Bom seria se Sítios como o Santa Isolina pipocassem por esse país, porque é tudo que a gente precisa. Esse país é gigante! O que tem de terras por aí... terras devolutas, terras que são mal aproveitadas. É lamentável que a gente ainda ouça falar de fome num país gigante desse...

Bruno: A política pública também é deficiente pra caramba, né?

Z. Moreira: Exatamente!

Bruno: O repasse para a agricultura familiar é quase nenhum!

Z. Moreira: Exato! Não repassam e sem compromisso com essa questão. Porque na verdade é um grande investimento. Quando os governos investem em alimentos saudáveis, na verdade ele tá evitando que lá na frente ele vai ter gasto com doença, né? A gente sabe disso...

Bruno: Ótimo. Bom, quanto às visitas, quantas vezes você já fez esse tipo de atividade? Na Santa Isolina você só chegou ir uma vez há quatro anos atrás, mas desses quatro anos pra cá você já chegou a fazer mais alguma outra visita em alguma outra propriedade?

Z. Moreira: Não, infelizmente não. Eu fiz, como eu te disse ao... quando conheci uma horta em Cachoeiro de Macacu...

Bruno: foi quando isso?

Z. Moreira: Foi ano passado.

Bruno: Sabe qual foi o nome da propriedade?

Z. Moreira: na verdade era um sítio, é do Paulinho, não sei o sobrenome dele...

Bruno: Mas não é turístico...

Z. Moreira: Não é turístico. Mas eu acho até que valeria a pena ser do modo que ele fez. Ele não fez é... canteiro, aquela coisa toda que costuma-se preparar numa horta, com cara de horta... ele simplesmente encharcou, digamos assim, o terreno dele com verduras, cheiro verde, geral. Tomateiros gigantes. A terra toda preparadinha com esterco naturais... Fantástico! Muito bom.

Bruno: Como se deu a escolha de fazer esse tipo de atividade? De agroturismo? Você já falou um pouquinho, né... que você gosta de visitar esses lugares porque você já gosta da questão do 'in natura'..., mas foi só esse motivo da alimentação ou tem mais alguma coisa, algum outro elemento fora da alimentação que você gosta nesse tipo de atividade?

Z. Moreira: Olha, eu sair da minha casa, sair da nossa casa, sair do nosso bairro e me dirigir a um lugar verde, com planta... não por questão da agricultura, mas você se ver de frente de novo com as origens, a terra, o mato, a floresta. Acho que é terapêutico. Renova, sabe?

Bruno: Excelente. É... o que você imaginava antes da experiência? Você chegou a criar algum imaginário antes de você visitar o Sítio Isolina ou sítio do Paulinho... Como é que você imaginava antes de ir para uma experiência de agricultura, por exemplo?

Z. Moreira: Não sei...

Bruno: Você teve algum estranhamento? Tipo, pensava uma coisa e viu outra...

Z. Moreira: Ah não. Sem estranhamentos. Não sei é por conta do contato que eu já tive na infância...

Bruno: é por esse motivo que eu to mudando a pergunta... porque você falou de já ter tido uma criação e tal...

Z. Moreira: Então, é... é! Esse contato sempre foi muito bom, muito agradável... acho que é o contato muito agradável na minha infância de na adolescência que a gente faz questão de repetir mais tarde. Daí a importância que eu também entendo das crianças também terem esse contato, com a terra, com o verde, com o que tá fora da cidade, com os animais. Desde sempre. Pra educação, pra educar. Porque é bom, porque faz bem, interessante.

Bruno: Você disse que não foi por intermédio de agência, que chegou lá viu sitio e entrou no sítio e tal. Mas como foi isso, me conta. Foi indicado por alguém, foi por intermédio de alguém... quando foi no Isolina.

Z. Moreira: Eu não lembro muito bem, não tenho essa lembrança, mas eu acredito que tenha sido net. Via net.

Bruno: Internet?

Z. Moreira: Exato. E... fiz questão de conhecer. Deve ser uma beleza lá. Daí convidei meu filho e ele me levou e ele também ficou deslumbrado, mas foi internet sim.

Bruno: Você faria de novo?

Z. Moreira: Com certeza! Mil vezes. Lamento esse tempo que fiquei ausente porque minha vida ficou meio... é... e com dificuldade de alguém me levar... Não que seja tão afastado, entendeu? Mas eu parei de dirigir também e fica mais complicado. Mas eu voltaria mil vezes e indicaria mil vezes.

Bruno: Na Isolina ou no Sítio do Paulinho... to dizendo do Paulinho porque ele me traz uma ponte temporal. É... você teve algum contato com manejo. Tipo, 'botei a mão na

terra. Colhi, plantei, manuseei ferramenta leve, mediana ou pesada... você fez algum tipo de manejo em algum desses sítios?

Z. Moreira: Não. Eu fiz isso quando eu morei aqui. Há mais de 25 anos atrás. Aqui em Cachoeira de Macacu. Na verdade, é como se fosse uma chácara e eu fiz horta. Eu tirava e dava pros meus vizinhos, ficava com a mão calejada, eu tinha tempo pra fazer isso porque eu trabalhava muito próximo, eu trabalhava bem próximo de casa e... e foi uma experiência em vários momentos. Às vezes passava um pouco e às vezes recomeçava... e dava pros meus vizinhos muitas verduras é... cheiro verde, brócolis... prateada... tomatinho, taioba, muito saudável. Meu pai tem aqui, se você quiser a gente passa lá e você leva pra casa.

Bruno: [risos]

Z. Moreira: E meu pai gosta muito disso. Ele é um senhor de 73 anos que ainda planta; ele tem alguns terrenos do outro lado, que a gente também fica, é uma chácara também. Então volta e meia ela tá lá plantando, ontem mesmo ela tava lá no pé de abacate, na laranjeira, e colhe daqui e colhe de lá... e depois pega taioba, ele não joga as coroas do abacaxi fora, se você olhar no quintal tá cheio.

Bruno: Que legal...

Z. Moreira: Eu tive essa experiência sim, eu colocar a mão na terra, eu cuidar, sem agrotóxico algum, eu fazendo a compostagem do meu jeito com café, borra de café, casca de banana, aquelas coisas todas que acaba desprezando mesmo... E lá em Rio das Ostras onde eu moro eu to tendo oportunidade de fazer, mas não tá do jeito que eu quero. Do jeito que eu comecei a fazer lá, já comecei a colocar uma telinha... então tô começando a preparar a minha horta com cheiro verde, muito manjeriço que eu gosto muito, alfavaca, cebolinha... embaixo também tem uma área, que é próximo a uma fazenda que já plantamos taioba, tem algumas 'fruteiras' [imagino que aqui ela quis dizer frutíferas], então tá assim... eu tenho esse contato de mexer com a terra, de sentir o cheiro.

Bruno: Já o normal seu.

Z. Moreira: É, gosto muito disso. Isso me deixa muito feliz!

Bruno: Com animais também? Já teve criação.

Z. Moreira: Pra consumir os bichos?

Bruno: Não, não. Às vezes não pra consumir os bichos, mas por exemplo uma galinha para consumir os ovos...

Z. Moreira: Não. No caso, em relação aos bichos, um dos motivos, que de eu não comer carne vermelha é de não querer que eles morram.

Bruno: Entendi. Tipo um consumo consciente.

Z. Moreira: Isso, mas não estou do jeito que eu gostaria de estar. Ainda como frango, que eu ainda vou deixar e peixe. Apesar de que eu ainda coma um pouquinho, mas ainda como. E isso me deixa com a consciência pesada. Aí..., mas quanto aos animais eu sempre tive gato...

Bruno: Ah, mas eu digo animal de roça.

Z. Moreira: Ah não.... na época da minha infância meu pai é que tinha.

Bruno: Deixa eu te perguntar... Lá no Santa Isolina o seu contato foi um pouco mais contemplativo né? Tanto lá quanto nesse de Macacu?

Z. Moreira: Sim, sim.

Bruno: Além da contemplação a tua visita foi bem rápida né?

Z. Moreira: sim, foi um dia só. Dei uma observada boa e depois teve uma entrevista lá e depois comprei alguns alimentos.

Bruno: Ah então você comprou também.

Z. Moreira: Eu não poderia ir lá sem voltar pra casa com os braços cheios. Aí depois eu fiquei sabendo através de uma amiga que eles estavam entregando cestas em casa. Mais aí eu acho que eu viajei e não fiquei em casa.

Bruno: É... Se você pudesse elencar pontos positivos e negativos de uma visita a uma propriedade rural, o que você me falaria.

Z. Moreira: Não necessariamente do Isolina...

Bruno: Pode ser a experiência turística em si, vamos dizer.

Z. Moreira: Os pontos positivos eu acredito que eu já tenha falado, né?

Bruno: Sim.

Z. Moreira: Os negativos, apesar de não ter experiência com muitas visitas, mas do que eu leio e do que eu observo... não sei, mas eu acho que a estrutura de você estar naquele local por um determinado tempo. Não sei se... não sei como que é isso. De oferecer melhores condições, pelo menos dos que eu tenho notícias. De alguém que já foi, tipo 'ah, faltava um banheiro melhor...' essa parte estrutural, essa parte física. É..., mas eu acho que isso contaria tanto como negativo, talvez porque as vezes é muito afastado... num sei.

Bruno: ultimamente eu tenho escutado que poderia ter mais oferta. As pessoas não conseguem pensar num ponto negativo da atividade em si porque ficam deslumbradas. Eu só tive um comentário que eu já escutei uma vez, mas não nesse trabalho em si, que foi de às vezes a propriedade não saber de como passar a informação, a instrução de como usar a ferramenta..., mas, ainda não é algo do tipo 'ah eu acho um saco tal coisa' ou 'ah isso é muito ruim...'. Parece que não tem problemas para as pessoas a atividade em si, para elas é mais a estrutura mesmo. Esses são os pontos negativos que pessoal levanta. Diferente de outras coisas... por exemplo um cruzeiro. Pontos negativos e positivos de um cruzeiro... a positivo tem isso, isso e isso. E negativo... ah tem que pagar tudo. É caro isso ou aquilo. Existe para as pessoas um ponto negativo da atividade em si.

Z. Moreira: sim.

Bruno: Tem essas atividades do rural, do ecoturismo, de aventura que eu não escuto o pessoal levantando muitos pontos negativos da atividade em si. Só da estrutura. Incrível isso. Eu acho muito legal. Bem, essa é uma das perguntas que me ajuda a levantar um *highlight* para ver se eu encontro alguma coisa, mas no seu caso eu não sei... Quais as diferenças entre a rotina do meio urbano e a rotina do espaço rural? Parece pragmática a pergunta, mas não é.

Z. Moreira: A rotina do urbano e rural? Olha eu falo que eu sou um bicho totalmente rural, totalmente caipira matuta...

Bruno: Somos dois [risos]

Z. Moreira: Eu fico extremamente estressada, com um desgaste mental impressionante quando eu preciso me deslocar para grandes centros. O trânsito em si é algo que é extremamente assustador. É um bicho assustador pra mim. Essa correria... essa coisa desenfreada que é imposta para as pessoas nos centros urbanos eu acho que é um... que lá se vão, para quem se submete a esses trampos diários, eu acho que lá se vão anos na vida do funcionário. Porque vem, vem... acaba com a saúde é um tempo que não se tem por conta de trânsito. É um tempo que não se tem para um filho, porque são horas para ir, horas para voltar, horas para deslocar quando o trabalho exige mobilidade. Então, é... bem diferente do ritmo rural, fora esta questão do urbano... do contato. Acho que se perde muita coisa, do contato das pessoas umas com as outras, é... muita coisa, num sei, esse contato de ser bacana com as pessoas, de se respeitar os limites uma das outras. Acho que não passa só pela educação que já o cidadão recebe e adquire e tal, mas acho que já se estressa tanto que ele acaba ficando sem paciência com o outro, não tem... acaba perdendo a paciência e por vezes, porque não no trânsito, e... sendo violento no caso. Como a gente sabe de vários... E no caso do rural, nossa! É... é outro ritmo. Parece que o tempo é diferente. É... as pessoas ficam mais próxima mais solidárias... Não tô romantizando o espaço rural, né o bucólico, vamos dizer assim, mas eu consigo enxergar um modo de mais suave de se ver as coisas... e eu acho que a gente não merece, o ser humano, nós não merecemos esses trampos que a vida impõe na zona urbana. Eu acho muito cruel. É a chance da gente ser mais saudável, ser mais de bem com a vida. De... de dar a volta por cima de algum problema que a gente tenha na vida. Acho que são bem melhores.

Bruno: Excelente. Você já deve ter feito outras viagens na vida fora dessas poucas, mas foram outras viagens né?

Z. Moreira: Sim.

Bruno: Quais são as diferenças de qualquer outra viagem que você tenha feito para a praia, floresta, resort que você talvez tenha ido, e esse tipo de atividade no espaço rural? Tipo, é... normalmente nessas viagens você fica num hotel, pega um avião... para fazer seu lazer. Quais são as diferenças que você atribuiria entre uma atividade turística entre aspas 'convencional' e a atividade de lazer no ambiente rural? Você vê diferença ou não vê nenhuma?

Z. Moreira: A vejo com certeza.

Bruno: Quais são as diferenças?

Z. Moreira: Assim... todas as viagens que eu já fiz fora desse ambiente, do rural, é... é o que eu te disse. Quando eu chego num local eu quero conhecer primeiro...

Bruno: os sentidos...

Z. Moreira: Exato! Sempre que eu coloco o pé em um novo lugar, eu quero saber onde fica o mercado, o mercadão. Aí depois que eu sinto que eu conheço e que às vezes tem as barraquinhas, por exemplo Goiânia, eu fui sabendo de frutas que eu não conhecia e tive um envolvimento.

Bruno: Foi quando?

Z. Moreira: Goiânia, foi há uns cinco anos, talvez. É... e confesso que eu não gostei da capital, apesar da gente ter conhecido muita coisa, a gente ficou meio que

concentrado só no miolo da cidade... quente, trânsito..., mas de fato isso de eu ter conhecido a feirinha e o mercadão já me alegrou bastante. É... outros lugares também. Acho que a gente sempre dá mais preferência para um lugar que seja mais tranquilo, de hotel, de pousada, entendeu? Quando é possível. Basicamente isso.

Bruno: Ok. Tem alguma coisa que você deixou de fazer ou começou a fazer após as experiências de visitas a localidades rurais? É... essa pergunta aqui é complicada porque você já teve uma... um hábito. Você já tem uma experiência rural de família, né? Mas alterando aqui um pouco o roteiro, você... a ida a essas atividades rurais e a busca com essa questão de como é plantado, de como é feito, mesmo que você já conheça no histórico familiar, é... isso gerou alguma mudança na sua rotina? Você adquirir coisas novas que você agora faz ou deixar coisas velhas que você fazia?

Z. Moreira: É... eu já fui com algumas coisas... só confirmou o que... o quanto é bom fazer diferente o que eu fazia e o que tento fazer de diferente.

Bruno: Excelente! Sua resposta é ótima pra mim. Tem mais alguma coisa que você queira falar sobre turismo rural e essa questão da agricultura e do contato do visitante?

Z. Moreira: Eu tenho muita vontade... é, assim de... esse lugar que eu vou morar. Eu gostaria muito... e eu tempo pra isso. Tempo e vontade! Eu gostaria de... o nome do lugar é Guapiaçú. De... de incentivar; não se isso passaria por um pequeno projeto. Porque eu também não quero algo que me tome muito tempo. É... que eu despenda muito tempo para tal, mas alguma coisa assim que eu pudesse ser uma incentivadora de me juntar, tipo no caso do Paulinho... de pedir ajuda, porque eu fiz esse curso de horta orgânica já há algum tempo e... eu tenho muito que aprender com Paulinho.

Bruno: Paulinho esse que você fez do... [som de caneta batendo no papel sobre a mesa]

Z. Moreira: Exato! É... porque é uma coisa muito simples. Ele não movimentou terra. Ele não fez grande coisa ali.

Bruno: Quase que indígena, né.

Z. Moreira: Isso. Bem primitivo, de incentivar isso porque eu percebo que lá não se vende coisa para turista. Lá vai muito turista por causa da cachoeira e rios que são cristalinos.

Bruno: Apesar de não ser turística a propriedade passa turista lá... é isso?

Z. Moreira: Isso. Então eles vão lá.

Bruno: Então acaba virando turístico [risos].

Z. Moreira: E lá a gente tem dificuldade de comprar verduras a não ser que seja comprada aqui e os caminhões façam a entrega lá. Então eu acredito que as pessoas até tenham os quintais. Conheço poucos quintais e eu percebo que eles não investem muito nisso. Eles ficam sem alimento, eles tentam comprar quando vão na cidade, eles levam ou não, porque cada um tem seus hábitos. Mas assim de incentivar, ir em escola, para cada um ter sua própria produção e ter isso como parte da merenda. Incentivar isso, fazer rede de troca. Sabe? Ou de vender mais baratinho pro turista e investir no próprio local. Existem algumas demandas, entendeu? De... é... pracinha né? Que não investem...

Bruno: Base comunitária né? Bem, Z. Moreira, eu queria te agradecer por essa entrevista. Muito obrigado mesmo.

Z. Moreira: De nada, tomara que eu tenha ajudado mesmo...

Bruno: Não se preocupe. Ajudou e muito...

Entrevista com turistas – C. Dantas

Bruno: Bom, é... seu nome todo, qual é?

C. Dantas: C. S. Dantas.

Bruno: Muito bem. C. Dantas como você sabe essa pesquisa então é baseada em, buscando pessoas que tenham tido experiências turísticas, né, não significa dizer que o ambiente que você foi deveria ser turístico, um hotel, o que seja, mas teve uma experiência turística, alguma coisa, um estranhamento, vamos dizer assim, na área rural, tá? Então, é... eu agradeço bastante, inclusive, a tua ajuda, mas é... pela citação eu entendi que você foi a um ambiente rural, não é isso? Foi um ambiente que não é na cidade...

C. Dantas: É, na verdade... isso. Eu sempre estou indo basicamente até as fazendas, mas porque eu trabalho na área, então eu vou, o meu horário acaba sendo de quem trabalha, mas obviamente eu vou e sempre acabo sendo turista também, né.

Bruno: Você já foi a lazer alguma vez?

C. Dantas: Várias vezes.

Bruno: Tá. Qual foi a experiência mais antiga, tipo a primeira vez que você foi pra roça, vamos dizer assim, e a mais recente?

C. Dantas: Como turista mesmo ou na vida?

Bruno: Pode ser como turista.

C. Dantas: Como turista, olha cara deve ter... 33, eu devia ter uns 12, 13...

Bruno: Não precisa falar a idade, mas tudo bem.

C. Dantas: Não, eu devia ter uns 12, 13 anos a primeira vez que eu fui. Então assim, tem bastante tempo.

Bruno: Muito tempo. 20 anos.

C. Dantas: É. E a última vez que eu fui a lazer pra um hotel fazenda ou algo fazer alguma coisa nessa parte rural... foi... agora não estou conseguindo me lembrar.

Bruno: Mas tem mais de cinco anos?

C. Dantas: Não, não. Foi ano passado, eu só queria lembrar mais ou menos o mês.

Bruno: Bom, vamos lá, essa última visita que você fez tá, é... eu não costumo fixar isso em uma propriedade só, mas foi pra onde?

C. Dantas: Essa última que eu fiz eu fui, na verdade, no último ano eu estive em 3 lugares.

Bruno: Tá, pode falar.

C. Dantas: Eu estive em um lugar que é perto de Teresópolis...

Bruno: Seria Friburgo?

C. Dantas: Não... Araras... Ah, eu estive em Araras tem pouco tempo na verdade, não tem nem 3 meses.

Bruno: Tá, Araras eu conheço. Fica ali subindo pra serra. É distrito de Friburgo se eu não me engano.

C. Dantas: Eu não sei se é Friburgo ou se é Teresópolis, ou Itaipava ali que é tudo meio que misturado. E eu vou muito pro lado de Conservatória, que foram as últimas vezes que eu fui ano passado.

Bruno: Entendi. Conservatória também. Ok. Conservatória tem uma... característica bem diferente.

C. Dantas: Eu estou falando os que eu fui como turista, tá? Porque se você perguntar eu trabalho em um hotel fazenda todo fim de semana, então eu não estou considerando isso.

Bruno: Ah, que legal. Onde que você trabalha? Qual hotel fazenda?

C. Dantas: Saquarema. Hotel Fazenda Vale Encantado.

Bruno: Vale Encantado. A gente vai fazer depois contatos comerciais.

C. Dantas: Eu não estou considerando...

Bruno: É porque pra o que eu quero isso aqui vai..., mas é importante saber isso, eu tenho que saber isso, lógico né. É... eu vou separar depois um momento pra falar sobre isso. Ok, vamos lá, são... em Araras e Conservatória foram sítios, né?

C. Dantas: Em Araras foi sítio e Conservatória foi especificamente hotel fazenda mesmo.

Bruno: Pelo que você falou a última vez foi Araras, tem 3 meses, mas você repete bastante Araras, ou não?

C. Dantas: Um pouco. Um pouco, mas assim, dessa vez eu fiquei em um sítio, mas eu tenho amigas com casa lá, então... às vezes eu vou para as casas delas e às vezes eu vou realmente pra algum lugar.

Bruno: Entendi. Então são sítios, né?

C. Dantas: Isso.

Bruno: Rancho já ficou?

C. Dantas: Não. Lá não.

Bruno: Muito bem. Bom, é... falando um pouco sobre Araras e Conservatória, Vale Encantado depende porque daqui a pouco a gente vai falar sobre isso porque pode

ser que ele entre um pouquinho por causa de algumas perguntas, mas quais são as atividades que você realizou nesses lugares? Voltadas pro rural.

C. Dantas: Pro rural, tá. Em Conservatória eu fiz trilha é considerada né?

Bruno: Mais ou menos. Eu digo de manejo né, de lida.

C. Dantas: Tá. Em Araras foi mais parque de cachoeira e trilha mesmo. Em Conservatória como quase todas as vezes que eu fui eu acabei indo pra hotel fazendo, então lá tinha muita coisa de visita a horta do local, tinha muita coisa de visitar os animais de fazenda, é... no meu caso nem tanto porque eu não sou criança e tal, mas eu vejo que pra criança tem muita atividade de interação com o local, tipo brincadeiras tipo de pé no chão mesmo, brincadeiras que eu fazia quando era criança na fazenda da minha avó, piques que eu via lá, tinha até pra adulto, é que no meu caso eu fiquei mais paradinha, mas a parte de alimentar... visita de fazendinha, lidar com os animais, coisa de ordenha, visitar horta, isso tudo eu acabei participando.

Bruno: Algumas dessas visitas que você fez foi agricultura familiar?

C. Dantas: Não.

Bruno: Nunca foi agricultura familiar?

C. Dantas: Não.

Bruno: Tipo uma família que é agricultor de verdade e você... nunca?

C. Dantas: Não porque dessas... viajando como turista não.

Bruno: E a trabalho?

C. Dantas: Se você me perguntar como trabalho sim, porque a gente compra de alguns produtores rurais do local que eu trabalho.

Bruno: Uhum. Você já chegou a visitar esses lugares?

C. Dantas: Nunca visitei nenhum deles. Eu só compro.

Bruno: Sugiro fazer a visita porque é muito bom. Eu fui criado na roça, não posso falar com tanta propriedade, mas pra quem nunca fez, todo mundo fala que é uma coisa... eu realmente gosto muito de trabalhar com mato.

C. Dantas: Eu tenho amigos próximos que trabalham com isso.

Bruno: Que legal. Eu vou depois pedir indicações...

C. Dantas: Um inclusive é em Aldeia Velha.

Bruno: ... pra fazer outras entrevistas. Em Aldeia Velha já entrevistei algumas pessoas de lá já, inclusive. Mas...

C. Dantas: A Tati Zamaio.

Bruno: Não, essa não. Mas ela trabalha com isso, tem propriedade ou ela é turista?

C. Dantas: Não ela mora lá... ela era jornalista de formação, que é minha formação, foi morar em Aldeia Velha, hoje trabalha com coisas orgânicas e...

Bruno: Recebe visitantes?

C. Dantas: É

Bruno: Ah que ótimo. Eu quero o contato dela também. Mas vamos lá, é... então de manejo, você chegou a fazer alguma ordenha?

C. Dantas: Já, já.

Bruno: Já chegou a plantar, colher?

C. Dantas: Já. Não gosto muito não, né, mas já.

Bruno: Tem quanto tempo isso? Essa ordenha...

C. Dantas: Cara de plan... não ordenha tem bastante tempo, eu vou te falar porque eu tenho nojo.

Bruno: Sério?

C. Dantas: Eu tenho nojo do leite.

Bruno: Ah sim.

C. Dantas: Não tenho nojo do bicho, eu tenho nojo do leite. Eu tenho problemas sérios com leite, então ordenha tem muito tempo. Agora de plantar tem pouco tempo, se for considerar coisas que eu faço no local de trabalho tem pouquíssimo tempo. A gente está sempre plantando alguma coisa, normalmente eu acabo indo lá pra meter a mão pra alguma coisa também.

Bruno: Então você faz algum tipo de manejo rural?

C. Dantas: Isso.

Bruno: Entendi.

C. Dantas: De lida com os animais também.

Bruno: Lida de animal, quais são as lidas que você chegou a fazer? Isso me interessa muito.

C. Dantas: Tá, então vamos lá. Se eu for considerar eu como turista, vou sempre fazer esse paralelo...

Bruno: Ótimo, excelente.

C. Dantas: Eu como turista normalmente, porque a gente acaba fazendo muito quando vai nesses lugares, é cavalo, boi, bezerro, é... galinha, pato, que é o que normalmente

tem. Agora se for falar eu como proprietária de um hotel, lá eu lido com coelho, pato, ganso, cisne, eu tenho lhama, eu tenho pônei, eu tenho cavalo...

Bruno: E você maneja esses animais?

C. Dantas: Manejo. Manejo de curiosa né. [riso]

Bruno: Excelente. Isso é uma razão interessante de eu estar te entrevistando como turista. Porque se você fosse dona da propriedade ou dona dos animais e tivesse recebendo turista, mas não tivesse essa história que você tem eu teria que virar a chave, seria completamente diferente.

C. Dantas: A minha avó não mora no Rio, minha vó mora na Bahia e ela é fazendeira lá então assim, eu meio que convivi na fazenda dela desde que eu tenho, sei lá, 1 ano de idade.

Bruno: Você tem o pezinho na roça.

C. Dantas: Então a gente ia todo ano pra lá.

Bruno: Vamos lá. Você trabalha com isso e pelo que você relatou você também viaja pra esses lugares, mesmo trabalhando com, um pouco com o rural e na área natural, você escolhe também fazer essas viagens pro interior.

C. Dantas: Sim.

Bruno: Por quê?

C. Dantas: Porque eu gosto. Gosto mesmo. Eu gosto do ambiente de fazenda.

Bruno: Uhum.

C. Dantas: E assim, no meu trabalho eu estou trabalhando, então eu não consigo vivenciar o que o hóspede vivencia como turista, então quando eu saio, que eu vou pra um lugar desses eu vou primeiro porque eu gosto e segundo porque eu quero de fato ser turista e desfrutar daquilo.

Bruno: Uhum.

C. Dantas: E aí no caso eu não estou nem falando de desfrutar, por exemplo, dos animais. Porque isso eu posso desfrutar no local que eu trabalho. Eu quero desfrutar o ambiente, desfrutar de estar no lugar que eu possa ficar na rede, ou de um lugar que eu possa ir na cachoeira, ou de um lugar que tenha pessoas que vão fazer, por exemplo, e aí eu vou, "ah, a gente vai fazer a caminhada pra conhecer o sítio do Zé Fulaninho que tem o bichinho tal" e aí eu vou porque eu gosto. Claro que, assim, meu olhar acaba sendo um pouco diferenciado do olhar de um hóspede comum, mas eu tento, normalmente, quando eu estou nesses lugares me desligar do meu trabalho e tentar ficar como turista mesmo, relaxar como hóspede.

Bruno: Excelente. Quando você vai como hóspede, é... deixa eu tentar concatenar essa pergunta porque está relaciona a algumas coisas que você já soltou. Quando

você foi como hóspede e você fez o manejo mais recente, como hóspede, como foi essa visita?

C. Dantas: O manejo mais recente de bicho foi no Caluje.

Bruno: Foi aonde isso?

C. Dantas: O Caluje acho que ele é em Barra do Piraí. Que aquela região ali de Barra do Piraí e Conservatória eles...

Bruno: Aham, é meio confuso ali, realmente. Como foi a visita?

C. Dantas: Eu não curti muito, mas eu acho que eu não curti muito porque o lugar da fazenda em si não era um lugar muito agradável. E assim eu sei que curral não é um lugar limpo, cheiroso... eu adoro cheiro de cavalo, adoro cheiro de estrume, mas é... eu não gostei por causa do local em si, que eu não achei um local muito organizado, muito asseado...

Bruno: Uhum.

C. Dantas: E aí eu não curti muito. Normalmente eu gosto, mas...

Bruno: E o manejo em si como foi?

C. Dantas: Nesse lugar foi muito simples. Eles levaram só pra ordenha, e aí no caso eu não faço, mas é porque eu tenho nojo do leite, e foram fazer uma visita em um galinheiro. Nesse lugar específico se resumiu basicamente a isso.

Bruno: Entendi. É interessante ver essa tua apreensão por esse tipo de atividade mesmo tendo uma rotina já com a lida diária. Como que... essa pergunta vai ser difícil. Talvez tenha uma resposta igual as outras, mas vou ter que fazer. Como é que você imagina a experiência, imaginava, perdão, as suas reações, ou imaginava a experiência antes de acontecer? Como foi a primeira vez que você fez... antes de você trabalhar.

C. Dantas: Não, tudo bem. Eu vou tentar lembrar de quando eu era... claro, a primeira vez que eu fui em um hotel fazenda, por exemplo... nossa pergunta difícil mesmo.

Bruno: É.

C. Dantas: É porque... eu acho que eu nunca criei tanta expectativa. Talvez se eu tivesse ido em algum lugar de manejo de horta e essas coisas... pra mim seria mais impactante. Com relação a questão de bicho e essas coisas não, porque como minha vó tinha fazenda e eu meio que crescia lá, isso não era nada tipo "ohhh"...

Bruno: Então tua expectativa e a realidade praticamente...

C. Dantas: É, exatamente. Porque eu vejo as crianças lá no hotel quando chegam, que elas veem um bicho pela primeira vez, elas ficam nossa...

Bruno: Chamam galinha de Knorr, por exemplo.

C. Dantas: É, tipo isso. Algumas tem medo...

Bruno: Já presenciei uma situação dessa.

C. Dantas: Algumas tem medo, outras ficam maravilhadas... essa questão não porque eu já lidava com bicho desde sempre, então eu não criava muita expectativa.

Bruno: É difícil mesmo. Faziam parte da programação essas atividades que você fazia ou era meio que espontâneo? Quando você estava nessas propriedades, eram atividades...

C. Dantas: Programadas. Sempre programadas.

Bruno: E você ia com agência ou ia sozinha?

C. Dantas: Sempre sozinha.

Bruno: Sempre sozinha? Você nunca fazia com agenciamento?

C. Dantas: Não. Sempre sozinha.

Bruno: Bom, você já falou que fez novamente, já fez várias vezes... faria de novo? Tipo, a partir de hoje?

C. Dantas: Faria. Com certeza.

Bruno: Inclusive com agricultura familiar?

C. Dantas: Acho que isso aí eu faria mais até.

Bruno: Por quê?

C. Dantas: Porque eu acho que a questão da agricultura familiar seria algo de fato diferente do que eu já fiz.

Bruno: A gente chama de agroturismo. Interessante. Tem um contexto inclusive humano, né.

C. Dantas: Sim.

Bruno: A diferença bastante pro turismo de aventura que o pessoal... é muito antigo né. Turismo de aventura foi o primeiro segmento, vamos dizer assim né, em termos de fenômeno, vamos dizer, acho melhor do que falar de segmento de mercado, mas a busca pela aventura, pela adrenalina na área natural, foi a primeira que levou o homem a desvendar o uso, né. Isso há muitos anos atrás. Depois nasceu o ecoturismo, que é uma visão mais autóctone, vamos dizer assim, dessa experiência, fazer com o que o homem tivesse um pouco mais de contato com a cultura. Essa é a mesma diferença que eu tenho do turismo rural e do agroturismo. A única diferença é que o ecoturismo ele é descendente do turismo de aventura e o agroturismo não, ele é um subsegmento, ele está dentro do turismo rural ainda, porque ele cresce tanto que daqui a pouco ele vai mudar. Estados Unidos, por exemplo, já é separado.

C. Dantas: Eu acho que isso seria, no meu caso, pra mim, como turista, seria muito mais interessante do que eu fazer o que eu já fiz, por exemplo.

Bruno: Depois da entrevista eu vou dizer porque eu estou achando tão interessante te entrevistar. Bom, vamos lá, quais as impressões que você teve com os manejos ofertados?

C. Dantas: Na hora em que está acontecendo?

Bruno: Isso.

C. Dantas: Cara...

Bruno: Alguma coisa que... você falou que foi criada com a sua avó, que você sempre fez e tal, mas tem alguma coisa que foi...

C. Dantas: Diferente dos outros?

Bruno: É, exatamente.

C. Dantas: Que me chamou a atenção por alguma razão?

Bruno: No primeiro, por exemplo, você nunca tosquiou uma ovelha, aí o cara te deu uma ovelha pra tosquiar, como é que foi a experiência de tosquiar a ovelha? Sei lá...

C. Dantas: Não, eu entendi, você está dando um exemplo aleatório aqui.

Bruno: Lógico, eu estava...

C. Dantas: Não, claro.

Bruno: Alguma coisa que você fez primeiro, "ah Bruno há dois anos eu fiz isso, em um desses lugares aqui e eu nunca tinha feito antes"

C. Dantas: Eu tenho que considerar, tipo, sempre dentro do Estado? Assim, a pesquisa é do Rio de Janeiro.

Bruno: Não, pode considerar... como eu estou falando de manejo pode considerar de fora do Estado do Rio.

C. Dantas: Não, porque quando estive em Rio Bonito, isso deve ter uns 4 anos, mais ou menos, a gente foi em uma fazenda no pantanal e aí eu achei bem interessante, porque lá a gente conseguiu lidar com, e aí é um que eu nunca tinha feito, com arara. E as araras ficavam soltinhas e era bem interessante e, isso eu nunca tinha feito, e pescar piranha. Você conseguia pescar piranha em um lugar que tinha próprio pra isso e fazer pra comer, que é diferente de pesque e pague, por exemplo, que tem em quase todos os lugares. Eu pescava, ia de barco, não sei o que, pescava a piranha que é um peixe diferente de...

Bruno: Eu adoro. Eu só comi piranha, nunca pesquei.

C. Dantas: E aí, foi bem legal porque a gente pescava e levava pro sítio da pessoa, não tinha nem hospedagem, o sítio era só pra visita mesmo...

Bruno: Day use.

C. Dantas: É. E... você podia fazer a piranha pra comer com os acompanhamentos que eram servidos lá, os acompanhamentos que estavam prontos já, né. Preparados já e já estavam inclusos com o pacote que você comprava. Nesse caso específico eu fui com agência.

Bruno: Legal, legal. Essa mesma impressão que você teve com a piranha não foi igual aos outros manejos que você fez?

C. Dantas: Não porque quase todos eu já tinha feito.

Bruno: Já tinha feito já. Tá bom. Bom, agora vamos lá, qual é a diferença, você que está nesse ambiente... você mora em um ambiente urbano, né, completamente urbano, Rio de Janeiro e você vai pra Saquarema, trabalha em Saquarema, é... e também escolhe ir pra esses lugares rurais sempre nas viagens. Então você está em contato com os dois espaços, vamos dizer assim né. O núcleo do rural, se bem que Saquarema é meio translúcida né, porque você tem muitas urbanidades em Saquarema né, está um pouco mais moderninho vamos dizer assim, entre aspas, com licença da palavra, não gosto de usar muito a palavra moderno pra isso, mas, pro tempo acho que cabe. Qual é a diferença que você vê da rotina do campo, do cara que mora no campo, das coisas que tem no campo, com a rotina de quem mora na cidade?

C. Dantas: cara, a rotina na cidade é muito acelerada. É, eu acho que a gente na cidade não tem tempo ocioso, tempo de fato pra não fazer nada.

Bruno: Escolher não fazer nada, né.

C. Dantas: Exatamente. Tempo pra não fazer nada de verdade. Até no nosso tempo livre na cidade, você vai parar e vai falar assim, você tem uma hora livre, aí você fala assim "não, então vou arrumar não sei o que, vou fazer não sei o que lá, vou ler não sei o que, vou estudar não sei o que lá". Eu acho que quando a gente está no campo, e isso eu vejo lá né, a maioria dos meus funcionários moram lá, cara quando eles não têm nada pra fazer eles não tem nada pra fazer mesmo. Tipo, é pra sentar na varanda e ficar atoa, parado.

Bruno: E isso você viu não só, é... não só no Vale Encantado, que é onde você trabalha, né, mas em Araras, Conservatória, Caluje...

C. Dantas: Em todos os lugares, todos os lugares.

Bruno: Se estiver no rural você tem essa mesma impressão.

C. Dantas: Eu tenho a mesma impressão. Não importa se eu estou falando da fazenda da minha avó na Bahia, se eu estou falando do cara que mora ali perto do hotel fazenda, porque no hotel fazenda em as pessoas não estão fazendo isso, mas assim, está sempre inserido no espaço rural, então se você passar naquelas casinhas mais afastadas você vai ver o cara às vezes sentado ali atoa, atoa de verdade. Está ali parado e vendo as pessoas que estão passando.

Bruno: Fora o tempo livre, alguma característica entre os dois espaços? Que diferencie um do outro.

C. Dantas: Tem um zilhão de características né. Normalmente a pessoa que está no campo ela... não sem nem como que eu vou dizer isso, mas assim, ela é um pouco mais mal tratada, assim, você vê a pele, é mais ressecada, às vezes não tem tantos cuidados bucais, é... não é questão de higiene não, é questão de que talvez seja algo que ele não se importe tanto, então eu acho que isso é uma característica. É... eu vejo as pessoas no campo muito mais relaxadas, relaxadas agora de relaxar mesmo, de coisa boa, de relaxamento. Não sinto elas tão tentas e tão estressadas, é... eu acho que elas estão muito mais atentas, por exemplo, se você estiver em um lugar no campo e estiver mudando o tempo o cara provavelmente vai falar assim "ah esse vento é...", vou chutar aqui, "esse vento é sudoeste, vai trazer chuva". cara, isso é coisa que a gente não tem aqui né, a gente aqui sabe que o tempo tá virando porque provavelmente a gente olhou em um aplicativo de celular, e aí sabe que o tempo vai virar. Às vezes o cara no campo está em um lugar que não tem nem internet. Mas ele conhece, ele conhece mais o ambiente que ele está.

Bruno: É, isso é uma coisa que eu aprendi com minha vó também, eu fui criado no sítio até os 14 anos e é a mesma coisa. A gente sabe ciclo do feijão, é... ou pela manifestação da safra desse ano, né, ou simplesmente pelo calendário. E você meio que lê a planta pela planta ali, a terra pela terra, você não tem equipamento eletrônicos pra isso. É, realmente... demais, demais, demais. Que diferença que você vê das atividades que você vê em uma viagem rural, uma viagem de turismo rural pra uma viagem, vamos dizer, convencional assim? Tipo, outros tipos de viagens que você tenha feito em qualquer tipo de lugar que não seja rural. Qual é a diferença? Você já viajou pra lugares que não eram rurais, né?

C. Dantas: Sim, sim.

Bruno: Então, qual a diferença que você vê dos dois tipos de viagem?

C. Dantas: Cara, normalmente quando... se eu for viajar, sei lá, pra qualquer... vou chutar aqui, pra uma cidade histórica, por exemplo, normalmente todo o seu cronograma de passeios ou de visitas está dentro da cidade mesmo né. Normalmente você vai muito pra museu, é, você vai pra um ponto turístico aí, pode ser um chafariz, uma praça, aqui no Rio de Janeiro, por exemplo, a gente vai ter o pão de açúcar, o Cristo, você vai ter a praia, normalmente você acaba fazendo esse tipo de passeio, né. Normalmente quando eu acabo fazendo alguma coisa que é pra dentro de cidade normalmente você vai ver o que, você vai visitar... aquilo que eu de falei, a fazenda do fulaninho de tal que tem, sei lá, o bicho diferente tal, ou a fazenda do fulano de tal que tem um rio maneiro pra você tomar banho, ou que tem uma cachoeira interessante pra ver, ou a fazenda do cara que tem, sei lá, uma horta gigantesca. A última... o último lugar que eu fui agora em Friburgo, agora que eu lembrei, o cara tem uma fazenda gigantesca de criação de animais exóticos.

Bruno: Qual o nome? Você sabe o nome da propriedade?

C. Dantas: Só sei o nome do rapaz, é Otávio.

Bruno: Otávio.

C. Dantas: Eu não sei o nome da fazenda. É... então assim, são coisas diferentes mesmo. Normalmente quando você acaba fazendo um turismo dentro de cidade, um turismo convencional, você está indo pra ver pontos turísticos, normalmente, lugares e monumentos. Normalmente quando você faz um turismo rural você está indo pra ver pessoas e animais em seu ambiente... natural, né. Não necessariamente porque em um hotel fazenda não é mais tão natural assim, você cria um ambiente que seria semelhante ao que a pessoa encontraria em uma fazenda. Salvo exceções de fazendas de verdade que viraram hotel fazenda.

Bruno: Fazenda hotel que a gente chama no turismo rural. Interessante... Não, mas assim, se despreocupe com questão de nomenclatura agora. É o que você acha, que quero sua opinião mesmo, não se preocupe com questão de certo ou errado... é a sua opinião tá. É, você atribui alguma mudança de hábito por causa da experiência com o manejo?

C. Dantas: Ah sim.

Bruno: Desde quando você começou a fazer isso...

C. Dantas: Sim. Eu hoje em dia, por exemplo, dou muito mais prioridade a alimentos orgânicos e de pequenos produtores, embora eu nunca tenha visitado de fato é... um lugar de agricultura familiar, por exemplo. Então toda vez que eu vou comprar eu tento comprar de cooperativas de pequenos produtores e eu conheço vários que entregam aqui em casa, por exemplo. É... isso é algo que eu faço com muita frequência, por questões de... mais de sustentabilidade. Eu tento não usar plástico, quase nada, eu tento produzir o mínimo de lixo possível. Mas isso foi muito de contato com locais que eu via que isso era possível. Então, por exemplo, tem um... eu estive em Mauá, olha vou lembrando com o tempo...

Bruno: Não tem problema não, é assim mesmo.

C. Dantas: Eu estive em Mauá esse ano, em março desse ano, e tem um sítio lá é... Burle alguma coisa, é uma pousada e ela é toda ecologicamente sustentável.

Bruno: Pousada, né?

C. Dantas: É pousada.

Bruno: Mas é uma pousada rural, vamos dizer assim?

C. Dantas: É, dela, pode se dizer que sim.

Bruno: Visconde de Mauá que você está falando né?

C. Dantas: É. Na verdade é subindo né, em Maringá. Ela por exemplo, todo local da pousada que você tiver, vai ter separação de lixo orgânico, separação de lixo reciclável... isso é algo que eles incentivam no próprio hóspede. Então a maioria das pessoas que vão hoje já estão meio que acostumadas com a rotina da pousada, quem não vai acabar fazendo porque vê todo mundo fazendo isso de uma forma muito natural, então assim, eles quase não geram resíduo de lixo. Ou eles vão pra compostagem, pra virar adubo, eles têm muitas, muitas plantas, eles têm uns jardins imensos, maravilhosos... o que eles conseguem reciclar, eles também já fazem a

separação pra poder doar pra cooperativas que fazem essa coleta seletiva e aí eu passei a fazer um pouco disso. Hoje aqui em casa se eu tiver, em uma semana, se eu tirar 1 saco de lixo é muito.

Bruno: Caramba. Um saco de lixo você não tira por dia? É menos que isso?

C. Dantas: Um saco de lixo eu tiro em uma semana.

Bruno: Um saco que você diz é aquele saco preto de 5 kg.

C. Dantas: É, de 10 litros. Eu tiro 2 porque eu não consigo acumular porquê dá bicho, mas assim, eu tiro dois sacos de lixo na semana e mesmo assim nunca cheio.

Bruno: Eu nunca contei não cara, mas eu acho que eu chego a esse limite. Talvez eu até ultrapasse um pouco de 10 litros de lixo por semana.

C. Dantas: Sempre nos meus pais tem bastante lixo.

Bruno: Eu me preocupo bastante com os meus resíduos também. Teve uma coisa que minha esposa não fazia, ela inclusive sabe que ela tem que fazer, é separar o óleo da cozinha. A mãe dela nunca fez.

C. Dantas: Meus pais nunca faziam.

Bruno: Eu vim da roça então tem muita coisa que eu já faço e que minha esposa não fazia antes de casar comigo. O óleo é um deles. Eu lembrei do óleo agora porque ela sempre falava, hoje virou já...

C. Dantas: Rotina né?

Bruno: É. Mas ela sabe, quando ela faz alguma coisa ou quando eu frito alguma coisa, a gente deixa separado dentro de uma panela, ou dentro do forno, eu separo em uma garrafa, 2 ou 3 garrafas e eu chamo uma empresa que trabalha com...

C. Dantas: Com recolhe. É, aqui no condomínio eles fazem ela coleta. Eu não uso óleo em casa, mesmo.

Bruno: É uma das mudanças que você teve né?

C. Dantas: É. Eu não uso mesmo óleo, mas por exemplo, aqui tem um lugar destinado, as pessoas vão usando óleo e juntam, como aqui tem, sei lá, 800 apartamentos, então junta bastante. E aí eles juntam tudo pra levar e aí uma empresa vem buscar. Lá no nosso hotel a gente separa todo o óleo também e tem um rapaz que busca lá. Lá é em grandes quantidades, a gente separa tonéis assim desse tamanho.

Bruno: Muito legal. Tem alguma coisa que você deixou de fazer? Tipo assim, você falou sobre coisas que você começou a fazer por causa da... algum hábito que você tinha que você "poxa, isso não está legal, eu vou parar de fazer"? Ou alguma coisa que você, sei lá, estalou, mudou na sua casa... que você não tinha e agora você tem você já falou, mas coisas que você já...

C. Dantas: Por exemplo, eu adorava rodeio mesmo, assim, adorava ir a rodeio, hoje em dia eu não curto mais.

Bruno: Por quê?

C. Dantas: Ah porque eu acabo achando que acaba maltratando o animal e eu sei que mesmo que rapidinho, é só naquele momento ali, eu fico com pena.

Bruno: Quais rodeios que você já foi?

C. Dantas: Eu nunca fui em rodeios grandes, por exemplo...

Bruno: Talvez seja essa a razão.

C. Dantas: Eu ia em rodeios pequenos sempre porque era o que estava perto da fazenda da minha avó ou era o que estava perto do hotel e assim, eu nunca nem vi um animal sendo maltratado, sabe.

Bruno: Eu já vi.

C. Dantas: Eu nunca nem cheguei e vi alguém fazendo alguma coisa...

Bruno: Em rodeios pequenos você vê...

C. Dantas: Mas assim, o bicho não vai chegar lá pulando igual um maluco se não tiver acontecido alguma coisa com ele. Aí isso eu comecei, por exemplo, não vou mais.

Bruno: Entendi. É, a gente pode falar depois sobre isso, mas... interessante esse...

C. Dantas: Eu queria ir ver o de Barretos, por exemplo, talvez fosse legal, mas assim eu não...

Bruno: É, depois a gente pode falar sobre isso, mas nesse momento agora eu não quero mudar a sua forma de pensar. Muito pelo contrário, é importante ver como que você pensa hoje, qual a sua mentalidade quanto a algumas coisas que você deixa de fazer. E essas mudanças que você está me dizendo você atribui ao manejo? Ou não?

C. Dantas: Sim, sim.

Bruno: Tá, ótimo. Algum comentário a mais que você gostaria de fazer sobre atividade rural, sobre turismo rural?

C. Dantas: Acho que eu acabei falando basicamente as coisas que eu penso entremeando aí nas perguntas que você foi fazendo.

Bruno: Legal. Agora a pergunta que não tinha aqui e por questão de ser você C. Dantas né e legal de suma estruturado é isso aqui. É... uma perguntinha só antes, qual é a tua função lá no hotel fazenda?

C. Dantas: Eu sou gerente administrativa. Eu fico basicamente na recepção, lidando com hóspede, mas eu cuido da parte administrativa dos funcionários também.

Bruno: Aham. Então você é responsável pela execução da...

C. Dantas: Sim.

Bruno: Ok. É... nessa visão sua, e agora a gente vai falar um pouquinho, tirar um pouco do chapéu de turista, eu vou aproveitar que você trabalha com rural e vou botar agora um chapeuzinho de oferta, né. Não como demanda, mas como oferta. Que importância você atribui do manejo a atividade do turismo rural? Você acha que é muito importante, pouco importante?

C. Dantas: Não, eu acho que é muito importante. Eu acho que é essencial. É, a gente hoje em dia tem crianças que não sabem, por exemplo, que o leite vem da vaca. Ela acha que o leite é o leite da caixinha ou é o leite em pó. Isso eu estou falando por experiência porque eu vejo lá, tá. Tem criança que não sabe que, eu vou falar, mas não é, tem criança que não sabe que nuggets é frango. Obviamente não é, porque é um processado, mas assim, na teoria se vende como frango, e ela não consegue...

Bruno: É a base do nugget é frango né.

C. Dantas: É. Ela não consegue fazer o link que de aquilo ali que ela tá comendo é aquela galinha que ela está vendo solta no pasto.

Bruno: Aí você tá criando uma porção de vegetariano. [riso]

C. Dantas: Exatamente. Eles não sabem mesmo isso assim, hoje em dia as crianças não têm muita noção. E assim não é só na questão do manejo do bicho ou da comida assim, de ela ver a comida plantada né, porque criança também não vê isso hoje em dia, ela vê a alface, ela vê a folha, ela vê um saco plástico no mercado, ela não vê...

Bruno: E lá tem horta?

C. Dantas: Tem.

Bruno: E as crianças podem colher, podem plantar...

C. Dantas: Pode. Ela não vê isso no local ali no chãozinho dela. É... e a outra questão também, aí tirando a parte de manejo em si, é da criança estar com o pé no chão.

Bruno: Que faz parte.

C. Dantas: Sim. A gente não vê muito... obviamente que você não vai botar uma criança pra andar descalça no asfalto, né, então a gente não tem...

Bruno: É um cuidado que todo pai tem né, quer que a criança corra, mas em um lugar apropriado.

C. Dantas: É, normal. Então assim hoje em dia eu vejo lá às vezes que o pai quer deixar o filho descalço e a criança tem nojo da areia. Não consegue mesmo...

Bruno: Da terra, da...

C. Dantas: Não consegue mesmo ficar com o pé sujo.

Bruno: Que coisa, que coisa.

C. Dantas: Isso eu vejo bastante lá.

Bruno: Excelente. Bom, a entrevista foi até dentro do esperado, 31 minutos. Eu quero até te agradecer...

Entrevista com turistas – F. Gonçalves

F. Gonçalves: ...e o meu tio que veio a falecer...

Bruno: mas lá não é turístico.

F. Gonçalves: há?

Bruno: lá não é turístico.

F. Gonçalves: é, na verdade, lá não foi pra turismo, não foi pra turismo, foi para uma festa, mas a gente ficou o final de semana todo lá.

Bruno: entendi.

F. Gonçalves: e pra aldeia velha que eu fui pra turismo, mas eu fui pro festival de forró.

Bruno: tá. Mas aí você foi só pro evento.

F. Gonçalves: só pro evento.

Bruno: fora esses três lugares você foi pra alguma outra fazenda na vida? Ou nesses quatro anos... Vamos dizer assim, não que não seja turismo. No rio de janeiro, aliás...

F. Gonçalves: fazenda?

Bruno: é, alguma cultura familiar, algum sítio... [pausa]... Por que senão a gente vai pegar do que você teve de manejo aí.

F. Gonçalves: não, fazenda não.

Bruno: e foi na RPPN do Nelson. Em barreiras você foi aonde?

F. Gonçalves: barreiras?

Bruno: bananeiras, quer dizer.

F. Gonçalves: em bananeiras eu fui pra sítio, é um sítio do meu primo.

Bruno: beleza. Bom, aham...

F. Gonçalves: o Nelson eu vi lá, a RPPN eu achei que...

Bruno: também... Não, serve, mas é porque pra ele lá não tem muitas práticas de... De manejo. Você não fez o manejo, né?

F. Gonçalves: no sítio. O meu primo, a esposa dele trabalha com bioconstrução e com agricultura familiar, ele faz agricultura... Como fala?

Bruno: orgânica?

F. Gonçalves: orgânica. Eles trabalham com agricultura orgânica.

Bruno: entendi. Você não mora lá, né?

F. Gonçalves: não. Não moro lá eu moro aqui e Jardim Catarina.

Bruno: qual o nome do sítio? Você sabe o nome?

F. Gonçalves: não, não tem um nome específico não no sítio lá.

Bruno: não colocaram nome de nada?

F. Gonçalves: não, não coloca porque a intensão dele não é levar turista lá. Entendeu? A intensão dele é realmente ter lá pra família porque ele gosta, e a família toda... Ele sempre faz festa uma vez ao ano ele comemora o aniversário dele lá.

Bruno: entendi. É, eu vou coletar os seus dados, até porque, nessa metodologia eu não posso dizer se você é uma boa ou uma má personagem pra mim. Só posso ver isso no final da entrevista. Mas corre um risco de eu poder usar muita coisa ou ter que descartar alguns dados, tá?

F. Gonçalves: sim.

Bruno: é... Seu nome todo, por favor?

F. Gonçalves: F. E.

Bruno: uhum.

F. Gonçalves: F.E.G.

Bruno: tá... Foi em silva jardim... Okay. Bom, eu vou tratar um pouco das experiências turísticas que você teve no RPPN. Porque assim, é complicado a gente também falar que não foi uma experiência turística no seu primo, apesar de não ser uma propriedade turística, tá?

F. Gonçalves: aham.

Bruno: é... Então, eu vou meio que andar nessas vias pontes..., mas enfim, você vai entender porquê. Quais foram as atividades que você fez nos dois lugares, na RPPN no bom retiro e no sítio do seu primo? Divide pra mim todas as atividades que foram dispostas pra você. RPPN, e qual foi a atividade que você fez, frente a natureza... Até porque, o trabalho de reflorestamento que ele faz lá do Nelson... E o que você fez no sítio do seu primo. O que você lembra?

F. Gonçalves: na RPPN foi as palestras, não sei entra nessa questão.

Bruno: Uhum.

F. Gonçalves: a trilha que nós fizemos...

Bruno: fala o que você lembra.

F. Gonçalves: então, nós tivemos a trilha, tivemos a palestra, é... Visitamos o açude...

Bruno: o primeiro grupo foi aquele grupo que eu levei que você foi lá, né?

F. Gonçalves: sim, o último agora. Primeira vez que eu fui agora.

Bruno: foi em abril?

F. Gonçalves: dezenove a vinte e um de abril. Chegamos dia dezenove e voltamos dia vinte e um. É...

Bruno: no tempo da minha pesquisa vai ter seis meses. Não pode ter menos que seis meses. Vai lá, continua.

F. Gonçalves: é aí, nós fizemos... Aí teve a questão de alimentação que foi o que nós fizemos lá, mas não sei se entra nessa questão de...

Bruno: vamos lá, tudo bem. Continua falando. Lembra. Só lembra, tá?

F. Gonçalves: foi isso o que nós fizemos.

Bruno: e no seu primo? Quais foram as atividades no seu primo?

F. Gonçalves: as atividades lá foi andar a cavalo...

Bruno: aham.

F. Gonçalves: foi a questão de agricultura...

Bruno: teve algum manejo com o cavalo? Você mexeu com o cavalo? Deu banho?

F. Gonçalves: não, não, não.

Bruno: tem algum outro animal lá?

F. Gonçalves: não. Só cavalo mesmo.

Bruno: e na agricultura? O que você fez na agricultura?

F. Gonçalves: ah! Proteção de árvore.

Bruno: quais árvores? [silêncio] não lembra?

F. Gonçalves: não.

Bruno: só árvore?

F. Gonçalves: sim.

Bruno: não teve nenhum... Árvore o que? Frutífera?

F. Gonçalves: não. Não, plantas. Forma plantas mesmo.

Bruno: só isso?

F. Gonçalves: só.

Bruno: colheita, não?

F. Gonçalves: não.

Bruno: só plantio. Você ajudou?

F. Gonçalves: sim.

Bruno: meteu a mão lá?

F. Gonçalves: sim.

Bruno: tá bom. Teve pernoite no seu primo?

F. Gonçalves: sim.

Bruno: quantos dias mais ou menos?

F. Gonçalves: três dias.

Bruno: é... Essa visita no seu primo foi quando?

F. Gonçalves: foi em agosto de dois mil e dezessete.

Bruno: agosto de dois mil e dezessete. E na RPPN foi em abril de dois mil e dezoito.

F. Gonçalves: abril de dois mil e dezoito, isso.

Bruno: quantas vezes você já fez subatividade? De você ir pra área natural, rural...

F. Gonçalves: pra bananeiras em silva jardim que é onde minha família mora, eu ia muito mais quando era menor. Ultimamente eu tenho ido muito pouco.

Bruno: a tua família é de lá?

F. Gonçalves: a minha família é de lá. Eu tenho família em bananeiras, em silva jardim, boqueirão.

Bruno: aquele ambiente então, na verdade, não é muito estranho pra você.

F. Gonçalves: não. A única coisa que eu não tinha feito era acampar. Que foi o que aconteceu no RPPN, eu tava muito afastada de lá e o RPPN me regressou a isso.

Bruno: entendi.

F. Gonçalves: a essa questão rural. Entendeu?

Bruno: aham. Tá bom. E qual a tua escolha de fazer atividade turística na área rural? Como se dá essa escolha, qual o processo de você escolher esse tipo de atividade na sua cabeça? Por que você escolheu fazer isso?

F. Gonçalves: eu acho que é por conta disso, por conta de família, é uma coisa que lembra muito a vinha avó, ao meu avô quando eu conheci e isso me remete muito a ele.

Bruno: isso seria tipo uma...

F. Gonçalves: uma questão familiar. Não sei, não sei explicar... Acho que é uma tranquilidade imensa que aquilo lá atrás então, isso ajuda.

Bruno: como é que foi a visita no seu primo lá? Descreve pra mim essa última ida que você foi lá em dois mil e dezessete. Como foi a chegada?

F. Gonçalves: foi complicado porque chegamos lá de madrugada e eu nunca tinha ido de madrugada então, me perdi antes de chegar no sítio. E esse sítio era novo, porque até então, a festa anterior tinha sido em outro lugar, eles estavam morando em outro lugar, então ele trocou o sítio, estava em outro lugar então, eu não conhecia. Ainda não conhecia, então eu me perdi.

Bruno: então, o lugar que ele estava era diferente pra você.

F. Gonçalves: era diferente pra mim, e aí a gente chegou lá e foi muito legal porque ele tinha construído uma casa de pau-a-pique. Lá não tem como ficar dentro da casa se for muita gente, tem um espaço enorme pra você acampar, a galera que vai pra lá, tipo, família tem que ficar acampado. Na casa mesmo dá umas cinco ou sete pessoas confortável pra ficar. E aí foi isso, a gente pegou, chegou lá de madrugada então, já era festa, a gente tinha ido pra festa. Aí ficamos lá no outro dia que tinhas as atividades...

Bruno: o sítio é pequeno?

F. Gonçalves: é, não é muito grande não. Eu não sei te falar em questão de hectares, essas coisas de medição. E no outro dia a gente pegou, acordou cedo, aí almoçou, fez as atividades, aí no outro dia a mesma coisa. Tomamos banho de rio, essas coisas.

Bruno: e você lá fazia parte do que eles faziam já. Fazia parte da rotina.

F. Gonçalves: sim.

Bruno: ele mora lá?

F. Gonçalves: não.

Bruno: ele não mora lá?

F. Gonçalves: não, só que todo final de semana ele tá lá. Mas ele não mora lá.

Bruno: é tipo o veraneio dele.

F. Gonçalves: isso.

Bruno: entendi. Fica alguém lá morando lá?

F. Gonçalves: não porque ele tá todo final de semana lá então, não há necessidade. Ele mora em cabo frio e vai pra lá toda semana.

Bruno: ele já mora em área rural, vamos dizer assim.

F. Gonçalves: é.

Bruno: em que lugar de cabo frio ele mora?

F. Gonçalves: no centro.

Bruno: ah! Não é rural... Peri rural, peri urbana, é uma zona intermediária. Beleza, o que você imaginava antes da experiência?

Tanto do trabalho de reflorestamento do Luiz Nelson que você não conseguiu, mas você viu o reflorestamento acontecendo lá...

F. Gonçalves: sim.

Bruno: e o que você imaginava antes da experiência de mexer com planta lá no seu primo? Como era seu imaginário antes? Entendeu a pergunta?

F. Gonçalves: hm... Sim. Mas não sei se tinha muita imaginação antes e depois mudou muita coisa, assim, a minha experiência no Luiz Nelson foi até um pouco maior. Porque apesar de não ter feito muita coisa lá, o local, a questão de fazer o reflorestamento, do que ele tava mostrando pra gente na trilha, isso tudo abriu um pouquinho a minha mente em relação até a como lidar com isso na família. Entendeu? Porque eu tenho primos que moram em silva jardim que até semana passada a gente conversando, aí uma prima falou assim: não, mas ele vai pra caçar. Aí eu: opa! Espera aí, mas... A questão de reflorestamento, de guardar tudo aquilo ali, sabe? Como uma propriedade particular, a preservação daquilo. Essa ida ao Luiz Nelson me ajudou muito nisso, a abrir meus olhos pra essas coisas bobas que a gente faz lá na roça, né? E que a gente acaba ajudando e contribuindo pra destruir aquilo.

Bruno: entendi. E no seu primo lá, quando você trabalhou no plantio, a relação de expectativa e realidade, como foi isso pra você, de algum momento que você lembra?

F. Gonçalves: não teve...

Bruno: nada de diferente.

F. Gonçalves: não.

Bruno: entendi. Fazer parte da programação não fez tanta diferença assim...

F. Gonçalves: não.

Bruno: bom, do Luiz Nelson você teve a gente do lado... Você fez novamente essa ida lá no seu primo?

F. Gonçalves: no meu primo ainda não. Não voltei lá, queria retornar agora em agosto, mas não vai dar pra ir.

Bruno: no Luiz Nelson você também não foi, né?

F. Gonçalves: no Luiz Nelson eu tive lá quando eu fui pro festival, eu voltei eu passei lá no Luiz Nelson como tava um pouco perto, mas não fiquei também. Só fiquei uns trinta minutos lá mais ou menos.

Bruno: agora, você voltaria a fazer as atividades no...

F. Gonçalves: sim.

Bruno: inclusive faria outros manejos?

F. Gonçalves: sim.

Bruno: mexeria com bichos também?

F. Gonçalves: sim.

Bruno: quais às impressões que você teve ao se relacionar com esse manejo lá no sítio do seu primo? Qual a impressão que você com o plantio da...

F. Gonçalves: impressões em que sentido?

Bruno: as impressões que você em manusear a terra, de plantar, o que você fez? Você só viu ou você...

F. Gonçalves: eu plantei também.

Bruno: então, qual foi a sensação que você teve?

F. Gonçalves: ah! É uma sensação agradável, né? Não sei explicar se tem uma sensação...

Bruno: o que sentiu na hora lá.

F. Gonçalves: fazendo parte daquilo. Acho que, basicamente é só que eu faço em casa, é... Faço não, tenho tentado fazer uma horta, tenho tentado fazer uma horta em casa então, de uma certa maneira tem sido uma experiência legal por isso que conseguiu me fazer acreditar que eu consigo fazer aquilo ali.

Bruno: tá, então, a sua impressão tá baseada na parte da sua participação?

F. Gonçalves: sim.

Bruno: que diferença você percebe da sua vida cotidiana na cidade e na rotina no campo?

F. Gonçalves: tempo. A diferença maior é tempo. Aqui a gente mais tudo corrido, lá é tudo com mais calma.

Bruno: só isso você que é diferente?

F. Gonçalves: é, se eu fosse falar seria o que a maioria das pessoas falam que é a tranquilidade que aquilo trás, pra mim...

Bruno: esquece as pessoas. E você, o que você acha?

F. Gonçalves: uma das coisas que eu acho que eu gosto muito de ir pra lá é a questão por conta do céu. A iluminação, quando você olha pro céu e consegue ver tudo e que aqui você não consegue por causa da claridade, da iluminação artificial. Então, isso é uma coisa que me atrai muito no campo. Fora a questão de respiração, eu que tenho problemas respiratórios e tô sempre com... E lá não, lá a tranquilidade que você tem, a calma. Antes de ir pro RPPN eu tava num momento que eu tava precisando muito me acalmar, momento de colocar as coisas no lugar e tudo mais, e aqui eu não tava conseguindo esse tempo, então, lá por mais pequeno e curto que foi eu consegui parar e respirar, sabe? Dar uma aliviada e pensar um pouquinho.

Bruno: perfeito. Você já conhecia alguma coisa de plantio? Já fez isso antes de ir pro seu primo? Você já tinha mexido dessa forma?

F. Gonçalves: não, não. Já tinha plantado, não parecido, mas em época de escola quando criança.

Bruno: mas não era o que você fez lá?

F. Gonçalves: não, não.

Bruno: você não tem noção de que planta era?

F. Gonçalves: não. Era... Flor normal, eram plantas.

Bruno: entendi. É... Outra coisa que eu ia te perguntar... Você chegou a usar produtos orgânicos, né? Tem a preparação do solo, ou não teve a preparação do solo antes?

F. Gonçalves: lá ele já faz.

Bruno: você não fez?

F. Gonçalves: não, eu não fiz. Ele já prepara lá a semente...

Bruno: é só colocar a semente?

F. Gonçalves: sim, ele já faz normalmente.

Bruno: todos os dias que você tava lá você fez isso ou foi só um dia só?

F. Gonçalves: um dia só.

Bruno: durou quantas horas mais ou menos?

F. Gonçalves: ah! Durou umas duas horas mais ou menos.

Bruno: aham... Quais diferenças você percebe das atividades realizadas no sítio do seu primo, e aí analisando isso como uma forma de lazer, qual a diferença que você vê desse lazer pra um tipo de viagem? Qualquer tipo de viagem que você já fez na vida e que você pensa em fazer. Convencional, hotel, companhia aérea. Que diferença você nesse tipo de viagem?

F. Gonçalves: a simplicidade. Porque assim, é uma coisa tão simples, tão normal que você acaba não dando muita atenção para aquilo. E, às vezes, você lá fazendo aquela coisa tão simples pra você no seu dia acaba fazendo você abrir tanta coisa na cabeça, você para pra pensar que existe tava coisa pra fazer, é tipo, a questão da minha horta em casa ou cuidar um pouco mais, eu tenho um quintal enorme em casa e eu não mexia com aquilo, então, depois daquela experiência eu passei a ver isso. E um outro programa turístico é só uma ida, você vai, você volta pra casa, é lógico que você teve um crescimento, você conheceu outros lugares, outras pessoas, mas não muda tanto. Bom, pelo menos não...

Bruno: bom, você entregou um negócio aí que é o tema da próxima pergunta que seria, se você atribuiria alguma mudança de hábito após a experiência...

F. Gonçalves: da questão da minha...

Bruno: aham. Já que você me entrou aí que tinha um espaço ocioso no seu quintal e que agora você está pensando em fazer horta...

F. Gonçalves: é, eu fiz minha mãe começar, na verdade.

Bruno: então, você atribui uma vida assim de hábito sua e da sua mãe nas atividades?

F. Gonçalves: sim. Eu acabei colocando isso na cabeça dela e como ela tem mais tempo que eu em casa ela foi fazendo.

Bruno: me conta melhor sobre esse processo, me dá mais detalhes sobre esse processo, como é que foi?

F. Gonçalves: na verdade, eu já tinha essa intenção só que, eu queria criar, tipo, aquelas que coloca na parede...

Bruno: vertical.

F. Gonçalves: vertical. E aí eu fui criando junto com ela e ela, mas F, a gente tem espaço aqui. Aí depois voltando de lá, aí eu: mãe, vamos fazer! Já que a gente tem espaço, tem o terreno, a gente tem que preparar. E ela sempre foi de juntar coisas de comida e jogar no quintal assim em algumas partes...

Bruno: pra fazer adubo?

F. Gonçalves: isso. E foi isso, ela foi construindo, a gente tem dois cantos em casa, um ela colocou várias rosas, né? Plantou algumas flores mesmo, aí no outro eu falei pra ela que queria um pra fazer minha horta. Aí ela começou a fazer e eu, às vezes, até ajudo, mas quem cuida mesmo é minha mãe. Aí ela começou a cuidar lá da hortinha...

Bruno: você não cuida muito?

F. Gonçalves: não, por conta de tempo. Só final de semana que eu vou lá e dou uma ajudada, mas quem cuida mais é ela mesmo.

Bruno: além da mudança do ambiente lá teve algum outro hábito que você ganhou, alguma mudança de hábito que aconteceu após voltar dessa experiência rural? E aí, pode até considera um pouco do Luiz Nelson também porque o Luiz Nelson, apesar de não ser agricultura familiar cem por cento ele tem uma agricultura familiar lá. Você não fez... fez o manejo, mas você participou, você viu na verdade, você contemplou sobre alguma coisa, né? Isso entra na minha pesquisa um pouco porque você não fez, mas viu fazendo ou viu feito, né? É... Você atribuiria mais alguma mudança de hábito além do uso do espaço ocioso, agora que você tá plantando alguma coisa... Algum outro hábito?

F. Gonçalves: em relação a hábito...

Bruno: qualquer hábito. Qualquer um. O mínimo que seja.

F. Gonçalves: ó, a questão da plantação, do plantio em casa... Um hábito que mudou...? Nossa! É... Uma coisa que ele ficou falando muito lá em relação a... A questão de acampamento, eu passei a ter uma outra visão em relação a isso, a questão de vida comunitária que eu achei bem interessante lá, a cozinha comunitária e tudo mais, porque eu era bem enjoada com isso...

Bruno: no Luiz Nelson?

F. Gonçalves: no Luiz Nelson. Não! Até no meu primo mesmo porque no dia tinha muita gente então, a gente teve que acampar também, então... Eu tive uma experiência muito ruim lá que eu acabei perdendo o celular lá no meu primo, que teve gente de fora na festa e... Enfim. Mas a experiência no lugar valeu pelo lugar, agora a atribuição assim de mudança... Eu acho que eu tô mais serena, eu tenho tentando a acalmar um pouquinho, de tomar qualquer decisão... O jeito dele falar, a calma que o Luiz Nelson transmitia, a questão da esposa dele, todo o cuidado com o lugar e tudo mais, isso tudo me fez ver um pouquinho... Não sei, não sei explicar. Não sei de verdade, não sei explicar, mas assim, me fez olhar um pouquinho aquele lugar lá de uma maneira diferente. Um lugar que eu conheço há tanto tempo, que eu cresci praticamente indo pra lá todo mês que a gente ia e eu não olhava para aquilo, e eu passei a olha e a querer voltar mais vezes. Acho que foi basicamente isso.

Bruno: e tem alguma coisa que você deixou de fazer? Você falou agora algumas coisas que você mudou, né? Tem alguma coisa que você deixou de fazer, que você não fazia e agora faz. Uma coisa que você fazia e deixou de fazer, algum hábito que você tinha que você: opa! Preciso melhorar isso. Você corrigiu...

F. Gonçalves: que eu deixei de fazer...?

Bruno: é, por causa do teu primo, teve ou não teve?

F. Gonçalves: cara, eu tenho tentado parar de utilizar coisas plásticas, isso depois de lá, eu passei a ver um pouquinho diferente.

Bruno: do teu primo isso?

F. Gonçalves: mais do Luiz Nelson. Depois da palestra dele foi bem interessante. É... Basicamente isso. Não teve muita mudança assim não foi mais isso, a ver algumas mudanças que eu posso fazer de alimentação também, mas mais essa questão de uso de plástico.

Bruno: aham... Você comentou que seu primo faz plantio de orgânico.

F. Gonçalves: sim.

Bruno: plantio que o Luiz Nelson faz também...

F. Gonçalves: sim.

Bruno: no caso dele, o Luiz Nelson não é nem considerado vegano, o Luiz Nelson ele é mais... Ele se considera essênio, né?

F. Gonçalves: é, eu não sei a palavra, eu até comento sobre ele...

Bruno: ele é muito mais enfiado que o vegano. Mais radical. Ele se alimenta de planta, bem João Batista ele...

F. Gonçalves: é, porque o vegano ele ainda se alimenta de grãos e tal e ele não.

Bruno: ele é completamente contra qualquer tipo de alimentação viva, né?

F. Gonçalves: isso, isso.

Bruno: mas eu não sei o nome que se dá a pessoa.

F. Gonçalves: naturalista total, né?

Bruno: é, e ele tem uma alimentação muito boa ali então, o seu primo só se alimenta de orgânico que é dele, né? Você contou agora que a roça dele lá é pra isso. Vocês foram com um grupo lá, inclusive, que você falou... Enfim. Teve alguma interferência também na sua alimentação?

F. Gonçalves: não.

Bruno: isso não te impactou na alimentação?

F. Gonçalves: não.

Bruno: bom saber.

F. Gonçalves: não, não teve essa mudança de querer virar vegana, essas coisas... Assim, eu tenho...

Bruno: não de virar vegana, mas algum tipo de hábito alimentar que mudou, não tem o mínimo que seja?

F. Gonçalves: não.

Bruno: tá. Tem alguma outra impressão, algum outro comentário que você gostaria de fazer dessa experiência, da aula ou sobre atividades turísticas, lazer em áreas rurais... Você gostaria de comentar?

F. Gonçalves: ah! Não sei... Eu até tava conversando com a Luciana no semestre passado, eu fui conversar com a respeito de começar a procurar algo pra meu TCC, né? Aí eu: Luciana, o que eu vou falar? Aí eu pensando e ela: cara, você vai ter matéria sobre isso ainda. Você tem que ver algo que te agrada, algo que te chame atenção. E assim, no meio turístico muita coisa me agrada, o turismo radical me chama muita atenção, mas assim que a gente voltou do Luiz Nelson teve uma palestra sobre Guapi. E nossa! Já tava... Foi até você que levou o rapaz.

Bruno: não, foi Luciana.

F. Gonçalves: foi Luciana?

Bruno: eu conheci ele lá também.

F. Gonçalves: ah... Assim, e isso me fez abrir um pouquinho mais a cabeça justamente pro lugar, ele falando que ele cresceu naquele lugar, ele nasceu ali, ele precisou visitar o mundo todo pra poder olhar aquele lugar de uma maneira diferente. E eu já tinha começado a olhar pra silva jardim de uma maneira diferente. E até conversando lá com o Luiz Nelson ele tava falando ali sobre preservação do lugar, e próximo ao sítio do meu primo e eu tenho a minha avó que mora... O sítio do meu primo é em bananeiras e eu tenho a família da minha avó que é a família do meu pai, do meu avô de bananeiras. A minha avó é de vargem grande que é em silva jardim, vargem grande. E perto do sítio da minha vó eles têm uma área que está totalmente sendo vendida pra uma família americana, pra eles construírem eucalipto em tudo quanto é lugar. Então assim, eles estão acabando com o lugar...

Bruno: você não tem noção do quanto eucalipto suga a...

F. Gonçalves: suga tudo e assim, a diferença é muito grande de um lugar pro outro, de como tá bananeiras e de como tava, e assim, eu tava falando com ele sobre e ele: não, a gente não tá sabendo muita coisa sobre isso. E as pessoas só vão saber quando estiver destruindo quase tudo.

Bruno: ou não, tá? Ou não.

F. Gonçalves: é, e isso me chamou muita atenção, de tipo, de poder olhar aquilo lá é de poder levar as pessoas pra tipo... Sabe? Acordar.

Bruno: e tem uns que nem assim percebe.

F. Gonçalves: é. Assim, eu sei que eu não tô fazendo ainda nada, não comecei a agir, eu preciso começar a fazer alguma coisa, mas a minha experiência lá foi legal por isso. Poder olhar aquele lugar de uma maneira diferente, pra poder olha pro turismo rural de uma maneira diferente...

Bruno: vai ser minha segunda orientando pra turismo ali na faculdade que pensa muito pouco...

F. Gonçalves: não, é sério. Eu acho legal que dá pra fazer um turismo rural radical porque é uma coisa que eu acho muito interessante. Uma vez os meus tios no carnaval, eles foram pra um lugar em Paraty e visitaram uma fazenda que a fazenda tem vários esportes radicais e é no espaço rural.

Bruno: você fez?

F. Gonçalves: não, eu fui no anterior, que a gente tinha ido pra cachoeira. Então assim, eu acho que as pessoas poderiam olhar um pouquinho mais porque tem muita coisa legal pra fazer, e você consegue fazer as coisas legais e ao mesmo tempo você consegue sair um pouquinho desse meio de correria que a gente vive aqui.

Bruno: sim.

F. Gonçalves: acho que é só...

Bruno: bom, pra mim foram ótimos, é...

F. Gonçalves: não sei se ajudei muito nessa questão.

Bruno: não se preocupe com isso. Ajudou pra caramba. Ajudou pra caramba porque teve algumas questões aí que...

Entrevista com turistas – E. Christino

Bruno: então E. Christino é o seguinte a gente começa então você me falando quais foram as propriedades ou qual foi a propriedade que você visitou a em que você viu algum tipo de manejo?

E. Christino: manejo rural.

Bruno: é, bom ou vegetal ou animal.

E. Christino: tá a gente vai em Teresópolis o rancho sabor da serra, e o rancho G que é do Gilson. O sabor da serra tem manejo direto que eles são um dos fornecedores das hortaliças pro Rio de Janeiro e o interessante que eu entendi ne quando eu fui, é que eles não são pessoas roceiras eles simplesmente decidiram viver do campo e eles trabalham e a gente quando leva grupo tem aquela vivencia né a Rosana que é a proprietária e o Pinheiro eles mostram como é que é o cultivo e trabalham ali naquele rancho e quais são as verduras que plantam do lado da uma da outra justamente para as pragas e uma incentivar a outra ne que a vegetação é meio simbiótica também uma depende da outra.

Bruno: sim, sim.

E. Christino: e no rancho G que é do Gilson eu já tenho outro foco ele trabalha a terra, a terra porque ele fornece as hortaliças e frutas orgânicas, aliás hoje ele ainda não faz tudo orgânico ele tem uma tentativa dentre então ele trabalha o solo aí quando ele sim já tem 100% de condição de ser cultivado o que planta lá ser cultivado de orgânico aí sim que ele diz que é orgânico inclusive ele tem a certificação do orgânico e para que isso aconteça você tem que ter o solo totalmente preparado, na visita que a gente faz a propriedade dele e existe essa vivencia existe essa explicação ne, é um foco diferente do da Rosana que é o rancho sabor da serra, eles não trabalham o orgânico pelo menos por enquanto.

Bruno: Uhum, e outra coisa você disse que chegou a vir aqui no Rio de Janeiro nessa área ali para zona da mata ne, que é Silva Jardim.

E. Christino: sim!

Bruno: você chegou a visitar alguma região além daquele ali, você chegou a visitar alguma propriedade de Silva jardim, Casimiro de Abreu, Casimiro de Abreu já é na verdade costa do sol ne região dos lagos, você a visitar alguma propriedade por ali

E. Christino: eu visitei, tem uma que eu não consigo me lembrar o nome, mas é também de um casal, ele assim é propriedade de herança familiar que é até interessante, eles fazem o cultivo do café para uso próprio aí sim que foi bacana, e a gente teve todo esse experimento de como é que a gente teve oportunidade de pegar o grão torrar o grão moer o grão e fazer o café

Bruno: e você não sabe qual é o nome não

E. Christino: é essa que você Bruno

Bruno: há sim, os Cordeiros

E. Christino: isso, e ali eles têm inclusive o cultivo de orquídeas eles fazem o trabalho também de vivencia aí tem toda a explicação da orquídea e o turista ne na verdade

fica participativo e carrega consigo uma lembrancinha chamada uma orquídea, isso é bem legal ne

Bruno: eles têm plantio lá de mata atlântica

E. Christino: também, e de novo ela também caminhando por do (ai já é um sitio) ela mostrou para gente e deu uma aula de como é que você transforma uma área que não tem utilidade nenhuma em uma região que é extremamente produtiva, e na ocasião que eu fui em maio de 2018 ela até comentou sobre uma novela que tinha acontecido na globo e que um engenheiro agrônomo teria comentado sobre esse princípio exatamente ne, então é interessante isso eu aprendi muito por acaso até

Bruno: não sei se você já ouviu falar, mas lá teve aquele cara que fez o, caraca como que é o nome dele ele fez Indiana Jones, queria saber o nome dele é Harrison Ford eu acho

E. Christino: é ela comentou

Bruno: tem a foto dele lá, falando que ele foi lá e tal

E. Christino: isso, isso. E assim... esse tipo de turismo até completando não sei se essa vai ser uma das suas perguntas

Bruno: não tem problema pode ficara vontade

E. Christino: o que é interessante por exemplo, eu conheci a Juliana que é a guia lá de Teresópolis pelo face e comecei a apreciar o trabalho dela, e a gente eu E. decide ir com um grupo para um almoço lá, um almoço rural e aí eu comecei a saber da história porque até então eu não sabia exatamente onde a gente vai é na região entre Terê e Friburgo ne tem uma vista lindíssima da mulher de pedra que eu tirei até uma foto na segunda visita técnica, lindo demais, é uma região de Teresópolis que não é muito assim "turística" por enquanto, falando nessa região você só lembra do Le Canton e a gente tem esse paraíso todo entre um caminho

Bruno: tem São Moritz ali próximo também

E. Christino: mas assim eu falo em Le Canton todo mundo já sabe o que que é, é história

Bruno: é mais emblemático

E. Christino: e aí quando eu fui na primeira visita eu tive esse é, a surpresa e a proprietária Rosana ne e o Pinheiro do Rancho sabor da roça me mostraram as fotos deles e eles amostram essas fotos para todos os turistas que vão, porque disso, porque em 2011 eles perderam tudo, então assim e cada vez que eu vou eu aprendo mais um bocadinho. O Bruno foi com a gente em uma visita técnica e ela contou parte que ela hoje tá com uma associação ne, e a última que eu fiz agora ela contou mais um bocadinho, essa associação além de ter começado por conta da necessidade de não desperdício eu tive assim um fiquei chocada com o que ela comentou, eles ali perderam tudo em 2011 então eles se formaram essa associação no cooperativismo e assim na verdade a maioria das pessoas que iam frequentar a Rosana ela é presidente dessa associação, as pessoas que iam eram poucas e uma minoria homem e os homens assim as mulheres ainda tinham preconceito em pleno século 21 de participar de associação e aos poucos aí ela falou "olha eu to aqui com meu marido, sou eu a presidente então gente qual é isso não é trabalho para homem é um trabalho de sobrevivência" então começou a ir assim hoje eu disse ela "a frequência maior é até as mulheres e entendi que elas podem fazer muito mais para aquela área",

e assim eles lá trabalham essa associação do cooperativismo quem perdeu tudo então juntou para reconstruir não existe o meu, não existe o seu, existe o nosso. Ela não comentou daquela oportunidade com você ne

Bruno: Uhum

E. Christino: eu não sei, mas eu acho muito interessante

Bruno: não ela falou lá, ela chegou a comentar sim, só não vi as fotos, eu queria ver

E. Christino: exatamente, é isso aí até você pede

Bruno: é, não haverá falta de oportunidade

E. Christino: não

Bruno: teremos novas oportunidades, então concatenando, você citou aqui ne o sitio G que é do Gilson

E. Christino: sabor da roça

Bruno: sabor da roça

E. Christino: rancho, rancho, rancho

Bruno: rancho G, perdão

E. Christino: foi o que ele me falou eles me corrigiram também, rancho G que é do Gilson, que trabalha com

Bruno: que não existe uma regulamentação, a gente logico que quando se fala rancho a gente entende que rancho é menor do que chácara, que é muito menor que uma fazenda, mas sitio é a palavra geral ne, sitio engloba tudo então realmente o rancho, quando você fala rancho você já sabe que é um pedacinho de terra

E. Christino: que é uma coisa pequena, é

Bruno: não passa de 3 alqueires, 2 alqueires sei lá, se bem que eu acho que para ele essa vibe rancho, eu acho para ele rancho é mais comercial porque ele falou que tem

E. Christino: não sei

Bruno: eu sei, ele me falou são 10 alqueires

E. Christino: então filho é sitio, é

Bruno: já é um sitio, quase tamanho de uma chácara próximo a uma fazenda

E. Christino: aí eu não, deixa a chamada do jeito dele que de repente é nome social ne

Bruno: dele, é, o sabor da roça também é rancho

E. Christino: é rancho, apesar

Bruno: apesar de não ter animal

E. Christino: não

Bruno: normalmente rancho tem animal

E. Christino: o único animal que eles têm é galinha ne, e cachorro, agora já o Gilson não ele tem coelho, ele tem galinha, ele tem pato

Bruno: vamo lá

E. Christino: não vi vaca não vi, no Gilson não tem

Bruno: é não tem eu perguntei isso para ele, bom rancho G, Sabor da Roça e Santo Antônio dos Cordeiros

E. Christino: isso Santo Antônio dos Cordeiros

Bruno: você comentou se por algum acaso você lembrar de uma outra propriedade no meu do caminho não tem problema

E. Christino: se eu tivesse visitado, não, que eu fiquei encantada com piedade, também tem essa

Bruno: você foi em piedade

E. Christino: hã

Bruno: você foi

E. Christino: não eu não fui, eu só fiquei encantada e queria conhecer

Bruno: quantas atividades que você realizou só para gente poder fazer uma engloba tudo em um balaio só, juntando as três propriedades é vamos tentar enumerar as atividades que você presenciou ou você fez que tivesse relacionado com a lida do dia a dia

E. Christino: dele

Bruno: deles

E. Christino: bom vamos lá a gente

Bruno: não precisa se dividir por propriedade não, sobre o café já mexeu no café

E. Christino: então já mexemos no café, a gente torrou o café, a gente viu aquele processo bastante manual, moeu o café, o coar a gente já faz isso no nosso dia a dia

Bruno: logico

E. Christino: e aí na Cordeiros, Santo Antônio dos Cordeiros ela inclusive mostrou o pilar do café também ne, tem toda essa demonstração dela, além disso teve aquela vivencia da explicação daquele solo que era totalmente improdutivo aí ela comentou dá o porquê da bananeira o porquê da água etc. e tal achei aquilo fantástico

Bruno: e aquela é uma rotina deles

E. Christino: eu entendo que sim, mas é aquilo, eles dividiram pedaços de terra, então é aquele pedacinho, enquanto aquele pedacinho não sobrevivi eles não então tá segmentado para fazer esse trabalho, pelo menos foi o que eu entendi

Bruno: interessantíssimo, então fora o café, fora a orquídea, você tinha falado antes também que viu, chegou a ver o manejo das orquídeas, chegou a ver, ela chegou te mostrar o manejo

E. Christino: ela mostrou, mas assim

Bruno: mas vocês não maneжaram aquilo

E. Christino: a gente não, ela comentou que existe esse turismo lá, que elas fazem, e que assim eles botam até grupos pequenos porque é mão na massa

Bruno: entendi, e do Sabor da roça e rancho G, você já chegou botar a mão na terra, chegou a mexer

E. Christino: a gente só não botou porque não quis, porque se a gente quisesse colher eu tenho certeza que ela

Bruno: você nunca fez isso

E. Christino: lá não, eu Beth não por uma questão até de educação, mas é até interessante

Bruno: entendi

E. Christino: porque ela que pega o moinho para gente, então assim se ela explicar como é que corta é até uma outra, uma outra atividade, achei legal a tua ideia

Bruno: eu digo na tua experiência você nunca teve essa experiência E. Christino: não, o que a gente tem lá no rancho G e no tanto no Sabor da Roça também, colher do pé, a tangerina que a gente pega e chupa ne, colhe

Bruno: você fez isso

E. Christino: fizemos, isso sempre, nós e o grupo que vai

Bruno: entendi, você sempre vai como guia

E. Christino: como guia

Bruno: mas você já foi algumas vez como turista

E. Christino: olha, não

Bruno: nenhum desses lugares

E. Christino: eu fui na Cordeiros como visita técnica, então eu tava meio guia meio passageira

Bruno: é visita técnica você é meio guia meio passageiro realmente

E. Christino: e as outras vezes lá de Teresópolis eu sempre estive como guia

Bruno: já mexeu com animal em outras propriedades

E. Christino: não, eu não

Bruno: tá bom, então nós temos, mexeu com o café, você viu o plantio da vegetação de mata atlântica ne

E. Christino: isso

Bruno: isso aqui eu vou anotar porque

E. Christino: você vai direcionando para as suas perguntas

Bruno: não, não, não. Eu sei, não to querendo mudar, to querendo só pontuar porque depois eu vou colocar isso aqui em uma tabela, é você viu o manejo você presenciou?

E. Christino: sim, sim, sim.

[barulho]

Bruno: tá, eu já sei que isso aqui foi no rancho G e sabor da Roça

E. Christino: isso, e o Cordeiro que você também conhece, eu esqueci o nome.

Bruno: não, mas eu to querendo pegar a sua

E. Christino: é Ana ou é Ana Beatriz

Bruno: é Ana Beatriz e A. Silva violenta

E. Christino: é isso aí Bruno: eu to querendo pegar inclusive a sua lembrança, inclusive é uma coisa que eu não tinha falado no início podia ter falado, o meu maior estudo agora nesse momento é lembrança do que aconteceu E. Christino: porque que eu acho interessante essa lembrança? Porque a lembrança é aquilo que te marcou, tem o lado [interrupção] bruno: essa é a razão do qual eu escolhi essa metodologia E. Christino: posterior e a anterior ou passageira, o que motiva o passageiro a ir, é lembrança

Bruno: é essas visitas quando que elas aconteceram?

E. Christino: bom, a primeira eu não lembro exatamente a data que foi em junho do ano passado, a segunda visita eu tenho certeza que foi no dia 7 de setembro, que a gente até fez uma brincadeira com uma bandeira do Brasil, nós levamos

Bruno: isso no rancho G e Sabor da Roça?

E. Christino: não só foi no rancho Sabor da Roça, o rancho G foi agora com vocês toda uma visita rápida, mas foi p gente acertar a visita técnica, foi vivencia

Bruno: tá bom

E. Christino: que eu levei passageiro foi essas duas, e fui em junho com vocês e agora em junho, dia foi de junho não me lembro

Bruno: foi dia 28

E. Christino: foi isso mesmo é

Bruno: Santo Antônio dos cordeiros foi quando?

E. Christino: fui em maio

Bruno: ano passado?

E. Christino: desse ano, eu fui a três anos quando deu tudo errado e eu não conheci nada então

[risos]

E. Christino: ...essa vivencia de agora, depois eu te conto a história, experiência cara

Bruno: to ficando preocupado

E. Christino: então tá vou te contar, era uma vez alguém que comprou uma agência lá, aí você acha que estalou o dedo ne aí pronto, chamou todo mundo aí uma colega foi, a colega deve ter ido de carro chega La com um ônibus o fio de alta tensão ficou agarrado la em cima, tá bom, não chegamos em aldeia velha o tal dono oba-oba da agencia não comentou direito com o dono da propriedade e nós teoricamente eu chamo isso de um convite para se retirar, não satisfeito ele "não, vamos ali comer uma pizza", no lugar que também o dono não sabia que nós íamos e que teoricamente seria cortesia não seria, sabe não é fácil você montar uma visita técnica

Bruno: nada profissional ne

E. Christino: nada, nada aí esse

[interrupção] bruno: ainda mais o A. Silva que é um cara que tem todo coração

E. Christino: aí o pobre coitado quando a gente chegou lá na frente da fazenda, aparecia político de tudo conte lado

[interrupção] bruno: eu conheço o A. Silva desde de 2009

E. Christino: ele ficou assim com aquela carinha de não sei, nós almoçamos foi maravilhoso aquela comidinha no fogão de lenha que eles fizeram e assim ah outra coisa que foi aí pronto não conheci como eu queria aí beleza, esse ano uma colega colocou como eu coloquei ne a visita técnica aí mingou, não teve muita gente, e aí eu queria pernoitar lá que eu paguei para ela com pernoite até, viver exatamente como é que era isso, aí legal chegamos lá "Beth não teve coro" aí fomos de carro 5 6 pessoas aí fechou vamos que vamos, aí que foi bom demais

Bruno: teve pernoite então nesse do

[interrupção]E. Christino: não, não teve

Bruno: inclusive já chegou a pernoitar em

E. Christino: nenhuma delas, a única que tem é a fazenda cordeiros que tem a possibilidade de pernoite

[interrupção] Bruno: você não pernoitou?

E. Christino: não consegui, as outras não tem

Bruno: você nunca pernoitou quando você vai para rural

E. Christino: não

Bruno: tá, essa três foram as últimas vezes que você foi para a área rural fazer turismo ou você foi mais vezes?

E. Christino: foi, foi a última vez que eu fui

Bruno: fora do estado do rio talvez até

E. Christino: a última, última

Bruno: não digo última, uma única

E. Christino: eu vou te contar um particular, bom meu pai era mineiro e ele era louco pra comprar um sitio beleza, beleza, logo em seguida ele veio a óbito aí nisso eu conheci meu marido aí meu marido se encantou, achou maravilhoso não sei o que, aí a gente construiu uma casa e foi morar no meio do mato, a gente morou em Tiador, Tiador é uma cidade dessa tamainho pertinho de 3 rios aí parece, parece não quando eu vi que o prefeito estaria reativando a linha férrea parece que um desses destinos vai ser Tiador

Bruno: que legal

E. Christino: a gente morou no meio do mato aí sabe o que que é tudo dar errado tudo, aí nós voltamos

Bruno: entendi

E. Christino: sabe, aí a gente tem um carinho não para eu morar de novo, eu não faria isso de novo não, mas assim esse carinho para entender como é que a coisa chega, então quando eu vi esse trabalho da Juliana, eu to assim de coração realizada, eu faço isso com o coração acho que deu para notar né!? Como ela, ela ali decidiu morar em Teresópolis porque decidiu, então entendeu que tem muita coisa para fazer

Bruno: você consegue contar quantas vezes você já foi para roça a passeio, ou a turismo a visita técnica

E. Christino: eu tudo que tem envolvimento da roça eu gosto de ir, inclusive o Brejal que apareceu uma visita técnica

Bruno: você não foi ainda

E. Christino: já fui

Bruno: já foi a Brejal?

E. Christino: já fui no Brejal

Bruno: poxa

E. Christino: ah esqueci de te falar aquele senhorzinho é viu como é que lembra, aquele senhorzinho você conhece ele? Do Brejal

Bruno: não, o Brejal eu conheço, mas não conheço ninguém lá

E. Christino: ata então beleza, a gente vai conversar também sobre isso, o que que acontece a gente

[interrupção] bruno: quando foi ao Brejal?

E. Christino: deve ter uns três anos

Bruno: tá bom, 2015

E. Christino: por aí, não foi antes 2014

Bruno: tá ótimo

E. Christino: foi antes, foi antes sim. O que que acontece lá, ele também vive da roça só que além de ele não cultiva só as hortaliças, tem os vegetais legumes ne, então esse senhorzinho ele dá uma aula é uma coisa muito interessante, que que eu marquei ne

Bruno: lembra o nome dele ou do sitio dele

E. Christino: não, posso procurar saber

Bruno: vou te cobrar isso

E. Christino: posso procurar saber sim, bom e aí o que que acontece isso aí não sai da minha cabeça, lá veio ele aquele experimento da roça ne, ele virou e falou assim "pois é veio uns, no outro dia veio unas cara da globo filmar isso aqui cheio de sinusite todo entupido, aí eu cheguei para ele: tem um remédio muito bom para você , aí o cara olhou assim para minha cara, aí foi lá", simplesmente ele pegou um cotoco de arvore, essa não saiu da minha cabeça, um formigueiro daquelas formigas bundudas tipo tanajura, mas aquelas saúva parece, ele botou no nariz do cara. O cara cheio de nojo, resumindo aquilo é o maior expectorante que tem, o xixi da formiga,

Bruno: que coisa em

E. Christino: o xixi da formiga, assim caraça o cara saiu daqui o negócio dele saiu daqui até aliviado, e ali ele lá aquele senhorzinho mais que humilde com um banho de conhecimento, porque que o Brejal me deixou assim um pouco triste? Primeiro trabalhando para levar turista no Brejal você tem que ir de 4x4 pelo menos a proposta que foi quando a gente foi, é 4x4 a não ser que, eu não tenho condição de convencer ao passageiro sair do rio para ir para Petrópolis por 200 e pouco quase 300 reais, e 4x4 é 100 100 e pouco, você não sai do rio de 4x4 pro Brejal você tem que ir com ônibus ou uma van

Bruno: trocar motorização

E. Christino: aí chega lá pronto, me quebra

Bruno: aí no você tem 20 e tem que botar 2 4x4

E. Christino: como é que é o nome dele, caraça, me cobra aqui, não vou dizer hoje, mas

Bruno: beleza, mas é bom já é a segunda pessoa que me fala do Brejal nas entrevistas

E. Christino: então o Brejal, agora volta o que eu te falei

[interrupção] bruno: mas La chegou a pegar em alguma

E. Christino: eu não

Bruno: você viu?

E. Christino: a gente viu, inclusive ele até mostrou

[interrupção] bruno: você vai entender porque eu estou perguntando tanto sobre isso

E. Christino: ele mostrou até para gente e deu pra gente experimentar foi a flor da abobora que eles usam como comestíveis, eu tenho umas fotos que é a coisa mais linda

Bruno: imagino

E. Christino: lindo, lindo, lindo, bom aí Brejal, vamos lá Brejal, o Brejal a Daiane que foi com a gente, tem um conhecido, ela até conversou comigo lá, ela tem um conhecido que mora lá e ele tá até querendo meio que fazer o que o pinheiro tá fazendo, trabalhar o turismo ali, só que ela notou também aquilo muito fechadinho eu não sei se é porque não tem ninguém ou porque é porque querem monopólio, aí a gente não tá aqui pra julgar aí ela me convidou pra gente dá um pulinho lá porque ela tem uns amigos que tem uma propriedade lá aí que entra você também, eu não vou convidar o convidado, mas deixa eu ir vou conversar com ela de fazer esse trabalho junto, vamos com calma se não vira

Bruno: não, tem uma porção de coisa pra falar contigo também, mas hoje eu

E. Christino: se não sai do foco

Bruno: não, não é isso não eu to preocupado com você entrar no trabalho

E. Christino: é eu avisei que vou chegar mais tarde, se eu chego mais tarde eu vou sair mais tarde, não tem problema não eu to trabalhando perto, na verdade eu trabalhava lá no jardim botânico, então ali para mim era o cão chupando manga

Bruno: mas quanto em questão de quantas vezes você já fez, você não tem de cabeça quantas vezes isso aconteceu ne, umas 5 vezes

E. Christino: mais

Bruno: 6 vezes

E. Christino: umas 10, por aí, de visita, entre ir visitar entre montar umas 10

Bruno: e porque roça? Porque você escolheu turismo rural

E. Christino: na verdade, assim eu gosto de um montão de coisa, e eu assim a gente começa no turismo eu sou guia de turismo a 5 anos e eu tenho minha agencia 2, a gente começa faz tudo aí daqui a pouco começa isso eu não vou fazer, isso eu não vou fazer então eu comecei a tentar fazer aquilo que eu gosto muito, o que que eu gosto muito? Desde de criança eu gosto de entender como é que as coisas funcionam também já vem uma memória de infância, a memória de infância minha é uma visita

de escola pública a gente ia na fábrica da Coca-Cola então eu ficava encantada com aquela linha de produção como é que a coisa funciona pra chegar no fim então essa parte do rural é interessante justamente por isso, hoje tem um dos primeiros turismos que eu fiz foi na boemia conhecer e entender

[interrupção] bruno: Petrópolis ne?

E. Christino: isso, e eles tinham uma van que vinham me buscar então era perfeito, era uma coisa linda você já vivenciava isso enfim então minha característica aí a gente começa a entender que muita gente não conhece, agora a dificuldade que eu tenho porque que eu fiz a visita técnica e expliquei pra vocês, eu não consigo vender santo pero sem botar a feirinha porque as pessoas só querem feirinha elas se esquecem que atrás disso tem uma cultura, e em setembro quando eu fui levando grupo foi uma família uma amiga minha do Sergio que já se aposentou, com a filha e os netos ela "nossa que bacana" eu falei pois é porque ninguém conhece, mas de galinha, acha que a galinha é branca ne, então a gente tem que parar com essa história e entender e valorizar, quando você foi com a gente ela até comentou da greve dos caminhoneiros a gente olha a gente só tem a noção de um segmento, qual o impacto daquilo?

Bruno: simplesmente não escoo a produção

E. Christino: a coisa ficou parada, parada, parada e parada, estragou ali, estragou ali

Bruno: e fora que aquela região ali foi inclusive palco de um dos maiores desastres ambientais eu creio que foi em 2010, 2011

E. Christino: isso, isso, não sei o motivo...

[interrupção] Bruno: de 2011 pra 2018

E. Christino: olhando pelo lado do turismo como empresária e empreendedora eu não entendo o não aceite ou não visão ainda do SEBRAE naquela área de Terê, porque o SEBRAE tá trabalhando muito com nova Friburgo eu sei porque eu também estou participando do SEBRAE e a Rosana falou assim "não, não tem SEBRAE"...

Bruno: do rio serra mar?

E. Christino: é... é.

Bruno: ó! Que legal!

E. Christino: a gente tá....

Bruno: você já conheceu o Bruno então

E. Christino: não

Bruno: Bruno do SEBRAE, ele tá na frente desse projeto.

E. Christino: não, o que que acontece com quem tá na frente não assim é o projeto serra mar, as empresas é a Taíssa...

[interrupção] bruno: não a Taíssa é do rural, a Taíssa é amiga do bruno

E. Christino: então pronto, é a Taíssa aqui...

Bruno: quem encabeça o projeto é ela

E. Christino: aí não sei, eu não to, aqui o que aconteceu comigo

Bruno: eu conheço os dois

E. Christino: então pronto, a Taíssa, assim existe esse projeto a quase 4 anos ne
Bruno: eu tava morando em Niterói

E. Christino: então pronto aí eu não tava, alguns agentes entraram aí quando a Taíssa em dezembro, alguém de algum momento quando eu fiz alguns cursos no SEBRAE online aí apareceu alguém mandou um e-mail pra mim convidando esse abraçado do SEBRAE com os agentes de viagem, então eu só estou nesse projeto desde dezembro...

Bruno: que legal

E. Christino: foi a sessão esporro porque as pessoas pensam que é brincadeira ne, e pensa que é tudo de graça então quando a Taíssa colocou valores a preço de custo teve muita gente que inventou uma certa desculpinha e vazou ne, e eu continuo lá inclusive a apresentação desse trabalho que o SEBRAE faz com a gente vai ser na ABAV

Bruno: eu vou tá lá também

E. Christino: então vamos vestir a camisa

Bruno: vou estar lá com uma porção de aluno

E. Christino: vamos vestir a camisa, porque essa foto eu não ia na ABAV tanto que eu elegi a Vips a que preço né, mas essa foto do SEBRAE eu tenho que esta, concorda comigo?

Bruno: verdade, eu...

E. Christino: o mundo é muito pequeno

Bruno: eu assim participo, eu to com o pessoal lá do SEBRAE meio que de fora entendeu, porque ele tá em uma fase agora do projeto de muito capilaridade ele vai nas localidades né

E. Christino: isso, é

Bruno: e assim...

E. Christino: que interessa

Bruno: é, essas reuniões que ele tá fazendo umas inclusive as agendas são muito ruins e outras são regiões assim que eu não to presente

E. Christino: "não te interessa"

Bruno: é mais ou menos, é

E. Christino: não é que não interessa e não dá pra ser tudo ao mesmo tempo...

Bruno: e eu vou acabar encontrando, sabe aquele negócio que você tá em uma banca que você sabe que vai encontrar lá na frente, eu faço parte do Convention de Casimiro que eles estão criando agora

E. Christino: po legal

Bruno: é, com Antônio Marcos lá, Marco Antônio, aliás. Antônio marcos foi o cara que foi prefeito...

E. Christino: qual o nome?

Bruno: Marco Antônio, tem Marco Antônio e Antônio Marcos são pessoas diferentes

e já tá indo pra ativa lá e a gente juntar com esse projeto então...

E. Christino: e assim o grande problema que eu vejo é entra o SEBRAE que é claro ne consultoria essa história do de graça ninguém trabalha de graça é meio confuso, e aí quando vê que a coisa dá certo já entra com o político na história, aí nisso esse de Teresópolis não tem político nenhum

Bruno: não pode ter, o SEBRAE não pode admitir que a política, apesar que já vi isso acontecer a política não pode entrar no SEBRAE

E. Christino: mas enfim, aí é outro assunto a gente não tem...

Bruno: o que que você, você tinha alguma imaginação antes da experiência das primeiras vezes, você falou que foi 10 vezes ne, as primeiras vezes que foi lá tipo sei lá vê como o café é feito, vê como é que é o plantio da encosta

E. Christino: sim, sim

Bruno: tinha alguma imaginação antes? Até mesmo quando você foi no sitio G, até antes de você ir lá no sitio do rancho do sabor da roça que você viu o manejo do cara pessoal, pela roça subsistente, vivendo da roça, você tinha uma imaginação antes de tudo?

E. Christino: eu tinha, porque eu te falei, a gente ia morar na roça

Bruno: então você não teve muita surpresa?...

E. Christino: não, não foi

Bruno: excelente

E. Christino: a minha surpresa maior foi lá em 1900 e... [risos]...eu casei em 81

Bruno: [risos] ...1900 e Luluzinha ne?

E. Christino: é

Bruno: é...mas você teve algum desses manejos que você já conhecia antes?

E. Christino: Não, outra coisa...

Bruno: todos esses você já conhecia?

E. Christino: outra coisa...é

Bruno: não conhecia?

E. Christino: não, não conhecia não, eu fui to aprendendo com eles todo esse manejo de trabalhar a terra eu não conhecia

Bruno: pera peraí...

E. Christino: vamo lá

Bruno: então tinha uma deixa arrumara pergunta aqui, então esse manejo do café, do plantio é

E. Christino: não, não conhecia

Bruno: não conhecia, você tinha alguma imaginação antes de tipo assim "será que é assim, será que" essa imaginação antes que você saiba que tinha

E. Christino: tinha, tinha o café ele não cheira, ele cheira na medida que você vai torrar, então a terra que eu aprendi La em Casimiro ela, teve mais uma outra

experiência que eu também vou te contar, a terra ela...tem aquele trabalho de plantar bananeira pra geral e ... então essa parte eu não conhecia, a única coisa que eu conhecia era você fazer uma horta que você compra sementinha, a gente quando vai fazer slideshare aquelas coisas lindas, uma sensação muito gostosa, você olhar pra aquilo, aquele produto que foi você que plantou ne? E aí meu marido a gente tinha galinha também, "eu não vou matar galinha não, eu do milho pra elas todos os dias", entendeu a gente é muito cidade tem esse choque, porque ali não é o matar é uma sobrevivência, é o ciclo ne?

Bruno: uhum

E. Christino: outra experiência minha também...

Bruno: você comentou que você achou que o café tinha cheiro

E. Christino: não tinha cheiro

Bruno: você achou que tinha?

E. Christino: é...

Bruno: ou nunca pensou isso?

E. Christino: eu nunca pensei em nada, eu achei interessante é que ele não cheira, na medida que você toma vai fazendo aquele aroma e ele ...

Bruno: você se surpreendeu?

E. Christino: é, na verdade foi isso, outro lugar que eu fui e gostei também muito foi no famtour, Bento Gonçalves, serra gaúcha, serra gaúcha todo mundo pensa em Gramado, eu assim o primeiro famtour que eu fiz foi uma experiência incrível em todos os sentidos

Bruno: lembra quando foi isso? Bento Gonçalves

E. Christino: 2013...foi 2013

[silencio]

Bruno: você foi aonde, foi propriedade lá também?

E. Christino: propriedade , ele tem roteiro rural que ele estava mostrando, foi o primeiro famtour que mostrou esse caminho geológico e aí o que eu achei assim fantástico, fantástico, pra variar nós fomos recebidos pelos proprietários, pra mim foi surpreendente, mas eu me acostumei com essa ideia, e ali a gente foi surpreendido com a própria proprietária comentando como é que surgiu aquela situação toda, e aí teve o apoio do SEBRAE, SEBRAE chegou aqui e perguntou "O que que você sabe fazer?", aí ela "Eu só sei plantar tomate", "beleza, vamos pensar no que que a gente pode fazer com tomate", resumindo você tem uma lista de produtos aí inclusive eu comprei trufa de tomate

Bruno: Caramba, gostoso?

E. Christino: Delícia, aquela papinha de dentro ne?! Então isso me marcou bastante além da gente ter visitado aquelas outras propriedades que Bento Gonçalves são vinícolas ne?! E a gente só pensa no miolo só pensa naquelas grandes, então trabalhar junto, isso, a gente foi, mas assim como estávamos turisticamente falando a intenção foi, "você chegou com teu grupo eu quero porque eu quero visitar miolo, tá entupida? Então vamos naquela ali", eles trabalharam em parceria, tem muita vinícola pequenininha que fornece para eles e nós já ficamos cansados de visitar e o

interessante disso, as parreiras, as posições das parreiras, pertinho de todas as parreiras tem uma roseira, sabia dessa?

Bruno: Não

E. Christino: Por que? Porque ali você observa que não existe a praga, porque a roseira ela flor altamente sensível a isso, então os bichinhos já vão direto nela, aí a gente aprendeu lá nessa vivencia que junto com cada parreira tem roseira

Bruno: Isso você não sabia?

E. Christino: Nunca, sabia, e outra que aí a gente teve aí já foi em 2016, você não tava nessa visita técnica não, a Ludmila não tava não, ela na verdade minha amiga guia, parceira, ela gosta muito dessa parte histórica então nessa historinha toda e...marco da história real um desses marcos é Cebolas, não sei se você já ouviu falar, são lugares aí quando ela colocou...

Bruno: Olha como você vai lembrando das coisas

E. Christino: Ela vai...é como é que vai lembrando ne...como eu também gosto eu acho bacana você fazer aquele caminho no marco zero, eu fui lá pra diamantina conhecer o marco zero da estrada Royal e cebolas é um caminho também dos inconfidentes, tirou foto no marco lá, não sei qual é o número desse marco, mas enfim é aonde tem o coração do Tiradentes, ele passou por ali e a parte nobre, que é o coração parece que tá enterrada lá, em cima disso...

Bruno: Ninguém sabe ne?

E. Christino: É dizem que sim, em cima disso por ali estrada do Rio aquelas imediações você tem a única e primeira, eles não querem chamar de única, mas de primeira vinícola do Rio de Janeiro do estado do Rio, eles tão a pouco tempo desde 2010 que na época não sei se agora tá melhor, aí eu perguntei pra eles " cadê a roseira? " aí ele " olha, a gente começando a gente não teve a condição de comprar para todos", como é que você traz...

Bruno: Que maneiro

E. Christino: Esse de Cebolas foi muito interessante

Bruno: Por que perguntam isso? Porque as vezes as pessoas falam " a eu achava que tal coisa era assim e quando fui lá aprendi que era assado ", " ah eu tinha uma hipótese que o café era assim", por isso eu perguntei se você tinha alguma imaginação antes de ter experiências que você teve

E. Christino: Não, não

Bruno: Mas a sua experiência da roça é muito rica

E. Christino: Mas eu presto muita atenção, porque assim, a gente quando leva grupo e eu sou muito passageira também ne? Passageira eu vou na.

Bruno: Aham

E. Christino: Então eu começo a me misturar bem

Bruno: isso é bom

E. Christino: Eu gosto de me misturar bem, fico lá atrás fico vendo o movimento e to sempre então até as senhorinhas da cidade elas acham que tão saindo daqui e indo

pra qualquer lugar e levando a casa junto, então eu já explico logo sua casa deixa lá, e queria melhorar não queira mudar porque se não muda a essência do lugar

Bruno: É se bem que só tava acontecendo, mas legal sua vista, legal

E. Christino: então aí a gente vê coisas assim interessante tipo, até no restaurante a senhorinha "não tem chá de abacaxi?" aí o cara olhava assim nascido e criado em Baependi terra de Nina Chica perto de caxambu o cara vai saber, não saio de lá pra nada , aí eu esperei ela se retirar e falei pra ele "o chá de abacaxi é feito com a casca do abacaxi lá no Rio é muito comum" a ele "é" porque não sabe, então é legal esse há parte e...fazer esse intercambio, a gente acaba sendo...

Bruno: Sempre fica um pouquinho turista no lugar e um pouquinho do lugar no turista

E. Christino: Pra você ver que nem eu lembrava de um monte de coisa Bruno

[risos]

Bruno: Mas a mente ela é estimulada, entendeu? A pessoa que faz essa metodologia história oral...

E. Christino: é interessante!

Bruno: A pessoa que faz a entrevista ela tem que ter paciência porque a mente ela é estimulada, eu sei que até o final da entrevista

E. Christino: Aí vai lembrar de mais alguma coisa

Bruno: Você vai embora e vai lembrar de mais uma porção de coisa

E. Christino: Depois eu te falo, o carinho lá de Brejal eu não lembro não

Bruno: Vamo lá, fazia parte de uma programação?

E. Christino: O que? Como assim?

Bruno: As coisas que você fazia, fazia parte de uma programação ou era espontâneo? Quando você foi ver o manejo alguém...

E. Christino: programação

Bruno: programava aquele...

E. Christino: não, não...

Bruno: Ah recreação...

E. Christino: não, não

Bruno: era uma programação ou era espontâneo?

E. Christino: A programação era chegar no lugar

Bruno: Depois que chegava era espontâneo

E. Christino: isso, isso

Bruno: família rural, falava com o dono da propriedade e que...

E. Christino: semelhante ao o que aconteceu quando você foi ne?!

Bruno: você só falou de propriedades que são as famílias que recebem, eles moram na propriedade e recebem o turismo, o turismo é a atividade da localidade, você já foi na fazenda?

E. Christino: na fazenda já, já

Bruno: qual fazenda você já foi? só pra saber

E. Christino: olha perai eu fui ali em São Lourenço, São Lourenço, não é muito minha praia, a fazenda São Lourenço é...

Bruno: São Lourenço é Minas Gerais

E. Christino: É Vista Alegre, e tem aquela atividade rural também que você acorda de manhã se você quiser e você vai lá e tira o leite

Bruno: já fez isso?

E. Christino: Já, levando o grupo, isso tem uns

Bruno: você ordenhou?

E. Christino: não, assim

Bruno: você ordenhou?

E. Christino: Eu só cheguei lá e apertei

Bruno: sim, mas você botou a mão na vaca?

E. Christino: botei, botei

Bruno: isso que me interessa...[risos]

E. Christino: é, viu como é que lembrei desse também

Bruno: hotel fazenda Vista Alegre

E. Christino: São Lourenço isso, o que mais? Esse eu acho bem legal

Bruno: então você eu vou voltar só uma perguntinha, o que que você sentiu quando você botou a mão na vaca?

E. Christino: há é interessante, é...

Bruno: fez uma vez só isso, nunca fez?

E. Christino: não, eu mesma já tive sítio e nunca peguei

Bruno: nunca tinha feito isso?

E. Christino: não, morria de medo

Bruno: como é que foi isso pra você

E. Christino: superinteressante, aí você já pega já sente o quentinho e aquilo que sai aquilo que você bebe aquela continuidade que eu falei que eu gosto, achei interessante

Bruno: maneiro cara, então saio leite quando você botou

E. Christino: saio, saio sentamos naquele banquinho

Bruno: no toquinho, há que legal

E. Christino: isso, é bem interessante e assim as pessoas vão pra São Lourenço e ficam no centro da cidade porque tem tudo, porque um hotel fazenda intocável é complicado

Bruno: é, esse é o problema

E. Christino: o intocável não é a minha praia, apesar de que eu vou agora em uma outra visita técnica de uma colega que é hotel fazenda vamos ver qual a proposta do hotel fazenda, e esse ter o criador tem tudo isso, essa vivência principalmente com as crianças

Bruno: você lá dormiu?

E. Christino: dormi, teve pernoite esse teve pernoite

Bruno: quantas pernoite?

E. Christino: uma.

Bruno: sabe que data foi isso?

[silencio]

E. Christino: 2015, foi em 2015 setembro de 2015, isso aí eu lembro

Bruno: bom já falou que fez, você sempre foi por agencia ne? Nunca foi sozinha, já foi sozinha em uma dessas propriedades aqui? Essas muitas que você falou aqui

E. Christino: não, sempre fui ou eu o...

Bruno: agencia

E. Christino: é

Bruno: grupo de viagem

E. Christino: é, ou eu agenciando ou eu e participando também ne?!

Bruno: já falou que novamente você continuaria fazendo de novo turismo rural?

E. Christino: claro, por que é visita técnica? Quem me conhece no turismo não, até me perguntou "ué você agora tá fazendo visita técnica", to não necessariamente sim, de novo você tem ainda reação do pessoal da cidade e ir pra roça eles querem aquele lugar bonita pra tirar foto, eles esquecem que a roça é um lugar mais bonito ainda porque não é artificial pra foto ne?! então eu tenho essa dificuldade, então aí a Juliana me procurou pra eu fazer o embarque aqui do Rio e assim a minha maior preocupação é não sobre pôr a ela, então ela entra eu saio de cena

Bruno: o que eu achei magnifico o que você fez, trabalho de um bom tour condutor é fazer isso, é conseguir transferir é igual um jogador que passa a bola pro centroavante ele sabe que o trabalho dele termina no meio do campo

E. Christino: aonde eu to? Aqui? Então eu entreguei pra Juliana

Bruno: parabéns pela humildade

E. Christino: a Juliana entregou pra Rosana e assim porque ela vai contar melhor a história do rancho dela do que eu, eu vou contar pra você ir de repente, você vai me perguntar precisa conhecer porque senão você tá lascado

Bruno: quais foram as impressões que você teve com todos manejos que você vivenciou?...os impactos que você recebeu, as impressões?

E. Christino: eu acho assim, fantástico assim em contato com a natureza, a lembrança dos passageiros e cada um aqui conta uma historinha por exemplo essa visita técnica a anterior "puxa vida ah eu vou sim Beth, porque poxa me lembra de eu criança, a minha vó tinha uma horta, a minha mãe eu ia pra casa da minha vó", então essa memória que a gente tem que a gente , eu antigamente é até muito interessante

Bruno: uma reivindicação suas, pessoais

E. Christino: a minha é ver como é que a pessoa consegue, eu fico assim encantada com o Gilson, eu fico encantada com a Rosana , porque eles vivem lá, foi opção de vida deles e eu como falei eu tentei fazer isso só que assim bastante inexperiência, aquela história do você tem 20 e poucos anos você acha que a coisa é perfeita, aí você se depara com outros obstáculos ne e as pessoas ali não estão preocupadas com o futuro, estão preocupadas com imediatismo e eu notei da Rosana ela fez dali a empresa dela, a Rosana é uma empresaria...e você consegue tem vez pra todo mundo

Bruno: então o que mais te impressionou do manejo, não foi o manejo em si, foram, mas as pessoas...

E. Christino: foi tudo, transformar, porque se eu vi da Rosana, bacana alguém pode fazer, entendeu? Não to julgando não, meu marido que as vezes fica me saudando o que passou, passou, mas é aquilo eu começo a notar que eu começo a resgatar isso em mim, aquela proposta que eu tinha lá inexperiência que poderia ser feito com alguém de outra forma então todo lugar que eu vejo assim foi diferente é bacana o trabalho, como eu te falei de piedade, fiquei horas conversando com o cara lá, cara não é mania de eu chamar, o secretário de turismo lá, que quando falo virou amigo o Hugo, e como eu falo a gente vai lá

Bruno: Como é que você diferencia o cotidiano do interior com o cotidiano da cidade, quais são as diferenças que você vê na sua opinião?

E. Christino: Bom, ele já acorda com o galo cantando né? É uma diferença, mas a gente acaba sendo muito voltado a esse tipo de estresse eles lá não tem muita pressa eles têm troca, aqui a moeda é dinheiro lá não necessariamente, é ovo é isso é troca e assim eu acho interessante essa forma, voltando ao meu eu tive em Machu Picchu

Bruno: Uhum

E. Christino: em maio, cara você trabalhar no cooperativismo é a melhor coisa do mundo e eles falam no tempos dos incas, eles reverenciam os incas até hoje e todo mundo trabalhava, porque aqui a gente fica com aquela piedade que a criança não pode trabalhar, não é que tem, se ela começar a conviver com isso, ela vai ser um cidadão melhor, vai acostumar e a gente da cidade tá só acostumando a coisa cair do céu, pra mim tá meio conflito isso, e a gente não consegue mudar isso rápido não, diga-me

Bruno: é outra coisa...como é que você diferencia outras diferenciação, como é que diferencia esse tipo de viagem ? não, é a sua opinião, se você vê inclusive diferença neste tipo de viagem pra uma viagem que a gente chama de uma viagem convencional, outro tipo de viagem, tipo você já deve ter feito algumas viagens que não foram interior ne? Que não foram roça, que diferença você vê nesses dois tipos de viagem? E se há diferença?

E. Christino: Eu acho, a viagem vivência vai pro resto de sua vida, a outra não é para você, é para os outros, quando você viaja pra um lugar que você...vamos dizer você fez as compras lá em Teresópolis você tirou as fotos e fez as compras acabou ali, quando você vai pra um lugar rural ou pra um outro lugar que você meta a mão na, massa você não esquece nunca, vai fazer parte da sua história, a compra ou não sei o que...eu fui pra Dubai, pergunta eu volto em Dubai? Não, eu fui pra tirar meu certificado internacional, mas também era moda eu tava querendo ir porque todo mundo falava, não volto, pergunta se eu não volto pra Machu Picchu? Pra ficar

naquela altitude, porque é vivencia, você teve uma reação, você teve um desafio, você é provocado, o SEBRAE também tá fazendo muito isso, turismo de vivencia porque tá vendo que é o foco, você vai querer voltar pro mesmo lugar, Conservatório, Conservatório é uma cidade cenográfica, mas as pessoas vão lá, cantam, se realizam, vivenciam o senhorio sei lá o Ataulfo Alves, se... Orlando Silva

[risos]

E. Christino: escuta, ver esse ela ver o gramofone, sai 11 horas da noite cantando, não interessa se você canta mal pra cachorro, você canta, vem pra cá, então você volta porque você tá fazendo...você participa da viagem não só como é...receptor ne? e a coisa vai construindo e você constrói, não to falando nem do rural, conservatório não é nem rural, mas é nessa linha

Bruno: Márcia, não, é ótimo sua resposta, você atribui mudança de hábito ou alguma mudança de mentalidade após essa experiência de manejo, você atribuiria a esses manejos alguma mudança de habito que aconteceu em você?

E. Christino: assim, com essas experiências da Rosana ne? To falando porque eu prestei muita atenção...

[interrupção]Bruno: Eu digo de roça, isso, isso.

E. Christino: Essa situação todo caminhoneiro, essa situação da greve, não greve não da enchente, é tudo muito quando você olha pra um lado e pro outro você não tem mais nada a perder e você muda forma de viver, então você tá se reinventando e a gente da cidade não tem esse costume de reinventar, é difícil eu comento aqui no outro dia no trabalho eu sou do tempo que carreguei água porque a bomba da água as vezes não funcionava, faltava feijão faltava arroz minha mãe mandava a gente ir pra fila sem conhecer, hoje nada disso acontece então a gente aprendeu a construir, a geração de agora não constrói então essa parte do rural, dessa parte da construção me interessa porque é isso sim, a horta só vai acontecer se você plantar, então você tem o processo de construção

Bruno: E isso te influenciou a mudar alguma coisa?

E. Christino: nessa altura do campeonato só segmentar o que eu penso

Bruno: Reforçou algumas coisas

E. Christino: É, esses conceitos de preocupação mesmo, preocupação

Bruno: Você costuma ter os mesmos hábitos de alimentação ou de ...

E. Christino: a mesma coisa, com uma grande diferença quando eu vou pra lá eu não faço feira, não fazendo feira eu continuo com... [risos] com a salsinha que eu comprei semana retrasada na minha geladeira, não é isso? Ela tá lá, intacta e diferente até...

Bruno: você não faz feira aqui? porque você vai pra lá você compra lá é isso

E. Christino: Eu fiz, quando eu fui pra lá, eu compro lá, porque eu sei que vai durar o mês inteiro

Bruno: mas isso virou algum habito, em se preocupar em comer algo natural mais orgânico, virou habito sim ou não?

E. Christino: Sim, sim, a gente sempre procura, sempre procura, nem sempre a gente compra por dois motivos, ou é muito caro e a não certeza que aquilo é orgânico ou não é, se eu sei da tua fonte, a Rosana por exemplo ela não trabalha com orgânico,

mas eu sei a fonte então eu como despreocupada , mais o menos assim, é que a gente fica duvidando e eu fico meia duvidosa assim

Bruno: E alguma coisa que você deixou de fazer é... que você fazia e sei lá "não quero mais fazer isso" por causa dessa dezena de experiência com manejo?

E. Christino: olha...

Bruno: algum habito que você tinha antes e você "não preciso mudar isso"

E. Christino: eu acho que até esse público do turismo como eu te falei segmentar qual é meu público alvo que é o fundamental, então eu começo a entender e quer dizer a gente sabe que fazer o que gosta é legal ne? E eu trabalho pra mim na parte do turismo, aqui eu obedeço, então eu começo a entender exatamente isso eu quero fazer desse jeito, eu quero é...não é a guia eu quero estar junto, se eu gosto eu imagino que vocês gostem também então isso me ajudou nesse segmento, porque fazer o por exemplo também, outro exemplo, eu fui guia de uma agencia de Niterói e capitólio beleza, capitólio é lindo, a primeira vez que eu fui eu tive...eu comentei isso na Vi com o dono da agência tour veio agência de barco bacana de lá, certificada, e na primeira vez fui com ele, ele foi contando a história, porque tem uma cachoeira lá que é um dos pontos energéticos pra ouvir a natureza, já sai da roça ne? Ai quando eu fui guia a dona da agencia foi, tinha um funk no barco e quando tá lá naquele momento aumenta até dizer chega foi gota d'água, eu não trabalho pra maluco mais não.

[risos]

E. Christino: não quero não, você perdeu a oportunidade de ter o convívio com a natureza, de ouvir a natureza, a mesma coisa de são tome, outro lugar que eu gosto muito de ir, escuta o local, ali tem uma história, ali foi feito por papai do céu gente pra entender sem roça sem rural, mas é o local, é mais ou menos isso

Bruno: é, então só pra resumir quer dizer que então esses manejos não alteraram sua maneira de ser...

E. Christino: só

Bruno: e nenhuma mudança de habito?

E. Christino: eu acho que, reforçou...

[interrupção] Bruno: reforçou o que você já fazia

E. Christino: reforçou o que eu quero, o que eu quero pra mim, o que a Beth quer pra ela, porque aí sai de cena a guia, sai de cena o turismo, eu quero sim que você entenda porque que esse teu alimento chegou, eu quero sim que cada local tenha o seu atrativo além do turismo que a gente sabe que vamos respeitar um guia local porque ele é melhor que você, vai saber contar história e qualquer local

Bruno: você planta alguma coisa em casa?

E. Christino: não, não porque eu não tenho tempo, já tentei aí fiz merda, porque que eu fiz merda? Coloquei tudo lá e os passarinhos foram lá e comeram as sementinhas tudinho, eu não tenho ficado muito em casa

Bruno: entendi

E. Christino: só por isso

Bruno: mas algum comentário final que você gostaria de deixar registrado?

E. Christino : não, eu agradeço a oportunidade porque assim, a coisa vai caminhando por uma outra, outra, outra e a gente teve o privilégio de conhecer foi aquela situação e assim eu repito o que eu falei pra você, esse grupo ele deu trabalho pra sair e a gente com certeza não desistiu, botamos de van e fomos porque isso também é o exercício da gente e aí a gente teve o privilégio de conhecer você e a Daiana com essa história do Petrópolis que a gente deve fazer uma visita técnica lá em 2 de setembro, aí já vou te adiantando isso, vamos ver qual é a proposta, vamos ver como é que é, porque eu não quero aquela proposta de vamos lá vê o bonitinho e vamos embora não, a gente vai apreciar o que o local tem e as vezes eu sou também uma pessoa como você que vai em visita técnica e concludo, eu fico decepcionada com o que tem e a proposta da pessoa

Bruno: na cidade

E. Christino: mais ou menos isso, tá bom

Bruno: te agradecer bastante...

Entrevista com turistas – A. Silva

(A entrevista com A. Silva se deu com outra voluntária chamada G. Teixeira que não foi analisada por não atender aos critérios de escolha dos voluntários)

Bruno: Como vocês viram eu tô analisando oferta e demanda, quando a minha análise eu tô usando lá a região da Serra Mar ali em Casimiro e adjacências. É... Se caso vocês tiverem experiência de área rural naquele ambiente, okay, senão não tem problema a gente já...

G. Teixeira: A gente já visitou Aldeia Velha juntos.

Bruno: É, então... Aonde? No Luiz Nelson?

G. Teixeira: Isso.

Bruno: Beleza. Então, sobre a primeira pergunta já pra montar um cabeçalho seria "Qual propriedade visitou?". Vocês foram na RPPN do Luiz Nelson, né?

G. Teixeira: Isso.

Bruno: Tá. Legal. Você, G. Teixeira, chegou a ir numa outra propriedade que é do seu, você me contava, que é do seu marido. Aonde que é essa propriedade?

G. Teixeira: Isso é no Espírito Santo.

Bruno: Não tem problema. Onde que era?

G. Teixeira: São José dos Calçados.

Bruno: São José dos Calçados. Não, não precisa ser turístico.

G. Teixeira: É, é São José dos Calçados. E a gente tinha um pequeno sítio lá também, mas é em Calçados.

Bruno: Hm... Que legal. Nesse sítio que você foi lá com seu marido, é... De Calçados que, no caso, pertencia a família dele, né? Como era esse sítio lá? Só pra ter uma ideia. Como era a produção? Era própria?

G. Teixeira: Era própria. Depende da família, porque tem várias pessoas envolvidas com agricultura, agropecuária...

Bruno: Agricultura familiar, vamos dizer.

G. Teixeira: É, mas assim o meu cunhado, por exemplo, tem uma produção de café numa escala bem grandinha em Guaçuí.

Bruno: Uhum.

G. Teixeira: O primo do Alfredo também, são cafeicultores, vários primos dele são cafeicultores no Espírito Santo.

Bruno: Uhum.

G. Teixeira: O meu cunhado que vive em Calçado hoje tem um pequeno sítio pra produção de coisas próprias. Então, tem pedaços de terra, tem criação de porco, banana, laranja...

Bruno: Excelente.

G. Teixeira: Folhas...

Bruno: Eu vou ser um pouco direto agora só. Quais foram as atividades, vou passar pra ele também as mesmas perguntas, é... A coletividade você vai ser a questão do manejo mesmo, né? Quais foram os manejos que você participou? Pode ser na RPPN, pode ser no sítio, só me diz qual foi. É... Que manejos foram esses? Posse ser vegetal ou animal.

G. Teixeira: Ah! Uma das coisas que eu fiz lá foi no máximo tratar de plantas.

Bruno: Tratar de plantas. Quais, por exemplo? Você lembra?

G. Teixeira: Ah! A gente ajudava lá a colher e plantar couve, alface...

Bruno: Tem quanto tempo isso?

G. Teixeira: Ave Maria, nem sei... Uns trinta anos, talvez.

Bruno: Caramba! O que tem de mais recente é o Luiz Nelson?

G. Teixeira: O Luiz Nelson... Não, não sei porque eu vou pra Calçados, eu vim de lá tem quinze dias. Aí eu vou lá no sítio, a gente ajuda a colher...

Bruno: Então, é essa a prática que eu tô perguntando. Essa prática você sempre repete, né?

G. Teixeira: É, a gente vai lá a gente colhe, ajuda a colher, vai lá e dá uma olhada nos bichos...

Bruno: Entendi.

G. Teixeira: Dá uma tratadinha nos porquinhos...

Bruno: Participa da rotina da galera que mora lá, da família.

G. Teixeira: É. Ajuda a fazer doce.

Bruno: Se pudesse escrever essa atividade assim, tipo, numerar o que você fez, sei lá, nos últimos seis meses, o último um ano. Tem a ver com hortaliças... O que mais você costuma fazer?

G. Teixeira: É, basicamente de hortaliças...

Bruno: Hortaliças... Frutos não?

G. Teixeira: Não, fruta eu vou lá e colho. Até porque as plantas tão lá.

Bruno: E os animais? Que animais têm lá?

G. Teixeira: Tem porco e galinha.

Bruno: E você costuma a ajudar? Isso no Espírito Santo, né?

G. Teixeira: Ah! Eu só vou lá olhar os bichinhos, né?

Bruno: Ah tá! Você não maneja.

G. Teixeira: Não, não manejo os bichinhos não.

Bruno: Tá bom.

G. Teixeira: O B. Teixeira que gostava de ir lá pro sítio dos primos no dia que tava matando porco pra ver a matança de porco...

Bruno: Eu vou entrevistar ele também.

G. Teixeira: Pra ver se tava matando porco. No mesmo dia que a gente chegou tavam matando porco, aí o porco já tava morto, ele queria tratar o porco. Aí a Marilene foi fazer o frango e aí ela matava o frango, a gente que não queria que ela cozinhasse, mas não importava se a gente chegasse lá às oito horas da manhã ou três horas da tarde ela preparava almoço pra gente.

Bruno: Interessante.

G. Teixeira: Então, ia lá e matava um frango, e quando ela sabia que eu ia ela fazia figo cristalizado de figo verde pra mim.

Bruno: Hmmm! Que chique.

G. Teixeira: É. Goiabada, e não sei mais o que... Então, era assim, super hiper mega bem tratados.

Bruno: Uhum. No Luiz Nelson tem quanto tempo que você foi?

G. Teixeira: Um ano?

A. Silva: Dois anos.

G. Teixeira: Isso tudo?!

Bruno: O que vocês fizeram lá?

G. Teixeira: A gente foi visitar, que a gente queria fazer...

A. Silva: Eu tenho uma foto da gente em 2016, agosto de dois mil e dezesseis. Exatamente dois anos.

G. Teixeira: Eita, meu Deus! É que a gente queria fazer o encontro do nosso grupo lá, mas acabou que não deu muito certo e a gente acabou só visitando, conhecendo o lugar e... Temos como opção de um lugar pra encontro e outro lugar que eu fui, foi num... Na verdade, nem é um sítio acaba sendo uma pousada na área rural também, mas na região de Angra e essa é muito interessante que esse foi um encontro de estudo, de uma disciplina aqui da faculdade que, quem desenhou a pousada é um cego.

Bruno: Caramba!

G. Teixeira: Ele que desenhou, ele que idealizou, ele que fez. Cego, cego de nascença.

Bruno: Interessante. A. Silva, você, você foi junto com ela na RPPN, né?

A. Silva: Isso.

Bruno: Tá. Como você viu aí também, já repetindo, né? É... Eu tô pesquisando pessoas que tão indo pra área rural e tem tido algum contato de visualização ou de experimentação, de vivência com certas rotinas da família rural ou então, algum tipo de manejo vegetal, animal. E aí, dentro do que você visitou, RPPN inclusive, eu visitei lá a propriedade e não tem muita opção de atividades nesse sentido a não ser as questões que a esposa do Luiz Nelson, às vezes faz, né? Que, às vezes, ela convida alguém pra fazer algum plantio, mas é muito esporádicos e faz parte de uma atividade extra. Não sei se você chegou a fazer isso. Mas me conta melhor como sua experiência dessa viagem e de outro que você tenha feito até mais ou menos uns seis anos atrás aí que você lembra.

A. Silva: Sim.

G. Teixeira: Tem o sítio lá em Minas.

A. Silva: Lá em Minas Gerais na cidade de Felixlandia, é uma reserva do IBAMA, na verdade, a área toda lá faz parte das Três Marias, e tem uma fazenda de Eucaliptos.

Bruno: Sabe o nome?

A. Silva: Nome não. Bom, o nome da área que se chama lá é Estância das Garças, não sei se o nome...

Bruno: Tá ótimo, já dá pra eu achar no Google.

A. Silva: Isso. É, então, uma fazenda de Eucaliptos pra produção de carvão, né? Lá na região tem bastante, e dessas obviamente eu nunca botei a mão, mas eu já vi a forma como eles colhem, a forma como eles lidam com o solo, então, eles plantam, não plantam todo solo de uma vez ele deixam o solo descansar que é o recomendável e tal. Então, mais ou menos de cinco em cinco anos eles mudam a área, né? E antes de ter a reserva do IBAMA então, algumas famílias já moravam lá e essas famílias foram autorizadas a continuar lá, inclusive a irmã da minha mãe, minha tia. E daí mais ou menos uma vez por ano a gente vai pra lá. Aí tem a fazenda lá que ela cria porcos, galinhas, alguma plantação de hortaliças também, e peixes também ela tem nessa parte da represa. E quando a gente vai pra lá a gente acaba ajudando nesse dia a dia assim.

Bruno: Lá na agricultura familiar?

A. Silva: Sítio.

Bruno: Onde que é esse sítio? Em Minas também?

A. Silva: Isso. Na cidade Felizlandia.

Bruno: Ah é! Na cidade de Felizlandia. Beleza.

A. Silva: Zona rural da cidade, enfim.

Bruno: Beleza. É... As atividades que você realizou, se pudesse pontuar isso, quais seria mais ou menos? O que você, de fato, chegou a visualizar? Você falou que não fez muito manejo, mas se pudesse numerar as coisas que você presenciou, por exemplo.

A. Silva: Que eu presenciei?

Bruno: Em termo de manejo vegetal e animal. Quando eu falo de manejo eu digo a lida, né? A rotina do plantio, colheita, cuidado.

A. Silva: É, que eu visualizei então, foi a colheita do Eucalipto, o cuidado com as aves, né? Com as galinhas principalmente, que esse eu participei também.

Bruno: Esse você participou?

A. Silva: É.

Bruno: Tá.

A. Silva: E... Porcos também.

Bruno: Tá. O que você fez com as galinhas e com os porcos?

A. Silva: Alimentação, visualização do status geral do animal, se tem alguma ferida se não tem.

Bruno: Chegou a mexer em alguma ferramenta lá? Algum tipo de produto de limpeza, alguma coisa assim que você teve que usar alguma coisa...

A. Silva: Não, não isso não.

Bruno: Legal.

A. Silva: Bom, tesoura pra colheita de fruto, pode ser considerado sim. É, por exemplo, jabuticaba que tem bastante lá plantação, a gente usa, às vezes, um alicate ou uma tesoura pra colher alguns frutos mais altos, esse tipo de coisa.

Bruno: Maravilha. É... Quantas vezes você chegou a fazer essas atividades? G. Teixeira falou que fez várias vezes, né G. Teixeira? Muitas vezes, você sempre tá fazendo essas atividades.

G. Teixeira: De vez em quando. Depende... A gente não tem ido com tanta frequência, mas teve época que a gente ia de quinze em quinze dias.

Bruno: Caramba!

A. Silva: Ah! Diria que uma vez por ano. Nos últimos quatro anos eu tenho feito isso.

Bruno: Entendi.

G. Teixeira: Minha mãe que vai mais.

A. Silva: É, minha mãe que acaba indo mais.

Bruno: Considerando essas viagens... Vamos chamar essas viagens aí de um "Agroturismo" porque não tem como tirar um pouco... Isso é uma viagem logicamente, talvez, pra vocês tanto repetir o lugar já perde um pouco da questão turística, não sei. Você pode falar um pouco pra mim. Mas por que vocês escolhem esse tipo de atividade? O que fez vocês escolherem esse tipo de atividade?

G. Teixeira: Eu acho que o núcleo familiar é o primeiro que chama. A família do Alfredo é uma família muito grande então, visitar os irmãos, os primos, os tios e tal. A gente faz uma vez por ano em Alegre a festa da família, então, uma vez por ano junta aí quase duzentas e cinquenta pessoas, e aí a gente olha nos arredores e vai fazer, vai pro sítio de um, vai pro sítio de outro, vai visitar outro pra lá no café... A gente chega lá durante o dia e ajuda a fazer as coisas que estão para serem feitas

Bruno: Excelente. E desse sítio que vai de um e de outro, tem sítio que você nunca foi ou todos você já conhece bastante? Existe algum que você olha assim e tem aquele estranhamento, tipo, "Nossa, é diferente."?... Não? Legal.

G. Teixeira: Não. Eu acho que já conheço...

Bruno: Quase todos. É, e você?

G. Teixeira: Os que a gente vai a gente conhece já assim, há algum tempo.

Bruno: Maravilha. E tu?

A. Silva: É... Não, lá tem... Isso de familiar que a gente falou também a mesma coisa, a família é grande e todo ano a família se reúne também, normal. Mas lá tem um sítio que, eu pelo menos nunca fui, que se cria gado, que é gado pra corte então, tem toda uma regra sanitária e tal, e nesse eu nunca fui. Por conta disso.

Bruno: Entendi. Vocês, como é que foi... Não tá aqui essa pergunta, mas só algumas pessoas costumam a comentar. A infância de vocês teve alguma relação com ruralidade? Vocês tiveram algum contato com ruralidade na infância?

G. Teixeira: Ah! Meu pai trabalhava em obras hidrelétricas então, até os quinze anos eu só morei em área rural.

Bruno: Certo. E você?

A. Silva: Na infância não.

Bruno: Tá. E essas escolhas não tem nada a ver com a infância ou a infância não gera essa influência de escolher ir pra área rural? Tem nada haver.

G. Teixeira: Eu acho que não é na verdade a minha infância, é muito mais a questão familiar mesmo.

Bruno: Excelente.

G. Teixeira: É de quem tá lá... Agora, eu gosto de ir para uma floresta, eu gosto de fazer uma trilha, eu gosto de estar junto numa área menos urbana e tal. E isso, talvez, tenha haver com a minha infância que morei no Equador Africano ao Polo Norte Canadense.

Bruno: Nossa.

G. Teixeira: Então, assim dos extremos. Morei em mata, morei em tundra, morei na beira da praia, na beira do rio, aprendi a nadar no rio gelado do Canadá.

Bruno: Imagino, cara. Temperatura assim, baixíssima. É... Como vocês imaginavam a atividade ou a área em si antes, no seu caso, a pergunta acho até você já me respondeu, mas você tinha alguma imaginação antes dessa experiência?

A. Silva: Bom, quando me falavam que tinha uma fazenda de plantação de eucalipto eu imaginava algo, digamos, muito menor e eu vi que é muito maior do que eu imaginava. É menos rústico, muito mais profissionalizada do que eu imaginava. Assim, existe toda uma técnica, todo um manejo com o solo, com as plantas, um controle do IBAMA também de que a área tá sendo usada pra plantio pra não desmatar a área, enfim, protegida...

Bruno: Entendi. Teve alguma coisa que você viu assim, que você tinha uma expectativa e na hora...? Nessas idas e vindas do interior...

G. Teixeira: É, sim. O que me causa muito espanto é você olhar esse interior a fora e as pessoas não plantarem hortaliças pra si.

A. Silva: Realmente, é.

G. Teixeira: Você não vê as pessoas... Quer dizer, não sei hoje, né. Quando minha mãe e meu padrasto compraram o sítio em Calçados e começaram a plantar, o espanto das pessoas que tomavam conta enquanto a gente não tava lá, que morava aqui e só ia lá de quinze em quinze dias. É... Eles não conheciam. Eles conheciam único e exclusivamente o alface que compravam na venda, e tem um sítio inteiro pra plantar e...

Bruno: Podia ter de tudo o que quisesse.

G. Teixeira: E não tinha. E as crianças aprenderam a comer rabanete, aprenderam a comer cenoura, aprenderam a comer as diversas folhas e tal. E que apesar de ter a terra e que apesar de ter a possibilidade de plantar muitas coisas diferentes a dieta é muito limitada então, é arroz, feijão, carne de porco, carne de frango, couve, a taioba...

Bruno: Alface.

G. Teixeira: Alface... Às vezes, mas couve e taioba. Alterna entre couve... Aí o quiabo, o frango com quiabo tem que ter todo domingo. Então, pronto. Acabou. Não tem mais o que escolher. Você começa a plantar outras coisas e as pessoas se espantam e isso é uma coisa que me causou estranheza.

Bruno: Legal. Legal.

G. Teixeira: Que é diferente da gente ter aqui que a gente vai no mercado, a gente olha aquelas trezentas folhas diferentes e se você não toma cuidado você não sabe o que tem ali. Por outro lado, você tem coisas como: a couve, a taioba, o quiabo, que há também de comum a uma almeirão e serralha que é comum no interior e as pessoas da cidade grande começa a denominar essas coisas de plantas, que são plantas alternativas. Como que taioba é alternativa ao que? "Ah não! Porque aqui no

Rio de Janeiro ninguém come. É alternativa.” Ah, pelo amor de Deus, né. Não é porque numa determinada comunidade não come que você vai dizer que um alimento alternativo. Esse tipo de relação do que é plantado e o que você tem a possibilidade de ter tudo, mas você só tem aquilo que você conhece. Você só busca aquilo que você conhece, se você não conhece que existe outras coisas, você não vai querer fazer, não vai querer buscar, não vai querer plantar... Você não sabe nem que existe. Então, essa limitação do nosso interior, não sei de outros interiores porque aí eu já não conheço, mas do nosso interior é um negócio que me incomoda um pouco porque a gente tem a possibilidade de ter tudo, mas não tem.

Bruno: Isso dá um artigo científico. Vocês já foram alguma vez pro interior por intermédio de alguma agência?

G. Teixeira: Não.

Bruno: Nunca.

A. Silva: Agência não.

Bruno: Agência de viagem nunca, nada programado?... Excelente. Bom, vocês já disserem que fizeram várias vezes, fez novamente... A minha pergunta é: Vocês continuariam fazendo esse tipo de atividade, de visitas ao interior?

G. Teixeira: Sim, com certeza.

A. Silva: Sim, sim.

Bruno: Legal, legal, legal... Quais foram as impressões que vocês tiveram, no seu caso aí quanto às questões das hortaliças, do porco, da galinha, e a sua no caso das colheitas também do manejo com a galinha e o Eucalipto, quais as impressões vocês tiveram na hora lá, no momento? Tentando lembrar também inclusive, o momento que vocês estavam lá e as muitas vezes que você fez, das vezes você fez, é... Quais foram as impressões que você teve na hora ali? Você consegue descrever?

G. Teixeira: Mas que impressão você tá...

Bruno: Quais foram as Impressões da experiência em si, de ver ou de participar daquela rotina. Se era difícil, se era pesado, o que você achava mais fácil. Que impressão você teve na experiência em si?

G. Teixeira: Eu acho o seguinte, eu, a vida inteira fiz várias coisas. Eu distribuí jornal, cinquenta abaixo de zero, tomava conta de criança com doze anos de idade. Então, eu acho que eu sempre experimentei coisas diferentes, algumas são pesadas, mas assim... você tem que carregar peso, tem que subir com as compras nas escadas porque não tem elevador. Eu não sei se... Não me causa muita estranheza fazer coisas diferentes, eu gosto. E lidar com coisas novas e pensar em coisas novas e fazer o diferente pra mim é atrativo.

Bruno: Interessante. E tu? Teve alguma impressão? Quais foram as impressões?

A. Silva: De impressão... Principalmente no Eucalipto foi... Bom, a primeira vez que eu estive lá, primeiro que a árvore é muito maior do que normalmente se vê em fotos, em vídeos e essas coisas.

G. Teixeira: Isso é verdade.

A. Silva: É muito maior. Diria que a segunda coisa é a ordem que eles têm pra contar, então, eles contam todas as árvores numa mesma direção. Assim, ficam linhas de árvores transpassadas de uma maneira igual, uma da outra a linha da próxima linha. Eles fazem isso. A princípio seria algum tipo de máquina sofisticada, simplesmente olhando “Ah, aqui tantos passos, aqui a próxima.” Eu acho que foi esse tipo de técnica empírica que a gente tem.

Bruno: Quanto aos animais? Alguma impressão?

A. Silva: Aos animais...? Ah, uma produção familiar, então, não é nada muito... Eu diria que, galinha... Umas vinte ou trinta galinhas, e porcos... Umas dez ou quinze.

Bruno: O que você sentiu fazendo aquele troço na hora? Mexendo no porco, mexendo na galinha? É mais ou menos isso que eu tô querendo saber.

A. Silva: O que eu senti?

Bruno: É.

A. Silva: Eu senti aquela sensação de tá fazendo uma coisa fora do seu cotidiano, né. Uma coisa empolgante, nesse sentido.

Bruno: Legal.

A. Silva: É isso, empolgante, animação...

Bruno: É, eu digo isso porque eu fui criado num sítio até os quatorze anos, por exemplo, minha avó sempre teve um sítio no interior do Rio de Janeiro e minha família mora no Espírito Santo até hoje, eu vou pra lá também sempre. Hoje eu vou menos de quando eu era criança, mas por exemplo, já fiz coisas pela primeira vez que eu tive uma impressão absurda. Teve uma vez que eu castrei um bezerro, com os parentes nosso lá que eu nunca tinha feito até aquele dia e, nossa! Como é complicado a maneira que você usa, de como o bicho reage a esse tipo de dor e eu tava mais acostumado a fazer morcha, e a reação do animal a outro tipo de dor é completamente diferente, então assim, você tem esses tipos de sensações estranhas.

G. Teixeira: Muito mais invasivo né?

Bruno: É

G. Teixeira: Muita coisa invasiva assim

Bruno: Já tive que fazer porque não tem jeito, bem, vamos lá, como é que vocês diferenciariam, e aí não se preocupem com essa questão de conceituação, o que vocês acham de uma maneira muito pessoal mais empírico possível, que diferenças vocês conseguem apontar entre o cotidiano na cidade e o cotidiano no interior?
Opinião

G. Teixeira: Essencialmente nenhum

Bruno: Porque?

G. Teixeira: Por que você tem a sua rotina , você vai fazer as coisas que você faz, eu acho que a diferença da rotina da cidade grande ou da cidade pequena não é a cidade grande ou a cidade pequena no interior ou na fazenda é a rotina daquilo que precisa ser feito, então eu tomo meu café da manhã, eu vou pro meu trabalho, eu almoço, eu volto pro meu trabalho, eu volto pra casa e eu descanso, aqui na cidade grande eu venho pra universidade, eu almoço, eu continuo dando aula depois eu faço pesquisa, ou eu oriento, lá eu vou me dar com os bichos, depois eu vou almoçar, depois eu vou com as plantas, depois eu vou descansar e pronto acabou, então assim tem uma rotina que precisa ser feita, que precisa ser executada e que vai diferenciar muito mais naquilo que você efetivamente, quais são as suas tarefas e aí não é muito diferente, é...talvez varie mais se eu comparar a minha rotina com a moça que trabalha na minha ou com o guarda que toma conta do meu instituto ne? Eu acho que talvez tenha mais variações e todo mundo dentro na cidade grande do que eu falar realmente assim "ah só porque é o interior " eu não visualizo.

Bruno: Ótimo

G. Teixeira: Há importância, por que você é da cidade grande , só tem uma coisa que eu acho que é diferente como a gente tem mais opções, você, se quiser, você abraça muito mais as coisas, e aí pode levar uma vida mais estressada, mas por outro lá você tem o seu tempo, tem que colher, tem que plantar, tem que fazer e pode ser um estresse do mesmo jeito, da chuva, do sol, da lua, do tempo, da temperatura e que as coisa precisam ser feitas dentro daquele, daquele quadrado de tempo e de hora.

Bruno: E tu?

A. Silva: Eu costumo brincar que lá dia o tem 48hrs e não 24hrs

G. Teixeira: então é por isso você não tá fazendo tantas coisas

A. Silva: talvez, a impressão que dá é que o tempo passa mais devagar lá na zona rural, mas é em relação ao cotidiano assim é tem certa... Por exemplo lá parece que algumas coisas são melhor programadas por que aqui acabou, não sei, acabou o arroz a vou ali rapidinho volto, lá no caso em Felizlandia o sitio fica 20km da cidade então não é alguma coisa que você pode ir ali rapidinho e voltar é uma estrada de barro então demora é 20 km, mas você demora uma hora pra cruzar esses 20km porque não tem carro pra isso, então é... Por exemplo galão de água também porque se usa da represa não é potável e não tem poço então você compra esse galão de água e aí tem que se programa muito bem, "há esse galão acabando só tem mais dois, quantos dias esse galão vai render" então há certas coisas que tem que ter mais atenção, certos detalhes assim

G. Teixeira: É quando você tá em uma cidade é que efetivamente o acesso é mais difícil aí a programação tem que ser muito maior

A. Silva: Coisa com banco também agora porque lá não tem, mas banco por causa dessa violência que tá tendo, assaltados não o que, que tá tendo nas cidades pequenas então concentraram os bancos em uma cidade só, que é uma cidade vizinha lá de Felizlandia, então qualquer coisa com banco você tem que programar

muito bem porque você tem que ir pra uma outra cidade aí já são mais 50 km de lá, então algumas coisas o acesso é mais complicado então por isso é melhor detalhado

Bruno: Uhum, que coisa, é no seu caso o G. Teixeira o que você faz hoje em dia você costuma fazer no interior são atividades que você já conhecia ne? Como você tinha falado? Você já fez alguma coisa que você não conhecia antes?

A. Silva: A esse manejo com animais e tal... até então nunca tive transferência com isso

Bruno: Entendi, massa, é essa pergunta aqui eu acho que vocês já me responderam sobre as impressões, vou passar pra essa daqui tá? Cada entrevista é uma coisa diferente, uma pergunta há mais, tira uma pergunta, vamos lá é... Qual diferença que vocês percebem, falando de diferença de novo, de uma viagem feita pro interior e uma viagem tipo convencional? É voltando usando a palavra convencional porque eu acho que é mais sei lá vulgar tá, é tipo uma viagem que você faça pro meio urbano praia sei lá, resorts, vocês já fizeram tipo de viagem, G. Teixeira sim, porque G. Teixeira é uma mulher chique, fina ne? Mas é viagens que vocês já fizeram pra outros lugares não rurais ou com outras programações, que diferença que vocês veem de uma viagem com turismo rural pra ne? Viagens mais voltadas pra essa normalidade vamos dizer assim? Que diferença você vê

A. Silva: Diferença, você fala em relação ao que você leva?

Bruno: Não sei, qualquer coisa que você acha

A. Silva: bom, uma coisa como rural, rural mesmo não tem sinal nem de celular então você tem que uma coisa que você tem que fazer é deixar tudo certo esquematizado antes de ir, em relação há primeira vez que eu fui eu não sabia o caminho eu tive que imprimir um mapa direitinho porque eu não ia ter celular pra entrar no Google Maps e conseguir, é uma outra coisa em relação é...roupas que eu levo porque como lá tem muito barro tem certas roupas que não é conveniente você ficar levando roupas muito claras é...eu diria bom uma coisa que a gente só leva pra lá, por exemplo, peixes porque lá eles tem muito peixe de rio, mas de água salgada obviamente eles estão bem longe então não vão ter, esses peixes assim acaba levando pra lá então, mas por causa do núcleo familiar

Bruno: Aham

A. Silva: Ne? Aí acho que é mais isso mesmo em relação a alimentos que a gente não costuma levar pra viagem convencionais como você falou, roupas e... problemas relacionados a internet e essas coisas que lá você não vai ter como resolver

Bruno: Você teve quando você foi pro Luiz Nelson você teve essas mesmas preocupações, as mesmas foram parecidas, foi menos, foi mais, como é que foi com o Luiz Nelson? Quanto essas preparações pré viagem?

A. Silva: Foi parecido, a gente não levou nenhum alimento, mas assim em relação a roupa eu já preparei " há que tipo de calçado eu vou ", " é melhor ir de calça por causa dos insetos " é... em relação há internet também a gente só passou uma tarde lá então não teve tanto problema assim

G. Teixeira: A gente foi pra ver como é que era

Bruno: Não chegou a dormir?

A. Silva: A gente chegou deixar avisado pra algumas pessoas, que se entrassem em contato comigo que eu ia demorar pra responder, porque eu estaria em um ambiente sem qualquer acesso a sinal assim

Bruno: Então Luiz Nelson vocês não dormiram?

G. Teixeira: Não

A. Silva: Não

G. Teixeira: Acabou não dormindo porque a gente ia pra ver e aí o pessoal foi desanimando, um desanimou, depois o outro e acabou que a gente não fez o que efetivamente a gente queria fazer

Bruno: Ok, massa, é... e você G. Teixeira que diferença você vê nessas viagens de agroturismo, turismo que envolva ruralidades, ou manejos e tal, e outras viagens que você tenha feito?

G. Teixeira: Eu vejo mais semelhanças de novo, do que diferenças, é...eu sempre que eu viajo eu a minha tendência é viajar leve e eu vou com a mala muito pequena é...o essencial, calçado confortável, roupa confortável, coisas que eu posso lavar no banheiro secar e usar no dia seguinte, então assim eu não tenho isso é muito diferente de um lugar pro outro, uma coisa que eu aprendi é que não importa pra onde você vai, você leva roupa de banho e você leva casaco. O resto no intermediário você faz, eu fui uma vez pro Estados Unidos e acabou que eu fui visitar meu irmão e tava em Washington e teve uma nevasca e a gente ficou trancafiado dentro de casa que Washington não está preparado pra neve então eles recomendam que as pessoas não vão trabalhar

Bruno: Estado ou cidade?

G. Teixeira: Cidade, e aí meu irmão vira e diz assim “você trouxe maiô?” eu falei “trouxe, mas” ele falou “vamos nadar então”. “o que? Você tá é doido” “vamos nadar, pega suas coisas, vambora” e fui, tinha um complexo de piscinas todas aquecidas e não sei que, ou seja não saia de casa mesmo que pro polo norte sem levar maiô, sunga e etc., não vá pro Equador sem levar casaco, porque eu senti muito frio saindo do Acre, eu tava gelada de frio fez 4°C

Bruno: Imagino

G. Teixeira: Por que é um vento, que desce dos Andes uma vez por ano que “pruou” a temperatura...

Bruno: Que calhou de estar no dia

G. Teixeira: É então é...eu levei casaco, mas eu não levei casaco a ponto de segurar 4°C ne? Esses dias a gente foi pra Alegre. Alegre é quente

Bruno: Pra caramba

G. Teixeira: e em setembro, outubro é quente já, só que choveu e a festa da família, 3 dias com chuva

Bruno: Aquele lamaçal dependendo de onde foi alegre ali, Celina por exemplo é um lamaçal

G. Teixeira: não é dentro mesmo próximo ali da AABB

Bruno: Ah já é dentro de Alegre já

G. Teixeira: Dentro de Alegre, mas assim dentro de Alegre já saindo

Bruno: é que tem um lugarzinho chamado Celina ali que é isolado

G. Teixeira: Aí tem um sitiozinho pequeno quase tudo já construído assim aonde faz reuniões né? Aquele dia foi feio, enfim então assim é...é claro que se eu sei que to indo pra um lugar que é - 50 eu vou levar outras roupas se eu to indo pra + 50 é diferente, o pacote, mas assim eu não...sempre que eu vou a qualquer lugar eu levo minha máquina de fotografia, é sempre que eu vou eu levo de preferência o meu computador mesmo que não tenha acesso a internet porque eu gosto de fazer, levo meus livros, levo trabalhos manuais, faço tricô, faço tal então assim eu o meu pacote é mais ou menos o mesmo, a minha expectativa do que vou fazer no lugar que muda um pouco porque se eu to indo pra região de praia, quero ir nadar, se eu to indo pro interior da mata eu tenho que caminhar dentro dos vou querer ver outras coisas, é se eu to indo pra área urbana, eu quero ir pra um teatro quero ir pro cinema e tal, quero ir pra um lugar histórico vou pra Machu Picchu, se eu quero subir conhecer as coisas então assim, depende do atrativo do lugar, mas fora isso não é muito diferente não

Bruno: Resposta muito interessante, interessante o ponto de vista

G. Teixeira: é... Eu acho assim... é...as nossas ações mesmo por diversas que elas sejam elas são redundantemente parecidas, não é? A gente faz coisas muito parecidas em ambientes diferentes, parece mais na verdade não é muito diferente então é... e a convivência com as pessoas, uma boa comida, uma boa bebida e aí é isso que a gente tá buscando...

Bruno: Massa

G. Teixeira: ... Conhecer o diferente, já passei fome

Bruno: nossa, vamos lá, você atribuiria alguma mudança de hábito por causa da atividade com essas ruralidades, com manejo

G. Teixeira: minha?

Bruno: É

G. Teixeira: Não porque desde a infância que eu tenho essa coisa espaço rural meio urbana

Bruno: E tem alguma coisa que você deixou de fazer por causa disso? Porque você atribui há essa...não! E você A. Silva?

A. Silva: Eu diria dar mais valor a esses alimentos é...criados sem agrotóxicos de forma totalmente natural porque eu conheci o trabalho dá...é pra você conseguir uma produção considerável, é mesmo que é sim de meio familiar dá muito trabalho mesmo, por exemplo o doce de leite que agora eles estão fazendo com leite fresco, é simplesmente leite e açúcar, mas muito trabalho horas mexendo no tacho de cobre com fogão de lenha, trabalho muito grande pra ser simplesmente um potinho desse tamanho

G. Teixeira: Eu acho que assim, eu vivenciei essas coisas todas a vida inteira então eu acho que não mudo, mas eu valorizo muito, eu olho pra um pote uma coisa e penso assim " cara isso dá trabalho "

A. Silva: É então hoje dia você vai no mercado e você " nossa isso é caro ", nossa você sabe o trabalho que isso dá até você conseguir essa qualidade então

G. Teixeira: Por outro lado também eu olho pro negócio sim é caro, dá trabalho, mas os insumos não justificam esse preço, porque eu sei fazer

A. Silva: Também, você tem que avaliar melhor

G. Teixeira: Tem o reverso da moeda, se vê eu faço tricô eu uso qualquer linha que você me dê eu vou fazer alguma coisa aí você vai em uma loja você sabe que ali de insumo foi 3, 4 reais, que foi pago uma pessoa um salário mínimo pra trabalhar de 2,3 horas ela ganhou quanto por aquela peça? 3,4 reais tá certo tem os impostos isso e aquilo, mas não justifica cobrar 50, aí eu olho pro treco e falo "não eu vou fazer, deixa eu dar uma boa espiada", gente sem brincadeira uma bolsa que eu faço em 2 horas, 250reais

Bruno: Cruz credo, é caro mesmo minha avó era tricoteira e crocheteira

G. Teixeira: Aí eu olho assim, e é retalho de malha, é retalho de malha 250reais no shopping

Bruno: Tem alguma coisa que você deixou de fazer por causa da, você falou de coisas que você mudou de habito ne? Ou pensa diferente mudou a mentalidade, tem algo que você deixou de fazer por causa das experiências, dessas idas no interior?

A. Silva: Deixou de fazer?

Bruno: É, uma coisa que eu não te perguntei, essa ida as Três Marias foi quando? A última que você fez?

A. Silva: a última foi esse ano, carnaval

Bruno: Tá bom, carnaval, beleza, mas fala me responde ai

A. Silva: Deixei de fazer?

Bruno: Uma coisa que você deixou de fazer

A. Silva: eu diria que não, deixei de fazer eu acho que não

Bruno: Só novos hábitos, não tira outros, entendi

A. Silva: É

Bruno: Bom última pergunta pra vocês dois, algum comentário que vocês queiram fazer sobre é...as idas e vindas, sobre as experiências, sobre rural, unidade, qualquer comentário que vocês queiram deixar registrado, eu deixo espaço aí que vocês querem fazer um comentário final, você acha irrelevante sobre esse assunto.

G. Teixeira: Eu acho que todo mundo devia conhecer, tanto a cidade grande quanto a área rural, é vivenciar essa se fosse possível todo mundo vivenciar, porque eu acho que tem essa coisa de entender que a mão de obra ela não é essa coisa óbvia, você fazer um doce, você fazer um bolo e que isso não é trivial, eu falava, eu ia lá na serra do Caparaó - Ibitirama, chegava lá independente do horário a prima dava um jeito de fazer um almoço pra gente e independente do horário mesmo de surpresa ela dava um jeito de fazer os doces pra mim, um dia eu falei que gostava de doce de figo, não podia sonhar que eu estava perto que eu fosse sonhar que ia pra alegre ela nem ia em Ibitirama, ela mandava o doce, então assim a gentileza das pessoas é diferente e conhecer isso é muito importante ne? Eu acho que tem um egoísmo da cidade grande, do dia a dia não sei o que, que as pessoas daqui precisavam conhecer lá por outro lado as pessoas de lá conhecerem aqui também, conhecer que existe outras coisas até pra poder almejar alguma coisa de diferente, então essa prima do Alfredo, é o tio do Alfredo tinha quebrado o feno ele tava aqui em casa foi operado e tal, aí eles vieram visitar pra isso e aí eu acabei levando elas, existia sopleira ainda no centro do Rio

Bruno: Caramba

G. Teixeira: Aí levei elas, as duas cunhadas, eu as levei pra atravessar de barca e tal, virei ídolo assim sabe? Porque eu sai do meu caminho e fiz, mas não sai do meu caminho só uma reciprocidade daquilo tudo que elas fazem pra mim quando eu chego lá, e elas falam disso até hoje

Bruno: Que coisa ne?

G. Teixeira: Então assim custa muito pouco a gente ser gentil com as outras pessoas eu acho isso, a gente pode fazer as coisas para os outros, a gente pode ajudar os outros a gente deve ajudar os outros e aí tanto faz na cidade grande ou na cidade pequena, mas eu acho que é importante conhecer essas outras realidades, eu acho que todo mundo devia ter a oportunidade de visitar e de conhecer

Bruno: Muito, massa e tu? Algum comentário final que você queira deixar registrado?

A. Silva: Eu diria isso também que é importante ver outras realidades, principalmente aqui e entender que não é um celular que controla sua vida, tem muitas outras coisas e essa questão da gentileza das pessoas aqui que a gente falou também, que lá por exemplo nessa época de gasolina caríssima você pode chegar lá pro vizinho e falar "me empresta 5 litros de gasolina pra eu ir alei" o cara vai te emprestar? Não vai nem, sem perguntas, é...eu diria também algumas pessoas principalmente aqui na cidade pra conhecer essa outra realidade pra valorizar, pra entender que inteligência não é definida pelo diploma porque

G. Teixeira: Com certeza

A. Silva: por exemplo, há houve um machucado, se cortou, houve uma queimadura, há não tu vai naquela planta passa ali que ajuda no curativo, ajuda na cicatrização, e ninguém nunca estudou botânica lá pra isso, simplesmente eles sabem

Bruno: Nem farmácia

A. Silva: Nem farmácia, nem nada por que? Porque o médico tá a km e km de distância então tem que se virar então é... eles sabem muita coisa que a gente aqui não sabe, simplesmente de forma empírica, por observar, por passar de pai pra filho

G. Teixeira: É toda uma história oral que é importante ser valorizada

A. Silva: E tem muita gente aqui que acha só porque tem um diploma é melhor que os outros, sabe mais

Bruno: Pois é, muito bem gente, eu quero agradecer a vocês.

Entrevista com turistas – G. Borges

G. Borges: Aí você se encanta e depois você acaba esquecendo, né? E eu tinha até um outro caderninho que eu passei a anotar, mas quando chega na hora da... (interrupção) como agora eu viajei, foi tão rápido a tal de ter que viajar pro Maranhão, que eu nem mexo mais em caderninho de nada, né?

Bruno: Não tem problema! Se caso a senhora tiver acesso a esse caderninho depois, com o nome das fazendas- (interrupção)

G. Borges: Eu refaço pra você!

Bruno: (continuando) Mas foi aonde... Essas visitas aconteceram aonde?

G. Borges: Olha, eu “tive” Minas, eu “tive” no... eu até falei isso com você um tempo antes, aonde eu teria uma experiência de ver a vida na fazenda, né? Mas infelizmente no dia que nós chegamos lá, chovia torrencialmente, e...

Bruno: Isso em Minas Gerais?

G. Borges: Em Minas Gerais.

Bruno: Você lembra da cidade?

G. Borges: Não me lembro. Era uma cidadezinha... não me lembro, até acho que falei- (interrupção)

Bruno: A região?

G. Borges: Não sei te dizer...

Bruno: Só foi em Minas ou aqui no Rio De Janeiro, chegou a visitar aqui no estado do Rio?

G. Borges: Não, estado do Rio não. Sempre que a gente vai é lado de Minas... né.

Bruno: Tá, algum outro estado que tenha sido, Espírito Santo, ou só Minas Gerais mesmo?

G. Borges: Não, só Minas.

Bruno: Beleza. Bom, depois então eu vou precisar só da propriedade porque eu vou tentar concatenar com o que a senhora viu, e tal, mas pra mim vai ser importante ter o nome da cidade e o nome das propriedades, né. Você lembra, na tua memória, quais foram as atividades que você realizou lá? Que ofereceram na localidade.

G. Borges: Bom, em virtude da chuva, nada! A única coisa que a gente viu, de fazenda é que o mobiliário era muito rústico, bem rústico mesmo, de fazenda e daquelas coisas bem antigas, ver a comida sendo feita no fogão a lenha, inclusive tem um pessoal antigo da fazenda, os avós, bisavós, estão lá, e um jovem que é casado com uma das filhas e que ele que tá impulsionando! Ele tá inclusive fazendo curso no SEBRAE, porque ele tá transformando. Ele já tá começando a transformar o casarão da fazenda numa pousada, então ele tá engatinhando na parte de turismo rural, que é aonde nós

teríamos de ver alguma coisa, mas em virtude da chuva, e muita chuva, nós fomos restritos desse lado.

Bruno: Essa foi a única oportunidade que a senhora teve de ir para a área rural ou teve alguma outra?

G. Borges: Foi. Nós fomos mais em outras, que foi agora ano passado, a Fazenda Mangalarga lá em Paty de Alferes, né. Nessa daí já foi tudo maravilhoso, ficamos 3 dias- (interrupção)

Bruno: Podemos falar dela também? Me interessa bastante essa aí também.

G. Borges: Podemos!

Bruno: Eu conheço a Fazenda Mangalarga.

G. Borges: Conhece, né? Inclusive (interrupção)

Bruno: Um Hotel Fazenda!

G. Borges: É um Hotel Fazenda! Inclusive eles agora fizeram obras, fizeram prédios, né. Tinham aqueles chalés, muito bons por sinal, mas eles fizeram prédios agora, de três andares, estavam concluindo as obras. Tem uma amiga minha, que chegou da Grécia ontem, e que ela esteve, que ela viaja também, demais, e ela já mandou fotos pra mim, da última vez que ela esteve na Mangalarga, e os prédios já praticamente prontos! Eu deixei no tijolo, e ela já viu já todo, mandou foto do prédio, que ela nem sabia que eu tinha estado lá. Os prédios já estão prontos, e agora foi o mesmo caso: eu não vi uma vaca, eu não vi uma galinha... [riso].

Bruno: É porque é um Hotel Fazenda.

G. Borges: É..., mas tinha que ter!!

Bruno: Mas é na área rural?

G. Borges: É na área rural!

Bruno: Quais eram as atividades que tinham lá pra fazer, no Mangalarga?

G. Borges: O que tinha... tem uma atividade para os hóspedes, você tem um... (corte) inclusive eles fazem até um quadro de atividades, principalmente pra quem leva criança, né, e adolescente, tem muita coisa, passear de cavalinho, depois tem um trenzinho, coisa assim... esse trenzinho aí vai, vai pras cidade, né, pra conhecer, fora uma equipe que ele tem de palhaços, Pinóquio, que anima, né, nos momentos que está lá. Tem uma atividade durante o dia, em que você pega uma Sprinter, eles te levam até depois... (não conclui), tem o pesque e pague, e tem depois, bem lá no alto tem uns trens, que lá tem um colinazinha e que tem música ao vivo, enquanto você degusta um peixinho frito, toma refrigerante, que é um meio também de auferir lucro, né. "Cê" tá ali, escutando uma música ao vivo, mas- (interrupção)

Bruno: Mas manejo com a terra não tem nada?

G. Borges: Nada, nada!

Bruno: Interessante...

G. Borges: E não vi plantando nem- (interrupção)

Bruno: A senhora chegou a fazer a pesca lá ou não?

G. Borges: Não, não fiz.

Bruno: Lá foi só uma área de descanso mesmo, né? A senhora não fez atividade nenhuma.

G. Borges: (Inaudível) Nenhuma, nenhuma, nenhuma! Eu não vejo isso nas fazendas que eu fui... (pausa) não vejo. Lá teve o pesque e pague, né, numa outra que nós fomos, que também pertence a mim, a mesma coisa, tu podia pescar e comer aquele peixinho- (interrupção)

Bruno: Essa outra é qual? É a de Minas ou algum outro lugar?

G. Borges: Também é de Minas, já é uma terceira.

Bruno: Terceira?

G. Borges: Uma terceira!

Bruno: Sabe o nome dela ou não?

G. Borges: Não sei. Nome não sei e nome nem- (interrupção).

Bruno: Depois a senhora me dá.

(Pausa)

G. Borges: Aí também é mais- ver e mexer com a terra, não. Eu não... ou porque as pessoas tão começando, e mesmo no roteiro, depois vou te mostrar do que vai ter agora, um em setembro, vai pra uma fazenda! Mas em nenhum momento envolve ver as atividades, que você chama de manejo, né. Nenhum momento: "Ah, 'vamo' na cidade, tem a feirinha de artesanato e vamos passear no bondinho, e vamos ver a arquitetura colonial antiga", mas o manejo... não tem.

Bruno: Então, isso é importante, não é que não exista, existe muitas propriedades- espaço, a senhora infelizmente não teve oportunidade, depois a gente pode até falar sobre isso aí, que é muito legal, mas essa conversa inclusive me interessa também, porque faz parte de um grupo de pessoas que foi pra área rural, que não teve experiência com manejo e a gente vai vendo como que fica essa conversa. Quando foi mais ou menos essas visitas nessas propriedades de Minas Gerais e aqui no Rio?

G. Borges: Todo ano eu viajo. Agora eu precisava- estamos em 2018... Mangalarga foi- (interrupção)

Bruno: Não precisa ter data exata não, só mais ou menos uma ideia.

G. Borges: Eu vou te dar uma ideia, porque data mesmo eu não tenho. 2015 eu estive, né...- (interrupção)

Bruno: Vamos dizer que teve, foi há uns 3 anos atrás...

G. Borges: É, 2015, 2016... todos os anos viajo.

Bruno: Dois anos... a mais recente foi essa do Mangalarga? Tem mais ou menos quanto tempo, uns 6 meses?

G. Borges: A mais recente foi a do Mangalarga. Tem meses, que foi há... dezembro, novembro... porque setembro eu fui- (interrupção)

Bruno: Tem 8 meses mais ou menos, né?

G. Borges: Eu fui pra uma que também é, que é aquele Alzira Park, conhece? Em São Lourenço? Nós fomos pra lá por causa da festa junina. Aí nós fomos pra fazenda, mas tu chega a fazenda é 6 horas da tarde. Você fica hospedado em um hotel, que o hotel é lá no centro, e vai pra fazenda só no horário da festa. Tinha vaca lá? Tinha, porque o cheiro era notório, né, mas- (interrupção)

Bruno: Pois é. Mas você não tinha nenhuma interação com o animal?

G. Borges: Não. Nada nada nada nada! E o Alzira Park seria um... um lugar excelente, né? Mas isso não é- (interrupção)

Bruno: Alzira Park já é o quarto, né? Uma quarta propriedade, né?

G. Borges: Ah sim, sim. Eu já fui em muitas.

Bruno: O Alzira Park ele foi quando, esse Alzira Park? Foi na mesma época do Mangalarga?

G. Borges: Foi, foi. Setembro do ano passado.

Bruno: Do ano passado? Tem quase um ano, né? São 10 meses.

G. Borges: Foi festa junina... foi a festa do- (interrupção)

Bruno: Lá também a senhora foi pra área rural, mas também não teve manejo nenhum?

G. Borges: Nenhum. Teve festa junina, bem no estilo que foi a primeira festa que eu como o bolo da noiva. Eles fizeram o casamento com o bolo de noiva, tudo docinho. Teve um jantar espetacular! Eu achei o Alzira “chiquerézimo” e muito farto, né, apesar de você..., hoje, ó: pra quem é chato e enjoado, é mais “refinê”, não é o hotel ideal, porque é muita gente, o hotel é muito grande, o hotel é enorme, o Alzira Park. Ele é muito grande, é muito bem centralizado, tem muitos quartos, os quartos são bons, serviço é bom, ele é bonito, muito bonito, mas pra gente que não gosta, na hora de jantar, tem muita gente, café da manhã, é muita, muita gente. Então você vai ter e tem gente que não gosta. Eu conheço pessoas que gostam de coisas mais refinadas- (interrupção)

Bruno: É por isso que não tem o manejo, então fica difícil fazer, né, a configuração.

G. Borges: Então eu digo, o Alzira é uma coisa mais popular, pra quem gosta. Você tem o baile a noite, que é ótimo, todas as noites tem atividade, mas se tiver que voltar pra: “vamos lá ver como faz as coisas”, isso aí não tem.

Bruno: É difícil saber quantas vezes você já fez esse tipo de atividade, né, de você ir pra área rural, você vai todo ano, vamos dizer assim.

G. Borges: É, não tenho uma assim, uma... (pausa), eu tenho uma ideia.

Bruno: Porque foram muitas vezes.

G. Borges: É, foram muitas vezes!

Bruno: Por que que você escolhe fazer atividade no interior?

G. Borges: Não é que eu escolho. Eu tenho... tem essas moças que eu vou tentar entrar em contato com ela, ainda não entrei, que é a Íris, ela manda: "Ó, tem uma excursão pra tal lugar!". Ela já mandou. Quer dizer, eu "tô" interessada, aí eu vou começar a pagar, e vou.

Bruno: Ah, eu digo escolha assim, é porque você poderia negar, "não vou."

G. Borges: Sim

Bruno: A minha pergunta é: A sua motivação, G. Borges, de visitar o interior, de onde vem a motivação?

G. Borges: Ah sim, sim... Eu, no caso, né?

Bruno: Sim

G. Borges: Eu vou porque eu gosto. Falou pra pegar uma estrada, um avião, tudo – (inaudível)-, "tendeu"? Por exemplo, a minha irmã, nessa da agora, ela disse "eu não vou.", porque ela tá com a cabeça centrada agora depois tá com medo de bicho, né. "Quê, lá tem cobra!", diz que vai não sei aonde:" Ah, não vou!"

Bruno: É a Vera que você comentou?

G. Borges: É a Vera! Nessas que vai ter agora, que é também um lado de Minas, depois vou tentar ver se eu consigo encontrar aqui, tá aqui no- (interrupção)

Bruno: É, eu lembro que você falou que a Vera gostava de participar, me interessa falar com ela também.

G. Borges: Aí, mas ela disse que não vai porque lá tem bicho! Pelo que ela viu do roteiro, tem bicho. E ela já botou na cabeça dela, eu não vou- (interrupção)

Bruno: Mas depende do tipo de bicho, se for coelho, galinha, pato...- (interrupção)

G. Borges: Não, o bicho que ela tá falando, é cobra, né, nem-(inaudível)

Bruno: Mas você gosta de ir pro interior?

G. Borges: Eu gosto, eu gosto. Eu gosto de viajar!

Bruno: Ah, de viajar. Existe alguma coisa especial no interior pra você?

G. Borges: Como carioca da 'gema', eu gosto do silêncio, eu sou uma pessoa bem urbana, mas...

Bruno: É, no Alzira Park não tem muito silêncio não...

G. Borges: Não, mas não senti barulho não. Setembro talvez porque tivesse- a cidade tava “meia” vazia, até digo assim, que eles são abençoados, porque eles dão emprego pra muita gente dentro da cidade, e tem muita...(inaudível)..., tem uns hotéis lá que estavam fechados, eles estavam comprando o hotel e colocando para funcionar, se dando muito emprego, é muita gente dentro daquele hotel. É um batalhão de pessoas! Não é dizer assim “Ah, são dez aqui...”, não, é muita gente! Tanto parte de cozinha como parte de diversão, que tem a noite, as atividades que eles fazem, é muita gente, é muita gente que tá empregada ali. Graças a atividade de existir aquele hotel. Aí eu não fico assim: “Ah, eu vou porque tem praia!”. Eu já não... é o tipo do turismo, me interessa, ir pra praia. Eu não sei porque... Eu morei 27 anos em Angra, e eu tinha a praia que eu descia e me sentia a rainha da Inglaterra, eu ia pra praia e ainda tinha um guarda da marinha tomando conta! Eu podia ficar tranquila, seis horas, seis e meia até oito horas.

Bruno: (Inaudível)

G. Borges: Não tinha problema, praia tranquila sem ninguém! Então programa pra praia... até vou! Já fui pra Ilha, depois que eu morei 27 anos, eu nunca tinha ido à Ilha Grande. Depois que eu me aposentei, aí foi pelo grupo da minha irmã, que teve um passeio pela área de cá. Teve um passeio pra Ilha Grande, aí eu fui pra Ilha Grande. Ficamos 3 dias lá, com um grupo grande, né, fizemos passeio (aqueles passeios tudo que você vê pela praia). Mas não vou dizer assim: “Ah, esse ano eu vou pra praia.”, não. Se tiver um outro que não tenha praia, eu já prefiro. Não tem aquela... só se for uma praia muito boa, limpinha, sem problema nenhum, que não tem aquele muquifo, muita gente, não faz o meu gosto. Agora, gosto de um lugar que tenha tipo Paraty, casarios coloniais, com riquezas de detalhe de arquitetura, de engenharia, que é uma coisa que eu gosto muito. Eu gosto de ver, fico horas namorando, como eu gosto de Conservatória, uma cidade pequenininha, mas eu amei. Amei o quê? Arquitetura, a parte estrutural de engenharia. Então isso daí eu fico, ah, embevecida!

Bruno: Você deve gostar de Petrópolis também, né?

G. Borges: É, gosto, mas aí fica aquela história: quando eu fui pra Petrópolis, que eu ia muito, eu era criança, não tinha prédio praticamente, eu ainda não tinha esse gosto. Quando comecei a ter esse gosto já destruíram- (interrupção)

Bruno: É, mas tem muita coisa lá, que ainda está lá, da época do Império. Inclusive muita coisa da missão francesa, que retoma aquele neoclássico europeu, muito interessante. Muito interessante, bem interessante Petrópolis nesse quesito. Mas voltando, o que que você imaginava, apesar de que você não teve essa ideia com o manejo, mas, você falou que você é carioca da gema, né?

G. Borges: Aham.

Bruno: Tenta voltar um pouquinho a memória, mas, como que era seu pensamento quanto rural, antes de ir pro interior? Como é que você imaginava, tipo, imaginação, expectativa, né, a realidade?

G. Borges: É, aí eu não fico muito ruim não, em termos disso, porque eu sou filha- eu sou carioca da gema, mas minha mãe foi criada no interior, nascida e criada. Meu pai

também, meus avós tinham fazenda, quer dizer, pai e mãe sempre contam coisas de fazenda, as coisas boas e as coisas ruins. Quer dizer, isso aí cria, né, pelo menos eu desenho logo na minha mente alguma coisa, quer dizer, ver, que eu não vi... o ideal era eu ver, pra mim poder dizer: “Não, mas a minha mãe não falava assim, minha mãe disse isso...”. Então não posso nem fazer essa comparação porque eu não vi. Aí fica aquela coisa, a minha realidade de uma fazenda, de uma vida rural, fica ligada na televisão, do que ela me mostra. O que me mostra no Globo Rural- (interrupção)

Bruno: O que você não viu essa fazenda quando você visitou...

G. Borges: Não, eu não vi. “Tendeu”? Não posso fazer aquela comparação. Agora, sou apaixonada pelo Globo Rural. Agora não vejo mais porque eu “tô” aqui na Igreja nesse horário, mas antes, eu cheguei a ter assinatura- (interrupção)

Bruno: No Youtube tem, no Youtube tem a reprise...

G. Borges: Tem, né? Mas aí agora eu já perdi, perdi o hábito.

Bruno: Eu sou assinante da revista.

G. Borges: Eu era fã, ‘nossa mãe’, apaixonada! Mas... (pausa) tem gente que: “Ah, eu não gosto do cheiro de vaca!”, eu gosto do cheiro, do cheirinho da vaca, cheirinho de bosta de vaca assim, não de ficar todo dia, mas quando você chega logo, gente, aquilo ali é delicioso!

Bruno: A chuva, né, o cheiro da chuva na terra molhada, muito bom...

G. Borges: Eu sinto até hoje, o cheiro da terra molhada, o que é engraçado. É que as vezes- (interrupção)

Bruno: É, eu também quando vou eu gosto...

G. Borges: É, eu digo assim: Eu sinto, moro em Vila Isabel, mas eu sinto o cheiro da terra! “Mas como?” Ah, não sei! Eu só sei que eu sinto.

Bruno: Cérebro, né, vai lembrar. As atividades que tinham lá, que você fez faziam parte de uma programação, e você foi com uma agência, né, que você falou...

G. Borges: Sim! Eu fui com a Íris Turismo, né. As atividades foram essas, né, que eram esse passeiozinho que você faz lá no pesque e pague, quem quer pescar vai, paga e pesca, quem não quer, já tem lá uma espécie de um barzinho, uma cantina, aí você já tem o peixinho frito, você compra o peixinho, compra o refrigerante ou a cerveja, tem umas mesinhas, você senta ali, fica comendo, tem um rapaz no teclado, ele toca e canta, é uma maravilha, e você passa umas horas da tarde ali.

Bruno: Você sempre foi por intermédio de agência, nunca foi sozinha?

G. Borges: Não. Se eu não ‘tô’ com a agência, eu ‘tô’ com o grupo dos Correios. Se eu não ‘tô’ com o grupo dos Correios, eu ‘tô’ com o grupo da Perfect Liberty, que é do pessoal da minha irmã. Eu sou irmã da Vera, então eu vou igual [riso], igual brinco. ‘Tô’ ali, “Ah, irmã da Vera! Vera, cadê tua irmã?”. É o grupo dela e eu vou. Então é a de cap..., pessoal da Perfect Liberty, quem mais, tem a Cacau Turismo também, lá de Campo Grande, que as vezes eu viajo com ela, mas ela já nunca fica em área rural.

Já fui pra Beto Carrero, já fui pra Holambra, já uma coisa mais assim, específica, né. No que diferencia mais rural, mais urbana.

Bruno: É, o Holambra já é meio a meio, né, (os dois falam juntos) a gente chama de semi rural. É porque Holambra 'tá' numa zona rural, mas ela tem muita carga de dispositivos urbanos, né, então ela já tem algumas instalações que é compreendido como do meio urbano, mas no meio que é dado como rural. Holambra seria uma mistura entre rural e urbano, não tem como você botar uma linha no meio, e botar "essa parte de Holambra é rural e essa parte...", é tudo muito misturado. Holambra hoje, se você define o objetivo pelo qual vocês vão a Holambra, se você botar a Festa das Flores e tal, ela tem uma condição muito rural, porque você tá olhando ali o manejo de flores, terra, você tem lá as fazendas, as áreas onde... Mas você, você se hospeda em hotéis com serviços classe A.

G. Borges: Com certeza.

Bruno: Você tem hotel de 4 estrelas lá, com café da manhã, com piscina e não sei o quê. Você já tem hoje serviço de transfer in e transfer out de rodoviária até o hotel, a gente vem do aeroporto até o hotel, inclusive. Você tem serviços de quarto muito bem feitos, tem restaurantes de comidas variadas, em Holambra. Então Holambra é uma cidade hoje que já oferece um turismo já, e uma cadeia produtiva muito mais arrojada, e com instalações muito modernizadas, inclusive, do jeito que é na cidade. Não quero dizer que a gente tem a noção de que o rural é sempre muito rústico. Às vezes sim, mas não deixa de ser confortável. Mas não é atrasado, não é obsoleto, só é rústico, mas continua sendo confortável. O problema é que as vezes o desenho, você falou de arquitetura, o desenho as vezes das coisas é muito ainda voltado mais pra aquele urbano do que pro rural, mas Holambra tem um metadinho de um dos dois, é igualzinho Ribeirão Preto.

G. Borges: Ribeirão eu não conheço.

Bruno: Ribeirão Preto é todo rural! Mas quando você olha pro jeito de viver da cidade, os prédios, vai e volta, o negócio, 'parará'... Campinas, igualzinho. Campinas você não separa um do outro, é muito, é muito engraçado. Campinas então é mais ainda porque a galera tem jeito de caipira, ainda, no tratar de quem é de Campinas, mas os equipamentos urbanos, né, das urbanidades transformam Campinas numa cidade quase urbana. Mas Holambra é interessantíssimo conhecer mesmo. Voltando pra entrevista aqui, rapidinho, você fez várias vezes, né, então perguntar se fez novamente é redundante, mas você faria novamente visitas pra fazendas?

G. Borges: Faria. Faria porque sempre uma tem uma diferença, tem um dado a mais. Por exemplo: Mangalarga. Mangalarga, qual o dado a mais que ela tem, que eu achei maravilhoso? Tem uma coisa negativa? Tem. Aqueles chalés ficarem muito distantes da sede, não ter- inclusive eu coloquei lá que eu achei um absurdo, você tem um celular, mas você não consegue falar.

Bruno: Não consegue falar.

G. Borges: Tsc Tsc Tsc. Pra falar, você tem que estar lá na sede, procurar um cantinho lá perto, que você consiga. Agora, você tá lá no bendito, e o nosso chalé é no primeiro,

porque minha irmã não tem cartilagem no joelho esquerdo, então ela tem uma dificuldade louca pra andar, muito grande. Teve um dia em que nós não jantamos, e nós não podemos pedir comida no quarto. Por que? Celular não pega, não tem um interfone, não tem telefone...

Bruno: Meu Deus... Como assim?

G. Borges: Eu falei: Gente, e se passar mau?

Bruno: E seu chalé era o mais próximo da sede...

G. Borges: Era.

Bruno: E mesmo assim longe.

G. Borges: E o nosso era o primeiro.

Bruno: Aí precisa construir alguma coisa mais próxima, né.

G. Borges: Eles têm que ter um meio de comunicação. Celular não pegar, telefone não tem...

Bruno: Tem que dar um jeito.

G. Borges: Tem que ter alguma coisa. Tem que ter um carrinho, pra transporte

Bruno: Carrinho de golfe.

G. Borges: A minha irmã é problema de cartilagem, mas tinha uma senhora que 'tava' na última chalé, que era uma idosa, e ela tinha uma espécie de mal de Parkinson. Eu falei: 'Jesus Amado, se essa criatura tem uma crise, como é que essa filha vai trazer?'. 'Tava' ela com a filha.

Bruno: Sem condições...

G. Borges: Sem condições, sem nada! 'Cê' vai ter que sair de chalé em chalé pedindo socorro pra levar até lá. Eu achei um absurdo. Saí, e uma coisa, eu coloquei lá, achei negativo- (interrupção)

Bruno: Mangalarga eu nunca vendi nem estive no Mangalarga, mas eu conheço de ouvir falando.

G. Borges: Muito bom. Agora, esse outro lado aí, que eu espero que eles já tenham tomado providência. Agora, tem uma coisa maravilhosa: eles têm 6 refeições ou mais. Que tem antes de você dormir, tem um lanche, que nem quando você tá em casa, antes de dormir você gosta de- (interrupção)

Bruno: Uma boquinha.

G. Borges: Uma boquinha? Eles fazem uma bocona! Porque com fartura, com fartura!

(Bruno e G. Borges falam juntos, inaudível)

G. Borges: Mas eu não encontrei nenhum. Até eu disse: Gente, muito mal, muito mal algum lugar ter uma garrafinha de café!

Bruno: Não tem. Tem uma Jecava, que é uma fazenda ali em Teresópolis, que é mais pra cá, Teresópolis, né. Na verdade, Teresópolis é mais pra cá do que pra lá, é agarrado ali com Friburgo já, de Bom Sucesso ali, mais ou menos, a Fazenda Jecava. Eles têm um (inaudível) também, de linha, de nível de cruzeiro assim, 5 refeições num dia.

G. Borges: Nossa, lá eu achei ótimo. Porque aí você tem o café da manhã- (interrupção)

Bruno: Bar aberto o tempo todo, com vários frios...

G. Borges: Você tem antes do almoço, tem lá um lanchinho. Depois vem um almoço muito farto, de um jeito... tipo do lugar. Quem 'tá' de dieta não deve ir, porque não vai aguentar! Comida muito boa, comida gostosa, muito bem-feita, aí depois vem a tarde, tem lá um lanchinho de tarde...

Bruno: Deixa-me te perguntar, você já chegou alguma vez e 'tá' alguma família agrícola já?

G. Borges: Nada

Bruno: (Inaudível)

G. Borges: Nada, nada, nada, nada! Eu ainda pergunto assim- (interrupção)

Bruno: Vou te propor depois, uma experiência.

G. Borges: Eu já converso com os funcionários, pra perguntar pra eles como é que é o tipo de emprego lá, se estão trabalhando com carteira assinada, se não estão. Eu ainda faço essas perguntas, porque você sente a cidade. Eu, chegando, vou dando uma olhada assim, e a maioria nem trabalha ali perto, trabalha bem distante do local. Aquilo ali é praticamente o primeiro emprego, é a tábula de salvação pra eles. Mas ia- (interrupção)

Bruno: Mas que bom que pelo menos contrata alguém dali, porque o normal não é esse. O normal é o cara abrir um empreendimento dessa pujança, e aí o cara importa mão de obra.

G. Borges: Isso aí eu vi em Angra, quando... (pausa), aí, como é o nome? Importantíssima, até uma japonesa que coordena tudo lá..., mas aí que vem a história. Angra estava classicamente afundada, não tinha pessoas preparadas! Você está com um hotel internacional, e as pessoas tinham que falar no mínimo, NO MÍNIMO, arranhando muito mal, inglês ou espanhol. Não tinha. Não tinha pra quê (confusão na fala) trabalhar! Pra ser uma camareira, e isso precisa de mão de obra qualificada, então, todo o pessoal que foi trabalhar lá, era de fora.

Bruno: Mas aí também não custa nada também bancar um curso de inglês pra galera, 'Cê' sabe que daqui a 6, 7 meses ninguém vai conseguir falar nada, mas daqui a um ano, por exemplo, já vai ter a galera já falando alguma coisa.

G. Borges: Mas aí, nem um empresário, eu acho, quando ele vai montar, porque ele já tem uma ideia, porque ele construiu, ele não pegou um prédio pronto, enquanto está construindo, já começava a capacitar.

Bruno: Também acho. Porque é o tempo que demora, mais ou menos.

G. Borges: Então. Que é o tempo que vai demorar, pelo menos pra um grupo de 20 ou de 10, já está preparado. Aí, moral da história: quando 'tá' pronto o prédio, aí começa a recrutar, porque eu digo que é mentira, é um (inaudível), porque eles sabem que as pessoas não tem condições, se o município estava com o número de desempregados muito grande, as pessoas não tem condições de pagar o curso, não tem. Então as pessoas, sabem aquele inglês muito mal: "Gude mórni, aí lóvi iú." (risos dos dois). Aí na hora, eles têm que trazer o pessoal de fora, foi o que aconteceu lá. Vários empreendimentos imensos, que chegaram lá, muito bons, ótimos, maravilhosos, mas a mão de obra requisitada, foi de fora. Aí depois, agora, que estão levando algumas pessoas pra partes- sabe aquelas bem mais "rastê"? Que não precisa conversar com ninguém? Que é banheiro, essas coisas assim, mas aqui tinha contato, e ia ter, até a camareira você ser meio perfeito. Ela tem um conhecimento, ela precisa saber arrumar muito bem uma cama, lavar muito bem um banheiro.

Bruno: Verdade.

G. Borges: Parece coisas comum? Não. Se ela não sabe, não vai dar certo!

Bruno: A camareira é a única funcionária de um hotel, qualquer que seja o tipo de hotel, que tem acesso à um quarto ocupado, ela é a única pessoa do hotel inteiro. Nem o dono do hotel tem acesso ao quarto ocupado, só a camareira. Antigamente você tratava a camareira como qualquer coisa, no hotel, hoje em dia, com essa nova visão de negócio, né, graças a Deus, muita gente inclusive voltando pra universidade, revendo seus- estrategicamente, não é só por questão humana, que é um ser humano trabalhando, mas até por questão estratégica, ela é a única pessoa que tem contato com o hóspede enquanto ele consome o serviço de hotel. Essa pessoa tem que ser tão qualifica quanto- (interrupção)

G. Borges: Muito bem tratada

Bruno: Bem tratada, lógico, por ser... ser humano, mas tão qualificada quanto a que está na recepção. Então hoje em dia a camareira tem que ser bilíngue, no mínimo, tem que saber tratar muito bem o hóspede, não pode ser uma pessoa grosseira. Aquela camareira de antigamente, entrava por uma porta, como se fosse um serviçal egípcio, né, entrou por uma porta secreta, faz não sei o que e volta. Tipo assim: "Quem foi que arrumou o meu quarto?" "Ah, foi uma fadinha.". Hoje em dia não tem mais espaço pra camareira fadinha. A camareira ela vai ser vista no hotel e deve ser vista no hotel. Pra ter acesso ao hóspede, é muito interessante que ela continue o que tá acontecendo no hotel. "Como é que o Sr. está?", "Boa tarde", "Boa noite", "Tudo bem?", "Alguma solicitação especial?", "O Sr. tem alguma queixa, alguma sugestão?", "Está se sentindo bem no hotel?". E essa conversa acontece na porta do quarto, as vezes enquanto ela vai tirando uma toalha, e isso é muito importante pra você ter esse feedback do hóspede, que ninguém consegue ter, só a camareira. Então a camareira ela tem que ter esse traquejo com certeza. Absolutamente. O que é interessante é que quase ninguém tem essa visão que a senhora tem. Desde se preocupar com a questão da formalidade do trabalho... não sei se é porque a senhora e tia da Emily,

que é uma pessoa competentíssima, mas é uma sensibilidade absurda, parabéns, porque é muito legal isso!

G. Borges: Talvez porque eu sou assistente social- (interrupção)

Bruno: Aaahh, 'tá explicado.

G. Borges: (Inaudível), então esse 'ladozinho', meio social, a gente fica sempre atento.

Bruno: Bom, eu vou ter que descartar a pergunta sobre manejo, já que a senhora nunca manejou terra, nem à passeio, nem a..., mas eu queria que talvez, mudar um pouco a questão do manejo para a questão desses dispositivos, né, que a senhora ouviu lá. A senhora chegou a ouvir música, quando a senhora foi lá? Alguma viola? Alguma história? Alguém local conversou com você? Alguma ruralidade? Teve contato com alguma ruralidade lá nesses lugares?

G. Borges: Teve lá no... (não falou aonde), ele falou que foi sobre uns troncos de-, não de música, não da área de música. Que o dono dessa fazenda que estava chovendo muito, e que a gente comprou mel, própolis com mel, própolis com gengibre, e acho que com canela, muito bom pra garganta, lá que eu vou te dar o nome, porque lá tem no vidrinho.

Bruno: Ah, legal!

G. Borges: Aí que ele 'tava' contando, que dançava, mas não teve, ele contou- (interrupção)

Bruno: Só contou?

(G. Borges não responde e Bruno prossegue)

Bruno: Esse do mel, você não via as abelhas nem nada, só comprava o mel?

G. Borges: Não, só tem, tem o... (pausa), só acho que um, um lugarzinho, uma estantezinha, algumas prateleiras, e que tem doce, que eles fazem lá na fazenda. Tem a própolis, que eles vendem já embalado. Pé de moleque. Uma delícia, o que eles fazem, também lá. Então seria o doce, a própolis, a cachaça, maravilhosa, que a turma que gosta lá, (inaudível) – (interrupção)

Bruno: Até quem não gosta de cachaça, só o cheiro dela já dá pra ver que é gostosa.

G. Borges: É diferente, é diferente. Então, a cachaça, muita fruta, muita fruta de lá, que eles venderam, e ele contou alguma coisa sobre alguém já bem idoso, e que dançava, mas a gente não ouviu a música, e nem viu a dança e nem viu o instrumento. A gente também não cobrou. "Ah, a senhora não tem!". Não tinha. Essa curiosidade. Nem o grupo teve essa curiosidade, né, de pedir "Ah, o senhor não tem uma música, pra tocar, aí?". Não, só quiseram comer, e vamos comer, tudo bom. [riso].

Bruno: Qual é a diferença que você percebe na vida da cidade com a vida no campo?

G. Borges: A primeira dificuldade... Essa fazenda mesmo, né.

Bruno: Qual? A de Minas ou- (interrupção)

G. Borges: É Minas, a que 'tava' da chuva. Gente, o ônibus, Graças a Deus, que o rapaz, o motorista, foi muito sábio e ligou pra saber se era possível, que a madrugada inteira tinha chovido muito, quando nós chegamos, e nós estávamos em São Lourenço e fomos pra lá. Que a gente fica sempre hospedado em São Lourenço, acho que Eubiose, o nome da entidade, e depois a gente pega um ônibus, que é um ônibus de turismo, e nós fomos, e de lá nós vamos pra vários lugares pra passear. Aí teve nesse dia o programa que era ir nessa fazenda, mas à madrugada choveu muito, e o motorista sabiamente ligou, e avisaram. Porque realmente, estava difícil chegar, porque é barro. Aí o ônibus nos levou até um trecho, assim, quase 3 horas depois do hotel, lá teve que se alugar Sprinter, que é menor, pra poder ter acesso à fazenda. Mesmo assim teve trecho em que a Sprinter, ela dançava... (interrupção)

Bruno: Sprinter nesses lugares, cara, é que fica todo mundo batendo cabeça. Não tem amortecimento bom, ela é meio dura.

G. Borges: E é estrada daquele barro mesmo, que escorrega!

Bruno: Perigoso... Pode atolar ali dentro.

G. Borges: Pior que atolar é virar!

Bruno: Ah sim, dependendo da condição da estrada...

G. Borges: Teve um Jipe deles, desses que tem tração nas 4 rodas, aí bota lá uma correia, pra poder levar, porque ela não 'tava' conseguindo sair. Ali foi assim de a gente ficar todo mundo assim, meio assustado.

Bruno: Com "a mão na boca", né?

G. Borges: Meio assustado. Mas Graças a Deus, conseguimos chegar e depois na volta conseguimos vir melhor do que na ida.

Bruno: Fora isso, a rotina do pessoal no ambiente rural, você deve ter percebido, isso é um problema de viagem, mas, a diferença entre a rotina do pessoal, da vida do pessoal, no dia a dia do campo, com o dia a dia da cidade, o quê que a senhora consegue ver de diferente?

G. Borges: Bom, do pouco que a gente vê, e no fundo a gente vê pouco, porque quando você entra aqui, solta aqui (gesticulando). Então você vê mais aquela coisa assim, as pessoas são mais calmas, mais tranquilas. Você vai passando, tão lá, sentadas. Tem uma birosquinha, ele tá sentado, tranquilo, lá na porta. Tem uma lojinha de roupa, tá sentada, lá na porta, não tem essa agitação, nem essa insegurança. Porque ele fica sentado com mais tranquilidade do lado que você vê. Tá todo mundo trabalhando naquilo... Suburbana! Uma areazinha mais complexa você não vai ver ninguém pra sentar na porta. Ele "tá" lá dentro da loja, e sempre igual um caranguejinho, sempre de alerta, e lá você vê as pessoas mais tranquilas, e você não tem aquele vai e vem. Passou aquele ônibus de Turismo, aí ele ainda olha... (inaudível), porque é uma vidinha mais tranquila, mas sem sombras de dúvida, você tem que gostar de morar ali, porque quem não gosta, vai se sentir mal.

Bruno: É porque as cidades hoje em dia dão pra você até ter uma..., mas realmente, é um pouco mais bucólico.

G. Borges: Exatamente!

Bruno: Legal. Você já conhecia de ida de roça, né? Tirando agora a parte do turismo, de algum manejo de roça, você conhece algum? Tipo, de plantio, de colheita ou de cuidar de animal? Já plantou coisa na sua vida, já colheu coisa na sua vida?

G. Borges: Só nos meus vasos.

Bruno: O que que você tem?

G. Borges: Nos meus vasos agora tem... Já tive ano passado tomate, né, e quando eu vou, vou sempre procuro um lugar de vende semente, então eu já tive tomates de várias espécies. Esse ano eu já "tô" com pimentão. Minha cunhada plantou e eu "tô" colhendo o que ela plantou, que é a cebolinha. E trouxe de São Luís de Paraitinga, trouxe muita alface, nem dormi por causa das minhas alfaces, e foi aquele porta-ovos. Trouxe no colo, 6 horas de viagem pra cá, depois cheguei aqui, plantei tudo bonitinho, aí o gato da vizinha vem e faz cocô lá aonde tava a minha hortazinha de alface.

Bruno: Putz, aí já era. (Risos)

G. Borges: Perdi as minhas alfaces todas, perdi a minha noite, meus braços ficaram doendo. Então eu digo assim, o que eu tenho de conhecimento é isso.

Bruno: Quais são as diferenças que você vê, das viagens que você faz da área do interior para as viagens que você faz pra- (se interrompeu) você falou um pouco da praia, né?

G. Borges: Isso.

Bruno: Você já fez viagens pra outros lugares que não eram interior..., já fez?

G. Borges: Sim, eu fiz... Bom, quando eu vou para o nordeste, a gente fica sempre na areazinha de praia. Então área de praia normalmente. Agora todo mundo é voltado para o turismo, então...

Bruno: Qual que é a diferença que você vê nessas áreas de praia, por exemplo, já que você citou a praia.

G. Borges: Aí na área de praia –(inaudível)- como agora eu vim de São Luís, muito triste por sinal, porque eu esperava que tivesse melhorado, e- (interrupção)

Bruno: Nem me fala, você foi pro lençol, aí já sei o que você ia falar.

G. Borges: Não fui porque eu tô muito pesada, tenho que emagrecer, que eu não aguento subir as dunas. A última vez que eu fui pro Piauí, que eu não sei se foi em 2012, eu já não conseguia subir aquelas dunas pequenas. Eu fui pro Delta do Parnaíba, encontro das águas, e ver aqueles pássaros vermelhos, como que é o nome? Jesus... A tarde ele vem, o céu fica vermelho e lá tem umas dunas, antes de chegar no Delta, e eu já não conseguia por causa do peso. Agora então, que eu já tô com 36 quilos a mais, falei: não vou.

Bruno: Não sei como é que tá hoje em dia, hoje, hoje, segunda feira, mas até as últimas denúncias que já li sobre o Maranhão, por exemplo, lá em Barreirinhas, aonde ficam os lençóis, o pessoal ali usa às vezes até criança, paga 10, 15 reais, os

garotinhos de bermudinha, camiseta, às vezes sem camisa nenhuma, empurrando bote de gringo pra poder fazer... complicado, complicado.

G. Borges: É porque ó, o meu sobrinho- (interrupção)

Bruno: Fora outros problemas mais que você vê no Maranhão.

G. Borges: Nós pegamos um guia de turismo. Quer dizer, ele contratou. Ele tava todo animado. Filho único, né. Militar, serviu lá em Pará, daqui a pouco eu lembro o nome da cidade. Ele teve um problema de coluna, o exército colocou ele na rua, e ele ficou tão revoltado que resolveu estudar direito, se formou, é um bom advogado na área de direito militar porque ele luta contra tudo que é perversidade que o exército faz: pegar um jovem perfeito de saúde e devolver pra sociedade, em servi-lo para o serviço militar quando ele recebeu com plena saúde. Ele tomou um ódio tão grande que ele estudou direito pra só, ele faz as causas dele, 99% é contra o exército. Dessas injustiças.

Bruno: Eu nunca tinha percebido isso não, isso aí faz sentido sim.

G. Borges: Na rua, põem na rua. Ele tem 6 grampos na coluna. Garoto que nunca trabalhou fora, só estudou pra ser militar. Meu sobrinho é um mauricinho, se você for pensar numa pessoa que nunca trabalhou, nunca foi nem caixa, nunca trabalhou pra levantar um copo pra ninguém. Ele só estudou, se preparou. A vida dele era essa, "quero ser militar, quero ser militar!". Passou no concurso, e é um concurso pesado.

Bruno: Muito!

G. Borges: Então foi Terceiro Sargento Especialista em Artilharia. Aí a vida dele, aquele sonho... Até hoje ele é milicos, ele é milico na farda, é milico no sangue. Aliás lá em casa é milico no sangue uma porção de gente. Irmão de Emilly, quando você vê aquele porte- (interrupção)

Bruno: Não conheço, conheço ela.

G. Borges: Conhece o time não? É uma peça, você- (interrupção)

Bruno: Eu conheci Emilly pela minha esposa, a minha esposa ela amigona da Emilly. Aquele negócio, você casa, né, você herda família e herda os amigos, né, então a Emilly foi uma amiga que ganhei de presente com o casamento.

G. Borges: Já conhece o Eduardo?

Bruno: O esposo dela?

G. Borges: É.

Bruno: Só de foto.

G. Borges: Me lembra um pouco você!

Bruno: Acho que eu vi uma vez numa festa de Guia. Joyce me levou, acho que ela levou ele. Na época acho que eles namoravam ainda. A Emilly é quase minha vizinha, cara. Ela não vai lá em casa porque ela é desnaturada com a gente.

G. Borges: Pois é, é que ela não sossega, né?

Bruno: É que ela dá aula pra todo mundo, trabalha, pega grupo- (interrupção)

G. Borges: Nossa, eu não sei, tem hora que eu fico “Meu Deus do Céu!”.

Bruno: Depois eu vou te contar a peça que ela me fez. Eu convidei os alunos pra fazer uma atividade externa, porque eu dou aula de turismo na faculdade, sou professor de turismo também lá em Niterói, e tava tento uma matéria que a gente não tem na grade agora, mas que talvez volte que é a de guiamento, e daí tinha uma disciplina lá que era guiamento à pé, e falei: “Bom, a melhor forma de fazer uma aula sobre guiamento à pé, seria esses alunos verem o guiamento à pé acontecendo!”. Chamei Emilly. Emilly pegou duas turmas de manhã e uma de noite pra mim. “Não Bruno, não precisa pagar nada.” Mas acabou que eu falei: “Não, é JUSTO eu te pagar alguma coisa! Você tá tirando o seu dia!”. Naquela época ela era um pouco menos atarefada do que ela é hoje, até porque apesar de tudo ela é dona de casa, também. Mas aí aconteceu que ela foi e fez de manhã e fez de noite pra mim, e atendeu os dois públicos de maneira igual, não tem negócio de ficar cansada. Naquele dia eu “abusei” dela. Abusei muito, porque eu falei: “Cara, você pode ficar chateada comigo- “(Bruno), “Não, adoro fazer isso!” (Emilly), e tal. Os alunos voltaram daquela visita, até hoje inclusive, quem foi fala isso, além da simpatia dela, que é singular, o pessoal falou assim: “Como uma pessoa pode saber tanto?”, porque ela tinha tanta informação na cabeça, e ela tinha feito um roteiro e o pessoal fazia pergunta, que logo, pergunta que vinha na hora, de dúvida, e ela tirava com maestria, contando dentro de um contexto, contextualizava a resposta. Eu me senti desse tamaninho perto dela. Eu sabia que ela era uma “monstra” guiando, mas não sabia que era tanto. Joyce tinha falada pra mim já. Na época Joyce tava ocupada. “Bruno, chama a Emilly que ela vai te atender muito bem.”. E ela fez um trabalho assim, “brilhantíssimo”. Que hoje em dia eu tenho vontade de levar pra faculdade, pra ela palestrar, e não consigo, porque eu não tenho horário, mas tenho vontade de levar ela lá. Pra você ter uma ideia, os alunos que foram na atividade, contaram pros outros alunos, “Cara, Bruno tem um guia aí que é maravilhosa, mulher sabe muito...”, alunos que a última turma que se formou foi no semestre passado, que conheceu ainda o relato da Emilly, que já me cobraram até, até semestre passado me cobravam: “Mas quando é que você vai fazer um passeio lá com a Emilly que todo mundo fala...”, não sei o quê. Você vê, foi uma atividade, de noite, que todo mundo lembra, então- (interrupção)

G. Borges: É que quando a coisa é boa, é incrível, né?

Bruno: A tua sobrinha vale ouro, só fazendo um adendo aqui. Vale ouro

G. Borges: Que Deus abençoe muito de saúde pra ela!

Bruno: Mas enfim, vamos lá! São duas perguntas pra mim que vão ser interessantíssimas, já que você foge um pouco da maioria dos perfis que eu tenho entrevistado, porque você foi pra área rural, mas você não fez as atividades. Você atribuiria alguma mudança de hábito, alguma coisa que você fazia e não faz mais, alguma coisa que você não fazia e hoje tá fazendo por causa das visitas na área rural? Tem alguma mudança de hábito que aconteceu com você por você ir nas áreas rurais que você vai, com as experiências que você tem, considerando inclusive as limitações,

teve alguma mudança de hábito que você não fazia e agora faz ou que você fazia e hoje não faz mais?

G. Borges: Que eu me lembre... (silêncio)

Bruno: Alguma coisa que te marcou, que você falou assim: “Nossa, eu preciso mudar isso aqui. Puxa, preciso melhorar isso.” Ou então: “Poxa, não fazia isso, preciso começar a fazer.” Tem alguma coisa que aconteceu por causa dessa experiência rural?

G. Borges: Tô viajando agora. Cantando nos lugares.

Bruno: Você pega a G. Borges antes e a G. Borges hoje, teve alguma coisa que mudou por causa disso, que você atribui a isso? Você responsabiliza essa experiência por essa mudança ou não tem?

G. Borges: Que eu me lembre, não tem nada não.

Bruno: OK...

G. Borges: Pode até ser que haja alguma coisa, mas não “tá no HD” não...

Bruno: É porque não tem, porque se tivesse, tinha falado com mais... não sei. Teria mais alguma coisa a acrescentar quanto a questão da experiência rural, quanto ao turismo rural, agro turismo?

G. Borges: Aí seria isso, né? Ter ficado faltando essa parte, de ver e de eu nem cobrar! Eu nem cobreí, podia cobrar. Eu gosto de uma horta, bem daquelas, faço uma horta e não meto a mão não. Eu vou lá com o saquinho na mão [riso], o ancinho, né. Mas, pelo menos dizer, aí é que eu digo pra você: O que eu vejo de televisão, né, na programação ligada à área rural, mas não vi e nem cobreí, porque de repente se eu falasse: “Ô Íris, dá pra levar...- (interrupção)”

Bruno: “Cadê a fazenda? Já que é hotel fazenda, cadê a fazenda?” [riso].

G. Borges: Mas não cobramos nada nada nada. Ninguém cobrou, não vi vinguem cobrar.

Bruno: Interessante. Bom, eu já tomei 51 minutos do seu tempo, quero agradecer muito a tua ajuda, foi muito legal pra mim! Algumas pessoas inclusive quando entrevisto e fizeram, ou fizeram pouco, ou só viram ou não fizeram ,por exemplo, elas ficam assim: “Ah, mas eu tô preocupado, será que eu ajudei?”, ajudou muito, porque de uma certa forma, reforça algumas coisas e desmistifica outras, né, porque eu tô numa trilha de pesquisa desde o ano passado, então isso aqui já me responde umas perguntas, me ajuda a reforçar algumas outras e me deixa “encafifado” com outras mais ainda.

Entrevista com turistas – J. Silva

J. Silva: ... e aí eu vi que o que você colocou lá tem a ver com tudo que eu passei. Porque eu sou um cara assim, o que acontece, eu vou te explicar o que aconteceu comigo. Eu tinha recém terminado a Martins Penna, aí fiquei um tempo sem fazer teatro, né, um tempo que você até meio traumatizante, eu fiz uma peça ano retrasado, de teatro.

Bruno: Uhum.

J. Silva: E aí eu fiquei um tempo parado... vou guardar aqui, tá? Esse papel.

Bruno: Fica à vontade.

J. Silva: Aí eu fiquei um tempo parado...

Bruno: Pode dobrar, esse é seu.

J. Silva: ... entendeu. E aí um dia um amigo meu foi fazer aniversário, amigo lá da Martins Penna, e ele foi pro Largo das Letras, né. Chegando lá a gente estava lá batendo papo, a gente começou a falar de teatro e aí veio o assunto de filosofia. Começamos a falar de Nietzsche.

Bruno: O troço que você mais gosta, falar de filosofia.

J. Silva: Eu gosto de falar, adoro filosofia. Não, mas eu não falo só de Nietzsche, eu gosto de Espinoza, tem vários outros filósofos agora que eu estou lendo também.

Bruno: Espinoza eu já li alguma coisa dele. Cara, depois você assim um, se você tiver Netflix, assiste um seriado chamado Merlí. Tem três temporadas e é sobre filosofia. Meu irmão, eu assisti...

J. Silva: Maravilhoso...

Bruno: É de chorar, cara.

J. Silva: É de chorar, né.

Bruno: É de chorar. É catalão.

J. Silva: É catalão né... Aí o que acontece, está eu lá na mesa, né, eu e Rosana lá na mesa bebendo, aquela coisa toda e aí o que que me ocorreu? Eu conheci um filósofo, né... Já está gravando? Já né? Beleza, tranquilo. Isso aí depois você corta que...

Bruno: É lógico, lógico.

J. Silva: ... é só isso.

Bruno: Eu tenho 81 horas pra botar aqui, então fica tranquilo.

J. Silva: Ah então tá beleza. Aí o que que acontece, eu estou falando de Nietzsche, conversando sobre filosofia, você é um amigo meu, aí tem um amigo dele parado olhando, assim, escutando de longe. Ele vai...

[interrupção]

J. Silva: Aí o que que acontece, é... esse camarada que sentou do nosso lado, do meu lado, da Rosana e do Neto e agente começou a conversar sobre filosofia o tempo todo, eu e ele. Ele adorou conversar comigo, ele era professor de filosofia e ele também estava interessado em montar um grupo pra falar sobre Nietzsche, pra gente estudar Nietzsche, a gente ler sobre Nietzsche.

Bruno: Uhum.

J. Silva: E aí o que que aconteceu? Eu acabei entrando pro grupo. Todos universitários e só eu com nível técnico e na área de artes, e todo mundo universitário.

Bruno: Isso não quer dizer nada.

J. Silva: É, não quer dizer nada porque eu tenho bastante leitura. Aí, beleza, papo vai papo vem. Eu estou na internet, ele tem um grupo de caminhada, de trilha, de fazer trilha. Poxa, beleza. E aí ele começou a fazer várias trilhas. E aí quando eu terminei com a Rosana eu não tinha nada pra fazer, eu estava meio deprê, término com a Rosana, eu terminei com a Rosana porque não estava dando mais certo... Eu comecei a ir nesses grupos de trilha. Aí eu comecei a fazer trilha da Gávea, subi a pedra da Gávea, subi... fui lá pra Barra de Guaratiba, lá na Ilha de Guaratiba, na Ilha do Perigoso, naquelas praias todas lá. Eu comecei a fazer trilha pra cacete e é aquilo, eu também já ia muito pra Cachoeira de Macacu pra tomar ayahuasca, que eu faço parte de um grupo de ayahuasca.

Bruno: O que é ayahuasca?

J. Silva: Ayahuasca de Santo Daime, que é um grupo que eu faço parte.

Bruno: Ah, sim, sim, sim.

Bruno: Na minha opinião o Daime é a única religião brasileira.

J. Silva: Isso, é a única brasileira.

Bruno: Depois da Umbanda, que ainda tem um sincretismo...

J. Silva: Sim, sim, sim. Aí o que que acontece, é... aí, beleza, papo vai papo vem e eu comecei a frequentar trilha e realmente tem tudo a ver né a filosofia do Nietzsche com essa coisa de trilha, contato com a natureza, porque Nietzsche é basicamente um filósofo bem ecológico. O próprio Nietzsche fazia trilha, fazia caminhadas, né, porque ele era doente, aquela coisa toda. Então o que que acontece, aí eu estou indo lá fazer trilha com o Marcelo. Aí eu fui lá na Pedra da Gávea, Circuito das Grutas da Floresta da Tijuca, eu rodei tudo que é lugar que você possa imaginar, subi a Gávea sem saber que era a Gávea, né. Subi o Costão, fui lá em cima...

Bruno: Só você que sobe a Gávea sem saber que é a Gávea, troço alto pra caraca...

J. Silva: Muito, cara. É a trilha mais perigosa do Rio de Janeiro.

Bruno: E você não sabia [riso]

J. Silva: Pois é, não sabia. Ele me chamou do nada e eu fui, aí fui fazendo trilha com eles, maior galera, fiquei com uma menina lá e tal... aí o que que acontece, eu estou lá aí beleza, eu vejo uma galera com máquina de fotografia...

Bruno: Isso lá no...

J. Silva: Nas trilhas.

Bruno: Cachoeira de Macacu isso, não?

J. Silva: Não, lá nas trilhas nas Grutas da Tijuca. Pierre Adriano, um camarada, tirando foto, todo mundo com fotografia. E aquela coisa de tirar foto, né. E aí também aquela coisa de querer fica bem com as meninas, porque você tira foto com essas meninas e as meninas começam a colar em você pra tirar foto, e aí eu comecei a ficar com boas meninas do seu lado, né...

[interrupção]

Bruno: As viagens

J. Silva: A viajar, ia pros lugares, batia foto, e nessa brincadeira eu fui à Cachoeira de Macacu, teve uma época que eu fui à Lumiar. Quando eu fui no Sana eu fiquei dentro de um hotel fazenda.

Bruno: Qual o nome?

J. Silva: Eu esqueci, cara. Esse hotel eu esqueci. Mas eu também fui à outras fazendas e aí cara, o que que me aconteceu, eu tive o interesse de virar fotógrafo.

Bruno: Esse é o foco da minha pesquisa...

J. Silva: Exatamente, a gente vai começar a chegar lá, já estamos chegando nele... Aí o que que acontece Bruno, eu encontrei a fotografia de novo, eu reencontrei a fotografia na verdade, né, e comecei a estudar fotografia. Aí eu fiz um curso aqui na Sociedade Fluminense de Niterói, de fotógrafos, fundamental básico mesmo, pra você...

Bruno: Aprender a bater o botão.

J. Silva: Tirei fotos, alguns professores meus viram, fotos minhas, eu até fiquei de montar uma exposição de fotografia, eu tenho muito material bom. Aí eu comecei a me interessar por fotografia, né, e aí eu comecei assim, despertou um interesse... e aí eu falei assim "não cara, por que não fazer disso uma carreira também, um trabalho?", né. Aí eu comecei a fazer o curso.

[...]

J. Silva: Eu conheci uma menina de Delfinópolis e aí eu fui lá pra conhecer ela, aquela coisa de namoro à distância e papo vai, papo vem. Na primeira vez que eu fui lá eu fui em uma fazenda de banana, né, porque o polo lá é o segundo maior produtor de banana do Estado de Minas Gerais. O primeiro é em... Não, o segundo maior...

Bruno: Casimiro também. Casimiro também é muito, muito forte em banana.

J. Silva: Sim, sim, sim, mas aí é que tá. Delfinópolis é o primeiro de Minas, eu acho. Aquela área ali de Delfinópolis, São Roque de Minas...

Bruno: São Roque eu conheço.

J. Silva: Aí eu fui pra lá, aí comi queijo canastra, conheci a Serra... a Serra... esqueci o nome. [...] Serra da Canastra. Conhece Serra da Canastra?

Bruno: De vender. Igual São Roque, conheço de vender porque eu nunca fui.

J. Silva: Sim. A Serra da Canastra que tem Capitólio, que tem Delfinópolis...

Bruno: Capitólio é o Oceano Mineiro

J. Silva: Sim. Que tem São Roque de Minas, né, mas é colado ali com Capitólio e dá pra ver esse oceano aí. Ali atravessa uma balsa, eu peguei uma balsa atravessei até lá.

Bruno: A gente chama de oceano porque é o único lugar que tem...

J. Silva: Isso. Aí o que que acontece, eu fui e fui pra lá, pra conhecer, aí eu passei lá, aquela coisa toda, fiquei uma semana lá, estava rolando esquema aqui de final de ano no trabalho, foi do ano retrasado pra ano passado, no Ano Novo. Cheguei lá na noite de Ano Novo. Ela tinha um fusquinha, ela me apanhou na... peguei a balsa, peguei o ônibus, viajei de ônibus, aquela viagem sofrida de ônibus, nove horas pra ir e nove horas pra voltar, aí eu fui. Cheguei lá, não tranquilo, eu gosto de viajar de ônibus, gosto de pegar estrada, mas também adoro andar de avião também. Aí o que que acontece, eu fui até lá é... aí atravessei e peguei a balsa, ela foi lá, me apanhou e me levou pra uma pousada, Pousada Trilhas de Minas, né. É uma Minas Gerais com divisa com São Paulo. É divisa com Ribeirão Preto. Eu fui pra Ribeirão Preto, fui pra... tinha outra cidade, gente.

Bruno: São José do Rio Preto?

J. Silva: Não. São José do Rio Preto é onde Abel mora, que é a dona da pousada.

Bruno: Guaíra?

J. Silva: Não, não. É São Paulo, é Ribeirão Preto. É aquela cidade que é do lado de São Paulo...

Bruno: Então, Ribeirão Preto e, então, próximo tem Barretos, tem Guaíra, tem...

J. Silva: Eu passei inclusive pelo... pelas propagandas de Barretos. Tinha muita propaganda.

Bruno: A região todinha ali tem.

J. Silva: Isso, isso. Muita propaganda de Barretos. Aí eu peguei o ônibus, aquela coisa toda. Fui... cheguei lá, quando eu cheguei lá aí eu fiquei na pousada, aí eu comecei a passear com ela, ela começou a me levar em algumas cachoeiras, ela me levou na Cachoeira do... caramba gente, está foda a memória hoje, em. Eu na Acqualume, na Serra da Canastra, Acqualume que é uma cachoeira... aí assim é um lugar que tem um restaurante da Gil, ela está até no meu Face, no meu Instagram né, aí eu fui... ela conhece todas as pousadas de lá, a Marcela. Aí o que acontece, eu fui em várias cachoeiras. Eu fui nessa cachoeira, fui na Cachoeira do Paraíso, que é um lugar maravilhoso. É um circuito de cachoeiras, eles vendem pinga, tem pinga pra você tomar de graça, tem um bebedouro de pinga lá. Isso foi depois, eu fui no Acqualume logo de cara, que eu sempre fui no Acqualume porque ela é amiga da dona do Acqualume, e aí eu fui na fazenda da esposa do atual pai dela. Do pai dela né, porque o pai dela, então atual esposa do pai dela. E aí eu fui nessa fazenda.

Bruno: Isso é em Minas?

J. Silva: Isso é em Minas Gerais, em Delfinópolis.

Bruno: Tá bom.

J. Silva: Cheguei lá na fazenda aí tinha plantação, aí aquela coisa toda, só que não é uma fazenda que vende muita banana, né. Porque a Marcela conhece vários fazendeiros de banana, e aí eu acabei conhecendo essa galera.

Bruno: São produtores familiares né?

J. Silva: É, produtores familiares, aquela cultura...

Bruno: Familiar.

J. Silva: É uma família, eles têm uma fazenda e eles produzem banana e ganham dinheiro com isso. Só que geralmente...

Bruno: Mas tem produções de outras coisas também?

J. Silva: Sim, eles...

Bruno: Não sei se é monocultura, mas...

J. Silva: Nessa fazenda que eu fui do parente da esposa, que ela inclusive é irmã de um prefeito... porque o pai da Marcela é um cara que entende muito de banana, o seu Pedro, ele entende muito de plantação de banana, fazer agricultura de banana, é o cara que mais assim... só que ele acabou não virando um fazendeiro. O sonho dele era comprar umas terras e ter, só que ele trabalha tanto pra vários fazendeiros, organizando... porque ele que organiza a peãozada, bota a peãozada pra trabalhar.

Bruno: Os meeiros, né?

J. Silva: Isso. Pra eles chegarem e botarem a mão na fazenda e fazer as coisas.

Bruno: Entendi.

J. Silva: E aí o que que aconteceu, é...

Bruno: Essa fazenda não recebe visitante? Ela é só...

J. Silva: É, na verdade essa primeira fazenda que eu fui, vou te explicar, depois eu fui em todas as fazendas, eu tinha que fotografar todas as fazendas e eu fui lá pra fotografar todas elas. Essa fazenda, a banana não é muito bem tratada. Ela tinha alguns germes, algumas pragas, né. E aí eu também fotografei vários expositores e vários palestrantes que vendem agrotóxicos pra poder matar as pragas das bananas, né, essa coisa toda. Eu fiquei uma semana...

Bruno: O que é uma merda.

J. Silva: Não, é uma merda, mas também... eu também assim, eu sei que as pessoas falam muito que agrotóxico mata, só que agrotóxico, eu sei que existe o orgânico, só que essa babaquice aí...

Bruno: Você pode usar spray de pimenta, aquele extrato de pimenta na verdade, né. Você tem umas outras...

J. Silva: Sim, mas dá maior trabalho.

Bruno: Sim, mas

J. Silva: Dá maior trabalho do ponto de vista... então assim, em termos de produção de banana há um receio muito grande...

Bruno: Tem alguns artigos científicos que...

J. Silva: Uhum. Beleza. Aí eu vi plantação de beterraba, plantação de tudo que é tipo de... tomate, plantação de... primeira vez que eu vi a fruta na...

Bruno: No pé.

J. Silva: Não, a fruta na plantação, sabe. Aquela coisa, a fruta nascendo, fruta no pé, quiabo, um monte de coisa ali, sabe. Arroz... eu cheguei a ver aquilo ali, primeira vez que eu vi a comida né, de onde a comida vem né.

Bruno: Você nunca tinha visto antes?

J. Silva: De certa forma não, foi uma experiência muito legal. Inclusive eu fotografei isso. Só que essas fotos eu não tratei, não cheguei a tratar.

Bruno: Onde tem essas fotos?

J. Silva: Eu tenho no meu Facebook.

Bruno: Ah, vou procurar

J. Silva: Pode roubar quantas você quiser. Está tudo lá no meu Facebook. A da Feira da Banana que eu não botei ainda, que eu ia botar na minha fanpage, porque a Feira da Banana foi um trabalho que eu fiz.

Bruno: Entendi.

J. Silva: Eu fotografei pra bananeiras metade daquele poste ali, cara.

Bruno: Caraca.

J. Silva: Eu nunca vi bananeira tão grande na minha vida.

Bruno: Nem eu.

J. Silva: Porque eles ficam regando a banana todo dia e aí a banana cresce... lá em casa tem pé de banana, minha mãe planta no quintal de trás.

Bruno: Então, mas a banana ela dá um cacho e morre.

J. Silva: E morre. Aí tem a vó, a filha, a neta...

Bruno: Isso aí, vai embora.

J. Silva: Eu entendi todo esse esquema aí. Aí o que que acontece, esse foi basicamente uma semaninha que eu fiquei lá em Delfinópolis. Aproveitei a virada de ano. Aí eu fui conhecer as cachoeiras, aí eu fui em uma outra cachoeira maneiríssima que tem uma trilha, que tem um cara que toca viola, maneiríssimo.

Bruno: Um violeiro.

J. Silva: É, violeiro. Eu conheci vários violeiros, sanfoneiros... aí eu fui nesse lugar e... fui lá, curti, aproveitei e depois eu voltei pra cá. Lá eu comi muito queijo canastra, fiz a festa com o queijo canastra. Depois eu fui descobrir que o verdadeiro queijo canastra tem um selo de qualidade, aquela coisa toda, quando eu fotografei o cara que criou o selo de qualidade do queijo canastra. Eu particularmente tive só esse final de semana, já conheci muita coisa, conheci cachoeiras... aí eu fui basicamente pra fotografar porque eu peguei um fascínio por fotografar cachoeira. Eu tenho uma paixão por fotografar cachoeira.

Bruno: Você gosta de água.

J. Silva: Eu adoro água. Então eu sempre gostei muito de cachoeira, então eu comecei a fotografar cachoeira... direto. Fui pra lá pra fotografar várias cachoeiras. [...] Agora eu vou falar de uma experiência de quando eu fui pro Condado, lá perto de Bicas em Minas Gerais, pra uma fazenda pra fazer um ritual de ayahuasca, que eu tive uma experiência maravilhosa, que eu fui plantar uma árvore. E aí eu fui lá e plantei uma árvore e a árvore está lá até hoje, está florescendo.

Bruno: Você sabe o nome da árvore?

J. Silva: Não sei.

Bruno: O tipo da árvore?

J. Silva: É uma árvore que tem o caule fino né.

Bruno: É uma Ipê?

J. Silva: Ela vai ficar maior, ela vai crescer. Aí eu tive essa experiência de plantar uma árvore...

Bruno: Foi algum tipo pequeno?

J. Silva: É, mas isso é coisa de ritual de humanismo, que tem a ver com coisas da vida, essa coisa toda né de natureza. Aí eu fui lá, peguei a terra, levei... eu plantei ela no meio de um espinheiro, entrei dentro de uma plantação de espinheiro e...

Bruno: Foi em uma fazenda isso?

J. Silva: Uma fazenda.

Bruno: É uma fazenda que recebe visitantes?

J. Silva: É, na verdade é uma fazenda comprada por uma amiga que mora em Minas Gerais.

[...]

Bruno: A pesquisa como você leu lá, e eu acho que é uma coisa que eu não fiz porque eu deixei você falar... e pra mim está sendo uma... experiência muito boa, usando essa metodologia pra ela pesquisa, já fiz várias pesquisas, mas essa metodologia que eu tenho usado tem sido um exercício muito bom porque eu tenho o péssimo hábito de não conseguir ouvir as pessoas. Eu ouço muito menos do que eu falo, então eu estou começando a acostumar... você é a oitava pessoas que eu entrevisto e eu tenho aprendido a ouvir mais as pessoas, fico mais... ouvindo mais, usando mais o meu ouvido, entendeu. Foram algumas coisas que eu aprendi inclusive com Joyce.

J. Silva: Ah que bom.

Bruno: Mas tem sido um exercício muito bom pra mim, então eu deixei você falar, mas só pra apresentar um pouco mais... é uma coisa que eu faço com todo mundo e que eu não fiz com você.

J. Silva: É porque aí eu posso ser mais específico aonde você quer.

Bruno: Não, não, não. Mas eu não quero... não é pra isso. Eu não quero que seja específico em nada. Não dessa forma, tá, porque eu não quero que você fale nada por estímulo que eu te dê. Eu quero usar a sua retrospectiva, entendeu? A sua memória. Mas vamos lá, o foco da minha pesquisa está baseado em experiências de viagens que você tenha feito, que você tenha participado ativamente ou não, diretamente ou não, de algum manejo rural de alguma rotina familiar. "Ah Bruno, não foi uma família, mas foi um hotel fazenda, mas lá teve algum manejo de agricultura ou de animal. Eu tive contato com animal, pra isso ou tive contato com agricultura pra isso", é... o foco da minha pesquisa está baseado na experiência que você teve disso.

Então, você é um cara que já me falou aí que teve contato com o plantio, mas não foi nada voltado a produção especificamente no caso da árvore, né. Mas você chegou a ir a fazendas que tinham produção.

J. Silva: Uhum.

Bruno: É... eu estou mais fundamentado a, inclusive, experiências que tenham acontecido no Estado do Rio de Janeiro. Então você falou que foi em um hotel fazenda em Lumiar, inclusive...

J. Silva: É, mas aí que está, assim, a minha experiência...

Bruno: Mas então, só pra pontuar, eu gostaria só de tentar fechar em algumas propriedades de que você tenha ido que recebe visitantes, não precisa ser turisticamente fundamentada, mas recebe visitantes, né... e que você tenha tido algum tipo de contato. Ou você viu fazendo, ou você fez, ou você mexeu em ferramentas, ou não mexeu, o que aconteceu, tá? E a partir daí eu vou te lançar algumas perguntas... isso que eu estou fazendo com você eu faço com todo mundo, tá?

J. Silva: Uhum.

Bruno: Eu vou lançar algumas perguntas que vão direcionar um pouco a pesquisa. Nenhuma pergunta aqui tem cunho íntimo, nem pessoal, isso aqui não vai ser colocado em nenhuma mídia pública e se eu for pública isso em algum anal científico, algum periódico científico, isso vai ser reduzido pra um artigo. Então muita coisa daqui fica só por narrativa. Então fica despreocupado porque qualquer coisa que você falar aqui, ele é sigiloso, então está registrado inclusive essa minha... se você quiser que eu te mande depois...

J. Silva: Ah pode mandar, eu gosto de escutar minha voz. Agora vamos lá, eu quero só colocar uma coisa pra você. Aí beleza, eu fui lá e plantei esse negócio, quando eu estava lá plantando...

Bruno: Em Bicas?

J. Silva: É, em Bicas lá. Na verdade, apanharam em Bicas. Na verdade, o Condado fica em Maripá. Maripá de Minas, que é essa fazendinha que tem lá. Aí quando eu passei eu vi muito boi, aí os bois entravam dentro da... por exemplo, deixavam a porteira aberta aí os bois entravam, depois saíam, aquela coisa toda. Quando eu fui pra esse lugar em Casimiro de Abreu, no Sana, também tinha muito boi, tinha plantação, plantação de limão, de laranja... aí eu você entrava, você ia onde o boi estava, aquela coisa toda, mas aí foi um hotel fazenda que eu fui.

Bruno: Onde?

J. Silva: No Sana.

Bruno: Aham. Então, nesse hotel fazenda, é... quando foi essa visita lá?

J. Silva: Ah, isso foi há três anos atrás.

Bruno: Tá. Tá ótimo. Nessa do Sana, isso me interessa muito...

J. Silva: Pode perguntar.

Bruno: Nessa ida do Sana, se você por algum acaso, porque aconteceu isso com outras entrevistas também, se por acaso alguma coisa que eu perguntar tem alguma coisa a ver com alguma outra fazenda que você foi, em Minas ou, sei lá, outro Estado, não tem problema...

J. Silva: Eu posso inserir?

Bruno: Inserir, é. É..., mas essa do Sana me interessou. Foi um hotel fazenda que você foi?

J. Silva: Foi hotel fazenda...

Bruno: Não era agricultura familiar? Era um hotel fazenda?

J. Silva: É, com cachoeira dentro, um negócio muito, uma coisa feita pra receber as pessoas.

Bruno: É, aí você tá falando que seria algo mais, vamos dizer assim né?

J. Silva: É, turistificado, mas com uma coisa bem acolhedora. Po, tem que ver o café da manhã, o café da manhã foi a melhor coisa. O café da manhã foi uma coisa maravilhosa.

Bruno: Vamos lá. Nessa do Sana, quais foram as atividades que foram ofertadas na acomodação?

J. Silva: Olha, acomodação...

Bruno: Eu digo assim, na propriedade né.

J. Silva: Guia pra conhecer as cachoeiras, só que a gente resolveu ir sozinho, a gente quis... porque também estou acostumado a fazer trilha, pagar guia... é só pegar o mapinha e ir, aí a gente foi. Pegamos o carro...

Bruno: Tem que ter só cuidado né.

J. Silva: É, não, sim, tem que ter um certo cuidado né. Eu tenho todo um cuidado porque o Marcelo me orientou em como proceder em uma trilha. Por exemplo, você tem que ter condicionamento físico...

Bruno: Lógico.

J. Silva: Por exemplo, o Marcelo, ele tem uma coisa que ele faz e ele me ensinou a fazer, só que eu não faço sem ele.

Bruno: Quem é Marcelo?

J. Silva: Marcelo Aneli que foi aquele que me ensinou a fazer trilha. Ele sobe a carrasqueira com a mão. Eu subi carrasqueira com a mão, eu subi o pico do Grajaú com a mão, sem corda.

Bruno: Você é maluco.

J. Silva: Foi risco, hoje eu não faria mais isso.

Bruno: Mas enfim, voltando lá, quais foram as atividades realizadas lá? Você falou que lá oferecia trilha...

J. Silva: Oferecia trilha, aí tem o café da manhã, tem almoço, aquela coisa... e tem aquela coisa de você conhecer o Sana em si né, a cidade...

Bruno: Tá, mas quanto a plantação e animal, eles ofereciam lá?

J. Silva: Não... na verdade ofereciam, você podia chegar, pegar fruta se quisesse e levar...

Bruno: Você chegou a colher alguma coisa lá?

J. Silva: A Rosana pegou e levou.

Bruno: Tá, mas só..., mas não foi uma atividade feita com grupo, com instrução de como é que funciona o plantio...

J. Silva: Não. Isso ocorreu na Feira da Banana, que eu vou chegar na Feira da Banana.

Bruno: Tá. Então tá. No Lumiar também não teve atividade com animal?

J. Silva: Em Lumiar não, porque Lumiar é aquela coisa, você chegar em Lumiar... na verdade Lumiar...

Bruno: Sana, perdão.

J. Silva: No Sana foi isso.

Bruno: Mas você foi a Lumiar que você falou.

J. Silva: Fui, mas aí é outra viagem.

Bruno: Tá, vai me interessar muito.

J. Silva: Tudo bem, pode perguntar todas, pode perguntar todas. Aí o que que acontece, é... aí o Sana eu fui nas cachoeiras, só que as cachoeiras do Sana eu não mergulhei em quase nenhuma, porque elas são muito fundas e eu não estava muito bom de nadar. E tem uns lugares que tem corda, mas você tem que tomar muito cuidado porque você pode cair ali em qualquer momento. Então assim, por isso que é aquela coisa que eu falei, aquela coisa que você falou do (init) [00:39:09], agora... quando eu chegar nessa parte eu te dou razão. Porque eu chegar assim sem mais nem menos é complicado. É claro que eu vi um monte de (init) [00:39:18] lá, se jogando, caindo na água, nadando... aí tem um negócio lá em Lumiar que tem uma cachoeira que você desce tem a mãe, tem o pai...

Bruno: Aham, conheço. Pai e mãe.

J. Silva: Aí tem a filha, você desce, você entra dentro de um buraco de água e sai... eu não tive essa coragem, né. Porque assim, eu tenho um respeito muito grande com a natureza que eu, assim, eu entendo que a natureza...

Bruno: Não que você precise de coragem, isso é prudência, é diferente.

J. Silva: Não, não. Em Lumiar eu não tive essa oportunidade. Na verdade, fazenda eu fui muito em Minas, né. E em Lumiar eu tive a oportunidade... de entrar, embora eu também já tenha ido em uma fazenda pra entrar em uma cachoeira em Cachoeira de Macacu. Aí eu fui em uma fazenda, eu fui na Samambaia, onde ela nasce. Que foi em Cachoeira de Macacu, aí já não foi em Lumiar.

J. Silva: Não, não. Em Lumiar eu não tive essa oportunidade. Na verdade, fazenda eu fui muito em Minas, né. E em Lumiar eu tive a oportunidade... de entrar, embora eu também já tenha ido em uma fazenda pra entrar em uma cachoeira em Cachoeira de Macacu. Aí eu fui em uma fazenda, eu fui na Samambaia, onde ela nasce. Que foi em Cachoeira de Macacu, aí já não foi em Lumiar.

Bruno: Não tem problema não. Você chegou a ir em propriedade em Cachoeira de Macacu né? Que você falou.

J. Silva: Fui, fui em várias. Eu sempre...

Bruno: Quando você foi em Macacu?

J. Silva: Foi logo na primeira vez que eu fiz em Macacu, no primeiro ritual de ayahuasca que eu fui...

Bruno: Sim, mas em que ano foi isso?

J. Silva: Ah isso foi...

Bruno: Tem dois, três anos mais ou menos?

J. Silva: Ah já faz muitos anos.

Bruno: Quatro?

J. Silva: Eu acho que foi mais, mais de quatro anos. Eu acho que foi há mais de dez anos, eu acho.

Bruno: Mais de dez?

J. Silva: Eu acho que quase mais de dez... Deve ter uns sete anos.

Bruno: A última vez que você foi à Macacu, a última, a mais recente tem quanto tempo?

J. Silva: A última vez que eu fui à Macacu... foi ano passado.

Bruno: Você foi em alguma fazenda lá?

J. Silva: Fazenda não. Eu fui na casa de um amigo.

Bruno: A última vez que você foi em uma fazenda em Macacu?

J. Silva: Fazenda não, sítio.

Bruno: Sítio, é, que seja...

J. Silva: Foi... deixa eu ver... foi nessa primeira vez que eu fui, há sete anos atrás.

Bruno: Só?

J. Silva: Só. Porque assim, as cachoeiras... eu fui no Parque dos Três Picos e as cachoeiras que eu frequento ficam no Parque dos Três Picos, então é meio fazenda...

Bruno: Não era sítio?

J. Silva: É, eu até passei do Parque dos Três Picos, eu fui... entrei em cavernas que tinha aranha, né... aqui no Rio, já fui lá Floresta da Tijuca, fui no Circuito das Grutas, entrei em várias cavernas, onde tinha morcego, né. Várias coisas assim eu fiz.

Bruno: É, mas isso é muito aventura né?

J. Silva: É, na verdade eu sou muito aventura...

Bruno: É.

J. Silva: ... eu sou muito trilha e aventura. Só que assim, porque assim... pra mim é desgostoso chegar em um lugar, e aí pra você fica uma referência pra pessoas que gostam, porque tem muita gente como eu, chegar em um lugar, por exemplo, como Espreado em Maricá.

Bruno: Po, maravilhoso aquele lugar.

J. Silva: Não, não...

Bruno: Sou apaixonado.

J. Silva: ... eu vou ficar decepcionado. Porque tem muita intervenção do ser humano.

Bruno: Tem o que?

J. Silva: Intervenção do ser humano.

Bruno: Ah sim. Não, não, mas eu digo a paisagem de lá é muito linda.

J. Silva: Sim, é bonita.

Bruno: Mas já está bem alterada né.

J. Silva: Eu fui na Cachoeira de São José, a cachoeira é linda, quando eu entrei na cachoeira, quando eu desci pra entrar na cachoeira, aquele negócio... aí vi uma casa, já vi... estou vendo tudo arrumadinho, sabe? Aquilo ali me decepciona. Como ali no Poço Feio, em Lumiar. Quando eu vou no Poço Feio... eu só fui uma vez no Poço

Feio. A única coisa legal no Poço Feio foi fazer... qual o nome daquilo? Que você desce na corda... que amarra uma corda em você e te joga.

Bruno: Bungee jumping?

J. Silva: Não, bungee jumping não, é...

Bruno: Rapel?

J. Silva: Rapel não, é um negócio que você desce... Tirolesa. Eu fiz tirolesa no Parque da Catacumba, que eu fiz arvorismo com a Rosana que foi na lagoa. Aí beleza...

Bruno: Eu conheço o dono de lá. O Rafael e a Mariana, eu conheço eles.

J. Silva: Adoro. Adoro aquilo lá.

Bruno: Foi lá em Boaventura né?

J. Silva: Isso.

Bruno: Lá em Boaventura eu conheço.

J. Silva: Aí o que que acontece, lá foi legal... a única coisa que foi legal no Poço Feio foi isso... só que também é bom ter uma cachoeira adaptada pra criança. Porque o Poço Feio é adaptado, por exemplo, você pode levar sua filha na cachoeira tranquilamente no Poço Feio. Pode chegar lá no Poço Feio, aí atrás tem o Campo do Barbudo, dá pra montar a barraca, ficar lá...

Bruno: Entendi.

J. Silva: ... ir no Poço Feio, ficar ali curtindo numa boa, entendeu.

Bruno: Vamos lá, nas fazendas que você foi em Minas já...

J. Silva: Agora vamos pra Minas, vamos pra Minas...

Bruno: Não, vou ter que voltar pra Minas porque é o seguinte, a minha pesquisa é sobre atividades rurais, tem que ser rural.

J. Silva: Tá.

Bruno: Então assim, pra mim apesar de você ter já consumido aqui no Rio de Janeiro, eu não vou descartar isso aqui, mas eu preciso de informações de Minas.

J. Silva: Dependendo da pergunta você tem, eu vou poder trazer o material necessário.

Bruno: Não precisa. Não precisa se preocupar com isso não, fica tranquilo. Quais foram as atividades rurais que você realizou em Minas Gerais? Nas fazendas de Minas Gerais. Você já falou que você foi em Bicas, qual foi a outra cidade que você foi em Minas? Bicas, Delfinópolis, o que mais?

J. Silva: Bicas, Delfinópolis... não, mas aí assim, atividades rurais basicamente foi em Delfinópolis. E nos distritos de Delfinópolis. Porque Delfinópolis é uma cidade pequena, só que o município de Delfinópolis é grande, você tá me entendendo?

Bruno: Você tem nome de alguma propriedade lá? Nome de algum sítio lá que você lembre?

J. Silva: Ah, eu fui no Vale da Gurita.

Bruno: Vale da Gurita?

J. Silva: No Vale da Gurita que é um distrito que tem dentro, que tem vários sítios. E aí eu fui em um aniversário, né, e aí teve sanfona, teve um monte de coisa lá. E tinha várias cachoeiras ali atrás. Tinha várias cachoeiras...

Bruno: Tá, mas e quanto à questão de atividades rurais?

J. Silva: Atividade rural basicamente foi quando eu fui fotografar as pesquisas de campo da Feira da Banana. Que foi basicamente o seguinte, eu tive que...

Bruno: Você foi lá ver como que é feita a banana...

J. Silva: Exatamente. Eu fui ver como que é toda feita a banana, eu tive...

Bruno: A plantada, como que é...

J. Silva: Eu cansei de ver... hoje eu vejo uma banana na minha frente... eu já sei que banana é, né. Que a banana maçã, banana d'água, banana... aí tem se ela é híbrida... hoje eu descobri que a banana maçã é híbrida. É uma híbrida, né.

Bruno: A gente chama de enxerto.

J. Silva: É... a banana prata... ela é, p****, entendeu...

Bruno: Como se fosse enxerto. Vamos lá...

J. Silva: E que o bom pra produzir...

Bruno: Então, basicamente o que você fez de atividade rural foi, você participou de plantio e da colhida da banana.

J. Silva: É, participei de plantio. Agora vamos lá, aqui ó, aí eu fui e tirei várias fotos... Caules né, que cortam das bananas que foram... Rancho Liota...

Bruno: É, isso aqui é o que fica na... é o que segura o cacho.

J. Silva: Isso.

Bruno: A gente chama lá, é o tronco da penca. Rancho Liota é um dos lugares que você foi?

J. Silva: Isso. Rancho Liota que eu fui, foi o primeiro.

Bruno: Foi pra visita?

J. Silva: Não, não, não. É, a primeira visita de campo. Esse aqui foi meu primeiro dia de trabalho como fotógrafo.

Bruno: Não, tudo bem. Mas o Rancho Liota é um lugar que recebe pessoas?

J. Silva: Isso. Recebe pessoas em relação a plantação da banana. Quando tem Feira da Banana. Essa Feira da Banana foi a primeira Feira da Banana que foi feita de Delfinópolis que foi feita no passado.

Bruno: E as pessoas lá tem direito de saber como que a banana é plantada, as pessoas têm acesso a...

J. Silva: Tem porque o carro que leva os negócios né, que corta...

Bruno: Sim, sim, mas os visitantes têm acesso a plantação e colheita?

J. Silva: Quando tem feira sim. Geralmente quando ocorre a feira, aí eu posso chegar lá, vamos supor, quero investir em banana, aí eu posso chegar lá, trocar uma ideia, vou comprar umas terras lá, quero plantar banana. Eu serei levado até lá pra plantar, entendeu? Inclusive minhas fotos foram até usadas em... em programas de televisão, né.

Bruno: Que legal, cara. Foto de plantio?

J. Silva: Foto de plantio, tá até na minha fanpage, você pode até olhar lá. Aqui o cacho já foi retirado, né. Eles tiram o cacho e colocam naquele carro.

Bruno: Sim, sim.

J. Silva: Aqui o negócio onde lava a banana, né. Onde joga a banana pra lavar, né. Quer dizer, várias atividades... onde pesa, né. O trator, né, aí eu fui e comecei a fotografar tudo. Aqui o trator né... aí assim, eu fui nos stands, fotografar os stands, que eu tinha que fotografar os stands também da feira. Aí fotografei os stands, eu registrei toda a Feira da Banana, né. Aí eu fui contratado pela amiga da Marcela que é fazendeira, né, e aí eu...

Bruno: Essa viagem a Delfinópolis foi quando? Desculpa...

J. Silva: Ano passado, junho do ano passado. É a mais recente viagem que eu fiz. Fiquei um mês lá. [...] Aqui é o pessoal de trabalho de campo.

Bruno: Essa galera é quem?

J. Silva: São produtores de banana que vieram do Brasil inteiro pra participar da Feira da Banana e pessoas que tem plantações que tem fazendas e que estão trabalhando com isso, com o manejo da banana. É, esse camarada aqui ele é o dono da fazenda, eu esqueci o nome dele... Celi, eu acho. Ele explicando, estava explicando como que é feito lá no rancho dele essa banana. Como é que ele prepara essa banana.

Bruno: Essa visita técnica então é...

J. Silva: É uma visita técnica de todas as áreas.

Bruno: Sobre o cultivo...

J. Silva: O cultivo da banana, isso aí.

Bruno: Po, que interessante.

J. Silva: Aí eu fui pra lá... aqui, ó. Esse aqui é o esposo de uma amiga da Marcela, que também tem uma fazenda, fazenda antiga, sabe aquela fazenda antigona? Ele reformou... ele é filho, né, de fazendeiro. Ele também tem plantação de banana, só que ele prefere deixar a banana, ele tem uma seguinte mentalidade... ele prefere não interferir na banana. Ele prefere não ir ficar fazendo um monte de coisa com a banana. Ele tem banana nas terras dele, tem frutas, tem coisas que ele planta, ele está querendo entrar nessa coisa da banana, mas ele ficava meio receoso de ficar gastando tanto com agrotóxico. Porque ele tem a seguinte mentalidade, a banana, se você deixar plantar uma banana em um lugar e deixar lá e não ficar indo muito lá, não pisar muito o pé, você não fica atraindo praga pro lugar... e aí não dá praga na banana, a banana fica boazinha e fica lá no canto e você não interfere.

Bruno: Mas aí você também não come a banana.

J. Silva: Não, não, a banana deu... você viu de longe que deu, você vai lá, pega a banana...

Bruno: E vai embora.

J. Silva: E traz. Porque assim, se não fica como na Austrália. Na Austrália os caras têm que colocar aquela roupa de risco biológico pra entrar na plantação de banana.

Bruno: Sim. Mas com isso evita de usar...

J. Silva: Inclusive a Austrália está ganhando...

Bruno: ... química.

J. Silva: ... em termos de qualidade, do Brasil em relação a isso. Porque a gente é muito desorganizado, aí a Feira da Banana trouxe vários especialistas em pragas, inclusive um cara, acho que ele é cubano, um cara careca, cubano... o cara entende tudo de banana, né. Aí ele foi e deu palestras, né. Aí o que que a gente fez... eu estou lá fotografando essa galera... aqui ó, esses aqui são fazendeiros, entendeu. Aqui, esse aqui veio de longe, veio acho que de outro... acho que veio do Nordeste, alguma coisa assim. Aí quer dizer, essa aqui é uma palestrante. Ela veio explicar como que é o cultivo de banana no Sul, em Santa Catarina. Ela é catarinense, e aí explicando o tipo de banana do Sul do Brasil.

Bruno: Interessante.

J. Silva: Esse aqui ó, que acho que é Embrapa, Associação dos Produtores de Banana Abrage de Delfinópolis. Aí a camisa do negócio. Aí esse aqui que estava dando a aula, que é o Celi, que era o dono do Rancho.

Bruno: O Rancho... como que é o nome?

J. Silva: Liota. [...] Ó, a banana... eu peguei umas que não tivessem tantas pragas, está vendo. Essa aqui já tá com um pouco praguinha, ó.

Bruno: Sim, sim, sim.

J. Silva: Entendeu. Essa era uma aula de pragas, estava explicando como que... aí eu tive que fotografar algumas com pragas. Aí onde tem a água pra molhar, né, aquele negócio de...

Bruno: Irrigação.

J. Silva: Irrigação. Não, a banana quanto mais irrigada, mais ela cresce.

Bruno: Lógico.

J. Silva: Se você irrigar...

Bruno: Porque ela é uma folha, ela não é uma árvore. A banana não é uma árvore, ela é uma folha.

J. Silva: A banana, ela chega até metade desse poste. Se ela for bem irrigada. Tem que ser muito bem irrigada. Tem que ter um processo de irrigação constante pra ela crescer, né. A gente não sabia disso, plantava banana e deixava lá e não molhava tanto. Minha mãe começou a molhar, a banana está enorme. Está maior do que a casa da vizinha, lá em casa. Aqui ó, está vendo, o pessoal... aí ele começou a dar a palestra explicando, né.

Bruno: Deixa eu te falar um negócio, quantas vezes você já fez esse tipo de atividade?

J. Silva: Han?

Bruno: Esse tipo de atividade.

J. Silva: Esse tipo de atividade eu fiz durante três dias.

Bruno: Sim, mas você chegou a repetir algumas vezes? Ou foi a única vez que você fez? Eu sei que você foi como fotógrafo, mas você participou do plantio. Você chegou a fazer isso mais alguma vez? Ou foi só uma vez só?

J. Silva: Eu fiz umas... pera aí, não. Foi só essa vez só. Que foi o final de semana da Feira da Banana, aí eu fiquei a semana toda com eles, indo pra lugares com eles, né...

Bruno: Uhum.

J. Silva: Esse aqui foi o primeiro dia, eu acho... é, esse aqui foi só o primeiro dia. Porque aqui, eu não fui só nessa fazenda, eu fui em outras. Eu fui em uma que era...

Bruno: Você foi só a trabalho ou você teve momento seu de lazer lá na fazenda?

J. Silva: Não, teve... aqui tem um momento de lazer que a gente comeu um monte de coisa, fez um café da manhã, ficamos lá bebendo, conversando.

Bruno: Mas aí foi um momento seu de lazer, você não estava trabalhando ainda?

J. Silva: Não, eu estava trabalhando e comendo ao mesmo tempo, né.

Bruno: Sim, mas teve algum momento de lazer?

J. Silva: Lazer meu?

Bruno: É. Lá, nesse tempo. Que chegou e falou assim "olha J. Silva, você está com tempo livre..."

J. Silva: É, não, ali não porque eu estava de certa forma trabalhando, né... aqui ó, o cara especializado em banana...

Bruno: Você recebeu pra fazer?

J. Silva: Sim, recebi cara. Recebi.

Bruno: Deixa eu te falar um negócio... na verdade, você não escolheu fazer a atividade então? Escolheu você?

J. Silva: Não, na verdade me escolheram para fotografar, porque eu queria fotografar e eu precisava de um portfólio.

Bruno: Tudo bem, mas como é que se deu a escolha então de você visitar a área rural?

J. Silva: Na área rural, na verdade, assim, como eu ia fazer a Feira da Banana, eu tinha que fazer o trabalho de campo...

Bruno: Tudo bem, mas você pegou quando estava lá?

J. Silva: Quando estava lá, quando eu viajei pra lá a lazer, pra ficar um mês lá com a Marcela...

Bruno: Então, excelente. A pergunta é, como se deu a escolha de ir para Delfinópolis?

J. Silva: Como se deu a escolha para ir para Delfinópolis?

Bruno: Isso.

J. Silva: Ah, se deu com o interesse mesmo de estar com a Marcela, de ficar um mês lá com ela, de... e aí automaticamente, como a Marcela tem muitos contatos, eu fiz um casamento em uma pousada e acabei fazendo...

Bruno: Entendi.

J. Silva: Aí acabou pintando isso.

Bruno: O interesse de fazer a atividade do agroturismo...

J. Silva: É, na verdade eu queria conhecer. Porque assim, meu interesse é na fotografia, por assim, quando mais você fotografa... quer dizer, eu posso hoje, se eu quiser, fazer uma exposição só de plantação de banana.

Bruno: Então seu interesse foi só profissional?

J. Silva: Profissional.

Bruno: Você não teve interesse pessoal em...

J. Silva: Não, pessoal em estar com a Marcela.

Bruno: Mas a minha pesquisa, ô cara pálida, é sobre o agroturismo.

J. Silva: Isso.

Bruno: Sobre o turismo rural. Teve interesse seu no turismo rural? No agroturismo, na atividade?

J. Silva: Tudo, tudo. Teve... na verdade, agora que eu estou entendendo a sua pergunta, na verdade eu me interessei por tudo. Porque eu sou apaixonado por visitar área rural, visitar a natureza, entrar em contato com a natureza, tá me entendendo? Então, assim, pra mim, conhecer qualquer coisa nova na natureza pra mim é maravilhoso.

Bruno: Entendi.

J. Silva: Por exemplo, se eu vou em uma cachoeira e vejo uma aranha, eu fotografo. Você tá entendendo o que eu estou querendo dizer? É um interesse nesse sentido.

Bruno: O que que você imaginava... você disse que foi a primeira vez que você viu um plantio de banana desse jeito, com esse cuidado, com... o que que você imaginava antes de chegar na roça? Antes de chegar na produção? O que que você imaginava? Sua expectativa, qual era?

J. Silva: Olha, eu imaginava... que eu ia fotografar, mas que eu não ia andar tanto. Porque você anda à beça, porque a produção é muito grande. Aí você vê onde a banana... aí tem umas fotos aqui que eu vou te mostrar, da banana pequenininha, do espaço sem nada, sendo preparado pro plantio da banana e tem outros que a banana já está um pouquinho maior e tem outros que a banana já está enorme.

Bruno: Tudo isso você não imaginava?

J. Silva: Eu não imaginava, eu pensei que eu ia chegar e ver o pessoal plantando banana... aí eu provei da banana, comi da banana, né.

Bruno: Po, as fotos estão muito boas, cara. As fotos são muito boas.

J. Silva: Aqui ó, a bananinha pequena. Aí ele explicando a banana pequena. Aí teve essa plantação dessa banana, aí fizemos lá e tal, aí eu fotografando...

Bruno: Depois eu quero falar com você mesmo o que que você aprendeu lá porque eu tenho muitas dúvidas de plantio de banana. Tem algumas coisas que eu não faço certo.

J. Silva: Olha, primeiro você tem que pegar uma terra...

Bruno: Porque a gente depende muito, assim, é muito fácil você entender a banana se procriando onde já tem banana, porque ela meio que se procria sozinha né, você pega e já tá nascendo uma embaixo já, tem uma desenvolvida embaixo.

J. Silva: O solo tem que estar limpo, tem que estar úmido...

Bruno: Como é que se planta a primeira banana, entendeu?

J. Silva: Aham... Olha, pra plantar a primeira banana não é tão difícil, o negócio é você arrumar uma boa muda, né...

Bruno: De onde tira a muda?

J. Silva: Ah cara...

Bruno: Você arranca do chão da...

J. Silva: É, do chão. Aí você tem que ver, aí tem um lance lá de filha, neta, você não pode interferir ali porque senão você atrapalha...

Bruno: Sim, tem que ser a última, a mais nova.

J. Silva: A última, aí você pega e bota. Aí essa neta vai ser a vó da outra que vai nascer... porque aí vem... você planta a primeira banana, aí nasce, aí ela fica lá enorme, aí depois vem a filha dela...

Bruno: Aham, isso aí.

J. Silva: ... aí depois vem a neta, aí depois vem a... entende? Aí vem vindo.

Bruno: Você a cava a "arvore" e você sabe a idade daquela planta ali.

J. Silva: Isso, isso aí. Tem gente que olha e de olho já descobre. Aí, tá vendo, aí o pessoal dando aula, ele explicando, aí ele mostrando algumas que estão boas e alguma que está com alguma praga, com alguma coisa, entendeu... aí, assim como que é grande. Tem uma que eu fotografei que é enorme. Essa daqui ficou muito boa, essa foto dele, né.

Bruno: Ficou boa mesmo cara.

J. Silva: Agora você pode olhar aqui atrás dele, tá vendo, uma mãe...

Bruno: E uma filha.

J. Silva: ... e uma filha.

Bruno: Aham.

J. Silva: De repente depois vai ter uma neta. Aí essa aqui já vai ser avó, entendeu? Ó lá, uma mãe e uma filha aqui atrás dele, está vendo?

Bruno: Aham.

J. Silva: Aí isso aqui é uma produção que deu praga, aí teve que cortar a avó, a mãe e a filha. Teve que tirar as três, está vendo?

Bruno: Você não imaginava isso antes de ir?

J. Silva: Eu nunca imaginava, eu pensava que era só plantar e esperar amadurar e comer, entendeu.

Bruno: Interessante. A atividade lá que você fez fazia parte da programação?

J. Silva: Da Feira da Banana sim.

Bruno: Já estava na programação.

J. Silva: É na verdade eu, particularmente, eu fiz toda a programação desses produtores rurais, né, porque como eu sou o fotógrafo tinha que estar registrando tudo.

Bruno: É, mas é muito difícil também você separar o olhar de fotógrafo pro olhar de turista, né? Porque você acaba estranhando também.

J. Silva: É, porque assim, ao mesmo tempo que eu fui aproveitar a oportunidade de estar lá, eu aproveitei o máximo que eu pudesse, né. Aí ao mesmo tempo eu ficava naquela situação assim "po, eu estou aqui trabalhando [risos] estou de férias, mas também estou trabalhando", mas também é uma experiência pra mim como fotógrafo, que era necessária. Eu espero poder fazer várias outras dessas no futuro. E eu assim, eu ganhei uma puta experiência pra fazer feira.

Bruno: Imagino.

J. Silva: Hoje se você falar assim pra mim "ó, vai ter uma feira de turismo lá pra fazer"...

Bruno: Em São Paulo, eu vou ter uma agora em setembro, vou levar os alunos.

J. Silva: Pode me levar que como fotógrafo eu vou lá e arrebento. Me contrata que eu vou lá e fotografo tudo. Eu sei fotografar.

Bruno: Bom, é...

J. Silva: Então, vamos lá, é o caminho ó... Olha como é que eles fazem... na fazenda eles tem que, eles fazem um aterrozinho...

Bruno: Lógico.

J. Silva: ... para as pessoas passarem né, nos meios das plantações. Que não é muito bom também... a pessoa ficar...

Bruno: transitando na plantação.

J. Silva: Porque aí eu trago praga. Aqui ó, eu posso trazer praga nisso aqui. Aí fodeu. E aí houve lá... teve uma coisa quase de teoria da conspiração lá que eu achei interessantíssima, que é uma discussão de produtores de, por exemplo, vamos supor, o polo de produtores de banana, vamos supor que alguém queira prejudicar o polo de banana de Delfinópolis... alguém entra lá no solo, traz uma praga, joga... entendeu? Tem umas coisas assim... sabe, disputa de poder, de território, entendeu?

Bruno: Interessantíssimo isso. Você não foi lá por intermédio de nenhum agente né? Você já estava na cidade...

J. Silva: O meu agente era a Marcela. Ah, aqui ó, as bananas nascendo, crescendo.

Bruno: Aham. Não, isso daí eu já vi porque eu fui criado na roça. Ô meu pai, eu estou perguntando só porque lá você aprendeu um monte de coisa nova que provavelmente eu não sei.

J. Silva: Eu não sabia, né. Eu não sabia.

Bruno: Depois a gente tem que falar sobre isso. Você faria de novo?

J. Silva: O tempo todo. Claro.

Bruno: Viajaria inclusive até pra outros tipos de manejo?

J. Silva: Porra, claro que eu viajaria. Não, na verdade isso daí foi uma experiência maravilhosa. E é bom que eu estaria mais perto, né. Mas eu espero ter maior experiência em fotografia pra fazer isso.

Bruno: Vamos lá, quais são as impressões que você teve em se relacionar com esses manejos? Você foi ali, participar do plantio, participar da colheita, botar a mão na terra...

J. Silva: Que a gente não pode tornar o plantar alguma coisa como algo... a gente não pode ser radical. Eu adoro coisa orgânica. Por exemplo, o dia que minha mãe levou tomate orgânico lá pra casa, eu parecia que eu estava no céu comendo tomate. Eu nunca vi o gosto de uma coisa totalmente orgânica, mas eu sei também que não é que o agrotóxico não seja uma coisa desnecessária, quer dizer, "ah tenho ódio a agrotóxico, agrotóxico é uma coisa horrível"... nem sempre é assim, porque tem algumas coisas que são realmente necessárias em termos de produção.

Bruno: É, mas tem uma diferença muito grande J. Silva.

J. Silva: Porque isso está feito em série. Quando é feito em série é complicado, mas vamos pensar em uma agricultura familiar...

Bruno: Isso também é com o celular.

J. Silva: É, isso aqui é uma coisa feita em série.

Bruno: O celular. Sim. O celular sim.

J. Silva: É uma coisa feita pra vender, pra exportar. Mas vamos supor que todo mundo tivesse sua fazendinha, sua casinha, não precisaria de agrotóxico.

Bruno: É verdade.

J. Silva: Não é necessário. Porque é uma coisa que é produzida pra aquele meio, pra aquela família, pra aquelas relações de troca... uma (init) [01:08:26]. As pessoas trocavam as mercadorias, né. "Aí eu faço banana e você faz tomate, aí eu troco um kilo de banana por um kilo de tomate seu"...

Bruno: A plantação de banana lá era agricultura familiar?

J. Silva: Tem pessoas lá que tem fazendas que não produzia a banana, mas que tem plantações de banana...

Bruno: Sim, mas era familiar? Não é latifúndio?

J. Silva: Não é latifúndio. Aqui tem vários peões trabalhando...

Bruno: Não é latifúndio ou é latifúndio? Latifúndio que eu digo assim, monocultura. O cara só tem banana, o cara nem mora lá, o cara... tem funcionários... pra ele aquilo lá é uma empresa, não é uma roça. A relação dele com a terra é...

J. Silva: Em Delfinópolis é mais ou menos as duas coisas, porque...

Bruno: Mas onde você foi, o rancho...

J. Silva: Esse rancho... O Celi....

Bruno: Ele mora...

J. Silva: Não, não, não. Ele tem a casa dele na cidade, são ricos, tem grana... por exemplo, a amiga da Marcela que é plantadora lá de banana, ela tem uma casa no centro de Delfinópolis, que ela mora com a mão, entendeu, ela herdou do pai junto com o irmão, a plantação, a fazenda, e eles tem a fazenda, tem um rancho. O pessoal mora na cidade e tem o rancho. O rancho, que geralmente é pra fazer festa, mas tem a plantação de banana que eles utilizam no rancho.

Bruno: E tem outras culturas também lá?

J. Silva: E tem outras culturas. Mas tem gente que não importa banana, como esse cara que eu te falei. Ele tem plantação de banana dentro da fazenda dele...

Bruno: Só vende ali?

J. Silva: Não, ele usa pra usar em casa.

Bruno: Só pra ele?

J. Silva: A banana cai, estraga... ele deixa lá. "Ah eu quero banana" eu vou lá e pego uma banana pra mim. "Ah eu plantei um tomate", aí eles compartilham... "ah um dia desse você estava plantando tomate"...

Bruno: Aí então só voltando na pergunta, a impressão que você tem...

J. Silva: Tenho a impressão que tem... tem pessoas que ganham dinheiro com banana, que exportam a banana pra fora, que aí vem os caminhões lá, entram na balsa, pegam aqueles caminhões enormes de banana, levam, entendeu... e tem aquelas pessoas que tem um simples rancho que planta as próprias coisas, como foi a primeira vez que eu fui lá, que eu fui em uma fazenda que tinha plantação de tudo.

Bruno: Tá. Tenta voltar a memória agora no momento que você estava lá naquela fazenda e qual foi... tenta me descrever qual foi a sensação que você teve de ver o cuidado com um produto da terra, que no caso foi a banana. Qual a sensação que você teve em ver o cuidado, o lido com a banana?

J. Silva: Olha, eu achei uma coisa bonita que eles fazem né...

Bruno: Como você se sentiu na hora?

J. Silva: Eu me senti muito feliz porque eu achei bonito demais, uma coisa legal. Mas só que ao mesmo tempo também uma necessidade muito grande de uma parte dessa turma que tem dois tipos ali. Tem aquela pessoa que gosta disso, como, por exemplo, seu Pedro, que é o pai da Marcela, que trabalha com isso, que faz por amor, entendeu, que controla aqueles peões ali por amor, gosta de trabalhar...

Bruno: Mas ele é matuto né?

J. Silva: É matuto. Bonezinho... aquela coisa toda. Tomar a pingazinha dele, aquela coisa toda. E existe aquela pessoa que ganha dinheiro com isso. Que vai lá, dá a ordem na peãozada e quer ganhar dinheiro.

Bruno: Perfeito, cara.

J. Silva: Ambos, e todo mundo ali disputando pra conduzir uma banana de qualidade dentro do próprio polo produtor de banana. E tem aquelas pessoas, e aí eles vão aprender com o pessoal de fora, que aí vem o pessoal de Santa Catarina, porque lá é muito mais úmido né... Sul né, aí tem aquela coisa... aí explica, aí o outro polo já foi lá dar palestram que foi essa mulher né. Aí teve a festa da banana a noite, que aí foi um momento de lazer da cidade.

Bruno: Uhum.

J. Silva: Aqui ó, ele explicando a planta da banana, né, isso na própria...

Bruno: Que legal em cara. Po, as fotos estão muito boas, cara.

J. Silva: Aqui ó, aqui ela é pequenininha.

Bruno: Cara, isso vai ficar o mundo.

J. Silva: Aí ele trouxe a banana, aí ele trouxe um tipo de banana maçã híbrida, isso foi outra palestra, que foi aquela outra palestra que estava um monte de cara, aí ele trouxe um tipo de banana híbrida que é produzida nessa fazenda. Só que esse tipo de banana, ele estava explicando, que esse tipo de banana é um tipo de banana que

ela não é tão vendável por ser híbrida do que a banana que está todo mundo acostumado, que é a prata. Porque lá produzem mais a banana prata, dita prata né. Banana da terra.

Bruno: Não, banana da terra é uma coisa, prata é outra.

J. Silva: É, tem a banana da terra e tem essa aqui que...

Bruno: Banana d'água...

J. Silva: Banana d'água não tem lá. Banana d'água eu acho que é muito aqui no Rio de Janeiro.

Bruno: É.

J. Silva: Aqui que a gente tem banana d'água.

Bruno: Na encosta, na Bahia, ali na...

J. Silva: Essa banana vai muito pra São Paulo.

Bruno: Ali na Região dos Lagos também.

J. Silva: Essa banana abastece muito São Paulo, Ribeirão Preto...

Bruno: Banana nanica, não?

J. Silva: É, essa banana...

Bruno: Maçã?

J. Silva: É, a banana prata. A banana maçã eles até importam, só que assim, o custo pra fazer a banana maçã é maior e o preço é complicado, entendeu? Esse tipo de banana. Aí, quer dizer, aí a gente foi e provou e banana, aí eu aproveitei que eu estava, né... fiz a festa né. Peguei, comi pra cacete... As pessoas gostam da banana assim né, só que isso eles deixam a banana ficar assim pra ficar o gosto palatável do público que vai comprar banana no sacolão, entendeu? [...] Esse cara, ele estava ali tentando explicar isso, mas ao mesmo tempo tendo que vender, aquela coisa da... esse tipo de manejo que também tem, de fazer banana híbrida.

Bruno: Que legal, cara. Você aprendeu lá como é que faz?

J. Silva: Não, na verdade assim, é aquela coisa de pegar a muda... porque ali, eles estão ali discutindo "ah, eu vou pegar a muda dessa eu vou tentar essa aqui", porque de repente a pessoa tem o tipo de terra que dá certo. E aí?

Bruno: Ah, lógico. Não, mas eu digo você lá teve noção de como é que faz a híbrida?

J. Silva: É, é, ele estava explicando a híbrida. A mistura, né.

Bruno: É por enxertia, cara? Só por uma curiosidade paralela. É por enxertia, por enxerto que eles fazem?

J. Silva: Enxerto, o que que você diria como enxerto?

Bruno: Enxerto é quando você pega uma parte... eu acho difícil fazer porque enxerto se faz muito com árvore né e a banana não é uma árvore né, é uma planta. Enxerto você faz um T em um caule, tipo assim ó, moral da história, vamos dizer assim, isso aqui é uma planta né, ela vai ser a mãe, a matriz, aí essa aqui é a que vai ser colocada no enxerto, você faz um T, você pega um... o estilete, aí faz um T, abre o caule aqui assim e aqui que você cortou igual uma fenda, você coloca aqui e amarra com uma fita. Aí depois que essa aqui começou a dar folha nova você corta fora essa...

J. Silva: Não, não, eles não fazem isso lá não.

Bruno: Não, isso é um tipo de enxerto...

J. Silva: É um tipo, é um tipo de enxerto.

Bruno: Você tem enxerto de tronco, que você abre o tronco e planta dentro do tronco, entendeu. Essa hibridização é possivelmente feita por uma outra.

J. Silva: Não, sim, sim. É porque eles já pegaram a muda, já pegaram a coisa já feita.

Bruno: Já enxertada?

J. Silva: Já enxertada, claro.

Bruno: Já hibridizada.

J. Silva: Exatamente. Agora você chegou onde que queria dizer. Aí está vendo aí, ele dando a palestra lá né... aí a gente foi, depois a gente pegou o carro e foi pra outros lugares, foi pra outra fazenda que é onde teve o café da manhã e aí mostrou como é que eles fazem pra pegar a banana e botar na caixa. Aquela caixa de madeira que bota banana pra levar para os ceasas da vida, né. Aí eu aproveitei e saí fotografando tudo. Aí o peão né, cortando a banana, eu fui e fotografei.

Bruno: Mas ele sorriu?

J. Silva: É, ele sorriu.

Bruno: Ah, babaca. Ele não era pra ter sorrido.

J. Silva: Entendeu, é. Aí ele foi... o trator, o pessoal passando de trator... eu fui aproveitando.

Bruno: Po, ficou parecendo até revista do Globo Rural.

J. Silva: É, mas eu queria trazer um... porque, po, eu nunca tive essa experiência, vamos né, né... aí olha só, cortada né, tiraram os caules né pra botar. Aí legal, aí esse lugar...

Bruno: O que eles fazem com isso aqui cara?

J. Silva: Na verdade eles cortam isso daqui, por exemplo, a banana...

Bruno: O que eles fazem com esse...

J. Silva: Ah, isso aqui eu acho que eles...

Bruno: Porque isso aí não dá pra fazer nada com isso aí né?

J. Silva: É, eu acho que eles deixam em cima e depois eles jogam fora, eles enterram, eu acho, pra poder dar uma...

Bruno: Fazer luma, sei lá?

J. Silva: É, isso aí. Aí isso aqui é um negócio melhor do que na outra fazenda do Celi. Aí onde pendura as bananas.

Bruno: Isso é outra fazenda?

J. Silva: É, outro rancho é.

Bruno: Sabe o nome dele, não?

J. Silva: Não, não. É vizinho do dele, né.

Bruno: Tá. Mas como é o nome da região lá que você falou? É Vale do...?

J. Silva: Não, não, esse daqui não é o Vale da Gurita não. Vale da Gurita foi a festa do Vale da Gurita em outra situação, que é onde faz o queijo, o queijo canastra de Delfinópolis.

Bruno: Tá.

J. Silva: Que é o melhor queijo que tem, que é o queijo do Vale da Gurita.

Bruno: Então, essa região desses ranchos aí, você tem o nome desse distrito não né?

J. Silva: Não, isso aí é Delfinópolis mesmo.

Bruno: Ah, tá.

J. Silva: É dentro da sede...

Bruno: Na parte sede?

J. Silva: É. É aquilo que eu estava te falando no início, Delfinópolis é um município muito grande, é a entrada da Serra da Canastra.

Bruno: Aham.

J. Silva: Por balsa.

Bruno: Isso.

J. Silva: Tá, que aí você pode ir pra São Roque de Minas e pra outros caminhos lá de cima Minas. Mas eu vim por São Paulo. Aí eu fui, tem a cidadezinha de Delfinópolis e tem...

Bruno: Putz, cara por que (init) [01:19:00]

J. Silva: Não, e lá é barato pra comprar casal, uma coisa incrível.

Bruno: Não, é pra levar o turista.

J. Silva: Sim, sim. Não, maravilhoso. Aí assim, aí tem o... o problema é que o custo de viagem daqui pra lá é caro.

Bruno: O transporte?

J. Silva: O transporte é caro.

Bruno: Não, você ainda vai me dar, você ainda vai me dar o caminho disso aí depois.

J. Silva: Aí o que que acontece, é enorme. Aí como Delfinópolis é tão grande em termos de terra, de coisas assim, também tem distritos e tem esse distrito né que é o Vale da Gurita, que é onde faz o queijo. Faz o grande queijo canastra de Delfinópolis. Porque tem o queijo de São Roque de Minas, que ganhou prêmio de melhor queijo do mundo, né...

Bruno: São Roque de Minas é o que?

J. Silva: O queijo de São Roque de Minas ganhou o melhor prêmio de selo canastra. Por ser um canastra abrange Delfinópolis e abrange São Roque de Minas. O cara que criou o selo de qualidade do canastra, ele deu uma palestra pessoalmente. Ele é de São Roque de Minas. Onde o queijo ganhou o prêmio de melhor queijo. [...] Aí eles cortam a banana pra saber, pra no período tal tirar...

Bruno: O símbolo né o que?

J. Silva: É uma marca...

Bruno: Código 5+?

J. Silva: É, 5+. Pra você saber aonde você vai cortar, aquela coisa toda, é tudo feito em série. Tem algumas bananas, passando pela estrada eu vi uma coisa incrível, as bananas ensacadas, pra não dar praga.

Bruno: Sim. Saco de seda.

J. Silva: Bota aquele sacão, entendeu. Vários tipos de saco você pode usar, né. Aí vamos lá, aqui ó o cara cortando. Aqui ó, aí onde mora, olha que tanque melhor. Esse tanque é muito melhor que o outro que eu te mostrei.

Bruno: Tanque?

J. Silva: Tanque pra poder molhar a banana. Deixar a banana molhada pra você botar depois aquele negócio de...

Bruno: Ah, lavada né?

J. Silva: Aqui eu tirei as melhores fotos, olha que foto maneira. [...] Aí aqui eu peguei o cara tirando a banana, aí as caixas, está vendo? Pra ir pro Ceasa. Olha isso, como que ela é. Bota um negócio tipo um couro, né. Porque lá é perto de Ribeirão Preto, o maior produtor de couro...

Bruno: de couro do Brasil.

J. Silva: Aí eles botam tipo em um saco, né. E isso aqui é o que sobrou. Só isso daqui é sobra. Só a sobra que aí eles vendem em outro lugar.

Bruno: Deixa eu continuar aqui...

J. Silva: Aqui, olha... você vê que cada um é um tipo de caixa. Tem um povo que fala tipo assim "ah eu quero em uma caixa de plástico", o cara coloca naquela caixa de plástico bonitinha.

Bruno: Po cara, tinha uma do...

J. Silva: "Ah, eu quero na de madeira, eu quero na de não sei das quantas"... você está entendendo? Tudo pra dar um caráter diferente. Só que isso aqui tudo... recebeu agrotóxico. Então não adianta vir com papinho de que tá na caixa de madeira é organicozinho, bonitinho porque não é, está entendendo? Tem muita coisa que se faz passar por orgânico...

Bruno: E não é orgânico.

J. Silva: Aqui, esse aqui que eu adorei de fotografar isso...

Bruno: Não, o orgânico não é só um conceito, o orgânico é todo um meio de produção, entendeu.

J. Silva: Aí aqui... ah achei ela, essa aqui que é a...

Bruno: A amiga.

J. Silva: A amiga da Marcella que eu contratei. Aí tem a festa da banana... Feira da Banana né, aí ela foi e tirou... Letícia, lembrei o nome dela. Letícia. A Letícia é uma fazendeira né, ela herdou uma fazenda do pai dela. Aí ficamos lá, comemos pão de queijo pra caraca... aqui, olha, descendentes de orientais que vieram pro Brasil, compraram terra... Pra você ver como é que a China está botando a mão.

Bruno: China?

J. Silva: É, uma coisa de oriental...

Bruno: Esse daqui é japonês.

J. Silva: É japonês, acho que esse aqui é japonês.

Bruno: Japonês, China não é não.

J. Silva: É, é. Eles são descendentes de oriental.

Bruno: Japonês, esse aí é do Japão.

J. Silva: Aí você vê fazendeiros, filhos de fazendeiros. Gente que já trabalha com outro polo de produtor de banana. Aí você vai vendo que tudo tem...

Bruno: Uma perguntinha, essa experiência aí que você teve, eu achei que não ia ser boa, mas está sendo muito legal, melhor do que eu imaginava...

J. Silva: É porque quando você faz a pergunta certa eu posso dar a informação...

Bruno: Não, a gente vai inclusive entendendo a cabeça do entrevistado. Porque as vezes eu faço uma pergunta aqui, pensando em uma coisa e a tua experiência foi diferente.

J. Silva: É, na verdade você está registrando a minha experiência do contato com o interior.

Bruno: Isso. Eu preciso adaptar a pergunta. Quais são as diferenças que você percebeu, e aí resgatando um pouquinho inclusive das áreas rurais, aí eu queria que você fizesse na respostas o comparativo tanto com essas áreas rurais aqui do Rio de Janeiro com as áreas rurais de Minas Gerais também, mas qual é a diferença que você percebe da rotina de vida do campo, pra rotina de vida da cidade? E essas duas diferenças de campo que você viu...

J. Silva: É, mas aí eu vou ser um certo entusiástico do campo, né...

Bruno: Não, responda o que você quiser responder, mas o que que você vê de diferente nas rotinas... porque tem rotina no campo também. O campo também tem rotina.

J. Silva: Sim.

Bruno: Mas como é que é a rotina do cotidiano do campo e da cidade? Qual é a diferença que você, J. Silva, percebe?

J. Silva: Por exemplo, um final de semana na cidade, eu vou ter várias opções de lugares pra ir, no campo não tem muita essa opção, então o que as pessoas fazem... em Delfinópolis, por exemplo, que o pessoal tem grana, as pessoas vão pra casa de alguém fazer uma festinha e tomam um negócio, faz uma galinhada, e faz um, né... vamos pro rancho. Uma vez eu fui com a Marcela, na primeira vez que eu viajei, eu comi carne de carneiro. Melhor carne que eu já comi na vida, uma das melhores. Só não barrou carne de charque que eu comi em Dourados, no casamento do meu irmão que eu fui pra Dourados, lá em... aí eu posso falar da minha experiência... ih, aí já é outra coisa, experiência de viagem pra Bonito e Mato Grosso do Sul também.

Bruno: É, mas lá foi mais ecológico.

J. Silva: É, ecológico, ecológico. Aí assim, eu fui...

ÁUDIO #4 – JACQUES PARTE 2

Bruno: Vamos lá, e aí recapitulando, a pergunta que eu te fiz foi quais as diferenças que você percebe da vida cotidiana...

J. Silva: A diferença da vida do campo pra rural...

Bruno: Do campo pra cidade.

J. Silva: Isso.

Bruno: Do campo pra rural não, da rural pro urbano.

J. Silva: Na verdade a vida muito melhor.

Bruno: Você tinha falado das festas né, que eles fazem festas e tal...

J. Silva: Fazem festas no final de semana, ranchada, aquela coisa toda, principalmente Delfinópolis, porque Delfinópolis, você sair de Delfinópolis pra algum lugar você tem que ir com uma tentativa de carona, né. Porque se você for contar com transporte é uma merda. O sufoco que foi pra chegar em Delfinópolis. Que eu fui pra...

Bruno: Sim, mas você aluga um ônibus e chega tranquilo lá? Você freta um ônibus...

J. Silva: Sim, sim. Por exemplo, eles vêm, eles pegam uma van e vem aqui pra Arraial do Cabo, sabia?

Bruno: Ah, aí é tranquilo. Sim, mas eu estou dizendo assim, a condição da estrada é boa?

J. Silva: Hum... aí que você...

Bruno: Mais ou menos?

J. Silva: Mais ou menos.

Bruno: Entendi. Mas enfim, a pergunta é, qual a diferença do cara que vive, na sua concepção, do cotidiano do cara que vive na roça e de um cara que vive na cidade?

J. Silva: A diferença básica é a questão da qualidade de vida, né. O cara da cidade tem mais coisa, nível de entretenimento, só que, pra mim hoje, o entretenimento é legal? É. Eu sinto muita falta de ir ao teatro, ao cinema? Sim. Só que, por exemplo, no campo eu tenho uma qualidade de vida maravilhosa, né. Porque quem ama a cidade sempre vai ser entusiasta do campo...

Bruno: Você acha que no campo não tem teatro e cinema?

J. Silva: Pode até ter, você pode organizar um evento, por exemplo, tem um amigo meu professor de teatro que ele vai pra uma cidade aí, ele vai, dá aula de teatro lá, entendeu? Mas isso é mais perto aqui, pelo Rio de Janeiro. Por exemplo, a vida de São Pedro da Serra é hiper cultural.

Bruno: É, interior né.

J. Silva: É interiorzão...

Bruno: Rio das Ostras...

J. Silva: É distrito de Friburgo, junto com Lumiar, e chega lá você tem uma vida cultural. Um amigo meu, um dia desses foi lá tocar. Ele, a esposa.

Bruno: Parati também tem museu pra caramba. Eu sei que Parati é mais litorâneo, mas...

J. Silva: Mas Parati já viu um polo cultural, né.

Bruno: É. Gramado, pronto. Gramado é interior, interior, interior e o maior evento de cinema do Brasil é lá.

J. Silva: Exato. Mas aí já é...

Bruno: E tem uma porção de museu lá também, teatro e...

J. Silva: Também, também. É um lugar extremamente... é, rico em termos de você ir pra um lugar e... curtir o ambiente.

Bruno: É, mas no geral você acha então que entretenimento é mais...

J. Silva: Eu, assim, eu hoje, no futuro eu quero dar preferência... no futuro se eu puder morar no interior, ter uma casa no interior eu vou querer, porque assim, eu quero, eu estou preocupado com a qualidade de vida. Porque assim, a cidade, tem hora que eu vejo que a cidade em um ponto é bom, mas ela é chata no outro. Violência, onde tem muita aglomeração de pessoas é complicado. Quando você aglomera muita gente, você também tira a qualidade de vida desse lugar, de certa forma. Muita aglomeração de gente, muita gente, entendeu.

Bruno: No campo é menos aglomerado?

J. Silva: Exato. Menos aglomerado e você tem condição, só que ao mesmo tempo você é dominado pelo tédio e é de assustar. Em Delfinópolis você tem vida cultural sim, você tem... tem um camarada amigo da Marcela que foi lá pra tocar, tem as cachoeiras que você pode ir, se você conhecer alguém da cidade, tiver um bom conhecimento, você sempre vai em galinhadas, em ranchadas, em organizações... eu fui em um aniversário no Vale da Gurita maravilhoso. Tinha tudo quanto é tipo de comida, queijo, é... teve show de sanfoneiro, foi um negócio assim. Só que a canastra fria né.

Bruno: Então, um cara hoje que pega um ônibus, pega um trem, metrô, sei lá, vai pro escritório e um cara que tem que acordar de manhã cedo todo dia, tem que ir pra roça trabalhar pra trabalhar e tal. Os dois tem rotinas, são duas rotinas. Qual é a diferença de uma pra outra, pra você?

J. Silva: A diferença de uma pra outra pra mim vai no fato de que esse cara que vai pra roça, se ele tiver um conhecimento, se ele for um cara matuto, conhecer bem como lidar com a coisa da roça, ele tem uma vida, se ele não for muito explorado também no trabalho né, que aí já vem a exploração do trabalho, porque a exploração do trabalho vai existir tanto no campo quanto na cidade. Tanto no latifúndio quanto dentro da fábrica, a exploração existe, né. Porque no mundo tem os explorados e os

exploradores, né. A questão é como você lida com essa gama de força. [...] Tomei uma cerveja de Ribeirão Preto chamada Beirão, que cerveja gostosa. Tem muitos produtos da região, inclusive eu fotografei esses produtos, né. Queijos, é... tudo dentro da feira.

Bruno: Voltando a esse manejo aí, você conhecia algum deles? Da banana

J. Silva: Eu sou totalmente da cidade.

Bruno: Você não conhecia nada disso?

J. Silva: Nada de plantação. Eu, assim, a primeira experiência que eu tive com planta foi quando eu fui lá pra Maripá de Minas e plantei uma árvore, que você vê que eu não lembro nem o nome.

Bruno: Me fala como é que foi a experiência de participar do trabalho rural nessa área?

J. Silva: Nessa área? Olha, foi bem legal, mas você vê que é ralação. Peão rala, mas aí é que tá, no campo o ar é mais puro, ele adquire um condicionamento físico. Mas ele também fica muito exposto ao sol. E nem tudo, nem todo trabalho de campo tem uma boa infraestrutura, tem trabalho que é precário, entendeu. Tem trabalho que está precarizado, ainda mais agora com essa reforma trabalhista do vampiro, né. Então, por exemplo. O peão tem que usar uma bota pra fazer o manejo com a banana, porque ele não pode ficar entrando em contato com a terra porque ele pode contaminar o lugar, como na Austrália que tem até negócio fechado, né. Parece até aqueles filmes de ficção científica né, aquele risco biológico quando você está entrando em uma plantação de banana e você vê isso. Aí você entra em um lugar desse... você olha, Bruno e assim, é campo, aí você escuta o barulho dos pássaros, é muito gostoso você acordar de manhã em Delfinópolis, abrir a janela e aqueles passarinhos cantando na árvore, né... Estava até dando um surto os escorpiões em Delfinópolis quando eu cheguei lá. A irmã da Marcela tirou um escorpião de dentro do berço onde o bebê estava. Um risco de vida terrível...

Bruno: De morte. Risco de morte.

J. Silva: Foi um risco de morte que a criança teve.

Bruno: Vamos lá, você viajou muito, né?

J. Silva: Sim.

Bruno: Você me contou já que você fez várias viagens. Considerando a ida à roça um tipo de viagem, né, o agroturismo que a gente chama né, o turismo rural que seja, a visita a uma propriedade rural, qual a diferença que você vê entre esse tipo de viagem e os outros tipos de viagens que você já fez?

J. Silva: A viagem pra Delfinópolis com a coisa do rural?

Bruno: Não, o fato de viagens pra turismo rural, quando o destino é uma fazenda, com outros destinos que você já fez? Qual é a diferença que você vê?

J. Silva: A diferença é que você fica muito restrito a um lugar quando vai em uma fazenda. Mas aí você conhece aquele lugar, você foca naquele lugar e aí você faz a pessoa entrar em contato com aquilo ali, você pode até criar atividades, de turismo rural. Pode ser um dia de lido na fazenda.

Bruno: Tu já viajou pra outras cidades grandes? Já viajou pra outras cidades grandes ou só pro interior?

J. Silva: Só pro interior... viajei.

Bruno: Qual é a diferença...

J. Silva: Ah, barulheira. Uma cidade igual a Delfinópolis é tranquila, sossegada, você senta, você vai pra praça de manhã, senta na praça, toma aquele cafezinho com pão de queijo, é uma delícia, entendeu. É maravilhoso. Você vai pra uma festa, compra uma galinha, compra um galeto. Eu fui lá, festa da... esse padroeiro lá de Delfinópolis. Po, festa do santo lá, uma delícia. Eu gravei a Folia de Reis.

Bruno: Poxa vida.

J. Silva: O cara com a roupa né...

Bruno: Muito legal.

J. Silva: Entendeu. Em pleno Ano Novo, no dia seguinte do Ano Novo, porque eu fui pra lá na virada né.

Bruno: Vamos lá. Você atribui...

J. Silva: Eu estou conseguindo responder legal as suas perguntas?

Bruno: Não cara, não se preocupa disso. Não se preocupe quanto a questão de competência das respostas.

J. Silva: Aham.

Bruno: Toda resposta pra mim é válida. É... você atribui alguma mudança de comportamento, alguma mudança de hábito seu, tipo assim "eu mudei e foi por causa da viagem", tem alguma mudança de hábito...

J. Silva: Estava pensando nisso essa semana.

Bruno: Você atribui alguma mudança de hábito por causa da ida na roça, por causa da ida à propriedade rural.

J. Silva: Isso, isso. Mudou, pelo seguinte... porque assim, já tinha aquele interesse filosófico de contato (init) [00:10:05], de contato com a natureza em si, só que depois que você vai pro interior, vê aquela qualidade de vida, vê principalmente aquela natureza maravilhosa, você vê que não compensa pra mim a ida na cidade. O único problema é não ter emprego nesses lugares do interior, porque se tivesse eu já estava lá.

Bruno: Isso é mudança de mentalidade.

J. Silva: É mudança de mentalidade.

Bruno: E mudança de hábito?

J. Silva: Mudança de hábito? Ah, mudou muito. Mudou muito porque dá vontade mais de você fazer as coisas, também. Embora eu já tinha filosoficamente, internamente essa coisa de que, essa independência pra fazer as coisas, fazer uma comida dentro de casa, mas quanto as viagens, eu abri minha mente pra muita coisa. Hoje eu faço de comer, eu cozinho em casa.

Bruno: Você não cozinhava?

J. Silva: Não era muito de cozinhar, hoje eu gosto de fazer as coisas dentro de casa, porque você pega um tino pra independência. Porque assim, se você faz um turismo rural e, por exemplo, "ah hoje a gente vai fazer uma lida, vai mexer com boi, vai fazer com...", isso faz aquela pessoa criança adquirir um sentimento de independência pra poder executar as próprias tarefas de casa.

Bruno: Excelente, excelente. A outra questão é, você falou que sua mãe também tem plantação de banana no sítio né e tal...

J. Silva: Sítio não, lá em casa.

Bruno: Quintal, é.

J. Silva: Po, quem dera se lá em casa fosse um sítio.

Bruno: Teve alguma mudança de hábito quanto à essas plantações?

J. Silva: Eu já olho, já vou lá olhar pra banana ver se ela tá com água.

Bruno: Você não fazia...

J. Silva: Eu nem ligava, não estava nem aí. Hoje eu já sei reconhecer, tem um pé de mamão, "mãe, já colocou água naquele pé de mamão ali?".

Bruno: Ou seja, não é nem só com a banana mais, é com qualquer tipo de plantação?

J. Silva: Qualquer coisa, eu quero mexer com a coisa. E assim, é tão gostoso quando eu mexo com alguma fruta e eu lembro... semana retrasada eu fui comprar banana no mercado né, aí encontrei uma banana. Quando eu olhei que eu botei a mão naquela banana, porra... chega deu saudade. Eu lembrei lá do dia que eu fui. Mas é assim, e aquela vontade de querer ainda assim, eu estou esperando né, me organizando, pra começar a trabalhar e futuramente ganhar dinheiro com isso.

Bruno: Outra coisa, tem alguma coisa que você deixou de fazer? Que você fazia e agora por causa da ida à propriedade rural, você viu o manejo e aquilo te interferiu a deixar de fazer alguma coisa? Que você fazia e falou "poxa, tenho que parar de fazer isso", por exemplo. Algum hábito alimentar, algum hábito de compra... tipo algum produto que você compra e que você não comprava, agora você compra, um produto

que você comprava muito agora você não compra mais... tipos de comida, ou então, é... sei lá, preocupação com a maneira que você consome as coisas lixo, tem alguma coisa assim...

J. Silva: A nível de consumo de busca, de...

Bruno: Ou qualquer outro tipo de coisa, não fecha as portas não...

J. Silva: Eu vou falar assim, como busca de entretenimento. Por exemplo, eu gostava muito de praia...

Bruno: Nunca ninguém me respondeu isso.

J. Silva: Eu gostava muito de praia, quando eu descobri cachoeira, estou nem aí pra praia. "Ah, vamos pra praia?" "Vamos, só porque está calor".

Bruno: Delfinópolis tem muita cachoeira né?

J. Silva: Tem muita cachoeira e tem um rio né, que você falou que lá é o oceano de...

Bruno: É, o Capitólio a gente chama de oceano...

J. Silva: É, aquela área...

Bruno: É o Mar de Minas porque lá não tem mar né.

J. Silva: Eu sei. É, mas ali tem tipo um marzinho, aí eu entrei naquele mar, tem tipo uma praia...

Bruno: É um lago. Aquilo é um lago na verdade, né.

J. Silva: É um lago, mas é fofa. Você pisa o pé, é tudo fofo.

Bruno: Sim, porque é rio.

J. Silva: Muito gostoso.

Bruno: É porque é rio. Deixa eu te falar, é... teve alguma coisa que você... [...] Deixa eu te dizer um negócio, teve alguma coisa que você... perguntei se você deixou de fazer, teve algum hábito que você deixou de fazer, alguma coisa que você deixou de fazer por causa dessa experiência rural? Você não respondeu isso.

J. Silva: Ah sim, eu...

Bruno: Ou não teve nada?

J. Silva: Sim, eu comecei a priorizar mais coisa que tem contato com a natureza do que coisas que tem contato com a cidade. Por exemplo, se alguém me oferecer... entre uma peça de teatro à noite a ir pra uma fazenda de manhã, ir pra uma cachoeira de manhã, eu sou muito mais uma cachoeira de manhã.

Bruno: Caraca, você mudou muito mesmo, porque você sempre... nunca pensaria...

J. Silva: Porque, na verdade, eu concluí o seguinte, Bruno, eu gosto mais de atuar, eu não sou muito de ficar vendo teatro. Eu gosto de estar no palco, você está entendendo?

Bruno: Uhum.

J. Silva: Eu não sou expectador. Expectador eu sou mais de cinema, entendeu? E tem lá um projeto de turismo... de turismo não, de cinema na praça.

Bruno: Uhum.

J. Silva: Que você chega lá em Delfinópolis e está passando... é aquele, ah o pessoal coloca aquele cinema assim pra parede né, joga o cinema assim.

Bruno: Deixa eu te falar, tem mais alguma coisa que você queira comentar sobre a participação na atividade rural, ao manejo? Que você gostaria de comentar, que não foi comentado... quando ao lido, a participação no lido. Nós estamos indo aí já a quase duas horas de entrevista, mas tem alguma coisa que você não falou, que você queria deixar pontuado quanto a... quanto a experiência no campo, né, no interior.

J. Silva: Olha, a única coisa que eu gostaria de deixar pontuado é que... você plantar é você lidar com algo totalmente desconhecido. Porque você tem que conhecer aquela terra pra você plantar e não quer dizer que você vai usar determinado tipo de coisa naquela plantação, naquela banana ou, vou pegar especificamente esse exemplo da banana porque eu vi, que eu tive contato...

Bruno: Lógico, lógico.

J. Silva: Então, quer dizer, não quer dizer que eu vou plantar aqui, vai dar certo essa banana. De repente eu vou ter que colocar algum tipo de agrotóxico ali, ou vou ter que utilizar algum tipo de... não vou precisar utilizar nenhum tipo de agrotóxico, entendeu? É, a comida é muito mais gostosa em termos de... é muito legal, é muito mais gostoso você provar, o que eu gostaria de ressaltar também, é que é muito mais gostoso você provar uma coisa que você vai em uma fazenda e você vê sendo feita do que você comprar uma coisa industrializada, cheia de produto, entendeu? Então assim, na verdade você está entrando em um território desconhecido cheio de experiências novas. Eu acho que é válido se lançar nessa experiência, eu acho que as pessoas precisam de lançar mais, só que não pode ser uma coisa também muito gourmetizada, muito cheio de coisa, cheio de firula, entendeu?

Bruno: Vou te fazer uma pergunta que não estava aqui, mas é só uma curiosidade, só porque você falou da questão do gourmetizado, você falou da questão desse sentido de pertencimento quando você planta, né.

J. Silva: Exatamente.

Bruno: Você chega em um mercado, você vê um pote de manteiga, sei lá... Itambé, né de uma distribuidora normal, e aí você pega o outro pote de manteiga e você lê lá que é de uma cooperativa local. Qual das duas que você compra?

J. Silva: Prefiro usar o... o mesmo exemplo que eu usei do queijo. Uma vez a pessoa chegou pra mim com um queijo e falou assim "aqui, esse queijo aqui é canastra" não,

o queijo era uma cópia da cópia. O canastra eu provei, eu sei como que é o canastra. Então, por exemplo, quando eu vou no supermercado, eu vou comprar alguma coisa, eu sinto falta daquilo que eu já comi que foi original, que foi...

Bruno: Então você compraria a manteiga da cooperativa?

J. Silva: Eu compraria a da cooperativa, mas aí eu já teria que conhecer esse material, porque se eu não conheço eu não vou provar. Por isso que eu estou usando esse exemplo do queijo. Porque assim, hoje quando eu vou comer queijo, eu olho pro queijo e eu vejo aquela coisa industrializada e eu sinto uma falta, sinto uma saudade...

Bruno: E isso é por causa da viagem?

J. Silva: Da viagem, da experiência que eu tive.

Bruno: Concorde que isso é uma mudança de hábito ou não?

J. Silva: É uma mudança de hábito, só que ao mesmo tempo existe um lóbi pra poder enfiar aquela coisa industrializada dentro de você.

Bruno: Não, sim, mas eu digo você, uma mudança de hábito sua.

J. Silva: Minha, minha. De preferência. Porque assim, eu já conheço... se eu conheço o queijo, se eu conheço a banana...

Bruno: Você viu fazendo queijo lá, não?

J. Silva: Na verdade eu botei o queijo pra curar na minha casa, eu arrumei um negócio de madeira pra botar o queijo pra curar.

Bruno: Aqui?

J. Silva: Na minha casa, que eu trouxe o queijo antes de ser curado.

Bruno: Mas em Delfinópolis você viu...

J. Silva: Eu também curei o queijo, eu também curei o queijo.

Bruno: Po, você não falou isso na entrevista.

J. Silva: Bota aí cara.

Bruno: Você participou do manejo com o queijo, com...

J. Silva: O que que acontece, a Marcela trabalha na prefeitura de Delfinópolis, na prefeitura de Delfinópolis ela tem uma amiga que faz o queijo lá no Vale da Gurita. Aí o queijo, quando veio, ele veio antes de ser curado, aí a gente ficava botando queijo pra curar na casa dela e ficava virando o queijo todo dia. Todo dia tem que virar o queijo. Por exemplo, você chega e bota o queijo em cima da mesa, aí o queijo está branco, aí você vira, quando eu trouxe pra cá eu estava curando o queijo dentro do avião. Eu levei ele na minha bolsa de cerveja, deixei aberto, aquele cheiro de avião dentro do... [risos]

Bruno: Mas então, lá você não chegou a fazer o leite desde a, massa... só pegava ele antes...

J. Silva: É, não pegava o queijo já, aí por exemplo, aqui é um pedaço de madeira, tá vendo. Não isso aqui porque isso aqui está envernizado né, tem que ser a madeira mesmo o negócio...

Bruno: Isso você não sabia de fazer antes de ir pra lá?

J. Silva: Não, não sabia nem que o queijo tinha que curar.

Bruno: Não, esse queijo.

J. Silva: Esse queijo.

Bruno: O Grunieri cura, queijo branco cura, o queijo curado né, esse queijo canastra cura, mas o queijo minas, esse branco que a gente chama, também cura, mas o queijo frescal não é curado. Ele leva menos coalha aí...

J. Silva: Aí, por exemplo, está vendo aquele negócio onde tem aqueles bolos, ali? Lá em Delfinópolis tem um negócio que fizeram, um produto, uma casa, um negócio de madeira que você levanta, tipo aquele bolo ali, só que é todo de madeira, aí você bota o queijo, vira, bum, bota. Bota o queijo, vira, bum... aí esses dias eu fui na casa de um amigo meu que ele realmente tinha um queijo canastra, ele é mineiro né, aí eu fui lá na casa dele, pra... aí ele foi e me mostrou o...

Bruno: O queijo.

J. Silva: O queijo dele, aí eu fui comi lá com ele, po queijo canastra. Um negócio assim...

Bruno: Porque não é só a marca né, é como se faz.

J. Silva: Eu estou há um tempo sem viajar, você não imagina como eu estou sentindo falta.

Bruno: Imagino sim, imagino sim.

Entrevista com turistas – M. Pires

Bruno: Então tá. Bom, é... como eu te falei esses, as perguntas são de cunho é... são de cunho, é, vamos falar sobre viagem...

M. Pires: Sim.

Bruno: ... então é um assunto que você vai gostar de falar né...

M. Pires: É.

Bruno: ... eu só queria que você começasse falando um pouco, tipo, seu nome todo, por gentileza.

M. Pires: É, meu nome é M. Pires, nascida aqui em Niterói e a gente gosta muito de viajar.

[silêncio] [00:00:25] a [00:00:31]

Bruno: Hum, estou morrendo de fome.

M. Pires: Imagino.

[silêncio] [00:00:32] a [00:00:42]

Bruno: Você falou que foi à Minas Gerais, né?

M. Pires: Sim, Minas

Bruno: Você lembra qual foi a... qual foi a propriedade que você visitou lá? Ou as propriedades que você visitou...

M. Pires: Bem, nós visitamos lá, é... a Cachoeira das Andorinhas que é um, é como se fosse um parque, né, então você paga pra entrar, lá tem os animais, tem touro; tem avestruz; tem cavalo.

Bruno: Mas é uma propriedade?!

M. Pires: É uma propriedade, né, é uma propriedade. E fomos tam...

Bruno: Você lembra o nome dela, não?

M. Pires: Cachoeira das Andorinhas. Tem muitas cachoeiras, tem trilhas pra você fazer, né. Você aproveita bem. Só que é pago, né, é pago.

Bruno: Lógico.

M. Pires: Sim, é pago. É uma propriedade...

Bruno: Privada.

M. Pires: ... que ela precisa toda de uma manutenção e tem toda uma estrutura de segurança, né, porque são trilhas e tem subidas, então eles têm toda uma estrutura de segurança pra pessoa poder fazer a visitação.

Bruno: Uhum. Não-não limitando, mas aqui no Estado do Rio você foi em alguma propriedade rural já?

M. Pires: Já, já fui.

Bruno: Aonde?

M. Pires: Ah, eu fui ah... assim, propriedade rural propriamente dita não, mas assim, a gente sempre procura pousadas, é..., mais assim, é... aconchegantes...

Bruno: Aham. Mas que fossem rurais não?

M. Pires: Não, não. Rural, rural, não.

Bruno: Aqui no Estado do Rio não?

M. Pires: No Estado do Rio não.

Bruno: Beleza, então vamos voltar à Minas, tá?

M. Pires: Sim.

Bruno: É...

M. Pires: E lá em Alto Caparaó também nós conhecemos a Fazenda de Café, em 2014, 2015, eles ganharam em primeiro lugar como produtoras de café, é... de qualidade né. Toda colheita deles é feita de forma, assim, seletiva mesmo. Com grãos selecionados e eles ganharam como primeiros né. Melhor café do Brasil, né. Café Ninho das Águias.

Bruno: An?

M. Pires: Ninho das Águias.

Bruno: Ninho das Águias.

M. Pires: Fazenda Ninho das Águias, eles exportam pra seis países, França...

Bruno: Vocês viram o manejo do café lá?

M. Pires: Vimos. Vimos o manejo do café...

Bruno: Participaram?

M. Pires: Não, participar não participamos porque não estava na-na-na época da colheita, né, porque a época que nós fomos, os cafezais mais abaixo deles... eles estão a mil metros acima do nível do mar, tá, a Ninho das Águias, então os cafezais que são mais abaixo deles já estavam começando a colher o café, só que eles ainda não estavam no tempo de colher. Tinha que esperar mais um pouquinho porque não bate muito sol, foi a explicação que eles nos deram. Lá na propriedade deles não batia muito sol, então os cafés não estavam tão madurinhos e eles só trabalham com esse café selecionado, só o café maduro, aquele vermelhinho.

Bruno: E produção orgânica, não?

M. Pires: Produção orgânica não.

Bruno: Era com agrotóxico mesmo...

M. Pires: É... eu, sinceramente, eu agora estou em dúvida, mas eu acho que sim. Eu posso tirar essa dúvida depois, posso te passar depois.

Bruno: Não tem problema.

M. Pires: Não tem problema? Porque eu tenho em casa. Eu não sei se eu tenho aqui na minha bolsa, talvez. Eu tenho folders deles, que nós compramos o café e eu estava com o folder deles até pouco tempo na bolsa, eu não sei se ainda tá aqui. Mas...

Bruno: E em Minas Gerais, o que que você viu lá?

[silêncio] [00:03:52] a [00:03:57]

M. Pires: É... sobre...?

[silêncio] [00:04:00] a [00:04:04]

M. Pires: Mas assim, o que?

Bruno: Na Cachoeira das Andorinhas. O que que você viu na propriedade lá?

M. Pires: Ah, a Cachoeira das Andorinhas são as cachoeiras né, trilhas...

Bruno: Sim, mas eu digo de manejo lá

M. Pires: Eles têm, então, eles têm assim, os animais pra você visitar, pra você conhecer, você pode até montar. Eu montei no touro, dei comida pro avestruz...

Bruno: Excelente.

M. Pires: ... o avestruz comeu na minha mão. Eu não sabia que avestruz comia pedra, né, eu dei foi pedra pra ele comer, na verdade. Igual galinha, ele estava me explicando, que a galinha fica beliscando no chão pra ela pegar areia...

Bruno: Sim, grãos.

M. Pires: ... que até o manejo da galinha na granja, eles botam areia junto pra elas ficarem beliscando. Grãos, que é pra ajudar na digestão. Aí ele estava me explicando que aquela é uma pedra, claro que eles compram aquela pedra, bem pequenininha.

Bruno: Bem específica. Isso.

M. Pires: É uma pedra bem pequenininha, né.

Bruno: Exatamente. Ela parece até uma britinha.

M. Pires: Isso. Parece uma britinha... é uma britinha, né, pequenininha, bem pequenininha e o avestruz veio – doidinho né – aí ele comeu na minha mão, o avestruz. E tinha ovas de avestruz, até pra vender e tal e eles têm uma horta também, orgânica.

Bruno: E eles vivem da horta ou vivem do turismo?

M. Pires: Não, eles vivem do turismo lá. Vivem do turismo, né. Da visitação, né, tem o cavalo que você monta no cavalo, pode dar uma voltinha no cavalo, né. Aí montei no cavalo, montei no touro. Só não montei no avestruz [riso].

Bruno: Mas tem gente que faz isso, é.

M. Pires: Só dei a comidinha pro avestruz.

Bruno: Vamos lá. Então as atividades que você realizou em Minas Gerais foi alimentação à avestruz...

M. Pires: Sim.

Bruno: ... aí vamos lembrar...

M. Pires: Montei o touro...

Bruno: ... Você montou o touro...

M. Pires: ... montei o cavalo...

Bruno: ... você alimentou mais algum animal além do avestruz?

M. Pires: Não, só o avestruz.

Bruno: E com vegetal, o que que você fez lá?

M. Pires: Não, com vegetal eu não fiz nada não.

Bruno: Nem colheu?

M. Pires: Não, não, só mesmo fui visitar a horta, só visitei a horta e fui visitar o cafezal, mas eu fiquei com medo de entrar no cafezal, ele até me convidou, porque cafezal tem muita cobra então eu fiquei com muito medo,

Bruno: Uhum. Jararaca.

M. Pires: Eu tenho pavor de cobra, então eu fiquei com medo de entrar, né, lá no cafezal, né. Mas ele foi, mostrou todo o manejo. Explicou como era feita antigamente a secagem do café, que era tudo no terreiro.

Bruno: Isso-isso no Ninho das Águias?

M. Pires: No Ninho das Águias, é, no Ninho das Águias.

Bruno: Então, mas eu estava falando da Cachoeira das Andorinhas ainda.

M. Pires: Ah não, na Cachoeira das Andorinhas só foi mesmo a visitação à horta...

Bruno: Então, nessa horta, você viu alguém manejando a horta, quando você foi?

M. Pires: Não, não. Só, a pessoa estava, só mostrou. Não, acho que não era o horário de mexer.

Bruno: Não chegou nem a dizer como que era o manejo, nem nada?

M. Pires: Não, não, não. Assim, era o caseiro. O rapaz era o caseiro, tomava conta da-da horta, não explicou muita coisa não.

Bruno: Então, na Cachoeira das Andorinhas você fez o manejo do animal...

M. Pires: Sim.

Bruno: ... e no café do cara lá você, é... viu o manejo do café.

M. Pires: Sim.

Bruno: Você não participou.

M. Pires: Não participei, é.

[silêncio] [00:07:12] a [00:07:17]

Bruno: Muito bem, vamos lá. Quando foi a sua visita pra essas duas propriedades? Quando foi?

M. Pires: Nós estamos em que mês? Julho né?

Bruno: Nós estamos em agosto.

M. Pires: agosto. Nas férias do meu marido agora, foi... abril. Agora, é.

Bruno: Os dois lugares foram em abril?

M. Pires: Foi, é porque é tudo no mesmo lugar. Nós ficamos cinco ou seis dias.

Bruno: Teve pernoite então né?

M. Pires: É, nós ficamos em uma pousada.

Bruno: Ah, vocês não dormiram na propriedade...

M. Pires: Não, não...

Bruno: ... dormiram próximo à propriedade?

M. Pires: Próximo, próximo.

Bruno: Não teve pernoite. Foram seis pernoites. Muito legal. É... então foi em abril, mês 4... Foi abril, mês 4?

M. Pires: É.

Bruno: Até o final da minha pesquisa vai ter seis meses [riso].

M. Pires: O que que tem seis meses?

Bruno: Tem que ter seis meses, não pode ter menos que isso. Você vai entender o porquê. É... vamos lá. Quantas vezes você fez esse tipo de atividade já? Na vida.

M. Pires: Na vida. De que? De dar comida pra bicho?

Bruno: É, de visitar uma área rural, de viajar pra área rural. Foi a primeira vez que você viajou pra hotel fazenda, pra propriedade rural?

M. Pires: É... assim, propriamente dito sim.

Bruno: Foi a primeira vez?

M. Pires: É.

Bruno: Então tu nunca repetiu?

M. Pires: Não, porque a gente viaja muito, assim, pra lugares que tem cachoeira. Mas não... nós viajamos muito, muito, pra lugares que...

Bruno: Pra ruralidade...

M. Pires: ... pra ruralidade, a gente até vai pra ruralidade, mas não com o foco... de repente sem querer a gente vai pra um foco da ruralidade, mas, é... a gente gosta de lugares assim, rústico, de lugares que... estrada de chão mesmo, entendeu?

Bruno: Você gosta de viajar pra áreas rurais, mas...

M. Pires: A gente gosta de viajar, mas não tinha esse foco de ficar vendo bicho, de ficar manejando horta.

Bruno: Então é o que a gente chama de agroturismo, né. Agroturismo é um pouco maior do que essa, mas é..., mas a temática está basicamente a questão do manejo mesmo. Então essa foi a primeira vez que você fez algo nesse sentido?

M. Pires: Sim, sim.

Bruno: Você nunca fez uma viagem parecida com essa?

M. Pires: Não.

Bruno: Por que que você escolheu fazer esse tipo de viagem? Fazer o agroturismo, fazer a viagem pra turismo rural, assim, desse tipo? Porque você escolheu ir pra essas duas propriedades?

M. Pires: Então, é...

Bruno: Como se deu essa escolha?

M. Pires: Então, o que que acontece, a escolha do Ninho das águias, do Ninho das Águias, foi por um acaso.

Bruno: Foi lá?

M. Pires: Foi lá. Quando nós chegamos, nós chegamos maravilhados com a região, porque quando você começa a subir a serra lá de Alto Caparaó, é cafezal de um lado e do outro, é cafezal de um lado e do outro, é uma coisa incrível. Eu sou de uma região de cafezal, dito lugar de cafezal, que eu sou de uma cidade que era cafezal antigamente, e eu nunca vi um cafezal na minha região.

Bruno: Qual o nome?

M. Pires: Eu sou de Mendes, próximo de Vassouras...

Bruno: Ah sim, sim, sim.

M. Pires: ... e lá é um lugar...

Bruno: Ciclo de café.

M. Pires: Ciclo do café. Lá é dito como ciclo do café e lá não tem um cafezal, eu nunca vi.

Bruno: Mudou.

M. Pires: Pra falar a verdade, na minha casa tinha três pezinhos de café. Na minha casa. E lá próximo da região propriamente dito eu nunca tinha visto.

Bruno: Você foi criada em uma fazendinha, um sítio?

M. Pires: Em uma chacinha. Fui criada criando galinha, porco...

Bruno: Até quantos anos você morou?

M. Pires: Até uns 13 anos.

Bruno: Que legal. Então você tem uma noção já de roça já.

M. Pires: Sim. Sou roceira. [riso]

Bruno: Que legal. Então você deu... bom essa escolha tem uma relação com esse seu passado? De você ir pra lugares rústicos e tal?

M. Pires: Não, não... a minha escolha, a nossa escolha mesmo foi o Pico da Bandeira que é um lugar, assim, conhecido, né, e um lugar rural que tem cachoeiras, né, e um lugar calmo e sossegado pra gente poder descansar e visitar e conhecer, né, a região. A gente gosta de conhecer a região, de conhecer a história da região, né, e lá nós conhecemos o cafezal Ninho das Águias, foi uma indicação do local pra gente conhecer e visitar, né. Foi indicação do pessoal da pousada, né.

Bruno: Legal, legal.

M. Pires: Pra gente conhecer e visitar.

Bruno: Como é que foi a visita desses dois lugares? Como é que foi a experiência, o que você sentiu quando você chegou nesses dois lugares? Na Cachoeira das Andorinhas e como foi a visita à fazenda no Alto Caparaó, a Ninho das Águias?

M. Pires: Foi muito bom porque a Cachoeira das Andorinhas é muito gostoso porque você se embrenha, assim, no meio do mato, né, então você vai, assim, nas trilhas, vai visitando as cachoeiras. É muito gostoso. E tem essa questão também do animal, né, que você pode montar o animal, pode dar comidinha pro animal, então isso é muito gostoso. Você-você sente, assim, uma... você tá em contato com a natureza, né, diretamente, né. Apesar de eu sempre ter estado em contato com a natureza, por

causa de eu ser de uma região rural, né, mas é diferente. São animais diferentes, que eu não tinha contato antigamente, né, na minha adolescência, na minha infância, essa questão toda. E no Ninho das Águias, foi legal por você conhecer realmente como é feito o manejo do café. Porque você pensa outras coisas, né. Que nem ele estava falando que o café que a gente toma, que a gente compra no mercado, não desfazendo, né, mas é... são cafés que, a maioria deles são, o manejo deles é feito no chão e que antigamente, principalmente antigamente, até galinha passava em cima. Passava carro, passava boi, passava cachorro...

Bruno: No terreiro que você está falando?

M. Pires: No terreiro, é. No terreiro, né. E café era seco de qualquer forma e muito café ele é torrado com milho, pra poder render, né. E eu vi. Nós passamos por propriedades no caminho, pra chegar na Cachoeira das Andorinhas, nós passamos por propriedades em que no terreiro tinha pilhas e pilhas de milho junto.

Bruno: [risos] que bom que você viu isso.

M. Pires: Então, quer dizer, não é história, não é lenda. Eu vi propriedades. Porque lá toda propriedade tem o seu cafezal. Eu não sei se eles mandam pra alguma cooperativa, as outras pequenas propriedades, né, porque a Ninho das Águas não, é gigantesca. Mas as outras propriedades pequenas, eu não sei se eles mandam pra alguma cooperativa, não sei como que é que funciona. Mas lá todo mundo que tem um pedacinho de terra planta café, né. É o manejo do café mesmo.

Bruno: É uma região cafeeira mesmo, né?

M. Pires: Isso, é. E lá no Ninho das Águias não, o manejo deles é suspenso, é coberto, pra não pegar...

Bruno: Lá você ouviu falar de café despulpado?

M. Pires: Não.

Bruno: É um processo que você acelera a secagem do café, né, você tira a poupa do café e fica só a sementinha.

M. Pires: Ah sim. Não, não teve esse comentário não. Ele não entrou em detalhe nesse comentário não.

Bruno: Esse café é mais caro ainda. Porque é a semente, ela seca mais rápido e você tem só o nutriente da semente, não tem nenhuma mistura da poupa. Quanto a questão de rotina, né, porque você na fazenda, você tem rotina, você... Aonde você viu mais rotinas? A rotina da família rural, de quem cuida da fazenda lá, dos que moram ali.

M. Pires: Na cidade.

Bruno: Não, não, não, não. Sim, mas a minha pergunta é qual das duas fazendas seguiu mais rotina?

M. Pires: Assim, no Ninho das Águias.

Bruno: Ninho das Águias tem mais rotina.

M. Pires: Você vê mais rotina, sim.

Bruno: Do trabalho do cuidado do café e tal...

M. Pires: Do trabalho do cuidado do café, exatamente. Mas na cidade, por incrível que pareça, a cidade ela vive uma rotina em função do café. Nós conversamos lá na

cidade, tem pessoas que pedem, é... demissão dos empregos pra poder trabalhar na época da colheita do café. Eles saem dos seus empregos e vão famílias inteiras, vão trabalhar nos cafezais pra colher café.

Bruno: Ah, isso é muito comum mesmo.

M. Pires: Porque eles em uma semana ganham, assim, o dobro do que ganhariam em um mês de trabalho, entendeu? E muito interessante, eles hoje em dia, eles colhem, né, a colheita do café na mão, né, e hoje em dia também, eles usam uma máquina que tem um...

Bruno: Derriçadeira.

M. Pires: ... tipo um dedinho assim que sacode o pé, aí o café cai na lona, né.

Bruno: Se chama derriçadeira. É derriçadeira, muito legal.

M. Pires: E você andando na cidade, que a cidade é muito pequena, você vê as pessoas andando com aquela máquina pra baixo e pra cima, as pessoas de moto andando com aquela máquina pra baixo e pra cima, jovens, sabe.

Bruno: Chegou a ver alguém usando aquela máquina?

M. Pires: Cheguei. No caminho nós vimos pessoas colhendo café, nós paramos, ficamos olhando um pouquinho e tal.

Bruno: Você não chegou a mexer na máquina, mas viu?

M. Pires: Não, não. Nós vimos, né.

Bruno: É que tem algumas propriedades que permitem que o turista puxe o café pra ter a experiência de ganhar uns calinhos na mão.

M. Pires: É. Eu teria essa experiência essa experiência no Ninho das Águias, mas eu não quis entrar no cafezal por causa daquilo que eu falei, da cobra, porque cafezal dá muita cobra.

Bruno: Não é tanto assim também não, mas é mais o teu medo do que a... Muito legal. O que que você imaginava antes de chegar, o que que te surpreendeu quando você viu os manejos? Tanto a questão da avestruz, que foi um pouco mais tematizado, quanto do café, que é mais raiz, né.

M. Pires: No café foi mesmo essa questão da secagem do café, que de uma em uma hora tem que ir lá virar o café. Já pensou, de uma em uma hora, o terreiro gigante, você ter que ir lá e virar o café? É uma coisa que eu não imaginava, eu achava que botava lá aquela pilha de café e vai secar. Igual a roupa no varal, deixa secar né. Então, tem que estar de uma em uma hora virando o café pra ele não mofar, né, e hoje em dia pra testar a qualidade e tal né, essa questão de você cobrir o café, ficar no alto. Aí tem se for no chão, se não me engano, pode ser cinco centímetros a espessura e no suspenso só três centímetros. Então, tem todo uma questão mesmo do manejo pra você ter um...

Bruno: Uma norma, né.

M. Pires: ... uma norma pra você ter certificação e pra você realmente ter aquela qualidade daquele café, entendeu? E essa fazenda, eles têm cinco qualidades de café, essa Ninho das Águias. Depois você pesquisa ela no Google.

Bruno: Eu tenho que ver com mais calma mesmo.

M. Pires: Vê, muito interessante. Eles exportam pra seis países.

Bruno: Muito legal. E o que que, então, o que te surpreendeu mais, o que você pensava antes da experiência? Aí mudando a pergunta, aliás, o que você pensava antes da experiência? Qual era a sua imaginação antes de ver aquilo?

M. Pires: Bom, antes de ver aquilo, agora o que me surpreendeu mais foi a questão de colher ela com a máquina, né. Eu achava que era tudo realmente até hoje manual. A pessoa lá na mão debulhando, debulhando, debulhando e eu não imaginava também que botava uma lona embaixo do pé. Burra, né? Eu ficava achando, pensando...

Bruno: É, assim não rola ribanceira abaixo.

M. Pires: É. E lá é tudo morro mesmo, né. Tudo morro mesmo. Assim, a experiência mesmo que me surpreendeu foi isso. Aquela quantidade de cafezal e aquela quantidade de pessoas que...

Bruno: Você não imaginada isso.

M. Pires: Ah e separam por lotes, as famílias, né, por lotes. Pra colher o café. Então, por exemplo, é um cafezal, aí uma família vai ficar com essa parte, outra família vai ficar com aquela outra parte, né, pra colher o café. Não é assim todo mundo se engalfinhando, se matando "ah, esse pé é meu, esse pé é meu, esse pé é meu", não. Eles separam por lotes, as famílias, pra poder fazer a colheita.

Bruno: Isso se faz muito quando a fazenda tem muito café mesmo. Porque pequeno agricultor, lá tem bastante né, lugares que o cara tinha dez mil pezinhos de café, cinco mil pezinhos de café, que é uma quantidade pequena de café. Tem gente que tem duzentos mil pés de café, quinhentos mil pés de café. Aí você precisa realmente fazer os meeiros né.

M. Pires: Lá no Ninho das Águias eles fazem esses meeiros, é.

Bruno: Fazia parte de alguma programação, essas duas atividades que você fez?

M. Pires: Só a Andorinhas.

Bruno: Só a da Andorinhas?

M. Pires: Sim.

Bruno: A do café não era programação?

M. Pires: Não era programação, foi mesmo...

Bruno: Vocês se enfiaram no meio, na cara...

M. Pires: Fomos embora, vamos conhecer...

Bruno: Te ofereceram...

M. Pires: E nós fomos pra conhecer, entendeu?

Bruno: Estava na pousada quando te ofereceram pra conhecer a fazenda?

M. Pires: Sim, sim. Foi a pousada que ofereceu.

Bruno: A visitação...

M. Pires: A visitação à fazenda, é.

Bruno: Que, massa.

M. Pires: E fomos..., mas esse daí não é visitação.

Bruno: E essa fazenda ela recebe turistas, visitantes pra poder fazer...

M. Pires: Sim, sim. Recebe. Ela tem até as placas, tem as placas e tudo assim, pra pessoa chegar lá. E você não paga nada pra entrar não.

Bruno: Ué.

M. Pires: Não, a visitação é gratuita.

Bruno: Ué e como é que eles ganham dinheiro então?

M. Pires: Eles ganham dinheiro com a venda do café.

Bruno: Ah...

M. Pires: Eles exportam o café. Vai pra França, vai pra Colômbia...

Bruno: Mas o turista pode levar o café também se quiser? Pode comprar...

M. Pires: Pode, como nós compramos. Nós compramos de duas qualidades, né...

Bruno: Ah, espertos pra caramba. Não pagam a entrada, mas...

M. Pires: Não, mas também se você não quiser comprar você não compra.

Bruno: Sim, mas eu digo que é esperto porque a questão de não pagar atrai o cara pra... "Ah, já que eu não paguei nada eu vou levar um saquinho".

M. Pires: É. Tem um bolinho que você come e paga também. O café não, o café é de graça. [riso] mas assim, o...

Bruno: O café é gostoso à beça, né?

M. Pires: Muito bom, nossa.

Bruno: Gosto de mato, né? Parece chá.

M. Pires: Um café assim maravilhoso. E o proprietário, seu Aídes o nome dele, é uma figura assim, sabe, que conta aquelas histórias, que você fica...

Bruno: Eu vou querer o contato dessa fazenda aí.

M. Pires: Visita que você vai gostar. Ele senta com a gente e fica contando papo, contando as histórias do passado, como era e tal, e que a fazenda mesmo deslanchou depois que ele passou pro filho, porque o filho que teve a visão...

Bruno: De expandir.

M. Pires: ... de ter essa qualidade no café, de buscar a qualidade e não a quantidade. Porque na época dele não, era aquele manejo no terreiro... e o filho não, o filho... inclusive no dia que nós fomos tinha dois australianos visitando. Porque eles compram o café deles, então eles estavam fazendo a visitação pela primeira vez na fazenda. Eles levam o café da Ninho das Águias pra Austrália. Só que eles nunca tinham visto a fazenda e eles estavam hospedados no mesmo hotel que eu. Dois australianos.

Bruno: Caraca, que legal.

M. Pires: Aí eles foram lá pra conhecer a fazenda.

Bruno: Que chique. Teve alguma participação de agência de viagem nessa viagem sua ou não? Foi você que...

M. Pires: Não, entramos no carro com o cachorro e fomos.

Bruno: Depois dessa atividade você fez de novo essa visita pra algum lugar?

M. Pires: Não.

Bruno: Nunca fez? Depois nunca mais fez?

M. Pires: Não. Foi agora em abril né.

Bruno: Você repetiria?

M. Pires: Com certeza a gente quer voltar.

Bruno: Até pra outros lugares?

M. Pires: Até pra conhecer outros lugares na região mesmo, né.

Bruno: Legal. Quais foram as suas impressões, apesar que você já falou um pouquinho sobre isso, né, mas as impressões que você teve a relacionar com o manejo? É, que impressão você teve quando você teve essa relação? Apesar de você não ter botado a mão, mas você teve alguma participação, né?

M. Pires: Ah, não tenho muito pra falar sobre a impressão porque, como você mesmo falou, eu não botei a mão né, mas...

Bruno: Não, você viu.

M. Pires: É, eu vi.

Bruno: Viu de verdade, né?

M. Pires: É, eu vi de verdade.

Bruno: Sem ninguém fingindo.

M. Pires: Não, não tinha ninguém fingindo não. Eu achei, assim, a única coisa que eu vi realmente ali de verdade foi o pessoal colhendo o café, né, que estava assim relativamente quente, o horário que foi, e todo mundo assim encapuzado, né. No meio do cafezal.

Bruno: Mas é melhor trabalhar assim, sabia.

M. Pires: Sim, porque eles não se machucam né. Então, quer dizer, não é fácil. Você pensa que é uma coisa fácil, mas você vê que não é uma coisa fácil, entendeu. Principalmente lá no Alto Caparaó que é uma região de morro, então eu peguei e fiquei falando... teve um dia que nós saímos pra lanchar e o rapaz falando que em uma semana ele ganhava, R\$1000, R\$1200, colhendo café em uma semana. Aí eu falei assim "ah eu vou largar meu emprego então em Niterói e vou vir pra cá", aí ele falou assim "é, mas sobe morro e desce morro". Depois eu falei assim "não, eu estou brincando, eu sei".

Bruno: Inclusive o dono da fazenda também sobe morro e desce morro, né.

M. Pires: Sim, sim.

Bruno: Esse filho desse coroa aí, ele também não deve...

M. Pires: Então quer dizer, não é fácil. A pessoa quando vê, deve pensar que é fácil, mas não é fácil, entendeu. A coisa é trabalhosa.

Bruno: Na tua opinião, quais são as diferenças que você consegue perceber entre o cotidiano da vida urbana pro cotidiano da vida do campo?

M. Pires: As pessoas são muito mais, assim é... você diz em relação as pessoas ou a...

Bruno: Ao que você quiser falar. O espaço, as pessoas...

M. Pires: Vamos lá. A cidade, vou começar a falar da cidade, né. A cidade ela é super, a cidade que eu fui né, Alto Caparaó, a cidade é supertranquila, né. Uma coisa que nós percebemos é que lá quase todo mundo é evangélico, então às vezes a gente tinha até dificuldade de, como nós gostamos de beber uma cervejinha a gente chegava em determinados lugares não tinha.

Bruno: Ah, eles são aqueles evangélicos que não bebem. Porque tem evangélico que bebe.

M. Pires: Sim, mas lá não bebem e não servem, né. Os jovens da cidade, todos eles trabalham, entendeu, inclusive nós conversamos com um jovem que já tinha até casa própria, né. Então eu acho que isso deve ao cotidiano daquela vida ali, rural. Porque eles não têm a facilidade que os jovens hoje em dia têm na vida urbana de sair, de gastar, de ir pra um shopping, disso, daquilo entendeu. Então eles pensam muito mais em se estabelecer, em se firmar, em ter o pé no chão mesmo do que o jovem de hoje em dia aqui na cidade, na vida urbana, que os pais dão de tudo, os pais também querem sair pra passear pra um lado então facilitam para os filhos irem ir passear pra outro. Então o que eu percebi ali foi isso, entendeu. O cotidiano deles é bem, é bem... dez horas da noite você quase não encontra mais lugar pra você ir pra comer, se você quiser comer você tem que comer cedo. Se você deixar pra comer depois das dez da noite no Alto Caparaó você passa fome, entendeu. Porque está tudo fechado. Literalmente está tudo fechado. Porque as pessoas acordam cedo pra na roça e vão dormir cedo e na cabeça deles também, foi a impressão que eu tive, os lugares lá, os restaurantes, os lugares pra você se alimentar, pra você comer, eles também fecham cedo porque não tem mais ninguém andando pela cidade, né. E como nós fomos pra ficar vários dias, não ficamos só no fim de semana, que geralmente turismo em fins de semana, eu acredito até que no fim de semana eles fiquem aberto até mais tarde, mas durante a semana de dez horas da noite você anda pela cidade e parece que é uma cidade fantasma, você deita no meio da rua e dorme porque não passa um carro.

Bruno: Muito legal. E quanto ao espaço? Muito legal, falou sobre o comportamento das pessoas e quanto ao espaço em si? O espaço urbano e o espaço rural?

M. Pires: Quase não tem diferença.

Bruno: Você acha que não tem diferença do rural e o urbano?

M. Pires: Lá na cidade?

Bruno: Lá onde você viu.

M. Pires: Lá na cidade que você diz?

Bruno: Não, digo cidade grande, aqui o Rio de Janeiro, por exemplo, Niterói...

M. Pires: Ah não, não. Aí sim, claro.

Bruno: Qual a diferença do espaço que você vê?

M. Pires: Você diz diferença física, não né?

Bruno: É física.

M. Pires: A diferença física é imensa né.

Bruno: Então, o que você vê de diferente?

M. Pires: Não sei dizer pra você

Bruno: Qual a diferença que você vê do Alto Caparaó pra Niterói, por exemplo? Fisicamente falando.

M. Pires: Ah, agitação, né. Aqui você tem violência, você tem agitação, você não pode andar tranquilamente a noite, você não fica de janela aberta. Lá a gente estava andando tranquilamente, entendeu e de carro aberto na pousada, a gente supertranquila, entendeu.

Bruno: É, a questão toda não é se a pergunta é óbvia ou não, a questão é que eu queria saber o que você viu mais, entendeu. É isso que eu queria saber. Perfeito.

M. Pires: Ah sim, não. E as pessoas também né. Você senta pra comer... uma coisa também que eu notei, como nós ficamos lá durante a semana, né, eu acho que lá o turismo durante a semana não deve ser muito, assim, não deve ter muitas pessoas e como nós andamos muito, né, e nós não fomos pra lugares chique não, a gente buscava mais os lugares mais simples porque a gente gosta de coisas simples, então nós fomos pra porta do açougue que vendia churrasquinho, nós fomos pra rua de trás, onde tem o pé sujo que o cara vende a cervejinha, entendeu. Então nós notamos também as pessoas meio que olhando, nos observando, nos olhando, né. Então... porque são pessoas diferentes em uma cidade pequena.

Bruno: Conhecer as pessoas, o fato de conhecer as pessoas, o quanto que isso influenciou na tua escolha? Influenciou muito? Essa questão de você não querer ir pra lugares muito chiques tem a ver com a questão de conhecer as pessoas que moram lá ou é uma outra questão?

M. Pires: Não, não. A gente gosta de coisa simples.

Bruno: Simplicidade, né.

M. Pires: É. A gente gosta de simplicidade, a gente não gosta muito de nhenhênm, de frescura. A gente gosta de sentar no chão, de comer...

Bruno: Legal, legal. Nem estava aqui essa pergunta, foi pela indagação. Você já conheceu alguma das lidas que você fez lá? Dos manejos que você fez.

M. Pires: Somente a horta, né. Não fiz o manejo, mas eu conheço porque eu fui criada fazendo horta, né.

Bruno: Os avestruzes nunca?

M. Pires: Nunca;

Bruno: [risos] E nem o do café também?

M. Pires: O do café nunca. Como eu falei, sou de uma região cafeeira, mas nunca vi o manejo de café. Só mesmo na televisão né. [acha graça]

Bruno: Nunca mexeu com café? Tá. Tem alguma outra coisa lá que você fez ou viu fazendo que você conhecia ou não conhecia?

M. Pires: Não. Fiz passeio de jipe, mas acho que isso não tem nada a ver...

Bruno: Não, não, não. Eu digo com questão de agropecuária...

M. Pires: Ah não.

Bruno: Agricultura?

M. Pires: Não.

Bruno: Nada? Nem agropecuária?

M. Pires: Não, não.

Bruno: Nada que... tá. Nada além disso.

M. Pires: Não, só café, café, café.

Bruno: É... como é que foi pra você participar dessa rotina? Porque você participou

M. Pires: Foi muito legal. Foi muito estimulante.

Bruno: O trabalho rural, estou falando do trabalho rural.

M. Pires: Sim, sim. Foi muito legal porque isso até estimula a gente a querer ter alguma coisa, né. Eu tento aqui em Niterói, só que é tão quente que minhas coisas todas morrem.

Bruno: [riso]

M. Pires: Morre tudo. [acha graça]

Bruno: Lá é fresquinho, né?

M. Pires: Lá é fresquinho. Inês, minha irmã, têm. Ela planta até no vaso. Até quiabo no vaso.

Bruno: Imagino.

M. Pires: É. Mas lá é fresquinho, mas aqui em Niterói..., mas assim, estimula a gente...

Bruno: Da pra ter aipim.

M. Pires: É.

Bruno: Planta um vaso fundo e faz aipim.

M. Pires: Pois é.

Bruno: [riso]

M. Pires: Eu plantei aipim aqui, não tem um aipim.

Bruno: Mentira, sério? Você mora em casa ou apartamento?

M. Pires: Moro em casa. A única coisa que deu certo ali foi o meu chuchu. Comi muito chuchu.

Bruno: Legal.

M. Pires: Plantei outro, está lá crescendo.

Bruno: Chuchu precisa de a terra bem úmida né.

M. Pires: É, eu tenho bastante umidade. O chuchu está crescendo.

Bruno: Massa demais.

M. Pires: Mas é o que estimula a gente a ir nesses passeios é você querer mais, né? Assim, eu gostei. A gente quer voltar, meu marido quer voltar pra comprar mais café. [riso] E eles entregam pelo correio.

Bruno: Legal.

M. Pires: Eles entregam pelo correio, se você pedir eles te mandam

Bruno: É, manda pra Austrália né. Eu lembro que eu tive uma experiência já de... você comprou Beto Carreiro com a Joyce, né?

M. Pires: Foi, é.

Bruno: E imagino que você tenha visitado outros lugares que a gente chama de normais, vamos dizer assim, ou... convencionais, né. Praia... que diferença que você vê nesse tipo de viagem convencional e essas idas que você fez a roça.

M. Pires: A diferença é que nós fomos de carro, então nós fomos parando, errando e acertando o caminho, nesse de erra e acerta caminho a gente para e conhece outros lugares, então o bom é isso. Porque você para...

Bruno: Você se perde.

M. Pires: Você se perde. Aí você pede ajuda, as pessoas te ajudam.

Bruno: Você acha isso bom.

M. Pires: Eu acho isso legal. Meu marido em um primeiro momento ele acha estressante, mas eu acho isso muito divertido, porque você se perde "ah passou não sei quantos km, volta".

Bruno: [riso]

M. Pires: Com o cachorro dentro do carro, entendeu. Aí você acaba conhecendo outros lugares. No retorno desse passeio indicaram pra gente passar pela cidade de Natividade.

Bruno: Uhum, conheço.

M. Pires: Onde tem uma capela que é a réplica da Nossa Senhora Aparecida. Nós fomos, nós trouxemos a água de lá de Natividade, temos a água engarrafada lá em casa até hoje.

Bruno: Você é católica?

M. Pires: Eu sou católica. Então nós fomos... então, quer dizer, nós desviamos completamente a nossa rota porque esse é um passeio que nos permite isso. Aí como se diz, aqueles passeios convencionais que você programa, que você faz uma rota, que você paga um pacote, você não tem como você desviar da sua rota. Você tem que fazer aquilo, pronto e acabou.

Bruno: Que legal.

M. Pires: Eu e meu marido nós gostamos assim...

Bruno: Primeira pessoa que me responde isso. Você pode se perder...

M. Pires: Você pode se perder e se achar de novo.

Bruno: Dá pra fazer um artigo científico só sobre isso.

M. Pires: É. Ano retrasado nós fomos pra Capitólio, nove horas de viagem de carro. Não levamos o cachorro. Erra e acerta, entra aqui e entra ali. "Ih passa por Varginha, vamos conhecer Varginha", entramos em Varginha. No retorno "Ih vamos conhecer um lugar lá, uma cidadezinha", esqueci o nome agora que tem um alto lá que é ecumênico, que tem todas as passagens da bíblia, que você visita. Então nós fomos visitar esse lugar ecumênico onde tem a representação dos doze apóstolos, tem a representação toda da (init) [00:34:43] de Jesus e tal, aquela coisa toda. Nós fomos conhecer esse lugar. Então nós gostamos desse tipo de passeio, principalmente de

carro, que não é um jeito convencional sem fazer um roteiro, a gente até faz o roteiro né, mas não se prende a ele.

Bruno: E quando a questão do trabalho rural? Não está aqui a pergunta, mas está vindo agora na cabeça. Quanto a questão do trabalho rural, né, que você viu lá o trabalho rural, a rotina, pessoas de verdade, agricultores de verdade, como você disse que você viu. Que diferença isso faz no tipo de viagem pra você? Aos outros tipos de viagem.

M. Pires: Não entendi.

Bruno: O fato de você ir pra um lugar onde você vê pessoas com problemas reais...

M. Pires: Sim.

Bruno: ... com vidas reais, trabalho real, trabalho rural, rotina.

M. Pires: Porque nem sempre aqueles, bem nós fomos pra Balneário Camboriú, conhecemos várias pessoas porque nós somos comunicativos. A gente tem facilidade de fazer amizade com as pessoas, mas eu acho que em determinados lugares que a gente passeia esses ditos normais em que as pessoas vão e que não são do local, porque acaba que a gente conhece muito mais pessoas que não são do local do que quem mora realmente no local, nem tudo aquilo que elas falam é verdade. E em um passeio desse não, você lida com a realidade da pessoa, não tem como a pessoa mentir o que ela é e o que ela não é, entendeu? E no passeio que nós fizemos pra Balneário Camboriú ah lá na praia que nós estávamos nós fizemos amizade com as pessoas que estavam em volta. Um era lá de Minas, o outro de não sei aonde, o outro de São Paulo....

Bruno: Inclusive quem trabalhava, também?

M. Pires: Inclusive quem trabalhava no local não era dali. Então, quer dizer, será que a realidade que ele tá contando pra mim é a realidade dele mesmo? Será que eu estou contando pra ele é a minha realidade mesmo?

Bruno: Entendi.

M. Pires: Entendeu? Então você não tem como você dizer que aquilo realmente é real, né.

Bruno: Entendi.

M. Pires: Então você quando vai pra um lugar desse rural a pessoa não tem como mentir o que ela não é. Ela é rural, ela tá ali na lida. Não tem como ela falar pra você "ah não, não sou rural, eu estou aqui fazendo uma experiência".

Bruno: Atores, né?

M. Pires: "Eu estou colhendo café aqui, subindo morro, descendo morro porque eu quero, porque é uma experiência...". Não, não é. São jovens, jovens entendeu. De vinte e poucos anos, com toda a indumentária, a maquininha nas costas e vou subir morro, vou descer morro porque eu vou ganhar R\$1200 na semana. E eles dão valor a isso, entendeu;

Bruno: Você atribuiria alguma mudança de hábito depois dessa experiência?

M. Pires: Minha mudança de hábito? Eu estou agora procurando um café melhorzinho pra beber. [risos] eu fiquei impressionada com aquele de milho.

Bruno: Então já mudou alguma coisa né?

M. Pires: Não, geralmente muda sim. Porque você quer mais, né. Você quer conhecer outros lugares. Nós vamos viajar agora novamente em setembro e já estamos buscando, já estamos pesquisando na internet lugares, mas não lugares assim convencionais, nós estamos buscando lugares assim, é... a gente está até vendo lugar por lá pelo Alto Caparaó mesmo, mas pela região do Espírito Santo que tem uma comunidade lá alternativa, louca, mas que tem plantação orgânica, esqueci agora o nome do lugar. Se quiser depois eu te passo. Pra visitar esse lugar né.

Bruno: Você atribuiria então até agora a maior mudança de hábito a busca por um café diferente? Somente isso ou tem mais alguma coisa?

M. Pires: Não.

Bruno: Somente isso?

M. Pires: É, no momento sim. Talvez a busca por lugares mais...

Bruno: Alterou sua alimentação, a maneira que você compra as coisas?

M. Pires: Ainda não.

Bruno: Ainda não?

M. Pires: Ainda não. Estou sendo muito sincera, não alterou ainda não. Talvez possa até ser que ainda mude.

Bruno: E tem alguma coisa que você fazia e deixou de fazer por causa dessa viagem?

M. Pires: Não.

Bruno: Não, não, não, nenhuma, nada, zero?

M. Pires: Não, não mudei nada.

Bruno: Interessantíssimo. Quando muda muito a gente estranha e quando não muda nada a gente entranha também, tá. Isso é bom pra mim as duas respostas.

M. Pires: Talvez também pela situação, que eu peguei no retorno né. A situação da minha cachorra doente, né. Que não me permitiu nada né.

Bruno: Ah, entendi.

M. Pires: Eu voltei da viagem e o foco principal foi cuidar da cachorra. Então não tive tempo de...

Bruno: E mentalidade? A maneira de... hábito não mudou, mas mudou a maneira de pensar e fazer alguma coisa?

M. Pires: Talvez.

Bruno: O que, mais ou menos?

M. Pires: Não sei te dizer agora. Não sei te dizer mesmo.

Bruno: Quanto a questão de vida no interior, ou sei lá...

M. Pires: Talvez não tenha mudado muito porque eu venho do interior, né.

Bruno: Ah...

M. Pires: Então, quer dizer, muitas coisas...

Bruno: Faz sentido.

M. Pires: ... eu sou do interior. Eu sou uma pessoa que me preocupo com determinadas coisas, entendeu. Eu sou do interior. Então talvez a minha mentalidade não tenha mudado muito porque talvez eu tenha me encontrado com a realidade deles, com a minha realidade, né.

[silêncio] [00:40:34] a [00:40:42]

M. Pires: E eu não abandonei o meu interior né, eu estou lá sempre, de quinze em quinze dias.

Bruno: Então você repete o ambiente?

M. Pires: Eu repito o ambiente, então não me causa tanto choque cultural, ou choque de...

Bruno: Quanto ao turismo rural em si, agricultura familiar, você tem algum comentário a fazer? Qualquer um. By heart.

M. Pires: [acha graça] não saberia agora...

Bruno: Qualquer coisa. Que você gosta, não gosta, que você acha legal ou não acha, poderia ser diferente, poderia ser melhor, poderia ser menos, poderia ser mais. O que por exemplo? Qualquer comentário.

M. Pires: Eu acho que o turismo rural talvez poderia ser mais estimulado, principalmente para as famílias que tem criança. Porque você começando a conscientizar a criança desde cedo a importância, ela vai dar valor, vai dar continuidade, e continuar dando valor, né, e propagando isso pros seus filhos e netos e... porque eu acho que foi muito abandonado essa questão da ruralidade, do turismo rural e agora estão tentando resgatar isso, mas está difícil competir com a indústria do eletrônico.

Bruno: A internet.

M. Pires: Está difícil. Só se você botar um cavalinho eletrônico de repente lá e falar que tem um cavalinho mecânico... né.

Bruno: Mas é engraçado, eu trabalho com turismo rural há algum tempo, agora estou com a minha agência inclusive...

M. Pires: Agora uma coisa que eu acho que eu não sei se isso vale a pena eu acrescentar aqui...

Bruno: Vale, lógico, qualquer coisa.

M. Pires: ... sobre o turismo rural, mas, valorizar também o turismo das pessoas que tem animais. Eu por exemplo, nós só viajamos pra lugares que nós podemos levar o nosso animal.

Bruno: Lógico.

M. Pires: A gente pesquisa, pode levar o cachorro e se não pode a gente não vai. Pode ser o lugar mais maravilhoso do mundo, mais lindo do mundo, nós não vamos. A não ser que seja assim, que nem nós fomos pro Beto Carreiro que aí nós não levamos ele porque foi uma viagem diferente, aí ficou com a minha irmã. Mas esse tipo de turismo que a gente vai de carro e tal ele tem que ir junto.

Bruno: Bom, eu queria te agradecer muito...

Entrevista com turistas – L. Dias

Bruno: É... eu tenho que gravar a entrevista porque são muitas informações, eu preciso pegar inclusive...

[silêncio] [00:00:06] a [00:00:09]

Bruno: Preciso... que a senhora esteja bastante à vontade... gostou?

L. Dias: Delícia.

Bruno: Bastante à vontade e às vezes eu ficar copiando todas as respostas, isso torna a entrevista um pouco mais morosa, tá? Não tem nenhuma pergunta aqui de foro muito íntimo, nada muito pessoal, é... inclusive as pessoas que eu tenho entrevistado como turistas gostam desse tipo de pesquisa porque vão falar sobre viagens, né, todo mundo gosta de falar das viagens.

L. Dias: Sem dúvida.

Bruno: Então o teor das perguntas é basicamente esse, tá? A gente vai falar, é... sobre lugares, basicamente um que a senhora tenha ido há mais de seis meses, na zona rural e a gente vai falar sobre a experiência que você teve lá e que isso, é... causou do seu pós viagem, tá?

L. Dias: Uhum.

Bruno: É... o mais sincera possível, sem problema nenhum quanto a questão de concordar ou discordar, ou do que a senhora pensa e quero que a senhora fique bem à vontade, tá bom?

L. Dias: Uhum.

Bruno: Então primeiro quero começar com a senhora falando o nome da senhora completo.

L. Dias: Tá.

Bruno: E aí eu vou perguntar para a senhora algumas questõezinhas iniciais, tá bom? Pode falar.

L. Dias: Meu nome completo: L. Dias.

Bruno: Uhum.

L. Dias: Ah... sou da Faculdade do... Rural, né, da Universidade Rural, do CERDERJ, estou me formando agora no final de ano em Turismo, licenciatura em Turismo, e tenho ah... uns passeios, fantur, principalmente fantur, que tenho feito na zona rural ultimamente que eu fiz foi no brejal, que é o local onde distribui todo o, é... ele é responsável pela distribuição de hortaliças, né, pelo Estado do Rio de Janeiro.

Bruno: Excelente. Sabe o nome da propriedade?

L. Dias: Brejal. Fica no, é o circuito do brejal.

Bruno: Uhum. Sim, mas o nome...

L. Dias: Caminho do Brejal...

Bruno: ... da propriedade, porque são vários ali né.

L. Dias: É. Tem vários agricultores, você vê que tem fazenda...

Bruno: Que legal...

L. Dias: ... são esses...

Bruno: ... vou tirar uma foto depois.

L. Dias: ... maravilha.

Bruno: Desses aqui quais que a senhora foi? Foi em todos ou não?

L. Dias: Não, fui em todos não. Vamos lá, fui no de Petro...

Bruno: Aham.

L. Dias: ... tá, que a produção de industrialização vegana...

Bruno: Eu vou tirar foto depois, sem problema.

L. Dias: (hipótese de fala) [00:02:30] O espaço polipili, tá?

L. Dias: Eu fui... eu marquei, tá. O Armazém Sustentável, eu fui. Tá aqui, eu botei. A primeira parada foi no Fungpetro, depois foi no Ateliê onde funciona, é uma reunião dos agricultores do local, eles fazem trabalhos manuais, tá.

Bruno: Po, muito legal.

L. Dias: Aí depois fomos no Armazém Sustentável, fomos em cinco localidades dessas tá, que é em torno de vinte, parece, tá. Foi uma experiência, assim, maravilhosa.

Bruno: E todos eles são sítios, mais ou menos, né?

L. Dias: São, são. E como é um vale ali tem cultivos, eles fazem, esse Armazém Sustentável então, assim, é uma coisa maravilhosa porque eles fazem todo uma, um-um... o trabalho deles é artesanal, entendeu? Então eles fazem uma coisa de um húmus, um atum solidário e sustentável, tá, o azeite de oliva, enfim.

Bruno: Muito interessante. Eu tinha ouvido falar do brejal, mas não sabia que estava nesse tanto.

L. Dias: Está.

Bruno: Muito interessante. Muito interessante mesmo.

[silêncio] [00:03:07] a [00:03:42]

Bruno: E fica pro lado de cá do Estado do Rio, né?

L. Dias: Isso, isso.

Bruno: Muito legal. Parabéns. Legal mesmo. Bom...

L. Dias: Você vê, a 45 minutos do Centro Histórico da cidade de Petrópolis...

Bruno: Uhum.

L. Dias: ... passa pelo vale do...

Bruno: É na serra já.

L. Dias: É. É na serra, tá.

Bruno: Bom, vamos lá. Das atividades que a senhora realizou lá, é... não vai ter como fechar isso em uma propriedade só, porque a senhora foi em cinco...

L. Dias: Isso.

Bruno: ..., mas essas propriedades todas que você fez, que você visitou, quais foram as atividades que eles te ofereceram, que você teve acesso de fazer nas propriedades.

L. Dias: Tem uma das fazendas lá, onde nós até almoçamos, teve uma hora lá de cultivo de ervas, tá, que nós fomos na horta, aí ele ensinou como plantar e tal. Inclusive nós adquirimos mudas, trouxemos, tá. Então, eu até trouxe...

Bruno: Você participou do manejo então, né?

L. Dias: Isso, isso.

Bruno: Isso foi em uma propriedade, foi mais de uma?

L. Dias: Não, foi uma propriedade.

Bruno: Você sabe qual foi? Você lembra? Se não lembrar não tem problema.

L. Dias: Não sei se foi Sítio Santa Rosa... Sítio Santa Rosa de Lima. Plantio e venda de produtos orgânicos. Observação de plantio, tem a criação de galinhas, ovos caipiras. Então do plantio nós fizemos uma, né. Pegou uma turminha e foi lá...

Bruno: Engraçado, tem uma cidade em Santa Catarina com esse nome.

L. Dias: É? Sítio Santa...

Bruno: Rosa de Lima. É... tem quando tempo que essa viagem aconteceu?

L. Dias: Ah, isso aí... foi em abril? Foi abril.

Bruno: Não tem problema, tá ótimo. Abril né?

L. Dias: Isso.

Bruno: A gente tá no mês 7, indo pro mês 8... É, vai ter mais ou menos 6 meses quando... [riso] Está dentro da minha...

L. Dias: Uhum.

Bruno: ... do, da minha circunscrição, né.

L. Dias: Se precisar quanto tempo foi exatamente...

Bruno: Não, não tem problema. Abril já está o suficiente. Tá ótimo. Quantas vezes você já fez esse tipo de atividade?

L. Dias: Ah eu gosto muito de fazer esse tipo de...

Bruno: Antes disso você já tinha feito alguma vez?

L. Dias: Já, já fiz já. E sempre no Estado do Rio de Janeiro. Sempre tem no, em Friburgo. Já fiz também, que é uma turma que eu tenho um grupo de guias, eles estão sempre promovendo esse tipo de fantur pra que a gente depois possa estar levando pessoas. Tanto que eu estou até formando um grupo pra ir no brejal agora pra início de agosto.

Bruno: Uhum.

L. Dias: Não está ainda formado. Porque lá é um local onde você não pode entrar ônibus, é micro-ônibus no máximo, até porque é uma estradinha pequena...

Bruno: Lá vai um

L. Dias: Isso. É um vale realmente que você só pode de uma vez só, aí você vai passando pelas propriedades. Aí nós estamos montando um grupo com um micro-ônibus, entendeu. Está...

Bruno: Que legal. Até eu vou querer conhecer também.

L. Dias: Vale a pena.

Bruno: Mas como turista, você já fez essas atividades também? Assim, como... porque como guia, como grupo, será trabalho né...

L. Dias: Isso.

Bruno: Apesar de você ter aqueles momentos de lazer...

L. Dias: Ah sim, sim. Já, já fiz sim.

Bruno: Você já foi a lazer já?

L. Dias: Já, já, já fiz, lazer. Antes do... porque depois que você, porque eu me formei em guia de turismo em 2014, a partir daí você já fica com outro olhar dos locais que você vai, antes... já fui. Agora depois você já vai com outro propósito...

Bruno: É verdade.

L. Dias: ... você não é mais aquilo...

Bruno: Já não estranha tanto, né?

L. Dias: É, entendeu. Enfim, mas antes de 2014 eu já fiz muito passeio. E eu sempre gostei muito de ir pra serra em si, geralmente na serra que você encontra essa facilidade de local rural, de plantação, de criação. Sempre tive essa vontade.

Bruno: E por que que você escolheu fazer o agroturismo, né? Esse tipo de atividade de turismo rural, o agroturismo. De onde vem essa escolha, essa vontade de...

L. Dias: Me encanta. Eu gosto, eu adoro planta, eu adoro vivenciar terra, eu adoro... enfim, me encanta.

Bruno: Que legal, que bom. É... o que que você imaginava antes dessas experiências que você foi lá no brejal? Ou antes das que você já fez, o que que você pensava antes de entrar numa agricultura familiar, das propriedades. Porque ali não é tipo um hotel, lá é, é a família que tem a propriedade de agroturismo.

L. Dias: Isso.

Bruno: Então, o que que a senhora imaginava antes de chegar lá? Qual era o seu imaginário antes de chegar lá?

L. Dias: Olha, é uma coisa assim que principalmente numa dessas que eu fui, que é nessa do sítio, ali é uma propriedade antiga que eles resgataram, né. Já é a terceira ou quarta geração que já estão lá na frente do processo. É, mas assim, é eu já fui antes de ter, né, uma energia elétrica. Hoje em dia você já vai, já tem um outro olhar da coisa. X

Bruno: Mas o que que te surpreendeu mais, você ver eletricidade ou...

L. Dias: Foi essa comparação. E essa preocupação também de você deixar o antes...

Bruno: Você não esperava isso?

L. Dias: Não, não. Eu achei isso legal por que você entra em um, nós almoçamos até nesse sítio, nós fomos almoçar no local onde é a energia, tudo né... Mas trazendo

hortaliças de lá daquele local de onde era antigamente com fogão de lenha, lá perto com os animais tudo... então, quer dizer, eles deixaram o antes e o depois. É gostoso você ver essa...

Bruno: É muito bom. É muito bom.

L. Dias: Essas duas realidades, né.

Bruno: E atendeu a sua, a visita que você foi lá atendeu as suas expectativas antes de você... atendeu a expectativa?

L. Dias: Sim, sim, sim.

Bruno: É porque tem pessoas que estranham, né, quando vê assim...

L. Dias: Não, não.

Bruno: O que você fazia lá, o que você foi visitar fazia parte de alguma programação ou era muito espontâneo as coisas lá?

L. Dias: Não, era tudo programado.

Bruno: Tudo era muito programado?

L. Dias: Acho que é até porque essa coisa de fazer famtour, a gente fez a coisa toda programada porque era, tipo assim, a gente tinha que estar vendo todos os detalhes porque isso aí a gente vai estar levando o nosso...

Bruno: Você vai levar o olhar como se turista e depois você vai levar...

L. Dias: Entendeu, não tem como, você tem que estar vendo os detalhes entendeu, do que você está vendo, do que você está... até porque depois também estar passando a história pros seus passageiros...

Bruno: Excelente. É... lá vocês foram com um grupo de agência ou foram só os guias?

L. Dias: Não, só os guias.

Bruno: Só os guias. No caso não tinha agência de viagem?

L. Dias: Só os guias.

Bruno: Tá. Você fez ou faria novamente?

L. Dias: Faço. Estou querendo agora levar pessoas que realmente, eu botei foto no *Face* e que amaram. "L., eu quero ir lá. Me leve, me leva.". Agora eu como profissional da frente levando pessoas. Então, mas levo. Amigos e famílias. Eu queria estar passando pra eles essa experiência que é muito, eu acho ótimo, entendeu.

Bruno: Tem algum lugar que você tem vontade de conhecer dentro dessa área do turismo rural?

L. Dias: Turismo rural?

Bruno: Que você ouviu falar e tem vontade de conhecer...

L. Dias: Não. Seria mais o ecológico, do rural eu já tenho lugares que eu imaginava e já fui bem...

Bruno: Do ecológico qual lugar que você quer ir?

L. Dias: Ecológico é o... Já sai daqui do Rio.

Bruno: Não tem problema não, pode falar.

L. Dias: Esqueci agora o nome... esqueci o nome, mas é mais lá pro Norte. Amazonas... Eu fui agora...

Bruno: E tem muito rural lá também. [acha graça]

L. Dias: Pois é. Eu fui agora estou voltando, semana passada eu cheguei de Macapá. Macapá também tem bastante rural.

Bruno: Uhum.

L. Dias: Agora só que lá é muito indígena, né. As raízes que a gente come, as coisas...

Bruno: É outra leitura do rural, né.

L. Dias: É outro, é outro. Aí lá no Porto que eu estive de Santana também foi uma experiência boa porque ali eles fazem, eles levam a produção do pessoal que mora na beirada do Rio Amazonas, também foi uma outra experiência que não deixa de ser rural.

Bruno: Com certeza.

L. Dias: Muito bom.

Bruno: É difícil a gente ter essa separação porque você pega a relação que um caiçara tem, por exemplo, né...

L. Dias: Uhum.

Bruno: ... aquele pescador artesanal. Ele tem muita relação com o mar, e com a terra, e o cultivo e a comunidade, muito parecida com o cara que mora na encosta ou que tem uma propriedade, ou que mora em um assentamento. A relação é muito parecida.

L. Dias: É.

Bruno: Então é difícil realmente você dividir o que que é rural. "Ah, não sei, rural só no interior, se o cara está no litoral não é rural." Eu acho complicado, é muito complicado. Mas é, a leitura é essa aí, com certeza. É indígena, mas é rural do mesmo jeito.

L. Dias: É, e é como os produtores passam os seus produtos, através do barco, entendeu. Ele vai de um lugar e são todos aqueles que moram ali pela, pela margem do Rio Amazonas que chamam de ribeirinha que ali as embarcações chegam, pegam os produtos, levam lá pro porto, dali distribuem pro mercado, né. Então, quer dizer, é uma outra...

Bruno: É uma outra concepção.

L. Dias: Outra concepção.

Bruno: É.

L. Dias: Também amei. Eu acho que você estar com outras culturas, gente, enriquece muito a gente. Ainda mais na área que eu sou de Turismo, eu estou vivenciando assim...

Bruno: É enriquecedor, né?

L. Dias: Ah, muito. Muito.

Bruno: Nessa viagem ao brejal, voltando ao brejal, é... o que te impressionou mais ali, quais foram as impressões que você teve com os manejos ofertados? Porque ali você não pegou em animal, né, foi mais plantio.

L. Dias: Não, é, foi plantio.

Bruno: Você não mexeu com animal, então vamos dizer que os manejos são mais vegetais, né.

L. Dias: Isso.

Bruno: São manejos da agricultura.

L. Dias: Agricultura.

Bruno: Isso. Do que eles te ofertaram, né, de plantio ou de colheita, quais foram as impressões que você teve no momento que a senhora estava lá mexendo com a terra, mexendo com as ervas, com as plantas. O que que te impressionou, quais foram as impressões que você teve desse momento?

L. Dias: Eu acho assim, o trabalho...

Bruno: Tenta voltar...

L. Dias: ... o trabalho que eles efetuam, que eles fazem, é assim, engrandecedor. E é a forma como eles trabalham e são uma cooperativa, entendeu? Um desses locais lá do brejal foi um tipo de cogumelo, então ali é o próprio pessoal da comunidade que vai estar ali fazendo a produção do cogumelo, o cogumelo precisa de um bom tempo pra descanso, assim como eles vão lá pro Armazém Sustentável e tem todo o processo de você estar, é, fazendo de forma sustentável a iluminação e, enfim, então... A forma como eles trabalham entre eles.

Bruno: Entre eles.

L. Dias: Que é somente o pessoal dali, tá, que vai no lugar, no outro dia da semana tá em outro. Então eles trabalham... né, entendeu. Não é só o pessoal do Armazém Sustentável, do sítio... claro que eles são os maiores..., mas se você por acaso... eu achei legal essa integração. A cooperação.

Bruno: E como é da senhora em participar do manejo? Do plantio, da colheita, da... Você chegou a pegar na terra lá, né?

L. Dias: Sim, sim.

Bruno: Como é que foi esse momento?

L. Dias: Eu peguei, gostei porque exatamente por eu gostar de plantas eu quis estar ali fazendo pra saber exatamente como eu faria na minha casa. Eu até trouxe muda de alecrim, vamos dizer, um exemplo. Trouxe...

Bruno: Ótimo.

L. Dias: ... quis saber exatamente como faço pra se eu for tirar daqui desse ambiente, como faço pra sobreviver no meu apartamento que é um ambiente totalmente... quais são os cuidados que eu tenho que ter...

Bruno: É, diferente pra caramba.

L. Dias: Quais são os cuidados. Então eu tive essa curiosidade de eu fazer lá e ver como que eu devo fazer, entendeu. E lá, tá. Enfim, esse foi um cuidado que eu tive muito de estar ali fazendo e dizer: "estou fazendo alguma coisa de errado?" pra que eu possa também dar continuidade. Se eu trouxe de lá pra cá eu quero saber como é que eu vou fazer. Eu trouxe alecrim, hortelã, é... orégano e tem lá minha jardineira. Está sobrevivendo...

Bruno: Está fazendo um pouquinho do brejal na sua casa né? [risos]

L. Dias: Estou fazendo. E quis fazer, quis que ele me desse todos. "Ó, eu estou fazendo aqui, estou mexendo na terra pra ver como que eu devo fazer lá. É assim? Estou fazendo errado?" Então, foi uma experiência ótima, entendeu.

Bruno: Que legal.

L. Dias: Estou fazendo aqui, já passou dois meses e... enfim.

Bruno: E vingou?

L. Dias: Está vingando.

Bruno: Graças a Deus. Bom, você percebeu que na roça lá você também tem rotina.

L. Dias: Uhum, sim.

Bruno: Se na cidade tem rotina, na roça tem rotina. Tem rotina em todos os lugares, né. A gente não pode achar que tem lugares que tem rotina e tem outros que não tem. Se tem rotina, tem dos dois lados. Quais são as diferenças que você vê dessa rotina do campo com a rotina que a gente vive na cidade? Qual a diferença que você percebe do cotidiano urbano pro cotidiano rural? Como é que você conseguiria... parametrizar aí, diferenciar as duas rotinas?

L. Dias: Bem, são pessoas que estão cedo na luta, isso aí é... e o respirar do ar puro, isso aí é fundamental. As pessoas têm uma cara saudável, não sei. Eu acho que aqui a gente é muito... é diferente. O acordar cedo deles eu acho que faz bem, que estar cedo na vida ali do verde, enfim, é... Nós temos um problema sério quando chega nesses lugares, é o... os pernilongos, eles lá não têm problema com nada disso. A gente tá lá se batendo na perna, nos pernilongos e eles não estão nem aí e tem uma pele maravilhosa.

Bruno: [risos] A gente fica usando creme, em cima de creme, em cima de creme.

L. Dias: Entendeu? Eu acho que é outra vida. Outra vida, outra aparência, outra maneira de ser, de viver, enfim.

Bruno: Você falou do sentido comunitário, né, da gentileza e tal. É... por que que você acha que nesses lugares assim as pessoas são muito mais gentis umas com as outras? O que que você acha... na sua opinião.

L. Dias: Eu não sei. Na minha opinião eles são, assim, tão calorosos quando a gente chega. São tão... eu não sei, é uma maneira tão agradável de receber. Eu acho que é mais colocar na nossa mão o... eles não pensam financeiramente. "Ah, leva pra você, leva a planta, leva...", queriam dar galinha pra gente trazer.

Bruno: Mas lá você não fez manejo de galinha, só viu de longe.

L. Dias: Não, não, só vimos de longe. E a gente com medo e ele lá. [acha graça] E querendo trazer. Como que a gente ia trazer galinha?

Bruno: Gentileza do caramba, né?

L. Dias: É, muito. O ônibus quando veio, olha o cheiro que estava de ervas... todo mundo trouxe.

Bruno: [riso]

L. Dias: [riso] então são assim, são pessoas assim bem... você vê que era um grupo, né, que estava ali pra poder estar... essa coisa né. É negociado, "vamos negociar

porque eles vão trazer (init) [00:19:58] pra gente", tudo bem, mas mesmo assim eu acho que eles são calorosos, entendeu.

Bruno: O contexto financeiro não é o maior ali não, né.

L. Dias: Não. Eu senti isso.

Bruno: Muito legal, muito legal. Você, essa questão do plantio lá das ervas, você já conhecia?

L. Dias: Não. [acha graça] não.

Bruno: Então você aprendeu mesmo?

L. Dias: Eu aprendi porque eu sempre tive vontade de ter meu jardim de ervas, aí sempre... eu tenho minha planta na minha varanda e tal, minha samambaia e tal, aí já trouxe de mamãe porque ela já tinha essa experiência aí me ensinou, me passou e tal de alguma forma. E sobrevive porque na minha varanda é um sol intenso e esse nosso calor intenso..., mas a minha jardineira sempre teve um cuidado, como vou fazer em apartamento, mas... está na minha área, não tá na varanda, está na área. Porque foi onde eu achei o melhor local, como eles me deram instrução, um local arejado, então foi onde eu coloquei, entendeu. Então, eu acho que tá sendo... da experiência que eles me passaram de tudo como eu deveria fazer, que eu disse como era meu ambiente, estou fazendo, entendeu.

Bruno: Interessante. É... e como foi participar dessa rotina do trabalho rural? Você já falou um pouquinho mais sobre isso, eu vou pular essa questão aqui porque você já falou bastante sobre isso. É... você... vamos considerar que o que você fez foi uma viagem, porque foi de fato uma viagem no brejal.

L. Dias: Isso.

Bruno: É... a gente, já entendi que teve partes de lazer, que você experimenta, né, a localidade, por partes de, vamos dizer assim, de obrigações, de trabalho e tal, né. Mas vamos pegar essa parte de lazer assim, né, que você foi lá pra, aquele momento que você estava ali sendo turista, né. Que você estava com chapéu de turista. De novo sobre as diferenças, que diferença você atribui as visitas ou as viagens desse tipo do agroturismo, do turismo rural, e qualquer outro tipo de viagem? Sei lá, Cristo Redentor, Paris, é... deixa eu ver, praia, resort. As viagens comuns, vamos dizer assim né, que todo mundo faz, e essas viagens mais comunitárias, mais de botar a mão na terra. Que diferença que você dá?

L. Dias: Eu acho que é... você estar no campo, você estar em uma área rural, eu acho que você tem uma... um apreço mais... de você brincar melhor, de você ter um... porque o fato é que você vive em um ambiente de cimento, que é o apartamento, então de repente você vê um verde, te faz bem. A liberdade, o livre, porque quando você vai pra um hotel fazenda é diferente, né. Já estive em muitos hotéis fazenda onde você faz a... tira o leite da vaca, que você vai beber o leite, você fica... eu já tive esse momento de você, bebe o leite...

Bruno: Tem quanto tempo?

L. Dias: Ah, isso aí a...

Bruno: Não, mas tem quantos anos, mais ou menos?

L. Dias: Ah, ano passado eu tive.

Bruno: Foi ano passado?

L. Dias: Foi.

Bruno: Não, mas não é tão longe. Eu estou pegando experiências de até três anos atrás. Foi onde isso?

L. Dias: É o hotel fazenda em São Paulo, indo pra São Paulo. Depois de Aparecida do Norte. Sete lagos.

Bruno: Uhum. Já ouvi falar dali. Nunca fui não, mas já ouvi falar.

L. Dias: Então, é diferente. Eu acho que a liberdade é melhor no campo. O prazer de você brincar, andar de bicicleta que você não pode, até pode andar no cimento, mas é diferente. Então é esse contato com a natureza, é te faz se sentir mais liberto, vamos dizer assim. quando você vai pra uma praia, um resort, acho que você fica muito, não sei.

Bruno: Limitado, né?

L. Dias: Limitado. Tipo assim, estou com isso na minha cabeça, lá em Goiana, em um resort que a gente foi, tem muito pouco tempo também, então esse eu estar lá naquele resort, pra eu estar agora no brejal, vamos dizer, senti uma outra pessoa. Acho que o campo te dá essa possibilidade, de você sentir mais liberdade.

Bruno: Excelente. E aí que está, essas duas próximas perguntas são as mais importantes pra mim. É... você atribuiria alguma mudança de hábito sua, e aí você falou da vaca aí agora que você fez uma ordenha na vaca em São Paulo, tá fora da circunscrição espacial, mas a experiência é válida. Então somando essa vaquinha lá que você bebeu o leite dela fresco, acabou de ordenhar e tomou, mas lógico que principalmente aí do brejal, né, que é uma atividade um pouco mais recente, você atribui alguma mudança de hábito, algum comportamento novo a essas atividades? E existe alguma mudança de hábito que você fale assim "ah, mudei".

L. Dias: Em mim?

Bruno: Em você. No seu dia a dia, maneira de pensar, sei lá.

L. Dias: Eu não sei porque eu acho que, tipo assim, eu vou dizer pela experiência que eu tive agora em Macapá. Macapá é uma cidadezinha muito produtora, mas pra rural, porque, enfim, eu não me sentiria bem... naquele momento ali, olha que maravilha ficar em um lugar assim, gente, sair daquela loucura de Rio, sair daquela loucura de carros, de trânsito e tal, de repente ir pra uma cidade mais rural, entendeu, que é o município. Em um atravessar de rua você tem que, não tem sinal, pra atravessar é só levantar a mão que os carros param pra você atravessar. Isso acontece em cidadezinha e não em...

Bruno: É, Gramado também é assim.

L. Dias: Então eu fico assim, eu acho que eu ficaria em uma cidadezinha assim por pouco tempo. É maravilhoso, é gostoso, mas depois me dá um tédio.

Bruno: Então, mas quanto ao brejal, a ida no brejal olhando pro brejal, tem alguma coisa que o brejal fez com que você mudasse o cotidiano, mudasse na sua casa...

L. Dias: Não, só mudei isso, as minhas plantações, que eu trouxe...

Bruno: Ah, agora você começou a... aham. Legal.

L. Dias: É, realizar uma ação que eu já vinha já pensando em pegar a minha hortelãzinha, como eu já fiz, peguei minha folhinha de hortelã pra botar no meu

chazinho. Então, o que mudou do brejal pra cá foi isso, que eu pude ter a minha plantação de hortelã pra fazer meu chá.

Bruno: Que você não tinha antes?

L. Dias: Não, não. Sempre tive vontade.

Bruno: E tem alguma coisa que você deixou de fazer depois que você foi pro brejal, sobre alimentação, alguma coisa...

L. Dias: Ah sim, é... a forma de estar aproveitando os meus alimentos, na couve, o bater dos talos, como eu vou fazer os meus orgânicos, entendeu? De fazer meu suco, como que eu posso estar aproveitando mais minha couve, como que eu posso estar aproveitando mais os meus alimentos, as frutas com minhas cascas, meu abacaxi...

Bruno: Então você deixou de jogar fora coisas que você jogava antes...

L. Dias: Deixei. Estou fazendo um trabalho melhor pra isso.

Bruno: Então vamos dizer que o brejal mudou a sua maneira de se alimentar?

L. Dias: Mudou. Mudou sim.

Bruno: Interessante. Quase todo mundo está respondendo isso também.

[silêncio] [00:27:34] a [00:27:38]

Bruno: É... uma última coisa que eu queria ouvir da senhora é qualquer outro comentário que a senhora tiver sobre atividade rural, sobre a ida no brejal, qualquer outra coisa que você queira falar sobre esse tipo de experiência. Abra seu coração.

L. Dias: Não, é o que eu até tinha falado antes, eu tenho uma formação de uma cidade do Rio, tá. É... quando eu vou pra esses lugares me sinto muito bem ali, mas já lá no Macapá fiquei quinze dias, eu já estava no tédio, porque acho que lá é um lugar gostoso assim pra ficar pouco tempo, mas eu não conseguiria ficar muito tempo no lugar. Que a gente precisa de paz, de sossego, precisa, mas não sei se daria pra eu ficar em uma cidade de campo de, enfim... é gostoso é, mas é mais isso.

Bruno: É, se bem que hoje em dia tem cidades do interior que já estão mais adaptadas, né.

L. Dias: Sim, sim.

Bruno: É... vou dar um exemplo. Rio das Ostras, por exemplo, Rio das Ostras é uma cidade que cresceu pra caramba. Mas se você vai 3 km pra principal, você começa a entrar em uma área que é só roça. E na Rio das Ostras você tem hospital de ponta, escola de ponta, você tem comércio muito bom, você tem a delegacia que funciona, você tem serviço de ônibus. Então é assim, é um novo rural. Rio das Ostras é um novo rural.

L. Dias: É, o próprio Cabo Frio mesmo, ali quando vai pra Búzios, aquilo ali...

Bruno: É outra cidade.

L. Dias: É outra cidade, é diferente.

Bruno: Mas é rural do mesmo jeito. Então tem gente que às vezes vai pra um lugar, diz que... é o que a gente chama de periurbanos, né, ou perirurais, você está em um lugar que é rural, mas que ainda tem nuances de urbanidade. Ou urbano com nuances de ruralidade. Poderia dizer, talvez, Cabo Frio, como você falou, Cabo Frio, Rio das Ostras, Friburgo tá ficando assim também, são cidades que estão nesse... Petrópolis,

estão nesse ambiente. Não são ambientes completamente rurais, aquele rural, né, assim grosso...

L. Dias: Mas já está com atividade assim muito mais desenvolvida.

Bruno: Essas cidades talvez a senhora ficaria melhor. Talvez.

L. Dias: Isso.

Bruno: Talvez pela questão de muita gente, tá ali, tem comércio, tem escola e tal, e tem um verde que dá tranquilidade... Porque assim, eu vou ver sincero com a senhora, ao meu ver, eu moro no Rio de Janeiro, mas vou te falar, é... eu tenho vontade louca de sair daqui. Louca, louca, louca...

L. Dias: Você é daqui? Você é nascido aqui?

Bruno: Não. Eu sou nascido em Niterói, mas a minha família é do Espírito Santo. Então minha criação foi interior do Rio de Janeiro e Espírito Santo a vida inteira. Niterói pra mim foi sempre um plano de fundo na minha criação. Eu estava ali sempre durante a semana na casa da minha mãe, estudava em Niterói, mas a minha avó morava em um sítio e eu ficava muito nesse sítio, de dois em dois meses estava indo no Espírito Santo. Ia muito, faltei escola pra ficar no Espírito Santo. Então a minha criação é muito mais rural do que urbana.

L. Dias: É. Não, a minha... eu sou nascida e criada em Queimados. Queimados hoje não pode dizer que seja rural não porque é bem lá...

Bruno: É outra coisa, né.

L. Dias: É outra coisa, tá, mas mamãe, minha mãe é nascida e criada em Búzios, então lá, eu cheguei a ir em Búzios quando era roça mesmo, hoje em dia não. Hoje em dia tem todo uma... enfim, então eu tive muita essa coisa de Queimados ainda quando ainda era aquela coisa de mato mesmo e tal e hoje não, hoje em dia você vai lá é tudo..., mas de qualquer forma, eu sou mais cidade mesmo. Me casei, vim pra cá, aí... quer dizer, não tive nunca essa coisa muito roça. Porque mesmo lá atrás Queimados tinha sua produção, é muita indústria lá. Cigarros, tem a cidade industrial lá de Nova Iguaçu, né, que tá ligada à Queimados e tal, então nunca trabalhei assim em campo mesmo. Agora que eu estou mais...

Bruno: Muito legal, muito legal. Bom L., te agradeço pra caramba...

Entrevista com turistas – N. Silva e T. Lopes

Bruno: Do, a partir de agora, N. Silva e T. Lopes, nossa entrevista por uma questão meramente técnica, tá? Eu não vou publicar isso lugar nenhum. Inclusive se vocês não quiserem que os nomes de vocês sejam divulgados na... no trabalho vocês podem falar comigo, tá? é... eu sigo um roteiro de perguntas que é semiestruturado, ou seja, eu posso tirar ou colocar mais perguntas. Então... é... isso aqui não é engessado. O que significa dizer que eu não posso dizer para vocês que é... que é... vai demorar meia hora, se vai demorar 40 minutos, se vai demorar 20 minutos, porque depende muito do que vocês viveram, tá bom?

T. Lopes: Perfeito.

Bruno: é... Só peço que vocês, na primeira resposta, por uma questão mais de...eu sei, inclusive quem é a cada um. Conheço a voz de vocês duas. Indiscutível..., mas só primeiro... primeira fala de vocês, vocês falem o nome completo, tanto T. Lopes quanto N. Silva, tá? Primeira questão que eu queria saber de vocês é: Qual foi a propriedade ou as propriedades, aonde essa propriedade ficava e quando foi essa viagem, tá bom? é... eu vou começar com a N. Silva, porque começa com n. Só por isso tá? Qual o seu nome todo?

N. Silva: N. Silva Valente da Silva.

Bruno: N. Silva... deixa eu botar aqui, só o telefone.

N. Silva: É, porque, às vezes, fica mais pertinho.

Bruno: Eu tenho muito medo do telefone. Porque o telefone tem algum de técnica, né? Ele sempre altera o comportamento do entrevistado. Ele sabe que está sendo...

T. Lopes: Mentira.

Bruno: gravado a voz, é. Sério, todo mundo muda o comportamento quando está sendo entrevistado.

N. Silva: É verdade.

Bruno: Então é N. Silva o seu nome?

N. Silva: Isso.

Bruno: Gente, que coisa.

T. Lopes: N. Silva, descobriu agora.

N. Silva: N. Silva é meu apelido, né? Meu nome é nane, porque ninguém me conhece...

Bruno: Eu não te conheço como N. Silva.

N. Silva: Na vida, no trabalho, no turismo, ninguém [inint]...

T. Lopes: Quase que... quase assina já como N. Silva, né?

Bruno: N. Silva, né?

N. Silva: Isso.

Bruno: Ballejo é o que? Espanhol?

N. Silva: Espanhol.

Bruno: Ballejo. é com dois L, né?

N. Silva: É.

Bruno: Ballejo. Legal. Bonito. Pô, você podia falar que seu nome é N. Silva.

[risos]

N. Silva: Jamais.

Bruno: Tem um Lo... é Lopes no final que você falou?

N. Silva: Não, Silva.

Bruno: Silva?

[risos]

T. Lopes: No facebook é como?

N. Silva: Eu brinco assim...

Bruno: Faz o seguinte: Casa com algum espanhol, para colocar outro sobrenome espanhol.

N. Silva: Sacanagem.

[risos]

Bruno: Com Sanz ou Lopez.

N. Silva: Coitado do Silva.

T. Lopes: Ainda falei, tem que ter um nome fácil.

Bruno: Vamos lá então. Rapidinho. Quais foram ou qual foi a propriedade? onde e quando?

N. Silva: Quais foram... eu posso falar da parte de conservatória também?

Bruno: Pode. Pode. Bom, se você tiver mais para esse lado daqui eu prefiro, mas se você for [inint].

N. Silva: É porque são três.

Bruno: Aham, pode falar.

N. Silva: Em Lumiar...

Bruno: Sabe o nome de... dessa propriedade?

N. Silva: é... Hotel Fazenda Acalanto e Hotel Fazenda Vilarejo.

Bruno: Uhum. O Lumiar fi... é onde... é o Acalanto que é Lumiar, né?

N. Silva: Não, os dois em Conservatória.

T. Lopes: O Acalanto é Conservatória.

Bruno: Ah é. Verdade, verdade, verdade.

T. Lopes: Também fui para lá.

Bruno: Acalanto e Vilarejo... isso aí. verdade, é mesmo. São Romão....

T. Lopes e N. Silva: Conservatória.

Bruno: É, Conservatória. São Romão que Lumiar?

N. Silva: O de Lumiar é uma... é...

Bruno: Você nem falou do São Romão, né?

N. Silva: É uma propriedade que é mais estilo de pousada do que um hotel fazenda, que é mais simples. Eu fui até a convite do meu irmão. Não lembro o nome, mas eu posso te mandar depois. É...

Bruno: Lá tinha manejo?

N. Silva: Tinha, mas era tudo muito simples.

Bruno: Uhum.

N. Silva: Lá não... acho que não era nada tão comercial.

Bruno: Uhum. Era mais a família agrícola, né?

N. Silva: É.

Bruno: Bom, é... eu vou... eu... no seu caso eu vou ter que ficar entre os dois, porque...

N. Silva: Tá.

Bruno: Nós temos o caso, aqui, de um... o Vilarejo e Acalanto são hotéis fazenda.

N. Silva: isso.

Bruno: Né? Você... você é do turismo sabe, né, mais tematizado e o Lumiar já é uma coisa um pouca mais raiz, né?

N. Silva: Isso.

Bruno: Vamos dizer assim.

N. Silva: Bem raiz.

Bruno: Então a gente vai lá, tá? Beleza. O Acalanto e Vilarejo foi em Conservatória e o Lumiar... é... foi o que você não sabe o nome, ainda, aonde teve o manejo.

N. Silva: Isso.

Bruno: Foi uma pousada, mas que... já... era... dentro de uma propriedade. Eles eram agricultores em Lumiar?

N. Silva: Eram sim.

Bruno: Agricultores, né?

N. Silva: Eles tinham animais...

Bruno: Tinham animais e mais o que?

N. Silva: Tinham animais e grande horta. Tinham poucos animais. Que eles tinham.

Bruno: Quais eles tinham?

N. Silva: Vaca, tinha, bezerro, tinha porco, tinha galinha. E eles usavam tudo deles mesmos.

Bruno: E o Acalanto e Vilarejo?

N. Silva: Tem, mas era de uma outra estrutura. Mais assim, pesque e pague. Eu não sei se eles liberam a parte de manejo para hóspede.

Bruno: Você não fez então?

N. Silva: Eu não fiz. Lá não. No da pousada eu fiz.

Bruno: Tá. Aqui no Vila... Acalanto e Vilarejo você chegou a fazer algum plantio?

N. Silva: Não fiz plantio também não.

Bruno: Não fez nenhum?

N. Silva: A única coisa que eu fiz foi a pesca...

Bruno: Uhum.

N. Silva: Que foi muito simples. Eu... eu criei uma expectativa...

Bruno: Só... só deu banho na minhoca...

N. Silva: É.

Bruno: E pegou um [inint]

N. Silva: Só isso e cavalo, né? mas...

Bruno: Mas só andou a cavalo. Você não chegou a dar banho?

N. Silva: Não.

Bruno: Cortar orelha?

N. Silva: Nada.

Bruno: é... nada. Cortar orelha que eu digo não é arrancar a orelha fora não. É tirar os pelos da orelha.

N. Silva: Tá.

Bruno: é.... podemos ficar mais então no manejo em Lumiar?

N. Silva: Tá.

Bruno: Quando foi essa viagem?

N. Silva: Em janeiro. A de Lumiar.

Bruno: Excelente.

N. Silva: O outro quase todo ano eu vou. Época de férias.

Bruno: Daqui a pouco eu vou te perguntar então por que é que você repete tanto, tá? é... Segura aí, por gentileza. Você agora. Quando? Onde?

T. Lopes: Onde... quando? Onde? Tá. T.S. Lopes.

Bruno: hum...

T. Lopes: Eu visitei a dois... três hotéis fazenda, né, porque, na verdade, é... um é o Acalanto do Vilarejo...

Bruno: Também foi no Vilarejo.

T. Lopes: Isso. E o Fazenda Vilarejo, que a mesma rede, né? São próximos.

Bruno: Uhum. Acalanto do Vilarejo.

T. Lopes: Isso. E o terceiro Fazenda Ribeirão, que fica no Barra do Piraí. O... o vila... o Aca... o vilarejo eu fui em junho e o... e o Fazenda Ribeirão também. Ambos nos meses de junho de 2018. É... então a fazenda do Vilarejo, né, fazendo um resumo, a

faze... são dois hotéis, mas a fazenda é uma só, que fica no hotel maior. Tem mais apartamentos e fica mais próximo. A fazenda...

Bruno: Essa aqui... essa... você está falando do Vilarejo...

T. Lopes: Vilarejo...

Bruno: E do Conservatório? Tá.

T. Lopes: Isso, isso. Eles têm uma distância de um quilômetro. Então, a Fazenda fica no Vilarejo, que é o maior. E lá tem... encontrei... acho que... na verdade eu nunca tive muita experiência de viagem, mas... desses que eu fui... também, ano passado eu fui no Le Canton em Teresópolis, mas não sei se... está fora do prazo...

Bruno: Não. Le Canton entra.

T. Lopes: Entra?

Bruno: Não, não, não. Não é questão de prazo. Eu só queria que fosse mais de seis meses.

T. Lopes: Mais de seis meses.

Bruno: É. Se fosse menos de se... assim, menos de seis meses poderia, tipo assim, ser uma passada. Vocês vão entender porque.

T. Lopes: Entendi.

Bruno: Mas assim, "Ah Bruno, foi a quatro anos atrás, três anos atrás." Beleza. Não tem problema.

T. Lopes: Então pode entrar também...

Bruno: Entra: Teresópolis, né?

T. Lopes: Le Canton, Teresópolis. É.

Bruno: Le Canton. O le Canton... ele tem uma redinha lá.

T. Lopes: Sim. É menor, mas tem, né? Tem lá o...

Bruno: Caro, caro, caro, caro...

T. Lopes: É, acho que não. Acho que melhorou. Não sei se é porque lá é uma agência, a gente tem preço bom, merchan.

Bruno: É, porque Le Canton é caro, né? Não chega a ser um San Moritz, mas...

T. Lopes: Né?

Bruno: É caro.

T. Lopes: E assim, desse três, né, porque é uma fazenda em cada um, eu achei que uma fazenda mais completa foi a do Vilarejo, assim, muito mais espaçosa, tem mais animais, tem, né, tem uma estrutura muito legal. O do Fazenda Ribeirão tem também, mas é menor. Mas a gente... eu não... não fiz nada, não teve... aquelas coisas de... como é que se fala... manejo mesmo, né? Mas mais...

Bruno: Vivência, é?

T. Lopes: Isso, mas atividade, tem atividade para criança, para horta, para plantio. Então não... não participei....

Bruno: Desses três aqui... desse três não, dos quatro na verdade, né? Porque você está falando dos quatro.

T. Lopes: É. Porque cada um é um empreendimento.

Bruno: O Vilarejo de [inint] tem quase uma propriedade só, né?

T. Lopes: Isso.

Bruno: Mas, enfim, dos quatro que estão aqui o turismo, ele é secundário? Ou não? É pri... desculpa. Ele é primário?

T. Lopes: Como assim?

Bruno: É primário? tipo, atividade prin... principal.

T. Lopes: Ah, sim, sim.

Bruno: Então, no seu caso...

T. Lopes: Os três. Exatamente.

Bruno: No seu, Lumiar, o turismo, ele é secundário? Excelente.

T. Lopes: Isso aí.

Bruno: Tá, vamos lá. é... quando foram essas visitas aqui? O Vilarejo, o...

T. Lopes: Quando foram?

Bruno: O Fazenda Ribeirão e o Le Canton.

T. Lopes: Para ser mais exata, Ribeirão foi vinte e quatro de junho, Vilarejo e Acalanto, que são... foram no mesmo momento, né? Foi oito de junho e o Le Canton foi em 2017. Presumo que tenha sido... foi no segundo semestre.

Bruno: Segundo semestre de dois mil e dezessete.

T. Lopes: Dois mil e dezessete, isso.

Bruno: Ok.

T. Lopes: Perfeito.

Bruno: Não tem problema. é... continuando aqui. Quando... já falei... quan... quando, né? Quantas vezes vocês fizeram esse tipo de atividade? Quantas vezes você já chegou a repetir ou já fez a visita área rural?

N. Silva: O que eu achei mais específico, que foi desse último que eu falei, fui uma vez só. Esses outros dois, como tem coisa mais temáticas, que fogem, também, um pouco dessa parte rural, já fui mais de 10 vezes.

Bruno: Então você repete mais os hotéis fazenda. Você não repete muito... não repetiu ainda, né?

N. Silva: Não, por falta de oportunidade, porque a experiência que eu tive com outro foi inexplicável. Esses dois primeiros, eles prezam mais conforto...

Bruno: Tranquilidade.

N. Silva: É, é diferente

Bruno: Se livrar das crianças né?

T. Lopes: Misericórdia. No Vilarejo não tem como fugir criança não, mas no Acalanto tem.

N. Silva: É, tem muita criança. Inclusive é... meu insight de começar turismo foi porque eu frequentava esses hotéis desde criança.

T. Lopes: Conservatória [balbucio]

N. Silva: Então eu pensei: Quando eu crescer eu quero fazer isso.

T. Lopes: Legal.

Bruno: Massa. O que é que você... quantas vezes você repetiu?

T. Lopes: Eu? Nunca repeti. Eu sempre...

Bruno: Todos esses você foi uma vez em cada deles e...

T. Lopes: Uma vez. Uma vez. Uma vez.

Bruno: É, na verdade você repetiu a atividade quatro vezes, né? Você foi Vilarejo, Hotel Acalanto...

T. Lopes: Ah sim.

Bruno: Foi na Fazenda Ribeirão...

T. Lopes: Mas...

Bruno: Foi no Le Canton.

T. Lopes: Mas nos empreendimentos fui uma vez em cada.

Bruno: Uma vez em cada um.

T. Lopes: isso.

Bruno: Isso. Muito bem. Como que se deu a escolha de fazer agroturismo ou turismo rural. No caso, quem... única aqui das duas que fez agroturismo foi você.

T. Lopes: Sim.

Bruno: Que você falou do manejo.

T. Lopes: Exatamente.

Bruno: Mas... é... por que que vocês escolheram fazer turismo rural/agroturismo? Por quê? N. Silva, por quê?

N. Silva: O meu foi um convite do meu irmão, que ele todo ano ele procura coisas desse tipo para fazer e eu nunca tinha ido. Ele tinha fa... ele, sempre que me convidava, e eu não tinha data. E fui para conhecer mesmo. Foi a convite dele. O que me cons... me impulsionou. Assim, eu nunca tive... como é que eu posso falar? Não é vontade, mas prioridade de colocar isso, talvez por... porque eu não vejo não... não... não me tem nada que me chame a atenção de lembrar quando eu entro de férias. Essa não é a primeira coisa que vem na minha cabeça. Mas, depois desse convite dele, me deu vontade de fazer mais. Aí eu comecei a pesquisar. Vi aquele de Aldeia Velha, que vocês falaram, a RPPN.

Bruno: Você foi com a gente [inint]?

N. Silva: Não consegui ir.

Bruno: Mas no próximo você vai. Sem falta. E você, por que é que você escolheu fazer turismo rural?

T. Lopes: Na verdade o meu desejo começou, também, quando comecei a trabalhar na agencia de viagem, né, e aí, conseqüentemente, como eu estava em contato geralmente com os hotéis, hotéis fazenda, resorts, né, aqui no Rio, e aí eu ia vendendo para clientes e, conseqüentemente, você precisa estudar sobre aquele destino ou local para poder vender melhor, que a gente trabalha muito com perfil de família. E aí, conseqüentemente, abriu a minha mente para querer só viver viajando todos os finais de semana para hotel fazenda. E aí que nos deu oportunidade. Dois dele foi... normalmente a gente faz bloqueio, né, e aí a gente pega uns apartamentos e faz uma visita técnica...

Bruno: Ótimo.

T. Lopes: Mas não é...

Bruno: Famtour.

T. Lopes: É, exatamente. Mas não é trabalho, trabalho. Você trabalha...

[Corte do transcritor] [00:12:22] a [00:13:39]

Bruno: Queria que você me desse, com detalhes, como foi a visita no Lumiar.

N. Silva: Lumiar a gente ficou... não era chalé, eram quartos simples e quando a gente chegou lá a dona da casa que recebeu a gente. Mostrou que ali tinha horta, que ali tinha os animais, falou que tudo que eles comiam, eles... eles consumiam ali, eram coisas que eles mesmos cuidavam....

Bruno: Eles dependiam da... do que eles...

N. Silva: Tinha gente que morava próximo que ia lá comprar uma coisa deles também. Mas, assim, é tudo de pequena escala. Nada grande escala não.

Bruno: Lógico. agricultura familiar.

N. Silva: É bem pequenininho mesmo.

Bruno: Agricultura familiar.

N. Silva: É uma graça, assim.

Bruno: De animal você viu o que lá?

N. Silva: Eu vi... tinha cavalo, tinha vaca, galinha, porco, tinha...

Bruno: Ah, você já falou. Verdade.

N. Silva: Falei.

Bruno: É. O que mais que você falou aqui que eu, talvez, te...tivesse, mas não falou? Porco, galinha, vaca, cavalo e o que mais? Você lembra? Pato? Ganso? Marreco?

N. Silva: Eu acho que tinha pato, mas eu não...

Bruno: Coelho?

N. Silva: Eu lembro mais de muita galinha.

Bruno: Muita galinha. né?

N. Silva: É.

Bruno: Excelente. É o que você lembra, hein?

N. Silva: É.

Bruno: o que você lembra é o mais importante para mim.

N. Silva: Tá.

Bruno: E você T. Lopes, como é que foi a visita nesses quatro lugares?

T. Lopes: Nesses quatro... vamos lá. Vou citar um de cada vez. Le Canton eu lembro, assim, porque ele é um... a fazenda deles é menor. Então, na fazendinha tinha coelho, cabrito... tinha... tem lagos, então, conseqüentemente, tem bastante patinho passeando. é... cavalo, normal. Engraçado na... quan... eu não vi boi, vaca, usualmente sempre tem, mas eu não vi. E porco. Só. Le Canton. Barra do Piraí eu vi mais animais de bastante galinha, vi peru, pato, coelho, boi, cavalo, cabritinho. Foram esses que eu me recordo. E o Vilarejo e o Acalanto também as mesmas... mesmos animais, mas em maior quantidade por eles serem maiores. Bastante boi, vaca, né? Tinha cabrito... todos esses animais iguazinhos, porém em uma... uma quantidade maior.

Bruno: E agricultura, você viu?

T. Lopes: Vi, mas não... é... na verdade, assim, essa questão de horta, plantio, eles têm essa programação, sim, eles têm, mas, normalmente está incluso na pro... na recreação das crianças, normal... os adultos eles fazem uma outra...

Bruno: Os adultos não têm acesso?

T. Lopes: Pode, mas a programação é para as crianças. Então, por exemplo, os pais que estão com filhos menores, conseqüentemente, vai participar daquilo ali. Mas se você também está... por exemplo... eu fui eu e ma... e mais o meu namorado. A gente poderia ter ido, só que a gente fi... quis conhecer outras coisas, né?

Bruno: Ou conhecer vocês mesmos.

T. Lopes: Conhecer... [risos]

Bruno: Um conhecer o outro.

T. Lopes: Mais vezes.

Bruno: Eita.

T. Lopes: Matar e só... E... e lá tem muitos bois, tem a cachaçaria deles própria, também, né, que faz atividade. Tudo extraído da própria fazenda e tudo mais. E foi isso. Todos os iguais, mas, assim, uns... o maior de todos mesmo foi o do Vilarejo.

Bruno: Tá.

T. Lopes: Ele é muito maior.

Bruno: Quanto ao manejo, tá? Manejo agricultura e pecuária, ou seja, plantinha e bichinho, tá? Quanto a manejo... é... quais foram os manejos que você, N. Silva, fez lá, no Lumiar?

N. Silva: Peguei a fruta no pé. É manejo? Não, né?

Bruno: Lógico. Colheita.

N. Silva: Então. a gente...

Bruno: Mas você pe... você pegou, ajudou a colher?

N. Silva: É.

Bruno: Isso.

N. Silva: É assim, ela gostava de reunir as pessoas e, quem quisesse pegar as coisas para montar o café da manhã junto com ela e eu ia junto com ela.

Bruno: Ah que lega.

N. Silva: Aí a gente pegou as frutas. Cada um teria a sua, né? E ela montou a mesa, tudo assim, tudo a gente fazendo junto, né?

Bruno: Sim, sim, sim. Com comensalidade, né?

N. Silva: Muito legal.

Bruno: Tá. E você lembra quais foram as frutas que você pegou? Eram muitas as frutas? Ou poucas?

N. Silva: Poucas.

Bruno: Poucas.

N. Silva: Foram poucas.

Bruno: Mas foram as frutas que você cons... que você quis?

N. Silva: É.

Bruno: Qual... você não lembra qual fruta que você pegou que você disse, né?

N. Silva: Não lembro.

Bruno: Meu Deus do céu.

N. Silva: Eu sei que eu peguei fruta...

Bruno: Chegou a plantar alguma coisa?

N. Silva: Não, não plantei.

Bruno: Não plantou.

N. Silva: Mas meu irmão mexeu lá na terra.

Bruno: Seu irmão?

N. Silva: É.

Bruno: Putz. Ele tinha que estar aqui também.

N. Silva: Ele mexeu, aí ele ficou perguntando qual o tempo que... que podia colher, quanto tempo crescia. Porque, assim, ele que me levou. Eu acho que ele tem mais interesse dessas coisas.

Bruno: Entendi.

N. Silva: Quer conversar com ele?

Bruno: Lógico.

N. Silva: Ele mora em Realengo, mas, às vezes, ele fica aqui na minha casa.

Bruno: Quando ele estiver por aqui vamos marcar. é... para a semana, inclusive, pra outra ou pra outra, tanto faz. é..., mas vamos lá. Voltando. Para animal, o que é que você fez?

N. Silva: Animal eu... ela perguntou se a gente queria mexer nos porcos, porque tinha um... eu não sei o nome, né? Um negócio assim... como é que se chama?

Bruno: Porcaria. A gente chama de porcaria. Onde os porcos ficam.

N. Silva: Aí tinha comidas, tinha negócio de porco...

Bruno: Ah o cocho.

N. Silva: Não sei o nome.

Bruno: É o cocho. Onde tem comida é o cocho.

T. Lopes: Onde coloca comidinha para eles, né?

Bruno: É o cocho.

N. Silva: A gente podia ir até lá ver, ajudar, colocar...

Bruno: Você ajudou?

N. Silva: Ajudei.

Bruno: Você... co... como foi isso? Isso que eu queria falar.

N. Silva: Ata. Ele pegou... ela tem o negócio acho que... é compostagem que fala?

Bruno: Isso. Também.

N. Silva: Que tu...tudo que eles colem lá, as cascas eles não jogam fora.

Bruno: Exatamente.

N. Silva: Do lado do negócio do porco tinha uma caixa muito grande, meio parecida...

Bruno: Meio pastoso, né, a comida dele? É lavagem.

N. Silva: Parecia uma mistura, sei lá.

T. Lopes: Famosa lavagem.

N. Silva: E o outro lado tinha um resto do... de casca de comida. Eles pegavam, faziam uma mistura que tudo a gente botava... tinha coisa que ele botava até para adubo, misturava para adubo. Não sei se estou falando certo, tá?

Bruno: Sim, sim. Não, não tem... não tem essas preocupações não.

N. Silva: Aí eles misturavam, aí a gente podia pegar, misturar. Tinha uns baldes e esses baldes eles preenchiam o lugar onde o porco comia. Dentro de um... de um negócio de madeira. E essa compostagem, ela é... falam que é bom para a terra também, porque todo o nutriente do alimento ajuda na horta. Alguma coisa assim. Então tinha um lado que ela deixava... era como se fosse uma casinha de madeira, com resto de alimento, misturado com terra e mais algum... alguma outra coisa que eu não sei o que é que é. É o que eles misturavam e faziam as novas plantações com aquela terra.

Bruno: É. É a compostagem, né? Não deixa de ser a compostagem, tá? É... só o armazenamento... essa casinha de madeira a gente chama de tulha. Normalmente é tulha.

N. Silva: Tulha?

Bruno: É. Que é onde a gente pode colocar ferramentas, né? A tulha é muito usada para ferramentas ou então para fazer esse tipo de coisa. Muito legal. Além do porco, qual foi o outro manejo de animal que você fez? De alimentação.

N. Silva: Eu acho que eu não... não tirei leite de vaca. Queria ter tirado. Não tirei.

Bruno: Mas tinha lá?

N. Silva: Tinha lá.

Bruno: Tá. Só o porco que você mexeu, então?

N. Silva: Só mexi mesmo no porco.

Bruno: Galinha você mexeu ou não? Pegou o ovo?

N. Silva: Mexi, mas... a gente entrou. Tinha um local onde a gente podia pegar o ovo da galinha também, só que quem estava pegando era a mulher. Não era a gente. Mas ela...

Bruno: Mas você viu pegando?

N. Silva: Vi pegando.

Bruno: Tá. O que é que você sentiu?

N. Silva: Ah, eu senti um máximo, né?

Bruno: Essa é a próxima, inclusive, a próxima... na verdade não é a próxima, mas a gente vai falar um pouco melhor sobre essa questão do que você sentiu na hora.

N. Silva: Tá.

Bruno: Você... é... quanto a manejo você falou de algum manejo.

T. Lopes: Manejo, não tive... a única... manejo que aconteceu dessas... desses quatro lugares que eu fui, foi mesmo tirar foto com coelhinho e não fiz nenhuma coleta de agro, assim, de fruta, nada.

Bruno: Eu falo demais. Questão de lida, entendeu? Porque tem a rotina da família. Você imagina uma pessoa que depende daquilo ali, né?

T. Lopes: É, sim.

Bruno: Tem que plantar, colher, cuidar, dar... dar banho, dar alimentação. Esse é o tipo da lida que a gente faz quando pesado. Pega na... na enxada, faz lenha, faz arado. É esse tipo de coisa.

T. Lopes: É. Nenhum desses eu fiz.

Bruno: Você não fez nada disso? Alimentação animal...

T. Lopes: Nenhum desses.

Bruno: Nada? Não fez nada?

T. Lopes: Nada.

Bruno: Mas você viu fazendo?

T. Lopes: Sim, vi, vi, vi, na verdade, cedo, antes do café, que a gente passava assim, mas não fui... cheguei próximo para poder ver...

Bruno: Em qual dessas propriedades?

T. Lopes: Mas eu vi sim. No Fazenda Ribeirão, lá em Piraí. No Vilarejo eu não vi, porque eu já fui no horário mais tarde, então era horário de visitação.

Bruno: E o Le Canton?

T. Lopes: No Le Canton não vi.

Bruno: Também não fez?

T. Lopes: Não, não, não vi e não fiz.

Bruno: Então você viu alguém manejando animal... não foi agricultura, foi animal... na Barra do Piraí?

T. Lopes: Isso.

Bruno: Como foi isso? Era legal? O que era?

T. Lopes: Na verdade, assim, era o cavalo. Ele estava, acho que... eu não lembro, porque tinha o... como que é o nome? Você vai... curral? Não.

Bruno: Depende. Tem a baia, tem o curral, tem...

T. Lopes: A baia. Na baia. E ele estava lá, acho que não sei se estava limpando...

Bruno: Cavalo não fica no curral... o curral é para... é que normalmente o curral é lugar que você trata, mexe nos bichos e tal. Tira o leite, né? Cavalo é mais na baia.

T. Lopes: Mas acho que ele estava mesmo arrumando, só mesmo porque sempre tem passeio de charrete, essas coisas, então, pelo que eu vi, ele estava tratando dele, estava dando comida. Como eu falei, passei rápido e não vi realmente nenhuma experiência, assim, maior nessa questão de manejo.

Bruno: Muito bem. Vamos lá. N. Silva, o que é que você imaginava antes de passar por essa experiência?

N. Silva: Como assim antes?

Bruno: O que é que... Antes de passar pela experiência do manejo.

N. Silva: Ah, não imaginava que era assim. Não... não tinha, assim, uma ideia definida de como seria, mas... é legal que você vê a pessoa fazer aquilo com tanto carinho, né? É totalmente diferente de você pegar um... uma coisa no mercado e comprar se você não faz ideia que alguém foi lá, que alguém alimentou, depois... sei lá, galinha, ela jogava as coisas para a galinha comer aí, depois de um tempo, um tempo específico podia pegar o ovo.

Bruno: Mas você não tem nenhuma imaginação, tipo assim: Ah eu vi um negócio lá que eu achava que era diferente. Nunca?

N. Silva: Esse negócio do porco. nunca ia imaginar que podemos pegar resto de...

Bruno: Você acha que era como?

N. Silva: Ah sei lá, ração.

Bruno: Mas tem, tem mistura de porco, né, bem-feita. Não com resto de comida, né? Com casca não é ruim. Se você pegar o dedo e colocar na boca é gostoso. Um legume com não sei o que....

T. Lopes: Mas esses mesmos, tipo, com casca de legumes essas coisas que fazem alimentos e misturam com outros. Foi uma mistura com o que?

Bruno: Com comida mesmo. Com a, é.... tem alguns que misturam com comida, mas o ideal seria você usar a... o alimento fresco, né? Mas a mistura, aí você põe um pouquinho da água, né? Tem algumas pessoas que usam inclusive errado. Eu já..., mas tratado, para fazer o que a gente chama de lavagem. Que o porco vai comer aquilo ali. Ele não tem a dentição igual aos outros animais, né? Então é mais pastoso para ele comer melhor, né? Então tem que ser muito bem amaçado, muito bem misturado. Mas mesmo ele assim. é meio feio, né? um... geralmente ela é bem feia. Mas ela é muito gostosa. É muito saborosa a lavagem... ela bem-feita. Lógico. Mas, enfim, você... o que você pensava antes? Quando você viu o manejo.

T. Lopes: Olha, foi, agora eu conversando assim com você, né, que tipo, eu não tive uma vivencia cem por cento rural, né? Primeiro a gente foi bem mais temático. Mas eu fui.

[corte do transcritor] [00:25:00] a [00:25:05]

T. Lopes: Mas dá vonta... aí nessas conversas a gente vai vendo. Está dando vontade de conhecer, tipo, algo cem por cento mesmo rural para..., tipo..., botar a mão na massa. Fazer alguma coisa de fato. Como eu não tive nenhuma experiencia... na verdade, quando eu vi, por exemplo, os porcos comendo a comida... a lavagem já estava lá, aí os cabritinhos também já tinham lá... acho que é ração. Não sei o que é que é deles. Então eu não tive nenhuma experiencia. Então, a ideia que eu tive mesmo da... a ideia que eu tive anteriormente é da fazenda, da estrutura dela, o que teria de atividades, tanto para crianças quanto para adultos. Mas essa parte mesmo cem por cento eu não vivenciei. Então eu não tenho o antes e o depois.

Bruno: Perfeito.

N. Silva: Será que isso é uma coisa das fazendas menores só?

Bruno: Não.

N. Silva: Não, né?

Bruno: Inclusive essa é uma das razões pelas quais eu estou estudando isso.

N. Silva: Exatamente.

Bruno: Porque eu estou fazendo prestado com foco no planejamento turístico.

T. Lopes: Não é uma imersão...

Bruno: Uma das minhas coisas que eu estou falando é sobre manejo. Mas vamos lá.

N. Silva: Porque nas grandes eu não vi nada disso.

Bruno: Mas tem. Tem. Fazendas grandes, fazendas.

N. Silva: É tudo escondido para a gente.

Bruno: Você não consegue fazer isso com latifúndio, né? Para você fazer esse tipo de coisa você tem que ter multicultura, você tem que ter mais coisas plantadas. Você não pode fazer só... "Ah vamos em uma fazenda só de laranja", né? Você consegue, mas tipo é uma atividade que o cara faz um negocinho e vai embora. Vai encher o saco de laranja, né? é... você precisa de uma multicultura. Normalmente latifundiário não tem essa preocupação. Você vai visitar uma indústria, né? É uma visita que você faz a Bento Gonçalves, por exemplo. É um passeio que dura duas horas em uma fazenda e uvas e você vai embora. Entendeu? Você não dorme na fazenda. É interessante fazer? É. Mas é uma outra proposta completamente diferente, né? Mas depois a gente

fala sobre isso aí. Isso é uma pergunta muito boa. Você fez novamente, fez novamente... é... faria de novo?

N. Silva: Sim, com certeza.

Bruno: Faria de novo?

T. Lopes: Faria.

[inint]

Bruno: Vamos lá. N. Silva, quais foram as impressões que você teve... aí agora você... é a pergunta do que você sentiu na hora de você estar mexendo lá na lavagem do porco. Na hora que você entrou no...no poleiro das galinhas, que você viu pegando o ovo. Quando você entrou no pomar para tirar a fruta que você ia tomar no café da manhã, que eu achei maravilhoso isso, né? Quase que um colhe e pague, né?

N. Silva: É.

Bruno: é... Só que você não pagou, né? Estava incluído no seu café da manhã. Pagou entre aspas, né?

T. Lopes: Indiretamente.

Bruno: Está incluído no valor. Você pagou para essa atividade, né? Não foi de graça, não?

N. Silva: Eu não paguei. Meu irmão que pagou.

Bruno: Não. sim, sim. Mas foi paga?

N. Silva: Sim.

Bruno: Tá. O que é que você sentiu ao se relacionar com essas três coisinhas que você fez?

N. Silva: é.... eu...

Bruno: Na hora.

N. Silva: Eu senti uma coisa muito diferente, porque eu que peguei aquilo ali e eu que comi. Eu que vi como que as coisas estavam acontecendo. é... meio que mágico, porque a gente não vê isso no nosso dia a dia, assim. No nosso dia a dia é tudo muito enlatado, né, muito acelerado.

T. Lopes: Automático.

N. Silva: E a gente parece que quebra o ritmo e...

Bruno: Interessante.

N. Silva: Vai para um outro mundo, que é um mundo tão próximo também, mas que a gente não vive.

T. Lopes: Nunca imaginou.

N. Silva: E é uma delícia, assim, gostoso de querer fazer mais. Isso que eu senti. Eu senti paz, senti prazer, eu fiquei feliz, eu não vi o tempo passar. Quando acabou eu falei " Gente, acabou. Eu quero voltar, quero mais." Isso que eu senti.

Bruno: Quais as suas impressões que você teve em um ambiente rural, T. Lopes?

T. Lopes: Olha, é... eu não imaginei, depois que eu entrei nesse mundo de agencia, né, que eu comecei a olhar com esses olhos de... querer conhecer, né, tipo,

profissionalmente, né? Porque é um dos meus produtos de venda, mas de lazer eu nunca tinha pensado que eu fosse, simplesmente, adora, assim, a sensa... o contato, né, com a natureza, o cheiro é diferente, né? Assim por... de início você chega até estranha, porque você está acostumado, né, com a grande cidade, urbana. E você chega assim nesse clima é totalmente diferente, então, conseqüentemente, você, de uma rotina cansativa, você descansa, aí você tem contato com a natureza. Até você ver coisas que de, mesmo eu não tendo feito, mas você, né, nota algumas coisas diferentes, como que é tratado, a rotina que é, porque existe, né? Os próprios... os hotéis... os funcionários do hotel diz "Olha, não pode..." sei lá. Tipo, por exemplo, no Ribeirão aconteceu de estar a mãe... gente, eu nunca sei que bichinho é aquele, mas eu vou falar aqui cabrito, mas pode ser que não seja.

Bruno: Bode?

T. Lopes: Estava a mãe... não, acho que é cabrito sim. Estava a mãe e o filhinho. Ele estava com a patinha machucada, o filhote. Aí a mãe estava "mé mé" e foi andando por aí a fora. Aí ele foi atrás, né, com a patinha quebrada, mas ele insistiu em acompanhá-la. Aí veio um funcionário e falou, né? Na verdade, que a menina que estava comigo queria pegar ele no colo para levar, só que ele falou "Não pega ele." Aí eu não sei se é verídico. Eu nunca, nunca nem pesquisei... para não pegar no colo, porque, como ele é filhote, e aí pode ser que... não sei se, dependendo da... quanto estiver, mas a mãe, de repente pode rejeitá-lo, e aí... porque ele estava machucado, então ele era bebê filhotinho, então ainda mama, aí ele falou que não pode...

Bruno: É por causa do cheiro. Não é por causa da, da... das duas uma: ou a mãe te ataca, dependendo do animal...

T. Lopes: É, a mãe estava próxima.

Bruno: Ou a mãe te ataca ou você pode, dependendo de...

T. Lopes: É, o cheiro é muito forte.

Bruno: De quanto... tem o cheiro... tá tão forte ou quanto tempo ficou no colo. A mãe pode recusar. Isso acontece com cachorro, cara.

T. Lopes: Também, né?

Bruno: Acontece com cachorro.

T. Lopes: Eu não sabia disso.

[corte do transcritor] [00:30:44] a [00:31:08]

T. Lopes: Aí o rapaz foi, veio e falou. Ele pegou, aí ele resolveu lá e cuidou dele, entendeu?

Bruno: Legal. Isso foi uma coisa que te impressionou?

T. Lopes: Foi bem legal. Sim. É, e uma novidade, porque eu nunca tinha ouvido falar.

Bruno: Legal. N. Silva, qual a diferença que você vê entre a rotina da cidade e a rotina no interior?

N. Silva: Cem por cento diferente. Aqui a gente faz tudo sem pensar, tudo muito no automático e a rotina... não que lá seja... não se repita, mas eu senti muito mais amor ao cuidar das coisas, por ser um ritmo mais tranquilo e um contato direto com a natureza do que a rotina daqui. As pessoas se tratam com mais educação. Até um "bom dia" é diferente.

Bruno: Lá?

N. Silva: Lá. Aqui não. Aqui parece que está todo mundo agitado, mal-humorado.

T. Lopes: Fazendo por obrigação.

N. Silva: Cara de cabide que eu falo. As pessoas já...

Bruno: Interessante. T. Lopes, você. Quanto para você, você concorda, discorda?

T. Lopes: Concordo. Concordo totalmente. Na verdade, eu até queria... também assim, quando a gente vai viajar para um hotel fazenda, normalmente no final de semana, né? Você vai em uma sexta feira, em um sábado, enfim, então é pouco tempo. Mas eu não tive a oportunidade de conhecer nenhuma das cidades para ver mesmo como que são as pessoas fora, né, da fazenda. É diferente, é diferente. Até porque, logicamente, eles estão o trabalho deles, conseqüentemente, eles têm que ser cordiais, mas acredito que, de todos os que eu vi, você vê que não faz por obrigação. Vê que faz realmente porque gosta, o tratamento, né, enfim, a cordialidade. Mas acho que seria diferente mesmo eu ver em uma das cidades e ver a rotina deles lá trabalhando, ou qualquer outra coisa, como eu vejo aqui normalmente, que foi o que ela falou. Tipo, as vezes a gente está ligado no automático. Apertou o botão: levantou, acordou, escovou o dente, vai trabalhar, voltou, deu bom dia para o cobrador, voltou, dormiu. Lá é diferente, mas eu não tive a experiência nas cidades, para ver como são as pessoas, né, porque, mesmo sendo dentro do nosso estado, tenho certeza que é totalmente diferente, educação, cultura, né, o dia a dia.

N. Silva: E uma outra coisa. Parece que eles confiam mais, também, nas pessoas. Por exemplo, nesse de Lumiar tudo ficava aberto, não tinha nada trancado, tudo em cima das coisas...

T. Lopes: Segurança, né?

N. Silva: [inint]. Acho que hoje é uma cidade mais, né, procurada, né, para o turismo. Tem, né, coisas comemorativas. Parece que as pessoas não...

T. Lopes: É um amigo do outro.

Bruno: Interessante. Vou fazer uma pergunta que parece ser muito óbvia, mas não é tão óbvia assim. E fisicamente? As diferenças físicas das cidades e do campo que vocês conseguem perceber. Para Niterói, por exemplo, para uma cidade do interior.

N. Silva: Acho que a diferença de pessoas. São menos gordas.

Bruno: Não, digo a cidade.

N. Silva: Ah.

Bruno: Não as pessoas.

N. Silva: Pensei a pessoa física.

Bruno: É. Não, não. A física da cidade. Mas isso é muito interessante, estrutural. Corpóreo das pessoas do campo são mais... interessante. Mas a questão da organização física, né? Urbanística, vamos dizer assim, espacial. O que é que você consegue ver de diferença? Parece uma pergunta óbvia, mas não é não.

N. Silva: Nesse de Lumiar, ao todo, tinha menos recurso do que aqui. Por exemplo, eu não vi hospital, é isso que você está falando?

Bruno: Pode ser.

N. Silva: Não vi hospital, eu vi perto mercadinhos, não mercado grande, depósito de comida, bebida, mas assim, tudo com estrutura bem menor.

Bruno: Armazém.

N. Silva: Assim... é. Se, por exemplo, acontecesse alguma coisa não saberia aonde ir. Se minha mãe passasse mal, por exemplo. Porque eu não vi. Vi igrejinha.

Bruno: Então, para você, o campo ainda tem a imagem... então para você a diferença física é a diferença de recurso? Lembra os recursos lá. Tá. E você, T. Lopes?

T. Lopes: Passando nas cidades, assim, a diferença é gigantesca, por exemplo, em questão de você ver a quantidade de banco. Eu notei que em duas cidades que eu passei durante a viagem eu pude ver, por exemplo, vi dois bancos só. Aqui, normalmente, a gente tem um a cada trezentos metros, por exemplo. Considerando o centro de Niterói.

Bruno: Às vezes é menos, tá?

T. Lopes: Às vezes menos. Três passos você chega. é... eu vi... é... não vi hospitais, mais vi aquelas unidades de.... a UPA, né? E.... ou de repente posto médico que tem uma população menor. Acredito que seja, também, porque, conseqüentemente, a cidade é menor. Mas eu acho que talvez poderia ter, que as vezes a pessoas... um exemplo... não sei se estou falando certo falar... em Barra do Pirai não tem um hospital de cardiologia, por exemplo. A pessoa tem que ir para outra cidade, então, mesmo tendo poucas pessoas deveria ter a mesma estrutura que tem aqui, porém em um número menor. Mas eu vi essa diferença, assim, muito grande, assim, achei mais arrumadinho, todo mundo sempre ali, sei lá, caminhando tranquilamente, assim, parece até que a gente não faz.

Bruno: Essa pergunta da física não está aqui na pesquisa, mas só porque vocês foram para lugares diferentes, né. Queria perguntar. Mas assim, quanto a questão da rotina na cidade, rotina que vocês perceberam no sítio, né? Várias vezes e tal, eu também gostei da resposta. Interessante. Eu gostei que a resposta é boa ou ruim. Não é isso. é... quando eu falei que eu gostei, é pelo o que eu estou descobrindo na pesquisa. É intuitiva. Eu não, eu não estou indo com hipótese ao campo, entendeu? Eu estou vendo o que é que o campo me traz. Você conhecia alguma das idas que você fez lá? Você conhecia alguns desses manejos?

N. Silva: Não.

Bruno: Você já fez... tudo lá foi novo para você?

N. Silva: Foi.

Bruno: Do porco, da fruta, ou da... do ovo que você viu.

N. Silva: Não, da fruta não, porque do lado da minha casa o meu avô cuidava de um terreno e eu sempre peguei muita fruta no pé.

Bruno: Mas o porco e o ovo foi...

N. Silva: Agora, dos animais, sim.

Bruno: Tá. Você teve [inint] ao ver ela cuidando de algum outro animal lá? Além do porco e galinha. Você a vê cuidando, assim.... você não fez, mas você a viu fazendo. Você chegou a ver?

N. Silva: Não, não vi. Porque, assim, não tinha só ela, né? Tinha outras pessoas que cuidavam também.

Bruno: Sim, sim, sim, mas você viu as outras pessoas cuidando dos animais?

N. Silva: Não, eu sabia que eles estavam indo cuidar, mas...

Bruno: Não tinha visto.

N. Silva: A gente não participou.

[corte do transcritor] [00:37:44] a [00:38:10]

Bruno: é... como foi participar vocês já falaram. Qual a diferença que vocês veem nesse tipo de viagem para o interior para uma outra viagem que a gente chama de, entre aspas, comum, né? é... normalmente quando você fala de viajar, todo mundo vem com... [inint] viagem para descanso. O que é que é [inint] em sua cabeça? Praia.

T. Lopes: Praia. Sol.

Bruno: Essa pesquisa já foi feita em vários lugares do mundo já. Imaginário para [inint]

T. Lopes: É que você senta e fica ali. Eu não consigo imaginar outra coisa, até porque você senta e fica ali.

Bruno: Não, tem pessoas que falam montanha. Quando falam dos paraísos tem pessoas que falam cachoeira.

T. Lopes: Tranquilidade.

Bruno: Mais é mais de oitenta por cento... setenta e poucos por cento das respostas são praia. O paraíso está relacionado a praia, calor, sol.

T. Lopes: Aí, de repente, essas pessoas abrirem a mente. Digo pessoas até eu mesma e, tipo, tentar mudar um pouco, de repente muda de opinião.

Bruno: Para mi, para mim quando eu falo de paraíso...

T. Lopes: Eu procuro praia.

Bruno: Eu imagino cachoeira, sempre. A vida inteira. Cachoe...você... a água sempre presente, mas cachoeira, rio, troços bem, assim, né, hidrografia. é... não é o imaginário do pessoal, principalmente urbano. Urbano pensa em praia. Mas enfim, uma viagem comum e aí vem sol e praia na cabeça, né? Qual a diferença, não só física agora, tá? Da viagem... dinâmica da viagem inclusive. Qual a diferença que você vê da dinâmica da viagem sobre aquilo... inclusive o seu pertencimento, o ambiente que você visita, por exemplo. De uma viagem comum dessa, para o centro urbano, para o centro praieiro, para o balneário, para uma viagem para o interior, para o agroturismo, por exemplo, para o turismo rural.

N. Silva: Eu sinto assim, de cara, que essas viagens urbanas, mais... elas são com roteiros prontos e a experiencia... claro que nem toda a experiencia é igual, mas todo mundo teria uma experiencia similar. E no outro é inusitado, porque você não sabe se o bicho vai sair...

Bruno: É menos programado.

N. Silva: É. Acontece, flui naturalmente. Então é sempre uma surpresa, no dia você vai saber que você vai colher a fruta, que você vai ver um animal, mas na hora tudo pode mudar e acontecer coisas diferentes.

Bruno: Deixa eu fazer uma perguntinha rapidinho que eu tinha pulado aqui, mas é bem rápida. Você foi por entrega de uma agencia ou sozinha?

N. Silva: sozinha.

Bruno: E tinha alguma programação em uma das propriedades que você foi?

N. Silva: Nas maiores sim, nas outras...

Bruno: No Acalanto e Vilarejo, sim. No Lumiar não tinha programação? Você fazia o que tinha que fazer você ia lá e fazia. E você, foi por agencia? Nesses aqui?

T. Lopes: Fui, pela minha.

Bruno: Todos eles foram por agencia?

T. Lopes: Foi.

Bruno: Não tem problema. E você... e tinha programação? Tudo lá foi programado ou não?

T. Lopes: Todos eles tinham programação, mas você não precisa seguir à risca.

Bruno: Beleza. Agora vamos voltar a pergunta que eu fiz ainda agora. Diferença que você vê nas suas viagens comuns, entre aspas, e as viagens para o interior.

T. Lopes: A diferença, não estou sendo influenciada, mas eu concordo até porque, assim, nessa.... um exemplo... em uma viagem para um destino de praia, né, é comum você fazer um passeio de barco, mergulhar, de repente, né, se tiver, se for permitido, e ficar ali na praia deitado, né, dourando. É sempre padrão, assim, você não muda muito as atividades, mas a agro você tem, por exemplo, de repente você está ali fazendo uma ordenha e aí daqui a pouco não pode mais, sei lá... não sei se isso acontece... a vaca foi se irritou aí você tem que mudar, né? São coisas que...

Bruno: Isso acontece.

T. Lopes: Acontece, né?

Bruno: Esconde o leite. Ela não se irrita, ela as vezes, simplesmente, não desce o leite mais.

T. Lopes: Acontece, é. E aí você, conseqüentemente, tem que parar aquilo ali e fazer uma outra situação, ou fazer o plantio, uma colheita.

[corte do transcritor] [00:42:02] [00:43:25]

Bruno: É..., mas, enfim, voltando, continua o que você estava dizendo. Você...

T. Lopes: É, né... como eu falei, na fazenda, né? No rural você pode estar em uma atividade e acontecer coisas inusitadas, né, e conseqüentemente te tirar daquela rotina. Acredito que de praia ou uma visita no Centro Histórico, por exemplo, de Teresópolis, né, que é padrão, Petrópolis, você segue, mais ou menos, o gibi. Você segue aquilo ali. Fez, não tem como sair. você vai ao museu, museu não vai andar, não vai correr, não... né? Então a diferença realmente a comparação é igual.

Bruno: Últimas perguntas. Você. Você, N. Silva, atribuiria a essa experiencia, ou seja, é por causa dessa experiência alguma mudança de hábito?

N. Silva: Mudança de hábito sim. Depois disso eu procurei a ver mais frutas, procedência de ovo.

Bruno: Procedência de ovo?

N. Silva: Tem gente que cria galinha que a gente conhece e eu nem sabia. Amigo do meu irmão.

Bruno: E você está preferindo mais agora o ovo orgânico do que o ovo de granja?

N. Silva: Às vezes, assim... é... pode ser uma coisa até ridícula, mas eu nunca tinha pensado nisso.

Bruno: que... então você teve uma mudança de mentalidade.

N. Silva: É. Porque eu vi como que é. até a cor do ovo.

Bruno: Você hoje prefere comer... você come mais ovo orgânico, é isso que você está falando?

N. Silva: quando eu vou comprar eu dou preferência comprar para essas pessoas. A cor do ovo é diferente.

T. Lopes: Tudo, né?

Bruno: Você não sabia que o ovo era... que o ovo não vinha branco?

[risos]

[inint] [00:45:07] a [00:45:15]

Bruno: É muito legal essa experiencia. Putz grila. Então... é... está vendo, é uma coisa que você não tinha falado antes quando eu falei o que você imaginava antes. Você não...

N. Silva: É.

[inint]

Bruno: Teria alguma outra coisa com algum outro hábito além do ovo que você tenha mudado?

N. Silva: Não. Eu lembro que o que me marcou mais foi esse do ovo.

Bruno: Só mudança de alimentação? Muito bem, muito bem. E teve alguma coisa que você fazia e que você deixou de fazer por causa disso?

N. Silva: Que eu deixei de fazer, não.

Bruno: Alguma coisa que você fazia e você "Putz grila, aprendi que eu não posso fazer mais" Deixou de fazer.

N. Silva: Não, eu acho que não.

[Corte do transcritor] [00:45:53] a [00:46:00]

Bruno: Mas você não deixou de fazer nada por causa da atividade?

N. Silva: Não.

Bruno: Não. Está ótimo. E você? Teve alguma mudança de hábito por causa das experiencias que você teve?

T. Lopes: Não tive nenhuma, não tive nenhuma mudança de hábito. Não sou politicamente correta, mas também nunca fiz nada que agredisse o meio ambiente.

[inint]

T. Lopes: Não, no sentido de, né, de repente, sei lá, fazer alguma coisa, tinha algum hábito e aí, né, vendo o que está fazendo, enfim...

Bruno: Deixou de fazer ou parou de fazer...

T. Lopes: Não tive, assim, eu sempre me doutrinei para fazer coisas, né, que não agredissem ao meio ambiente ou ao animal, enfim.

Bruno: Então isso não te impactou em nada?

T. Lopes: É. Não, porque...

Bruno: Tá.

T. Lopes: Talvez se eu tiver uma experiência cem por cento pode ser que mude alguma coisa.

Bruno: Você acha que muda?

T. Lopes: Sim.

Bruno: Tá. Sobre mudança de mentalidade. Você vê alguma mudança na maneira de pensar, forma de pensar? Você pensava de um jeito e agora pensa diferente por causa disso. Teve?

T. Lopes: Não. Não, tive essa...

Bruno: Você já falou já, né?

T. Lopes: É. Eu dei exemplos.

[corte do transcritor] [00:46:57] a [00:48:50]

Bruno: Bom, a pesquisa já acabou. Eu só tenho a última pergunta. Algum comentário final que vocês duas gostaria de falar?

N. Silva: Sim, eu queria ter mais experiências de Bruno. Proporciona isso para a gente.

T. Lopes: Sim.

Bruno: Ah, beleza.

T. Lopes: Estou junto com ela.

[Corte do transcritor] [00:49:03] a [00:49:35]

Bruno: Qual é o seu comentário final?

T. Lopes: Como comentário...

Bruno: Está sendo influenciada...

T. Lopes: É o meu... sem querer eu estou sendo um pouco influenciada, mas é a mesma coisa, não tem nenhum comentário adicional.

Bruno: Sobre o turismo rural, sobre o agroturismo, sobre o que você viu, sobre...

T. Lopes: Eu não... Eu não...

Bruno: A roça... Você teve [inint] na roça quando era criança?

T. Lopes: Hã?

Bruno: Você viveu na roça quando era criança?

T. Lopes: Nunca.

Bruno: Você conviveu com roça?

T. Lopes: Nunca.

Bruno: Nunca?

T. Lopes: Nunca. Está sendo tudo novo assim, então foi... estou engatinhando no rural ainda. Ainda estou na parte do hotel fazenda, de empreendimento, aquela coisa de programação. Aí depois eu vou indo mais a fundo.

Bruno: Você arrancar o inhame da terra.

T. Lopes: Preciso. Plantar uma alface. Alguma coisa.

Bruno: o dia que você arrancar um inhame, meu irmão.... de alface aonde você quiser plantar alface, colher alface...

T. Lopes: É fácil.

Bruno: Bom gente, eu quero agradecer muitão...

Entrevista com turistas – V. Mororó

Bruno: Seu nome completo, por favor.

V. Mororó: V. Mororó.

Bruno: Ok. Bom nessa... Não necessariamente vamos ficar presos a uma propriedade só, mas você pode, talvez, me dizer que propriedade foi essa que você visitou. Você lembra o nome dela?

[interrupção] [00:00:29] a [00:00:38]

V. Mororó: Então, eu... Meu primeiro contato com propriedades assim, né, de turismo rural, foi lá aonde eu faço a minha pesquisa, que eu fui conhecer primeiro a passeio. Fui para ver, conhecer como que é lá. É uma região que não é só atrativa pela agricultura familiar, ou pelo turismo rural. Uma região de montanha, né, Friburgo e... Então não só o turismo rural é atraente lá, a paisagem também.

Bruno: Ótimo.

V. Mororó: Então, primeiro, é... Foi esse o motivo que me levou até lá, um lugar bonito, todo mundo tira foto, enfim, mas quando eu cheguei lá, por até um interesse de pesquisa, eu me aproximei muito mais das pessoas que desenvolvem turismo rural lá, que são as famílias agricultoras, que estão morando no entorno dessa área, que é uma área... Uma unidade de conservação ambiental, né, o Parque Estadual dos Três Picos, que está no entorno dessa comunidade de agricultores e eles, para além da agricultura, eles estão tentando uma forma de aproveitar o turismo.

Bruno: Então não foi uma propriedade só. Foi uma região.

V. Mororó: É uma região. É. Então eles estão meio que... Como a agricultura familiar está sendo assim... Não está muito valorizada financeiramente, né, eles estão tendo dificuldade de trabalhar com a agricultura familiar, porque são propriedades pequenas, são produtores que tem, sei lá, um hectare para plantar. Eles estão tentando de alguma forma fazer coisas para o turismo. Então, o que é que a gente participou lá, não nessa primeira visita, né, que essa primeira visita eu fui só conhecer. Fiquei um dia, bati papo com as pessoas, andei e fui embora. Mas na segunda visita, que foi a que eu fiquei mesmo de estadia, eu fiquei na pousada de... de um menino que é filho de agricultores familiares, que o pai dele repartiu com ele a propriedade e ele... Menino hein, menino entre aspas, né, um homem, um rapaz de vinte e tantos anos... E ele construiu a pousada dentro da área da família, né, ele não é mais... Não é agricultor, não trabalha com agricultura, mas... E...

Bruno: Mas entorno da pousada tem agricultura?

V. Mororó: Não, por que? Porque ele pegou um pedaço da propriedade que não tem produção.

Bruno: Entendi.

V. Mororó: Que é separada da família, mas o que é que ele faz? Ele leva o pessoal que dorme na pousada para ir conhecer a propriedade da família dele. Então a gente foi, por exemplo, é... Um dia acordamos cinco horas da manhã para ir lá ver como que era tirar o leite da vaca lá na... No sítio do Zezé, que é o tio dele. Então a gente foi lá. Aí um outro dia a gente foi, o Zezé estava debulhando feijão. Mostrando para a gente como é debulhar o feijão. é... Mostrou, também, para a gente... Enfim a lavoura, o que

é que ele planta, é... Mas não só por isso que a gente foi lá. É que esse... Essa casa, onde tem a agricultura e tudo, tem um poço de rio. Então, esse menino que é o dono da pousada, ele leva o pessoal lá para tomar banho de rio também, entendeu? Então, na verdade, é engraçado, porque é turismo rural? É, mas assim, tem um monte de coisa no meio né? Banho de rio, é montanha, é... Não é só turismo rural, assim, ali aonde eu fui. Então...

Bruno: Bom, então essa segunda vez, que foi pernoite, foram quantas... Quantos dias que você ficou dessa vez?

V. Mororó: Ah eu geral... Eu já fui lá umas várias vezes, tipo assim.

Bruno: Essa primeira vez...

V. Mororó: Essa primeira eu fiquei três noites.

Bruno: Três noites.

V. Mororó: Na pousada.

Bruno: Tá. E quando foi essa visita?

V. Mororó: Essa primeira foi em dois mil e quinze. De pernoite foi em dois mil e quinze. Fevereiro de dois mil e quinze.

Bruno: Excelente

V. Mororó: É. E aí...

Bruno: Quantas vezes fez esse tipo de atividade? Quantas vezes você repetiu essa...

V. Mororó: Várias. Eu já estive lá, acho que umas sete vezes e a minha média de pernoite é essa: três. Tudo bem que é assim, né, eu...

Bruno: À lazer, mais ou menos, foi só a primeira, vamos dizer assim, né?

V. Mororó: Na verdade, todas foram, né? Porque, assim, eu escolhi fazer pesquisa lá, não só porque... Assim, eu escolhi aquele lugar para fazer pesquisar, porque eu queria um lugar que me desse a possibilidade de estar em contato com a natureza, eu não... Não é só a trabalho, entendeu? Quando eu vou para lá não é só trabalho. Nunca é, embora eu vá, principalmente, assim "Ah, eu tenho que ir para fazer pesquisa". Mas é uma delícia estar lá, então é lazer também.

Bruno: É o que eu sinto quando vou à Casimiro de Abreu também. É uma [inint]

V. Mororó: Eu não escolhi aquele lugar especificamente por nada, entendeu? É porque, realmente, é um lugar que me... Me faz sentir bem, eu gosto. Uma delícia estar lá, as pessoas são ótimas, o clima, enfim, tudo é bom. A comida maravilhosa.

Bruno: Ok. Isso aqui você já falou. Me conta um pouco melhor como foi de visita. É esse dia especificamente. Como é que foi? Se teve recepção lá? Como chegou lá?

V. Mororó: A gente chegou de carro. Helena foi comigo, né? Não, nessa vez não foi Helena, minto. Foi o meu namorado que foi comigo. A gente foi de ônibus, na verdade. A gente chegou foi tranquilo a recepção. É, esse menino que cuida da pousada ele é muito assim, característico de ser bem hospitaleiro, de ser bem próximo. Assim, como a pousada é muito simples, rústica, vamos dizer assim, né? Ele meio que apela para o lado da... Da hospitalidade, né? De ser, assim, aquela coisa da roça. Então, ele sempre puxa um assunto, leva a gente, né, para conhecer as pessoas do lugar, é... Faz comida. Então, nesse dia, por exemplo, a gente chegou, bateu muito papo com

Pedro, até porque ele é o meu principal informante na pesquisa, e, na janta, ele fez o caldo que ele sempre faz, que é um caldo, assim, bem... Tudo muito com esse rótulo da roça, né? E... Inevitável. Ele faz um caldo que pode ser vaca atolada, pode ser caldo verde, enfim. E aí serve. No dia seguinte foi o café da manhã, que ele também coloca lá as coisas que ele... Do lugar, né, que tem uma senhora lá que faz uma broa típica e aí ele bota no café da manhã. Bolo, pão artesanal, leite... é... Próprio leite tirado, né, da ordenha da vaca da família dele, queijo fabricado pelo tio dele, enfim. E... E aí foi o dia que a gente foi, também, caminhar, fazer passeio lá no parque, né, a gente foi fazer trilha. Na volta a gente tomou banho de rio. E no dia seguinte foi o dia que a gente foi de manhã cedinho ver lá o sítio do tio dele, para ver a ordenha da vaca, ver o... Como é que era lá o sítio, né.

Bruno: Entendi. O que é que você imaginava antes dessa visita? Dessa ida? Da sua experiência.

V. Mororó: Na verdade, eu não imaginava muita coisa, assim, eu... Eu já queria essa coisa de agricultura familiar, turismo e agricultura familiar, mas eu não tinha muita expectativa de como que as pessoas viviam, porque eu nunca tinha ido em um lugar em que tivesse um grupo de pessoas vivendo mesmo na agricultura familiar. Então, eu fiquei bem surpresa, assim, porque cheguei lá e era uma realidade muito diferente da minha. Coisas do tipo: não pegar internet, não pegar telefone.

Bruno: Gente, eu te imaginava tão diferente na sala de aula.

V. Mororó: É? [riso]

Bruno: Nossa, completamente diferente. Eu te ouvindo falar, parecia que você era nascida e criada na roça, tipo...

V. Mororó: Zero. Eu fui ao encontro do... Do não familiar para mim, né? Assim é para um exercício, assim, de pesquisa.

Bruno: Tem muito jeito de roceira.

V. Mororó: Então, meus pais são do interior, assim. A minha vida tem um pezinho. Meu pai veio do interior. Mas a... Eu e meu irmão não. Então eu fui, é, meio sem expectativas, mas quando eu cheguei nesse lugar, especificamente, eu vi isso: uma realidade bem diferente. Isso foi o que mais me marcou assim, é..., essa coisa de não ter internet, não ter telefone, bem isolado assim, nesse sentido, e a forma de convívio das pessoas, né? Eles têm os modos de vida bem, assim, ainda... Não é tradicional, né, mas porque eles circulam pela cidade e tal, mas é um... Uma forma diferente de viver, entendeu? Relações com a família, é... Enfim, o jeito de tratar, assim, diferente. Digo, um diferente bom, né? Que eu gostei. Então... Isso pendeu nesse sentido.

Bruno: Você se imagina... Essa impressão nunca poderia passar pela sua cabeça antes dessa... Nunca imaginou isso?

V. Mororó: Eu românti...

Bruno: A gentileza e tal...

V. Mororó: Sim, sim. Eu romantizava já antes. Porque, assim, não foi... Foi por isso que eu também procurei um lugar de turismo rural, né, de alguma forma. Porque eu queria essa coisa da... Da natureza romantizada, tanto que isso foi uma questão para mim na minha pesquisa. Porque, como eu tinha esse... Essa visão muito romantizada, muito do turista, do lugar, em algum momento isso me atrapalhou na pesquisa, entendeu? é... Eu tive que romper essa visão, perceber que tem outras coisas, né?

Porque quando eu cheguei lá foi "Aí que lindo esse lugar, essas pessoas e essa forma de viver. Que delícia estar aqui". É uma delícia, como turista uma delícia. Você se sente acolhida, você... É muito diferente, entendeu? Porém, como pesquisadora, eu tive que ir além disso para ter acesso a outras... A entender aquela dinâmica de vida ali. Mas sim, claro que tinha uma visão. Já tinha um pouco dessa visão. Mas eu não achava que era tão... Eu acho que... Tão ainda isolado e engraçado. Mas assim, achei muito diferente do... Da forma que a gente vive aqui e isso me surpreendeu. As pessoas têm formas mesmo, assim, de falar, de conviver, de tratar uns aos outros que são bem diferentes. Acho que é porque é um lugar que todo mundo se conhece.

Bruno: A palavra que o pessoal fala muito é gentileza, né. Que gentileza vem do interior...

V. Mororó: Sim, e aí isso me surpreendeu.

Bruno: Voltando um pouquinho sobre as atividades que você fez, né, você falou que fez ordenha, é... Você fez... Viu como é que debulha, né, ou participou da debulhada... Debulhagem do... Do feijão ou do milho que você fez?

V. Mororó: Feijão, feijão.

Bruno: Feijão. Você chegou a tomar banho de rio. Não chega a ser um manejo rural, mas, enfim, uma atividade. é... Qual outra mais que você citou? Ordenha da vaca...

V. Mororó: É, na verdade, só essas duas. A gente foi conhecer a propriedade, mas assim, eu não meti a mão na terra. Tem... Esse lugar lá, em específico, tem... Tinha, né, uma menina que ela oferecia um colhe e pague.

Bruno: Isso.

V. Mororó: Era assim: o turista ir lá e ele meter a mão na terra, ele mesmo colher e ele comprar o produto fresco, né, do próprio produtor.

Bruno: Ou come na hora.

V. Mororó: Ou come, é. Eu não cheguei a fazer isso, porque, na época, ela estava... Ela estava parando de oferecer por algum motivo, então eu não cheguei a fazer. Mas tinha isso.

Bruno: Entendi.

V. Mororó: Na verdade lá é isso, né? Uma questão lá é que os agricultores familiares, eles querem se envolver com turismo, mas eles ainda têm dificuldade, entendeu?

Bruno: Não... Não conhecem mesmo o traquejo.

V. Mororó: Tem dificuldade, porque, assim, acham que o que eles fazem não... O turista não vai... Se interessar de alguma forma, entendeu? Então... As pessoas ainda estão meio em processo de se sensibilizar, de entender que o que elas vivem lá é interessante para quem vem de fora, entendeu? Não é todo mundo que tem essa visão. Os mais jovens estão começando a perceber, mas a galera mais antiga, que sempre trabalhou só com agricultura, e não...

Bruno: Não consegue enxergar.

V. Mororó: Não consegue enxergar isso, até por uma questão de que... De... Estudo, né? A maioria parou na quarta série, porque não tinha escola ali.

Bruno: Mas você acha que é só por causa de estudo?

V. Mororó: Não, tem também a ver com... Pelo fato de você ser condicionado aquilo ali, né? Você... Imagina: você sempre trabalhou com agricultura, a vida inteira, agora alguém fala para você trabalhar com turismo. É uma coisa dif... É difícil, né? Não é todo mundo que vai fazer essa... Essa... Virar essa chave.

[interrupção] [00:12:51]

V. Mororó: Na minha pesquisa, por exemplo, eu vejo mais... Muito mais os jovens interessados em fazer isso do que o... A galera mais velha.

Bruno: Bom, é... Com relação as atividades que você fez aí, que é aonde eu queria chegar, isso fazia parte de alguma programação? Você percebeu que estava programado isso? Ou foi uma coisa mais espontânea na forma?

V. Mororó: Não, mais espontânea.

Bruno: Tá.

V. Mororó: Muito mais espontânea.

Bruno: Aham. Você foi por conta própria lá, né? Não teve agencia de viagens? Teve alguma...

V. Mororó: Fui. Não. Esse é um lugar que, na verdade, nem tem, assim, muita agencia trabalhando. As agencias que trabalham, não fazem turismo... é... Passeio de turismo rural.

Bruno: Entendi.

V. Mororó: Elas fazem... Elas pegam muito parque.

Bruno: Entendi.

V. Mororó: Que é trilha, trekking, caminhada, é... Acampar na... Na sede do parque. Então... Roteiro mesmo não tem. E é engraçado, porque assim eles se... Eles que tentam for... Não é forçar, mas eles é que tentam... As próprias pessoas dali é que tenta falar em turismo rural, porque... Vamos dizer assim, quem vai mesmo, pelo que eu vi dos outros turistas que eu observei lá, a pessoa não está indo para fazer turismo rural. É muito difícil delimitar, entendeu? Ela não está assim, ela vai me fazer [inint], entendeu? O que tive lá para ver, ela vai ver. Se você falar assim "ah, tem uma cavalgada", vai querer ir na cavalgada. Se alguém falar assim "vai ter festa junina", "vou na festa junina". Se alguém falar "Tem trilha no parque", "Oba, trilha no parque", tem...

Bruno: Escalada vai também.

V. Mororó: Entendeu? A pessoa que fica querendo explorar o que é que tem para ela fazer.

Bruno: É normal. O espaço do turismo é sempre maior que o espaço do turista.

V. Mororó: Sim, né?

Bruno: Bom, você já falou que fez várias vezes. Foi lá pesquisar né?

V. Mororó: Aham.

Bruno: Se... Se fosse para voltar e fazer atividade dessa... Não em Friburgo, mas em outro lugar, como turista, você faria de novo?

V. Mororó: Claro. Sim.

Bruno: Por que?

V. Mororó: Ah, porque é uma delícia, né? Assim, por exemplo, eu estou querendo voltar... Eu vou fazer aniversário no fim do mês, aí eu tava querendo comemorar lá, porque esse menino da pousada, o Pedro, ele é muito acolhedor. Então eu queria, assim, que a minha família conhecesse ele, porque eu criei laços, entendeu? Eu não fui só fazer pesquisa, fazer turismo. Essas pessoas, de alguma forma, eu criei um laço de amizade, entendeu? Então eu queria levar minha família lá para elas conhecerem o pessoal, é... De repente a gente fazer um bolinho lá na pousada, porque eu sei que ele teria abertura para fazer uma coisa dessa. Então, eu iria em outros lugares de turismo rural para saber se é assim em todos os lugares né?

Bruno: Como é que é o nome da pousada? Desculpa.

V. Mororó: é... Pousada dos Paula.

Bruno: Do... Dos Paula?

V. Mororó: Dos Paula. É. Isso.

Bruno: Que coisa. Tá. Quais as impressões que você teve ao se rea... Ao se relacionar com esses manejos ofertados? Mesmo que você não botou a mão. Qual foi a impressão de você ver... é... De que forma que veio o feijão, tipo, a maneira como ele, né, sai, em natura?

V. Mororó: É, foi muito legal.

Bruno: E o contato com a ordenha. Qual foi a impressão que você teve? Me relata ela.

V. Mororó: Eu achei... Engraçado, assim...

Bruno: Na hora lá.

V. Mororó: Achei legal de ver. Não... Mas uma questão que sobressaiu e que sobressai, né, não só em mim, mas eu percebi isso nas pessoas que estavam comigo e um outro momento que eu fui com um grupão, assim, que foi passear no parque, é a questão do... Do agrotóxico, né? Porque a galera usa o agroquímico. Não é... Lá só tem um menino que produz orgânico. Então, para um lado tem aquela coisa assim: o produto fresquinho e tal. Mas por outro lado, tá muito perto ali da produção e aí a gente sabe que... A gente fica se questionando. A gente vê as pessoas fazendo uso, né, do... Do... Cuidando, né, da lavoura e isso implica...

Bruno: O agrotóxico ou aditivo agrícola? Por que é uma diferença bem grande.

V. Mororó: Defensivo. Eles passam os defensivos, né, na... Na... Enfim, lá eles plantam muitas hortaliças: brócolis, tomate...

Bruno: E você tinha certeza que era agrotóxico? É porque tem defensivo que é natural, tipo extrato de pimenta por exemplo.

V. Mororó: Não, tem. A gente... Eu sei que é, porque eu perguntei, né? Eu sei que são...

Bruno: Ah sim...

V. Mororó: São poucas pessoas que usam, por exemplo, uma coisa como a calda bordalesa. São poucas, entendeu? E os que usam, usam porque aprenderam em uma escola que tem lá. Então uma escola voltada para o rural. Ensina técnico agrícola e tal. Mas a maioria falou que depende do defensivo, porque a unidade de produção é

muito pequena. Então eles não podem correr o risco nenhum de perder a... A produção por algum tipo de problema, de...

Bruno: Para uma praga.

V. Mororó: Uma praga. Então eles usam, assim, grande escala. Ali em Friburgo, inclusive, é um dos lugares... Região serrana do Rio...

Bruno: É uma ignoranciazinha também, porque tem tanto produto que você pode usar. Que não é def... Não é agressivo nem ao alimento, nem a gente que...

V. Mororó: É, mas isso foi uma questão que ficou. Que eu fiquei pensando.

Bruno: O extrato de pimento, por exemplo. Entendeu? Enfim, essa é outra questão. é...

V. Mororó: Mas eu... Eu acho que o turista pensa nisso, porque...

Bruno: Ah sim.

V. Mororó: Tendeu? Eu... Eu passei lá com um grupo de quinze cabeças, em uma outra oportunidade que não foi, assim, não dormi, não pernoitei, nem nada. A gente foi um grupo... Um grupão aleatório que eu achei na internet e o pessoal foi passear lá. Aí a gente faz... Fazendo as trilhas... É assim: as trilhas... Você vai subindo em direção ao parque... De um lado e de outro você só vê produção, campo plantado, né? E as pessoas indagando, né, tipo "Ah, que legal, que bonito, né? Nossa que linda assim pelos campos [inint]", aí um ou outro fadando "É, né? Porque anda aqui é tudo cheio de veneno". É, né? Mas e... Isso acontece.

Bruno: É. Eu já vi uma... Eu já vi um outro caso que foi turista perguntando "Cadê a floresta?". "Pô, muito legal, mas... E a floresta?". Porque... Floresta é fábrica de água, né? Floresta é fábrica de água. Existem estudos, inclusive, que as árvores soltam uma substância na... Na atmosfera que induz a formação de... De nuvens em cima dela. Por isso que é chamada de ombrófilas, né? Porque é "amigo da água", em grego. Então... As... Os turistas perguntam "Cadê a...". Criança, principalmente, quando olha assim, fala assim: Nossa, mas é tudo muito baixo." As crianças veem que as árvores são... Porque não é porque é baixo. É que as crianças imaginam aquelas florestas altas, né, quando vê os livros, os filmes e tal. Então a pergunta que eu sempre escuto é: Cadê a floresta? Essa é impor... Essa é interessante. Essa... É mais ácida essa pergunta, né? Tudo de veneno, né?

V. Mororó: É veneno. É porque isso... Assim, esses grupos urban... São grupos urbanos que vão para o rural. E... E o...

Bruno: Cliente urbano.

V. Mororó: É. Então, o que é que está... Que eu vejo. A gente está conversando muito. Esse debate de comida orgânica está muito presente na cidade. E se esses grupos urbanos, eles vão para o rural, eles levam essa demanda, entendeu? Eles começam a falar sobre isso. Porque isso é uma coisa que está presente no debate aqui, ó. Todo o dia a gente fala assim, ó: "Ah, não sei o que, orgânico", "Ah, não sei o que, orgânico, natural, não sei o que". Então isso...

Bruno: Inclusive isso é um ponto de atenção da minha pesquisa.

V. Mororó: É uma demanda...

Bruno: Essa questão dos naturais.

V. Mororó: É uma demanda levada pelo turismo, entendeu? Porque as pessoas são confrontadas com isso. Tipo assim: Ah, não tem uma coisinha orgânica aí não? Vocês só plantam...", entendeu? Isso acontecem lá... Lá no... Lá no meu campo tem um menino que ele começou a produzir orgânico meio que por causa disso, entendeu? Ele percebeu que já tinha muita gente que chegava lá para fazer turismo e queria comprar um produto para levar para casa. Tipo, depois de... De... Na hora de ir embora falava assim: Aí, não tem ninguém que possa me vender uma coisinha para eu poder levar para casa. E aí ele... Ele sempre vendia, só que ele começou a perceber que era uma demanda das pessoas uma produção orgânica. Aí ele fez a transição. Ele saiu do convencional e começou só a plantar orgânico. Aí esses turistas que ele conheceu, ele fez, assim, o contato com essas pessoas e agora entrega cestas de orgânicos aqui no Rio de Janeiro, para a galera que já tinha ido lá. Então ele combina no WhatsApp e vem uma vez por semana entregar as cestas para essa galera.

Bruno: Interessantíssimo.

[silêncio] [00:21:10] a [00:21:16]

Bruno: Qual a diferença que você percebe entre a vida cotidiana, que você tem na cidade... Né, que você é cidade, cidade, cidade... Eu fiquei... Agora eu fiquei feliz, que você falou que é da cidade, porque eu posso fazer essa pergunta com mais propriedade. Qual a diferença que você percebe dessa vida cotidiana da cidade, que você tem, né... Niterói é uma cidade que tem, ainda, os aspectos ainda meio... provincianos, né, em alguns pontos. Mas é cidade grande, né? Composto meio milhão de pessoas aqui em Niterói. é... Para a diferença que você vê da rotina que você percebeu no campo?

V. Mororó: Ah... Principalmente muitos.

Bruno: Então, quais?

V. Mororó: Primeiro a separação entre trabalho e... Trabalho e lazer e famí... É uma coisa muito mais intrincado, né? Tipo, as pessoas trabalham na própria propriedade e os tempos, né, de trabalho são envolvidos com os tempos da família. Você para pra almoçar, você para pro café da manhã, você para pro lanche, você... Tem uma relação diferente, né?

Bruno: O discípulo do [inint].

[riso]

V. Mororó: Isso, assim, ficou muito marcante para mim. é... Porque aqui, né, é muito diferente a forma mesmo como as pessoas se relacionam, né, o ciclo de amizade. Você percebe, assim, por exemplo, é... Até na... No turismo. É... É como se eles se usassem da rede que eles têm entre eles, já que vem da agricultura familiar, para o turismo. Porque, por exemplo, esse menino, Pedro, ele começou a fazer turismo lá. Aí ele começou a levar... é... Um turista ou outro para a casa da tia, um turista ou outro para a casa do tio, um turista ou outro para a casa da mãe, e aí o turismo meio que foi se expandindo para a rede familiar dele, né? Então essa coisa de misturar trabalho e família está muito presente. Eu achei interessante, porque eu jamais, por exemplo, meu caso, eu iria incluir a minha mãe em uma questão profissional minha, ou meu pai, isso impossível. São profissões totalmente separadas e o universo totalmente separados. E, como eles tem essa possibilidade lá, eles fazem.

Bruno: Meio tribal o negócio.

V. Mororó: É. O negócio que meio que tem uma... Uma co... Uma classe de solidariedade, né, um grau de cooperação entre as pessoas, que ultrapassa o nível familiar. Entra, também, na...na questão do trabalho, né? Isso ficou presente para mim. Mas, assim, do ponto de vista menos analítico, né, mas, assim, senso comum, eu diria que... Que a forma como as pessoas lidam uma com as outras, né? Elas são... Pessoal... Cara, eu cheguei na casa de... De meia dúzia de pessoas e tomei cafezinho, sabe, com gente que eu nunca vi na minha vida, entendeu? Disso que eu bati na porta para falar "oi" e a pessoa "Ah, entra", e me serviu o café, e me contou a história de vida, entendeu? Assim, de graça.

Bruno: Que região é essa aí de Friburgo, que você falou ali a pé? É Parque...

V. Mororó: É Parque...

Bruno: Parque Estadual Três Picos. Fico próximo de Lumiar?

V. Mororó: Não. É o... Distrito de Campo de Coelho, que é o distrito ma...

Bruno: Campo de Coelho?

V. Mororó: É, isso. É o distrito mais, assim, agrícola, vamos dizer.

Bruno: Sim. Nunca ouvi falar desse Campo de Coelhos. Por que eu estou falando isso? Porque... Friburgo eu conheço: Lumiar, São Pedro da Serra. Conheço o Centrinho de Friburgo, ali. E uma parte... Tem uma área ali que é divisão quase com... Cordeiros, se eu não me engano. Esqueci o nome. Tem um distritinho ali também que eu já passei.

V. Mororó: É porque o turismo lá é novidade...

Bruno: Mas eu nunca... Eu nunca vi... Eu nunca... É, lá no Campo de Coelhos, né? Porque Lumiar, na serra, não é mais. É, eu nunca vi esse tipo de relato, porque sempre que vem de Friburgo, sempre com muitas potencialidades maiores de pessoas, né? Tem noção de quantas pessoas moram lá nesse lugar?

V. Mororó: Então, lá, nesse lugar...

Bruno: Nesse Campo de Coelhos.

V. Mororó: Não, Campo de Coelhos é, tipo, sei lá, acho que... Não consigo me lembrar agora de cabeça.

Bruno: Passa de umas cinco mil pessoas? Deve...

V. Mororó: Passa. Chega a umas oito mil. Dez mil no máximo.

Bruno: Mas é pouco.

V. Mororó: Não, é pouco, mas assim...

Bruno: Mas com... É... É...

V. Mororó: Mas na localidade, em específico, porque lá são... São várias localidades rurais dentro do distrito.

Bruno: Sim.

V. Mororó: Aí, essa localidade dos Três Picos tem quarenta famílias, entendeu? Tipo, é muito pequena. E eles estão no entorno do Parque. Eles estão na zona de amortecimento do Parque. Então o turismo é uma coisa muito nova, porque o Parque tem quinze anos. Não tinha turis... Tinha montanhista que ia para lá escalar, mas não...

Bruno: Como sempre, né?

V. Mororó: Como sempre.

Bruno: O pessoal de aventura batia primeiro.

V. Mororó: Chegar primeiro, entendeu? E tipo, por muitos anos eles escalar lá. Mas não era turismo, porque não tinha. Ninguém sabe... Ninguém conhecia, entendeu?

Bruno: Não tinha atividades turísticas, né? O fenômeno já existia.

V. Mororó: É. Não tinha ninguém organizando nada. Não tinha pousada, não tinha nada. Não tinha como ter. Tinha os curiosos, os aventureiros que iam subir para fazer trilha sim, mas que trilha, né? Que não tinha nem trilha. Era uns...

Bruno: Eles abriam, né?

V. Mororó: Abriam. Então, é isso. Mas é... É fronteira com Teresópolis.

Bruno: É muito interessante. Que isso acontece muito em... Em Guaçuí lá, na minha cidade lá. Você para na... Você para na...

[interrupção] [00:25:58] a [00:26:04]

Bruno: Lá em Guaçuí você para na praça para falar com as pessoas e elas te levam para casa.

V. Mororó: É.

Bruno: Bom, então vou ser um pouco mais objetivo para você não falar tanto.

V. Mororó: Não, tranquilo, Bruno.

Bruno: é... Você já conhecia al... Você já conhecia essas lidas, tipo ordenhar vaca? Você já conhecia... Nada disso? Muito menos debulhar feijão?

V. Mororó: Não.

Bruno: Você não sabia nem que feijão dava em cachinho.

V. Mororó: Não, sabia sim, sabia, mas eu não sabia que, tipo... Sei lá, eu simplesmente não pensava sobre isso, entendeu? É tipo... Paz peso...

Bruno: Tava em uma vibe...

V. Mororó: Tipo: ok. Debulhar o feijão é uma tarefa. Isso nem passava pela minha cabeça.

Bruno: É, dá um trabalho do cacete.

V. Mororó: É.

Bruno: Bom, e aí... Você já falou como é que foi participar dessa rotina, né? Você foi lá, viu e tal parãã. E aí eu queria saber... é... Qual foi a diferença... Qual a diferença que você enxergar desse tipo de viagem, como turista de um ambiente rural, do agro turismo, por exemplo, para outros tipos de viagem? Qualquer tipo.

V. Mororó: Qualquer tipo?

Bruno: Cruzeiro...

V. Mororó: Eu acho lá...

Bruno: Que você já tenha feito, inclusive, na vida.

V. Mororó: Não, esse tipo de viagem, para mim, foi um... É criar vínculo, né? Isso é diferente, porque, quando você vai em um destino assim, mais... Assim cosmopolita, cidade grande, você não cria vínculo com quem te recebe.

Bruno: Estou entrevistando uma pessoa muito chique, caraca. Cosmopolita.

V. Mororó: Não tem. Você não cria vínculo. Geralmente você fica em um... Eu, por exemplo, fico no hostel, fico... Não fico tipo... Pousada é um negócio... Você ah... Você acha um lugar menor e tal, então é uma forma de receber diferente. Acho que isso que ficou para mim, assim de criar vínculo com as pessoas que estão me recebendo. Isso é muito diferente. Não tive nenhuma outra experiência minha de turismo em si, entendeu? No intercâmbio eu tive, mas era intercâmbio, não era turismo. Eu fiquei. Morei. Então criei laços. Mas lá não. Foi muito rápido, entendeu? Foi tipo uma primeira visita já estava assim, me sentindo íntima de todo mundo. Tomei café na casa da pessoa, sabe? Tipo, para mim isso não é comum. Na minha casa não... Eu sei que isso é uma coisa da roça, né? Que as pessoas não levam muito como a...

Bruno: Todas as vezes que você foi lá, foi a mesma coisa?

V. Mororó: Tranquilo.

Bruno: Sempre tomando café na...

V. Mororó: Sempre. Tipo te... Quando eu comecei a frequentar foi meio que assim. Agora, toda vez que eu vou lá. Eu vou na casa da pessoa dá um "oi", entendeu? Passo, um dedinho de prosa, tomar um café, entendeu? Sei lá, é engraçado, porque eu não me sinto tão no fator de turista, sabe, como me senti em outras ocasiões. Mas, assim, de chegar, fazer check in, lá não tem isso, porque é diferente.

Bruno: Lá não tem isso ainda, né?

V. Mororó: É, por enquanto.

Bruno: Que nos lugares já tem o check in. Já tem...

V. Mororó: Lá não tem nada disso. Não tem check in, não tem check out. Tipo, eu marco com o Pedro...

Bruno: Isso não é ruim?

V. Mororó: Não. Eu acho... Eu acho inclusive excelente.

Bruno: É, porque...

V. Mororó: Porque é outra relação. É, tipo assim: ligo para o Pedro "Pedro, preciso chegar tal hora, tudo bem?" "tudo bem" se ele dá um jeito e resolve, entendeu? "Pedro, não como..." ah vai ter o caldo na janta "Pedro não como carne." "Ah, beleza." Ele faz um caldo vegetariano para mim, entendeu? São coisas, assim, muito mais... Aí, falando de experiência turística, né, o que é engraçado é que as pessoas meio que gostam, né, dessa... Eu acho, assim, que... Dessa coisa mais, assim, personificada, né? Faz a gente se sentir, assim, no colinho, sabe? Em um lugar que é priori você. É turismo, é negócio. Mas tem outra coisa...

Bruno: É um pouco do carinho, né?

V. Mororó: É.

Bruno: Faltam muitos destinos assim. Vamos lá, é... Você atribuiria alguma mudança de hábito, após essas todas experiências, de V. Mororó antes e da V. Mororó depois,

2015 e todos esses outros anos e meses que você tem... Qual foi a última vez que você foi para lá?

V. Mororó: Ah, foi em ma... Abril.

Bruno: Abril agora? Desse ano?

V. Mororó: abril agora.

Bruno: Tem...

V. Mororó: Ah, três meses.

Bruno: Quase cinco, seis, sete. Sete. Tre... Três meses. Então, de dois mil e quinze até agora, né, você tem um ciclo de... Você falou que foi umas sete ou mais vezes lá.

V. Mororó: Ah, mais.

Bruno: É. Você... Que tipo de mudança de hábito você atribuiria? Se houve mudança de hábito.

V. Mororó: Não, não acho que teve uma mudança de hábito, não.

Bruno: Você tinha antes e depois de...

V. Mororó: Não. Única coisa que eu percebo assim é uma... Uma... Um desejo, uma vontade, que se criou em mim, de querer... é... Morar ou ter uma casinha no interior, sabe, assim? Coisa que eu falei assim: Hum... Tão bom.

Bruno: Então. Foi uma mudança de mentalidade então.

V. Mororó: É. Não assim, de... Que eu posso dizer que no meu convívio, no meu dia a dia, mas isso foi uma coisa que brotou em mim. Eu... Eu tenho vontade, agora, de ter um lugarzinho assim para mim na... No interior, e... Eu ia falar outra coisa, mas eu esqueci. Como é que você fez a pergunta? Repete de novo para ver se eu lembro.

Bruno: Você atribuiria alguma mudança de hábito... Alguma mudança de hábito que você teve que você atribui a isso?

V. Mororó: Acho que não.

Bruno: A essas experiencias todas e... Além da mudança de mentalidade, que você alega que você teve, né?

V. Mororó: Ah, tem uma coisa que, assim, eu passei a perceber muito mais que... Como que é a vida na roça. Porque, assim, quando fui da primeira vez eu dei uma romantizada, entendeu? Achei assim: Aí que bonito, que delícia, que legal, que maravilhoso. Mas quando eu comecei a ir muitas vezes e eu criei laços com as pessoas, eu fui sendo informada das dificuldades de morar ali, entendeu? Tipo: Aí, poxa, muito difícil viver da agricultura. Caramba, a gente, pô, passa perrengue. Se perder a lavoura fica endividado. é... Comecei a perceber que não ter internet não é uma coisa assim, sabe, cool, de tipo: Aí, vou vir aqui para esse lugar para ficar na natureza. Não, as pessoas precisam do acesso. Elas têm dificuldade. Elas estão pedindo a política pública, sabe, "Por favor, precisamos de sinal de telefone, de internet." Eu meio que parei de romantizar um pouco a situação ali. Consigo perceber que: Sim, é bom, é... Convive com a... Com aquelas pessoas é maravilhoso, eles têm uma forma diferente de viver, mas eu não quero que ele... Congelar aquele modo de vida. Eu quero que eles tenham acesso as mesmas coisas que a gente têm as mesmas comodidades, entendeu? Porque antes eu meio que achava... Comecei a achar assim: Pô, que bom, né, que tem esses lugares assim, mais isolados. Só que

não, né? São pessoas que tem demandas e precisam melhorar de vida e que o turismo seja uma forma ou não, mas eu meio que parei um pouco de... Que é um trabalho na lavoura muito pesada, eu comecei a ver isso, entendeu? As dificuldades do rural em si, da agricultura familiar. São muitas dificuldades. Não em todos os lugares, mas aqui no Rio de Janeiro é bem, assim, como eles fa... Bem dificultoso, como eles falam. Trabalhar para agricultura familiar.

Bruno: é... Tem alguma coisa que você deixou de fazer depois disso? Que você fazia agora não, "Não faço mais"?

V. Mororó: Alguma coisa que eu deixei de fazer.

Bruno: Você atribuiria, também, essa experiencia. A essas todas experiencias, né?

V. Mororó: Eu acho que...

Bruno: Não?

V. Mororó: Eu acho que o que fica dessas experiencias, para mim, quando... É que... Assim, é, o jeito simples das pessoas e tal. Eu tive uma visão menos estereotipada, entendeu? De entender o contexto, o que é que as pessoas... é... Tem um jeito simples, qual é o contexto de vida delas ali, entendeu? Acho que não teve assim. Mais isso.

Bruno: Entendi. E tem algum comentário a mais que você poderia dar sobre a experiencia da... No agroturismo, do manejo...

V. Mororó: Bruno, eu percebo...

Bruno: Do lido do campo...

V. Mororó: O que eu percebo, que eu tenho percebido e aí eu já falo também totalmente... Como é que eu posso dizer? Influenciada pelo meu academio, o eu acadêmico, que... Hã... A gente que atribui muito esses rótulos, entende? A gente, como turismólogo, como trade, vamos dizer assim, a gente que atribui essa coisa do agroturismo, turismo rural. O turista em si, ele não está muito preso a isso e nem as pessoas que estão trabalhando ali, de forma mais inconsciente. Porque se... Se você está trabalhando de forma consciente, se você é um cara empresário mesmo no turismo, você vai falar turismo rural para se vender, porque você sabe que tem um... Tem uma demanda especifica e tal. Mas essas pessoas que estão muito intuitivamente, assim, tentando se... A galera lá, não tem... Eles não se reconhecem no turismo. Eles estão fazendo um negócio muito assim: vamos ver o que é que dá. Eles nem ficam rotulando muito como turismo rural, porque eles acham que, assim, eles estão ali para... Para tentar, de alguma forma, aproveitar o que é que está acontecendo. "Tem gente chegando? O que é que eu posso fazer? Ah, vou vender um queijo, vou vender um... Um produto aqui que eu... Que eu já planto, um... Vou fazer uma broa, vou fazer uma compota, vou fazer um... Pegar um mel para vender, né?", mas é muito incipiente ainda, né? No... Nos lugares em que isso se dá de maneira mais ainda, assim... Vamos dizer... Artesanal, né? Não é, ainda, um produto consolidado. Claro que eu estou falando desse tipo de contexto. Que eu acho que se tem uma fazenda de turismo rural, já trabalha com isso a muitos anos, aí sim, é uma coisa que vai estar bem, assim, vendido como um produto de turismo rural e tal.

Bruno: Uhum.

V. Mororó: Mas nessas experiencias, assim, menores, eu sinto que isso é ainda muito, assim, confuso, sabe? Muito... Não dá para você separar...

Bruno: Translucido. Não. Com certeza é. Isso aí é um negócio que, inclusive, eu tive que lutar desde que eu trabalho, para não cair na besteira de... O Bernardo me fez ver isso interessantíssimo com o primeiro trabalhinho da... Do mestrado. O Povelic foi fazer isso, né, discutir o conceito, o lado turismo quanto fenômeno, né? Porque quanto atividade a gente fica preso ao marketing, né, que...

V. Mororó: Somos segmentação...

Bruno: Segmenta tudo, né? Mas...

V. Mororó: A vida não está como segmentação.

Bruno: É. Não, nunca. Nada está segmentado. E... E realmente você não consome só um tipo de atrativo, você não consome só um tipo de turismo...

V. Mororó: Não.

Bruno: Você não consome... Estão tudo muito misturado.

V. Mororó: Tudo muito misturado, né? E essa é a graça, porque eu acho que, eu, V. Mororó, por exemplo, mesmo que eu fosse para algum lugar que tivesse só turismo rural, eu ia escolher algo que tivesse uma paisagem, assim, sabe, interessante, porque tem um outro apelo também, sabe? Não só... Não só o rural, assim, claro que o rural já tem um apelo de uma paisagem, né? Porque o rural se dá... é... O turismo se dá no... No espaço rural, que tem essa coisa da... De alguma forma da natureza, né, que é muito delicado. Mas eu não procuraria só por ser uma lavoura ou ter a experiência de manejo. Não' procuraria só por isso.

Bruno: Entendi.

V. Mororó: Estaria ligado a muitas outras coisas, né? Como ter um banho de rio, como ser um lugar bonito, né, então...

Bruno: Você está mais para o ecorural do que para o agroturismo mesmo.

V. Mororó: Porque eu acho até difícil, né? é... Não sei...

Bruno: Não querendo rotular, mas é mais pela questão do conceito mesmo, da... Você, quanto a tua motivação, V. Mororó, né, é... Em que tipo de propriedade procurar na hora de fazer turismo rural.

V. Mororó: Exato.

Bruno: Interessante. Bom, fomos trinta e sete minutos.

Entrevista com turistas – V. Vargas

Bruno: A cidade que você visitou, que você disse, foi Magé, né?

V. Vargas: Magé, isso.

Bruno: Você tem o nome da propriedade que você visitou?

V. Vargas: tenho. Ela é na verdade avó de um amigo meu, Dona Jane, e o dono lá é conhecido como Luiz Porco.

Bruno: E o nome da propriedade, você sabe?

V. Vargas: O nome da propriedade?

Bruno: É da fazenda ou do sítio...

V. Vargas: É um sítio de propriedade particular do Luiz do Porco. Assim, todo mundo lá conhece como Sítio do Luiz Porco ou Sítio do Porco.

Bruno: Sítio Luiz do Porco. Então lá é sítio. Num é chácara, nem fazenda...

V. Vargas: Não, é sítio.

Bruno: E você dormiu lá?

V. Vargas: Sim, fiquei lá uma semana.

Bruno: Uma semana... De maneira resumida, porque a gente vai falar disso no decorrer da entrevista, ou se você puder pontuar as atividades que você realizou na propriedade, ou o que você fez lá...

V. Vargas: O mais interessante, é como a coisa não é programada. As coisas acontecem conforme as demandas da roça ou se o vizinho acaba inventando de fazer ali. As coisas lá eram meio que cronometradas, tipo você tem que acordar as 5... só que eu cheguei... cheguei a tarde... e quando chegou no próximo dia – eu cheguei na sexta – no sábado foi quando tudo aconteceu. A maioria das vezes a gente chega e o povo já foi dormir. Quando é no outro dia, já acorda com as galinhas, 5 horas da manhã. E o povo chamou. Eu fui lá convidado para passar a semana, porque lá tem uma hospedagem particular, é uma hospedagem para amigos, que é o que ele às vezes faz. Então o Luiz tem uma roça pequena de aipim.

Bruno: então ele tem uma atividade turística.

V. Vargas: Sim, isso. E do aipim ele as vezes usa como troca por outra coisa ou ele vende na feira da agricultura familiar. As galinhas da granja lá, da Jane, com algumas raças específicas, e o porco, além de algumas outras plantações porque ele precisa fazer alimentação e colocar alguma coisa junto com o farelo do porco. Então ele tinha, antigamente muito porco. Já teve 40, 50 porcos, hoje ele não deixa passar de 10. E ele vai trocando isso, e troca com as pessoas e vai cuidando da rocinha para alimentação e tal. E com isso o que ele faz, ele vai na roça de aipim 5 horas da manhã – aí eu acordei. Até porque as galinhas cantam muito e mais o cheiro do café... não tem como você não acordar. Aí tá. Acordei... já acorda assim, não tem como acordar mal-humorado. Você já acorda e tem coisa pra fazer.

Bruno: e tinha um grupo com você?

V. Vargas: tinha. Tinha o neto dela com a esposa, tinha eu a Ana Claudia e mais um outro casal. Éramos seis.

Bruno: então era uma coisa bem crua mesmo.

V. Vargas: E a gente começou a dividir o que as meninas iam fazer e o que os meninos iam fazer. E daí veio o Luiz 'V. eu vou lá na roça pra pegar aipim, que ir comigo? Pode ir?' e eu disse 'posso'. E aí fomos pra roça com o Luiz. Quando eu cheguei na roça, que fica a uns 200 metros, aí o Luiz começou a tirar o que ele achou de aipim e começou a fazer as leiras e comecei a ter ciência de como se faziam as leiras. Porque faz uns montes assim, jogando a água pra que a água possa irrigar mesmo, ou até com a água natural da chuva. E o Luiz não tem problema de água. Porque os fundos da sede do Luiz, serve para... passa para tubulação da Sedae até. O sítio é grande. Ele tem até uma cascata dentro do sítio, ele tem essa cascata na propriedade particular e a Sedae pegou e tocou a fazer²⁷ dentro da cachoeirinha. Ali é conhecido como Cachoeira, quase Rio do Ouro. Então, dali ele passou por baixo da terra, por baixo da estrada a parte quando ele irriga a água dele. Então ele começou a tirar a água dele e deixou uma borracha direto. Lá eles se preocupam com o desperdício e que também ele não pode fazer o açude. Ele tira de onde ele vai usar e já joga para outro lado do sítio. Então fica corrente a água.

Bruno: Então ele é consciente...

V. Vargas: Consciente. Mas lá há essa cultura e vai passando de um sítio por dentro do outro na comunidade. E aí tá... começou. Começamos recolhendo os sacos de aipim que estavam e as folhas para levar e aí ele começou: 'então aproveita para levar as enxadas pra...

Bruno: Então você pegou em ferramenta, fez leira, colheu aipim...

V. Vargas: Peguei, fiz as leiras, peguei os sacos de aipim...

Bruno: tá, peraí! Então tem porco, galinha... que mais tem?

V. Vargas: Porco, galinha...

Bruno: Só porque eu quero entender a propriedade.

V. Vargas: Tá. Porco, galinha e plantação. A plantação seria de aipim, que tem mais na frente...

Bruno: raízes né... frutas tinha?

V. Vargas: Frutas... tinha jaca, bastante fruta de árvore mesmo. De árvore frutífera. Tinha jamelão, jambo. Jambo inclusive era usado para gente levar para a comida do porco.

Bruno: Então o que é plantado lá roda mais ou menos em torno da alimentação de porco e galinha...

V. Vargas: é. Mais pro porco e galinha. E... porque ali ele já tava fazendo troca com outro vizinho que tinha outras coisas. Muito comum. E eu fiquei encantado com a barganha. E de como ele fazia a troca...E dali partiu! Voltamos. Deu 7h da manhã estávamos voltando. E aí chegamos e vimos que as meninas estavam com problemas de uma galinha e os meninos ajudaram as meninas com as galinhas, porque a Jane ia matar seis frangos para fazer um almoço e ia congelar alguns, pro almoço de domingo. E aí ela não teve ajuda que ela precisava porque as meninas não queriam matar as galinhas. Então a gente foi e ela disse: 'estão amarradas ali'. E daí o Luiz

²⁷ Acredito que ele se referia a coleta de água para tubulação da Sedae, mas não quis entrar em detalhes para ir direto aos pontos da entrevista.

falou: 'V. Vargas eu tenho que dar comida pros porcos, você mata as galinhas?' Daí eu pensei 'bem, galinha eu já matei.' E aí me deu um prato e não tem essa história não. Era cruzar a asa botar de lado, apoia no joelho e daí faz sangrar a galinha no prato. Para poder usar o sangue depois pra comer. E pra fazer o molho pardo. Aí matamos quatro frangos e as meninas botaram a água pra ferver. Eu passei pelo processo de jogar a água fervendo e daí você levanta o pezinho pra saber se ela está morta ou não, e aí mergulha na água para depenar. E aí eu ganhei a habilidade de puxar pelo couro. Eu nunca tinha feito isso. E daí peguei pelo couro e puxava e daí vinha o couro com pena e com tudo.

Bruno: Que experiência cara...

V. Vargas: Bacana. Porque eu já tava gostando de fazer o negócio. Porque ela me ensinou dessa forma. Porque eu depeno, mas jogando na água e depois tirando pena por pena.

Bruno: Poxa, então em menos de uma semana você já estava no traquejo da galinha...

V. Vargas: Depois a gente abria aqui na altura do peito, abria e puxava. Como se fosse uma veste ao contrário. Entendeu? E daí nas juntas, era só dar um pique. Aí abria tirava os miúdos e aí sim a gente dava pras meninas que estavam no tanque para lavar.

Bruno: então esses manejos todos que você fez antes não eram conhecidos.

V. Vargas: antes não.

Bruno: Ok. Vamos lá! Quando foi a visita a essa propriedade?

V. Vargas: janeiro do ano passado [janeiro de 2017].

Bruno: tem um ano então.

V. Vargas: janeiro de 2017.

Bruno: ótimo. Quantas vezes você fez esse tipo de atividade?

V. Vargas: Lá? Fui bastantes vezes? Aquela que eu te contei era a segunda que eu fiquei mais tempo. E depois disso fui mais uma vez.

Bruno: E porque você escolheu fazer esse tipo de lazer?

V. Vargas: Na verdade, eu queria ter basicamente um maior contato com a natureza. Pra eu ter esse momento de reflexão e eu precisava mesmo tirar a adrenalina dessa vida urbana – pra lá e pra cá. Eu fui buscando mais de paz, que tivesse mais contato com comunidades e um pouco longe da zona urbana. Mas eu não contava também que ia fazer tanta coisa. Porque eu começava a gostar do que eu tava fazendo, de participar daquela vida 'in natura'. Pô, você planta ali, colhe ali e ali mesmo você consome. No tanto que houve a tarde, eu comecei a verificar que houve a troca. Você percebe que você não vai comer aquilo ali sozinho só, porque o vizinho acabou chamando o pessoal para a ir lá matar um porco [riso]. Aí eu fui aprender como matava um porco e aí foi uma experiência muito mais sagaz. E aí eu me interessei em saber como se mata um porco mais por uma questão cultural. Pô é uma cultura bacana da necessidade humana. Vai que um dia eu precise, mesmo. Eu acho legal que eu quebrasse aquele tabu. 'Ah, tudo bem eu quero uma vida mais saudável...', mas você consome carne e você tem que saber de repente, sei lá, quais são os cuidados que você vai tomar e eu já tinha visto tantas outras coisas porque que eu não posso ver mais essa? E aí eu caí. E aí eu me vi o preparo que eles fazem com o porco, cara.

Porque eles fazem o que eles chamam de giral. Eles têm as peças e encaixam o giral, porque eu tinha visto á matarem porco com uma porrada na cabeça e lá eu gostei muito mais porque eles tinham o maior cuidado.

Bruno: E você viu isso onde?

V. Vargas: numa outra roça que eu fui que foi o casamento de uma prima minha e foi tudo da roça. Essa não essa eu tinha ido para passear. Para viajar mesmo, pra curtir. E aí a catarse era isso, curtir o que tinha de alternativo. E acabou isso me aproximando do porco. Porque, olha só. A vizinhança passou a fazer o seguinte: ‘se tá com gente aí Luiz? Eu tô também. Vamos matar um porco?’ E aí o Luiz: ‘vamos matar um porco então’. Aí a ente precisou montar um giral. O giral é uma forma de U em madeira e os caras atarraxam e daí nós fomos ajudar a atarraxar e daí coloca o porco com a ajuda de um laço e coloca ele lá como se fosse uma vítima, né? E daí você amarra as duas patas e depois amarra as outras duas e bota pra cima. E assim, eu achei muito bacana porque eles não deixam o porco nem um pouco estressado e não deixava ele fazer tanto barulho. Eles faziam questão que alguém segurasse a boca do porco para sangrar. Daí você começa a contar embaixo da costela para pegar o coração. E aí eu fui convidado a sangrar. Daí ficou aquela brincadeira, se eu acertasse o coração de primeira eu ia ganhar uma cerveja. E aí começou a sacanagem do pessoal.

Bruno: Aí você foi porque uma garrafa de cerveja é uma boa troca...

V. Vargas: Eu disse: ‘então me dá a cerveja primeiro pra cá... [riso]. E os caras: ‘duvido que esse caboclo ganha essa cerveja’. Daí o Luiz: ‘Mete a mão na costela, conta aí para achar o coração. E aí você vai ter de enfiar de uma vez só.’ Era uma faca que vai de um lado a outro. Tipo uma adaga. Afiadíssima. E daí eu fui de primeira e sangrei. Quando eu sangrei teve o banho do porco. Porque eu não estava entendendo a história do banho do porco. Que a mulherada tava lá lavando o sangue. Eles eram superbem limpos, Bruno. Porque eles tavam lavando para fazer chouriço. Então eles estavam lavando o porco, usando várias bacias de água para poder... elas irem tirando o sangue do porco. E daí depois, antes de tirar o pelo depois de sangrar eu achei superinteressante a forma de saber se ele já estava morto que foi aquela coisa de balançar o rabo. E segurar o rabo ‘ó, aqui que você vê...’ E eles me ainda seguravam o bicho porque ele ainda podia se debater. Então assim, tudo isso foi aplicado numa logística muito diferente. Eles são muito cuidadosos e todo momento com muito cuidado do porco não ficar com a carne ruim, para ele não sofrer e em momento nenhum estragar o alimento, a comida que ia ser consumida ali. Aí, a gente fez tudo junto. Eu já tinha visto da outra vez e alí eu tinha achado mais legal porque não me pareceu aquela coisa tão sanguinária nem tão macabro ou sofrido porque eu via preocupação com o animal e a ideia de que a gente mata para comer. Entendeu? Aí sacrificou o porco lá, ele começou a sangrar e começaram as meninas a fazer o tempero para fazer o chouriço, e as costelas que depois foram tiradas foram colocadas numa panela de pressão que eles tem para colocar... joga a água na panela de pressão com o tempero e voltava já tava na banha.

Bruno: que dizem ser mais saudável que o óleo de cozinha.

V. Vargas: Cara, eu fiquei encantado com aquilo. Aí o próprio limão galego que tinha já foi colocado na cachaça e fomos ficando chapado, na mão do palhaço, comendo porco, mas o sabor é outro nível. Nunca tinha comido porco assim. Mastigava e a carne do porco era outro. Era um sabor diferente mesmo. Acho que comparo mais aquele sabor de carne assada, a textura... muito mais do que a que a gente compra no mercado. Aí, acabando a história do porco. A gente ficou das três horas até as sete

horas da noite esperando acabar de sangrar o porco, que ia virar esse chouriço, né..., porque lá tem cachoeira, e esse cara²⁸ pega os miúdos, as tripas do porco e esse chouriço que a gente confeccionou e vai tirar a grana dele lá de tira gosto²⁹. Entendeu? Então eles congelam uma parte e vendem a outra. Eles aproveitam tudo do porco. A tripinha e a coisa... porque daí você pega a vara vira a tripa, passa fubá para ficar claro e não amargar e faz o tira gosto assim mesmo e depois frita. Eu fiquei só com um nojinho, vou te enganar não, mas provei e a parada era boa. E eu achei engraçado também o tempero que eles fazem também. Então fui dar de cara com uns temperos, tipo a alfavaca que eu não tinha visto, eu não conhecia a alfavaca. Ela [Dona Jane] usava em várias coisas.

Bruno: Não conhecia alfavaca...

V. Vargas: Não. E aí ela estava explicando que era digestiva inclusive. Eu já tinha sentido o sabor da alfavaca, mas não associava o sabor à planta, porque eu não conhecia. E outro detalhe, eu vi uma ramificação da alfavaca e uma ramificação da hortelã. Eu vi a hortelã-pimenta, que pra mim era uma folha normal, sei lá o que era. Incrível! E quando comecei a, mastigar aquilo, cara, eu disse assim: 'Meu Deus, o que é aquilo?'. Muito bom! Outro sabor. E depois eles se arrumam, montam um tipo de barraca e aí tem forró nessa barraca. O cara já faz as coisas programadas pro turismo. Que seria... eles, é... estavam se programando para o Sábado, que já era verão, para visitas que chegavam de verão e para eles venderem no comércio deles. Então era uma visita que eles aproveitavam duas vezes. Que eles apresentavam um processo que as pessoas não sabem como funciona.

Bruno: Então todos faziam atividades na roça?

V. Vargas: Não. Eu que fui convidado para fazer...

Bruno: Ah então essas pessoas iam para o forró...

V. Vargas: Isso, a maioria ia para o forró... Elas queriam saber de consumir..., mas eram pessoas bem urbanas mesmo. Elas iam para consumir..., mas há essa preocupação do turismo inclusive, que assim: você olha assim. A coisa é tão que... você não tá entendendo. Se um dia você for lá você vai ver. Ele fez uma piscina de água natural. O trabalho dele também, que ele ganha dinheiro, é lapidando pedra. Na forma manual. Ele é um 'Fred Flintstone'...

Bruno: Ele não ganha com as visitas?

V. Vargas: Não. Ele tem uma preocupação tão grande com o meio ambiente Bruno que ele não deixa nem a gente tirar muita foto. Ela acha na cultura dele que se isso tudo virar um turismo exacerbado, ele não vai dar conta e ele vai sumir. Ele quer segurar o patrimônio natural para virar outra coisa.

Bruno: Mas ele recebe visitantes então...

V. Vargas: Ele recebe visitantes que gostam... e é isso assim, ele limita. Ele limita porque ele vai entender qual é o porquê que você quer. E ele não quer abrir para pessoas que vão lá só para consumir porque elas não vão dar valor.

Bruno: Ok. O que você imaginava antes de ter essa experiência?

²⁸ Vizinho do Sr. Luiz do Porco.

²⁹ Venda direta aos banhistas da cachoeira mencionada, próximo ao Sítio Luiz do Porco.

V. Vargas: De lá? Que eu ia sentar numa rede, ler livro, e comer um bolo de fubá. Assim, uma coisa bem pacífica. Que eu não fosse ter contato com o vizinho que eu não sei de onde. Eu pensei que eu fosse tomar banho de cachoeira, voltar, fazer uma comida, ir no mercado, que é longe pra caramba, que eu ia ter que levar tudo... e eu comecei a entender que a gente não precisava de consumir tanta coisa nos armários. Essa foi a diferença do antes e depois. Eu pensava que todo lugar que a gente fosse passear a gente ia ter que comprar tudo e colocar lá. Não! Lá existia uma forma de consumir algumas coisas de lá... por exemplo, o bolo de aipim deito lá pra de manhã, se fazia pão assado, bolo... entendeu? Então assim, a forma de consumir meu meio que mudou ali, de alguma forma.

Bruno: qual tipo de acomodação que você dormiu lá?

V. Vargas: Era um colchonete mesmo no chão. A parte da casa que não estava reformada era de estuque³⁰. Era tudo barro.

Bruno: Pelo que eu estou entendendo então a casa para as visitas não era para acomodação, você ficou porque foi convidado, isso? Faz parte desses eventos, forró que eles fazem...

V. Vargas: isso, faz. Faz sim.

Bruno: Era rústico, mas era confortável.

V. Vargas: É, era. Ele não queria nem tanto a reforma, porque ele está construindo uma outra, mas ele não quer desfazer dessa porque é antiga.

Bruno: Tudo que você fez lá fazia parte de alguma programação pré-estabelecida ou o que tinha que fazer, fazia-se?

V. Vargas: Como eu te falei, eu fui para roça e não tinha nada programado, mas eles tinham tudo programado. Não foi programado pra mim. Fazia parte da rotina deles. Na verdade, todos que chegarem lá ele vai tratar da mesma forma. Na cabeça deles era programado pra mim, eu que não tinha nada desta programação.

Bruno: Então você não foi por intermédio de uma agência?

V. Vargas: Não, fui por conta própria.

Bruno: Fez novamente, né?

V. Vargas: Sim!

Bruno: Faria de novo?

V. Vargas: Com certeza.

Bruno: Lá?

V. Vargas: Lá e em outra propriedade.

Bruno: Quais as impressões que você teve a se relacionar com os manejos? Estes que foram ofertados para você tanto os que tiveram ferramenta, com a terra e com os animais.

V. Vargas: A primeira, a maior assim, foi de dar mais valor à vida, me sentir mais útil, mais capaz. Me senti muito mais útil e mais capaz. Porque às vezes a gente tá tão acostumado à coisa pronta que você não dá valor e ao mesmo tempo você não sabe

³⁰ Conhecida também como pau-a-pique. Edificação rudimentar feita com bambu, cipó ou fibras para amarração e barro usada na construção de habitações no meio rural.

como funciona aquele processo, não é? Eu achei muito interessante você conseguir se alimentar, buscando seu próprio alimento. Acho que isso aí pra mim... é uma experiência que se eu pudesse eu viveria. Claro que dentro do contexto da minha realidade não tem como, mas eu achei muito interessante. Acho que é uma experiência de vida que eu vou levar pra sempre.

Bruno: Que ótimo! A questão das ferramentas, como é que foi pra você mexer com enxada, enxadecos, era novidade para você?

V. Vargas: A enxada não, porque eu já mexi.

Bruno: Teve alguma ferramenta que foi novidade para você? Fora a adaga do porco, que essa aí você já falou que foi.

V. Vargas: A adaga foi mesmo. Mas outras não. As ferramentas, as outras, que eu vi foi a enxada, a foice e o ancinho.

Bruno: Você usou foice?

V. Vargas: sim. Ah e o enxadão.

Bruno: e quais são os pontos positivos e negativos da experiência rural para você?

V. Vargas: Acho que o ponto positivo, como eu acabei de contar, é essa forma de como você começa entender o plantar, o colher e o criar. Eu acho que o maior ponto positivo que a gente teve no contato com a criação, vamos dizer assim, é que a gente precisa cuidar daqueles bichos, daquela colheita e daquele plantio de uma forma saudável. Você talvez compra as coisas saudáveis, mas você não tem contato, não sabe de onde veio... e não sabe quando foi criado... você só está consumindo. E ali não. Ali você vê o preparo... então é o que eu tô te falando. É um cuidado de todo dia para ver se não tem praga. Às vezes você vai pra roça só pra ver se não deu praga...

Bruno: então lá eles não usam remédio, agrotóxicos.

V. Vargas: Não usam, eles usam outros artifícios naturais. Terra de formiga, que ele coloca num espiral e vai rodando na terra. Eu não sei porque, mas eu vi ele girando aquilo na terra e ele disse que as formigas se espalham. Como se fosse um parafuso e ele vai chegando lá no centro do formigueiro. Eu não sei se elas se dispersam seguindo as linhas, eu não sei. Não entendi.

Bruno: Mas você fez.

V. Vargas: Não, esse eu só vi. E eu perguntei o que era e ele me disse que era para tratar a terra com formiga, mas eu não entendi. Mas eu achei interessante esse negócio com formigueiro. E isso foi o que eu pude observar ali. Como eles produzem com carinho para que todos possam consumir, mas com muitos cuidados.

Bruno: Legal. Quais diferenças que você percebe com o cotidiano na cidade com a rotina que você percebe no sítio que você visitou?

V. Vargas: As diferenças? Olha tem várias! Acho que é assim: a vida é mais saudável porque você se aborrece menos; você tem sentido, lógico, mas eu acho que o outro não te afeta tanto, por causa do sentido de comunidade. Ele é tão concentrado que você começa a perceber que um depende do outro mesmo. É uma cadeia de forma... Engraçado, a gente tem tanta tecnologia na cidade para se ligar e acaba dispersando. E as fazendas lá conseguem se unir chamando um na porta do outro. Como pode? Acho que a maior diferença que a gente pode perceber é esta. Acho que é a integração de todos, viver realmente em comunidade e saber... eles têm uma noção

melhor que o que eles fazem pode afetar o outro. Acho que é por causa da natureza. Se eles represarem a água, vai prejudicar a propriedade do outro...

Bruno: São agricultores familiares, né?

V. Vargas: Sim, agricultores familiares.

Bruno: O contexto muda conforme muda o comportamento, interessante o teu pensamento.

V. Vargas: E eles pegaram essa missão. Por isso eles não gostam de crescer. A conversa lá é... Lógico, que eles gostam de fazer tudo por lazer, mas querem que as outras gerações vejam, que os filhos e netos vejam... Eles têm medo de se tornarem grandes produtores. O contrário. Ele viu uma migração começando ali próximo do Luiz do Porco e ele contou que tinha umas cinquenta cabeças, e daí ele foi vendo que se continuar assim e ele teria que abandonar esse processo in natura dele. Iria ter que usar outros canais para não jogarem nada nos riachos... entendeu? Então ele começou a ter preocupações com isso...

Bruno: Você conhecia as labutas que você fez lá, antes de ter ido?

V. Vargas: Não! Eu já tinha visto, mas na verdade

Bruno: Mas que você já tinha feito antes...

V. Vargas: Só a enxada, o ancinho... Porque matar o porco e leira também, eu nunca tinha visto.

Bruno: Então, só enxada e ancinho.

V. Vargas: Porque eu já fiz jardinagem, então por isso que eu conhecia. Só por isso.

Bruno: Quais as diferenças que você vê entre as atividades que você fez no sítio e qualquer outra viagem que você tenha feito antes? Vamos imaginar, que você fosse nesse mesmo período para qualquer outro lugar. Você já deve ter feito outras viagens, né? Outras atividades e formas de lazer, né!? E daí qual diferença que você dessa forma de viagem e outras viagens que você fez?

V. Vargas: Acho que nas outras você está sobrecarregado e quer só relaxar. E eu acho que esse tipo de atividade você não quer só relaxar, você quer conhecer mesmo. Você quer ver como as coisas funcionam e acaba se sentindo útil. Se vai se sentindo familiar. Você não vai para um lazer de praia, de teatro... lá tem opções de lazer completamente diferente.

Bruno: Por que diferente?

V. Vargas: Porque você não vai pagar por nada que você está fazendo ali. Você vai sentir o prazer da coisa naturalmente. Você vai ver o que você quer se adaptar ou não. Você tem o poder da escolha. Não é igual quando alguém te oferece um pacote fechado.

Bruno: Pode ser que você não tenha pago para fazer o que você fez nessa propriedade. Você pode não ter pago para mexer na enxada, por exemplo, mas você teve um custo.

V. Vargas: Tive, lógico. Acesso, entrada, a festa.

Bruno: Mas essas viagens que você falou com guias de turismo, avião, ônibus, hotel e tal. E você falou de circuito programado... Essas viagens são comuns que você faz.

E o que você fez de atividade lá que que você de diferente? Você falou dessa utilidade. Legal. Mas além da utilidade o que você vê?

V. Vargas: A organização da forma como é apresentado ou como é conduzido. Mas pra mim a satisfação maior é descobrir a coisa através do que eu vou buscando e achando que é interessante. Diferente das outras que você faz porque você conhece ou porque você ouviu falar. Numa viagem normal você já vai sabendo mais ou menos onde você vai. Que vai na peça tal, teatro tal, fazer tal coisa... lá não. Lá você só sabe onde fica o núcleo, mas você não sabe como são as ramificações. Você tendo que se envolver mais com as pessoas diferente do que você faz num pacote fechado.

Bruno: Você atribuiria alguma mudança de hábito na sua vida após essa experiência?

V. Vargas: Água! Totalmente. Consumo de água. Desperdício de água, consumo de água. Totalmente. Eu voltei encantado, que era tanta água e assim que depois que eu sai e passei 10km depois da propriedade e vi que a má distribuição de água afeta o centro da comunidade. Então eu já voltei trocando as torneiras. Pra que eu não desperdiçasse tanta água. Já voltei com outra filosofia de vida. E Ana Cláudia também. Ela começou a reutilizar a água por isso. Ela viu que estávamos usando muita água. Voltei mesmo Bruno, de boa! Que você começa a dar outro tipo de sentido a isso. Porque eram pessoas muito simples, água brota, eu vi a preocupação deles. E como aproveitar mais as coisas também. O cuidado com os alimentos. Porque eu vi a cadeia na minha frente. Eu via folha virar comida do porco, o porco virar comida de gente, as vísceras virarem outra coisa e virando adubo... eu tava vendo algumas coisas, uma mecânica, uma lógica totalmente diferente que eu via. Porque a gente só fica no lixo, lixo, lixo e esquece de perguntar onde que aquilo tudo tá pra ir. Pra algum lixão da vida... Então eu voltei, principalmente, no consumo de água. Outro, renovado.

Bruno: Há algo que você deixou de fazer após participar do manejo rural?

V. Vargas: A forma de consumo. Se eu tirar uma folha aquilo vai fazer falta. Eu não tenho que tirar um monte de folha se eu não sei se aquilo vai ser repostado ou não. Então, quando eu vou agora eu vou para cachoeira. Eu nunca fui porcalhão, mas eu tenho consciência que gero lixo. Lixo urbano. Eu tenho essa consciência. E assim, mudou muito! E mudou muito essa história de gerir e de passar a não agredir tanto o local... Porque você em contato com eles e vê eles se preocupando dessa forma, com essa dinâmica, você muda. Me mudou.

Bruno: Excelente! Última pergunta: tem alguma coisa que você gostaria de falar, algum comentário final?

V. Vargas: Eu acho que as pessoas deveriam experimentar o quanto antes. Assim como a gente fala de línguas, que as vezes tem que ter contato com línguas cedo, para que se torne um pouco mais multicultural e que você tenha acesso mais rápido e a compreensão seja mais rápido. Às vezes a gente fala de língua estrangeira para alcançar determinado nível na sociedade, que a tecnologia a gente tá indo para um caminho que parece que a gente tá é voltando, porque eu acho que a gente tinha que ter esse contato com a natureza! Isso iria ser tão prazeroso. Ou se você precisar fazer para ajudar a manter a terra sadia ou alguns espaços. Cara se você não tem prazer de fazer aquilo, você com certeza terá nas próximas vezes. As meninas, por exemplo, na segunda vez se envolveram mais que até quiseram matar a galinha. Você está entendendo? Tem que se tornar um prazer. Tem que se achar prazer em saber como as coisas realmente são. Arar uma terra, dá o valor que aquilo tem, porque isso aqui é parte do teu consumo e você tem que saber quanto aquilo custa.

Bruno: Cara, quero te agradecer muito. Valeu por esse tempo e pela disponibilidade.

Entrevista com turistas – B. Teixeira

Bruno: Então cara, eu costumo sempre começar a entrevista falando já que isso aqui é uma conversa, não tem nenhuma pergunta de cunho pessoal, muito íntimo, nada vexatório, mas se por algum acaso você se sentir constrangido, quiser parar a hora que você quiser, tá, está liberado. Só por protocolo, né. É... vamos começar aí pelas localidades que você lembra de primeira mão assim...

Bruno: Então voltando...

B. Teixeira: Vou botar aqui porque eu falo mais baixo que você.

Bruno: Está ótimo, beleza. É... e aí lembrando a primeira coisa que você lembra, de lugares que você visitou, é... que não é propriedade sua, né, você não é fazendeiro.

B. Teixeira: Sim.

Bruno: Então, propriedades e lugares rurais que você já foi, até uns 4 ou 5 anos atrás mais ou menos pra cá.

B. Teixeira: Tá.

Bruno: É... as atividades que você fez lá pra começar. Pode falar cidade, pode falar propriedade.

B. Teixeira: Tem algumas. É, a última eu fui à Leopoldina, até te mandei foto, né? Fui à Leopoldina, teve uma exposição agropecuária lá que pra mim é turismo rural, você pode dizer como que você avalia isso, mas... exposição agropecuária é turismo rural, não tem como não ser. É...

Bruno: Sem dúvida.

B. Teixeira: Lá é Leopoldina, eu também fui em uma fazenda, um sítio lá que tinha, enfim, um pouquinho de pecuária, mas o lance lá é fabricação de cachaça. Fui lá no em um alambique e vi os caras fazendo e conversei pra caramba com os caras lá, comprei a cachaça, provei as cachaças que os caras faziam, tudo mais e essa é uma. Outra... é que eu sempre visito ali o interior do Espírito Santo, né. São José do Calçado, Alegre, Ibitirama... essa região aí que é cidade do meu pai né, mas eu nasci em Niterói, sempre fui criado aqui, mas enfim, quando era molequinho em Ibitirama... quando era molequinho em Ibitirama, quando era moleque nas férias a gente ia pra calçada e tinha sempre uma semana que eu ficava lá, me levavam no sítio do meu tio-avô lá e eu nunca queria ir embora, meus pais iam embora e eu ficava lá, aí eu fazia tudo lá cara. Matava os frangos, matava porco, colhia café... sempre fiz.

Bruno: Ultimamente você foi lá?

B. Teixeira: Cara a última vez que eu fui tem por aí, por volta de 4 anos a última vez que eu fui lá em Ibitirama especificamente. A gente cresce né.

Bruno: Qual o nome do sítio lá? Sabe o nome? É particular né?

B. Teixeira: Era fazenda... chamava de Sítio do Tio Joaquim, era esse...

Bruno: E você vai lá a lazer, você não tem obrigações de...

B. Teixeira: Lazer total. E... e as nossas idas todas as unidades de conservação, né, pra mim é turismo rural.

Bruno: Aqui no Rio?

B. Teixeira: A RPPN Bom Retiro por exemplo, né, os parque e tal, é... como pra lei de unidade de conservação toda área da unidade de conservação deve ser considerada rural, está no (init) [00:03:31] isso, como é que você vai falar que esse turismo não é rural, né. Então pra mim, vamos dizer assim, eu vou entrar nesse ponto, mas você vai discutir o que que é ruralidade na entrevista?

Bruno: Daqui a pouco, mas pode ficar à vontade.

B. Teixeira: Não, porque... as florestas não serem entendidas como ruralidade, elas são o que se não forem espaços rurais? Porque a gente fica dividindo o mundo, né, em urbano e rural, né. A parte terrestre do mundo em urbano e rural. Floresta é o que?

Bruno: É porque se entende rural como um espaço natural adaptado, né. E a floresta às vezes ela está lá não adaptada.

B. Teixeira: Mas aí só se você seguir a ideia de que a natureza é uma coisa intocada, separada. Mas todas as coisas são manipuladas e cercadas pela humanidade. Não tem essa coisa de floresta natural...

Bruno: É, tem matas virgens, né.

B. Teixeira: Não tem, tem?

Bruno: No mundo?

B. Teixeira: Não existe esse negócio.

Bruno: Não existe mais isso?

B. Teixeira: Isso é um, isso é uma coisa que, por exemplo, o Diegues lá no Mito Moderno das Naturezas Intocadas ele desconstrói.

Bruno: Ah o Milton Santos, né?

B. Teixeira: Não, o Diegues. Ele contesta essa ideia de uma floresta intocada, na verdade, pós-revolução industrial quando as pessoas estão dentro das cidades elas, como esse barulho que está em volta da gente, né, poluição e essas coisas, nós começamos a perceber que, é... isso não é natural, né? A, sei lá, uma falta de naturalidade ao nosso redor faz as pessoas, de certo modo, buscarem um contato com uma ressignificação da sua natureza, né. Então elas vão pro interior e parece que aquele negócio, como ainda não é cidade, parece que sempre foi aquela floresta ali parada no tempo, mas isso não é verdade, né, isso não é verdade. Também tem uma questão que as florestas, as árvores, tem um ciclo de vida muito mais longo do que dos humanos, então você não consegue, é... de modo leigo olhar pra uma floresta olhar pra uma floresta e falar qual é a idade dela. Se você estuda um pouco até se

consegue de algumas maneiras, mas a ideia de que você tenha aquelas árvores tão altas lá, estão lá desde antes de você existir e continuarão existindo depois de você ir embora, então parece que ela está sempre lá intocada, mas isso... elas se adaptam muito rapidamente então pra mim uma visita a um espaço florestal é turismo rural, eu não consigo ver de maneira diferente porque urbano não é.

Bruno: A última vez que você foi em uma RPPN tem quanto tempo?

B. Teixeira: Po, foi...

Bruno: Foi aquela que a gente foi, que foi no início do ano?

B. Teixeira: Foi.

Bruno: Tá. Deixa eu te perguntar, se você pudesse listar dessas ultimas atividades que você fez nos espaços rurais, se você pudesse enumerar as atividades que você fez, né, você fez uma visita e você falou ali que você chegou a, você não participou pelo que eu entendi, se eu estiver errado você me corrija, mas você falou que você visualizou parte de um processo da cachaça, né.

B. Teixeira: Sim. Eu filmei, eu posso te mandar.

Bruno: É... o que mais você viu nesse contexto de rotinas da ruralidade? Nesses últimos 4 ou 5 anos aí.

B. Teixeira: Cara, eu fui chefe de uma unidade de conservação...

Bruno: Não, não, nos últimos 3 ou 4 anos.

B. Teixeira: Não, mas tudo bem, mas eu fui chefe de unidade de conservação até 2013, né. então nesse período eu lidei muito intensamente com essa questão da ruralidade né, mas de modo profissional porquê... Por mil motivos. Os proprietários dos sítios do lado do parque onde eu trabalhava soltavam os bois pra dentro do parque, pra pegar sombra lá, então tinha essa coisa do conflito rural e ecológico né, muito vivo. E eu fiz curso de manejo e contenção de animais silvestres por exemplo também que... eu confesso que eu ainda não entendi se a sua pesquisa foca mais na questão agropecuária, do manejo agropecuário...

Bruno: É manejo animal/vegetal isso.

B. Teixeira: É. Ou se você também coloca os animais silvestres nessa história, se...

Bruno: Não. A base da pesquisa está na agricultura familiar, é... no manejo né, rural da labuta, da rotina da família rural e a participação do visitante nessa rotina familiar. Independentemente de ser animal ou ser vegetal, participação na rotina. As vicissitudes também entram, mas na história né. Parte de culinárias também, né, de cozinha e até do convívio dessa rotina, convívio social que permeia esse manejo também é falado. Tem pessoas que falam muito sobre é..., mas também eu tenho pesquisado pessoas... a gente tem falado muito, a gente entrou em um consenso né de propriedades raízes e propriedades Nutella, então a gente está comparando experiências também de quem viu o manejo...

B. Teixeira: Cara eu vi uma...

Bruno: ... tematizado, vamos dizer assim né, em hotéis fazendas. Mas assim, eu quero a tua experiência quanto a questão de manuseio ou de... você pode ter metido a mão ou você, tipo o da cachaça né, você não participou é... artesanalmente da cachaça, mas você presenciou alguma coisa, é... nesse início de entrevista eu gosto muito de saber, puxando da tua memória, o que você consegue lembrar agora, porque você vai lembrar de outras coisas possivelmente nos próximos minutos, mas o que você conseguiu desses últimos anos pra cá de experiência em termos da rotina de tudo que você entender, com o que você considera labuta rural.

B. Teixeira: Po Bruno, sabe qual é o lance, a minha questão é sempre um pouco investigativa porque eu sempre trabalhei com isso, eu sempre me importei com isso. Eu comecei a minha carreira na geografia em 2001 então essa interface social de natureza sempre teve um viés de um entendimento científico do que está acontecendo. Então eu tento conversar com as pessoas e não julgar elas, eu tento entender o fenômeno como ele está acontecendo. Eu não julgo nada. A última que eu tive assim, eu consegui...

Bruno: Eu também não estou te julgando não.

B. Teixeira: Não, eu sei. Mas eu estou só te falando... porque assim, eu não sou muito de botar a mão, eu quero ver a pessoa botando a mão. Eu sou super curioso de saber como as pessoas fazer...

Bruno: Tudo bem, mas você viu?

B. Teixeira: Sim.

Bruno: Uhum. Então, quais foram as...

B. Teixeira: Então, eu entrei em um submundo da ruralidade absurdo em uma visita que eu fiz agora no interior de Minas que foi... fui conhecer um sítio pra ver uma questão arquitetônica e o cara falou assim "deixa eu te mostrar uma coisa aqui que é pra homem" aí eu falei "beleza". Aí eu entrei e tinha uns 60 galos de briga cara, sacou? E aí ele quis me mostrar tudo, cara. Botou galo pra brigar e fez tudo, sacou? Como é que eles faziam, cortando espora, botando os negócios, não sei o que, aquele galo, aquele ali está aqui só pro outro matar aí depois a gente vai comer ele e não sei o que... tudo, assim, eu vi, eu consegui sem querer entrar em um lugar que eu nunca estaria se eu fosse um gestor ambiental, entendeu? Nunca vou concordar com briga de galo, exploração da vida do animal pra..., mas eu quero muito entender a cultura do cara que...

Bruno: E você entende aquilo ali como uma rotina do dia a dia das pessoas?

B. Teixeira: Com certeza. É o como o cara ganhar dinheiro pra vida dele, criando galinha. Em vez de... a gente tem uns julgamentos né cara, porque assim...

Bruno: Não, não estou julgando, estou perguntando...

B. Teixeira: Não, eu to falando, a gente tem um julgamento porque a gente... se o cara tiver uma granja de abate, ok, mas se o cara tem uma rinha de galo de briga, não

pode, né. Sendo que na rinha só um morre, né. Na granja todos morrem, sacou? Uma crueldade industrial de matar o negócio. Então eu queria entender como é que um galo vale 3.000? Por que que um galo vale R\$3.000? Como é que os caras ganham e perdem dinheiro com aquele negócio, por que que o cara fica viciado em ver aquilo?... Como é que o galo faz e... como que é a criação e por que que é aquela raça? Um monte de coisa, casa. Então... parecia um ringue de box o negócio, impressionante. Muito similar, sabe? Então, essa foi uma experiência de turismo rural pra mim assim, o dark né.

Bruno: [riso]

B. Teixeira: Sacou? Turismo rural dark. Muito né cara. De tragédia, a tragédia da humanidade de botar galinha pra brigar e gastar dinheiro, ganhar dinheiro e ficar rico, ficar pobre com galinha saindo na... na espora né. Aquelas esporas de plásticos, eu não sabia que era aquele negócio daquele jeito cara. Eu fotografei, o cara deixou eu fotografar tudo, depois eu te mostro.

Bruno: Tem muito isso no México.

B. Teixeira: É. Eu fotografei, eu te mostro aqui cara. Eu fiquei impressionado com o negócio. O cara deixou eu filmar, foi assim incrível. Eu consegui conversar com eles tão sem julgamento que ele deixou eu fotografar tudo de boa. Essa pra mim foi muito marcante e muito recente. Eu fico assim né, naquele... Po, mas enfim. Tem outras coisas também que eu sempre estou muito interessado de entender como é que as pessoas entendem que a cultura dela impacta um ambiente, por exemplo. E eu sempre estou conversando então... não existe uma vez que eu vou pra um lugar que tem plantação ou criação de qualquer coisa que eu não queira ver, em todos os lugares que eu vou eu procuro saber se tem e procuro visitar sempre.

Bruno: Qual delas que você foi, que você lembra das últimas vezes? De plantação, de criação.

B. Teixeira: Cara, eu já vi muita criação de porco em Calçado, muita criação de porco em Alegre, em Castelo, é... gado mais leiteira né, a gente não está muito em uma região de gado de abate, pra cá né. Granja, eu só vi granja rudimentar, assim, granja de galinha né que eu estou falando só rudimentar, de galinha caipira mesmo, eu ainda não tive a chance de conhecer uma granja mais comercial grande dessas de galinha branca e tal, essas coisas eu nunca vi.

Bruno: Qual foi a tua impressão da granja?

B. Teixeira: Eu acho criação de galinha solta em terreiro muito maneiro, né. Porque os bichos meio que regulam o espaço em volta da casa, não é? E cabrito e... ovelha, eu acho isso tudo muito maneiro. Eu estive em Portugal né e lá também eu procurei fazer isso, eu fui lá, tenho isso filmado aqui também, fui em uma criação lá de cabra pra fazer queijo de cabra, comprei os queijos, fui lá e brinquei com as cabras. Eu tenho essa coisa de gostar de bicho pra caramba, eu gosto de bicho. Eu estou sempre afim de ver, tiro um monte de foto de boi sempre que eu vejo, tiro foto de cavalo sempre que eu vejo. Essa questão de fotografar, eu tenho uma questão muito contemplativa com a questão rural assim né e analítica, na medida do possível da ação humana sobre a regulação desse espaço. E respeito muito né cara, porque são pessoas que

passam um perrengue pra viver que... o frango deles não vem no saquinho do mercado, né? Então é um bicho ali cheio de pena no quintal que se ele quiser comer, ele vai ter que pegar e matar.

Bruno: Uhum.

B. Teixeira: Então é uma outra realidade.

Bruno: Bom, essa pergunta aqui é meio singular, mas você já falou de tantas experiências juntas que eu vou me colocar em maneira plural, né. Como que são... como é que você pode descrever, talvez, a forma como são as visitas às propriedades que você vai? Ao invés de perguntar qual foi só da propriedade rural, como são às visitas as propriedades rurais? Como essas visitas se dão?

B. Teixeira: Cara, é sempre assim, é um povo muito humilde, eu acho que isso é uma coisa assim muito marcante, que está sempre te pedindo desculpa por... não estar vivendo em um mundo perfeito. Está sempre envergonhado de receber uma pessoa e ter uma noção de que a pessoa que vive em uma cidade é uma pessoa que é importante, a priori eles são muito mais né. Eu fico devolvendo essa coisa o tempo inteiro com eles. São pessoas muito hospitaleiras, mas é um negócio, assim... ninguém tá pronto... está sempre pronto pra receber, de uma certa maneira, com um café né, mas nunca... eu ainda não tive uma experiência de um cara que você visita e fala "po, quer ficar aí? Tem um quarto" ... não tem uma oferta de pernoite. Nunca aconteceu. Só quando é familiar, né. Alguma coisa do tipo assim. Mas ainda não vi essas, essas casas assim se aproveitarem pra fazer uma cama e café, por exemplo.

Bruno: Você não teve a experiência ainda, que não fosse familiar, que tivesse pernoite?

B. Teixeira: Não, ainda não.

Bruno: Entendi. Está convidado. Mas na RPPN você teve pernoite né?

B. Teixeira: É, na RPPN sim.

Bruno: Em Leopoldina você chegou a pernoitar?

B. Teixeira: Sim, mas na parte urbana.

Bruno: Excelente, não tem problema. Quantas vezes você fez esse tipo de atividade, já anotei uma porrada aqui, né. É..., mas você consegue contar quantas vezes, não?

B. Teixeira: Ah impossível cara, porque... é, mas se eu botar aí as vezes que eu consegui viajar nos últimos tempos, deve ter sido umas 10 vezes nos últimos 4 anos. Alguma coisa assim.

Bruno: Por que o agroturismo, cara? Ou o turismo rural mais voltado pra essa... pra essa ruralidade assim, é... vamos dizer tão endógena né. Por que o agroturismo?

B. Teixeira: Por que o agroturismo o que?

Bruno: Por que você escolhe fazer esse tipo de atividade? Você poderia escolher qualquer coisa pra fazer no seu tempo. Por que turismo rural? Por que fazer turismo na área rural, por que o agroturismo?

B. Teixeira: Ah cara, é o jeito que a minha vida me leva né. É a possibilidade de ter uma pessoa que... Por exemplo, eu tenho umas impressões que eu nunca consigo conhecer os lugares, né. Eu tenho família em Ale... eu sempre fui em Alegre, desde o primeiro ano da minha vida, eu vou fazer 37 anos agora dia 17 e não conheço a Cachoeira da Fumaça, sacou? Eu não consigo ir, eu não consigo chegar...

Bruno: Incrível.

B. Teixeira: Eu não consigo chegar lá.

Bruno: Po, eu fui criado na Cachoeira da Fumaça.

B. Teixeira: Pois é, eu não consigo chegar lá porque sempre tem alguma outra coisa. A gente vai no sítio de alguém...

Bruno: Está entre Guaçuí e Alegre.

B. Teixeira: É, pois é. Mas vai na casa de alguém e tem o churrasco de alguém, vamos no sítio de algum tio ou de algum amigo, ou vai reunir a família, aí vai ficar contando história, essa coisa, e acaba que as coisas são muito... Eu estou em Alegre em um sítio que a gente aluga... Começa assim né. A gente vai fazer festa da família a gente aluga um sítio pra ficar, então já é uma coisa... É esse sítio específico que eu estou te falando é um sítio que assim, acaba a churrasqueira e tem um curral atrás. Então é fazer churrasco com a vaca berrando do outro lado, sacou?

Bruno: [riso]

B. Teixeira: Então como é que é o turismo rural da minha vida? É muito... impressionante, cara. quando eu vou ver eu estou lá dentro. Não tem... eu sou curioso de saber como que são as coisas, por que que as pessoas criam, eu sou muito... sei lá, entusiasta dessa ideia de você criar animais então quando eu sei que tem alguém que cria algum bicho eu quero ver, cara. Então eu vou pra algum lugar e a pessoa me fala que tem uma criação de qualquer coisa, preá, rã, peixe, eu quero ver, entendeu. Então eu sou muito mais atraído pra essa questão da pecuária do que da plantação. Mas eu gosto de ver as plantações também. Eu acho um barato um cara que planta hortaliça, planta tomate, essas coisas, café...

Bruno: E você gosta ver o bichinho lá ou gosta de ver o cara fazendo alguma coisa também? Tipo, alimentando, limpando...

B. Teixeira: Ah eu acho maneiro quando está alimentando e limpando, se eu puder ajudar eu até ajudo.

Bruno: Já fez isso?

B. Teixeira: Já, po.

Bruno: O que por exemplo?

B. Teixeira: Alimentar os bichos sempre alimentei, po.

Bruno: Até hoje?

B. Teixeira: cara, quando eu fui lá em Portugal eu ajudei o cara a alimentar as cabras.

Bruno: Tem quando tempo isso?

B. Teixeira: 1 ano. Foi nas férias do ano passado.

Bruno: Isso você não falou.

B. Teixeira: É. Então...

Bruno: Tem alguma outra experiência que você teve de... porque você falou que é mais contemplativo, mas teve alguma...

B. Teixeira: Ah, mas é muito mais contemplativo mesmo.

Bruno: É, mas teve alguma experiência que você teve já de... de interveniência? Que você foi interveniente em um...

B. Teixeira: Ah quando...

Bruno: Um processo de vacinação ou de alimentação ou de limpeza?

B. Teixeira: Quando eu era criança sim...

Bruno: Não, eu digo agora...

B. Teixeira: Não. Mas faria né.

Bruno: Não, não estou falando que isso é bom, que é ruim...

B. Teixeira: Não, mas eu faria. Eu crio cachorro, tenho que vacinar os bichos e não sei o que. Se fosse pra vacinar uma boiada eu estava junto lá. Ajudando a fazer os negócios, fazer esse tipo de manejo com bicho que gosto. Respeito muito os bichos e gosto muito de lidar com eles e tal.

Bruno: Eu já vacinei também.

B. Teixeira: Os bichos se dão bem comigo também.

Bruno: O que você imaginava antes da sua experiência? Já tinha alguma imaginação?

B. Teixeira: Ah cara, isso pra mim é muito indissociável da minha história de vida porque desde criancinha eu... eu sempre voltava cheio de bicho de pé cara, pra casa porque gostava de brincar dentro do chiqueiro lá, entrar no chiqueiro pra brincar com os porcos. Pra mim é impossível falar o que eu espero da... eu espero ver os bichos, aquele astral da... a simplicidade. A completude que a simplicidade do modo de vida tem pra mim é impressionante, uma... eu fico impressionado como que as pessoas conseguem achar paz com tempo disponível, sabe. Porque parece que a... essa coisa

de mente vazia... eu acho que a galera lá tem muito tempo pra ter mente vazia e em geral é muito sereno e... isso é interessante, né.

Bruno: Fazia parte de alguma programação essas atividades todas que você fez ou eram espontâneas?

B. Teixeira: Não, sempre espontâneas cara.

Bruno: Nunca foi por agenciamento também?

B. Teixeira: Nunca, jamais. Aliás eu nunca usei agenciamento na minha vida.

Bruno: Nossa, sério?

B. Teixeira: Nunca.

Bruno: Então você não compraria comigo nunca né? Uma atividade...

B. Teixeira: Compraria...

Bruno: [risos]

B. Teixeira: Mas não tive a chance ainda.

Bruno: é porque não tinha. Ah, entendi... Bom, você fez novamente, você já falou que sim... Faria de novo?

B. Teixeira: Vou fazer pelo resto da minha vida.

Bruno: Quanto a questão desses manejos né, que você se relacionou , ou vendo ou mexendo, quais são as impressões que você tem lá, quando você alimentou as cabras, quando você viu o galo, quando você viu o alambique, quando vai em uma plantação? É... quais são as impressões que você teve com cada uma dessas atividades? O que você sentiu na hora, sua sensação... o que que você pensou? O que que aconteceu com você na hora lá?

B. Teixeira: Eu acho que quem cria... quem está no campo... produzindo é empreendedor, cara. Eu acho que a vida do interior requer uma habilidade empreendedora de subsistência, entendeu. É a impressão que eu tenho, eu estou parado, mas o cara está lá ganhando dinheiro.

[silêncio]

B. Teixeira: É isso que eu acho. A galera está lá dando duro pra dar um jeito de viver, sacou? É a fonte de renda e aí... uma certa... frieza e banalidade na atividade do dia a dia, porque não pode ser uma ação sentimental nem fazer a colheita, nem sacrificar o animal, sacou? Castrar um bicho... não tem essa coisa de pena, né.

Bruno: Uhum. Então vamos continuar.

B. Teixeira: Não tem essa coisa de pena... é curioso. Enfim... é isso.

Bruno: Você conhecia... você falou que foi criado e tal... alguma coisa que você já fez você conhecia?

B. Teixeira: Ah cara, se eu tivesse que começar um negócio do campo eu te digo que eu não sei nada. Não sei como é que planta, não sei quando que rega, quanto que rega, como é que aduba, por que que aduba... como é que cria os bichos, o que que eles comem, quais as vacinas, mas eu sou bom de aprender, eu aprenderia. Mas dizer que eu conhecia... eu costumo sempre conhecer, eu sou muito curioso. Eu olho, vejo as pessoas fazendo... tenho uma questão afetiva né. Eu acho a estética da ruralidade uma coisa linda, sacou, e as pessoas lidando com a ruralidade faz parte da estética da ruralidade, então... quando eu vejo, até legal né, ser orientado pelo Jorge aqui na arquitetura né, Jorge Batista Azevedo, porque ele estudou essa coisa da estética da ruralidade aqui no meio urbano e é muito curioso, que é uma coisa que eu sempre me preocupei em ver e sempre admirei muito quando eu vejo alguém fazendo alguma coisa que é do espaço rural dentro do urbano, essa transculturalidade né, fazer um espaço misturado do urbano... ter o rural dentro do urbano, não tem essa coisa estanque, é... traz uma coisa graciosa né.

Bruno: E há o inverso também.

B. Teixeira: Claro. Cada vez está mais urbano o campo né.

Bruno: Duas questões sobre comparações. Primeira comparação: como é que você diferencia, ou compara, você já começou a falar sobre isso, o ambiente rural do ambiente urbano?

B. Teixeira: Como é que eu separo?

Bruno: É. Você vê diferença? Quais são as diferenças na sua opinião entre espaço rural e espaço urbano? As rotinas né, a vida cotidiana por exemplo?

B. Teixeira: Ah cara o que eu acho é que o espaço urbano é um espaço de vizinhanças super próximas, aglomerações humanas e que, curiosamente, gera uma busca pela impessoalidade nas ações que você tem o tempo inteiro e, de certo modo, a cidade acaba nessa busca, dessas coisas, a busca do cidadão urbano é a capacidade de fazer o que ele quer fazer com um grau de anonimato grande. Tem essa condição de você fazer, de você agir anonimamente no que você quiser, porque você está misturado em uma multidão, não importa quão próxima as pessoas estejam. A chance de ter outra pessoa que te conhece no meio dessa multidão é pequena então você vive de um modo anônimo. O que é impossível no campo, que é um espaço sem vizinhanças, na maioria das vezes né. É uma casa aqui e outra casa lá, outra casa lá, e quando... enfim... porque a questão é quando você tem uma casa e tem outra casa de frente pra essa, esse espaço que tem entre essas duas casas é um espaço de urbanidade, certo? E é isso que é a cidade, é uma casa do lado da outra, é um prédio do lado do outro, uma rua do lado outro, é o ônibus, a padaria e esses espaços que a gente tem são espaços de uso comunitário super densamente utilizados pelas pessoas. O que não existe, em uma concepção utópica um pouco, de repente, no espaço rural, que é um campo, uma casa e uma atividade econômica com base na terra, né.

Bruno: Entendi.

B. Teixeira: Eu acho que eu entendo é isso ou uma grande floresta e algumas casas ali, certo. Então a diferença que eu acho é uma diferença de escala de proximidade, se tiver que...

Bruno: Quanto a rotina também, você acha que é diferente? Se pudesse diferenciar rotina de quem vive no campo e de quem vive na cidade, é diferente, igual, o que você acha?

B. Teixeira: Eu acho que é completamente diferente.

Bruno: Por quê?

B. Teixeira: Porque a cidade é mais marcada pela diferenciação entre o tempo livre e o tempo ocupado pelo trabalho do que na ruralidade. Na ruralidade... eu acho que ainda existe uma possibilidade, uma confusão maior entre a função social da pessoa, o trabalho dela e o modo de vida, que é tudo uma coisa só. E não tem escolha né. Você tem que alimentar o boi, você tem que alimentar o porco. E não tem dia santo, não tem feriado...

Bruno: Mas isso foi um pouco impactado pela revolução industrial né?

B. Teixeira: É, mas depende da escala né.

Bruno: Depende da escala.

B. Teixeira: É, pois é. Não estou falando do avião de agrotóxico em cima da plantação de soja né.

Bruno: A segunda diferenciação, como é que você diferenciaria talvez as viagens pra um espaço rural, pro turismo rural, e as viagens que você faz, vamos dizer assim que é um termo que todo mundo entende né, convencional? Tipo sol e praia, tipo... qualquer outra atividade que você faça... você já deve ter viajado já pra ficar em cidades né, em áreas urbanas, em hotéis, resorts, sei lá... Como é que você diferencia as atividades que realiza em um sítio... das demais viagens que você já fez? Qual a diferença que você vê?

B. Teixeira: Eu acho que essas viagens do turismo convencional que você estava falando aí...

Bruno: Entre aspas.

B. Teixeira: ... são... muito artificiais, cara. Muito artificiais. É tudo baseado em um... uma encenação de uma realidade, né. Eu acho curioso, o Agnaldo fala que os turistas internacionais não reclamam da violência do Rio de Janeiro, né. Ele pega o que... o Agnaldo fala que o turista internacional não reclama da violência, é artificial desse jeito né. O Rio de Janeiro é mega violento, cara. No trânsito, no jeito que as pessoas se tratam e tal, a cidade superviolenta. Mas o turismo é tão artificial que o turista não consegue perceber essa violência, ele não sente essa violência. É tudo feito para ele perceber que é tudo tranquilo, tá de boa, nego tá viajando que o Rio de Janeiro é violento. A gente não, "cuidado cara, é perigoso". A gente tem medo, não é medo é terror, a gente não sabe de onde vem né... a gente tá sempre aterrorizado de viver onde a gente vive...

Bruno: Também acho que é terror.

B. Teixeira: Né. O medo você sabe do que né, o terror é oculto. Você está ali assim, ansioso, não sabe por que esse é o Rio de Janeiro o tempo inteiro. Então por que que a gente vai viver isso? E aí o mundo inteiro quando você viaja eu acho que... se você sai andando aleatoriamente e, tem uma hora que você percebe que você está em uma zona turística... e em geral as pessoas estão te estranhando muito, do lugar as pessoas estão te olhando tipo... você percebe que a pessoa é um forasteiro rapidamente, como dizem quando a gente está olhando aquele gringo assim, perdidão olhando pra cima, turista é quem olha pra cima né, vamos falar a verdade, procurando otário em prédio, porque não tem nada pra ver... aí você está olhando aquele cara "por que esse está perdido aqui?", e aí esse é você andando aleatoriamente nos lugares fora do espaço que foi preparado pra você. No campo é outra coisa. Eles não estão te esperando, não estão esperando ninguém. Ninguém entende como é... é curioso porque as pessoas acham que não tem nada pra ser visto lá, né. E elas ficam muito... "cara, posso ver como você alimenta os porcos?", aí o cara fala "por que que ele quer ver?... Pode ué", "Po, posso pegar um limão ali?", pega uma sacola, enche a sacola de limão, entendeu. Então tem uma coisa da... parece que a pessoa se sente agradecida por estar sendo visitada e valorizada assim, porque ela não estava esperando de jeito nenhum que alguém se interessasse por aquilo que ela vive lá no dia a dia né. Então é por aí.

Bruno: É... você percebeu ou você atribui alguma mudança de hábito por causa dessas experiências?

B. Teixeira: Ah cara, sei lá. Tudo que eu aprendo eu incorporo no meu modo de vida, né.

Bruno: Mas tem alguma mudança que você atribui de maneira objetiva? "Isso eu acho que foi por causa disso aqui".

B. Teixeira: Eu não desperdiço carne cara. A carne que eu boto no meu prato eu como toda, mesmo se eu não estiver mais com fome. Eu não desperdiço carne, eu acho um absurdo você matar um bicho e não comer, sacou? Porque eu já vi matar bicho, eu já tive que matar bicho. Eu acho que tem que ter um pouco disso. Eu acho uma sacanagem um cara que... a pesca esportiva. "Ah porque eu devolvo o peixe", sem o estômago às vezes. Engoliu a isca lá, você tira o estômago do bicho com o anzol e solta o bicho lá pra ele morrer agonizando, sabe. Esporte sádico. Come o bicho, po. Sabe? Quer pescar, pesca, agora mata o bicho e come. Sabe essa coisa do cara que...

Bruno: Sim, lógico, lógico.

B. Teixeira: "É só um machucadinho, não estou fazendo mal pra ele", "ah peixinho lindo, peguei pra fazer carinho em você fora d'água". Sabe?

Bruno: E o bicho lá... (barulho de estar sem ar)

B. Teixeira: Pois é cara. Eu já tentei fazer um, que a criança estava lá pescando e aconteceu isso, o peixe engoliu e ele foi puxar aí saiu o estômago e eu falei "mata o peixe", "ah não, não tenho coragem...". "Você já matou o peixe, tira a cabeça dele fora

pra ele parar de sofrer", aí o moleque ficou horrorizado "ah eu não queria", aí eu fiz ele ver eu tirando a cabeça do peixe. Um moleque já de 12 anos, eu falei "se você não quer ver isso, não pesca. Você acha isso um absurdo? Não pesca. Porque o que você está fazendo é isso." né. Então essa ética com a vida, tem que ter cara. Até porque cada peixe que você tira do lago, não está lá mais pra ninguém. Nem pra natureza, nem pra função social dele, nem pro resto da sociedade inteira. Você tem uma responsabilidade com o que você está tirando dali. Então se eu posso um bife no meu prato eu como.

Bruno: Esse é um pensamento bem indígena né, esse aí, bem indígena mesmo, bem caçara isso aí. É... Isso você acha que é uma mudança de hábito? Você passou a pensar desse jeito?

B. Teixeira: Sei lá Bruno, quando é que você... quando é que você cria sua própria ética de vida? Sei lá.

Bruno: E teve alguma coisa que você deixou de fazer por causa da...? Que você fazia antes e depois das experiências você deixou de fazer.

B. Teixeira: Eu não sei. Eu tenho cada vez mais vontade de me interiorizar. Na verdade, eu... eu priorizo viver essas experiências, ver as coisas. O que eu não vi, de repente é o que eu você fazer, é uma... é uma experiência de arte contemporânea com esse povo produtor, do campo, sabe. Eu sempre lidei com consumidor, sabe. Favela... é um povo que está super urbano, precário, consumidor de tudo, quer consumir... e eu queria muito ter a experiência de fazer arte contemporânea com a galera agricultora porque são pessoas que produzem pra viver. Eu queria muito ver o que eles iam produzir de arte quando eles... sabe quando as pessoas começam a mostrar que tem um fazer artístico em tudo o que eles fazem e quando a pessoa percebe ela sai...

Bruno: Sim. É isso que eu ia te perguntar agora. Você não acha que a roça já é uma produção artística? O manejo em si...

B. Teixeira: É quando tem visão de mundo.

Bruno: Sim, lógico.

B. Teixeira: É quando o que a pessoa faz é uma...

Bruno: Já é atribuído a questão da estética, da... estética que eu digo não a questão da beleza...

B. Teixeira: É quando o que a pessoa faz quer representar outra coisa.

Bruno: Sim. Iconografia na arte.

B. Teixeira: Às vezes a pessoa faz por fazer. Mas quando a pessoa decide decorar a casa dela com algumas dessas coisas... é isso.

Bruno: Absolutamente. Comentários finais cara. Deixa um comentário aí que você queira dar sobre tudo isso que você falou agora, que você queira dizer. Eu gostei muito da entrevista.

B. Teixeira: Valeu cara.

Bruno: Eu queria que você deixasse um comentário aí pra...

B. Teixeira: O comentário eu já falei com você, mas vamos deixar registrado. Não existe turismo rural que não seja ecológico. Porque ninguém vai querer ver um avião de agrotóxico... caindo veneno em cima da soja, só interessa pro turismo o turismo que é ecológico.

Bruno: Mas o turismo rural não acontece do latifúndio.

B. Teixeira: Então... e por outro lado não existe ecoturismo que não seja rural. Então...

Bruno: Isso é uma coisa nova pra mim.

B. Teixeira: Então a gente precisa entender que esse turismo é eco rural. Sempre. E às vezes não funciona porque não é. Na verdade ser e não é compreendido como tal. E que...

Bruno: Isso dá um artigo.

B. Teixeira: É, de repente. Se der um artigo..., mas isso dá ação, isso dá *práxis* isso dá negócio também. Eco porteiras. É isso? Estamos conversados?

Bruno: É isso aí cara. Estamos conversados. Você foi o meu último entrevistado, mas não significa que seja o menos importante, muito pelo contrário.

Entrevista com turistas – Z. Santos

Bruno: Então Z. Santos, você visitou o Sítio Isolina, a propriedade do Luiz, né? Me relata, mais ou menos quais foram... o que você fez no dia que você foi lá? Quais foram as atividades que foram ofertadas pra você no dia?

Z. Santos: Ah sim, é... inclusive o projeto que tem lá em Casimiro, em que todos os proprietários de alguma terra ou sítio que faz plantio orgânico, então... eles fizeram esse projeto e que de uma vez por mês esses pequenos proprietários se reúnem e fazem certas atividades né de agricultura. Então eu 'tive' em vários eventos que tiveram lá sobre o turismo, né... e como originou né, como foi alocado... pela L., [esposa do proprietário da fazenda] então eu que isso tem uma proporção, ultimamente, muito grande. As pessoas estão procurando muito... é... esse tipo de... de eventos; pra ter mais conhecimento no que se alimentar hoje em dia.

Bruno: E lá na fazenda dele, a senhora fez o que, basicamente? Que que foi ofertado pra senhora fazer lá? Em termo de manejo...

Z. Santos: Ah, de manejo?... Bem, eu sou completamente crua nessa questão, né [risos], mas eu vi uma parte de hortaliça... como plantar...vi aquele negócio de botar numa caixinha para poder fazer as mudinhas e depois transplantar. Até porque pra mim foi bastante útil porque... na minha casa, onde eu moro, eu não tenho um terreno amplo, mas eu vi também que eu posso ter hortaliça... tá? Em pequenos blocos, né? Inclusive aquele vertical, né? E isso é muito interessante, porque você passa a ter um certo conhecimento esse foi um dos pontos 'pelo qual' eu visitei.

Bruno: Legal! Quando foi a sua visita na propriedade?

Z. Santos: Ih, foi ano passado... mais ou menos, novembro. Mas também teve outro evento, que eles fizeram para mostrar as pessoas que já fazem o projeto né... elas vão lá para tirar certos alimentos para fazer... por exemplo, como fazer uma alimentação orgânica.

Bruno: Sim, e depois de novembro, você chegou a ir lá quando?

Z. Santos: Ah... sempre que eu posso eu vou lá!

Bruno: Então... qual foi a primeira vez que você foi lá?

Z. Santos: A primeira vez? Foi no meado do ano passado.

Bruno: Isso seria junho, né?

Z. Santos: É... mais ou menos isso...

Bruno: Então de junho a novembro, que foi a última vez que você foi...

Z. Santos: Isso...

Bruno: Você tem ideia de quantas vezes você foi?

Z. Santos: Ah, umas três vezes... Até porque lá é onde eu gosto de ir comprar a maioria das coisas que eu não consigo ter em casa...

Bruno: Caramba! E como que seu deu a escolha de fazer o agroturismo?

Z. Santos: Como se deu a escolha? Justamente, porque são produtos livres de agrotóxicos.

Bruno: entendi. Então foi pela consciência do bem comer, né?

Z. Santos: Exatamente... então isso pra mim já tem um... uma ampla visão, né? De como você ter uma educação alimentar e... depois você vai chegando a uma certa idade e até tem outras pessoas procurando esse tipo de alimentação e como fazer o seu próprio... sua própria horta, num é? Isso está se tornando comum, vamos dizer assim...

Bruno: Como foi essa... me fala dessas visitas que você fez. Como foram essas visitas? Fala pra mim... Pode ser com detalhes, ou como você quiser falar. Como foi a visita na fazenda? Como é que você chegou...?

Z. Santos: Ah... fomos muito bem recebidos e as pessoas... e você também tem assim lá, um lugar para se reunir com outras pessoas. Então eu tive uma outra visão no seguinte setor assim... porque os que estavam... cada um faz... é... planta alguma coisa. Então são diferentes produtos. E como preparar também né? Então já vem com uma 'bagagemzinha' assim... porque as vezes cozinha certos alimentos que não necessitam. E isso eu vi, né... como preparar, como fazer... aliás, eu comi lá!

Bruno: O que você colheu, você comeu lá?

Z. Santos: É, o que eu colhi eu comi também.

Bruno: Que legal!

Z. Santos: Muito bacana! Isso é muito legal... até como você preparar os molhos. Às vezes você compra um molho no supermercado cheio de química e lá L. nos passou como a receita... e que molho! Totalmente natural

Bruno: Que legal.

Z. Santos: É

Bruno: Como você imaginava? O que você imaginava antes de ter o acesso a essa rotina da família rural... a rotina do manejo na roça e tal... Como que você imaginava isso?

Z. Santos: Eu pensei que ia ser uma questão de botar os produtos expostos e você vinha... se você gostasse, compraria ou não. Mas não, nós tivemos esse tipo de orientação e o porquê daquela alimentação em si.

Bruno: Fazia parte de alguma programação o que você fez... as atividades que você fez? Era programação desse evento ou da atividade...?

Z. Santos: Era uma programação... inclusive que eles mesmos já fazem... eles mesmos do sítio. A alimentação deles já é todinha em cima disso.

Bruno: Então, toda programação era exatamente a questão do botar a mão na terra e...

Z. Santos: É... exatamente! Não é só você chegar lá e... não! Você chega junto... né? Daquele momento de fazer... é diferente. Coisas que às vezes você não tem acesso.

Bruno: Você foi por conta própria lá, num teve nenhum agente de viagem ou coisa do tipo?

Z. Santos: Não, não. Fui por conta própria. Conheci eles e eu gostei da primeira vez que eu fui.

Bruno: Você faria de novo essas atividades que você fez lá?

Z. Santos: Claro, com certeza!

Bruno: Voltaria a praticar o agroturismo...

Z. Santos: Sim! Por que não?

Bruno: Você chegou a mexer com os animais também?

Z. Santos: Eu vi uns cavalos, né...

Bruno: Sim eles têm lá, mas você mexeu neles?

Z. Santos: Eles têm ganso, tem pato, galinha...

Bruno: mas você chegou a manusear o ganso, o pato...

Z. Santos: Ah... não, não, não. Só mexi na agricultura e no cultivo.

Bruno: Só na terra então?

Z. Santos: É, só na terra.

Bruno: E quais foram suas impressões quando você teve essa relação com os manejos ofertados. Você falou que teve manejo com a terra, como é que colhe, como que se planta, como você pode inclusive colocar isso na sua casa..., mas como foram suas impressões, do tipo 'poxa isso aqui é assim...'. Como foi?

Z. Santos: Ah é surpreendente. Você fica surpresa... até de você gostar. Você as pessoas mexendo na terra é uma coisa, você mexer na terra é outra. É um prazer! É uma satisfação.

Bruno: É, muito bom!

Z. Santos: É um prazer você mexer na terra, é um prazer você ver aquela mudinha pequenininha e você mesmo colocar lá na terra e depois vê-la crescer... Quando ela cresce você vai lá e colhe aquilo que você plantou. Nossa! Não tem noção de como é prazeroso.

Bruno: Legal! Quais são os pontos positivos e, se há na sua opinião, algum ponto negativo, na experiência rural, na tua opinião?

Z. Santos: Na minha opinião? Seria ótimo sinceramente, se essa atividade fosse adequada a mais pessoas. Para que elas tivessem mais conhecimento, é o que eu penso. Atualmente as pessoas não sabem.

Bruno: Então ponto negativo seria a questão do acesso.

Z. Santos: É! Mais acesso.

Bruno: E o positivo?

Z. Santos: Positivo? Que é tudo de bom mesmo... [risos]

Bruno: Tem mais positivo ou mais negativo?

Z. Santos: Mais positivo!

Bruno: Você aprendeu alguma coisa lá?

Z. Santos: Bastante! Como eu disse anteriormente, o molho, o manuseio da terra, da plantação, do colhimento, daquilo que você leva à sua mesa... do prazer que você tem em fazer isso.

Bruno: ótimo! Quais diferenças você percebe entre a vida cotidiana na cidade e a rotina percebida no ambiente do campo, do sítio que você visitou?

Z. Santos: Olha, a vida na cidade é ótima, mas a vida no campo é bem desestressante, porque você não fica na mesmice. Sempre há algo a mais pra você aprender e fazer.

Bruno: Você acha que tem diferença o espaço rural do espaço urbano?

Z. Santos: Com certeza!

Bruno: Quais são as diferenças?

Z. Santos: A calma... não tem stress. Parece que as coisas fluem de uma forma natural. Então achei muito legal mesmo participar, quantas vezes tiver eu vou. E depois você vai fazendo conhecimento com outras pessoas, outras oportunidades de conhecer mais e ampliando mais um pouco essa questão de como fazer.

Bruno: Você já conhecia algumas dessas lidas que você fez lá? Algum desses manejos você já conhecia ou foi tudo novo?

Z. Santos: Pra mim foi novo, só tinha visto na televisão mesmo. Quando às vezes eu vejo na televisão aquelas partes do... da parte rural, então aí eu vejo lá, mas é muito mais legal você ter o prazer de você ir lá fazer...

Bruno: É... que diferenças você percebe das atividades realizadas no sítio e a viagem ao ambiente rural e as demais viagens? Imagino que você tenha feito mais viagens na vida...

Z. Santos: Sim!

Bruno: Então. Qual a diferença que você percebe das viagens que você fez para esse tipo de viagens que você faz a um sítio?

Z. Santos: Ah tem suas diferenças sim! Tem viagem que você faz pelo objetivo que você tem. Como hoje, saí de Rio das Ostras e tô aqui. Para descanso.

Bruno: Inclusive achei muito legal encontrar você no interior...

Z. Santos: Eu adoro isso aqui... Então, eu tô de férias e to descansando. Mas quando você faz uma viagem pra você visitar algum lugar que tem esse tipo... no caso a-gro-tu-ris-mo, é diferente. Porque você vai pra ampliar o seu conhecimento, né... além de ser super agradável. Você vem com outra visão.

Bruno: Você já fez viagens que precisou ficar em hotel... com agência... avião...

Z. Santos: Ah já viajei né... De avião, já fui pro sul... né... eu até morei lá, que é outro tipo de agricultura...

Bruno: então você já consumia isso lá também... Em termos de viagens, você já fazia agroturismo lá também?

Z. Santos: Já, já... já sim! Até inclusive algumas coisas eu tinha aprendido a comer até por causa disso... [risos].

Bruno: Você atribuiria alguma mudança de hábito por causa dessas experiências? Alguma coisa mudou do seu hábito, do seu dia-a-dia depois que você foi pra roça?

Z. Santos: Ah com certeza!

Bruno: Quais mudanças, por exemplo?

Z. Santos: Por exemplo, eu evito ao máximo usar molhos comprados. Evito ao máximo...

Bruno: Antes você fazia...

Z. Santos: É... agora não faço mais. Por exemplo: eu pegava um molho comprado para fazer um macarrão. Eu adoro, massa! E não sou muito chegada a carne. Eu gosto mais de assim... se eu faço uma, massa eu gosto de botar uma pimentinha... inclusive, né com aquele 'MOOOOLHO' e tal... Agora, por exemplo, não tem tomate, mas tem o urucum que colhido de lá... feito, entendeu? Coloco e fica muito bom... coloco uma salsinha em cima... é totalmente diferente.

Bruno: [risos] na sua casa você falou que aprendeu a fazer plantio, e tal... teve alguma mudança na sua casa depois da visita?

Z. Santos: Tem, eu tenho cebolinha... tenho...

Bruno: Que você aprendeu a fazer lá!

Z. Santos: É... Tenho salsinha, tenho alfavaca que tem muita gente que não conheço, tenho alfavaquinha, então tenho outros tipos de ervas, né... tenho alecrim. Que você mistura no franguinho e fica uma delícia também... Então tem vários tipos de ervinhas que você... se você não tem um quintal grande você vai lá e você aprende como você vai fazer na sua casa pra você vê que não vai precisar comprar produtos que talvez não tenha um bom procedimento, né?

Bruno: Entendi! Há algo que você deixou de fazer? Você acabou de falar agora que deixou de fazer alguma coisa após a experiência do agroturismo né? Tem alguma coisa que você não fazia que agora faz?

Z. Santos: Suco natural!

Bruno: Como é que são esses sucos?

Z. Santos: Ah eu agora só faço suco natural...

Bruno: Aquele do pozinho...

Z. Santos: Não! Só suco natural...

Bruno: tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre a experiência do turismo rural... o que isso é importante pra sua vida ou que internalizou pra você...

Z. Santos: Olha... Ovos eu compro geralmente caipira né, porque você vai no mercado compra aquele branquinho e eu que não comia ovo... Hoje em dia eu já como.

Bruno: Não comia ovo antes de ir pra lá? Que coisa

Z. Santos: Agora eu como!

Bruno: E você quando fala sobre a atividade rural eu percebo que você fala com um sorriso muito grande, vejo que você gosta de verdade...

Z. Santos: É verdade... eu gosto muito, gosto muito.

Bruno: A entrevista foi até bem mais rápida do que eu imaginava, mas tudo que você me falou... tenho material suficiente já. Mas tem uma pergunta que não está aqui, mas eu tenho uma curiosidade pessoal em fazer mesmo. Você é de Rio das Ostras né? Queria até que você falasse mais sobre isso... Eu não sei se você teve uma criação no ambiente rural. Aí você mora numa região que, vamos dizer assim, que é muito parecida... Porque Rio das Ostras apesar de ter desenvolvido muito nos últimos anos,

urbanizou muito, mas Rio das Ostras não está distante deste cenário rural de Casimiro de Abreu. E assim, eu queria muito, muito saber isso de você. Esse ambiente do manejo da roça e tal já era, ou talvez parece comum para você, porque você foi fazer a atividade na roça? Que parece que já estava envolvida na roça.

Z. Santos: Olha eu não fui criada na roça... Aliás a minha criação foi muito urbana mesmo. Eu tive pais de criação e meu pai de criação era voltado para plantação...

Bruno: Apesar de morar na cidade.

Z. Santos: É! Inclusive nós tínhamos um terreno enorme e meu pai de criação fazia muito enxerto. E gente... de maracujá. Eu sei porque eu era criança e eu lembro que a gente comia um maracujá enorme que quando ele era rosadinho, parecia até com o melão. Nossa, uma delícia. Tangerina... nós tínhamos vários tipos de plantação que ele fazia enxerto. Laranja então nós tínhamos diversos tipos, inclusive a laranja da Pérsia... nós tínhamos. Uma meia dúzia de pés. Então quando a gente ia pra esse... tinha esse 'mini-sítio' tinha plantação de todas as coisas que você pode imaginar. Ele gostava muito da erva do índio e ele cultivava essas ervas. E como eu era criança eu só percebia algumas coisas. Que com tempo a gente vai se lembrando e então vê que tinha essa questão de fazer remédios e de casa. Por isso que a gente tinha todas essas ervas que ele tinha conhecimento.

Bruno: Qual seria a sua motivação de consumir uma atividade recreativa num espaço rural, sendo que o ambiente rural é tão normal pra você?

Z. Santos: É porque lá eles já fazem, né? Já tem uma... eles já estão nessa parte de plantação. Eles já fazem uso, né? Então isso é muito importante porque tem pessoas que nem conhece. Às vezes querem... Ter uma alimentação melhor e não sabe onde ir. E aí você dá a dica e diz 'olha, vai lá no Santa Isolina, que eles lá têm uma parte de hortaliça toda orgânica'. Então você tá falando porque você tem segurança no que você está falando. No que você está indicando. Ela lá quando alguém vai comprar alguma coisa já é convidado a fazer a coisa... Vai até a horta e ele já escolhe qual a alface quer, a couve e ele mesmo pega. Muito interessante... uma das coisas que mais me chamou a atenção.

Bruno: O que, desculpa?

Z. Santos: O fato do dono está sempre com as pessoas, falando e sempre junto. E o tempo passa rápido. E é muito interessante e a pessoa que tá indo sai de lá com outra motivação. Positiva.

Bruno: Então, pra mim está suficiente, muito legal! Muito obrigado mesmo...

Z. Santos: Que bom, tomara que eu tenha ajudado...